U.PORTO

PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM ARQUITECTURA

Desenhar a *Ruína*: registo, interpretação e comunicação O exemplo da cidade romana de *Ebora*

Mariana Soares Martins de Carvalho

D

2022

volume I

U.PORTO

Mariana Soares Martins de Carvalho
Desenhar a *Ruína*: registo Interpretação e comunicação
O exemplo da cidade romana de *Ebora*
VOL I

Desenhar a *Ruína*: registo, interpretação e comunicação
O exemplo da cidade romana de *Ebora*

Mariana Soares Martins de Carvalho

D.FAUP 2022

FACULDADE DE ARQUITETURA

Doutoramento em Arquitectura

Desenhar a *Ruína*: registo, interpretação e comunicação
O exemplo da cidade romana de *Ebora*
(Volume I)

Mariana Soares Martins de Carvalho

Orientação:

Doutora Maria Pilar Reis

Professora Doutora Marta Oliveira

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

2022

Esta tese beneficiou do apoio de uma bolsa de doutoramento concedida pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (referência SFRH/BD/87941/2012) e foi desenvolvida no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, CEAU-FAUP.



Aos meus Pais

AGRADECIMENTOS

O doutoramento é uma longa viagem. Durante estes últimos anos da minha vida tive o privilégio de contar com estas pessoas por perto:

Às minhas orientadoras, admiráveis mestras, a quem devo todo este trabalho, que por entre bonanças e tempestades minhas nunca deixaram de acreditar, por todo o incentivo e inestimável apoio, pela ajuda, pela dedicação sincera, pela sabedoria e generosidade. À Pilar pelo rigor e pela crítica, por perceber tanto de arquitectura mas também por me fazer ver a importância da arqueologia. À Professora Marta, pela disponibilidade sincera, pela motivação, bem como pelos inestimáveis contributos que tanto enriqueceram este trabalho.
Ao Professor Pedro Alarcão, sem o qual esta investigação nunca se teria iniciado.
Ao Professor Francisco Barata e Professor Rui Póvoas, por me terem acolhido no grupo PACT do Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura, e terem permitido o desenvolvimento desta investigação, bem como pelo apoio à actividade científica. Uma nota especial ao Professor Francisco Barata pela honestidade, pela saudade que se entranha e pelo vazio que fica.

Ao Arquitecto Theodor Hauschild e à Dra. Heidi Hauschild por toda a correspondência trocada, pelos inestimáveis ensinamentos, mas sobretudo por me terem recebido em sua casa com toda a genorosidade e pela partilha entusiasta de desenhos, de hipóteses e de interpretações que tanto enriqueceram este trabalho.

Ao Professor Jorge de Alarcão, pela disponibilidade generosa e por tudo o que aprendi.
Ao Doutor Virgílio Correia, por todos os esforços de memória e pela ajuda disponível.

Aos que me acolheram em Évora,
Sobretudo ao meu "co-orientador informal" Dr. Taquis, pela ajuda generosa, pela amizade, pelo conhecimento, pela disponibilidade, pelo entusiasmo, pela arquitectura romana, pelos filmes, pela fotografia, pela poesia.
Ao António Bairinhas, por todo o material dispensado.
Ao Dr. Artur Goulard, pela incrível visita ao convento de São Francisco, mas sobretudo, pela partilha generosa de inéditos documentos.
Ao Sr. Padre Manuel Ferreira, pela paixão pela arquitectura e ajuda disponível.
À Gleise, companheira das estadas no Seminário de Évora, pela amizade que ficou.
Ao meu colega (de Évora!) Luís Ferro, pela generosidade sincera, pelas fotografias.

Na DRCAlentejo,
Ao Dr. Rafael Alfenim pelo rigor cartesiano.
Ao incansável e dedicado Arquitecto Luís Marino.
Ao Dr. António Carlos Silva, pela partilha de interesse entusiasta pelo tema e curiosidade constante.
À Fátima, pelos desenhos de arqueologia.

À Hermínia, pela boa disposição por entre livros e arquivos.
Ao Sr. Domingos, pelos desenhos de levantamento, pela paciência e imensa simpatia.

No Chaia,
Ao Professor André Carneiro, pelos valiosos conselhos.
Ao Professor Jorge de Oliveira, pela partilha generosa de material.
Ao Professor Paulo Simões Rodrigues, pelos ensinamentos.

Na Câmara Municipal de Évora,
À Doutora Carmen Almeida e Rosária Leal por toda a disponibilidade.
Ao Arq. Carlos Borralho, pelo levantamento aerofotogramétrico da cidade.
Ao Gustavo, por acreditar e arriscar e por me 'obrigar' a fazer o mesmo.
No núcleo de documentação, à Dra Maria Ludovina Grilo, cuja perda tão fora do tempo lamento, e que, apesar do breve encontro, foi fundamental. À Balbina e à Paula, que com tanto carinho me acolheram e ajudaram.
No Arquivo Fotográfico, à Dra Joana Duarte Aleixo, pela disponibilidade.

No Museu de Évora,
Ao Dr. António Miguel Alegria e à Dra. Maria do Céu Grilo, pela disponibilidade e ajuda.

Na Biblioteca pública,
Ao Dr. José Chitas, Dra Ana Miranda e Dr. Vicente, pela paciência e ajuda por entre os cimélios.

Em Lisboa, na DGPC,
À Arqueóloga Filipa Neto, Fernanda e Fernando, pela paciência e disponibilidade em me receber e ajudar.
À Maria Ramalho, por me ter inspirado e acreditado.

A todos os arqueólogos com quem troquei inúmeros emails,
Sobretudo à Dr.ª Lídia Fernandes, pela generosidade e cuidado, atenção e sabedoria.
À Dr.ª Ana Gonçalves, da Arkhaios, pela disponibilidade, prontidão e rigor.
À Dr.ª Sandra Brazuna, da ERA, pela disponibilização dos desenhos de escavação.
À Dr.ª Filipa Rodrigues, da Crivarque, Lda, pela partilha de informação.
À Susana Dias, pela imensa e valiosa informação cedida.
Ao Gerardo Vidal, por toda a partilha, e ao Jorge Feio, Gonçalo Lopes, Ricardo Gaidão, Cláudia Lemos, Miguel Correia, Inês Mendes da Silva, Cidália Matos, entre muitos.

Aos meus estimados amigos de Valladolid, Professor Dário Alvarez, pela pessoa extraordinária que é e ao Professor Miguel Ángel, pela vasta bibliografia cedida, pelos ensinamentos sobre arquitectura clássica. À minha querida Flávia e aos caríssimos Carlos&Sagra.

De RomaTre, à Professora Margarita Segarra, Cristina e amica Laura!
Do Politecnico de Milão, ao Professor Giuseppe Amoruso, pela paciência e por todas as inestimáveis oportunidades.

Aos meus amigos da saudosa maison rose, pelo inacreditável apoio e sobretudo pela enorme amizade, ao extraordinário Álvaro! À admirável Teresa C.! À bela Ana! À super Gi! À encantadora Luci! Ao rigoroso Bruno! Ao singular Aitor! E também aos do meu piso à dedicada Teresa F., à amizade do Bruno, à alegria disponível da Daniela, ao Paulo, e ainda mais acima aos Pedros e à atenta e dedicada Catarina.
À Noémia, por sermos tão diferentes.
À Marta Cruz e Eliana pelo método e inspiração.
À Carla Garrido, pelas perguntas pertinentes.
À Raquel Paulino, pelo carinho e consideração.
À Clara Vale, pela dedicada disponibilidade para tirar todas as dúvidas.
À Teresa Godinho, pela revisão atenta.

Aos amigos recentes e aos de sempre,
À Susana e à Inês.
À Joana, pelas memórias que partilhamos.
À Micas, sempre atenta e preocupada com o andamento dos trabalhos.
Às Ritas, a Mazeda de longe e a Saturnino de perto, por me trazerem à terra quando o doutoramento me faz colapsar.
Às de Lisboa darling Filomena e power Su.
À Gabriela T., pela disponibilidade generosa.
À Catarina, pela amizade extraordinária.
À Ana Sofia, por manter a arquitectura antiga sempre por perto.
Ao João Luís, pelas palavras certas e todo o apoio.
Ao Charles, pela intuição e amizade.
E à Rosinha, Paolo e Vasquinho, pela 'infância' que nos une.

À minha enorme família, meu porto seguro, aos meus pais, a quem dedico este trabalho, aos meus irmãos e 'manas', aos meus cinco sobrinhos, e os que vêm a caminho, e à minha tia Lita.
À família Travasso que, com tanto amor e carinho, me acolheu.
À Inês M., paleografa nas horas vagas e que muito me ajudou nas palavras difíceis.

E ao meu Nuno, que me encontrou durante este percurso, por tudo, por ter calcorreado a Hispânia comigo, pela história que começou durante esta encruzilhada e pelos frutos que, entretanto, já originou,
o nosso Artur que apareceu no entrementes, para nossa maior felicidade e pelo significado que dá às nossas vidas.

A todos vos agradeço.



Tudo o que não podes desenhar são abstracções. Tudo o que não podes desenhar é inútil
(mas como desenhar estas duas frases?
Será inútil dizer que quase tudo é inútil? Eis um problema.)

Gonçalo M. Tavares (2012)

SUMÁRIO

RESUMO XI

ABSTRACT XII

INTRODUÇÃO 2

Enquadramento 2

Objecto 5

Objectivos 5

Método 6

Campo de experimentação 7

Processo 9

Estrutura conceptual 12

O Reconhecimento 12

As Fontes 13

O Ensaio 14

Epílogo 14

PARTE I 15

O RECONHECIMENTO 15

O Documento para a compreensão do Monumento 16

O desenho arqueológico como prática científica 17

As referências 22

Évora como laboratório 25

Conjunto monumental 29

Forum Romano 29

Templo 31

Temenos 46

Tanque 48

Antiga Cisterna 51

Criptopórtico/Pórtico 52

Muro estruturado por pilastras 56

Praça 60

Criptopórtico 68

Sobre uma eventual basílica 72

Vestígios dispersos 74

Intramuros 74

Extramuros 78

PARTE II 80

AS FONTES 80

Monumento (Matéria – Memória – Documento) 81

Os suportes da memória 82

O Monumento como matéria e suporte (do século XIII ao século XVII) 85

A génese da iconografia do Monumento (século XV) 86

O reconhecimento das antiguidades (séculos XVI-XVII) 90

A salvaguarda do Monumento (do século XVIII ao século XIX) 102

O registo do Monumento (século XVIII) 102

O restauro do Monumento (século XIX) 118

A comunicação da imagem do Monumento (de meados do século XIX ao século XX) 130

PARTE III 134

O ENSAIO 134

A construção de um (novo) documento 135

As gramáticas do desenho de reconstituição 136

O desenho como instrumento 139

O (Laboratório de) Ensaio 142

O projecto para uma (nova) cidade 142

As reconstituições do Templo e do *Forum* 144

Conjunto monumental: Formulação de hipóteses 151

Exercício sobre a topografia da cidade 151

Implantação do *forum* 151

A linguagem (gramática da arquitectura) clássica: do léxico à ortografia 153

Templo 157

Composição e comensurabilidade dos templos 171

Temenos 177

Criptopórtico/Pórtico 183

Muro estruturado por Pilastras 189

Praça 196

Considerações sobre uma eventual basílica 202

O acesso ao *forum* 207

EPÍLOGO 209

CONSIDERAÇÕES FINAIS 218

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 227

APÊNDICES 241

LISTA DE ACRÓNIMOS

ADARQ	*Asociación Nacional de Dibujantes e Ilustradores de Arqueología*
CHE	Centro Histórico de Évora
CME	Câmara Municipal de Évora
CNS	Código Nacional de Sítio (DGPC)
DCHPC	Departamento do Centro Histórico Património e Cultura (CME)
DGEMN	Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DGPC	Direcção Geral de Património Cultural
DOGT	Departamento de Ordenamento de Gestão do Território (CME)
DRCAlentejo	Direcção Regional da Cultura do Alentejo/ Casa de Burgos
ETSAV	*Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Valladolid*
FEA	Fundação Eugénio de Almeida
IAA	Instituto Arqueológico Alemão
IPPC	Instituto Português do Património Cultural
ISCTE	Instituto Universitário de Lisboa
ME	Museu de Évora
RAH	*Real Academia de la Historia*
SIPA	Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
SRAS	Serviço Regional de Arqueologia do Sul
UE	Unidade estratigráfica

RESUMO

A presente investigação pretende ensaiar uma metodologia de desenho, que explora diferentes tipos de representação, a partir do vestígio arqueológico, num diálogo simbiótico de registo, interpretação e comunicação. Para suportar este ensaio recorre-se à estrutura arqueológica associada a um conjunto monumental - o *forum* romano da antiga *civitas Liberalitas Julia Ebora* (Évora), situado na província ocidental do Império Romano, no *Conventus Pacensis* (Portugal), compreendendo uma abordagem sistematizada em três partes fundamentais: o reconhecimento, as fontes e o ensaio.

O reconhecimento, fase inicial deste périplo, obedece a dois momentos. Primeiro, o levantamento arquitectónico (planta, cortes e alçados) dos edifícios actuais da cidade, particularmente em redor do templo. Posteriormente todo o levantamento e registo, em desenho, das estruturas arqueológicas encontradas na cidade, principalmente na zona intramuros, a partir dos relatórios de escavação e do levantamento *in situ*. Sempre que possível, o processo de reconhecimento surge fundamentado com outros exemplos da arquitectura clássica, encontrados mormente na Hispânia.

As fontes, organizadas na segunda parte, integram todo o estudo histórico-arquitectónico realizado a partir de fontes históricas (documentais e iconográficas). Servem igualmente de base à reconstituição da evolução do edifício do templo romano desde o século XV até ao século XIX, tomando por ponto de partida um desenho do edifício do século XIX (antes da sua desobstrução). O estudo estende-se ainda aos edifícios circundantes, nomeadamente, o Palácio da Inquisição e o Paço Arquiepiscopal (Museu de Évora).

O ensaio desenvolve-se na terceira parte e procura uma hipótese de traçado do *forum* romano. Esta interpretação encontra-se evidentemente fundamentada nos registos (arqueológicos e arquitectónicos) e nas fontes históricas, mas é também alicerçada na pesquisa de referências da arquitectura clássica, para a realização de uma reconstituição de todo o complexo. Um processo que recorre largamente a modelos de outras cidades da Hispânia, em resultado da proximidade geográfica mantida da partilha de referências/recursos que, seguramente, estas cidades observaram.

Por fim, o trabalho encerra com um breve epílogo onde se ensaia um (possível) traçado da cidade, mas sobretudo onde se lançam dúvidas e questões sobre uma eventual imagem da cidade romana.

A partir deste laboratório de desenho procurou-se, portanto, objectivar a reconstituição de um fragmento de cidade, segundo uma leitura transversal do vestígio, visando demonstrar um processo para chegar à hipótese. Um processo que passa pelo desenho rigoroso das estruturas, a partir do registo arqueológico e arquitectónico, pela valorização do estudo histórico do edifício e do espaço urbano onde estas estruturas estão implantadas e pelo aventar de uma hipótese baseada em modelos clássicos, provenientes das províncias que partilham uma cultura e condições similares. Este poderá ser, pois, o contributo da arquitectura para a arqueologia, no sentido de incrementar o conhecimento da cidade romana, sendo o desenho o meio singular de aproximação ao fragmento, por meio da sua evocação e materialização.

ABSTRACT

This research aims to develop a drawing methodology that explores different types of representation – recording, interpretation and communication – of the archaeological vestiges. In order to test this methodology, we used the study and analysis of the old *civitas Liberalitas Julia Ebora* (Évora) located in the western province of the Roman Empire, in the *Conventus Pacensis* (Portugal). By interpreting this example's archaeological structures, especially those associated with the monumental complex, the Roman *forum*, so that its reconstitution could be perceived.

This process has been systematized into three fundamental parts: recognition, sources, and testing:

Recognition was carried out at two levels. The first, corresponds to the architectural survey (plan, sections and elevations) of the current city buildings, particularly those located around the temple. The second, corresponds to the entire survey and record, in drawing, of the archaeological structures found in the city, mainly in the intramural area, based on the excavation reports and on the assessment *in situ*. This recognition process is, whenever possible, based on other examples of classical architecture, found mainly in Hispania.

The sources, organized in the second part, comprised the entire historical-architectonic study carried out from historical sources (documentary and iconographic). These sources serve as a basis for reconstructing the evolution of the Roman temple building from the 15th century to the 19th century, considering a drawing of the building dated from the 19th century (before being cleared out). The study extends to the surrounding buildings, namely the Inquisition Palace and the Archiepiscopal Palace (Évora Museum).

Finally, the study looks for an hypothetical layout of the Roman *forum*. This interpretation is based on archaeological and architectural records as well as on historical sources. However, for the reconstruction of the entire complex, it was also necessary to find the classical architecture references. For this process, models from other cities in Hispania were used, mainly due to the geographical proximity and to the sharing of references/resources that these cities certainly had.

This essay concludes with a brief epilogue where a (possible) layout of the city is proposed. Far from presenting certainties, the conclusion raises out doubts and questions about a possible image of the Roman city, opening the path for further discussion

With this drawing laboratory, we sought to objectify the reconstitution of a fragment of this city, following a transversal reading of the trace. The aim was to demonstrate a process to reach an hypothesis. In other words, a process involving the accurate design of structures, sustained on archaeological and architectural records, valuing the historical study of the building and of the urban space where the structures are located, and by taking the risk of presenting an hypothesis based on classical models from the provinces that share similar culture and conditions. This research reflects a possible contribution architecture may give to archaeology, in the sense that it may contribute to increase the knowledge about the Roman city, being the drawing the singular strategy to approach the fragment, as it allows its evocation and materialization.

INTRODUÇÃO

•

INTRODUÇÃO

A investigação que aqui se apresenta parte da intenção de reconhecer e valorizar o contributo que o desenho – entendido como ferramenta – pode dar ao registo, à interpretação e à comunicação da reconstituição de vestígios arqueológicos.

O trabalho, desenvolvido no âmbito do Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, opção de estudos D - Património Arquitectónico, traduz-se num documento/desenho destinado a proporcionar uma melhor compreensão sobre a forma como se desenha, analisa, documenta, visualiza, imagina e comunica o vestígio reconstruído na cidade histórica, visando contribuir, assim, para a discussão entre os vários intervenientes no estudo da ruína. Para tal, mobiliza-se o desenho enquanto ferramenta central de uma interpretação arqueológica, histórica, arquitectónica e urbana de um caso de estudo que, por esta via, se procura aprofundar: o conjunto monumental da cidade de Évora romana, partindo do seu templo. O desenho constitui-se, destarte, a linguagem comum e a base de entendimento num processo iminentemente transdisciplinar.

Enquadramento

"Um simples monte informe de pedras não é suficiente para dar àquele que o contempla um valor de antiguidade, tem no mínimo de restar uma marca clara da forma original, da antiga obra humana, do que foi anteriormente."[1]

A ruína[2] é um lugar de memória e imaginação. É o que resta do monumento; é a sua presença, sempre associada à memória colectiva e à herança do passado. Por si só, a ruína não traz entendimento. Para que tal suceda, terá de ser complementada por memórias e simbologias que lhe conferem inteligibilidade.

A inteligibilidade da ruína – aquilo que nela há de 'monumento' no sentido de 'memória' – é, por isso, trazida não só pelos vestígios físicos, mas também por todos os documentos[3] que os acompanham e que se vão acumulando ao longo dos séculos. Por outras palavras, o monumento não

1 Aloïs Riegl (1987 [1903], p. 53).

2 Utiliza-se o termo *Ruína* no seu campo mais expandido, referindo-se aos vestígios arqueológicos escavados, entretanto enterrados, musealizados e até desaparecidos.

3 'Documento' segundo o Dicionário Houaiss é, entre outras definições, "qualquer objecto de valor documental (fotografias, peças, papéis, filmes, construções, etc.) que elucide, instrua, prove ou comprove cientificamente algum facto, acontecimento, dito, etc.", *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de leitores, 2003, p. 1386. Talvez, nesta definição, falte revelar a origem do termo latino *documentum*, que deriva de *docere*, docência, acto de ensinar, que será o âmbito em que a palavra documento mais adequadamente se enquadra neste estudo. Apesar da sua etimologia ter evoluído na acepção de 'prova', tal significado imprime-lhe um carácter epistemológico permanente que o documento intrinsecamente não mantém. De facto, a permeabilidade de se prestar sempre à reinterpretação e reinvenção desconjura-o dessa permanência, mesmo porque "[a] intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental insere-se numa situação inicial que é ainda menos 'neutra' do que a sua intervenção." (Jacques Le Goff, 1984, p. 103).

é apenas forma; é também a reunião de todos os registos gráficos e escritos que transmitem o seu valor histórico e a sua forma científica, entre textos, epigrafia, desenhos, fotografias, e outros, que, no seu conjunto, constroem uma narrativa. Estes **materiais de memória** são, pois, os elementos de trabalho para a compreensão, representação e criação de novos significados da ruína [IMAGEM 1]. E o desenho é considerado, neste trabalho, o meio privilegiado de o alcançar.

Com base nos registos[4] acessíveis e possíveis à data, as estruturas arqueológicas de Évora são aqui o suporte para a criação de novos documentos que contribuem para a leitura e invenção do 'monumento'[5], neste caso em particular o *forum* romano da cidade.

Mas de que forma pode o desenho contribuir para a compreensão e comunicação da reconstituição do 'monumento'?

Entende-se por reconstituição a representação de um edifício ou complexo arquitectónico, a partir de uma arquitectura mutilada ou destruída. Nos nossos dias a reconstituição move-se pela necessidade de procura de uma imagem inteligível do lugar, que possa, simultaneamente, ser trabalhada ao longo do tempo. Para o efeito, são actualmente introduzidas as ferramentas tecnológicas, com vista a criar uma imagem aberta ao conhecimento, à discussão e à descoberta de novos dados arqueológicos, tal como defendido na Carta de Cracóvia[6].

Sendo certo que, numa reconstituição arqueológica todas as dimensões devem estar necessariamente coordenadas, não é menos verdade que arqueólogos, arquitectos e ilustradores, tendem a percepcionar a ruína de modos distintos. A este título bastará apontar, por exemplo, que enquanto o arqueólogo trabalha em regra num campo planimétrico, o arquitecto inevitavelmente trabalha com a dimensão espacial e o ilustrador, por seu turno, com a imagem.

Ora, é precisamente intenção deste estudo trabalhar um método de interpretação dos vestígios num contexto urbano, propondo uma reflexão sobre 'como fazer' as reconstituições e contribuir, deste modo, para o diálogo entre arquitectos, arqueólogos e todos os técnicos envolvidos no campo da reconstituição da ruína. Isto porque se considera que o estudo do fragmento arqueológico deve ser entendido como uma continuidade de saberes, da arqueologia, da história e da teoria e prática da arquitectura. A investigação ensaia, assim, um entendimento entre olhares sobre a ruína, no sentido de se constituir como uma mais-valia ao processo de registo, interpretação e comunicação da mesma.

4 Para a recolha e análise dos vestígios da cidade de Évora foram consultadas as peças escritas contidas nos relatórios de escavação, publicações e artigos especializados, manuscritos das primeiras escavações, notas de imprensa, panfletos informativos, os estudos realizados pelas instituições de Évora e os depoimentos dos arqueólogos que trabalharam no campo. Recorreu-se ainda a outro tipo de material gráfico como fotografias de regenerações urbanas, vistas de cidade, cartografia, gravuras da época e desenhos de espaço. Foi, portanto, através de todo este acervo documental que se recolheram as pistas para a compreensão do espaço urbano ao longo dos séculos e para identificação dos elementos atribuídos à cidade romana que, no decurso do tempo, foram permanecendo ou desaparecendo.

5 O templo de Évora foi classificado como Monumento Nacional, por Decreto de 10-01-1907, DG, n.º 14, de 17-01-1907, aqui designado por 'Ruínas do Templo Romano', três anos mais tarde foi classificado de novo com a designação 'Templo Romano de Évora', na categoria dos 'Monumentos lusitanos, lusitano-romanos', Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910. Curiosamente o termo 'ruína' foi abandonado com a mais recente classificação.

6 *(Carta de Cracóvia. Princípios para a conservação e o restauro de Património construído, 2000).*

Por outro lado, importa notar que a ruína existe enquanto presença física, mas também enquanto construção mental. A sua contemplação não se cinge à trivialidade do acto em si, mas antes remete para o pensamento arquitectónico, tornando-se naturalmente um "instrumento para pensar a arquitectura, metamorfoses de imagens das ruínas em ideias, e também metamorfoses de ideias do arquitecto, que encontram o seu correspondente formal nas imagens das ruínas"[7] [IMAGEM 2].

Segundo Alberto Ustárroz, as ruínas apresentam-se ao arquitecto segundo quatro dimensões: como uma *síntese*, ou seja, uma unidade que "se amplia e transforma pela integração e o somatório de experiências de cada momento"[8]; como uma *evocação*, que relaciona dois mundos diferentes, o passado e o presente; como uma *hipótese*, que originará múltiplos projectos; e, finalmente, como *materialidade*, que permite ao seu estado fragmentário, incompleto, um confronto com a forma reconstruída. Assim, as ruínas são *conhecimento*, *afinidade* e *ruptura*, na medida em que transmitem um saber, revelam continuidades no tempo e, simultaneamente, marcam um afastamento crítico.

O interesse pela ruína, como símbolo da antiguidade, evoca a presença de um tempo que nos intriga e desperta a vontade de analisar. Um apelo que trabalha com um passado basilar na tradição arquitectónica – a tradição dos antigos – mas que é, em paralelo, contemporâneo, pela capacidade de gerar teoria e prática de projecto. O interesse do arquitecto pela ruína, é um interesse operativo, de busca sobre o modo como os antigos mestres fizeram. Nas palavras de Giorgio Grassi, "o seu ensinamento está integralmente contido nas suas obras, materialmente, tecnicamente"[9].

A arquitectura, aqui, permanece através do fragmento[10]. O fragmento ensina-nos a arquitectura do passado. Esta aprendizagem faz-se pela construção, a partir desse indício físico, de hipóteses de reconstituição que se fundam no conhecimento da arquitectura clássica. É, por isso, importante perceber os princípios da linguagem clássica, que permitem uma interpretação mais atenta e segura dos vestígios. Conforme se verá adiante, meros pormenores como a espessura do estuque podem comprometer a análise das dimensões e proporções, pondo em causa a leitura do conjunto. Como tal, torna-se necessário conhecer o objecto através da sua linguagem e método construtivo[11] para, deste modo, poder interpretar os fragmentos da arquitectura clássica, e propor, com suficiente fundamentação, a sua reconstituição.

Contudo, estes princípios por si só não bastam. Em resultado, trabalhar-se-á neste estudo também com a conjectura e a hipótese, baseadas nas competências próprias do arquitecto de leitura espacial e de desenho como ferramenta de compreensão e projecto, numa tentativa de justificar a importância do conhecimento disciplinar em todos os momentos de reconhecimento e interpretação da ruína.

7 Alberto Ustárroz (1997, p. 31).

8 Alberto Ustárroz (1997, p. 13).

9 Giorgio Grassi (2018, p. 476).

10 "Piranesi simboliza o estado fatal a que chega a arquitectura, devido à acção do tempo. No entanto, esta consideração não significa necessariamente para Piranesi o final da arquitectura, mas a constatação de que esta permanece através da ruína.". José Ignacio Linazasoro (2013, p. 56).

11 Klaus Nohlen (2017, p. 456).

Objecto

O objecto deste estudo é o 'desenho da ruína', as suas formas de registo, interpretação e comunicação. O trabalho foca-se, portanto, num desenho com uma natureza particular – um desenho de projecto que fomenta a imaginação, que opera na comutação entre o real e o imaginário. Este desenho requer uma atitude analítica crítica, de questionamento, sobre o objecto percepcionado e assume-se como meio singular de aproximação ao vestígio, pela sua capacidade de evocação e materialização.

Atendento a que qualquer ruína chega aos nossos dias contaminada de histórias, acrescentada de sentidos e mutilada de significados, a análise das estruturas arqueológicas que é realizada através do desenho constitui um processo de aprendizagem. Implica, por conseguinte, uma síntese histórica, de identificação e selecção das estruturas correspondentes a cada período em estudo, numa decomposição que deverá permitir registar os vestígios sobre o mesmo suporte, para, a partir dos indícios existentes e com respaldo em referências de outros modelos, lançar uma possível interpretação.

Além disso, este tipo de desenho responde a uma necessidade específica. Embora na fase de levantamento apenas revele um objecto incompleto, será suporte ao trabalho que se desenvolve num segundo momento, assente nas ferramentas de análise, interpretação e proposta daquilo que não é reconhecível pela mera observação. Trata-se, assim, de um desenho arquitectónico, de investigação entendido como prática/exercício para a compreensão e análise da arquitectura e da sua história.

De resto, concebendo-se o exercício de desenho como um processo de descoberta, de escolha, de produção e de transmissão de conhecimentos, ao responder a regras e critérios de ordem morfológica o desenho da ruína, em específico, é igualmente descritivo e científico.

É, portanto, na confluência das considerações acima expostas que o presente trabalho desenvolve desenhos de registo sobre os desenhos de arqueologia e de levantamento arquitectónico procedendo, após consolidação desta base de reconhecimento, aos desenhos de interpretação onde se delineiam as hipóteses de reconstituição.

De referir, porém, que o desenho da ruína incorpora ainda a categoria da ilustração[12], na qual, através da imagética do autor, se alarga o campo de liberdade compositiva. Apesar desta dimensão não ter sido desenvolvida nesta investigação, espera-se que o suporte técnico e científico aqui apresentado potencie a criação de desenhos de ilustração por técnicos especializados na área.

Objectivos

A presente investigação visa perceber o contributo que a arquitectura oferece ao desenho da ruína, desde o seu levantamento e registo, passando pela compreensão das estruturas e pela interpretação

[12] Esta categorização foi retirada da tese de Luís Fortunato Lima (Luís Carlos Fortunato Lima, 2007), com base na análise de Manuel Lemos (Manuel Lemos, 2001/2002) e com estruturação do desenho na arqueologia de José Madeira (José Luís Madeira, 2013).

do espaço, com vista à realização de uma possível reconstituição, levando em linha de conta que tal operação se giza a partir dos vestígios existentes, do conhecimento do lugar e da história, da tratadística e também da imaginação do arquitecto.

Pretende-se, igualmente, dar aporte a uma linguagem comum, que concorra para o diálogo entre todos os intervenientes no campo do estudo e resulte em benefício da interpretação do vestígio arqueológico. Ou seja, trabalhar o processo, de 'como desenhar a ruína', valorizar o método sobre o resultado e demonstrar a relevância que o arquitecto pode desempenhar na prossecução desses objectivos. Assim, se por um lado o desenho viabiliza a análise e síntese do vestígio arqueológico, por outro, é também o meio que conduzirá, aqui, ao conhecimento necessário e singular dessas estruturas, na medida em que, enquanto linguagem arquitectónica por excelência, permite reflectir sobre a forma de definir espaços e volumes, a sua organização, a sua expressão, as suas relações com a envolvente, as formas de aceder, de circular e de estar.

Desta forma, o desenho é, precisamente, um dos contributos que a arquitectura pode apresentar à arqueologia. Oferencendo-se como metodologia de identificação e interpretação dos vestígios, e de resolução dos problemas que, neste caso, são de ordem operativa: de como desenhar e compreender uma estrutura arqueológica para a sua reconstituição. E é neste ponto que o processo de descoberta do desenho extravasa a própria arqueologia, posto que participa no entendimento, na organização e na comunicação de referentes concretos, e que cada desenho intervém como sujeito de uma aprendizagem cultural e de um sentido de comunidade[13]. Deseja-se assim "compreender desenhando", reconhecendo o desenho como mediador entre o real e o conjectural, e enquanto método de trabalho.

Método

A metodologia de desenho desta arquitectura fragmentada estabelecerá o seu foco no 'registo' e na 'interpretação', sendo que o corpo de desenhos, daí emergentes, constituem uma forma de 'comunicação' da interpretação da ruína.

Através do registo, pretende-se recolher a informação com base na documentação produzida pelos arqueólogos, mormente no desenho de escavação. Dotado de uma metodologia específica, o desenho arqueológico, é sobretudo feito à vista e destaca-se pelo seu rigoroso, com regras e sistemas próprios de representação. Para além disso, integrar-se-á ainda o desenho de levantamento arquitectónico dos edifícios e do espaço público onde estão inseridas as estruturas arqueológicas. De notar, aliás, que as metodologias de registo e levantamento têm evoluído bastante e que estas ferramentas acompanham e complementam o desenho à vista. Do mesmo modo, o registo *in situ* será também valorizado, em particular o desenho de observação das ruínas.

A interpretação desenvolve-se depois sobre a plataforma de registo. É, designadamente, nesse campo, que os arquitectos podem contribuir para um melhor entendimento do vestígio,

[13] Ver a tese sobre o desenho de Luís Carlos Fortunato Lima, *O desenho como substituto do objecto. Descrição científica nas imagens do desenho de materiais arqueológicos* (Luís Carlos Fortunato Lima, 2007).

complementando-o na sua dimensão espacial e colaborando na análise e interpretação dos dados da arqueologia. Suportada pelos conhecimentos da arquitectura clássica, mas também pela recolha e análise de exemplos semelhantes, esta interpretação enriquece o conhecimento, porquanto lhe acrescenta informação que, embora mais ou menos conjectural, conduz a uma compreensão mais cabal sobre a arquitectura e traçado da cidade romana. No caso estudado, a atenção incidiu com mais enfâse sobre os exemplos de arquitectura provincial hispânica, sobretudo às estruturas forenses, os quais foram analisados e visitados, de forma a encontrar semelhanças nas soluções tipológicas e construtivas. Como é evidente, o projecto imperial à escala da província tem a sua referência nos programas arquitectónicos e decorativos da *Urbs*, mas a sua concretização surge aprimorada no terreno com soluções adaptadas e integradas no lugar. Por essa razão, o projecto do *forum* assume tipologias muito diversas em território lusitano, desde *Aeminium* a *Conimbriga*, o que significa que, apesar dos cânones, a arquitectura romana é extremamente complexa e atenta ao lugar onde se implanta.

Uma vez consolidada a interpretação, há que encontrar formas de objectivar a reconstituição do vestígio através de uma linguagem gráfica que seja, simultaneamente, eficaz e legível. Trata-se de garantir a comunicação, enquanto acto de evocar uma imagem do passado através de uma base comum. Em suma, de proceder a uma tentativa de entendimento entre todos os técnicos de todo o conhecimento construído, que se faz através do desenho.

Esta é a proposta que se apresenta para Évora: desenhar uma reconstituição hipotética do conjunto urbano, particularmente do conjunto monumental. Os vestígios arqueológicos do *forum* romano de Évora serão, assim, tanto o material de estudo, como o campo de experimentação para um ensaio que visa responder aos desafios que uma reconstituição arqueológica acarreta.

Em síntese, a investigação desenvolvida procurará realizar um reconhecimento e interpretação dos vestígios, registos e indícios da arquitectura romana na cidade, de modo a produzir desenhos que, suportados, pela arqueologia, pela arquitectura e pela história possam contribuir para um melhor entendimento da cidade, sobretudo do *forum*. Através deste trabalho, espera-se ainda fomentar a promoção e alargamento do debate sobre a questão da representação e da reconstituição arqueológica.

Campo de experimentação

Évora tem a memória da arquitectura do passado impressa na configuração do traçado da cidade actual. A cidade histórica aprendeu a usar as ruínas urbanas, num equilíbrio, por vezes instável, entre o necessário e o supérfluo, entre a conservação e a inovação[14]. Ao coabitarem com a cidade contemporânea, as suas ruínas detêm uma especificidade própria como meio de informação, devendo ser capazes de transmitir a sua mensagem, na medida do possível, àqueles que as observam no presente e as organizarão no futuro.

[14] Ver María Margarita Segarra Lagunes (2021, p. 36).

Entre destruição e permanência, Évora conserva importantes estruturas desde o período romano, passando pelo visigótico, islâmico, medieval, renascentista até à contemporaneidade. Por isso, neste estudo, o processo de desenho será fundamental, para identificar os diferentes períodos e permitir questionar, em determinados casos, a sua sobreposição e aproveitamento. Noutras situações, porém, o objecto de análise terá de ser desmontado, realizando um percurso inverso: do construído à ruína, a fim de se interpretar o conhecimento histórico da experiência urbana e colocar em evidência as fases que esta experiência configurou.

Importa assinalar, todavia, que a escolha do caso de estudo não recaiu sobre Évora somente por se tratar de uma cidade carregada de vestígios arqueológicos. Na génese desta decisão eteve também a constatação do elevado interesse que o seu conjunto monumental sempre despertou junto dos estudiosos e curiosos da antiguidade, gerando uma grande quantidade abundante de documentos sobre esses esses vestígios, em trabalhos de arqueologia e bibliografia especializada: desde os primeiros escritos de Cunha Rivara, aos relatórios das escavações mais recentes. Um amplo conjunto de registos que, no entanto, se encontrava ainda, em larga medida, inexplorado e disperso. Como tal, o trabalho de interpretação que aqui se apresenta assentou tanto na análise dos vestígios em si mesmos como no estudo e sistematização dos documentos existentes.

Ao nível desse acervo, destacam-se os relatórios de escavação existentes na DGPC (Direcção Geral de Património Cultural), referentes às numerosas campanhas de escavação realizadas no centro da cidade entre 1983 a 2014, que ofereceram informação essencial, em particular no que toca ao desenho e descrição dos vestígios encontrados.

As campanhas de escavação de maior relevância foram coordenadas por Theodor Hauschild[15] e contribuíram para um melhor entendimento dos edifícios e do urbanismo da cidade em época romana. Apesar de há muito tempo aguardado, o relatório final das investigações conduzidas por Theodor Hauschild e Felix Theichner[16], relativos à zona em redor do templo romano, ainda não havia sido publicado quando o presente estudo começou. Tal só viria a suceder em 2018, numa altura em que o trabalho se encontrava já em estado avançado de desenvolvimento. Não obstante, a publicação foi analisada e integrada nesta investigação, tendo sido igualmente acrescentadas as sondagens publicadas no relatório final e que não constavam nos relatórios de escavação.

De referir, igualmente, que todo o decorrer da investigação foi pontuado por uma troca regular e profícua de correspondência com T. Hauschild. A interacção incluiu ainda o privilégio de um momento de partilha com o próprio, em que todos os desenhos em curso lhe foram apresentados[17]. O encontro, de inestimável valor para o avanço do trabalho, revelaria que as hipóteses de reconstituição, apontadas por T. Hauschild, se aproximavam dos ensaios de interpretação apresentados neste estudo para essa mesma área. Exitem, contudo, há detalhes ligeiramente diferentes

15 Ver Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017).

16 Ver Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017).

17 Agradece-se a Theodor Hauschild e Heidi Hauschild pela imensa disponibilidade e pela forma generosa com que me receberam.

que serão desenvolvidos mais adiante e que poderão enriquecer a discussão sobre as diferentes hipóteses de interpretação.

Além disso, note-se que o cerne da atenção não é exactamente o mesmo, entre ambos os estudos. Enquanto a investigação de T. Hauschild assenta, sobretudo, no templo e zona sagrada, este ensaio procurou alargar o campo de experimentação, expandindo-o para sul para a zona do Museu de Évora e da Sé e enquadrando-o no traçado viário da cidade.

Por outro lado, este estudo procedeu também a um reconhecimento sumário dos conjuntos termal, habitacional e defensivo, num desenvolvimento realizado maioritariamente ao nível do registo das estruturas arqueológicas.

De resto, embora se tenha privilegiado a época roamana para a interpretação dos vestígios arqueológicos, a evidência destes resultarem da confluência de períodos e da sobreposição no tempo obrigou a alargar o espectro. Deste modo, foi apontado um breve exercício de seriação das camadas por épocas (islâmica, medieval e moderna), de acordo com o indicado nos relatórios de escavação da zona envolvente ao templo, para uma melhor leitura da estratigrafia das sondagens.

Processo

A análise desenvolvida teve como suporte técnico o levantamento aerofotogramétrico da cidade de Évora, sobre o qual se fez evoluir o desenho, com base na informação recolhida do lugar e dos registos entretanto analisados. A fim de garantir a operatividade desse levantamento, após recolha e digitalização dos registos originais, foi necessário empreender a um trabalho preparatório de "limpeza" para se proceder, depois, à recomposição.

Assim, num primeiro momento, o registo resultou de uma operação de recolha e levantamento, junto de diferentes entidades[18], do material documental e gráfico disponível, relevante para a pesquisa a duas escalas: do edificado (registo parcelar) e da cidade (registo completo). Mais tarde, o levantamento arquitectónico dos edifícios e do espaço urbano veio complementar a informação inicialmente recolhida, tendo constituído um instrumento essencial na leitura integrada dos vestígios arqueológicos.

Em paralelo, foi preciso garantir dados para a análise do terreno, com vista à compreensão da implantação e evolução do traçado urbano. Por essa razão, o desenho não se restringe apenas aos edifícios, mas estende-se também à topografia, propondo a realização de uma reconstituição topográfica.

[18] Entre as quais:
- Câmara Municipal de Évora (CME): Arquivo Municipal; Núcleo de Documentação e Informação; Núcleo de Documentação Histórico-Arqueológica; Arquivo fotográfico; Departamento do Centro Histórico Património e Cultura (DCHPC); Divisão de Obras;
- Direcção Regional da Cultura do Alentejo (DRCAlentejo): Arquivo de Desenho, Centro de Documentação;
- Direcção Geral do Património Cultural (DGPC): Arquivo Arqueológico Nacional; Biblioteca de Arqueologia; Biblioteca de Património.
- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).

Para além do plano arqueológico e arquitectónico, o levantamento também se fez ao nível das fontes[19] históricas de natureza literária e iconográfica, dando ensejo a outras formas de interpretação dos vestígios. As descrições dos Tombos da Cidade, as Memórias Paroquiais, os Diários dos Antiquários, entre outras, tiveram, na verdade, enorme importância. Aliadas às primeiras fotografias do templo e aos desenhos, sobretudo de Melchor de Prado, pintor que integrou a comitiva de José Cornide, foram absolutamente reveladoras de novos dados que acrescentaram mais informação à reconstituição, mormente na análise do templo.

Sempre que possível, o processo de recolha, nas diferentes esferas, foi suportado pela observação e confronto *in situ* com os vestígios arqueológicos. Tratando-se de um cenário construído, esta cidade apresenta algumas condicionantes na sua interpretação que, em campo aberto, outras não têm, como seja o caso de *Conimbriga* ou *Mirobriga*. No entanto, tal circunstância pode corresponder a um desafio interessante, permitindo potenciar e identificar, na sua interpretação, eventuais sítios acessíveis à escavação (jardins, espaços públicos, etc.).

Uma vez coligido todo este material, partiu-se para a interpretação dos vestígios, agora fundamentada pela arqueologia, pela arquitectura e pela história. Para esta etapa foi fundamental a comparação com outros modelos e um conhecimento sedimentado na arquitectura clássica, garantindo a recolha dos princípios da linguagem clássica apontados por Vitrúvio, em proveito de um enfoque mais atento aos vestígios.

> *"Sólo de este modo, conociendo el lenguaje y practicando su escritura, podemos enfrentarnos a la interpretación de los restos de la arquitectura clásica y proponer con solvencia su reconstrucción."*[20]

Com vista a ser possível "projectar" uma imagem do complexo, efectuou-se também a recolha e análise das interpretações já realizadas relativas ao *forum* de Évora, num confronto com outros modelos conhecidos. Verificada, desde logo, a variabilidade de soluções da arquitectura romana relativamente a um complexo forense, tentou-se encontrar referências que, pela proximidade geográfica e semelhanças de soluções construtivas, pudessem aproximar-se mais do modelo tripartido que se ensaiou para o *forum* de Évora.

Mas a interpretação não se esgota nos vestígios existentes e escavados e a própria cidade encerra na sua morfologia 'vestígios' que poderão conduzir a hipóteses de traçado. Com efeito, a implantação de determinados monumentos pode dar indícios de uma possível configuração que apenas existe na memória urbana, mas da qual já não se encontram vestígios materiais. Assim, a arquitectura, através da análise da morfologia urbana, dos traçados e dos eixos, permite certas interpretações que poderão não estar tão vinculadas à arqueologia, mas sim ao próprio tecido da cidade, muito embora o processo assente sempre nalgum risco.

[19] De referir igualmente que em 1966, a propósito das *Comemorações do VII Centenário da Reconquista Cristã da Cidade de Évora*, se realizou uma *Exposição Bibliográfica e Iconográfica* de toda a cartografia da cidade e que teve a colaboração de Túlio Espanca. Foi também publicado pela Biblioteca Municipal um catálogo da exposição. Ver António Leandro (organização) Alves (1966).

[20] Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría (2014, p. 24).

Esta interpretação dos indícios foi introduzida na planta base, por intermédio de uma sintaxe do desenho apta a permitir o diálogo entre regra e conjectura, numa dinâmica entre os modelos da arquitectura romana e a intuição do arquitecto. A isso, seguiu-se a tentativa de criar uma imagem de cidade que, conquanto ainda muito incipiente, pretende contribuir para a valorização e conservação dos achados arqueológicos.

Em termos gerais, procurou-se objectivar a linguagem gráfica de uma ideia, ou seja, de uma reconstituição hipotética da arquitectura e cidade romanas. Explora-se a comunicação de uma presença fisicamente ausente, mas que o desenho constrói, formalizando a presença de um passado que se mostra à contemporaneidade, numa tentativa de divulgação e transmissão, através do desenho. Ou melhor dizendo, de um corpo de desenhos.

Estrutura conceptual

"Testemunho do poder destrutivo do tempo e do triunfo da natureza sobre a cultura, as ruínas conferem todavia à paisagem uma marca humana que as contém, abrindo-a para uma dimensão histórica. Tal como as peças de colecção, (…), as ruínas podem, na maior parte dos casos, desempenhar o seu próprio papel, graças à imaginação, que vê nelas um signo (por vezes símbolo) de acontecimentos do passado, investindo-as assim de valores particulares. As ruínas tornam-se, portanto, fontes para o conhecimento histórico que através de um processo de pesquisa que leva à atribuição, extrai os dados relativos aos seus artífices."[21]

Na definição de ruína de Carlo Carena acima reproduzida, encontram-se as premissas basilares e a estrutura conceptual desta proposta de investigação: a ruína como testemunho, como fonte e como evocação. Uma tríade da ruína que conduzirá ao trabalho de reconhecimento dos índicios, da marca que remanesce, do que existe, para prosseguir, depois, em direcção à sua dimensão histórica através de um processo de pesquisa fundamentado nas fontes de referência e, assim, conseguir, graças à imaginação, atribuir-lhe uma imagem, uma representação do passado.

O corpo da tese está organizado em três volumes, sendo o primeiro dedicado ao texto, o segundo às imagens e o terceiro aos desenhos produzidos especificamente para este trabalho de investigação. O primeiro volume divide-se em três partes - o Reconhecimento, as Fontes e o Ensaio, que serão, em seguida, sumariamente descritas. O volume integra ainda quatro apêndices que complementam a informação do corpo de texto. Num destes apêndices, "A montagem dos fragmentos arquitectónicos", são descritos vários fragmentos dispersos pela região que poderiam integrar o conjunto monumental. Os restantes apêndices apresentam o inventário dos relatórios de escavação relativos à cidade de Évora, encontrados nos arquivos de diferentes entidades, seguido das listagens dos levantamentos arquitectónicos e da cronologia das escavações.

O Reconhecimento

Este capítulo inicia-se com o reconhecimento da importância do desenho arqueológico na identificação, análise e interpretação do vestígio, seguido de um breve estado da arte sobre algumas das referências que importa trazer para este estudo. No intuito de reunir num único documento as evidências arqueológicas da zona monumental da cidade de Évora, o capítulo revisita e analisa as escavações realizadas em redor do templo romano e, igualmente, nos espaços e edifícios públicos adjacentes. Recorde-se, sobre este tópico, que toda a zona foi cenário de um grande projecto de investigação, executado ao longo de mais de dez anos e suportado por sucessivas campanhas de escavação. Sob coordenação do Arquitecto Theodor Hauschild, à data director do Instituto Arqueológico Alemão – delegação de Lisboa, o objectivo era perceber o complexo monumental da cidade romana e integrou escavações em redor do templo e também no Museu de Évora, no pátio do Palácio da Inquisição, nos jardins de Diana e no Palácio do Cadaval. Outras campanhas se destacaram na época, mas com propósitos distintos. É o caso, por exemplo, das escavações de

[21] Carlo Carena (1984, p. 129).

acompanhamento dos projectos para a remodelação dos edifícios envolventes, como as que tiveram lugar no Museu de Évora e na Fundação Eugénio de Almeida. Para além disso, foram obtidos dados adicionais a partir de algumas escavações pontuais de acompanhamento arqueológico, noemadamente para a instalação de infra-estruturas na cidade. Analisados e depositados no mesmo desenho, estes registos constituíram a matéria de suporte da presente investigação, que tem como objectivo a interpretação da zona monumental da cidade em época romana.

Subsequantemente, todo o registo do reconhecimento foi integrado na planta e perfis da cidade. Para melhor compreensão das estruturas, foram ainda realizados os levantamentos arquitectónicos dos edifícios que continham vestígios.

Com base no reconhecimento efectuado, procedeu-se a uma tentativa de sistematização cronológica dos vestígios em desenho, segundo as épocas posteriores: islâmica, medieval e moderna. No entanto, a informação em causa não foi interpretada, pelo que se trata apenas de um apontamento, na esperança de que seja utilizada para investigações vindouras. De resto, garantiu-se ainda a compilação de todos os achados de época romana, eventualmente associados ao projecto arquitectónico do conjunto monumental.

Por último, assinala-se o recurso a outros modelos semelhantes da arquitectura clássica, sobretudo da Hispânia, para apoiar a acção de registo.

As Fontes

O capítulo sobre as 'fontes' dedica-se ao reconhecimento das fontes históricas (documentais e iconográficas) que foram adensando a história da cidade de Évora. Atenta, em particular, às que concernem o centro monumental, e serve, juntamente com as fontes arqueológicas, de sustentação à posterior interpretação dos vestígios (Parte III). Aí, estes dados irão consuzir a hipóteses, mais ou menos refutáveis, contribuindo para o enriquecimento de todo o processo da interpretação dos vestígios. Mas, para que tal suceda, é essencial garantir primeiro uma rigorosa base de registo. Como refere a historiadora Maria de Magalhães Ramalho, na sua intervençãosobre a importância da documentação gráfica na "Arqueologia da Arquitectura"[22], "só um adequado registo gráfico do imóvel e da sua envolvente, permitirá ao arqueólogo não só compreender o território onde o mesmo se implanta, como analisar estratigraficamente os seus diferentes componentes, procedendo depois à sua interpretação."

Foi, precisamente, a partir das palavras acima citadas que surgiu a ideia de realizar um levantamento "arqueológico" dos alçados do Templo de Évora, numa tentativa de recuperar, através do desenho, a imagem do edifício medieval, anterior à sua desobstrução. Na prática, o exercício demonstrou ser de significativa importância para a identificação de certas "cicatrizes" que hoje o templo apresenta, mas também para perceber a dimensão do restauro. E, assim, se chegou a uma reconstituição histórica do edifício do templo, acompanhando a sua evolução desde o tempo em que

[22] Comunicação de Maria de Magalhães Ramalho, intitulada "Arqueologia da Arquitectura: documentação gráfica, como e para quê?", proferida no seminário "Métodos de Levantamento Fotogrametria e Varrimento Laser 3D", realizada no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, a 30 de Novembro de 2015.

funcionou como açougue, no século XV, até ao restauro em meados do século XIX; reconstituição esta que abriu caminho a novas interpretações. Por fim, o estudo histórico acabou por se estender igualmente aos edifícios em redor do templo: o Palácio da Inquisição e o Palácio Arquiepiscopal.

O Ensaio

Este capítulo inicia-se com a interpretação do templo romano, assente na análise prévia das evidências arqueológicas (da Parte I) e dos documentos da história (da Parte II). Com base no documento/desenho, que aqui se desenvolve, exploram-se hipóteses de reconstituição, recorrendo-se para isso à tratadística e aos modelos das províncias da Hispânia.

A interpretação da área sacra e secular do *forum* segue a estrutura já utilizada no capítulo do Reconhecimento (Parte I). Começa, portanto, começando pelo templo (pódio, coluna, entablamento) e zona envolvente, prosseguindo depois para a análise da praça e suas dependências. Em cada subcapítulo há um espaço onde se testam as proporções e se remata com o ensaio das hipóteses.

A interpretação é ainda complementada pela hipótese de implantação de uma possível basílica na zona da Sé e pela análise dos acessos ao *forum*.

Epílogo

O trabalho finaliza com um epílogo, onde se ensaia uma hipótese de traçado da cidade romana em período imperial e tardo-imperial. Apoiado no estudo do conjunto monumental, inclui também os registos dos conjuntos termal, habitacional e defensivo. Este fragmento de cidade sobre o traçado actual revela a importância de um estudo fundamentado e transdisciplinar sobre a história da arquitectura da cidade.

PARTE I

•

O RECONHECIMENTO

O DOCUMENTO PARA A COMPREENSÃO DO MONUMENTO

"O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento do campo da memória para o da ciência histórica."[23]

O documento, no seu conjunto, funciona como um produto de identificação e análise do vestígio arqueológico. Entendem-se, neste contexto, por documentos diversas fontes de informação:

- De natureza gráfica: o desenho de escavação e de laboratório, o levantamento topográfico e arquitectónico (se a estrutura se justificar), levantamento arquitectónico do edifício (se a estrutura estiver integrada numa construção posterior), a cartografia, as eventuais gravuras e desenhos à vista, as fotografias, etc., os materiais gráficos produzidos analogicamente ou com recurso a equipamentos tecnológicos;

- De natureza escrita: a informação compilada em relatórios de escavação, a bibliografia publicada sobre o monumento, desde documentos antigos, manuscritos, relatos de viagem, correspondência, artigos científicos, livros especializados, artigos de jornais revistas, etc.;

Neste capítulo abordaremos, como documento, o registo arqueológico de escavação, o levantamento arquitectónico da estrutura arqueológica e, se for o caso, do edifício contemporâneo onde a estrutura está inserida. Neste conjunto importa destacar a fotografia, pois constitui uma forma importante de registo. Este recurso possibilita, para além da documentação das estruturas e achados arqueológicos, o acompanhamento da escavação em directo; permite, também, registar achados que vão sendo encontrados no seu contexto e que, eventualmente, poderão ter de ser inevitavelmente retirados para posterior análise, catalogação, musealização, e permite igualmente um registo mais fiel do cromatismo e das texturas dos materiais e estruturas escavadas. Apesar das vantagens conhecidas da fotografia esta não substitui o desenho de análise.

Para a concretização deste 'documento' são, deste modo, utilizados os "levantamentos", mas este de natureza muito distinta. O levantamento em arqueologia tem "um objectivo bem determinado e com uma metodologia própria"[24], implica uma escavação, uma destruição das camadas, enquanto um levantamento em arquitectura não produz qualquer dano na estrutura.

Em contexto arqueológico, o registo, apesar de todas as condicionantes envolvidas na escavação, deverá ser o mais rigoroso possível, carregando na sua expressividade toda a carga histórica e factual, permitindo criar um documento elucidativo para ser interpretado. No desenho de escavação, deve ser clarificado, à partida, o que é objectivo (a utilização da instrumentação; adopção de simbologia) e o que poderá ser interpretativo (escolha dos elementos a representar e o subsequente 'esquecimento' de algumas partes na representação). O desenho acompanha a escavação, esta implica destruição; assim o desenho é o que fica nesse processo por vezes demasiado rápido para se conseguir registar

[23] Jacques Le Goff (1984, p. 104).

[24] Pedro Fialho de Sousa (1999, p. 152).

convenientemente. Deste modo, este desenho deve ser realizado tendo presente que de alguma forma será um 'substituto' válido, logo, devem ser considerados: os dados relativos à localização geográfica, as cotas de referenciação, as tramas atribuídas aos materiais, as anotações que deverão ser claramente explicitadas, para que não ocorram dificuldades na sua interpretação. O desenho posiciona-se, assim, entre a realidade e a memória visual, produz um conhecimento sobre o objecto e transmite informação. É o instrumento utilizado para delimitar o campo de estudo, é uma forma de 'apropriação' do vestígio e de o tornar acessível e possível de ser interpretado.

O desenho arqueológico como prática científica

"Todo o trabalho arqueológico visa a produção de conhecimento histórico, elemento essencial da cultura dos povos, e como tal, é desenvolvido em respeito pelas premissas e procedimentos da investigação científica."[25]

Seguindo o discurso de Lesley Adkins e Roy A. Adkins, o desenho arqueológico, considerado como disciplina científica, divide-se em dois grandes domínios, cada qual com a sua especificidade: o de materiais (desenho do espólio) e o de campo, que acompanha o trabalho de escavação. Sucintamente, pois não é este o campo de estudo desta investigação, o desenho arqueológico do espólio dedica-se aos achados, desde os artefactos, objectos de origem mineral, vegetal, animal, aos fragmentos cerâmicos, pétreos, argamassas, e outros materiais, ligados à construção e à escultura; trata-se de um desenho de observação e análise produzido em estúdio que segue uma normativa comummente praticada no campo da arqueologia. Este tipo de representação foi acompanhando as solicitações da ciência, no sentido de encontrar um maior rigor na datação, no conhecimento das tipologias e nas relações cronológicas e espaciais. Assim, o desenho foi-se especializando no registo de todas as vistas do objecto, no tratamento das texturas, na legendagem, na escala, nas linhas de corte e nos traços de ligação e continuidade[26]. Esta gramática de desenho começou a ser implementada na década de 70 do século XX, depois de um grande debate internacional sobre a necessidade de criar convenções e uma simbologia adequada e aceite pelos técnicos, tal como explica Luís Lima: "o Desenho na Arqueologia está sujeito a uma série de regras, normas ou convenções tendo em vista a comunicação. Com efeito, o propósito do desenho não pode ser dissociado da sua legibilidade, o que restringe inevitavelmente a liberdade do desenhador."[27]

Relativamente ao desenho de campo, este poderá considerar-se a narrativa desenhada da escavação, é o registo de uma campanha arqueológica, que se realiza, por (maioria das) vezes, com grandes dificuldades, com limitações de tempo e de acessos, com condições atmosféricas adversas, com conflitos de gestão das empreitadas, entre outros imprevistos. Logo, o que se espera ser um desenho de grande detalhe e fidelidade ao real acaba, por vezes, reduzido ao essencial possível. Ainda assim é um desenho, produzido *in situ,* de extrema importância, de observação, de análise da estrutura,

25 (Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, 2014, p. 5634).

26 Ver Manuel Lemos (2001/2002, p. 8).

27 Luís Carlos Fortunato Lima (2007, p. 64).

e de "suporte do discurso científico"[28]. Este deverá ser, se as condições o permitirem, programado para que a recolha de informação acompanhe a escavação, a escala e pormenorização deverão ser ajustadas à dimensão e importância dos vestígios a documentar, assim como o equipamento técnico de medição. Os autores do desenho de campo recorrem à planimetria, à estratigrafia e, por vezes, à axonometria. O método utilizado na escavação está intimamente ligado às técnicas de registo. O registo de campo permite identificar as estruturas e materiais encontrados no decurso de uma escavação, pois acompanha todo o processo de 'destruição', desde a cota de pavimento até ao fundo da vala. É composto por planos e perfis, que vão cartografando as etapas da escavação. Os desenhos funcionam assim como um diário gráfico do decorrer dos trabalhos. O registo de campo [IMAGEM 3] é, deste modo, o momento em que o vestígio se revela de uma forma muito objectiva, é um processo exigente de transcrição gráfica que, posteriormente, servirá para apoiar estudos de interpretação e de divulgação sobre a estrutura à vista e/ou escavada.

O desenho de escavação é posteriormente tratado; era outrora passado a tinta pelos métodos manuais, à semelhança do desenho de materiais. Actualmente é redesenhado através de um programa informático vectorial. Este tipo de desenho, pós-escavação, pode ser denominado por desenho de estúdio, gabinete ou de laboratório[29] [IMAGEM 4]. O uso destas ferramentas permitiu maior facilidade de reprodução, o alargamento da paleta de cores, uma maior variedade no tratamento das linhas, em termos de espessura e tipo, e um esforço de utilização de simbologia convencional. Apesar dos evidentes benefícios, o desenho perdeu alguma da sua expressividade, tornando-se demasiado factual e pouco interpretativo. O desenho de estirador continha já alguma dose de interpretação importante para a análise e compreensão do vestígio.

O desenho, em contexto arqueológico, deverá ser ajustado à técnica de escavação e aos planos e perfis disponíveis. O autor do desenho deverá equacionar a importância de cada vestígio e a sua representação, tal como refere José Luís Madeira quando menciona que o traço deve ser usado "de forma criteriosa e esclarecedora"[30]. Assim, cada caso solicita um tipo de registo diferente e, de acordo com a natureza do achado, dever-se-á equacionar todas as possibilidades para obter o melhor resultado. Antes da escolha do método é necessário pensar na finalidade do levantamento. Há que ter em conta, apesar do avanço tecnológico, que o desenho à mão continuará a ser imprescindível; assim, os novos recursos não pretendem substituir os tradicionais devem sim compatibilizar-se.

O registo de uma estrutura arqueológica é uma operação de grande complexidade e deverá ser conduzida por técnicos especializados e, também, se a natureza e dimensão da estrutura se justificar, por tecnologias de levantamento e representação virtual, como a fotogrametria.

[28] José Luís Madeira (2013, p. 65).

[29] Este termo "desenho de laboratório" tenta integrar as novas tecnologias aplicadas ao desenho vectorial que outrora se fazia à mão sobre o estirador. O chamado "desenho de estúdio" ou "gabinete", assim apelidado por Lesley Adkins e Roy A. Adkins e apropriado pelos autores portugueses, para contrapor ao desenho de campo, tem alguma antiguidade que não se adequa às novas tecnologias de levantamento; assim, dada a evolução dos métodos de registo, optou-se por usar o termo "laboratório".

[30] José Luís Madeira (2013, p. 71).

Actualmente, existem vários métodos de prospecção da estrutura que complementam o registo da arqueologia, como são exemplo os sistemas de teledetecção [IMAGEM 5] (fotografia aérea, fotogrametria digital, varrimento laser tridimensional). Estes recursos, em contexto arqueológico, são normalmente utilizados para situações relativamente consolidadas, em recintos arqueológicos escavados ou para registar uma estrutura relevante. A fotogrametria digital é um registo de grande precisão e detalhe, fundamental para o reconhecimento e interpretação da ruína e para uma eventual intervenção arquitectónica[31]. A sua grande vantagem reside no reduzido tempo de recolha de dados, é um método não evasivo, pois não envolve contacto directo com o objecto[32]. Trata-se de um método que permite obter um modelo virtual de uma superfície fotografada a partir de múltiplos pontos comuns entre várias fotografias.

Ainda que não seja esse o objectivo deste estudo, é importante conhecer e acompanhar o processo de reconhecimento das novas técnicas de levantamento arquitectónico tridimensional: cartografia e fotogrametria digital, ortofoto de precisão, entre outros, bem como os programas de processamento de dados e de construção de modelos. Assim, no âmbito desta investigação, foi dada a oportunidade de conhecer o trabalho do Laboratório de Fotogrametria Arquitectonica[33] da *Escuela Técnica Superior de Arquitectura* (ETSAV) da *Universidad de Valladolid*. Nesse laboratório foi possível observar os processos dos diferentes métodos de levantamento, para além de experimentar os equipamentos que são utilizados no campo. Verificou-se também como estas tecnologias de registo estão em constante actualização e são utilizadas no auxílio da própria investigação. Relativamente à utilização destas ferramentas em sítios arqueológicos, de referir o levantamento do Teatro romano de *Clunia*[34], em Burgos, realizado por Varrimento Laser 3D, que produziu um modelo fundamental para a investigação e interpretação do edifício e posterior projecto de conservação, restauro e reabilitação.

Lugares como *Clunia* são exemplos inovadores da aplicação das novas metodologias de estudo e valorização. Neste sítio arqueológico existe uma larga equipa pluridisciplinar que se dedica a registar todos os vestígios arqueológicos descobertos até à data, com as melhores ferramentas de análise potenciadas pelos avanços tecnológicos. As estruturas romanas foram analisadas e interpretadas transformando-se em formas construídas, à luz dos novos processos de representação, para serem posteriormente intervencionadas de forma consciente.

31 O autor Luís Mateus tem uma vasta experiência na utilização destas ferramentas de registo aplicadas aos projectos de conservação, restauro e reabilitação (Luís Mateus, 2012).

32 Lesley Adkins e Roy A. Adkins (2009, p. 82).

33 Este laboratório (LAF-DAVAP), em conjunto com o grupo Documentación, Análisis y Visualización Avanzada del Patrimonio, também da Universidad de Valladolid, e integrado no Grupo de Investigación reconocido MoBiVAP (Modelización, Biomecánica y Visualización Avanzada), possui um vasto equipamento de dispositivos laser (este grupo de investigação recebe fundos da União Europeia, da Junta de Castilla y León, e da Universidad de Valladolid). O laboratório encontra-se sediado na Escuela Técnica Superior de Arquitectura (ETSAV) e é coordenado pelos Professores Doutores Arquitectos Jesús San José Alonso e Juan José Fernández Martín, e por Javier Finat Codes, doutorado em matemática e professor de Geometria Computacional da Universidad de Valladolid. Agradece-se toda a disponibilidade e afável recepção da equipa.

34 Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría (2016).

O registo arqueológico, realizado a partir de vários métodos, é então um instrumento que serve de base para aqueles que, a diversos níveis, estudam e intervêm em contexto arqueológico. No entanto, é importante realçar que há uma variabilidade de factores que interferem e influenciam as escolhas e o resultado do desenho de escavação, entre outros, o tamanho da sondagem, a sua profundidade, os obstáculos à sua acessibilidade e inteligibilidade, quer para o desenho quer para a cotagem, as adversidades das condições climáticas, e, sobretudo, o tempo e os recursos disponíveis. Por demasiadas vezes a escavação debate-se com outras condicionantes alheias aos seus trabalhos, que dificultam os trabalhos arqueológicos.

Os actores[35] deste desenho são geralmente os arqueólogos e técnicos de arqueologia, os topógrafos, os desenhadores com formação nesta área, mas também os arquitectos e os profissionais com experiência nos novos métodos de levantamento.

Nos dias de hoje a documentação gráfica é, tal como refere a Carta de Cracóvia, uma condição obrigatória para qualquer escavação[36]. A legislação em Portugal tem evoluído de forma a regulamentar os documentos que devem constituir um relatório de escavação. O Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de Novembro, que aprova o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, vem colmatar e actualizar o antigo regulamento de 1999 e alterado em 2000: "A experiência adquirida com a anterior regulamentação permitiu compreender a necessidade de uma maior exigência da tutela sobre a gestão da atividade arqueológica, dos padrões de qualidade dos registos e da interpretação e divulgação dos resultados da intervenção."[37] Este novo Regulamento surge com o incremento actual dos trabalhos arqueológicos que solicitam outro tipo de resposta[38]; estabelece um conjunto de normativas que se referem à realização de trabalhos arqueológicos e à sua documentação. Relativamente aos relatórios de escavação estabelece três estados de desenvolvimento: Relatório Preliminar, de Progresso e Final (artigo 14.º), para além de sistematizar de forma mais exigente e rigorosa o conteúdo dos mesmos, sobretudo no que se refere à parte gráfica. Num relatório final são exigidos os excertos das cartas militares e os ortofotomapas ou imagem de satélite. O decreto também descreve, para cada tipo de relatório, na alínea da documentação gráfica[39], o que cada peça desenhada deve representar, assim como as fotografias, que devem documentar todo o processo de escavação, e também o espólio.

35 Em Espanha existe uma associação, a ADARQ. *Asociación Nacional de Dibujantes e Ilustradores de Arqueología*, criada em 2015, que integra arqueólogos e profissionais do campo da representação gráfica do património arquitectónico e arqueológico.

36 "Cada escavação deve ser acompanhada de documentação completa sobre os trabalhos arqueológicos." (Carta de Cracóvia. Princípios para a conservação e o restauro de Património construído, 2000).

37 (Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, 2014, p. 5634).

38 "O aumento exponencial da informação gerada pela atividade arqueológica impõe a necessidade de procedimentos mais avançados de gestão desse manancial de dados, através da adequada utilização dos suportes digitais e da salvaguarda e valorização do Arquivo da Arqueologia Portuguesa, que integra os fundos documentais das instituições públicas com competência sobre a gestão do património arqueológico." (Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, 2014, p. 5634).

39 Segundo o artigo 15.º relativo ao 'Conteúdo dos relatórios', o relatório final deverá conter as seguintes peças desenhadas:
- Planta geral do sítio, georreferenciada e com altimetria, com indicação das áreas intervencionadas e implantação das estruturas e contextos identificados;
- Localização das áreas objeto de intervenção sobre planta do projeto, em trabalhos de Categoria C e quando aplicável;
- Plantas, planos, perfis, secções e alçados de pormenor dos contextos e estruturas intervencionadas de acordo com a especificidade dos contextos intervencionados, georreferenciados e com altimetria.

Estas normativas permitem tornar os relatórios ferramentas de trabalho mais operativas, rigorosas e de fácil consulta.

A introdução da tecnologia nos processos de registo contribuiu para um maior conhecimento do objecto, "acrescenta valor ao sector patrimonial, transforma-o numa fonte reutilizável de conhecimento, promove a sua rápida e ampla difusão."[40] Prova disso foi a criação do Portal do Arqueólogo, em 2012, que contribuiu bastante para uma divulgação dos dados sobre os trabalhos arqueológicos em Portugal continental.

Esta breve resenha sobre o registo arqueológico serve para orientar este estudo relativamente às dificuldades de interpretação que um desenho de escavação acarreta. Em arquitectura privilegia-se o desenho à vista, de observação e análise, este executado sem condicionantes de natureza maior. O acto de desenhar à vista, no lugar, permite um olhar mais debruçado sobre a estrutura e/ou objecto, esta proximidade permite perceber melhor o que se está a representar; trata-se de um desenho que é, na sua génese, totalmente descritivo e que obedece a uma metodologia própria. Nesse documento desenhado há espaço para a expressão do seu autor e é nesse aspecto que este registo se destaca da fotografia, pois, apesar de ser um desenho à vista de reprodução da estrutura exposta, possibilita ao autor uma variedade de desígnios e escolhas que enriquecem o desenho e facilitam a sua interpretação.

O reconhecimento passa, assim, pela recolha dos dados de escavação (escritos e desenhados) mas também sempre que for possível pela "observação dos sinais aparentes, dos vestígios ou marcas físicas visíveis, que nos informem, de imediato ou *a posteriori*, sobre metodologia construtiva, alterações da forma ou da geometria de pormenor, etc."[41]

Foram deste modo estudadas as estruturas visíveis como o templo [DESENHO I.07-08], o *laconicum* [DESENHO II.01] e a muralha [DESENHO IV.01-02], não só pela observação *in situ* mas sobretudo a partir de desenhos à vista realizados no lugar, bem como dos fragmentos arquitectónicos espalhados por vários locais. Este reconhecimento permitiu perceber, por exemplo, que as bases expostas no Museu de Évora, não se trata de bases, mas sim de capitéis toscanos, na mesma forma as cornijas também estavam expostas ao contrário e foi no processo de desenho que se percebeu que esta não era a composição clássica[42].

Pretende-se perceber como é que o registo arqueológico pode de alguma forma interligar-se com um registo mais associado à arquitectura e como os dois podem trabalhar para uma possível reconstituição.

Para incrementar este 'documento' serão ainda integrados os levantamentos arquitectónicos do templo de Évora e também o levantamento dos edifícios da cidade (plantas, cortes e alçados) que contenham vestígios arqueológicos.

40 Filipa Neto (2015, p. 59).

41 Pedro Fialho de Sousa (1999, p. 149-150).

42 Ver Apêndice I "A montagem dos fragmentos arquitectónicos" onde foi realizado um estudo detalhado de cada fragmento.

As referências

"Base para todos los trabajos que tiene que efectuar el arquitecto sea en el estudio de un edificio antiguo como en las excavaciones, es una rigurosa documentación mediante el levantamiento de planos y alzados."[43]

As publicações relativas ao desenho arqueológico são escassas em Portugal, existe um manual de "*Introdução ao Desenho Arqueológico*" de Fernanda Sousa, de 1999, que se fundamenta, em grande parte, no livro basilar de Lesley Adkins e Roy A. Adkins, *"Archaeological Illustration*", de 1989. Em 2001, Manuel Lemos publica um breve artigo sobre a "*Historiografia do Desenho Arqueológico enquanto técnica aplicada à Arqueologia*", onde faz um enquadramento histórico sobre este desenho e descreve a sua metodologia apoiando-se no livro de Fernanda Sousa. No ano seguinte, José Luís Madeira edita o seu livro "*O Desenho na Arqueologia*", uma publicação que funciona como um guião sobre as técnicas e métodos de representação associados a este desenho. O trabalho reconhecido deste autor é um bom contributo "para a elaboração de uma linguagem técnica específica dos conhecimentos básicos que presidem à realização do trabalho de campo e à elaboração do desenho técnico final no âmbito da arqueologia, bem como das normas fundamentais de apresentação gráfica que o assistem, na procura de um código de leitura e de um corpo de conceitos amplamente aceites no domínio da investigação arqueológica."[44] No campo das artes plásticas, importa destacar a tese de Guida Casella, *The Picturesque in Portuguese Archaeological/Historical Landscape Illustrations*[45]*,* realizada no âmbito do mestrado em "*Arts Archaeological Illustration*", na *Swindon College of Art*, *University of Bath*, e a dissertação de Luís Fortunato Lima, intitulada "*O Desenho como substituto do objecto. Descrição Científica nas Imagens do Desenho de Materiais Arqueológicos*"[46], onde a primeira parte é dedicada às origens do desenho arqueológico dos achados e à sua cientificidade.

As experiências de desenho arqueológico que mais se destacaram em Portugal começaram em *Conimbriga*, com o Programa da Missão Luso-Francesa (1964-1971), com o apoio do C.N.R.S. de Pau[47], que identificou e escavou o centro monumental da cidade romana, partes do aqueduto e do *Castelum* (Alcabideque). Este programa, pioneiro e exemplar, tanto a nível nacional como internacional, resultou do trabalho transdisciplinar de uma equipa, que integrava historiadores, arqueólogos, arquitectos, desenhadores e topógrafos, da qual faziam parte especialistas como Robert Étienne, Jorge de Alarcão e também Jean-Claude Golvin, Joseph Schreyeck e Raymond Monturet; para além da equipa luso-francesa participaram técnicos do Museu Monográfico que receberam formação especializada adequada à metodologia de escavação e de registo praticada.

O resultado deste trabalho foi publicado, em sete volumes, as *Fouilles de Conimbriga*[48], que reúnem toda a informação desta grande campanha de escavação e do espólio resultante. Para além dos

43 Theodor Hauschild (1981a, p. 150).

44 José Luís Madeira (2013, p. 10).

45 Guida Casella (2005).

46 Luís Carlos Fortunato Lima (2007).

47 O C.N.R.S. de Pau, *Centre National de la Recherche Scientifique,* é um organismo público de investigação de carácter científico e tecnológico, tutelado pelo Ministério do Ensino Superior e de Pesquisa Francês.

48 Jorge de Alarcão, Robert Etienne, Jean-Claude Golvin, Joseph Schreyeck e Raymond Monturet (1977). Esta publicação "fez escola" e foi referência, sobretudo em Portugal e Espanha, como, por exemplo, em Braga, Mérida ou Clunia.

desenhos de registo foram também realizados desenhos de interpretação dos processos de transformação no centro monumental da cidade, do seu traçado viário e dos seus edifícios. Considera-se este exemplo paradigmático, deste modo, é importante fazer um reconhecimento da linguagem gráfica explorada nesta investigação, para estabelecer uma gramática do desenho que poderá eventualmente ser aplicada ao caso de estudo, o conjunto monumental de Évora.

Nas *Fouilles de Conimbriga* os desenhos de laboratório das estruturas foram realizados a tinta-da-china pelas mãos de Raymond Monturet, Joseph Schreyeck e Jean-Claude Golvin. Os desenhos de Jean-Claude Golvin são, até hoje, uma referência em todas as publicações sobre *Conimbriga*. Golvin desenha de forma exemplar quatro axonometrias, em perspectiva, do *forum* (augustano e flaviano) e das Termas (augustanas e trajanas). As axonometrias do *forum* [Planche XI e XII] estão semi-seccionadas, de forma a perceber os interiores, mas também as fachadas e coberturas, profusamente desenhadas; desenham um possível alçado/corte transversal do *forum*, à escala 1/100, com as sombras, para criar profundidade entre planos e indica (a vermelho) o módulo arquitectónico romano, de 20 pés; realiza também um trabalho de referência de integração dos fragmentos encontrados nos perfis do *forum* augustano e trajano [IMAGEM 6].

De acrescentar as escavações realizadas na *villa* em São Cucufate, coordenadas por Jorge de Alarcão, Robert Étienne e F. Mayet. Foi produzido um exaustivo relatório deste trabalho que se assemelha bastante ao de *Conimbriga*. As plantas, cortes e alçados das estruturas foram realizados, na sua maioria, por Gérard Charpentier, Jean-Louis Paillet e Claude Ney, os desenhos dos artefactos pré-históricos são da autoria de V. Gonçalves, as cerâmicas por Mayet e os vidros por Nolen. Os rigorosos desenhos pedra a pedra das estruturas foram elaborados por M. Boitard e P. Sillières e os desenhos de reconstituição à mão levantada de R. Bourquin.

Relativamente à interpretação de uma estrutura urbana, por uma equipa pluridisciplinar, importa referir outros exemplos, realizados em contexto académico. Em 2006 a cidade de *Conimbriga* foi redesenhada segundo quatro períodos cronológicos significativos. O resultado desse trabalho, fruto da colaboração de um arqueólogo e de um arquitecto, foi publicado em 2008.[49] Nesse mesmo ano realizou-se o Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Este seminário[50] potenciou o conhecimento e o debate entre arquitectos e arqueólogos com experiência comprovada na investigação e interpretação de estruturas e conjuntos arqueológicos. Também em 2008, o arqueólogo Jorge de Alarcão publica o livro "*Coimbra. A montagem do cenário urbano*"[51]. Este livro consegue reconstituir, por meio da escrita e do desenho, o lugar da cidade de Coimbra desde a época Romana até ao reinado de D. Afonso III. De salientar a referência do autor à importância dos desenhos que "por vezes, explicam, com mais clareza do que a escrita, o que imaginámos ou reconstituímos."[52] No ano seguinte, conclui-se a tese de doutoramento em

49 Ver Virgílio Hipólito Correia e Pedro Alarcão (2008).

50 As actas deste seminário foram publicadas em 2011 (*Actas do Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia*, 2011).

51 Ver Jorge de Alarcão (2008), com desenhos de José Luís Madeira e de Mariana Carvalho.

52 Jorge de Alarcão (2008, p. 7).

Arquitectura de Pedro Alarcão, intitulada *Construir na Ruína. A propósito da cidade romanizada de Conimbriga*[53], investigação que, entre outras temáticas tratadas, aborda a questão do desenho como instrumento de análise para a interpretação da ruína. Em 2015 é publicado o livro *Tongobriga, reflexões sobre o seu desenho*[54], realizado a partir da tese de Dissertação de Mestrado em Arquitectura de Charles Rocha[55]. E, mais recentemente, o notável estudo de reconhecimento, documentação, registo e interpretação dos mais importantes edifícios termais da Lusitânia, pela arqueóloga Pilar Reis[56], não só à escala do monumento como também relativos ao contexto urbano onde estão integrados.

No contexto deste estudo destaca-se também outro trabalho de natureza pluridisciplinar sobre a cidade romana de Évora. Em 2008, o arqueólogo Luís Jorge Gonçalves e a artista plástica Rita Castro publicam um artigo na revista *Praxis Archaeologica*, sobre a "*Ilustração em Arqueologia: um apoio à Museologia"*[57]*,* e apresentam um trabalho de reconstituição da cidade romana de Évora. Este artigo advém de um projecto de investigação promovido pela Câmara Municipal de Évora e Faculdade de Belas-Artes, com a coordenação científica de Luís Jorge Gonçalves, Manuel Calado e Manuela Oliveira. O resultado deste trabalho de investigação esteve exposto no Centro interpretativo *Megalithica Ebora*, sediado no Convento dos Remédios, em Évora (de 2007 a 2016). O núcleo expositivo abarcava dois importantes períodos da história da formação do território e da cidade, nomeadamente o período megalítico e o período romano. Sobre a cidade romana *Ebora Liberalitas Iulia* os conteúdos discorriam-se sobre os edifícios públicos conhecidos desde o *forum* e as termas, com um apontamento sobre a possível localização do teatro e do anfiteatro; e sobre a *domus*, cujos vestígios se encontram na Casa de Burgos, sede da Direcção Regional da Cultura do Alentejo (DRCAlentejo). Os materiais expositivos eram de várias naturezas, desde os registos desenhados, plantas e reconstituições desenhadas à mão[58] da cidade em dois períodos (séculos I-II d.C. e III-V d.C.) e do *laconicum*; reconstituições virtuais do *forum* e da *domus*, duas maquetas, uma do território e outra do templo com o tanque (escala 1/50), e dois achados arqueológicos em mármore: um fragmento de cornija que integrava a decoração do *laconicum* e um fragmento de uma estátua, representando uma mão esquerda, em tamanho natural, segurando uma caixa redonda (acerra ou *pyxis*).

Relativamente à topografia e traçado da cidade romana foram igualmente executadas algumas tentativas de representação, em planta, que importa salientar. Em 1991, foi realizada, por Maria Simplício, uma reconstituição das curvas de nível do "relevo em que a cidade se instalou e desenvolveu"[59], mas de um modo ainda muito sumário e quase diagramático. Theodor Hauschild realiza uma hipótese de restituição da cidade com topografia e com alguns apontamentos do traçado

53 Pedro Alarcão (2009).
54 Charles Rocha, Lino Tavares Dias e Pedro Alarcão (2015).
55 Ver Charles Rocha (2011).
56 Maria Pilar Reis (2015).
57 Luís Jorge Gonçalves e Rita Castro (2008).
58 Os desenhos de ilustração expostos foram realizados por alunos da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
59 Maria Domingas Simplício (1991).

viário, num artigo científico, em 2010[60]. Esta interpretação da cidade será igualmente apresentada no relatório final sobre as escavações em redor do templo[61].

Um trabalho de outra natureza tem vindo a ser desenvolvido pelo Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura, da Câmara Municipal de Évora (DCHPC)[62], que, em 2009, criou um projecto de investigação que visa compendiar dados históricos, de natureza documental e arqueológica, procurando sistematizá-los em cartografia georreferenciada.

Estes testemunhos são relevantes pela importância que é dada ao registo arqueológico rigoroso na interpretação não só de cada estrutura, mas também do traçado urbano. Além disso reflectem a necessidade de uma equipa que trabalhe a transdisciplinaridade.

Évora como laboratório

No processo de recolha dos registos da cidade foram consultados os relatórios de escavação disponíveis no Arquivo de Arqueologia Portuguesa[63], sediado na Direcção Geral de Património Cultural (DGPC), em Lisboa, no Centro de Documentação da Direcção Regional da Cultura do Alentejo (DRCAlentejo) [DESENHO .01 – N.º 26], no Núcleo de Documentação da Câmara Municipal de Évora (CME), [DESENHO .01 – N.º 14], no Arquivo da Fundação Eugénio de Almeida [DESENHO .01 – N.º 7] e no Departamento de Arqueologia do Convento dos Remédios (CME). Os registos mais antigos foram realizados por várias entidades públicas, entre as quais, o Instituto Arqueológico Alemão (IAA), o Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora, o antigo Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e a CME; os mais recentes são da responsabilidade das empresas de arqueologia: *Archeoestudos, Arkeo Habilis*, *Arkhaios*, *Arpa*, *Crivarque*, *Era*, *Hipocausto*, *Ibera Archae*, *Ocrimia*, *Omniknos*, *Ozecarus*, *Palimpsesto*.

Muito raramente houve acesso aos desenhos originais; assim as reproduções dos desenhos publicados nos relatórios são, na maioria, reproduções a preto e branco e de fraca qualidade[64]. É também recorrente, em muitos relatórios, não existir a parte gráfica, ou porque nunca foi entregue ou porque está dada como desaparecida[65]. Sobre os desenhos houve, afortunadamente, algumas

60 Theodor Hauschild (2010, p. 34).

61 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 250).

62 Para mais informações consultar o site: http://www.cm-evora.pt/pt/conteudos/areas+tematicas/centro+historico/Evolução+Urbana+do+Centro+Histórico+de+Évora.htm

63 Ver 'Inventário dos Relatórios de Escavação', Apêndice II.

64 Isto acontece sobretudo nos desenhos realizados a lápis de cor, pois perdem bastante informação quando são fotocopiados. As reproduções dos desenhos, realizados a lápis grafite, já são um pouco mais definidas.

65 Os desenhos do Relatório "Informação preliminar acerca de uma intervenção arqueológica. Rua Miguel Bombarda, 36 INE", de Rui Parreira, desenhos de Lélia Guerreiro, Outubro de 1990, estão dados como desaparecidos; os desenhos do "Relatório Final. Acompanhamento arqueológico (Agosto e Setembro 2003) Praça de Sertório", de Ana Teresa Medeiros de Almeida e desenhos de Lotte Plag, não estão disponíveis no dossier; os desenhos e fotografias do "Relatório da Intervenção Arqueológica da Rua de Olivença/Praça do Sertório em Évora", de Jorge Oliveira e Carmen Ballesteros, não estão disponíveis pois não foram entregues; os desenhos do "Relatório preliminar de acompanhamento de obra e intervenção arqueológica na praça do Giraldo e Rua João de Deus em Évora", de Jorge Oliveira, Carmen Ballesteros e João Parreira, 2001, também não estão disponíveis, apesar de todas as diligências para os encontrar; os desenhos e as fotografias

excepções tal como aconteceu no arquivo do Centro Interpretativo do Convento dos Remédios, sob a responsabilidade do arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos[66], aqui foram consultados os desenhos originais de escavação em arquivo. Os desenhos de escavação originais das termas estão todos reunidos em pastas, trata-se de desenhos em papel milimétrico, em formato A3, a lápis de cor, realizados por Fátima Dias Pereira (1998), António Bairinhas (1999), alguns de Lígia Justino (2000) e, na sua maioria, de Conceição Roque (2000); estão também guardados os desenhos tintados, em grandes formatos do *Laconicum*, planta realizada pela Artop, de 1993, o perfil Oeste e o alçado Oeste, que infelizmente não estão assinados; estão também os desenhos de escavação originais dos cortes 29A, 29D e 29G [IMAGEM 7, 8], relativamente às sondagens em redor do Templo de 1996, de Marisa Nata.

Igualmente na Casa de Burgos (DRCAlentejo) com a inestimável ajuda do Dr. Rafael Alfenim, foram consultados os desenhos originais, no arquivo do Centro de Documentação; aqui estão guardados os desenhos de laboratório tintados, em papel vegetal de grandes formatos: planta e perfil das sondagens da Rua da Alcárcova de Cima. Está também depositada, em seis capas A3, toda a documentação das campanhas de escavação da Casa de Burgos; contêm os desenhos de escavação originais, da primeira campanha de 1984-85, a lápis, sobre papel milimétrico azul, [IMAGEM 9]; estes são, na sua maioria, da autoria de Ivone Beirão; tem também a fotocópia dos desenhos tintados correspondentes [IMAGEM 10]; segunda grande campanha de 1989-1993, está registada segundo uma centena de desenhos de escavação a lápis de cor sobre papel milimétrico, executados na sua grande maioria por Fátima Dias Pereira (1989-1993) e por Ana Gonçalves (1989-1991), com colaborações pontuais de Ivone Beirão (1990), Carolina Páscoa (1989-1999), Marisa Nata (1989-1990), Cristina Lopes (1989) e Lélia Guerreiro (1989). Apesar da enorme documentação existente, nestes arquivos, nunca foi realizado o relatório final destas sondagens sendo assim muito difícil de conseguir uma interpretação dos dados de escavação. Os restantes desenhos consultados na DRCAlentejo publicados nos relatórios de escavação da cidade, são reproduções, na maioria, de fraca qualidade.

Todos estes registos consultados, foram digitalizados, com as devidas autorizações dos autores. A partir das fontes arqueológicas retiradas dos relatórios de escavação foi realizado um trabalho de redesenho sobre os desenhos de campo. Neste processo de interpretação dos desenhos, apresentados nos relatórios, levantaram-se muitos problemas relativamente à articulação de sistemas de referenciação, de representação, de nomenclatura, etc. Os registos reunidos continham linguagens bastantes distintas. Esta variedade de registos motivou a criação de uma gramática comum que abarcasse todos os registos recolhidos [DESENHO .03].

Este capítulo procura assim sistematizar a informação recolhida dos relatórios de escavação, tentando um desenho uniforme que esclareça diferenças de sistemas de referenciação, de linguagens, de escalas, etc., no sentido de produzir uma base de trabalho para possíveis interpretações.

do relatório "Realização de Sondagens Arqueológicas. Termas Romanas de Évora. Relatório do trabalho desenvolvido", de Elena Móran, Ana Gonçalves e Felix Teichner, de 1998, não se encontravam no dossier.

66 Nunca será demais agradecer toda a amável disponibilidade do Arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos que, desde o primeiro momento, abriu as portas do seu arquivo num gesto de grande generosidade e confiança.

A partir destes registos foi realizado um exercício de subtracção, na tentativa de evidenciar os períodos cronológicos possíveis (desde o islâmico, medieval e moderno), distinguindo o vestígio romano. A recolha destes dados produziu uma série de desenhos de registo das estruturas arqueológicas escavadas. Este trabalho de desenho é apenas apresentado pois não foi alvo de interpretação neste estudo.

Relativamente às ruínas da zona monumental de Évora foram considerados como fonte de informação, para além dos desenhos arqueológicos das sondagens, os levantamentos arquitectónicos do Templo realizados nos últimos 50 anos, com recurso a instrumentos de topografia e, mais recentemente, com um scâner laser 3D[67]. O primeiro levantamento conhecido do século XX foi realizado pela Brigada de Estudos Franceses: "*Le Temple D'Evora*"[68] e consiste numa planta, alçado posterior, corte longitudinal (cotados) [IMAGEM 11, 12]. O último modelo fotogramétrico, realizado em 2011, foi a base para o levantamento arquitectónico do templo [IMAGEM 5]. Uma estrutura em ruína que exigia um levantamento rigoroso pedra-a-pedra. Estes desenhos lineares [DESENHO I.02, 03, 04, 05, 06, 10, 11, 12, 13, 14, 15] permitem agora uma análise arquitectónica mais cuidada e atenta sobre os vestígios, desde as fundações, o pódio, a coluna ao entablamento.

Deste modo, o templo é a estrutura com mais informação. As restantes estruturas, localizadas no centro monumental, foram exumadas e enterradas; assim o registo arqueológico é a única fonte para a reconstituição. O recinto relativo ao *forum* foi escavado continuamente pelo Instituto Arqueológico Alemão, durante uma década (de 1986 a 1996), seguiram-se depois sucessivas escavações no 'Museu de Évora' (S12424), pela empresa *Arkaios* (de 1996 a 1998), seguidas pela empresa *Era* (2007-2008) que também revelaram estruturas importantes para o traçado do recinto; algumas delas foram integradas no projecto de musealização e estão hoje visíveis.

Relativamente às fontes de informação foram consultados os processos, existentes no Arquivo Nacional de Arqueologia, da Direcção Geral de Património Cultural (DGPC), relativos ao 'Templo Romano de Évora' (CNS00156)[69], ao 'Museu de Évora' (CNS12424), ao 'Palácio da Inquisição' [2011/1(131)] e 'Centro de Conferências Vasco Vilalva' (CNS16152), à 'Pousada dos Lóios' (CNS12559), à Sé de Évora (CNS16225), ao 'Jardim de Diana' (CNS29575), à 'Travessa das Casas Pintadas' [2003/1(652)], ao 'Jardim das Casas Pintadas' (2007/1(487)], ao 'Largo D. Miguel de Portugal/Largo Marquês de Marialva' (CNS11120 e CNS21327), ao 'Largo dos Condes de Vila Flor' (S17761), e também os processos relativos às 'Infra-estruturas da Cidade de Évora' [2000/1(598)] e à 'Remodelação do sistema de deposição e recolha dos resíduos sólidos do CHE' (S21328). Também de referir o "Relatório de Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Praça do Sertório/Rua Vasco da Gama" da autoria do arqueólogo Miguel Correia, onde foram encontrados importantes

67 Ver 'Inventário dos Levantamentos', Apêndice III.

68 Em 1972, fora realizada pelo Instituto Português do Património Cultural (IPPC) uma prospeção à equipa do Programa da Missão Luso-Francesa, que estava naquele momento a trabalhar em *Conimbriga*. Desse contacto foi realizado um levantamento planimétrico do Templo composto por uma rigorosa planta de cobertura, um corte longitudinal e o alçado norte. No entanto, esta foi uma acção isolada que não teve continuidade.

69 A sigla CNS refere-se a 'Código Nacional de Sítio", nomenclatura atribuída pelo inventário do Arquivo Nacional de Arqueologia, sediado na Direcção Geral de Património Cultural (DGPC), em Lisboa.

vestígios para a compreensão do traçado da cidade romana, que serão abortados no final deste capítulo, assim como outros achados dispersos.

Neste sentido, recorreu-se ao levantamento aerofotogramétrico[70], à escala 1/1000, e foi realizada uma operação de edição e limpeza desse levantamento. Sobre este levantamento da cidade foram assinaladas as escavações documentadas nos relatórios existentes no Arquivo de Arqueologia (DGPC), [DESENHO .02]. As valas de escavação foram localizadas no desenho a traço-ponto e cada lugar foi identificado com o Código Nacional de Sítio (CNS) correspondente à nomenclatura utilizada no arquivo. Este desenho permite cartografar as escavações já realizadas na cidade sobretudo em espaço público. Verifica-se que a zona em redor do templo apresenta uma grande actividade arqueológica, assim como a zona da muralha sobre a Casa de Burgos.

Para um maior rigor de integração das sondagens no desenho, realizou-se um trabalho de registo dos pisos térreos, e eventuais caves, dos edifícios da zona monumental, que depois se estendeu a outros edifícios onde tenha havido uma escavação com resultados significativos. Para além da planta foram também desenhados os perfis da zona monumental com recurso aos alçados e cortes dos edifícios envolventes. Para este processo de desenho recorreu-se ao arquivo de desenho da DRCAlentejo[71], para os desenhos de levantamento arquitectónico do Museu e da Biblioteca Pública e da Sé. Os restantes edifícios, o levantamento arquitectónico da Pousada e Igreja dos Lóios e o Palácio de Cadaval, foram retirados do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).

Depois desta base de trabalho concluída foram então integrados os registos dos relatórios de escavação relativos às estruturas arqueológicas encontradas. As sondagens foram desenhadas sobre a planta [DESENHO .03] e os perfis [DESENHO .04] da cidade existente. A planta geral dos vestígios, sobreposta à planta actual, reconhece possíveis coincidências de traçado relativamente aos edifícios existentes e os perfis, com os cortes dos vestígios arqueológicos, mostram a sua implantação na colina. Todos estes dados contribuem para a interpretação dos vestígios.

Os registos foram organizados em quatro grandes conjuntos: monumental, termal, habitacional e defensivo. Para todos estes conjuntos foram produzidos os desenhos de registo do existente e de levantamento da estrutura arqueológica. Para o conjunto termal e habitacional foram desenvolvidos breves ensaios de reconstituição. Neste estudo será desenvolvido, em maior detalhe, o conjunto monumental, compreendido pelo *forum* e zona envolvente.

70 Levantamento aerofotogramétrico disponibilizado pelo Departamento de Ordenamento de Gestão do Território da Câmara Municipal de Évora (DOGT-CME), em Abril de 2015.

71 Este trabalho só foi possível graças à generosa ajuda dos técnicos da Direcção Regional da Cultura do Alentejo (DRCAlentejo), em Évora, que cederam, com o consentimento dos autores, os levantamentos dos edifícios, que estavam disponíveis no Arquivo, que hoje integram o conjunto monumental (Biblioteca, Museu e Sé).

CONJUNTO MONUMENTAL

Forum Romano

"Com maior ou menor riqueza, recorrendo a materiais locais ou importados, os monumentos públicos das cidades lusitanas respondiam bem aos modelos que os gostos estéticos e o ambiente político do centro do poder inspiravam."[72]

A partir da primeira época imperial, o *Forum* de *Augusti*, Roma, era visto como a referência do edifício unitário[73], de exaltação de poder que será replicada pelas províncias ocidentais do império. O *forum* assumia assim papel ideológico e propagandístico. Um projecto arquitectónico em que a praça assume um papel fundamental, esta concebida como um centro de representação, fechada sobre si própria como um "complexo arquitectónico unitário"[74].

O *forum* era geralmente implantado no centro geográfico e maior altitude da cidade; este elemento dominava a paisagem urbana. Tratava-se de um lugar-comum de utilidade pública, um equipamento projectado como espaço representativo e de uso colectivo. Este núcleo era o centro da vida religiosa, administrativa, jurídica e comercial estando a zona sagrada implantada a uma cota superior dominada pelo templo e os restantes serviços periféricos à praça porticada.

As cidades lusitanas procuravam que o seu centro monumental correspondesse ao modelo do *forum*, o "monumento simbólico por excelência da ordem romana"[75]. A escala dos modelos de Roma era a referência, no entanto, esta teria de ser de alguma forma ajustada à realidade da província, aos seus lugares, aos materiais e recursos disponíveis.

Parte-se agora para o estudo do conjunto monumental da cidade de Évora composto pelo *forum* e sua envolvente. Neste capítulo pretende-se estudar, sobretudo, os seguintes aspectos: a integração do templo na zona sagrada; a configuração da área secular com a praça, pórtico, possíveis *tabernae* e outros serviços ou funções, a localização da basílica, as soluções construtivas, os acessos ao monumento e a integração na malha da cidade.

Inicia-se esta análise do recinto forense a partir da zona sagrada, envolvente ao templo, seguida da zona secular de uso público. No final do capítulo são elencados alguns achados dispersos que importa considerar para compreensão dos acessos ao *forum* e traçado da cidade.

Nos finais dos anos 70/princípios dos anos 80, o arquitecto Theodor Hauschild inicia uma profunda investigação sobre o templo romano de Évora e sua envolvente. Em 1981, profere uma conferência[76], na delegação portuguesa do Instituto Arqueológico Alemão, onde compara três

72 Vasco Gil Mantas (2020, p. 479).
73 Pierre Gros (2011, p. 216).
74 Rocío Ayerbe Vélez, Teresa Barrientos Vera e Félix Palma García (2009a, p. 702).
75 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 702).
76 Theodor Hauschild (1981b).

templos perípteros existentes na Península Ibérica: em Barcelona, Mérida e Évora e, no ano seguinte, publica um artigo[77] sobre este estudo.

Esta análise foi princípio de um grande projecto de investigação que se alargou a toda a zona monumental da cidade de Évora. Este estudo, promovido pela Delegação de Lisboa do Instituto Arqueológico Alemão, com a colaboração do então denominado Serviço Regional de Arqueologia do Sul (SRAS), do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), para além da coordenação científica de Theodor Hauschild, contou com a valiosa colaboração do arquitecto Pedro Fialho de Sousa, no campo da arquitectura e documentação, e do arqueólogo Felix Teichner, no estudo dos achados arqueológicos. Theodor Hauschild, arquitecto especializado em arquitectura clássica, irá acompanhar todas as campanhas de escavação realizadas na área de implantação do *forum* romano e também as primeiras escavações realizadas no Museu entre 1996 e 1998. O arquitecto Pedro Fialho de Sousa também desempenhou um papel fundamental nesta investigação pois acompanhou de perto o decorrer dos trabalhos, produziu relatórios e artigos científicos mais vocacionados para o domínio da arquitectura e das soluções construtivas; para além disso mobilizou a comunidade académica do curso de arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa para colaborar nos trabalhos de registo e levantamento. O arqueólogo Felix Teichner dedicou-se sobretudo ao estudo do espólio, não só romano, mas de todas as épocas encontradas em escavação. Este trabalho transdisciplinar numa equipa pluridisciplinar, é certamente uma grande mais-valia para esta obra. E a presença da arquitectura é de grande significado e reflectir-se-á na produção científica associada a este estudo. Todos os relatórios decorrentes das escavações[78], os artigos da autoria de Theodor Hauschild, Pedro Fialho de Sousa e Felix Teichner, e o relatório final[79], publicado em 2018, foram fundamentais para a compreensão da zona monumental da cidade[80].

Este longo trabalho de investigação arqueológica e arquitectónica iniciou-se com o levantamento topográfico da zona monumental da cidade e o levantamento arquitectónico do templo, [IMAGEM 13, 14], seguido por dez anos de campanhas de escavação de 1986 a 1996[81]. Estas escavações procuraram dar resposta às questões sobre a cronologia do monumento, a sua forma original, os acessos ao pódio, as estruturas do recinto envolvente, o tanque e outros eventuais achados que até à data não tinham sido considerados[82]. Relativamente ao tanque, este existia na memória colectiva da cidade, no entanto,

77 Theodor Hauschild (1982).

78 Ver 'Inventário dos relatórios de escavação', Apêndice II.

79 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017).

80 Relativamente aos relatórios das sondagens realizadas pelo Instituto Arqueológico Alemão, depositados no Arquivo Nacional de Arqueologia, estão apenas disponíveis os desenhos de estúdio/laboratório das sondagens 1, 2 e 3. Os restantes registos consultados correspondem a desenhos de escavação, estes são: os planos das seguintes sondagens 8, 14, 15, 16, 17, 19, 19 A, 22 A, 24 (1), 24 (2), 24B, 25, 26, 27, 28, 29 (1), 29 (2), , 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43 e 44; e perfis das sondagens: 19, 24, 29, 29 A2-A3, 29 A4-A1, 29D, 29D1, 29 D1 e D2, 29D2 e D3, 29D3 e D4, 29G2, 31, 32, 33, 34, 38 e 43. Os cortes em falta foram posteriormente acrescentados aquando da publicação do relatório final, em 2017, sobre todo o trabalho desenvolvido (Theodor Hauschild, Felix Teichner, 2017). Os desenhos originais das sondagens 29A, 29D e 29G estão depositados no arquivo do arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos e não foram integrados no relatório final, de 2017.

81 Ver 'Cronologia das escavações', Apêndice IV.

82 António Carlos Silva (1991b).

desde as *escavações metódicas*[83] protagonizadas por Cunha Rivara, de meados do século XIX, estes nunca mais tinham sido revelados na integra.

Em Junho de 1986 é publicado o primeiro relatório[84]; tratava-se, segundo o autor, de uma descrição preliminar sobre as investigações no templo; esta primeira operação consistiu na realização de uma análise detalhada do templo e da documentação gráfica, ainda antes das sondagens. É então publicado o levantamento linear altimétrico, do alçado norte, e um levantamento planimétrico, ainda incompleto, do templo[85]. Os alçados, os primeiros a serem executados, foram desenhados à escala 1:50, com base na fotogrametria e a planta, à escala 1:20, foi levantada através do método tradicional de medição. Estes desenhos foram realizados com a colaboração de estudantes de arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e também estudantes e técnicos de outras entidades da cidade[86].

Templo

O templo romano de Évora posiciona-se, longitudinalmente, entre a zona do actual jardim de Diana até à Sé, e transversalmente entre o Palácio da Inquisição e o Antigo Palácio Cadaval [DESENHO I.01]; está implantado numa zona elevada da cidade, à cota 307,00 m. Esta estrutura monumental [DESENHO I.02] apresenta um volumoso pódio, onde pousam 15 bases, 14 fustes, 12 capitéis e três troços da arquitrave e friso [DESENHO I.07], [DESENHO I.08].

Trata-se, evidentemente, pelo número de colunas na fachada, de um templo hexastilo e períptero pois as colunas que rodeiam a *cella* não estavam adossadas às suas paredes [DESENHO I.03]. A distância entre eixos de colunas é, em média, oito pés e três palmos (2,59 m), na fachada norte, e de sete pés e dois palmos (2,26 m), o equivalente a 5 *cubitis*, nas fachadas laterais. O intercolúnio nos lados Este e Oeste corresponde exactamente a um diâmetro e meio, 3 *cubitis*. No lado norte não é possível estabelecer uma relação com o espaçamento da coluna e seu intercolúnio, pois este é quase de dois diâmetros. Estas diferenças de intercolúnios não correspondem exactamente a um pé, as outras medidas também não são convertíveis em pés inteiros o que deixa algumas questões em aberto que serão analisadas na Parte III, no ensaio. Esta diferença de intercolúnios, entre fachadas, seria talvez para compensar a maior abertura do intercolúnio a eixo da entrada, tal como acontece no templo do *forum* da colónia de Mérida. Apesar dessa diferença de intercolúnios, para acertos do vão da fachada, este templo pode ser considerado picnostilo, pois apresenta, nas fachadas laterais, um intercolúnio de 1 ½ módulos[87].

O templo apresenta-se como uma obra de extrema coerência estrutural. A pedra é trabalhada como um esqueleto, sendo lavrada em tosco para ser posteriormente revestida, a ductilidade do

83 Estas escavações serão desenvolvidas na Parte II, deste estudo.

84 Theodor Hauschild (1986a), este relatório será publicado, com ligeiras alterações, em Theodor Hauschild (1986b).

85 Neste levantamento colaboraram Laureano de Frutos, Helena Rua, Françoise Fressynet, António Saial e Ivone Beirão.

86 Este envolvimento da comunidade local era uma vontade manifestada por Theodor Hauschild, como é demonstrado numa carta enviada ao Dr. Caetano de Mello Beirão, então director do Serviço Regional de Arqueologia do Sul, a 8 de Outubro de 1985: "Ficaria muito satisfeito se, além dos alunos de arquitectura, pudessem participar estudantes e/ou outras pessoas de Évora"(Theodor Hauschild, 1985).

87 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 596).

mármore é explorada já como acabamento. Os recursos materiais são empregues com bastante economia, como acontece na arquitectura romana. Assim, sobre uma fundação sólida, ergue-se uma moldura de silhares de granito, que será preenchida com sucessivas camadas de cascalho e argamassa, o *opus caementicium*[88], que vão elevando a base do pódio[89]; este material inédito permitia preencher grandes superfícies.

> *"O opus caementicium, por exemplo, pode ser considerado como uma técnica exclusivamente romana. A sua utilização a par com o mármore, num mesmo edifício, conflui em si as diferenças cruciais que separam a arte grega da de época romana conjugando as características definidoras do novo período em que arte e técnica, simbologia e racionalidade se imiscuem."*[90]

O volume atinge assim os 3,60 m de altura e é rematado por uma cornija perimetral em silhares de granito [DESENHO I.05]. O pódio apresenta uma estrutura mista de silharia, com grandes blocos esquadriados e de alvenaria com pedra irregular. Os cunhais da fachada norte, originais, são construídos em silhares de forma a criar mais estabilidade. Sobre o estilóbata erguem-se as colunas. As colunas são magnificamente projectadas: das bases em mármore nascem os fustes em granito, um *truncus* com profundas caneluras, encimado por um sumptuoso capitel de mármore. A junta, entre blocos, é seca, como proclamavam as boas práticas construtivas; isto obrigava a uma rigorosa preparação de cada peça antes da sua aplicação. O fuste seria revestido com várias camadas de argamassa de cal, sendo a última, provavelmente, composta por pó de mármore, o que transformaria cada coluna numa unidade, um esbelto monólito de mármore [DESENHO I.06]. Relativamente ao entablamento, este é também em granito, talhado de forma a receber as camadas de argamassa, à semelhança dos fustes e do pódio, apesar destes terem um programa decorativo mais exigente. A decoração em estuque obrigaria a uma grande disciplina pois este material tinha de ser trabalho em fresco e *in situ*. Dos restantes elementos que rematariam o topo do edifício não há qualquer evidência [DESENHO I.07], [DESENHO I.08].

Com esta breve introdução sobre esta estrutura procede-se agora à análise mais detalhada de cada elemento que integra o edifício, seguido da análise das sucessivas sondagens com estruturas que conformariam o recinto forense.

Pódio

Segundo a descrição de Vitrúvio[91] o pódio é composto por: plintos [*quadra/quadrae*] + espiras [*spira/spirae*] + blocos de alvenaria [*truncus/trunci*] + cornijas [*corona/coronae*] + emolduramento [*lysis*]; simplificando consideramos a base (plinto+espiras), o corpo do pódio e a cornija; estes são os três

88 Optou-se pela utilização deste termo "*opus caementicium*" para designar a técnica construtiva composta por um aglomerado de cascalho de pedra (inertes) ligado com uma argamassa de cal (aglomerante) para produzir um corpo maciço sólido de grandes dimensões (Jean-Pierre Adam, 1996, p. 59).

89 O pódio, o elemento que distingue os templos romanos, só era possível pela invenção desta técnica construtiva exclusivamente romana.

90 Lídia Fernandes (1997b, p. 64).

91 Vitrúvio (III, IV, 5.), (Vitrúvio, 2009, p. 119).

elementos que, geralmente, constituem um pódio de um templo romano. Em Évora, para além destes elementos, é também possível observar parte da fundação que se encontra desenterrada. Esta exposição à intempérie provoca um grave problema à conservação dos alicerces, tal como já alertava T. Hauschild há mais de 30 anos, pois torna-os particularmente vulneráveis às infiltrações, mas também às vibrações do trânsito automóvel[92]. Esta situação, [IMAGEM 15], de exposição da fundação do templo, deveu-se às constantes intervenções em redor do templo que aos poucos foram rebaixando a sua cota original [DESENHO I.04].

Na fachada norte as medidas do pódio não são convertíveis em pés inteiros. A base atinge quase os 52 pés (15,25 m) e o corpo tem quase 48 pés (14,2 m) de comprimento, [DESENHO I.03]; talvez a conversão em pés só se consiga contabilizando a espessura do respectivo revestimento, algo que será testado na reconstituição do templo, na Parte III deste estudo.

Relativamente à fundação do templo, esta foi realizada sobre numa vala aberta no terreno[93]; a fundação é realizada em *opus caementicium*, uma argamassa compacta composta por pedras, areia[94] e cal[95]. No lado sul foi possível verificar que a fundação assentava directamente sobre a rocha [DESENHO I.14]. Esta procura pelo 'terreno sólido' deverá ser uma questão primordial para o arquitecto, tal como defendia Vitrúvio: "Os fundamentos destas construções serão escavados a partir do chão firme e até ao terreno sólido, se for possível encontrá-lo, aonde pareça necessário de acordo com a amplitude da obra, enchendo-se todo o fundamento com um concreto o mais consistente possível"[96]. T. Hauschild descreve ao detalhe as diferentes de execução e de profundidade da fundação do *opus caementicium*, de cada face do templo; para além disso, refere que os rasgos verticais visíveis na fundação, da fachada nascente, são reveladores do sistema de cofragem[97]. Apesar destas especificidades o estereóbata[98], o embasamento do templo, era de forma geral construído sobre uma fundação em *opus caementicium* realizada sobre um terreno estável capaz de distribuir, de forma uniforme, a carga da construção; a rocha era sem dúvida o material que mais se adequava a este propósito.

O aparecimento de *opus incertum* no *truncus* é uma solução bastante particular, nada frequente em exemplos conhecidos na Hispânia, que apontam para um aparelho em alvenaria de pedra aparelhada[99], como acontece, por exemplo, em *Augustobriga*, Almofala, Idanha-a-Velha, Orjais e *Scallabis*. Apesar

92 "Destruições em época pós-romana e, sobretudo, o remover das camadas de terra que ainda no século XVIII cercavam o templo, puseram a descoberto uma parte das fundações que agora estão expostas aos efeitos mecânicos dos salpicos de água das chuvas e às vibrações do trânsito intenso." (Theodor Hauschild, 1988b, p. 2).

93 "As fundações do templo foram construídas num cabouco aberto na terra e parcialmente na rocha, com argamassa do tipo *opus caementitium*. A sua qualidade, de pedras e argamassa compacta, pode ser considerada como muito boa." (Theodor Hauschild, 1988b, p. 2)

94 "Quanto às estruturas de formigão, deve-se em primeiro lugar procurar areia que seja apropriada à mistura dos materiais e não haja terra misturada." Vitrúvio (II, IV, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 77).

95 "A cal tem a sua origem no calcário, queimado em fornos. A queima ou calcinação produz cal viva que, pela adição de água, se transforma em cal apagada, própria para caiações; e, pela adição de água e areia, em cal hidráulica, usada como ligante." (Jorge de Alarcão, 2004, p. 16).

96 Vitrúvio (III, IV, 1), (Vitrúvio, 2009, p. 118).

97 Ver capítulo "D Descrição do Edifício: Podio". (Theodor Hauschild, Felix Teichner, 2017, p. 29-31).

98 "Estereóbatas, embasamentos dos templos numa base sólida e maciça." Justino Maciel, in Vitrúvio (2009, p. 118).

99 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 107).

dessa singularidade, casos semelhantes são visíveis, como nos templos do *forum* de *Baelo Claudia*, [IMAGEM 16] com uma estrutura mista de silhares com um paramento em *opus incertum*.

A base do pódio [DESENHO I.05] de *Ebora* é realizada em duas fiadas de grandes silhares, o plinto é realizado em silhares de paramento plano e as espiras em silhares de moldura composta por garganta reversa[100]. As espiras apresentam um prolongamento na parte superior, com remate em rebaixo reverso, um detalhe construtivo particular de forma a proteger a base das infiltrações.

Estes silhares do plinto assentavam sobre a camada superior de *opus caementicium* da fundação, que ainda estaria fresca no momento da colocação, pois a base dos silhares é irregular com ligeiras diferenças de altura. As juntas verticais, entre silhares, não apresentam argamassa[101].

O estereóbata era composto por alvenaria de pedras de tamanho irregular, assentes em argamassa sólida, um material coeso de grande resistência, cuja expressão exterior se denomina *opus incertum*[102]; apesar de tudo, este apresenta alguma regularidade, talvez por isso se possa considerar um paramento de silharia, de pedra mais miúda, em *opus vittatum*[103], um aparelho pseudo-isodomo por serem reconhecíveis as linhas horizontais de assentamento [DESENHO I.12] e [DESENHO I.13]. A fachada sul, mais destruída, revela bem a estratigrafia de aplicação das camadas do *opus caementicium* [DESENHO I.11]. Esta aparente configuração em degraus foi frequentemente confundida como vestígio da escadaria central[104] [DESENHO I.08]. Em 1992, a partir de uma vala existente no pódio, corte 23 (1992) [DESENHO I.09], realizada durante a obra de restauro do templo[105], em 1870, verificou-se que o *opus caementicium* estava colocado da mesma forma, ou seja, em camadas [IMAGEM 17], e não apresentava qualquer vazio na zona da suposta *cella*, como acontece noutros templos, como por exemplo em Itálica[106], ou de vestígios de muros cruzados como se verifica no templo de *Ammaia* [IMAGEM 18].

Relativamente ao método construtivo utilizado no pódio é possível supor que "sobre o maciço das fundações foram colocadas a primeira e segunda fiadas e sobre o leito desta e na prumada do sulco, foi assente a terceira, com o núcleo a ser preenchido à medida que a caixa de pedra subia."[107] Esta 'caixa' do corpo do pódio teria uma cofragem provavelmente realizada em madeira, onde o *opus caementicium* iria sendo colocado às camadas; no topo teria de se prever o negativo para o assentamento da cornija [DESENHO I.15].

Repara-se que em determinadas zonas, do corpo do pódio, o aparelho apresenta-se de forma muito irregular, talvez devido às constantes intervenções a que este edifício foi sujeito; nas fachadas

100 Pedro Fialho de Sousa (1998, p. 76).

101 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 33).

102 Jean-Pierre Adam (1996, p. 138).

103 "Esta disposición de mampuestos, que parece la más lógica y la más convencional, consiste simplemente en colocar piedras de perfil cuadrangular y de misma altura en hilas horizontales; sólo se trata, entonces, de un aparejo isódomo o pseudo-isódomo de dimensiones reducidas." (Jean-Pierre Adam, 1996, p. 147).

104 "El acceso en el lado Sur del podio muestra un corte de las diferentes capas de relleno de *opus caementicium*, terminando en forma escalonada, lo que no corresponde evidentemente a los peldaños de la escalera original del templo." (Theodor Hauschild, 1991, p. 107).

105 António Carlos Silva (1994-1995, p. 70).

106 Theodor Hauschild (1992, p. 2)

107 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 601).

laterais é bastante visível a diferença de estereotomia a partir do meio da face para sul [DESENHO I.12], [DESENHO I.13]. O corpo do pódio na fachada sul é rematado, nos cantos, através de blocos de silharia cujas dimensões e configuração em nada têm a ver com os originais na fachada oposta. Deduz-se, assim, que o remate dos muros perimetrais do pódio, que hoje se vê, teria sido resultado do restauro do templo, realizado em 1870. Esta hipótese terá de ser corroborada, no capítulo seguinte, a partir das fontes históricas.

Entre o soco e a base existem ainda vestígios de um revestimento, uma argamassa de tom rosado e de consistência coesa [DESENHO I.05]. Como seria constituída e aplicada esta argamassa? Vitrúvio recomendava que o estuque de revestimento das paredes, o *opus albarium* ou *opus tectorium*[108], deveria ser aplicado em sete camadas, segundo três diferentes tipos de argamassa[109]. Estas seriam: o reboco, emboço, o mais áspero possível com fragmentos de pedra (com 3 a 5 cm de espessura), depois com esta camada ainda em processo de secagem, aplicavam-se três camadas de *opus harenatum*, composta por areia, cal e água (com 2 a 4 cm de espessura), também podia ser utilizada a cerâmica de construção miúda em vez da areia, esta superfície deveria ficar completamente lisa para depois ser possível receber as três camadas de pó de mármore[110], cada uma com uma consistência cada vez mais fina (1 a 2 mm de espessura). Após este processo a superfície estaria pronta e poderia ser eventualmente pintada. Esta seria a forma recomendada para revestir os materiais em tosco, no entanto, verifica-se que só muito raramente é que era cumprida: a prática mais corrente de revestimento seria aplicar apenas três camadas sucessivas e são estas que se considera para a base do pódio. Relativamente ao soco e à cornija, o estuque deveria ser mais fino pois não havia a necessidade de proteger a superfície das infiltrações como acontecia com o *opus incertum*. A argamassa [IMAGEM 19], da qual ainda existem vestígios, tem mais de 5 cm de espessura, o que equivale a 3 dedos; este seria o emboço que regularizava o paramento, sendo este extremamente rugoso a argamassa não teria problema de aderência. Observando ao pormenor ainda é visível a junta que traduz a forma como esta argamassa foi aplicada. Esta junta localizada, entre o silhar da base e o arranque do corpo do pódio, revela que primeiro foi aplicada a argamassa nos silhares da base e, depois desta secar, foi aplicada em todo o plano vertical do corpo do pódio[111]. Na base da cornija do pódio é perceptível uma ligeira saliência onde possivelmente remataria este revestimento [DESENHO I.05].

A cor da argamassa também faz suspeitar que teria fragmentos de cerâmica nos inertes; sobre esta camada estaria então o *opus harenatum,* do qual não há qualquer vestígio e sobre este o acabamento final, que provavelmente teria pó de mármore na sua composição. Este tipo de revestimento, pela sua resistência à água e durabilidade, era muito utilizado no tratamento exterior dos edifícios

108 Recorre-se à definição do autor Justino Maciel, considerando assim o *opus albarium* como estuque, num sentido mais estático, ligado à cor branca da cal, e o *opus tectorium*, equivalente, mas com um sentido mais dinâmico, como acção de revestir uma superfície com argamassa. (Vitrúvio, 2009, p. 180).

109 Vitrúvio (VII, III, 5.,6.), (Vitrúvio, 2009, p. 268).

110 Apesar das recomendações de Vitrúvio, em alternativa ao pó de mármore também eram utilizados outros pós de origem calcária, como o gesso. (Jean-Pierre Adam, 1996, p. 238).

111 Pedro Fialho de Sousa revela, com grande detalhe e sensibilidade, todas as técnicas construtivas sobre o templo nos seus relatórios e artigos. (Pedro Fialho de Sousa, 1999), (Pedro Fialho de Sousa, 1998), (Pedro Fialho de Sousa, 2002).

romanos[112], funcionaria assim como isolante e como suporte ao programa decorativo, que neste caso seria, provavelmente, muito simples. A pintura evocaria talvez o desenho dos silhares de mármore, à semelhança do que acontece nos paramentos dos edifícios públicos, que é possível encontrar, por exemplo, na Península Ibérica, nos templos do *forum* de *Baelo Claudia*, onde ainda se conservam vestígios da camada de reboco que revestiria a base do pódio [IMAGEM 20].

A cornija que remata o pódio é formada por silhares de perfil simples; esta encontra-se bastante destruída, sobretudo na fachada norte, onde se verifica que os blocos foram propositadamente truncados [DESENHO I.07]. Esta fachada é composta "por uma única fiada de pedras também molduradas, agora em bocel e garganta direita, apresentando, na parte inferior desta um ressalto do tipo filete, na vertical do plano do soco."[113]

Sobre o pódio já não existe qualquer vestígio dos pavimentos que revestiriam o exterior e o interior da *cella*. No entanto, existe um pormenor interessante revelado por Pedro Fialho de Sousa, relativamente aos inertes, da última e penúltima camadas do *opus caementicium*; estas camadas contêm, na sua composição, para além dos materiais utilizados nas restantes camadas, fragmentos de mármore: "do mesmo tipo do das bases e dos capitéis, que pela sua forma e dimensão parecem ser escacilhos".[114] Os escacilhos resultavam da cinzelagem do trabalho do mármore; assim, a existência deste vestígio, na argamassa de remate do pódio, pode sugerir a existência de um estaleiro, de uma oficina para a execução das bases e capitéis na obra.

No estilóbata[115] do pódio foram observadas ténues marcas que muito revelam sobre as técnicas construtivas de assentamento das colunas[116]. Dado que as bases se encontram bastante degradadas e desgastadas, sobretudo nos vértices do plinto, é possível reconhecer, com bastante clareza, todos estes pormenores que não seriam visíveis depois dos acabamentos. É identificável um ligeiro rebaixamento que abarca toda a superfície de contacto da base da coluna com o pavimento. É um detalhe muito ténue, mas revelador de uma grande perícia técnica, que serviria de encaixe à base quadrangular[117]. Para além disso são visíveis traços gravados na pedra [IMAGEM 21], realizados a ponteiro, indicando "um sistema cartesiano de eixos ortogonais que cruzariam num ponto que está na vertical do eixo das respectivas colunas"[118] e também o traçado da circunferência, a projecção do toro da base, realizada a compasso de ponta seca. Estes recursos ajudariam, igualmente, a determinar

112 "Debido a su gran valor decorativo con un coste relativamente bajo y unas cualidades de resistencia al agua superiores al enlucido de cal, el estuco es con mucho el tratamiento exterior más utilizado en los edificios romanos. Es posible que donde primero trabajasen los estucadores fuese en los muros exteriores. En este caso, el orden de aplicación causaba pocos problemas y los esquemas decorativos – habitualmente imitaciones de motivos de cantería – eran lo suficientemente sencillos para que los pudiesen realizar los aprendices." (Rabun Taylor, 2006, p. 236).

113 Pedro Fialho de Sousa (1998, p. 76).

114 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 604).

115 "Estibóbatas, superfícies ou pavimentos dos templos onde assentam as colunas" Justino Maciel in Vitrúvio (2009, p. 118).

116 Agradece-se ao Arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos que, em Março de 2016, nos levou pela primeira vez a ver o templo sobre o pódio e assinalou, entre outros aspectos, estas marcas.

117 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 604).

118 Pedro Fialho de Sousa (1998, p. 76).

a posição de assentamento da base da coluna. Este desenho prévio de construção, realizado com um ponteiro, seria posteriormente coberto pelo pavimento em *opus signinum*.

A utilização da 'linha-guia'[119] é bastante frequente sobretudo durante a época imperial; estas práticas inserem-se na metodologia do projecto arquitectónico e são o diálogo, em estaleiro, entre o arquitecto e o mestre de obras; são traçadas *in situ* para controlar o posicionamento dos elementos construtivos, desde as colunas, cornijas, fiadas de muros, pavimentos, etc.

Para além destas linhas importa igualmente referir os entalhes utilizados na fixação das pedras. No estilóbata, junto a um plinto da base seccionado nos cantos, é possível reconhecer um destes entalhes em dupla cauda de andorinha [IMAGEM 22]. Estes entalhes seriam provavelmente preenchidos com chumbo e reforçariam a união dos silhares. Pormenores semelhantes foram igualmente encontrados no templo do *Forum* provincial de Mérida, exactamente na cintura de silhares que envolveria o núcleo central do pódio[120] [IMAGEM 23].

Coluna

A coluna do templo é composta por uma base ática, em mármore, um fuste com profundas caneludas, em granito, e um capitel coríntio, em mármore [DESENHO I.06]. As 15 bases existentes encontram-se bastante degradadas, todos os plintos quadrangulares estão com os cantos desfeitos. A base tem 4 pés e meio (1,33 m) de largo e um pé e meio (0,45 m) de altura. Estas foram realizadas em mármore e, apesar de estarem bem lavradas, apresentam ligeiras disparidades, que podem ser justificadas pela participação de trabalhadores diferentes na obra, tal como afirmou T. Hauschild[121]. Esta variedade na qualidade do trabalho escultórico também se verifica nos capitéis; foi possível observar de perto aquando da intervenção de conservação e restauro, em finais de 2017, promovida pela DRCAlentejo e realizada pela Nova Conservação, Lda[122].

Pelos vestígios visíveis nos silhares do estilóbata, a poente, em que não existe base de coluna, não aparenta existir nenhum sistema de fixação entre a base e o pavimento, pormenor distinto do existente no templo do *forum coloniae* de Mérida, onde o "apoio das bases no estilóbato realiza-se mediante um pequeno ressalto discoidal em que, no seu centro, apresenta uma profunda caixa rectangular".[123]

119 ""Tracciati di montaggio', incisiones o líneas-guía para la correcta superposición de elementos constructivos y el control de la colocación de elementos arquitectónicos (columnas, levantamientos de alzados etc.)." Antonio Pizzo (2010b, p. 72).

120 Antonio Pizzo (2010b, p. 70).

121 "Es curioso que, habiendo sido ejecutadas con mucho cuidado, las basas de las columnas, sus molduras, el *trochilus* y *torus* divergen algo entre sí, lo resulta ciertamente de la participación de trabajadores diferentes." (Theodor Hauschild, 1991, p. 111).

122 Esta empreitada urgente de conservação do templo romano de Évora teve como objectivo principal a conservação e restauro dos capitéis e bases, em mármore, e dos fustes e arquitrave, em granito. A intervenção realizou-se entre 14 de Setembro a 12 de Dezembro de 2017 e o relatório foi publicado no início do ano seguinte (Paola Coghi, Carlos Duarte, Isabel Valle, 2018).

123 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 23).

Os 14 fustes são formados por tambores estriados em granito[124], de altura variável, entre 68 cm e 130 cm, à excepção do tambor do topo que apresenta, geralmente, uma altura mais reduzida em relação aos restantes, entre 66 e 84 cm. Estes apresentam 7 tambores, salvo o localizado no lado poente, segunda coluna a contar da fachada posterior, que tem 8 tambores. Os tambores estão pousados um sobre o outro com junta seca[125]. Da mesma forma não existe qualquer sistema de encaixe entre o fuste e o capitel, o tambor do topo é completamente liso [IMAGEM 24]. Actualmente, depositados sobre o pódio, estão dois tambores [DESENHO XX.01-02] que se assume que sejam do templo; um destes apresenta dois entalhes num dos topos, estes realizados recentemente, pois a peça terá sido utilizada como peso de lagar[126].

Desconhece-se a forma como foram içados os tambores, que poderiam ter sido fixos por cordas, tesouras (fórceps) ou por ferro de luva[127]. Os tambores não apresentam marcas laterais do entalhe da tesoura; assim, esta poderia ter sido fixa através de um entalhe localizado no topo da peça, com um fórceps ou um ferro de luva. Outra hipótese, menos provável, seria através de sulcos de apoio, esculpidos em tosco nas laterais do tambor, que seriam posteriormente retirados quando o fuste estivesse colocado. Os canteiros e os escultores tinham que fazer escolhas relativamente ao estado de acabamento de cada peça no momento em que era instalada em obra, assim viviam numa dualidade entre:

> *"terminar la delicada decoración de un elemento de piedra en el suelo a riesgo de que se dañase durante su colocación o durante la obra; o instalarlo sin acabar, a risco de cometer un error de labrado irrecuperable en el propio edificio."*[128]

Os fustes apresentam 12 profundas caneluras, relativamente às medidas: estes têm 21 pés ou 14 *cubiti* (6,27 m) de altura; o diâmetro no imoscapo é três pés ou dois *cubiti* (0,89 m); o diâmetro no '*sommoscapo*' é, em média, de 0,80 m; o diâmetro maior é atingido no primeiro terço do fuste com aproximadamente 0,92 m. Estes também seriam revestidos a estuque, *opus albarium*, que imitaria o aspecto do mármore, tal como já referia T. Hauschild, nos seus primeiros estudos[129] e como veio a verificar-se na, já mencionada, operação de conservação e restauro (2017), onde foi detectada, sobretudo na junta entre os tambores, uma argamassa que aparenta ser um testemunho do sistema de revestimento dos fustes[130]. Trata-se de uma argamassa com características particulares, fina e aderente ao substrato pétreo.

124 Os fustes monólitos foram bastante utilizados na arquitectura romana, no entanto, à escala das províncias estes eram escassos.

125 "El uso del mortero como elemento de unión de sillares fue relativamente limitado; para preservar la finura de las juntas era más importante la calidad de talla de las caras de yuxtaposición para la utilización de las grapas." (Jean-Pierre Adam, 1996, p. 59).

126 Ver 'A montagem dos fragmentos arquitectónicos', Apêndice I.

127 Jorge de Alarcão (2004, p. 14-15).

128 Rabun Taylor (2006, p. 122-123).

129 "As colunas, com caneluras, a arquitrave e o friso são trabalhados em granito duro, sendo decerto igualmente cobertas por uma camada de estuque, que deveria imitar uma construção de mármore." (Theodor Hauschild, 1981b, p. 7).

130 Paola Coghi *et al.* (2018, p. 24).

"Argamassa de acabamento: Documentou-se a presença de uma camada delgada, de mistura branca e homogénea. Foi detectada de forma residual, como uma camada de revestimento, fina e não pigmentada, em alguns pontos dos fustes das colunas e, em casos raros, ao longo das linhas de junção entre os dois blocos de mármore dos capitéis e entre a base dos capitéis e os topos dos fustes."[131]

A superfície irregular do granito oferecia uma boa aderência à argamassa de acabamento que, para além de conseguir um aspecto semelhante ao mármore, disfarçava a junta dos tambores e reduzia a intensidade das caneluras. O estuque, como camada protectora, também contribuía para a conservação do granido, protegendo-o da erosão[132]. No Museu de Mérida encontra-se conservada uma coluna do templo do *forum* com vestígios do estuque no fuste [IMAGEM 25].

Reconhece-se nos 12 capitéis remanescentes uma grande destreza escultórica. Estes têm cerca de um metro de altura, tendo o cesto 3 pés e o abaco meio pé. Relativamente ao modelo, são capitéis coríntios comuns com motivos vegetalistas, que seguem os programas ornamentais augustanos[133], com duas folhas de acanto (*imum folium* e *secundum folium*), com caulículos[134] ligeiramente inclinados, volutas protectadas e hélices planas. Cada capitel foi lavrado em duas peças sobrepostas e a sua união é quase impercetível. Esta acontece no arranque da *secundum folium* e na projecção da *imum folium*, uma solução que segue a tradição republicana, ainda perceptível em Roma na 1.ª metade do século I d.C., data provável de execução dos capitéis do templo[135]. Theodor Hauschild, já no início das investigações sobre o templo, apontava para a época pré Flaviana pela observação da configuração das folhas envolventes das volutas[136] [IMAGEM 26].

No que se refere ao pormenor das folhas de acanto apresenta, contudo, um aspecto bidimensional pois as extremidades folhas apenas se tocam [IMAGEM 27], não chegando a sobrepor-se, como virá a acontecer mais tarde. Sobre as opções decorativas[137] e as técnicas[138] aplicadas na execução destes exemplares, Lídia Fernandes dedica detalhadas descrições, dos mesmos, na sua tese sobre os capitéis romanos da Lusitânia Ocidental.

Uma particularidade destes capitéis é a variação da flor do abaco, o florão[139], que tanto representa o rebento [IMAGEM 28], como o botão que se assemelha a uma 'pinha' [IMAGEM 29]. Plasticamente estes capitéis são bastante semelhantes aos existentes no pórtico do *forum* da colónia de Mérida [IMAGEM 30], também designado por *Augusteum*; há autores que, inclusivamente, defendem que estes foram

131 Paola Coghi *et al.* (2018, p. 37-38).

132 María Luz Creus Luque (2002, p. 252).

133 João M. Peixoto Cabral, Carla O. Mustra e Theodor Hauschild (2004, p. 174).

134 Caulículos ('*caulículi*'): caules, hastes ou talos de acanto.

135 "Nos capitéis de Évora encontram-se indícios atribuíveis a uma época posterior a Augusto, parecendo-nos provável que a sua data aproximada seja anterior ao fim da 1ª metade do séc. I d. C. O escasso espólio arqueológico até agora encontrado não contradiz essa avaliação." (João M. Peixoto Cabral *et al.*, 2004, p. 174).

136 "No existen los profundos surcos, que aparecen en capiteles del último cuarto del siglo I. Lo que más llama la atención son los triángulos u ojos en las hojas envolventes de las volutas y hélices, que apuntan a una época preflavia." (Theodor Hauschild, 1991, p. 111).

137 Lídia Fernandes (1997a, p. 230).

138 Lídia Fernandes (1997b, p. 83-84).

139 Florão ('*flos*'): flor que adorna o centro dos quatro lados do ábaco.

produzidos pelos canteiros da mesma oficina especializada em decoração arquitectónica[140]. É certo que a proximidade geográfica, enfatizada por uma via directa, propiciava uma inter-relação entre as cidades. Assim, a capital da província terá certamente tido um papel determinante na distribuição e divulgação de recursos, meios e saberes pelos *conventus*. As obras em *Ebora* terão, com certeza, recebido estas influências e, simultaneamente, trabalhado com os recursos e trabalhadores locais. Nesta construção de representação imperial a relação com a capital da província não é tão plasmada; apesar disso, as afinidades na escolha da ordem arquitectónica e na utilização do granito indicam, segundo T. Hauschild, a existência de oficinas de artificies relacionados com os círculos da capital[141].

Apesar das soluções construtivas inovadoras, factores como tráfego contínuo têm provocado bastantes estragos nos capitéis, algo que era já alertado, pelo arquitecto Pedro Fialho Sousa, em 1988, num relatório em que apresentava algumas medidas que poderiam minimizar esta contínua degradação.[142] Felizmente este pedido foi finalmente respondido e, em 2017, todos os capitéis foram intervencionados na operação de conservação e restauro. Esta operação de carácter urgente serviu de resposta a um problema crítico de degradação severa dos capitéis, onde se verificou a queda de material pétreo[143] [IMAGEM 31].

O objectivo principal desta intervenção foi estabilizar algumas zonas na estrutura arqueológica, em particular as colunas e entablamento. Verificou-se que a degradação dos capitéis era severa, esta manifestada "sob a forma de lesões, rupturas, fragmentação paralela às linhas de sedimentação e destaque de fragmentos, alguns de dimensões consideráveis"[144], para além de "uma notória variedade de incrustações biológicas"[145]. Os capitéis foram limpos da colonização biológica com um tratamento biocida e posterior remoção mecânica da colonização. Foi possível reconhecer marcas de antigos restauros: esta "particularidade surgiu através da identificação de tacos, muito regulares, ou pela presença de furos para a ancoragem de pernos associados a elementos salientes que, entretanto, com o tempo, caíram".[146] Alguns fragmentos soltos, que estavam musealizados, foram recolocados. E, por fim, foram estucadas as superfícies de mármores e granito que apresentavam heterogeneidades superficiais, com uma argamassada de cal.

140 José Luis de la Barrera Antón (2016, p. 315-316).

141 Theodor Hauschild (1991, p. 116)

142 O arquitecto Pedro Fialho de Sousa defendia que:
- as fundações deveriam ser tapadas e apresenta uma solução para proteger as fundações, até à cota do pavimento romano;
- o tráfego automóvel junto do edifício deveria ser cortado, pois este "provoca vibrações que, transmitidas à estrutura, têm o efeito de pequenos sismos constantes" (Pedro Fialho de Sousa, 1988, p. 3).

143 Numa visita ao templo, realizada no dia 12 de Junho de 2017, pelo Dr. Rafael Alfenim (DRCAlentejo), Professora Marta Oliveira (FAUP) e Mariana Carvalho, verificou-se o desmoronamento de um fragmento do capitel do lado nascente, uma infelicidade que parecia alastrar-se aos restantes capitéis. Esta situação mereceu a maior atenção por parte da Direcção Regional da Cultura do Alentejo que logo mobilizou uma intervenção de emergência, a "Empreitada urgente de Conservação do Templo Romano de Évora – Situações críticas", iniciada em Setembro de 2017. A obra foi entregue à empresa 'Nova Conservação', sob a direcção de Paola Coghi. Esta intervenção foi bastante documentada pela comunicação social da altura. (Lina Santos, 2017).

144 Paola Coghi *et al.* (2018, p. 19).

145 Paola Coghi *et al.* (2018, p. 21).

146 Paola Coghi *et al.* (2018, p. 38).

Relativamente à origem dos materiais, em 1998[147] e em 2004[148], foram realizadas análises petrográficas ao templo; esta análise química-isotópica dos granitos e dos mármores permitiu apurar que os materiais utilizados têm origem nas pedreiras das proximidades. Relativamente aos mármores, as observações macro e microscópicas demonstraram grandes semelhanças com as amostras padrão de Extremoz[149]. O que permite concluir que, nessa altura, as pedreiras marmóreas do eixo Estremoz-Vila Viçosa já estariam a ser exploradas e ainda hoje continuam a sê-lo[150]. Apesar do intenso comércio de mármores da altura, os construtores romanos preferiam, sempre que possível, utilizar as pedras das pedreiras, *lapicidinae* ou *quadraria*, locais para minimizar os custos de transporte.

O *marmorarius*[151] era o responsável pela escolha do mármore, neste caso a escolha não era fácil pois o material teria de ser macio para se poder lavrar na oficina, mas com alguma dureza para aguentar "os rigores das cargas e das tempestades"[152]. Relativamente às características dos mármores do Anticlinal de Estremoz, estes "são, predominantemente, brancos ou rosados, com e sem vergadas e laivos brancos, rosados, acastanhados, acinzentados ou avermelhados, de grão fino a médio, embora existam outras variantes"[153].

Justifica-se, mas apenas como hipótese, esta utilização selectiva do mármore talvez devido aos escassos recursos, pois provavelmente a sua extracção, ainda no início, não era suficiente para cobrir as exigências desta obra, tendo o projectista optado pela escolha do material para a execução das peças com maior ornamento[154]. Sabe-se que a exploração do mármore no anticlinal de Estremoz se iniciou na época de Augusto, mas "foi o período do Cláudio que se intensificou a extracção de mármores para responder à monumentalização das *civitates* da *Baetica* ocidental e central e, particularmente, da Lusitania"[155].

Apesar disso há autores que defendem outras hipóteses, como Lídia Fernandes, que refere que a utilização do mármore a partir da época de Augusto corresponde a um programa arquitectónico, com

147 L Lopes, J. Carrilho Lopes, J. P. Cabral e Panagiotis Sarantopoulos (2000, p. 141).

148 João M. Peixoto Cabral *et al.* (2004, p. 176).

149 "Quanto aos mármores, quer a comparação petrográfica e microestrutural quer a comparação isotópica permitem afirmar, indubitavelmente, que a sua proveniência se situa no 'Complexo Vulcano – Sedimentar – Carvonata do Estremoz', parte da estrutura geológica conhecida como 'anticlinal de Estremoz' e correntemente referidos por mármores de 'Estremoz'" (L Lopes *et al.*, 2000, p. 141).

150 "A extracção de mármores na nossa Antiguidade revela-se-nos, assim, mais extensiva do que intensiva, no sentido de que os processos utilizados não permitiam explorar as jazidas com as cotas de profundidade que hoje é possível atingir. A procura dos blocos fazia-se à superfície, aprofundando apenas até onde o sistema de levantamento por roço e por cunhas o permitia. Daí que hoje se constate ter havido uma extensiva procura de jazidas em toda a zona de Estremoz – Vila Viçosa, dirigida seja pela facilidade de transporte, seja pela possibilidade de aplicação dos métodos extractivos então conhecidos, seja ainda pela qualidade dos mármores, designadamente os brancos destinados a estatuária." (Justino Maciel, 1998, p. 236-237).

151 Esta designação '*marmorarius*', artífice marmorário, tanto poderia ser aplicada à pessoa que trabalhava a pedra no estaleiro de obras do monumento como também ao cabouqueiro de uma pedreira. (Jorge de Alarcão, 2004, p. 12).

152 Vitrúvio (II, VII, 2.), (Vitrúvio, 2009, p. 82).

153 Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 589).

154 "A utilização selectiva de mármore em algumas partes da obra, como aconteceu em Évora só para os capitéis e bases sendo os fustes feitos noutro material foi excepcional. (…) O emprego selectivo de mármore de qualidade superior talvez se possa explicar pela circunstância de, no início, as pedreiras em exploração na Lusitânia não disporem de mármore em quantidade suficiente para revestir totalmente o Templo de Évora." (João M. Peixoto Cabral *et al.*, 2004, p. 174).

155 Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 589).

características bem definidas, em que estariam, evidentemente, subjacentes valores de ordem simbólica, mas também questões tectónicas muito claras, pois o mármore era um material que por si só resolvia, simultaneamente, o projecto estrutural e ornamental.

A utilização do granito poderia também fazer sentido numa perspectiva de compromisso face à economia já instituída no território, dado que as pedreiras teriam com certeza uma importante dimensão e influência na concepção das obras públicas. Em Mérida, esta matéria-prima, a pedra de granito, provém das pedreiras das proximidades[156], e verificou-se, durante a escavação, que o estaleiro para a realização dos blocos das colunas se situava junto da obra, pois foram encontrados vestígios deste trabalho[157].

Esta multiplicidade de soluções arquitectónicas pode ser justificada pela escolha de materiais e técnicas decorativas distintas, tal como refere Lídia Fernandes. Este programa arquitectónico reflecte a diversidade cultural que imperava na Lusitânia Ocidental.

> *"A rendição ao novo programa decorativo não é, no entanto, total. A utilização do estuque a imitar o mármore que reveste os fustes do templo foi uma opção intencional uma vez que não se pode indicar a falta de matéria-prima como justificativo dessa escolha. O compromisso decorativo plasmado nestas pedras faz-nos vislumbrar um panorama cultural e económico curioso."*[158]

Deste modo, sabe-se que a integração do novo programa arquitectónico não é absoluta; assim, se esta opção, pela diversidade de material, foi imposta por escassez de material ou por uma intenção de projecto é algo que continua em aberto.

Entablamento

Os vestígios da arquitrave e friso do templo são em granito [IMAGEM 32], relativamente à cornija já não existe qualquer evidência. Trata-se de um entablamento composto por fiadas de vigas simples, sobrepostas sobre os capitéis. Na fachada norte as vigas da arquitrave têm 2,64 m de comprimento e, nas extremidades, 2,95 m; nas fachadas laterais, as vigas são menores, têm 2,30 m e, nas extremidades, 2,60 m. Cada um dos lintéis, da arquitrave e do friso, tem aproximadamente dois pés (0,58 m) de altura e 2,5 pés de profundidade (0,80 m). As pedras são colocadas alternadamente de forma a distribuir melhor as cargas pois, tal como referia Vitrúvio, "correspondendo o centro de umas pedras às junturas intermédias de outras, resultará mais sólido o acabamento de toda a obra"[159]. Nos cunhais as vigas encontram-se à meia esquadria e estão ancoradas uma à outra por grampos metálicos[160].

Na operação de conservação e restauro realizada às colunas e entablamento do templo romano, em 2017, foi possível observar de perto todos os pormenores construtivos, pois para a realização da

156 Estas pedreiras de extracção de granito estariam implantadas no território emeritense, a sul (Berrocal, Casa Blanca) e a noroeste da cidade (Carija, Proserpina, Royanejos, Cuarto de la Jara), tal como descreve Antonio Pizzo (2010a, p. 569).

157 José María Álvarez Martínez (1992, p. 86).

158 Lídia Fernandes (1997b, p. 262-263).

159 Vitrúvio (IV, IV, 4.), (Vitrúvio, 2009, p. 152).

160 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 605).

operação foi instalado um andaime, [IMAGEM 33], que possibilitou o acesso a toda a estrutura arqueológica[161]. Este dispositivo permitiu observar e analisar o sistema de ancoragem metálica entre lintéis. Constatou-se que esta técnica foi sendo recorrentemente utilizada ao longo dos anos, nas sucessivas operações de restauro. Sendo que curiosamente num dos grampos aparece, gravado no chumbo, a inscrição com assinatura e data de 1937[162]. Na face superior da arquitrave são reconhecíveis os comuns entalhes em cauda de andorinha, no topo dos lintéis [IMAGEM 34]. Estes entalhes apresentavam dois orifícios em cada lado e foram preenchidos com chumbo em toda a sua longitude. Na tentativa de saber qual o metal que originalmente seria utilizado nos grampos foi realizada uma prospecção através de um vídeo-endoscópio no ângulo dos lintéis entre a arquitrave e o friso, no lado nascente. Com esta operação foi possível identificar que os grampos originais seriam forjados em bronze e posteriormente revestidos a chumbo:

> *"Através da videoendoscopia foi possível observar, em profundidade, os chumbadouros, as cavidades das áreas esculpidas para encastre dos grampos e as interfaces de junção entre blocos, relevando-se os elementos metálicos originais em bronze, recobertos por chumbo."*[163]

A solução construtiva dos lintéis do friso é de incrível mestria e subtilidade; estes pormenores já tinham sido observados e analisados pelo arquitecto Pedro Fialho de Sousa, nas primeiras investigações sobre o templo[164].

Na arquitrave, os compridos silhares de granito apresentam, sobre a coluna, um ligeiro entalhe que permite que apenas assentem no centro do capitel aliviando assim as extremidades, mais frágeis, do abaco, impedindo a sua fissuração [IMAGEM 35]. "Este pormenor de assentamento também acontece no friso, onde uma saliência inferior, nas extremidades dos leitos, permite uma maior concentração de cargas sobre a coluna[165]. Este detalhe é particularmente perceptível no cunhal no friso [IMAGEM 36]. Para além disso verifica-se que o plano superior da arquitrave apresenta um ligeiro rebaixamento do plano horizontal [IMAGEM 37], tal como pode ver-se neste corte esquemático [IMAGEM 38]; este detalhe corrobora ainda mais esta intenção de concentração de cargas.

O corte dos silhares do friso revela também grande engenho estrutural: a sua secção oblíqua, nos topos, favorece a estabilidade e o travamento da estrutura. Estes: "têm uma geometria muito significativa: os planos de junta são oblíquos e, exceptuando as constituintes dos cunhais que são relativamente grandes, existem, exactamente sobre as juntas da pedra da arquitrave, que se localiza no eixo vertical das colunas, pedras mais pequenas, também com planos de junta oblíquos, onde se

161 Agradece-se ao Dr. Rafael Alfenim, DRCAlentejo, toda a disponibilidade generosa, em particular, a de nos ter dado a oportunidade única de subir aos andaimes, no dia 28 de Novembro de 2017.

162 Este detalhe foi detectado pelo Arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos aquando de uma visita organizada pela DRCAlentejo, de subida aos andaimes do templo, em finais de 2017.

163 Paola Coghi *et al.* (2018, p. 45).

164 Pedro Fialho de Sousa (1998, p. 78).

165 "Éstos no se apoyan en toda su extensión encima del sillar del arquitrabe, sino sólo en los extremos de una zona rectangular (…). Se evita así la quebradura del sillar en el caso de un pequeño movimiento de la estructura." (Theodor Hauschild, 1991, p. 112).

apoiariam as outras pedras do friso, maiores"[166]. Estas pedras trapezoidais, maior dimensão, não assentariam directamente na arquitrave, deixando um ligeiro afastamento. Deste modo, "esta geometria leva-nos a concluir que toda a carga do entablamento era, estaticamente, conduzida para as colunas, numa manifesta compreensão da estabilidade estrutural ainda hoje aplicada na construção do vigamento de betão armado." [167]

Estas soluções seriam bastante eficazes na salvaguarda da estrutura em caso de quaisquer vibrações resultantes, por exemplo, de sismos, pois aliviariam a carga horizontal[168]. Esta preocupação em concentrar a carga no eixo da coluna das cargas verticais era bastante evidente na arquitectura romana[169].

Esta técnica construtiva do friso, em forma de arco plano ou adintelado, é semelhante à utilizada na *Maison Carreée* de Nîmes, da época de Augusto, e no grande Templo *Castorum* no *forum* Romano, em Roma, da época de Cláudio [IMAGEM 39]. Não se trata de uma particularidade construtiva, mas de um pormenor corrente da arquitectura romana, tal como já descrevia Auguste Choisy, em 1899:

> *"L'architrave est monolithe, et a frise appareillée décharge : chaque travée de la frise se compose de deux sommiers retenus par des scellements, et d'un claveau intermédiaire sans contact avec architrave (temple dit de Jupiter Stator)."*[170]

No sofito da arquitrave, ainda são visíveis as molduras em baixo-relevo [IMAGEM 40]. O friso é completamente liso não tendo qualquer vestígio de decoração. Todos estes elementos seriam revestidos a *opus albarium*, com decorações em relevo; este estuque branco, destinado a ficar à vista, era o de execução mais difícil. A espessura desta argamassa deveria ser reduzida ao estritamente necessário de forma a não fissurar. O *albarius tector*[171], autor dos estuques decorativos, trabalharia sobre os andaimes enquanto a argamassa estava fresca para ter maior aderência, isto obrigava a ter vários trabalhadores a executar as camadas da arquitrave e a decoração dos frisos em simultâneo. A arquitectura estaria assim cada vez mais em diálogo com o ornamento.

Relativamente à gestão da obra, tendo em conta as diferentes especialidades, obrigaria a uma grande coordenação entre os construtores e os decoradores, que deveriam trabalhar em grupos e por turnos, enquanto uns preparavam os suportes, os outros realizavam os acabamentos.

166 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 606).

167 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 606).

168 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 606).

169 "Los canteros comprendían la importancia de la precisión de las juntas, especialmente entre dovelas o en el plano horizontal a través del cual se transmitían las cargas verticales. Una junta en la que ambas superficies no fuesen completamente planas distribuiría las cargas de forma desigual. Pero la planeidad por sí sola no era suficiente. Especialmente en los elementos columnarios, la superficie portante se hacía perfectamente horizontal y perpendicular al eje de la columna para evitar cargas excéntricas." Rabun Taylor (2006, p. 123).

170 Auguste Choisy (1899, p. 515).

171 Rabun Taylor (2006, p. 234).

No estaleiro de obra foram seguramente necessários grandes engenhos[172], maquinaria e andaimes robustos que permitissem abarcar todo o edifício, cuja altura poderia ultrapassar os 16 m. Esta é uma altura estimada, pois, até ao momento, não foram encontrados quaisquer vestígios da cornija superior.

Cella

Em 1992 o pódio foi limpo e, de uma vala existente [DESENHO I.09], foi retirado entulho até à profundidade de um metro, de "entre os achados retirados da terra de enchimento havia fragmentos de cerâmica moderna e um pequeno pedaço de mosaico pavimentar com tesselas brancas"[173]; este achado poderá oferecer algumas pistas relativamente ao pavimento da *cella*.

Theodor Hauschild, já em 1981, apontava uma configuração da *cella*, apoiando-se, evidentemente, na evidência arqueológica do estilóbata pódio:

> *"No pódio, podemos reconstruir inequivocamente (…) a forma da Cella, que se desenha com nitidez num alinhamento que se destaca do restante espaço preenchido com opus incertum."*[174]

A fundação das paredes de topo e arranque das laterais da *cella* é perceptível, ainda que de forma ténue, no *opus caementicium* do estilóbata [IMAGEM 41]. Este apresenta uma maior concentração de inertes no lado noroeste. Não há evidências quanto ao material construtivo; podiam ser construídas em *opus incertum* ou em alvenaria de pedra, tal como recomendava Vitrúvio: "E se as paredes forem para construir em concreto, usem-se calhaus o mais miúdos possível; se em pedra de cantaria de pedra ou mármore, tal deverá ser feito com blocos médios e iguais"[175] Teriam, em três faces, um intercolúnio de asfaltamento das colunas perimetrais; esta disposição permitia que as vigas descarregassem na parede. Relativamente à sua espessura, Vitrúvio aconselhava que tivessem uma espessura proporcional à magnitude do templo e que as suas pilastras apresentassem a mesma espessura das colunas[176].

172 Sobre os processos de transporte de grandes blocos e a organização do estaleiro, ver capítulo "Tecnologia da Construção", in Jorge de Alarcão (2004, p. 11-20).

173 Theodor Hauschild (1992, p. 1).

174 Theodor Hauschild (1981b, p. 6).

175 Vitrúvio (IV, IV, 4.), (Vitrúvio, 2009, p. 152).

176 Vitrúvio (IV, IV, 4.), (Vitrúvio, 2009, p. 152).

Temenos

O reconhecimento dos vestígios visíveis do templo foi fundamental para o conhecimento da sua arquitectura, no entanto, ainda havia muitas questões a esclarecer, nomeadamente a definição do comprimento do pódio e a configuração de todo o recinto forense. Em 1981 Theodor Hauschild, antes das sondagens, já avançava com uma possível configuração do recinto sagrado em redor do templo e eventual praça do *forum*:

> *"É de pressupor que o templo se situava num recinto bem delimitado, e que abrangia a extremidade traseira de uma praça rodeada com pórtico, tendo na sua frente o espaço livre e a ara, da qual temos hoje, talvez, um fragmento em cima do núcleo do pódio. Este recinto poderia ter estado ligado ao Forum da cidade, que se localizaria provavelmente – como foi sugerido por Garcia y Bellido – no sítio do museu e cercanias deste."*[177]

Em Junho de 1987 iniciam-se as escavações em redor do templo, o centro monumental da cidade transforma-se num estaleiro.[178] A escolha de cada lugar a escavar é criteriosamente avaliada. Das 44 sondagens realizadas pelo Instituto Arqueológico Alemão quase todas tiveram resultados importantes para a configuração do recinto forense e para a história da cidade nas épocas posteriores.

Para este estudo é mantida a designação original das sondagens que, nas escavações do IAA, era denominada por 'corte'. No desenho as sondagens estão identificadas com o nome e o número, tal como designadas nos respectivos relatórios; acrescentou-se apenas entre parênteses o ano em que foram realizadas, para uma maior compreensão. Da mesma forma a grelha de coordenadas implementada nestas escavações foi transferida para o desenho de registo de modo a conseguir localizá-los. Esta grelha consistia num quadriculado realizado a partir de um sistema de coordenadas cartesianas relativas (x, y), orientado segundo as estruturas de época romana e cujo ponto (0,0) se localizava no templo. Este sistema foi devidamente integrado no sistema de coordenadas absolutas, de acordo com o levantamento aerofotogramétrico, à escala 1/1000 (sistema de referência: Datum 73, realizado em 2000). Relativamente ao sistema de referência das cotas altimétricas, utilizado nas escavações do IAA e nas primeiras escavações do Museu de Évora [DESENHO I.01 – N.º 5.], foi mantida a sua indicação, acrescentando-se, entre parênteses rectos, a cota altimétrica segundo o sistema actual.

Para este estudo são registadas todas as sondagens [DESENHO I.16] realizadas durante a campanha de escavação do IAA; para além destas foram também integradas as sondagens realizadas aquando da obra de reabilitação do Museu.

A zona monumental foi separada em área sacra do templo e área secular, foram produzidos desenhos de registo das sondagens de cada uma destas áreas em planta e em corte. As plantas das sondagens da área sacra do templo foram registadas [DESENHO I.20], destes vestígios foram identificados os de época romana [DESENHO I.23]. Para além disso, fez-se uma tentativa de registo, destas estruturas, na época moderna [DESENHO I.21] e época islâmica-medieval [DESENHO I.22], na

177 Theodor Hauschild (1981b, p. 7-8).

178 Estas escavações foram bastante difundidas pela comunicação social da época; destacam-se os títulos mais importantes: (C. F. D., 1987); (Templo de Évora está em estudo, 1990); (Évora condiciona trânsito para salvar templo, 1990); (Templo de "Diana" era dedicado a Júpiter?, 1990); (Pesquisas arqueológicas em Évora, 1990); (Conceição Rego, 1990); (António Carlos Silva, 1991a); (Marcial Rodrigues, 1992); (Luís Maneta, 1995).

legenda destes desenhos está identificada a natureza do vestígio. A área secular foi registada da mesma forma, estando todas as sondagens identificadas [DESENHO I.24]; neste desenho optou-se por não representar os vestígios, pois estes ficariam completamente impercetíveis quando sobrepostos. Ao contrário da zona sacra verificou-se, nas escavações sobretudo do Museu, que a praça do *forum* foi sendo sucessivamente ocupada. São assim identificadas as estruturas de época romana, no piso térreo do Museu [DESENHO I.28] e na cave [DESENHO I.29]. À semelhança da área sacra fez-se o mesmo exercício de registo dos vestígios na época moderna [DESENHO I.25], medieval [DESENHO I.26] e islâmica [DESENHO I.27]. Os vestígios encontrados de um bairro islâmico são de especial relevância e merecem um estudo mais aprofundado; este é apenas um apontamento dos mesmos e carece de uma análise mais cuidada.

Sobre os perfis na zona monumental foram integrados nos perfis da cidade actual os perfis de cada sondagem, os quais estão indicados na planta da zona monumental, juntamente com as sondagens [DESENHO I.16]. Os perfis abarcam toda a zona monumental da cidade, foram realizados seis perfis longitudinais (A, B, C, D, E e F) e cinco transversais [G, H, I, J e K). Os alçados e cortes dos edifícios existentes na zona monumental foram também desenhados de forma a contextualizar os vestígios [DESENHO I.17], [DESENHO I.18], [DESENHO I.19].

Tanque

Em junho de 1987, no remate sudoeste do templo, é realizada a primeira sondagem, corte 1 (1987), [IMAGEM 42]. No canto noroeste desta vala, foi descoberta uma esquina, revestida a *opus signinum*, que aparentava pertencer a um tanque de água [DESENHO I.09]. Esta estrutura, envolvida por um muro, estava conservada até 0,35 m acima do nível do fundo.

Após a realização do corte 2 (1987)[179], na esquina oposta, e corte 3 (1988), no lado norte, perpendicular ao templo, foi possível traçar a configuração do tanque. Este é em forma de U e rodeia o templo por três lados [DESENHO I.09]. Estranhamente a posição do tanque não é simétrica ao templo, sendo difícil de compreender a sua posição excêntrica em relação ao eixo do templo; a distância do tanque à base do templo é, no lado poente, de 0,88 m e, no lado nascente, de 1,10 m[180]. A largura do tanque também é variável: 5,00 m no lado poente, 3,70 m no lado norte e 4,84 m no lado nascente.

O corte 4 (1990) prolongou o corte 1 (1987) conseguindo assim observar toda a largura do tanque no lado poente e também o desenho do nicho na extremidade sudoeste. Aqui as paredes do tanque apresentam pouca altura e talvez tenham sido continuamente destruídas, pois verificou-se que, no lado oeste, "onde há um alargamento (de 0,65 m) de um nicho, e de o pavimento e o silhar de canto terem sido danificados quando este último foi retirado"[181]. O corte 3 (1993), na esquina noroeste do templo, pouco acrescenta à compreensão da estrutura, que neste caso se encontrava bem conservada. Com o decorrer das escavações verificou-se também, a partir dos materiais encontrados, que todo o tanque já teria sido escavado anteriormente.

Em 1996, iniciou-se uma 'Campanha de Pesquisa Arqueológica' com vista à escavação no tanque na sua totalidade. Esta campanha, coordenada pelo IAA e promovida pela Câmara Municipal de Évora, estava integrada no projecto de Musealização da zona envolvente ao templo, foi dirigida por Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa, com a colaboração do arqueólogo municipal Panagiotis Sarantopoulos. A exumação e restauro integral do tanque[182] era o principal objectivo deste projecto de "Reordenamento Urbanístico da Zona Envolvente do Templo Romano de Évora" [IMAGEM 43, 44]. Este projecto, da autoria do Arquitecto João Videira[183], previa a conservação/salvaguarda e exposição/consolidação das estruturas arqueológicas na cidade. Este estaria dividido em três fases: a primeira seria o restauro do tanque, numa segunda fase havia também a intenção de reabilitar a zona sacra: reconstituir dois muros do criptopórtico, a norte, de modo a coincidir a faixa de rodagem com o seu traçado e de recuperar a cota original do pavimento envolvente ao templo e, numa terceira fase, o tratamento da praça a sul do templo. Os trabalhos de escavação iniciaram-se no troço oeste do tanque, seguidos dos dois cantos; estas sondagens permitiram avaliar o comportamento desta

179 Esta sondagem foi realizada pelos Serviços Arqueológicos da Zona Sul (Theodor Hauschild, 1988a, p. 1).

180 Esta medidas, 0,88 m e 1,10 m, correspondem exactamente a 4 palmos e 5 palmos ou uma vara (1 palmo = 22cm), medidas que estavam em vigor no reino desde a Idade Média ao século XIX. Este dado pode indiciar que o tanque tenha tido uma intervenção mais tardia.

181 Theodor Hauschild (1990, p. 3).

182 Pedro Fialho de Sousa e Theodor Hauschild (1996, s/p).

183 João Videira (1996).

estrutura e o estado de conservação dos materiais. Uma questão que se levantava era o problema da contenção de terras, tal como alertava Pedro Fialho de Sousa:

"A sua execução pode ser arqueologicamente interessante, mas sob o ponto de vista técnico pode vir a ser desastroso. Tecnicamente quanto mais terras se tirarem menor será a contenção das estruturas de assentamento do Templo".[184]

A localização desta sondagem foi cuidadosamente avaliada, ao realizar-se na zona adjacente do cunhal sudeste do pódio, numa zona onde a carga é significativamente menor, permitiria uma avaliação mais prudente da estrutura exposta. Esta operação foi vista com alguma reserva por parte dos arquitectos, pois, apesar do interesse arqueológico e patrimonial do projecto para a cidade, não seria "prudente nem cientificamente correcto, retirar de imediato a totalidade das terras nele contidas"[185]. O tanque foi escavado em parte e, apesar destes esforços, a verdade é que estas estruturas, depois de analisadas e registadas, foram devidamente protegidas e novamente entulhadas.

Relativamente aos resultados das escavações realizadas, no corte 29A (1996)[186] [DESENHO I.09], verificou-se que o braço nascente do tanque foi completamente rasgado longitudinalmente, a eixo, por uma vala, de cerca de um metro de largura, para instalação de um grande colector pluvial da cidade[187]. Debaixo da calçada surgiu uma grande camada de enchimento, uma camada arenosa, sem qualquer espólio, provavelmente de aluviões, o que corrobora ainda mais que o tanque tinha estado exposto durante um longo período.[188]

Apesar das preocupações que a escavação originou, esta permitiu analisar com mais detalhe a técnica construtiva do tanque. As paredes perimetrais foram construídas em *opus caementicium* com largura variável, as paredes do tanque que circundam o templo têm cerca de 0,80 m de espessura no lado poente, 0,90 m no lado norte e 1,00 m no lado nascente. Sobre os alicerces dos muros perimetrais estes "não têm muita profundidade, ou seja só 0,30 m dentro da terra virgem"[189]. Pela vala do colector municipal foi possível perceber o pormenor construtivo do pavimento do fundo do tanque: camada de 10 cm de *opus signinum* sobre uma argamassa de 50 cm[190]. Uma solução construtiva que cumpria os preceitos de Vitrúvio de um pavimento *opus signinum*. Esta seria então realizada da seguinte forma: sobre uma base firme e compacta de cascalhos (*statumen*) aplicava-se uma camada de argamassa de cal, areia e pedra miúda "bem calçada, com uma espessura não menos do que ¾ de um pé" (*rudus*), depois de esta superfície estar bem nivelada aplicava-se "um núcleo (*nucleus*) de três partes de tijolo cozido moído para uma de cal, com uma espessura não menos do que seis dedos"[191]. Na construção romana, independentemente do tipo de pavimento, este era o procedimento base, o *nucleus* poderia ter na mistura fragmentos cerâmicos ou de mármore "o *crustae*, distribuídos de maneira aleatória ou

184 Pedro Fialho de Sousa e Theodor Hauschild (1996, s/p).
185 Pedro Fialho de Sousa e Theodor Hauschild (1996, s/p).
186 Esta sondagem prolongou uma anterior, o corte 29 (1993), realizada entre o canto sudeste do templo e a Pousada dos Lóios.
187 Não se encontrou qualquer registo desta obra municipal, certamente realizada em meados do século XX.
188 Theodor Hauschild (1994b, p. 4).
189 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1996, p. 3).
190 Theodor Hauschild (1994b, p. 4).
191 Vitrúvio (VII, I, 1. e 3.), (Vitrúvio, 2009, p. 263-264).

geometricamente, com mais ou menos esmero"[192]. O *opus signinum* poderia ficar à vista, como é o caso deste exemplo, ou então sobre este poderiam ser fixados mosaicos ou outro tipo de pavimento cerâmico. Os muros foram revestidos com duas camadas de *opus signinum*, uma com cerca de 4 cm de espessura, sensivelmente de dois dedos, e outra mais fina com 2 cm de espessura, um dedo, de inerte cerâmico de menos granulometria que estaria em contacto com a água[193].

A junção dos planos vertical e horizontal apresenta sempre o mesmo detalhe, um quarto de círculo convexo, utilizado deste tipo de estruturas.

> *"É um processo expedito de aumentar a estanqueidade uma vez que a colocação à espátula ou à colher, cria aí uma zona crítica que terá pontos de estanqueidade duvidosa, que com esta solução fica garantida."*[194]

O corte 29A (1996), [IMAGEM 45] pela sua grande dimensão, permitiu analisar a pendente do pavimento. O fundo do tanque do braço nascente apresentava, no sentido norte-sul uma ligeira pendente de cerca de 1%; este facto pode ajudar a perceber o sistema de abastecimento e drenagem das águas. Outro detalhe curioso é que as paredes perimetrais do tanque também apresentavam um ligeiro declive para o interior. Infelizmente "encontram-se parcialmente destruídas, na sua metade superior, apresentando o seu bordo superior de fractura, em todo o seu perímetro, limitado, entre os 64 cm e os 26 cm, na parede nascente, entre os 64 cm e a total ausência (motivada pela abertura da vala para a colocação do colector pluvial), na parede Sul e os 73 cm e 31 cm na parede Poente"[195].

No corte 29D (1996) [IMAGEM 46], realizado no canto nordeste do templo, foi identificada, segundo Theodor Hauschild, uma "cova ou fossa" cúbica com 35 cm de profundidade, que seria um "depósito de recolha, característico, no lugar de saída de águas"[196]. O muro do tanque, junto ao depósito, está completamente destruído até ao alicerce, no entanto, "existem, na parte inferior, marcas de silhares e restos de *opus signinum* que podemos interpretar como pertencentes a uma estrutura relacionada com a saída de água"[197]; verificou-se que a vala do colector se estendia, para Norte, destruindo o muro perimetral do tanque. Apesar do mau estado de conservação, esta vala revelou vestígios importantes para a compreensão do sistema de drenagem das águas.

No corte 29G (1996) [IMAGEM 47], o pavimento e muros do tanque revelaram-se em melhor estado de conservação, no limite do tanque, a norte, são reconhecíveis dois muros paralelos, da mesma época, no entanto, não se sabe a razão desta solução construtiva; o arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos defende que poderia tratar-se de um reforço da estrutura. Nesta sondagem foram encontrados dois canais de água, um localizado no canto noroeste do tanque e outro, de secção mais pequena, foi identificado no alargamento do muro oeste. O canal de maior envergadura, localizado no canto noroeste, teria provavelmente na extremidade um fecho de cano. A faixa do cano de saída, em *opus signinum*, atravessava o ângulo dos muros do tanque a 45º e desembocava num canal do qual

192 Jean-Pierre Adam (1996, p. 253).
193 Pedro Fialho de Sousa e Theodor Hauschild (1996, s/p).
194 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 607-608).
195 Pedro Fialho de Sousa e Theodor Hauschild (1996, s/p).
196 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1996, p. 3).
197 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1996, p. 3).

"existe um muro (norte) de 0,50 m espessura e 0,45 m altura, que presenta na face interior um reboco de *opus signinum*. Do outro muro que limitava o canal não podemos ver, de momento, a sua situação, visto que foi coberto integralmente pelo alicerce dum muro do Palácio da Inquisição."[198]

Relativamente à outra saída de água os dados não são claros, deste modo não foi possível identificar a sua localização:

> *"No muro oeste do tanque existe outra saída de água de forma tubular de 3,5 cm de diâmetro. A sua situação, ou seja, 10 cm acima do nível do pavimento do tanque, aponta também para uma interpretação como sendo de saída de água, não para a limpeza do tanque mas para outro uso, doméstico ou para fontes. Chama a atenção o facto que o muro exterior do tanque ter uma maior espessura no ponto da mencionada saída de água."*[199]

Este pequeno canal tinha a particularidade de estar um pouco mais elevado, talvez por uma questão de filtragem da água. Tratando-se de um tubo de tão ínfima secção, talvez a hipótese defendida por Theodor Hauschild e Panagiotis Sarantopoulos[200] seja adequada. No entanto, isto não invalida que o outro canal da esquina noroeste do tanque, com uma secção considerável, poderia estar ligado a um depósito.

No corte 29G (1996) também foi encontrado um pavimento em *opus signinum* exterior ao muro oeste, à mesma cota do fundo do tanque [DESENHO I.10]; este "de construção anterior à do tanque de água, em comparação com os restos do pavimento encontrado no corte 43 (1995), estende-se na zona norte do templo."[201] Estes restos de pavimento, sensivelmente à mesma cota, são importantes pois revelam que antes do tanque ter sido construído já existia um pavimento nesta zona e talvez o fundo do tanque tenha aproveitado estra estrutura.

Apesar de todas as escavações realizadas, estas não permitiram perceber a ligação do tanque à rede pública de águas da cidade antiga. Relativamente à sua datação a construção do tanque terá sido em meados do século I d.C. [202], portanto posterior ao templo e anterior à reformulação do muro das pilastras, dado não ter sido encontrado nenhum vestígio de mármore.

Os tanques, para além da sua importância como estrutura simbólica de culto, associada à liturgia em honra do imperador, teriam uma presença bastante cenográfica no conjunto monumental, tal como será estudado na Parte III, aquando da interpretação deste conjunto.

Antiga Cisterna

Os cortes 19 (1992) e 19A (1993) revelaram, no canto noroeste do recinto que envolve o templo, uma estrutura, outrora abobadada, com mais de 2 m de profundidade, [DESENHO I.23]. O pavimento e as paredes estão revestidos a *opus signinum* de 2 cm de espessura. Esta estrutura apresenta no muro, que a delimita a este, o arranque da abobada em tijolos[203] [IMAGEM 48], ligeiramente cuneiformes de

198 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1996, p. 4).
199 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1996, p. 5).
200 Theodor Hauschild e Panagiotis Sarantopoulos (1995-1996).
201 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1996, p. 5).
202 Theodor Hauschild (2001, p. 86).
203 Theodor Hauschild (1994b, p. 6).

0,35x0,36x0,07 m[204], [DESENHO I.17 – PERFIL CC']. Na parede limite a sul ainda é visível o traçado, em semicírculo, da abóbada. Pensa-se que esta estrutura poderia corresponder a uma estrutura de armazenamento de água, uma cisterna[205] de uma fase anterior à construção do pórtico, tal como refere Pilar Reis: "os resultados obtidos nesta intervenção arqueológica não só identificam esta primeira estrutura de armazenamento de água, como também esclareceram a sua destruição em meados do séc. I d.C. A supressão da cisterna foi, certamente, uma solução exigida pela construção do pórtico que envolve o *temenos* do templo e de um mais que provável, criptopórtico." [206] Assim esta sondagem revelou também um possível muro de suporte do estilóbata do pórtico, que aproveitava uma estrutura já existente.

O material encontrado dentro da cisterna aponta dados importantes para a datação, alguns dos achados de cerâmica são do início da época imperial, outros, na generalidade da primeira metade do século I d. C. Apesar de tudo, estes materiais ainda não são suficientes para determinar um decénio como data do pórtico.

A existência desta cisterna numa época anterior levanta várias hipóteses sobretudo em relação à data de construção do aqueduto de abastecimento da cidade, pois a necessidade de armazenamento de água neste local poderá indicar uma necessidade ainda não colmatada pelo aqueduto[207]. Assim,

> *"Seria esta cisterna de época augustana, ou anterior, apenas sacrificada aquando da construção de um aqueduto? Se assim se viesse a confirmar o aqueduto seria de meados do séc. I d.C., data da marmorização da praça. Um dado externo ao forum poderia ser um bom indicativo."*[208]

O traçado da área sacra começa assim a ser conhecido, a largura é de aproximadamente 60 m[209] e os supostos limites laterais do pórtico, tal como o tanque, também não estariam equidistantes do templo.

Criptopórtico/Pórtico

Os cortes 9, 10, 11 e 13, da zona C, realizados em 1990, no pátio do Palácio da Inquisição, [DESENHO I.20] revelaram a localização do suposto pórtico e do criptopórtico. No corte 9 (1990), sob o muro do jardim do Palácio da Inquisição, foi detectado outro muro com 0,72 m de espessura, aproximadamente dois pés de meio. Theodor Hauschild argumenta que talvez se tratasse do muro de fundação das colunas do pórtico, o estilóbata[210], [DESENHO I.23]. O corte 10 (1990) revelou estruturas da época moderna[211], [DESENHO I.21]. Verificou-se, nos cortes 9 e 10 (1990), que o terreno natural estava a uma cota muito abaixo, levantando-se assim a suspeita da existência de um

204 Theodor Hauschild (1992, p. 4)
205 Theodor Hauschild (2001, p. 90).
206 Maria Pilar Reis (2010, p. 290).
207 "A cisterna pertencia às construções dos primeiros tempos, quando ainda não existia um abastecimento de água através de um aqueduto." Theodor Hauschild (1994b, p. 17).
208 Maria Pilar Reis (2010, p. 290).
209 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1991a, p. 5).
210 Theodor Hauschild (1990, p. 12).
211 Theodor Hauschild (1990, p. 13).

criptopórtico[212], [DESENHO I.19 – PERFIL GG']. No corte 11 (1990) foi encontrado outro muro, de traçado norte-sul, aproximadamente com a mesma espessura 0,76 cm, aproximadamente dois pés de meio, de aparência romana. Este muro poderá ser o limite ocidental do suposto criptopórtico. Adossado a este muro, a sudoeste, apareceu um contraforte, com um metro de largura, "o que prova tratar-se de uma parede exterior, provavelmente da parede de remate do pórtico que envolve o recinto do templo."[213], [DESENHO I.23]. O corte 13 (1990), apesar de não ter tido qualquer achado significativo, veio corroborar a hipótese da existência de um criptopórtico, pois o terreno natural encontrava-se 2 m mais acima[214], [DESENHO I.19 – PERFIL GG']. Assim, "o nível do pavimento romano nesta área era, pelo menos, 1,50 m – provavelmente quase 2 m – mais elevado do que o do solo antigo adjacente, a oeste, encontrado durante a escavação, no espaço entre os muros do pórtico."[215]

No ano seguinte fizeram-se mais escavações a noroeste (corte 14 e 15), no interior do jardim do Palácio do Cadaval e no Largo Conde Vila-Flor (cortes 16 e 17), [DESENHO I.20]. No corte 14 (1991), apesar do aumento de espessura do muro existente, com arco ultrapassado, do século XVI, que poderia indiciar algum vestígio, não houve nada a registar. A primeira interpretação das estruturas encontradas no corte 15 (1991) faziam supor que se tratava do canto nordeste do *Forum*[216]. Mais tarde, com o corte 34 (1993), verificou-se que o limite seria mais a norte; assim, este corresponderia ao muro exterior nascente do criptopórtico com possíveis acrescentos. O corte 16 (1991) foi particularmente importante para o reconhecimento do traçado do *forum* e para a compreensão do sistema de escoamento das águas do recinto sagrado. Infelizmente a instalação de um colector municipal destruiu bastante as estruturas destas sondagens. Ainda assim é possível perceber o desenho do cunhal, possivelmente da parede do criptopórtico, que serviria também de base à colunata em redor do recinto[217]. Os muros no sentido este-oeste apresentam a particularidade de serem duplos. Theodor Hauschild supõe que, para "estes dois muros, erguidos um ao lado do outro, pode haver duas explicações: uma iria pressupor duas fases de construção e a outra tem como fundamento o facto de o muro exterior – bastante demolido – constituir a parede do criptopórtico, enquanto o muro interior, situado ao lado, deve ser compreendido como base sobre o qual se apoiavam eventualmente as arcadas do pórtico superior"[218], [DESENHO I.18 – PERFIL EE']. Nesta escavação foi também descoberta uma estrutura que poderia constituir um troço da conduta de drenagem das águas pluviais do recinto sagrado para norte, esta construção rectangular:

212 "O nível surpreendentemente baixo do terreno natural, mais ainda a sua superfície quase horizontal nos corte 9 e 10, fazem supor que aqui se escavou no terreno natural para a construção de um criptopórtico." (Theodor Hauschild, 1990, p. 13).

213 Theodor Hauschild (2001, p. 90).

214 Theodor Hauschild (2001, p. 90).

215 Theodor Hauschild (1990, p. 15).

216 "A uma profundidade maior surgiu, no lado Este, um muro com argamassa, com 0,60m de espessura, que penetra o terreno natural. Este muro está conservado até cerca de 20cm acima do nível do terreno natural e, imediatamente diante da parede norte do corte, forma o canto Nordeste do perímetro exterior do criptopórtico." (Theodor Hauschild, Pedro Fialho de Sousa, 1991a, p. 3).

217 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1991a, p. 4).

218 Theodor Hauschild (2001, p. 83).

"cuja maior dimensão se desenvolve no sentido Este-Oeste, em boa alvenaria de pedra romana e forrado interiormente com 'opus signinum' com as arestas do fundo em quarto de círculo convexo, demonstrando que se trata de uma construção destinada a conter ou conduzir água. Encontra-se ladeada por um murete de pedra seca, colocado posteriormente,"[219]

Pedro Fialho de Sousa já no corte 14 (1997) alertava para a humidade existente naquela zona; assim esta conduta pode estar relacionada com este facto.

"Esta hipótese é de certa maneira acentuada pelo facto já referido de a zona estar sempre húmida, o que pode indicar que o sistema ainda hoje funciona, devendo-se a concentração de humidade ao facto de ter sido bloqueado algures o escoamento das referidas águas pluviais."[220]

Desconhece-se se o canal de saída de água do tanque, encontrado no corte 29D (1996), teria ligação com esta estrutura.

Ligeiramente mais a norte, no corte 17 (1991), foi encontrada uma estrutura em cruz, com uma ligeira inclinação face à orientação romana. Este vestígio foi, numa fase inicial, interpretado como fazendo parte do limite norte do *Forum*; depois de analisado com mais atenção verificou-se que o núcleo central tinha mais enchimento formando um quadrado, o que faz supor a existência de um pilar com muros adjacentes posteriores.

No ano seguinte foi realizada uma sondagem, localizada no alinhamento do corte 16 (1991), a oeste, que procurava encontrar o limite noroeste do recinto envolvente do templo. O corte 19 (1992) foi bastante conclusivo, pois comprovou a existência dos muros, do canto oposto do criptopórtico, definindo a configuração do recinto em redor do templo. Nos cortes 19, tal como no 16, foi encontrada "esquina do recinto cercada pelo lado noroeste por dois muros paralelos"[221] adossados, reconhecíveis através da cor diferente das respectivas argamassas[222].

"Os muros romanos do corte 16 mostram uma particularidade que só foi possível entender após as escavações de 1992 no canto sudoeste do pórtico, no corte 19. Assim, junto aos troços de muros romanos existentes a um nível mais baixo, o qual corresponde ao do pavimento do suposto criptopórtico, apareceu uma base de opus caementicium com uma espessura de 0,70m, na qual está encaixado o canal de esgoto [contemporâneo]. Em comparação com o corte 19, a construção pode ser interpretada como resto de um muro conservado."[223]

No corte 26 (1993), a ampliação do corte 19 (1992), [IMAGEM 49] foi encontrado o prolongamento do muro com a orientação este-oeste "que se pode interpretar como o estilóbato do pórtico. (…) Um destes muros assenta dentro da cisterna"[224], como já se verificou [DESENHO I.17 – PERFIL CC'].

No corte 27 (1993), a oeste do corte 26 (1993), encontrou-se uma estrutura, que aparentava ser o muro exterior do pórtico, com o corte 28 (1993), verificou-se a existência de um grande silhar

219 Pedro Fialho de Sousa (1991, p. 3).
220 Pedro Fialho de Sousa (1991, p. 3).
221 Theodor Hauschild (2001, p. 84).
222 Theodor Hauschild (1994b, p. 17).
223 Theodor Hauschild (2001, p. 83).
224 Theodor Hauschild (1994b, p. 4).

adossado a este muro no lado exterior que se identificou como um contraforte, à semelhança do encontrado no corte 11 (1990).

No alinhamento do corte 3 (1988), foi realizado o corte 34 (1993); nesta sondagem foi encontrado um silhar de granito de configuração quase quadrada, com 1,02x1,04 m. Este encontrava-se enterrado no terreno natural e apenas se entrevia 3 cm da sua superfície. Uma das particularidades deste silhar eram as linhas gravadas [IMAGEM 50], "que certamente devem ser entendidas como as linhas dos eixos de pilastras ou colunas a serem colocadas em cima. Estas linhas seguem exactamente o sistema de coordenadas do templo."[225] A norte desta sondagem encontrou-se um muro que poderia corresponder ao muro limite posterior do pórtico, "o que é confirmado pelo contraforte que sai desse muro em direcção a Norte. É curioso que do muro exterior do pórtico reste tão pouco como do muro exterior nos cortes 9 e 26. Portanto, o exterior do criptopórtico dava para espaço vazio"[226], [DESENHO I.18 – PERFIL EE'].

O corte 43 (1995) está entre o corte 3 (1988) e o 34 (1993); nesta sondagem surgiu, sob uma estrutura moderna[227], um muro com orientação este-oeste, de 1,40 m de espessura "construído com argamassa de cal e pedras, o qual, a julgar pela sua largura e superfície irregular, deve ser visto como resto de uma parede outrora de maior altura"[228]. Esta poderia ser interpretada como o muro do criptopórtico, conservado até cerca de 1,20 m de altura [DESENHO I.19 – PERFIL EE']. Junto dessa estrutura, no lado norte, surgiu uma superfície de rocha alisada horizontalmente, à cota média de 98,90 m [304,81 m][229], que poderá ser o pavimento do criptopórtico. A sul deste muro foram detectados vestígios de um *opus signinum*, muito deteriorado, apenas com 1-2 cm de espessura[230]; este está à cota 100,18 m [306,09 m], que corresponde sensivelmente à cota do fundo do tanque e também ao *opus signinum* encontrado no corte 29G (1996), no exterior ao muro do tanque.

Em 2009, foram realizados os trabalhos de acompanhamento arqueológico, no âmbito da execução do projecto "Museu de Évora – Execução de ramal de abastecimento de gás ao edifício do museu", a cargo da empresa Construgás, S.A., e uma equipa da Palimpsesto, Lda. Este acompanhamento teve como objectivo detectar e registar os vestígios arqueológicos e patrimoniais que fossem surgindo durante a abertura dos roços nas ruas e praças envolventes ao Templo e Museu, de forma a prevenir eventuais destruições. Deste modo, o conhecimento sobre as estruturas deste relatório é apenas superficial, pois trata-se de uma operação de acompanhamento. Apesar de tudo, foram encontradas estruturas que importa mencionar. A abertura de valas para instalação da conduta de gás abrangeu a zona compreendida entre a rua Augusto Filipe Simões, o lado nascente do templo

225 Theodor Hauschild (1994b, p. 9).

226 Theodor Hauschild (1994b, p. 10).

227 Esta estrutura moderna foi retirada posteriormente para melhor compreensão dos vestígios romanos.

228 Theodor Hauschild (1996, p. 1).

229 Optou-se por colocar as cotas como são apresentadas nos relatórios e entre parênteses rectos a sua correspondência com o sistema de referenciação nacional.

230 "Baseando-se nos escassos restos é possível dizer que o *opus signinum* formava uma faixa de 98cm de largura, no lado exterior da parede do criptopórtico. Não pôde ser averiguado se esta faixa era limitada por uma construção, pois é atravessada por dois silos." (Theodor Hauschild, 1996, p. 2).

até ao museu, contornando-o pelo lado norte e poente, até ao largo Marques de Marialva. Foram encontradas 23 estruturas, em que pelo menos duas estarão relacionadas com recinto sagrado do *forum*, e uma outra relativa à praça do *forum*. A estrutura 6 (2009), pela localização, poderá pertencer ao muro do pórtico que rodeava o templo, no entanto, a escavação sendo muito superficial não foi possível confirmar essa suspeita[231]. Trata-se de um muro com cerca de 70 cm de largura "composto por pedras de pequenas dimensões envoltas em bastante argamassa"[232]. A vala longitudinal, estrutura 7 (2009), a nascente do templo, revelou o já esperado pavimento em *opus signinum* do tanque e a faixa cortada correspondente às valas de condutas de água e electricidade.

Nas sondagens em frente ao Palácio da Inquisição, corte 8 (1990) e corte 25 (1992), foram encontrados muros aparentemente do criptopórtico, [DESENHO I.20]. No corte 8 (1990) apareceu um muro com 1,90 m de largura, de traçado norte-sul[233]. No corte 25 (1992) foi encontrado o limite sul da ala sudoeste do possível criptopórtico, que teria assim uma largura de 7,65 m. Apenas se escavou o coroamento do muro a uma cota 99,45 m [305,36], não chegando ao assentamento na rocha.

Importa igualmente trazer para este estudo uma escavação que ocorreu no Jardim de Diana, em 2007, requerida pela Câmara Municipal de Évora. Estes trabalhos arqueológicos tiveram como objectivo a avaliação do impacto que um projecto de reabilitação urbana teria para este espaço. Foram realizadas três sondagens e verificou-se na sondagem 3 (2007), a norte do templo, a "presença de um pequeno muro de características semelhantes ao identificado no jardim do Palácio dos Duques de Cadaval"[234]. Esta estrutura enquadra-se assim numa tipologia de construção de época romana e segue o alinhamento das restantes estruturas encontradas [IMAGEM 51].

Muro estruturado por pilastras

Ao iniciar a escavação, a sul do templo, verifica-se que, tal como acontece nas escavações do tanque, toda esta área tinha sido outrora escavada; assim apenas foram recolhidos achados secundários. Apesar de não haver dados exactos sobre os limites das escavações de Cunha Rivara, realizadas em meados do século XIX, verificou-se, no decorrer das escavações, que "directamente em frente do pódio foi desaterrada uma área com 10 m de largura indo até à superfície do pavimento."[235]

No já referido corte 1 (1987) foi encontrado o muro estreito de fundação da grade de ferro, erguida no final do século XIX[236], que vedava o acesso ao pódio, [DESENHO I.20]. Mais a sul desta vala, surge o primeiro vestígio do muro de silhares que definirá o recinto sagrado. Este muro de contenção

231 Os autores desta escavação ressalvam que "os limites à interpretação destes dados são reforçados pelo facto de não ter sido possível escavar qualquer uma das estruturas, uma vez que o dono de obra optou sempre por adequar o projecto aos vestígios arqueológicos detectados, em função das sugestões da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, evitando afectações desnecessárias." (Miguel Serra, Gonçalo Moreira, 2010, p. 183).

232 Gonçalo Moreira e Miguel Serra (2009, p. 8).

233 Theodor Hauschild (1990, p. 10).

234 Susana José Gomes Dias e Conceição Vitoriano Maia (2007, p. 19).

235 Felix Teichner (1991-92, p. 54).

236 Theodor Hauschild (1994b, p. 2).

afirmava a diferença de cotas que deveria existir entre o recinto sagrado e o de carácter público. Apresentava vestígios de revestimento de placas de mármore e tinha sido realizado em silhares de pedra, alguns reaproveitados de outras construções. Esta estrutura estende-se transversalmente, paralela à fachada do templo, atravessando os cortes 1 (1987), 4 (1990), 6 (1990), 24 (1992), 29 (1993) e 30 (1993), desde o cunhal do antigo Palácio da Inquisição à Pousada dos Lóios [DESENHO I.01 – N.º 3]. Tratava-se assim não de um muro independente, mas de contenção de terras, pontuado por pilastras, assente na rocha com argamassa de cal. Encontrava-se bastante destruído, apenas na parte central, nos cortes 6 (1990) e 30 (1993), [IMAGEM 52] , são visíveis duas fiadas de silhares; apesar disso não se sabe que altura teria. Verificou-se que houve reaproveitamento de silhares de construções anteriores, pois foi possível verificar, em dois silhares, o perfil moldurado voltado para o interior do muro [IMAGEM 53]; apareceu também o "molde impresso na argamassa de fixação de um terceiro muro, este desaparecido. A superfície deste molde apresentava uma fina camada de cobertura de estuque"[237].

No corte 30 (1993) são perceptíveis, no topo de alguns silhares [IMAGEM 54], pequenos ressaltos que serviriam para mover e encaixar as pedras superiores[238]. Para além destes ressaltos é também reconhecível, na borda da frente da segunda fiada de silhares, um traço gravado na pedra, afastado cerca de 7 cm, 4 dedos, uma guia que indicaria o recuo da terceira fiada[239]. Estes traçados prévios são frequentes, por exemplo, no templo do *Forum* provincial de Mérida, localizado na *Calle Holguín*, foram descobertas incisões que orientavam o posicionamento dos silhares superiores do pódio[240] [IMAGEM 55], e em *Ammaia*, no soco do pódio do templo, também foram encontradas estas incisões [IMAGEM 56].

Pelo corte 24 (1992) deveria ser possível traçar o alinhamento do muro, a poente, e perceber onde este rematava, no entanto, devido à necessidade de abertura de uma vala, para a colocação de uma conduta de água pluvial, o remate do muro ficou bastante destruído. Apesar disso, "a fundação permite reconhecer que no canto do muro não foi previsto nenhuma pilastra, havendo, em vez dela, um amontoado rectangular (1,00m por 1,00m) de lascas de mármore, provavelmente a base de um soco de estátua"[241].

Encontraram-se vestígios das pilastras nos corte 4 (1990), 6 (1990), 24 (1992) e 30 (1993). As pilastras são aproximadamente equidistantes, à excepção da central, que marca o eixo de todo o complexo [DESENHO I.20]. O afastamento a eixo é de 5,28 m (entre as centrais) e de 5,09 m nas laterais. Assim, pelo que pode constatar-se, nas sondagens, o muro das pilastras teria uma composição axial. A pilastra central apresentava aparentava ser maior que as colaterais, [DESENHO I.19 – PERFIL II']. Na pilastra central verificou-se que esta manteve o "seu estado primitivo, provavelmente, graças à

237 Pedro Fialho de Sousa (1993, p. 5).
238 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 608-609).
239 Theodor Hauschild (1990, p. 6).
240 Antonio Pizzo (2010b, p. 71).
241 Theodor Hauschild (1992, p. 3).

existência de uma ara ou de um pedestal junto do muro"[242]. Nas restantes pilastras é visível um recorte na argamassa do pavimento que poderá indiciar a implantação do mármore. Foram encontrados, na zona inferior em contacto com o pavimento, alguns vestígios das placas de mármore[243]; estas têm entre 2 e 3 cm de espessura e revestiam o pano de parede e as pilastras; no ressalto do soco havia certamente um friso perfilado.

A pouca espessura destas placas pode surpreender mas, deste modo, estas eram leves o suficiente para poderem ser colocadas à mão[244], para além de traduzirem uma maior economia de material. Estas estavam fixas às paredes com argamassa. Pelos vestígios é possível observar que o mármore de revestimento do muro seria branco acinzentado.

Analisando, com detalhe, a parte frontal dos silhares existentes repara-se que estes foram desbastados cerca de 6 cm. Este pormenor pode indiciar que o revestimento tenha sido colocado posteriormente. Assim, este muro terá tido uma configuração primitiva, revestida a estuque e talvez aquando da marmorização da praça, em época flaviana, terá sido revestido a placas de mármore, tal como defende T. Hauschild[245].

Deste modo, a 'marmorização' do muro de pilastras, acompanha o iniciar da intensa exploração do mármore das pedreiras do *Conventus*. O domínio técnico deste material: "permitía el corte de placas finas y aserradas (que a menudo serán de menos un centímetro) que hacía más asequibles las decoraciones más refinadas y autorizaba su adaptación a todas las formas y a todos los tamaños."[246]

Relativamente à data de construção, este muro é certamente posterior ao templo, dado que as argamassas utilizadas têm características distintas das existentes no pódio, "o que quer dizer que pertence, possivelmente, a um processo estrutural diferente, mais novo, talvez do tempo do projecto de construção do tanque de água que circunda o templo e cujas paredes foram feitas com uma argamassa da mesma qualidade"[247].

As escavações nesta zona também procuraram dar resposta à questão dos acessos ao templo, no entanto, não foram encontradas evidências claras. Os cortes 1 (1987) e 4 (1990) entre o templo e o muro não foram descobertos quaisquer fragmentos arquitectónicos do templo. Junto ao muro sudeste do tanque apenas foi encontrado um amontoado de pedras correspondente à base de fundações[248]. A implantação deste muro não permitia a existência de uma escada de acesso, pois os vestígios do *opus caementicium* no centro do pódio projectam uma pendente que teria de ser forçosamente cortada pelo muro. Deste modo, Theodor Hauschild defende "duas fases no acesso ao

242 Theodor Hauschild (2010, p. 30).

243 "Das placas de revestimento de mármore, fragmentos comprimidos ficaram presos dentro do pavimento quando, ao pretender-se retirar todas as placas do pavimento e da parede, estas últimas foram quebradas." (Theodor Hauschild, 1994b, p. 2).

244 Rabun Taylor (2006, p. 242).

245 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 228).

246 Jean-Pierre Adam (1996, p. 247).

247 Theodor Hauschild (2010).

248 Theodor Hauschild (2001, p. 73-74).

pódio do templo, uma primeira em forma de escada frontal, a segunda uma transformação desta escada com patamar frontal"[249].

Estas hipóteses serão devidamente consideradas no ensaio de reconstituição do *forum*, na Parte III deste estudo.

[249] Theodor Hauschild (2001, p. 88-89).

Praça

No prolongamento poente do muro das pilastras, anteriormente analisado, foi encontrada, no corte 24 (1992), [IMAGEM 57], uma grande estrutura em silhares de granito [DESENHO I. 20]. Trata-se da primeira fiada de pedras que aparenta ser de uma porta de acesso à praça. Esta estrutura apresenta 2,42 m de espessura e um vão de 3,21 m, medidas que sugerem uma entrada monumental, com paredes altas, de grande envergadura, que estariam provavelmente unidas com um arco [DESENHO I.17 – PERFIL CC']. À semelhança dos silhares do soco do muro das pilastras, estas também apresentam, do lado norte, as "linhas gravadas junto à borda", indicando a posição da fiada seguinte. Apesar de, no lado sul, não se reconhecerem "incisões é possível que a largura da porta fosse maior a partir da fiada de silhares seguinte, ou seja, de cerca de 3,30m."[250] Estes silhares seriam provavelmente revestidos a mármore tal como no muro de pilastras, apesar de não terem sido encontrados vestígios. Na porta do *forum* provincial de Mérida, o apelidado "Arco de Trajano" [IMAGEM 58], ainda é possível ver os vestígios do mármore e das molduras da fiada seguinte.

A posição desta porta permite identificar uma ligação com o traçado viário da cidade. Estas relações serão analisadas aquando do reconhecimento dos vestígios em redor do *forum*.

Durante as escavações protagonizadas pelo IAA (1987-1997), foram realizadas várias sondagens no sentido de perceber a configuração da praça do *forum*. Ao longo do muro das pilastras, nos cortes 5 (1990), 7 (1990) e 30 (1993), [IMAGEM 59], foram encontrados vestígios da argamassa (*opus*) de assentamento de um suposto pavimento em lajeado, [DESENHO I.18 – PERFIL EE']. O aparecimento deste material prolongou-se para sul ao longo de uma grande extensão e está visível através dos cortes 22 (1992), 32 (1993), 35 (1993), 36 (1993), 44 (1995) e 40 (1995), esta efectuada já no interior do Museu, campanhas posteriores de escavação, no interior deste edifício, revelaram mais vestígios semelhantes, [DESENHO I.24].

Analisando agora cada sondagem, relacionada com a praça do *forum*, repara-se que, nos cortes 5 (1990) e 7 (1990), por exemplo, vêem-se nitidamente as marcas das juntas das lajes de pavimento na argamassa. Para além destas linhas encontraram-se algumas aberturas, na sua maioria circulares, que correspondem a silos de épocas posteriores, mas houve uma em particular, a noroeste do corte 5, que segue o alinhamento das marcas configurando um rectângulo com cerca de 1,26x1,60 m. Esta vala foi escavada até à rocha, debaixo do pavimento, e poderá estar relacionada com a "colocação ou construção, em época romana, após a conclusão da praça, de uma base rectangular"[251].

Continuando pelo corte 12 (1990), verifica-se que estas marcas se prolongam para Sul. Relativamente ao corte 22 (1992), [IMAGEM 60], que se desdobra em três (22, 22a e 22b), foi encontrada, a uma profundidade média de um metro, a mesma argamassa de assentamento das lajes, com as linhas das juntas bem visíveis, [DESENHO I.18 – PERFIL EE']. Nesta sondagem, foram igualmente

250 Theodor Hauschild (2001, p. 89).

251 Theodor Hauschild (1990, p. 8).

revelados dados importantes sobre a necrópole medieval que ocupou toda esta zona[252], [DESENHO I.26]. As aberturas que agora se vêem correspondem a sepulturas, que também existiam sobre a argamassa, indicando assim dois níveis de enterramento e talvez, por isso, nesta sondagem a superfície do *opus* esteja muito danificada e, em parte, quebrada[253]. Sobre o material de acabamento do pavimento da praça do *forum*, Pedro Fialho de Sousa supõe que este estaria a uma cota média de 100,08 m [305,99 m] e que seria em mármore[254]; só, mais tarde, em 1997, nas escavações do interior do Museu, é que se encontrará um fragmento do lajeado *in situ*, que confirmará esta hipótese.

Avançando para o lado nascente do edifício do Museu de Évora, verifica-se que em todos os cortes, 32 (1993), 35 (1993) e 36 (1993), apareceram igualmente marcas do pavimento de assentamento das lajes [DESENHO I.28], [DESENHO I.18 – PERFIL FF']. No mesmo ano foram realizadas quatro sondagens no interior do Museu (cortes 38, 39, 40 e 41). O corte 38 (1993) foi escavado até 3 m e não trouxe achados significativos; para se obter mais resultados teria que se aprofundar a escavação, mas isso não foi possível na altura. No corte 39 (1993), na esquina sudeste do pórtico do pátio, foi encontrado, a uma cota abaixo da evidência romana, um pavimento em tijolo assente em terreno natural donde se conclui que o pavimento romano terá sido destruído[255]. No corte 40 (1994), no pátio do Museu, foi encontrada a argamassa de assentamento que se estende sob um canal de época posterior[256]. No corte 41 (1994) não foram encontradas estruturas, nem vestígios do pavimento romano; assim permanece "a questão se ele foi retirado a qualquer momento ou se, na época romana, havia um degrau artificial no terreno, eventualmente um pórtico com criptopórtico, cujos muros, no entanto, não puderam ser ainda encontrados"[257]. Começa a questionar-se a existência de um possível criptopórtico a sul do *forum*.

Em 1995, deu-se início ao projecto para a reabilitação e ampliação do Museu, que previa também o aproveitamento da cave e rebaixamento do pavimento. Nesta intervenção foram realizados os trabalhos arqueológicos, pela empresa *Arkhaios*, de acompanhamento das obras de reabilitação. A campanha de escavação foi dirigida, de forma exemplar, pela arqueóloga Ana Gonçalves, com a colaboração de Theodor Hauschild e Félix Teichner[258]. O projecto de arquitectura esteve a cargo de Raul Hestnes Ferreira e o de engenharia de João Appleton. Esta escavação foi executada em dois momentos: em 1996 foram realizadas três sondagens e, no ano seguinte, foram ampliadas as existentes, mas também foi exumada toda a área do pátio, incluindo alguns pontos da galeria, e a ala sul do Museu.

252 O estudo da necrópole não foi considerado nesta investigação, no entanto, é apresentado o desenho da mesma.

253 Theodor Hauschild (1992, p. 2).

254 Pedro Fialho de Sousa (1993, p. 3).

255 Theodor Hauschild (1994b, p. 14).

256 Theodor Hauschild (1994b, p. 14).

257 Theodor Hauschild (1994b, p. 15-16).

258 "As sondagens realizadas foram integradas no sistema de coordenadas, já definido para as escavações do IAA na área envolvente ao templo romano." (Ana Gonçalves, Theodor Hauschild, Felix Teichner, Ana Luísa Santos, Cláudia Umbelino, 1998, p. 4).

Na primeira fase, nas sondagens 50 (1996), 51 (1996) e 52 (1996)[259], foram encontrados vestígios importantes da época romana mas não só, significativas estruturas da época islâmica [DESENHO I. 27], medieval [DESENHO I.26] e moderna [DESENHO I.25] foram reveladas[260]. Relativamente às estruturas romanas foram descobertos fragmentos das argamassa de assentamento do pavimento da praça (a duas cotas distintas), um arranque de um grande canal de drenagem que era atravessado por um muro no sentido E-O e, também, indícios de um criptopórtico: "A zona mais para o sul foi ocupada no subsolo, diante do muro limite sul do Museu, por um interessante grupo de construções da época islâmica, talvez, uma zona correspondente a um antigo criptopórtico, limitado por uma parede romana que serviu de base para o muro limite sul do palácio episcopal."[261]

Analisando a sondagem 51 (1996) foram encontradas, à semelhança das sondagens anteriores, várias sepulturas, que se sobrepõem a um nível de pavimento de argamassa. Este também apresenta as linhas, de argamassa, das juntas das lajes e encontra-se a uma cota média de 99,80 m [305,71 m], [DESENHO I.18 – PERFIL EE']. Sobre esta camada foi identificado pela primeira vez *in situ* um fragmento de mármore do lajeado de acabamento "que permite calcular o nível exacto de utilização da praça romana, à cota de 100.00 [305,91 m]"[262] [IMAGEM 61]. Relativamente à cota de acabamento, esta variava ligeiramente, pois a camada de assentamento, para além das suas irregularidades, apresentava uma pendente de norte para sul. Outro dado importante foi a identificação, no fundo da sepultura G, de um corte longitudinal na argamassa de pavimento, que podia sugerir um possível limite da praça na direcção SE. No corte 52 (1996), a sudoeste do pátio, não foram detectadas estruturas romanas.

Em 1997 realizou-se a segunda etapa desta intervenção arqueológica. O trabalho, também desenvolvido pela *Arkhaios*, "consistiu na escavação das zonas ainda não escavadas por meios arqueológicos e a serem afectadas com a construção de caves, numa área aproximada de 290 m²"[263]. Nesta escavação, todo o pátio foi profusamente escavado[264].

Os resultados obtidos abarcam um grande período temporal, tal como aconteceu na escavação anterior, mas agora com uma extensão mais significativa. Da época romana destacam-se diversas zonas com a argamassa de assentamento à cota média de 99,88 m [305,79 m], com as respectivas marcas do lajeado. Uma particularidade revelada nestes vestígios foi a diferença de cota. Nas

259 Na primeira fase para "a numeração das sondagens pretendeu-se dar continuidade à numeração utilizada nas escavações do IAA na área envolvente ao Templo". Na segunda fase optou-se por atribuir uma numeração a partir de 200 porque a numeração do IAA "também é utilizada pela equipa de arqueologia da Câmara Municipal de Évora". (Ana Gonçalves *et al.*, 1998, p. 4).

260 "Foi uma sorte terem sido encontrados todos estes elementos, fundamentais para o conhecimento da história da cidade. A sua descoberta no interior do próprio Museu parecia, 'a priori', garantir a sua adequada conservação e musealização. A eventual destruição e perda destes testemunhos históricos representava, assim, um acto incompreensível, sobretudo numa cidade tão justamente classificada como património Mundial. Acresce, por fim, que os vestígios ora postos a descoberto se encontram em área também classificada a nível nacional." (Theodor Hauschild, 1998, p. 3-4).

261 Theodor Hauschild (2010, p. 35).

262 Ana Gonçalves, Theodor Hauschild, Felix Teichner, Ana Luísa Santos e Cláudia Umbelino (1996, p. 13).

263 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 1).

264 A Zona 1 compreendia o centro, a ala norte e este, com as sondagens 200, 201, 202, 203, 209, 210, 211, 213, 214 e 220; a Zona 2 situava-se entre a ala sul do pátio e a sala a norte, sondagens 206, 208, 212, 215, 216 e 219; a Zona 3 correspondia às duas salas no canto sudeste do edifício, sondagens 205, 207, 221 e 222, com a ampliação dos cortes 50 (1996) e 51 (1996).

sondagens 202, 210, 214 e 220 o nível da argamassa foi localizado a uma cota mais elevada, entre os 100,08 m [305,99 m] e os 100,17 m [306,08 m], formando uma plataforma; para além disso o *opus* apresentava as linhas gravadas do lajeado numa disposição diferente [DESENHO I.17 – PERFIL BB']. Desconhece-se a função desta plataforma, que poderia "corresponder a uma área de colocação de estátuas ou de acesso a um edifício que limitava o *forum*."[265] Verificou-se que, na sondagem 209 (1997), o pavimento também estava ligeiramente mais alto, sensivelmente à cota 100,00 m [305,91 m]. Na sondagem 210 (1997), foi encontrado um muro no sentido N-S que limita a diferença de níveis, à cota média de 99,57 m [305,81 m]. Este muro poderia "tratar-se de uma estrutura de contenção e suporte do nível superior de *opus* ou de um degrau de uma escada"[266]. Sob o nível da argamassa "identificaram-se os estratos de nivelamento e construção do pavimento, que são distintos para cada tipo de piso. No caso do nível de *opus* de cota inferior, esse estrato é constituído por pequenas pedras e terra castanha, enquanto no nível de *opus* de cota superior é constituído por grandes pedras envolvidas por terra avermelhada compacta"[267]. Apesar dos materiais recolhidos serem da época flaviana, esta diferença na composição "poderá eventualmente corresponder a duas fases distintas de construção"[268].

Nas sondagens 204, 205 e 221, na antiga cozinha do paço, onde já tinha sido realizada a sondagem 51 (1996), foi igualmente identificada a camada de assentamento à cota média de 99,90 m [305,81 m], com as respectivas linhas nas juntas. Na sondagem 205 identificou-se mais "um pequeno fragmento de laje ainda *in situ*"[269], [DESENHO I.18 – PERFIL EE'].

Em 2007, retomaram-se as escavações do Museu, agora pela empresa de arqueologia ERA-Arqueologia, S. A.; foram realizados os trabalhos de acompanhamento arqueológico às obras de remodelação do edifício do Museu e ampliação da zona da cave. A intervenção enquadrava-se "numa perspectiva de minimização de impactes patrimoniais face às obras programadas para o interior do Museu, tendo como objectivo a detecção de eventuais vestígios arqueológicos, bem como a sua caracterização em termos de valor científico e patrimonial" [270]. Os trabalhos organizaram-se em três zonas: a área perimetral das sondagens já realizadas na antiga cozinha (Zona A); a galeria a nascente do pátio, integrando a sondagem 209 (Vala 1); a sala a SO (Zona B/C) e toda a cave a oeste do museu (Zona 2). Nos vestígios exumados confirmou-se que o "momento de ocupação deste local com cronologia mais antiga corresponde ao período romano"[271].

Os trabalhos de escavação da Zona A (Sondagem A e B) tinham por objectivo exumar toda a área que ainda não tinha sido escavada nas sondagens anteriores, por ainda não estar garantida a

265 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 6).
266 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 7).
267 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 7).
268 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 7).
269 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 15).
270 Inês Simão e Sandra Brazuna (2010, p. 76).
271 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008c, p. 41).

estabilidade estrutural do edifício[272]. A argamassa de assentamento foi identificada em dois pontos da sondagem B (2007), registadas com a unidade estratigráfica [UE352][273], a uma cota média de 305,90 m[274]. Verificou-se que este pavimento continuava pela parede do compartimento, a oeste; juntar-se-ia assim à argamassa encontrada na sondagem 209 (1997) na galeria do pátio; apresentava "algumas afectações tendo sido cortado em diferentes locais para construções posteriores"[275].

Nesta zona, para além dos vestígios do pavimento, foram detectadas outras estruturas. Na zona Este da sondagem B, Zona A (2007), foi identificado, junto à parede do compartimento, um grande bloco pétreo aparelhado [UE378], [IMAGEM 62]. Este posicionava-se sobre a argamassa, que formava um entalhe para o assentamento do bloco, que estaria "associado a uma possível construção do *forum* romano"[276]. A oeste da sondagem B foram encontradas duas estruturas [UE318] e [UE319], que apontam para épocas medievais e romanas [IMAGEM 63]. No entanto, a sua localização entre duas fases de escavação, a sondagem B (2007) e sondagem 51 (1996), não permitiu a sua total compreensão, uma vez que os depósitos associados à anterior não foram escavados nesta fase mais recente[277]. Este compartimento foi posteriormente escavado na íntegra, de forma a incorporar o projecto de musealização. As sepulturas foram mantidas, na sua maioria, tal como o *opus* e o fragmento do lajeado. A estrutura [UE318] construída sobre a argamassa foi destruída e a [UE319] é difícil de compreender pois esta zona da sondagem foi enchida com areia. Passando para a galeria nascente do pátio, foi escavada a Vala 1, onde foi possível observar o prolongamento do *opus*.

Os últimos vestígios registados, que poderiam estar relacionados com a praça, foram descobertos em 2009, nos já referidos trabalhos de acompanhamento arqueológico de obra, pela equipa Palimpsesto Lda. Numa vala exterior, perto do acesso ao Museu, foram encontradas várias estruturas da qual a referida como 'estrutura 11' é interpretada como sendo o pavimento da praça do *forum* "no entanto não apresenta na argamassa visível as linhas das juntas das lajes de mármore"[278]. Este achado também apresenta uma particularidade: uma diferença de 20 cm de cota entre os níveis de argamassa encontrados.

272 "Deixadas por escavar durante a execução das sondagens arqueológicas pela empresa ARKHAIOS, em 1996 e 1997, devido à salvaguarda da estabilidade do edifício." (Inês Simão, Sandra Brazuna, 2008c, p. 10).

273 "A metodologia de escavação utilizada baseou-se nos princípios definidos por Barker e Harris, segundo os quais a realidade mínima a ser registada é a unidade estratigráfica, aqui abreviada com a sigla UE. Este tipo de registo é aplicado às diferentes realidades identificadas no decorrer da intervenção arqueológica, nomeadamente depósitos, construções, ou interfaces negativos. Cada unidade foi registada individualmente tendo em conta os atributos que permitiam identificá-la." (Inês Simão, Sandra Brazuna, 2007, p. 5).

274 "A área intervencionada está integrada numa rede local realizada a partir de pontos fictícios colocados nas paredes das salas. O valor da cota foi-nos dado pela obra tendo correspondência com as cotas do projecto. Estes valores foram transferidos para o terreno por um aparelho tipo estação total." (Inês Simão, Sandra Brazuna, 2008c, p. 5). Assim o sistema de georreferenciação mudou neste relatório. Apesar disso, as sondagens são integradas no desenho geral e convertidas para o sistema de georreferenciação actual.

275 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008c, p. 20).

276 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008c, p. 20).

277 Inês Simão e Sandra Brazuna (2007, p. 14).

278 Gonçalo Moreira e Miguel Serra (2009, p. 9).

Analisando o detalhe construtivo do pavimento da praça, verifica-se, pelos achados, que o lajeado seria em mármore branco e teria menos de 10 cm de espessura, 5 dedos[279]. Assentava sobre duas camadas de argamassa, cada uma com cerca de 5 cm de espessura, tal como verificou Félix Teichner[280]. Tratava-se de um *opus* com uma consistência muito compacta "de tom rosado, constituída por cal, areia de grão fino a médio, pequenos seixos e fragmentos de cerâmica."[281] Nalgumas sondagens foi possível observar sob a camada de *opus* um nível de terra alaranjada compacta [282]. Esta camada de nivelamento argilosa "assentava sobre um nível de preparação, [UE362], que cobria um nível geológico natural [UE380]"[283]. Pelas marcas do *opus* deduz-se que este estaria ainda fresco no momento de colocação das lajes. Estas marcas revelam a dimensão do acabamento "cuja largura vai de 0,70 a 0,90 m, alcançando algumas um comprimento de 2,3 m"[284]. Este era um pavimento comum na arquitectura romana.

Tendo agora registados os vestígios correspondentes à argamassa de assentamento do lajeado da praça é possível fazer algumas considerações sobre o seu traçado. Já em 1992 Hauschild apontava para o prolongamento da praça para Sul, até ao museu "pelo menos a detecção, por A. Goulart de Mello Borges, de muros na cave do Museu leva a pensar nessa possibilidade e, caso se tratasse de um muro romano, este poderia ser o muro de ligação sul do foro"; acrescentava também "que os restos do pavimento da época flávia do foro estendem-se, e ainda existem, seguramente, em toda esta zona, também debaixo da biblioteca"[285].

Voltando às escavações do IAA, os cortes 42 (1995) e 44 (1995) foram realizados no sentido de determinar o limite sudeste da praça. No corte 42 (1995), foram encontrados restos de sepulturas, tal como nos cortes das proximidades e, na extremidade nordeste, encontrou-se um fragmento de um *opus signinum*. O corte 44 (1995), um alargamento a oeste do corte 42 (1995), revelou a argamassa de cal de assentamento e um achado importante para o traçado do *forum*. A limitar o *opus* encontrou-se uma estrutura, na direcção N-S, que pelos "restos de argamassa de cal compacta levam à suposição que se trata da base para o assentamento de silhares de granito, igual à que foi comprovada na zona em frente do templo. Esta base apresenta uma largura de 0,60 m, o que deverá corresponder à largura do muro de silhares a ser reconstituído aqui"[286]. Este alicerce assenta sobre a rocha, poderia tratar-se "com certa probabilidade, do muro limite Este da praça do foro."[287] Apesar de apresentar um ligeiro ângulo em relação à orientação romana, Theodor Hauschild justifica que talvez tenha existido, neste

279 A medida apresentada é dada por estimativa e observação à distância, pois não foi possível medir o fragmento *in situ*.

280 Theodor Hauschild (2001, p. 81).

281 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008c, p. 20).

282 "Sob os níveis de *opus*, nas sondagens 201, 202, 203, 210, 214 e 218, foi também possível identificar a estratigrafia de construção deste grande espaço romano, que consistia em estratos de nivelamento constituídos por adobes revolvidos e terra compacta avermelhada." (Ana Gonçalves *et al.*, 1998, p. 7).

283 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008a, p. 21).

284 Theodor Hauschild (1990, p. 5).

285 Theodor Hauschild (2010, p. 33).

286 Theodor Hauschild (1996, p. 6).

287 Theodor Hauschild (2010, p. 32).

lugar, uma estrutura mais antiga. A largura da praça do *forum* seria então de 35,44 m, um *actus* romano, equivalente a 120 pés.

Observando igualmente os vestígios do *opus* registados em todas estas escavações é possível apontar como limite da praça, a norte, o corte identificado na sepultura G da sondagem 51 (1996)[288], [DESENHO I.26]. Este ensaio de configuração do traçado do *forum* será realizado na Parte II deste estudo.

Relativamente à datação, das estruturas mais antigas da praça, foram recolhidos materiais nos entulhos que permitem a sua identificação. Na sondagem 206 (1997) conseguiu-se, na altura, escavar uma pequena zona até ao nível estéril, à cota de 95.50 m [301,41 m]. Nesta vala foi possível identificar "uma estratigrafia significativa, constituída por um nível inferior associado a cerâmicas campanienses, da época da República (séc. I a. C.) e outro nível com materiais romanos da época flávia (2.ª metade do séc. I d. C., fase de construção da praça romana)"[289].

Na camada de nivelamento argilosa, sob o *opus*, também se identificou "materiais cerâmicos, datáveis a partir da época de Augusto até à época flávia (2.ª metade do século I). A presença de adobes, bem visíveis nas sondagens até uma profundidade de 1,50 m"[290]. A existência destes estratos permitira confirmar a data de construção da praça do *forum*, tal como já tinha sido apontado nas escavações anteriores, do IAA, mas também verificar fases de ocupação mais antigas, da época republicana e de Augusto, na colina central da cidade de Évora[291].

Sobre as estruturas anteriores à praça, apesar de todas as sondagens onde se encontraram estratos romanos estarem relacionadas com o *forum*, houve uma, em particular, que detectou uma estrutura de uma fase anterior. A vala 1 (2008), no pátio do Museu, na zona onde já tinha sido realizada a sondagem 209 (1997), foi necessário escavar abaixo do nível da argamassa de assentamento, para a instalação de um sistema de drenagem [DESENHO I.24]. Sob a argamassa identificou-se uma construção robusta [UE1052], de grandes dimensões, constituída por argamassa de cal, areia e cascalho de granito[292]. Pelo que foi possível determinar, pela vala da sondagem, esta desenha um L "com uma zona de orientação N/S aproveitada pela parede actual do edifício e outra zona de orientação E/O, com cerca de 2 m de largura, prolongando-se para fora dos limites da vala agora escavada"[293]. Deverá corresponder à fundação de "algum edifício de um primeiro momento do *forum* romano"[294] [DESENHO I.28].

288 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 15).
289 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 11).
290 Theodor Hauschild (1998, p. 2).
291 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 11).
292 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008e, p. 10).
293 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008e, p. 15).
294 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008a, p. 31).

No corte 24 (1992) encontrou-se, na camada de terra onde assenta a argamassa, uma moeda do imperador Cláudio dos anos 41/42 d. C. e um fragmento de sigilata que Félix Teichner data da época flávia; deste modo, "fica demonstrado que a marmorização do *forum* aconteceu nesta altura"[295].

Esta data coincide sensivelmente com o processo de marmorização do Teatro Romano de Lisboa, onde a inscrição da renovação data do ano 57 d. C[296]; o mármore será aplicado no revestimento da *orchestra* e no muro do *proscaenium*[297]. Existem outros exemplos, na Lusitânia, de remodelações dos espaços forenses da época de Flávio, como por exemplo em *Conimbriga.*[298]

A extração local do mármore proporcionou a marmorização dos edifícios públicos da província, já em pleno século I, "os espaços remodelaram-se; os edifícios renovaram-se ou, simplesmente, substituem-se"[299]. Assim, verifica-se que o início da utilização do mármore na Península Ibérica, como material de revestimento e decoração, ocorreu pelos anos 40-50, do século I.

> *"Resumindo todos estes dados arqueológicos de época romana, que foram recolhidos e estudados durante os últimos vinte anos de arqueologia urbana em Évora, há indícios claros de uma ocupação do alto da colina já na época tardo-republicana, uma primeira fase de urbanização do novo municipium na época de Augusto (fórum e templo de granito, casas/insula) e uma posterior fase de monumentalização dos edifícios públicos-administrativos na época flaviana (fórum/templo)."*[300]

Uma praça de tão significativas dimensões teria forçosamente de ter um sistema de drenagem das águas de grande envergadura. E foi o que se verificou nas sondagens 208 (1996), 215 (1996) com a descoberta da 'canalização 1'[301], um canal de grandes dimensões, "construído em pedra e argamassa e revestido no fundo com um nível de *opus signinum*"[302].

Dez anos depois foi realizada a sondagem Zona B/C (2007), com o intuito de avaliar o impacto do rebaixamento do pavimento, cerca de 4 m, para atingir a cota da cave, prevista no projecto de arquitectura. Esta sondagem encontrava-se a sudoeste das anteriormente realizadas pela *Arkhaios* (208, 215), ainda que separada por um muro. Deste modo, era previsível que esta revelasse a continuação do canal já detectado e assim aconteceu [DESENHO I.24]. Nesta sondagem a canalização estendia-se a todo o comprimento do compartimento, com uma orientação E-O[303] [IMAGEM 64].

295 Theodor Hauschild (2010, p. 28).

296 João M. Peixoto Cabral *et al.* (2004, p. 176).

297 Lídia Fernandes (1997b, p. 65).

298 Theodor Hauschild (2010).

299 José Luis de la Barrera Antón (2016, p. 317).

300 Ana Gonçalves e Manuel Carmona Pica (2014, p. 11-12).

301 Esta designação foi atribuída pela Era-Arqueologia.

302 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 10).

303 "Apresenta paredes com cerca de 0,50 m de largura, constituídas por blocos pétreos de dimensões variadas, unidos por argamassa compacta e homogénea, de tom esbranquiçado. Estas formam um canal com cerca de 0,50 m de largura, com pavimento em *opus signinum* (…). Este pavimento tem cerca de 10 cm de espessura e assenta sobre um enrocamento constituído por elementos pétreos de pequena dimensão. Nalguns locais apresenta ainda meia cana para melhor canalizar a água. O canal é coberto por blocos de granito, afeiçoados e de grande dimensão." (Inês Simão, Sandra Brazuna, 2008d, p. 17).

A pendente do canal é bastante acentuada, só neste troço, de 6 m, desce cerca de um metro, o que demonstra os cuidados que a arquitectura romana dedicava às infra-estruturas de drenagem das águas, tal como já foi verificado na zona envolvente do *forum* [DESENHO I.17 – PERFIL CC'].

Nesta zona foi também encontrada uma pequena estrutura romana [UE504], à cota de 98,50 m [304,41 m], que já tinha sido registada na sondagem 206(1997), parcialmente "destruída com a construção do canal islâmico, de função ainda por determinar"[304].

Apesar da importância que estes vestígios teriam para a valorização do património arqueológico da cidade, a sua salvaguarda não foi assegurada durante as obras de demolição; assim esta chegou a um tal estado de degradação que se tornou impossível a sua conservação[305].

Criptopórtico

Relativamente à configuração do *forum* a sul foram encontrados vestígios que poderiam indicar a existência de um criptopórtico e a localização de outros espaços. Em 1996 levantou-se a hipótese da existência de um criptopórtico, tal como foi encontrado a norte do Templo. Na sondagem 50 (1996) "foi identificado um alisamento muito irregular do nível de rocha desagregada, que poderá corresponder a um rebaixamento de época romana"[306].

Nas sondagens 206 (1997), 212 (1997) e também 216 (1997) foi revelado um grande muro "de construção sólida em pedra e argamassa, cuja fachada rebocada estaria inicialmente à vista"[307], situado sob a parede sul do actual edifício. Também nesta escavação "diante deste muro apareceu, numa profundidade de cerca de 3 m, um nível de terra amarelada compacta cuja superfície serviu provavelmente de chão para o criptopórtico"[308]. Na sondagem 216 (1997), no interior de uma estrutura circular de época islâmica, também foi encontrado o prolongamento desta parede[309]. Recuperando agora o corte 38 (1993), apesar de não ter sido muito profundo, já nessa altura Theodor Hauschild reparava que, a partir de determinado nível, a "parede exterior não se compõe de alvenaria de pedras colocadas em argamassa de cal, mas de pedras maiores metidas em barro. (Fundações?)"[310]. Esta parede será assim, pela localização e constituição, identificada como sendo a parede exterior do limite sul do criptopórtico [IMAGEM 65] .

Na sondagem B da Zona A (2007), (sala das sepulturas), sob a parede sul do compartimento, foi colocado à vista um muro construído por "blocos pétreos rectangulares, bem aparelhados, (…)

304 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 12).

305 Inevitavelmente o parecer de autorização de demolição teve de ser outorgado: "Em nosso entender, em condições normais, esta seria uma estrutura a preservar, contudo, chegados a este ponto, considerando que a conduta em questão se encontra já parcialmente destruída e que esta corresponde ao que poderemos tomar como uma estrutura secundária do *forum*, correspondendo, talvez, a uma drenagem da grande praça interior e tendo ainda em conta as consequências, para a obra, da decisão da preservação, que inviabilizaria o sistema de circulação previsto para a área da cave do Museu, considero que se pode admitir a desmontagem desta parte da estrutura." (Rafael Alfenim, 2007).

306 Ana Gonçalves *et al.* (1996, p. 25).

307 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 11).

308 Theodor Hauschild (1998, p. 3).

309 Ana Gonçalves *et al.* (1998, p. 12).

310 Theodor Hauschild (1994b, p. 13).

interpretado como a parede interior do criptopórtico romano"[311], paralelo ao anteriormente mencionado [IMAGEM 66]. Na escavação da Zona B/C (2007) foi encontrado o prolongamento deste muro [UE601], [DESENHO I.19 – PERFIL KK']. Esta parede foi severamente afectada pelas obras de reabilitação do Museu [IMAGEM 67, 68]; nesta foi rasgado um vão com cerca de três metros para acesso à restante área da cave. Pelos registos desenhados verifica-se que a sua altura variava entre 1,40 m e 1,70 m e teria 1 m de espessura. Relativamente à técnica construtiva, esta destaca-se ligeiramente da anterior e é constituída por:

> *"blocos pétreos, em granito, com simples afeiçoamento para nivelar o alçado, unidos por sedimento muito argiloso, de tom castanho-escuro. Nas suas faces surgem blocos de grande dimensão, enquanto o miolo do muro e as suas juntas são preenchidas por blocos de pequena e média dimensão. No alçado Sul as juntas estão ainda preenchidas por argamassa esbranquiçada, servindo de reboco."*[312]

Estes dois muros paralelos, orientados na direcção E-O, com um afastamento de cerca de 6 m podiam então formar o corpo de um criptopórtico a sul do *forum* e serem posteriormente aproveitados para uma construção posterior[313]. Apresentam, no entanto, uma técnica construtiva ligeiramente diferente, enquanto no muro interior [UE601] os blocos são de grandes dimensões [IMAGEM 69], o aparelho do muro a sul é mais reduzido, um *opus incertum*, que se assemelha à base do pódio do templo. A parede sul é hoje visível no espaço de visita do Museu, tal como dois apontamentos da parede interior [UE601] entre a passagem central [IMAGEM 70, 71].

Depois do reconhecimento dos possíveis indícios de um criptopórtico importa agora mencionar a descoberta de uma série de muros paralelos entre si, encontrados na cave da ala oeste do museu. Esta escavação realizou-se para avaliar a proposta de rebaixamento do pavimento e execução das valas para instalação dos sistemas de drenagem, saneamento e AVAC.

Numa primeira fase foi escavada a cave existente no extremo noroeste do edifício, denominada de Área 1 – ala oeste cave (2007), [IMAGEM 72]; aqui, por entre várias estruturas, foram encontrados muros, com as mesmas características construtivas, que indicam uma cronologia romana, designados por [UE13], [UE15] e [UE16][314], [DESENHO I.19 – PERFIL JJ']. Relativamente ao aparelho são "constituídos por blocos pétreos sem afeiçoamento, unidos por argamassa compacta e homogénea de tom branco. Os seus alçados apresentam algum cuidado construtivo estando nivelados e apresentando vestígios de argamassa de reboco, apenas nos alçados voltados para o interior do compartimento"[315]. Os muros [13] e [15] têm uma orientação SE-NO e cerca de 0,60 m de espessura e o muro [16] tem uma orientação NE-SO e cerca de 0,92 m de espessura. Estes traçam um compartimento em U fechado pelo muro [UE14][316], a oeste, que encosta às unidades [13] e [15]. Com

311 Inês Simão e Sandra Brazuna (2007, p. 16).
312 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008e, p. 9).
313 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008d, p. 28).
314 Inês Simão e Sandra Brazuna (2007, p. 20).
315 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008b, p. 8).
316 O relatório de 2007 considera este muro como sendo posterior, já no relatório de 2008 está identificado como romano.

cerca de 0,70 m de espessura, o seu aparelho assemelha-se aos restantes, no entanto, apresenta um alçado menos cuidado e não tem vestígios de argamassa de reboco[317] [DESENHO I.29].

No ano seguinte prolongou-se a escavação pela Ala Oeste (2008) da cave e aqui observaram-se vários muros [20, 21, 22, 25, 27, 28 e 47], alguns duplos, com um aparelho construtivo que indica uma cronologia romana, provavelmente associados ao compartimento já identificado no canto NO [IMAGEM 73]. Os muros são paralelos entre si e formam, três ou quatro, compartimentos rectangulares com cerca de 4 m de largura. Apresentam algumas sobreposições e reconstruções, os muros [21-22] e [27-28] estão praticamente unidos, [DESENHO I.18 – PERFIL DD'].

Associados a estes ainda é possível observar vestígios dos pavimentos em ladrilho [UE23?] e [UE29], lajes de cerâmica quadrangulares e rectangulares, com cerca de 31 cm de largura, e talvez 5 cm de espessura[318], [IMAGEM 74].

> *"O depósito de entulho que cobre estas estruturas apresentava inclusão frequente de fragmentos de tijolos que deveriam fazer parte dos mesmos pavimentos, destruídos, provavelmente, aquando da construção do edifício actualmente existente."*[319]

Os muros são constituídos "por blocos de granito e tijolos burro, unidos por argamassa ou por sedimento muito argiloso, de tom castanho-escuro"[320]. Pelo perfil [DESENHO I.18 – PERFIL DD'] é possível observar que o pavimento destes compartimentos estaria localizado a mais de 4 m abaixo da cota da praça do *forum*. Pela métrica regular dos muros, estes poderiam corresponder a uma zona de compartimentos associados ao programa arquitectónico do *forum*, como as *tabernae*, a curia ou o *comitium* (comício); estes estariam situados na zona lateral do *forum* e talvez tivessem dois pisos.

Estes vestígios não foram musealizados, os técnicos optaram por fazer algumas alterações ao projecto de redes e instalações, assim a localização das caixas foi alterada de forma a não coincidir com vestígios, as condutas de AVAC passaram para uma sala contígua, onde não foram encontrados achados. As tubagens que atravessam o compartimento foram passadas através dos muros romanos; para esse efeito os muros foram perfurados com uma máquina caroteadora[321]. Depois de realizados os trabalhos e de registadas as estruturas, estas "foram protegidas com geotêxtil e posteriormente reenterradas" [322].

No compartimento mais a sul (Sala 5.1.), desta ala oeste, foi aberta uma vala para a implantação de uma caixa para as máquinas do sistema de AVAC, foi realizada uma pequena sondagem que verificou a "presença de uma estrutura maciça de pedra e argamassa a cerca de 0,40 m abaixo do nível do pavimento actual, embora, devido à pequena dimensão da sondagem, não tenha sido possível

317 Inês Simão e Sandra Brazuna (2007, p. 21).

318 A espessura das lajetas não está especificada nos relatórios; este valor foi atribuído através da comparação do tijolo burro existente no aparelho dos muros associados.

319 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008b, p. 13).

320 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008b, p. 13).

321 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008f, p. 10).

322 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008b, p. 15).

compreender os limites ou forma desta estrutura" [323]. Apesar de não se saber a datação desta estrutura, esta encontra-se, sensivelmente, na cota de afectação romana, por isso é considerada e poderá estar relacionada com alguma estrutura do criptopórtico.

De destacar também uma vala para saneamento realizada no exterior do Museu[324], no lado oeste. Aqui foram encontradas duas estruturas romanas que importa referir. A primeira foi uma conduta de água [UE45] "constituída por grandes blocos de granito onde foi escavada uma caleira, coberta com tijolo burro, com possível cronologia romana" [325], [IMAGEM 75]. Mas abaixo, no corte SO da vala, foi identificado um muro [UE48], com orientação NO-SE, perpendicular aos muros das estruturas encontradas [IMAGEM 76]. Este é "constituído por blocos de granito de grande dimensão, aparelhados e unidos com argamassa"[326].

No já citado relatório, de acompanhamento dos trabalhos de execução de um ramal de abastecimento de gás ao edifício do Museu de Évora de 2009[327], apareceram uma série de estruturas (da 12 à 23) no exterior do Museu, do lado norte e oeste, no entanto, como se tratou de uma escavação muito superficial, não foi possível determinar a datação das mesmas. Assim não se sabe se estariam relacionadas com o *forum* ou com outras estruturas de outras épocas.

As estruturas descobertas nas escavações de 1996-1997 e de 2007-2008, à excepção da necrópole e do muro limite a sul, não foram integradas no projecto de musealização. Como é possível verificar nos perfis do Museu com os vestígios [DESENHO I.18 – PERFIL DD', PERFIL EE'], [DESENHO I.19 – PERFIL JJ' E PERFIL KK'], a maioria das estruturas foi novamente enterrada, outras, destruídas. Este projecto levantava desde logo problemas ao propor a utilização da cave, tal como alertava Theodor Hauschild, "O projecto de instalar uma cave nesta zona com a inevitável preparação de grandes e profundos alicerces de betão, viria a significar, uma vez iniciada a obra, a demolição de qualquer estrutura antiga existente neste sector."[328]

Estas situações deveriam ser bem reflectidas e discutidas por todos os intervenientes. Houve uma tentativa de o fazer quando, em Abril de 2008, foi promovido, pela Direcção Regional de Cultura do Alentejo (DRCAlentejo), um encontro do local com todos os técnicos envolvidos no projecto e também vários especialistas em património arqueológico[329]. Jorge de Alarcão e Adília Alarcão, convidados na condição de especialistas, durante o debate reiteraram que foi um "erro na matriz do programa/projecto admitir-se a existência de caves, quando se está no centro histórico" e

323 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008f, p. 11).

324 Não foi possível localizar com rigor esta vala pois não existe qualquer referência no desenho; assim esta localização deve-se à interpretação das fotografias disponíveis no relatório.

325 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008b, p. 16).

326 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008b, p. 18).

327 Gonçalo Moreira e Miguel Serra (2009). Os resultados da escavação serão publicados posteriormente pelos autores, num artigo científico (Miguel Serra, Gonçalo Moreira, 2010).

328 Theodor Hauschild (1998, p. 3).

329 Tal como consta no "Memorando de Reunião/Deslocação" elaborado por Maria Filomena Barata (2008).

manifestaram a "preocupação por se continuarem a fazer projectos em cave para locais desta natureza".

Mas não só os vestígios arqueológicos estavam em causa, tal como notou Sande Lemos "tratando-se aquele imóvel de um 'palimpsesto', considerava que se estava a centrar demasiado a atenção nos vestígios arqueológicos encontrados descurando-se alguns aspectos do seu estudo". Para isso acontecer deveria ter sido realizado "um levantamento rigoroso do imóvel, no que respeita aos paramentos, e mais especificamente os que sofreram alterações".

E esta é a questão fundamental "o edifício e a sua história são um todo", tal como se tenta de alguma forma demostrar com esta investigação. Para qualquer análise de uma estrutura arqueológica, é necessário estudar todas as épocas que a foram transformando, para se proceder a uma possível interpretação que ofereça os dados necessários para suportar uma eventual intervenção.

> *"São os arqueólogos os senhores da verdade para poderem decidir sozinhos sobre o que se vai conservar ou não? Estes processos deveriam, do seu ponto de vista, ser mais alargados, tanto mais que nos deveríamos posicionar no lugar do visitante que vai ao Museu. O que será mais importante para esse visitante ver? De que forma se lhe passa a informação? Serão as estruturas arqueológicas agora encontradas relevantes para o conhecimento da estrutura urbana romana?"*[330]

Esta é uma condição fundamental num contexto arquitectónico e arqueológico desta natureza. Independentemente dos registos gráficos e fotográficos houve marcas da História que se perderam com esta obra. E se estas estruturas tivessem sido mantidas talvez se tornassem uma mais-valia para a história da cidade e para a valorização da colecção do Museu.

Sobre uma eventual basílica

Não são atribuíveis estruturas que, de forma clara, pudessem identificar com alguma segurança a localização da basílica; apesar disso, o capitel jónico[331] [DESENHO XX.4], encontrado na sondagem 50 (1996), associado ao tambor sem caneluras[332] encontrado na sondagem 212 (1997), na ala sul do museu, poderão indicar a sua possível existência ou, pelo menos, sua discussão e interpretação. Estes achados foram descobertos na ala sul do Museu [DESENHO X.03], o local previsível para a sua implantação, no entanto, a localização destes não oferece nenhuma pista sobre a configuração do edifício. O capitel jónico foi encontrado como material de construção de uma sepultura medieval e o tambor correspondeu a um achado isolado.

Estes achados, de grande dimensão, são ambos em granito. O capitel jónico apresenta um grão fino de coloração acinzentada[333] e seria, à semelhança dos fustes do templo, revestido a estuque. Na opinião de Lídia Fernandes, os capitéis do templo e da possível basílica apresentam uma cronologia semelhante, ainda que com a diferença de algumas décadas, e justifica a opção de utilização de

330 Jorge de Alarcão citado por Maria Filomena Barata (2008).
331 Ver 'A montagem dos fragmentos arquitectónicos', Apêndice I.
332 Ver 'A montagem dos fragmentos arquitectónicos', Apêndice I.
333 Lídia Fernandes (1997b, p. 79).

materiais distintos pelo tipo de encomenda[334]. Apesar de se tratar de dois edifícios públicos, estes têm programas muito diferenciados, assim, poderiam ser perfeitamente construídos por duas oficinas especializadas. Deste modo, estes edifícios terão sido construídos em empreitadas diferentes: a basílica – um edifício público de grande utilização pelos cidadãos e um edifício de culto imperial que funcionaria como símbolo e representação do poder. Estes são naturalmente edifícios com especificidades particulares que requeriam soluções arquitectónicas adequadas ao seu programa. Assim, era natural que a basílica tenha seguido "uma técnica mais tradicionalista e arreigada aos costumes de época republicana que, no caso das províncias, se aliava a um maior expedito económico, traduzido no emprego da pedra local revestida a estuque, técnica que se coadunava com uma mão-de-obra menos especializada" e um edifício contemporâneo "de culto ao imperador onde seriam empregues capitéis coríntios de morfologia idêntica da seguida nas oficinas de Roma"[335]. Esta adequação aos programas revela a plasticidade da arquitectura romana na sua capacidade de gestão de obra e recursos, para além da economia de materiais.

334 Lídia Fernandes (1997b, p. 262).

335 Lídia Fernandes (1997b, p. 263).

Vestígios dispersos

Para além das escavações realizadas no recinto monumental é importante referir alguns achados dispersos de época romana descobertos intra e extramuros. O registo destas estruturas arqueológicas poderá dar pistas para possíveis interpretações do traçado urbano da cidade, sobretudo nos acessos ao *forum*. São referidas as escavações realizadas na Rua Vasco da Gama [DESENHO V.01], Reservatório de Serviço Regulador de Distribuição de Água [DESENHO V.02], Antigo Palácio da Inquisição/Casas Pintadas [DESENHO V.03], Paço Condes de Basto [DESENHO V.04], Antigo Colégio dos Moços do Coro da Sé [DESENHO V.05], Antigo Convento de Santa Catarina de Sena [DESENHO V.06], Paço dos Lobos da Gama [DESENHO V.07] e Escola Gabriel Pereira [DESENHO V.08].

Intramuros

Rua Vasco da Gama

Em 2003, foram realizados os trabalhos de acompanhamento arqueológico efectuados entre a Praça do Sertório e a Rua Vasco da Gama, coordenados pelos arqueólogos Panagiotis Sarantopoulos, Miguel Correia e Cláudia Lemos[336]; estes trabalhos estavam integrados no programa de investigação intitulado "Arquitectura Pública de Ebora Liberalitas Ivlia". A equipa acompanhou os trabalhos de abertura de uma vala para a instalação de infra-estruturas da cidade.

Nesta escavação foi realizado um enorme esforço pelos arqueólogos de descrição e registo rigoroso das estruturas, num diálogo nem sempre fácil entre a arqueologia e a realização da obra. O relatório encontra-se muito bem estruturado e é uma peça-chave para a compreensão da cidade romana. Escavações vindouras irão seguramente corroborar algumas das hipóteses levantadas pelos autores.

Na escavação da rua Vasco da Gama [DESENHO V.01] relativamente aos achados de época romana encontram-se um pavimento de um piso em *opus signinum*, que corresponde a um achado isolado sem muros a rodeá-lo; apresenta o característico rebordo em quarto de círculo que permite verificar que esta estrutura seguia a ortogonalidade do traçado do *forum* [IMAGEM 77].

No alargamento da rua Vasco da Gama, em frente ao edifício do Instituto de Estudos Teológicos, numa vala, a cerca de 70 cm de profundidade, foi encontrado um "troço de calçada de características romanas, cuja orientação, (…), encaixava perfeitamente com o ortogonalismo da antiga cidade romana"[337]. [IMAGEM 78]. No extremo de uma vala, aberta transversalmente à calçada romana, foi descoberto o possível limite lateral da via "constatando-se ser esta de 5,70, cerca de 19 pés romanos"[338]. Nesta vala foi encontrado "um conjunto de duas lajes de granito, sensivelmente quadradas, nitidamente associadas à calçada romana, cuja superfície apresenta gravado 4 linhas radiais,

336 Um agradecimento aos autores pela confiança, que desde o início demonstraram, e pela cedência generosa dos materiais.

337 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003, p. 10).

338 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003, p. 13).

equidistantes sobre o arco do círculo, definindo quatro quadrantes"[339]; estas eram linhas de referência de obra para auxiliar a colocação da coluna [IMAGEM 79, 80]. Foram também encontradas três "pequenas lajes de granito do tipo do limite da via romana, colocadas, em relação a esta mesma, fora do seu alinhamento, numa posição perpendicular e à mesma cota"[340]. Nesta vala, um pouco mais a poente, foi encontrado, num entulhamento de pedra e argamassa, um capitel toscano [DESENHO X.01], [DESENHO XX.07] descontextualizado[341].

Esta calçada era composta por lajes de granito de grandes dimensões (algumas atingindo cerca de 1 metro de comprimento. Apesar do desgaste verifica-se que o aparelho foi colocado "quer paralelamente, quer perpendicularmente em relação ao sentido do eixo da via."[342]. As lajes de assentamento da base de coluna laterais revelam que esta seria porticada. Os autores revelam que pela "importância da descoberta deste troço de calçada, pelas características que apresenta – 6 metros de largura, porticada em ambos os flancos (…) não temos dúvidas em afirmar que se tratava da via por excelência de *Ebora Liberalitas Ivlia*, ou seja, a via *Decvmanvs Maximvs*."[343]

Reservatório de Serviço Regulador de Distribuição de Água

Em 2000 foi escavada uma área junto ao Reservatório de serviço regulador de distribuição de água [DESENHO .01 – N.º 13]; nesta escavação foram encontradas estruturas arqueológicas que aparentavam ser de época romana.

Destes achados já havia uma memória vaga, pois estes foram referidos em 1931, no jornal "Terra Alentejana", aquando da construção do reservatório de água e suas infra-estruturas. Nessa breve notícia falava-se da descoberta de um tanque, de época romana, que media cerca de 16 metros de comprimento. Sobre o revestimento diziam que era feito "de duas camadas hidráulicas com fragmentos de cerâmica, processo equivalente ao cimento dos nossos dias"[344]. Apesar de não haver um registo gráfico desta sondagem, pela descrição aparenta referir-se às mesmas estruturas encontradas na escavação de 2000.

Nesta escavação de acompanhamento arqueológico para a instalação de uma base de telecomunicações [DESENHO V.02], foi aberta uma vala longitudinal com cerca de 2,5 m de largura[345]. Dos achados de época romana são referidas duas estruturas:

- "Estrutura 8 (S1) Parte e pavimento, muito fragmentado e em mau estado de conservação, em *opus signinum* (composto por cal, areia, pedra, de diferentes dimensões e fragmentos de cerâmica),

339 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003, p. 13).

340 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003, p. 13).

341 Ver 'A montagem dos fragmentos arquitectónicos', Apêndice I.

342 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003, p. 14).

343 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003, p. 28).

344 (Terra Alentejana. Achado Arqueológico, 1931, p. 4).

345 Agradece-se ao Arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos a cedência deste relatório, entre muitos outros materiais, e também a António Bairinhas, que prontamente cedeu as cópias e os ficheiros de todos os desenhos de arqueologia que tinha desta e de outras escavações.

imediatamente a baixo a estrutura 7, a uma cota de 303,23 metros de altitude, apresentando-se derrubado a NO.

- Estrutura 9 (S1) – Sucede a estrutura 8, separando-se desta pela camada 6, constituída por lajes ou tijolos em cerâmica e forma rectangular (42x31x6 cm), ligados por argamassa de cal. Formando arco, com eixo maior orientado no sentido SE-NO, encontra-se abatido na parte NO da sondagem e prolonga-se para baixo do edifício do Laboratório Nacional de Investigação Veterinária, a SO." [346]

Por causa da instabilidade das terras não foi possível continuar os trabalhos, deste modo, não se conseguiu estender a área de intervenção para perceber toda a estrutura. Relativamente à cronologia das estruturas pela técnica construtiva e aparelho, estas enquadravam-se na época romana, sem ser possível, pela natureza da intervenção, averiguar com maior rigor a datação das mesmas [IMAGEM 81].

Antigo Palácio da Inquisição/Casas Pintadas

O conjunto edificado composto pelo Antigo Palácio da Inquisição e Casas Pintadas [DESENHO .01 – N.º 12, 12.1] foi alvo de várias intervenções; destacam-se, destas campanhas, as sondagens onde foram encontrados materiais e estruturas romanas.

Em 2001, o então apelidado Centro de Conferências Vasco Vilalva foi reabilitado. A escavação arqueológica esteve a cargo da empresa Era Arqueologia Lda.[347]. Nesta campanha foram realizadas várias sondagens [DESENHO V.03], mas foi na sondagem 1 (2001), realizada na sala do auditório, que se revelaram achados de cronologia romana de grande importância. Foi encontrado um conjunto de muros que, pela sua disposição espacial e estrutural, aparentam "integrar um sistema de canalização ou até mesmo de reservatórios de período romano (séculos I-II)" [348]. O pavimento do canal em *opus signinum* [UE 15 e 16] encontra-se muito destruído e apresenta uma forte pendente. Os muros [UE 104, 20, 16, 117], que ladeiam a canalização, são constituídos por "calhais e blocos de granito bruto e alguma cerâmica de construção reutilizada"[349].

Em 2012 o edifício volta novamente a ser alvo de uma grande operação de reabilitação destinado a Centro de Arte e Cultura, ao abrigo do Projecto Acrópole XXI. Os trabalhos arqueológicos estiveram a cargo da empresa Era – Arqueologia S.A. Na sondagem 2 (2012), realizada no Pátio de Honra do Palácio da Inquisição, foram encontrados vestígios de um pavimento de *opus* muito degradado [UE 2060] e de uma canalização [UE 2056-2059]; ambos são de cronologia romana e deverão estar associados ao *forum*. Relativamente à canalização, esta deverá estar "relacionada com o sistema de drenagem da praça, estava orientada no sentido NE-SW. As paredes eram construídas com *tegulae* sendo a base e as tampas edificadas com lajes de cerâmica"[350]; os matérias recolhidos no pavimento, fragmentos de terra sigilata, permitiram datar estes contextos no século I d.C.

346 Panagiotis Sarantopoulos, Luis Campos Paulo e Elisabete Barradas (2000, p. 7).

347 Agradece-se ao Arqueólogo Alexandre Sarrazola a autorização de reprodução do relatório e todos os esclarecimentos prestados.

348 Alexandre Sarrazola e Sandra Santos (2001, p. 16).

349 Alexandre Sarrazola e Sandra Santos (2001, p. 16).

350 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 112).

Na sondagem 4 (2012), localizada no pátio tardoz do Palácio da Inquisição, foram encontrados fragmentos de *tegulae*, que aparentavam tratar-se de um derrube de um telhado[351] associado a uma estrutura de época romana.

Também durante as escavações arqueológicas de 2012, no compartimento designado como "sala das refeições", foi descoberto um troço de lajeado [UE 53] "composto por blocos de granito de forma alongada", "sobre um depósito composto por um sedimento areno-argiloso de cor castanha amarelada"[352].

Embora os materiais recolhidos, desta sondagem, não permitam determinar com certezas de que estrutura se tratava, é bem possível, dadas as suas características e localização, que se tratasse do troço do *Decumanus Maximus*[353].

Em 2014 foi realizado um acompanhamento arqueológico de obra no âmbito do projecto de reabilitação do claustro das Casas Pintadas [DESENHO .01 – N.º 12.1]; esta campanha foi realizada pela empresa Arkaios – Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda., e coordenada pela arqueóloga Ana Gonçalves[354]. Na sondagem denominada "sapata 1" (2014) foi encontrado um muro [UE 103], com orientação Este-Oeste, "construído com aparelho regular de alvenaria compacta de pedra média e tijolo maciço, rebocado do lado Norte com argamassa de cal de cor amarela"[355], a sua constituição sólida aparentava ser de época romana.

Paço dos Condes de Basto

Em 2012, foram realizados trabalhos arqueológicos no âmbito do projecto de reabilitação do conjunto edificado do Paço dos Condes de Basto, [DESENHO .01 – N.º 7]; o projecto de arquitectura foi a da autoria do Professor Arquitecto Francisco Barata[356]. O programa contemplava a criação da Casa Museu, Biblioteca/Arquivo, Museu das Carruagens e Loja/Cafetaria, intervenção da Fundação Eugénio de Almeida ao abrigo do projecto Acrópole XXI.

No jardim do Paço foi realizada a sondagem 8 (2012), [DESENHO V.04], onde foi encontrada "uma estrutura construída com lateres [EU 8027] ligados por uma argamassa de tonalidade esbranquiçada"[357]; estes materiais sugerem uma eventual cronologia romana.

Na sondagem 17 (2012), localizada na antiga Casa do Guarda, foram identificados fragmentos de materiais que poderiam ser de cronologia romana, desde *tegulae* [UE17009], no entanto, não foi

351 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 27).

352 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 121 Anexo 123 - Fichas de Registo [UE156]).

353 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 81).

354 Agradece-se à inestimável Ana Gonçalves o envio deste relatório (entre muitos!) e toda a ajuda e paciência dedicada ao longo destes anos.

355 Ana Gonçalves e Manuel Carmona Pica (2014, p. 17).

356 Uma nota muito especial ao Professor Francisco Barata que cedeu, com toda a generosidade que lhe era intrínseca, todos os desenhos de levantamento e projecto de arquitectura relativos à reabilitação notável do Paço dos Condes de Basto, da sua autoria. Neste caso optou-se pelo registo do levantamento arquitectónico do edifício, antes da intervenção, por ser mais fácil a localização e integração de desenho arqueológico dos vestígios.

357 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 37).

perceptível se se tratava de um pavimento de cronologia romana ou de um reaproveitamento de materiais romanos[358].

No âmbito do acompanhamento arqueológico realizado junto à Porta da Traição, foi identificado um compartimento de grandes dimensões de período islâmico onde foram detetados reaproveitamentos de silhares de granito de época romana[359].

Antigo Colégio dos Moços do Coro da Sé

O edifício do antigo Colégio dos Moços do Coro da Sé [DESENHO .01 – N.º 10] foi requalificado, em 2009, para instalação do Museu de Arte Sacra da Sé de Évora; o projecto de arquitectura foi da autoria do Arquitecto Carrilho da Graça. Este edifício, situado a nordeste do claustro da Sé, é de época moderna. O acompanhamento arqueológico[360] foi realizado no interior do edifício e no pátio, onde foram demolidas algumas construções.

Esta escavação revelou vestígios de época romana de grande importância [DESENHO V.05], muretes entre os 40-60 cm de espessura, e pavimentos, possivelmente pertencente a uma habitação.

No vértice sudoeste do colégio foi identificado um tanque romano, com aproximadamente 3,40 m de diâmetro, segundo os arqueólogos: "Trata-se de uma estrutura dedicada a banhos ou sauna (*Laconicum* ou *Sudatorium*) possivelmente de água quente ou tépida, cuja super estrutura envolvente se encontraria revestida por paramentos de estuque pintados com distinta coloração e motivos."[361] Possivelmente associada a este tanque encontrou-se "o que parece ser um caneiro ou uma conduta, caracterizado por um muro muito robusto, de aproximadamente 1 m de comprimento, com a presença de uma depressão longitudinal"[362] [IMAGEM 82].

Extramuros

Antigo Convento de Santa Catarina de Sena

No lugar onde outrora existiu o Convento Santa Catarina de Sena [DESENHO .01 – N.º 29], construído no século XVI, realizou-se uma intervenção arqueológica de acompanhamento aos trabalhos de remoção de terras para a construção de um edifício de habitação plurifamiliar e comércio.

Numa sondagem realizada, em 1990, mais a sul do lote (Área B – Sondagem 1), foi descoberto um muro que aparentava ser de época romana [DESENHO V.06]. Esta estrutura desenhava um L e tinha

358 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 96).

359 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 97).

360 Agradece-se aos autores deste relatório, Ricardo Gaidão Barbosa da Costa e Susana José Gomes Dias, a cedência generosa do mesmo, tanto as partes escritas como as desenhadas. Mas este agradecimento é, sobretudo, por todo o incentivo e entusiasmo sempre demonstrado para além de todas as valiosas considerações que tanto contribuíram para este trabalho.

361 Susana José Gomes Dias e Ricardo Gaidão Costa (2009, p. 25).

362 Susana José Gomes Dias e Ricardo Gaidão Costa (2009, p. 19).

cerca de 50 cm de altura e 70 cm de espessura. É interessante verificar que a orientação deste muro segue o traçado ortogonal dos muros de época romana encontrado intramuros[363].

Antigo Paço dos Lobos da Gama

O antigo Paço dos Lobos da Gama, [DESENHO .01 – N.º 31], situado na Rua Serpa Pinto n.º 50 e 56, foi alvo de duas campanhas de escavação[364] entre 2008 e 2009.

Estas foram realizadas no âmbito do processo de minimização de impactos sobre o património histórico e arqueológico, respeitante ao Projecto de Reabilitação do Paço, que previa a construção de um parque automóvel subterrâneo. Assim, o objectivo da escavação era o "reduzirem ao máximo quaisquer danos patrimoniais passíveis de ocorrência sobre estruturas ou materiais de interesse histórico e arqueológico, postos a descoberto durante o processo de remodelação e escavação da área"[365].

Junto da entrada de serviço do Paço, [DESENHO V.07], foi escavada uma área onde foram encontrados vestígios de época romana, de destacar um conjunto de muros alinhados entre si, quer paralela, quer perpendicularmente [IMAGEM 83]. Relativamente ao espólio recolhido, este indica uma cronologia que se estende do final do século I até ao IV[366].

Estes muros têm a particularidade, apesar da distância ao conjunto monumental, de cumprirem escrupulosamente a orientação dos muros romanos encontrados intra-muros.

Escola Gabriel Pereira

O acompanhamento arqueológico realizado durante as obras de requalificação da Escola Secundária Gabriel Pereira [DESENHO .01 – N.º 34], revelou, no espaço envolvente da escola, importantes estruturas de carácter complexo e diversificado. Concentrando a atenção nos vestígios romanos, [DESENHO V.08], a norte do lote foi identificado um "contexto funerário de cronologia romana, baseado sobretudo, em estruturas funerárias de cremação"[367], provavelmente de época imperial, e, a sul, foi encontrado "um pequeno troço de calçada/pavimento constituído por pedras roladas de pequeno e médio calibre"[368] [IMAGEM 84].

363 "A existência de uma ocupação de época romana neste local, embora nos tenha fornecido poucos elementos, é mais um aspecto a juntar à planta da cidade romana de Évora. A área escavada encontra-se já na zona exterior das muralhas, ficando por definir o tipo de ocupação (…)". (Ana Cristina Calais, Catarina Ferrer Dias Viegas, 1990, p. 10).

364 Agradece-se toda a disponibilidade de Susana José Gomes Dias que prontamente disponibilizou todo o relatório de progresso, de 2008, peças escritas e desenhadas, assim como a Gerardo Vidal Lopes que autorizou a reprodução do relatório final, de 2009, e que sempre esteve disponível para esclarecer questões.

365 Susana José Gomes Dias (2008, p. 3).

366 Gerardo Vidal Gonçalves e Conceição Roque (2009).

367 Conceição Vitoriano Maia e Gerardo Vidal Gonçalves (2010, p. 9).

368 Conceição Vitoriano Maia e Gerardo Vidal Gonçalves (2010, p. 14).

PARTE II

•

AS FONTES

MONUMENTO (MATÉRIA – MEMÓRIA – DOCUMENTO)

"O documento não é inócuo. É antes de mais o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente."[369]

No capítulo anterior, foram analisadas as vertentes do desenho arqueológico com vista a um registo detalhado do vestígio. A concretização deste registo, apresentado como *Documento*, é fundamental para construção e compreensão do *Monumento*. Importa agora incrementar essa construção com os valores da *antiguidade* e da *Memória* suportada pelas fontes iconográficas e literárias.

O *Monumento*, tal como refere Françoise Choay, é capaz de despertar uma emoção, uma memória viva, mas "[n]ão só ele a trabalha, como também a mobiliza pela medição da afectividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente"[370]. E este factor é fundamental, pois a informação não é neutra, é trabalhada segundo um presente que reúne, selecciona, destrói um conjunto de dados que transmitem ao vestígio determinado valor e significado. O *Monumento* surge dessa consagração.

Será necessário estudar os documentos em confronto com a história e o lugar. Perceber o contributo dos actores envolvidos, desde os latinistas e humanistas, os pintores, os colecionadores, os antiquários, os historiadores, os primeiros arqueólogos e, claro, os arquitectos. Tendo essa informação reunida é possível trabalhar o desenho, de representação e de reconhecimento dos vestígios ao longo dos séculos, para que esta narrativa, escrita e desenhada, possa contribuir na interpretação do vestígio.

Para isso, são considerados os primeiros registos escritos e desenhados sobre os achados arqueológicos da antiguidade de Évora e as suas fontes, literárias e iconográficas, numa tentativa de perceber como estes foram sendo interpretados ao longo das épocas. Os vestígios do passado relativos ao conjunto monumental de Évora são trabalhados nessa construção da história e da identidade da cidade, da sua arquitectura e das descobertas arqueológicas.

Neste estudo, tratou-se sobretudo as ruínas do templo pois são protagonistas desta discussão localizada e seleccionada. Desde inícios do século XVI que o templo foi sendo registado segundo inúmeras formas, suportes e técnicas, no entanto, a sua reconstituição aparenta nunca ter estado em discussão. Para suportar uma reconstituição de um Monumento é necessário conhecer a sua história que, neste caso, é sobretudo iconografia, pois, apesar dos documentos escritos também serem considerados, estes trazem alguns problemas de interpretação. Partindo então das ruínas do templo romano de Évora procura-se incrementar o significado do *Monumento* de forma sustentada, questionando e simultaneamente fundamentando as suas fontes.

369 Jacques Le Goff (1984, p. 103).
370 Françoise Choay (2013, p. 17).

A fotografia é assim o ponto de partida para este ensaio sobre a matéria, a memória e o documento. O registo fotográfico será porventura menos fantasioso que toda a iconografia desenhada, "mas (de registo) muito mais rigoroso, onde a minudência do objecto e o seu valor documental não sofreram qualquer diminuição."[371]

Depois desta análise, que permitirá a construção de um suporte desenhado, parte-se para a interpretação do monumento em épocas anteriores.

Os suportes da memória

"As fotografias só fazem sentido quando metamorfoseadas em imagens, em réplicas sem peso, nas quais se reúne o seu valor simbólico, dissociado assim do seu valor utilitário."[372]

As primeiras fotografias do templo de Évora são, neste caso, o suporte para uma tentativa de reconstituição ao longo dos séculos em que este edifício foi utilizado como açougue. Inicia-se esta narrativa desenhada com a recolha das fotografias de meados do século XIX. A partir destes documentos é possível perceber os alçados do templo antes do restauro.

Relativamente à necessidade de uma representação fotográfica do templo foi Cunha Rivara que, nos anos 40 do século XIX, reconheceu desde logo essa importância[373], mas são escassas as fotografias conhecidas dessa década.

Passaram por Évora importantes fotógrafos que documentaram a cidade, há registos "de Barbosa (que trabalhou para obras de António Francisco Barata), de Rocchini-Guimarães, de Lisboa, e de Passaporte, o velho, pertencendo a estes artistas (…) a mais preciosa colecção de negativos impressos em chapas nas dimensões de 13x18, onde se imprimiram os insubstituíveis documentos"[374]. Entre estes registos existem alguns do templo.

O primeiro registo fotográfico conhecido do templo de Évora foi realizado pelo fotógrafo Jean Laurent que, entre 1868-70, esteve em Évora produzindo, em 1879, um catálogo[375] desta visita. Gabriel Pereira considera esta fotografia do Templo como a mais perfeita [IMAGEM 85], "bem tirada e de suficiente tamanho a mostrar miudezas; não compreende, porém, nenhuma das faces inteira; apanha grande parte das faces norte e poente. Indica bem o estado do templo antes da demolição dos paredões que o desfiguravam; as janelas de volta redonda na face do poente, merlões de alvenaria, mas do feitio das da crasta da Sé (séc. 14); vestígios na face norte dos pardieiros da inquisição velha que se lhe encostavam"[376].

371 Túlio Espanca (1966b, p. 128).

372 Françoise Choay (2013, p. 22).

373 Artur Goulart (1996-1997, p. 412-413).

374 Túlio Espanca (1966b, p. 127).

375 "A colecção de fotografias de Évora da casa Laurent é interessante pela sua qualidade e pela sua antiguidade. Foi catalogado um total de 16 negativos originais, de vidro em colódio. Destes, 11 são de grande formato – 27x36 centímetros – e os outros 5 são estereoscópicos, com formato de 13x18 centímetros. Encontram-se todos em Madrid, no Instituto do Património Histórico Espanhol." (Carlos Teixidor Cadenas, 2007, p. 33)

376 Gabriel Pereira (1883, p. 37).

Existem outras fotografias do alçado norte do templo muito semelhantes, de destacar a de 1865 da autoria de Rocchini-Guimarães[377], e outras duas de autor anónimo, cujas reproduções pertencem à colecção de Artur Goulard, uma de data desconhecida que pertencia a José Cinatti[378] e uma outra de cerca de 1870 [IMAGEM 86] e de grande importância pois revela as obras no espaço público em redor do templo, quando foram expostas parte das fundações do pódio.

Relativamente ao alçado Sul existe uma rara fotografia no Arquivo Túlio Espanca [IMAGEM 87], de autor desconhecido, anterior a 1870[379]. Nesta imagem, apesar da sombra carregada do edifício da Inquisição, é também possível perceber melhor o alçado poente. Reconhece-se ainda, no frontispício, sobre os dois portais góticos, uma desvanecida composição mural régia, representada por um "pomposo dossel com as armas reais de Portugal, da época de D. João IV, em pintura a têmpera, evocando a gloriosa Restauração"[380]. É possível também reconhecer, nesta fachada, as marcas deixadas pelas paredes da Inquisição de quando esta se anexava ao templo. No alçado poente são visíveis dois vãos de volta inteira, o de menor dimensão aparece encimado por uma cornija bastante desfeita.

Analisando todos estes documentos verifica-se que todo o edifício era coroado por merlões piramidais, que ocultavam o telhado de quatro águas do corpo mais baixo e de duas águas na 'torre' do campanário quinhentista, no lado norte.

Estas imagens foram o suporte para uma tentativa de reconstituição dos alçados do templo no século XIX antes do restauro que, depois de formulados, se tornaram instrumentos de trabalho para um exercício de interpretação do templo através dos alçados e da planta do século XV a finais do século XIX.

Realizado este exercício, muitas perguntas se colocam, como, por exemplo: que representam todas aquelas marcas e secções na cornija do pódio, qual a razão para os paramentos do pódio serem tão irregulares e diferenciados, teria o pódio alguma argamassa de revestimento? Estas são apenas algumas das marcas que este desenho permite reconhecer com maior detalhe a que se tentará dar resposta neste capítulo. E são também estas as motivações deste desenho que investem este percurso pela história, na tentativa de encontrar a sua origem e perceber as transformações deste monumento.

Ao logo deste capítulo ensaiam-se propostas de reconstituição das plantas e alçados do Templo ao longo dos séculos; estas enquadradas numa caixa de texto onde se explica o processo de desenho.

377 Esta fotografia foi publicada em António Leandro (organização) Alves (1966, p. XX estampas).

378 Agradece-se toda a disponibilidade generosa do Dr. Artur Goulard que, amavelmente, apresentou uma série de documentos, entre estes uma fotocópia de uma fotografia oferecida por James Burrell, bisneto de José Cinatti, a 3 de Julho de 1990. No verso desta aparece uma inscrição de Jaime Batalha Reis de 12 de Novembro de 1932: "meu sogro, o arquitecto, pintor e arqueólogo italiano Joseph Cinatti. Foi ele grande admirador da cidade de Évora, interessando-se muito pela conservação das suas antiguidades. Tendo-se empenhado, especialmente, em conseguir que o Templo chamado de Diana ficasse como hoje se acha (…)".

379 Esta fotografia foi publicada em António Leandro (organização) Alves (1966, p. XIX estampas).

380 (Évora d'Antanho. Templo Romano com a silhueta Medieval antes de 1870, 1947).

Ensaio . Templo em meados do século XIX

[DESENHO I.42] Alçado norte hipotético de reconstituição dos antigos açougues, em meados do século XIX.

[DESENHO I.43] Alçado nascente hipotético de reconstituição dos antigos açougues, em meados do século XIX.

[DESENHO I.44] Alçado sul hipotético de reconstituição dos antigos açougues, em meados do século XIX.

[DESENHO I.45] Alçado poente hipotético de reconstituição dos antigos açougues, em meados do século XIX.

Fazendo um exercício elementar de fotogrametria, recolhem-se as fotografias com maior detalhe e distorcem-se as imagens sobre o alçado existente [IMAGEM 88], conseguindo uma base para um desenho vectorial mais rigoroso. Isto é, a fotografia original é escalada e distorcida, sobre o desenho linear de levantamento (já realizado no capítulo anterior), até se conseguir uma imagem mais próxima da proporção original. Esta base é fundamental para se realizar uma tentativa de desenho pedra-a-pedra, ainda que com bastantes lacunas. Os alçados do templo existente vão sendo assim preenchidos com os materiais que envolveram o templo durante séculos. O alçado norte é talvez o mais rigoroso pois é o que apresenta mais registos fotográficos. Parte da fundação do pódio é representada à vista porque nesta altura foram realizadas obras em redor do Templo de arranjos exteriores. Estas provocaram o rebaixamento da cota envolvente e por conseguinte a exposição da fundação. O alçado sul é realizado através do mesmo método a partir da única fotografia conhecida depositada no Arquivo de Túlio Espanca, felizmente um exemplar de grande qualidade que permite realizar uma interpretação do alçado com algum detalhe. Neste alçado foram desenhados os dois portais ogivais e o coroamento em merlões piramidais, foi também realizado um apontamento da composição mural. Relativamente ao alçado poente, não foi encontrada nenhuma fotografia que o representasse em grande plano. Apesar disso foram utilizadas as fotografias onde este aparece em perspectiva e com estas é realizado o mesmo exercício de distorção, ainda que não oferecendo o mesmo rigor do alçado sul e norte. No alçado poente desenham-se duas janelas em granito de volta inteira, semelhantes a alguns vãos, de época medieval, como os que se vêem na torre da Sé. Relativamente ao alçado nascente não se conhecem quaisquer registos fotográficos, assim, este foi realizado a partir do 'espelho' do alçado poente, com a introdução de alguns elementos reconhecíveis a partir de gravuras e desenhos dos antiquários, como veremos no decorrer deste capítulo. Após este exercício conseguem-se interpretar, com algum rigor, os alçados norte, sul e, também, o alçado poente no templo antes do seu restauro.

O Monumento como matéria e suporte (do século XIII ao século XVII)

Realizado o suporte desenhado do templo no século XIX, parte-se agora à descoberta das fontes literárias e iconográficas mais antigas sobre este edifício, sobretudo na época em que foi utilizado como açougue.

Em 1286 depois de uma reunião no adro da igreja de Santo Antoninho, em Évora, entre o rei D. Dinis e os representantes do concelho, por entre as petições dos 'homens bons' e do povo, foi pedido que "lhis façades fazer açouguis mais largos que os açouguis que hi a son requeixados [acanhados] em guissa que se nom podem y compoer"[381]. Segundo Afonso de Carvalho[382], estes açougues localizavam-se perto da igreja de São Pedro[383], o autor refere também que, não sabendo ao certo qual a data, o Rei atendeu ao pedido dos eborenses ordenando a transferência dos açougues para a torre do templo romano, pois no 'Livro dos herdamentos do Cabido', em 1321, é referido que "na rua dos mercadores hu chamam acougue velho"[384], o que demonstra que já existiria um novo. Na altura o Rei D. Dinis cedeu os açougues ao concelho, mais tarde a rainha D. Beatriz[385] reclama a propriedade e só em 1395 estes voltam para a posse do concelho[386] e manter-se-ão em funcionamento até 1836.

Os primeiros açougues localizavam-se assim na Rua dos Mercadores, junto à igreja de São Pedro, e foram transferidos, por ordem do rei, para a 'torre' em que estaria transformado, na altura, o templo romano, entre finais do século XIII inícios do século XIV.

Em 1467, D. Afonso V escreve uma carta[387] à Câmara de Évora para que fossem cedidas, ao fidalgo Soeiro Mendes, duas pedras que estavam no açougue da cidade. Estas pedras seriam para aplicar como parapeitos em duas janelas do palácio. O teor da carta revela bem como a matéria-prima, do edifício do antigo templo, era valorizada no seu singular e não como um todo. A sua cantaria era matéria-prima nobre, bem-talhada e de medidas consideráveis que facilmente enobreciam os alçados

381 'Concordata entre El-Rei D. Diniz e o concelho d'Evora', [1286] (Gabriel Pereira, 1998, p. 43).

382 Afonso de Carvalho (2004, p. 53).

383 A antiga Igreja de São Pedro localiza-se entre a Rua Diogo Cão e o Pátio do Salema, encontra-se hoje bastante alterada e alberga alguns dos serviços municipais.

384 'O Livro dos Herdamentos do Cabido', [século XIV] (Gabriel Pereira, 1998, p. 55).

385 Alvará da Rainha D. Beatriz de Castela, mulher de Afonso IV, confirmado por sentença dada em Coimbra pelo rei D. João I (22-3-1403).

386 'Sobre os Açougues da Cidade', [1395] (Gabriel Pereira, 1998, p. 108-109).

387 "Juizes vereadores procurador e homeens bons Nos ElRey vos enviamos muyto saudar. Sueiro Meendes cavaleiro de nossa casa nos disse como lhe eram necessárias duas pedras que estam nos açougues dessa cidade pera huns antipeitos de huas janelas que faz em as suas casas nos pedio que por sua parte vos quisessemos screpuer que lhas quisesees dar. E porque as ditas pedras aproveitam pouco honde estam e em as ditas casas faram muyto e ainda he nobreza as cidades averem em ellas boas casas taaes como as do dito Sueiro Meendes e seu fundamento he as fazer pera nos em ellas avermos de pousar Nos vos rogamos e encomendamos muyto que vos praza lhas quererdes dar e Rodrigo Esteves mestre das nossas obras em essa cidade terá cuidado de as tirar donde estam seguramente e çarar os buracos de pedra e call em tall maneira que nom faça prejuízo ás paredes dos ditos açougues, o que de asy comprirdes vollo gradeceremos muyto e tenremos em serviço e o dito Sueiro Meendes he tall pessoa como sabees que vollo saberá reconhecer. Scripta em Almada X dias dagosto. Lopo Fernandes a fez em 1467." (Afonso V, 1467), transcrição de Gabriel Pereira (1998, p. 315) e Sousa Viterbo (1899, p. 307); este autor apresenta este mesmo documento com algumas considerações.

dos paços e palácios. Consta que das "paredes do dito açougue" não fariam falta e todas as lacunas seriam bem restauradas. Apesar da autorização régia demostrar essa preocupação em colmatar as lacunas, este ofício dissimula séculos de pilhagem e de como os monumentos da antiguidade foram sendo recriados, saqueados, reinventados e esvaziados do seu conjunto. Ao longo dos séculos, as ruínas dos edifícios antigos são invariavelmente ornamento e suporte para novas linguagens e usos.

O templo ia sendo, paulatinamente, adaptado e transformado para seu uso coetâneo, um equipamento de grande escala e essencial para a população. Estabelecendo um paralelo com a capital da província, em Mérida, também as ruínas do templo serviram de suporte para outras construções, como é o caso do "Palacio de los Corbos", construído entre os séculos XV e XVI. Esta atitude de apropriação das ruínas caracterizou bem este período, tanto pela qualidade construtiva que estas poderiam eventualmente ter e servir para novas arquitecturas como pelo uso da peça isolada como ornamento: "No sólo ya por ese afán de aprovechar los edificios antiguos, sino también por la costumbre que entonces se puso de manifestó de ubicar en la fachadas piezas del pasado romano, principalmente epigráficas, con el fin de prestigiar esas casonas y moradas".[388]

Analisaremos então ao detalhe os indícios que estas e outras 'pedras' nos poderão oferecer e a forma como este monumento foi narrado através de documentos escritos e iconográficos da época.

A génese da iconografia do Monumento (século XV)

Começando pelas vistas da cidade de Évora, inicia-se este périplo com uma vista desenhada no anterrosto do Foral da Leitura Nova, de 1 de Novembro de 1501, atribuída a Duarte de Armas, o escudeiro de D. Manuel que registou os castelos fronteiriços de Portugal. Esta vista foi desenhada do lado do chafariz das Bravas, a partir da quinta dos Frades de S. Domingos. O templo, implantado junto à Sé, está representado como um torreão, "parece um grande cubelo isolado, com arcada alta e esguia"[389] e com o seu campanário recém-construído [IMAGEM 89].

Outra vista da cidade que importa salientar foi realizada por "um grande iluminador eborense – António de Holanda – a desejos do infante D. Fernando, irmão do monarca, e com destino à Árvore Genealógica dos Reis de Portugal"[390]. Na margem desta iluminura[391], decorada pelo miniaturista inglês Simão Bening, aparece uma fantasiosa representação da batalha de conquista da cidade aos mouros, de 1165, e a encimá-la está uma panorâmica da cidade com a sua muralha do século XVI dominada pela Sé. O que importa destacar, neste contexto, é a torre que aparece do lado esquerdo da Sé, que poderá ser uma eventual representação do açougue [IMAGEM 90].

388 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 36).

389 Gabriel Pereira (1947 [1884-1894], p. 349).

390 Túlio Espanca (1966b, p. 125).

391 Esta iluminura integra o manuscrito da "Genealogia da Casas Reais da Espanha e de Portugal", realizado entre 1530-1534. Esta foi publicada em António Leandro (organização) Alves (1966, p. XV) e está disponível para consulta na *British Library*, Londres, http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?index=0&ref=Add_MS_12531, [Consult. Maio 2021].

Numa detalhada vista setentrional[392] da cidade, do pintor toscano Pier Baldi, executada durante a viagem do Príncipe Cosme de Médicis, Duque da Toscana, por Espanha e Portugal, entre 1668-1669, vêem-se as traseiras do Colégio Espírito Santo à esquerda e, ao centro, uma torre com um campanário, que poderia ser a torre dos açougues [IMAGEM 91].

Realizado este reconhecimento sobre as vistas da cidade, verifica-se que, até ao século XVII, o templo era geralmente representado como uma torre, a somar à silhueta urbana.

Relativamente à iconografia do templo, entre os séculos XV e XVII, não foram encontradas imagens deste de forma isolada, com a excepção de uma xilogravura [IMAGEM 92], bastante curiosa e enigmática, cuja datação, atribuída ao século XVI, levanta muitas dúvidas. Esta foi referida por Cardoso Martha[393] que a publicou na revista "Feira da Ladra", em 1929. É de estranhar que uma descoberta desta natureza tenha ficado esquecida por tanto tempo e que tenha sido divulgada numa revista mensal ilustrada sem carácter científico. Quinze anos depois Túlio Espanca[394] tenta encontrar a verdade nesta imagem, não questionando o conteúdo, mas a sua autoria e datação; relativamente à autoria avança com duas hipóteses: ou um artista português, ou um flamengo, sobre a datação Espanca defende que o original é uma representação entre os séculos XV e XVI. Quanto à xilogravura, essa é certamente muito posterior, talvez do século XVIII, realizada por um artista estrangeiro que, "mantendo as indumentárias e o panorama quinhentista, reproduziu com arguta inteligência o corpo monumental romano do templo, eliminando as super-estruturas incaracterísticas medievais"[395].

Nesta imagem, o templo implanta-se num terreno acidentado, no primeiro plano um conjunto de personagens animam a cena e, no plano de fundo, uma vista dos edifícios da envolvente. Este é representado de forma híbrida, pelo lado Sul foi feita uma tentativa de reconstituição, ainda com o friso e alguns vestígios da cornija, pelo lado norte as paredes envolventes são ameadas e dentro aparece uma casa, como se de um recinto amuralhado se tratasse.

Existe um pormenor interessante nesta gravura que faz questionar um acesso lateral ao templo. Foram, de facto, descobertos vestígios "de orifícios de gonzos e batente"[396] no estilóbata do pódio de um possível acesso medieval, mas do lado nascente do templo [IMAGEM 97]. Deste modo, levanta-se então uma hipótese desta reprodução estar impressa de forma invertida [IMAGEM 93] e, se assim for, talvez a imagem se torne mais clara. O lado poente deixaria de estar em sombra tornando-se no lado nascente (como será, mais tarde, frequentemente representado) com a escadaria de acesso no

392 Esta vista panorâmica trata-se de um desenho aguarelado de 60cm x 134cm, realizado entre 1668-1669. Este foi publicado em: António Leandro (organização) Alves (1966, p. XXIII). O manuscrito está disponível para consulta na *Biblioteca Medicea Laurenziana*, Florença, cota Med. Palat. 123/1, c. 112bis. Agradece-se a Leonardo Meoni e a Eugenia Antonucci, técnicos do departamento de fotografia da Biblioteca *Medicea Laurenziana*, a cedência da imagem digital.

393 Cardoso Martha (1929).

394 Túlio Espanca (1944b). No Acervo Túlio Espanca, sediado na Universidade de Évora, também existe uma reprodução desta imagem em papel fotográfico.

395 Túlio Espanca (1944b, p. 88).

396 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 599).

lugar onde existem vestígios no pódio; a pendente do terreno também estaria mais adequada à topografia da cidade com o lado nascente a uma cota mais alta e o declive para poente.

Apesar desta hipótese se adequar melhor à orientação do templo e topografia da cidade, revela algumas dúvidas sobre os edifícios envolventes. Túlio Espanca na sua interpretação assume que a escadaria que se vê a Sul se trataria do palácio gótico dos bispos, onde hoje funciona o Museu de Évora. Atrás desta estaria a "torre setentrional, iluminada por duas janelas românicas, com cobertura piramidal primitiva, talvez provisória"[397], da Sé. No entanto, pela proximidade ao templo não parece que este corpo seja o antigo Palácio dos Bispos; assim, voltando ao desenho [IMAGEM 93], e trazendo também os vestígios do Paço Arquiepiscopal de época moderna [DESENHO I.25], levanta-se outra hipótese: poderia eventualmente esta torre pertencer ao Palácio? Esta possibilidade apoia-se nos vestígios, encontrados na cave do Museu, a noroeste, que aparentavam pertencer a uma fundação de uma torre [DESENHO I.25 – LEGENDA 4.].

T. Hauschild também comenta esta imagem, destacando o rigor na representação do pódio, bem como das colunas, dos capitéis e da arquitrave[398]. Relativamente aos fragmentos de cornija representados, refere que estes seriam muito improváveis e que teriam sido imaginados pelo autor. O friso está representado como se fossem blocos paralelepipédicos, o que não corresponde ao existente.

Todos estes aspectos revelam um grande conhecimento do autor sobre a arquitectura clássica e tornam esta imagem ainda mais enigmática, pois percebe-se uma clara intenção de interpretação da arquitectura romana do templo, ainda que deixando algum espaço para a imaginação.

397 Túlio Espanca (1944b, p. 88).

398 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 18).

Ensaio . Templo século XV

[DESENHO I.30] Alçado norte hipotético de reconstituição dos açougues, no século XV.

Relativamente ao edifício do templo de Évora não se sabe quando é que os intercolúnios foram preenchidos, nem quando o entablamento foi encimado por um muro ameado. Este coroamento é semelhante aos existentes nas torres da fachada ocidental do Palácio de Cadaval (torre pentagonal e torre a Sul). Aliás verifica-se que, neste alçado do Palácio, desenhado por Butler [IMAGEM 94], de 1851, para além das torres, todo o corpo quinhentista era rematado com merlões piramidais.

Sabe-se que em 1501, no lado norte do açougue, foi construído um pequeno campanário[399]. Mas esta configuração, como se de uma torre tratasse, já era reconhecível na representação do templo do foral manuelino, no entanto, não esclarece se toda a estilóbata do pódio era limitada por muros ou se estes estavam contidos apenas à parte norte onde se implantavam as colunas.

Apesar de todas as incógnitas, é realizada uma tentativa de desenho de reconstituição do templo no século XV. O alçado norte mantém-se em relação à base fotogramétrica realizada a partir das fotografias do século XIX, apenas se retira o campanário e os paramentos são 'limpos' e uniformizados. O paramento dos intercolúnios é preenchido de argamassa com um fingido a evocar uma alvenaria regular. Uma técnica recorrente ainda hoje visível em alguns monumentos da cidade, como é o caso da torre a Sul do Palácio de Cadaval [IMAGEM 95]. Este paramento é representado até ao sumoscapo da coluna, pois, provalmente, existiriam umas aberturas, entre os capitéis, até à arquitrave. É representado o portal ogival de granito, também este semelhante aos vãos da torre Sul do Palácio de Cadaval. Não se sabe, no entanto, como seria realizado o acesso a esta cota; assim é deixado apenas um breve apontamento de uma possível escada descrita no tombo municipal das demarcações de 1651 (como se verá de seguida).

399 O sino de correr marcava a hora de fecho das portas da cidade. Esta obra foi autorizada por D. Manuel ao vereador Joane Mendes Cicioso: "tem quanto ao sino de correr parece-nos muy bem o que acerca disso nos disse Joane Mendes (…) e logo se compre e o ponha na torre do açougue como o dito Joane Mendes nos disse." (D. Manuel, 1500) transcrição de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1870a, p. 352).

O reconhecimento das antiguidades (séculos XVI-XVII)

Évora viveu, durante o século XVI, um período próspero com a presença da corte. Como consequência do terramoto que avassalou sobretudo Lisboa, a corte desloca-se para a cidade e proporciona uma intensa renovação urbana alicerçada por um debate fértil entre personalidades, intelectuais, pintores, arquitectos, que se reuniam em torno do rei.

"A qualidade e os níveis de erudição das grandes campanhas construtivas até aos finais do século inscrevem soluções de uma intensa criatividade conjugada com os saberes tratadísticos que circulavam nas casas religiosas ou nos circuitos domésticos mais esclarecidos."[400]

André de Resende [1500-1573] foi um desses personagens, pois prestou um grande contributo para o estudo e reconhecimento das 'cousas antigas'[401] e dos monumentos da antiguidade. Por encomenda dos vereadores da Câmara Municipal escreve a *História da Antiguidade de Évora*, terminada em 1547 mas só publicada, a mando do Cardeal D. Henrique, em Outubro de 1553[402]. Foi, indiscutivelmente, um humanista de grande influência cultural e política, que aprofundou e estreou um estudo arqueológico sobre as antiguidades eborenses onde, independentemente dos chefes lusitanos, se reconhece o valor dos monumentos.

"Item mandou Sertorio cercar ha cijdade de cãtaria laurada, quomo fe inda e muitas partes mõſtra, per onde é ha cerca velha, & affifez trazer ha agua da Pratta a ho portico en ho mais alto da cijdade, (…)"[403]

Este pórtico, no ponto mais alto da cidade, refere-se provavelmente ao templo. O humanista Elio Antonio de Nebrija (1441-1522), mestre de André de Resende na Universidade de Alcalá, curiosamente também refere as ruínas, do templo de Mérida, como um pórtico, num poema escrito meio século antes: "(…) pórtico con sus altas columnas, corroídas y desgastadas por las inclemencias del tiempo"[404], acrescentando que este pertenceria ao palácio da Curia.

André de Resende teve um papel fundamental na descoberta do Aqueduto, do qual identifica os vestígios arqueológicos do monumento romano. D. João III reconhece a importância da recuperação desta estrutura, para responder a uma necessidade premente de abastecimento de água na cidade. Para isso ordena que sejam feitas sondagens e diagnósticos prévios para a construção de um novo aqueduto e nomeia como responsável da obra o arquitecto Francisco de Arruda. André de Resende, talvez inspirado no *De Aquaeductibus* de Frontino, terá um papel essencial nesta empreitada "procurando ajudar a exornar o empreendimento, apresentando-o como uma obra paradigmática que restaurava a urbanidade e dignidade clássicas da urbe que retomava, com actualidade, o seu ilustre

400 Maria de Lurdes Craveiro (2009, p. 58).

401 "Foy Refende na averiguação das coufas antigas primeiro fem fegundo atégora: affim como foy tambem o primeiro, que em Portugal abrio as fontes da Antiguidade. Louvor de Porcio Cato, que fez em ltalia o mefmo, efcrevendo a obra de fuas Origens, de que faz menção Emylio Probo." In Gaspar Estaço (1754, p. 193). Esta obra de Gaspar Estaço [1563?-1626] foi publicada post mortem, assim talvez tenha sido terminada em 1625.

402 Andre Resende (1553), existe uma tradução para português por José Pereira Tavares (André Resende, 2009).

403 Andre Resende (1553, p. 10v).

404 Nebrija (1491). "*De Emerita restituta".* In José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 36).

passado"[405]. Este momento é importante para o reconhecimento do monumento como vestígio arqueológico, no entanto, este entendimento não foi consensual, pois deu azo a uma enorme discussão sobre a sua origem[406]. O Bispo de Viseu, D. Miguel da Silva, contestava a origem romana do aqueduto e André de Resende tenta esforçadamente defender a sua tese:

> *"quomo eu declarei en hua apologia ou reſpoſta que cõtra ho biſpo de Viſeu fcreui: que extoruaua a el Rei noſſo ſenhor tornar a trazer ha dicta agua: dizedo lhe que nem ha agua ca viera jamais, nem podia vijr nem Sertorio aqui ſteuera: nem ha obra era Romana: cõtra ho que eu a fu alteza tinha perſuadido."*[407]

Indepentetemente das polémicas que este assunto revela, o importante a reter era a importância dada à antiguidade, à história deste monumento civil, a partir da produção literária do humanista. O activismo de André de Resende era, deste modo, "uma espécie de 'utopia, responsável tanto pela restauração da história de uma cidade (…) quanto ainda pela construção de uma sociedade harmoniosa, 'clássica'"[408]. Este suporte histórico não foi ignorado pelo monarca reconhecendo assim o significado que esta obra pública representaria sobre o tecido urbano consolidado e sobre o território. E o facto de André de Resente se suportar nas evidências arqueológicas, para suportar o seu argumento, revela um grande conhecimento e sensibilidade sobre a importância do passado na reabilitação da cidade.

André de Resende foi também coleccionador de epigrafia, ia descobrindo, recolhendo e depositando no seu "jardim dos mármores antigos (…) com os letreiros dos Romanos. A cujo eftudo tam afficadamente fe aplicou (..)"[409] O estudo das antiguidades era a paixão de André de Resende, com entusiasmo "corria campos e povoações à procura de elementos, ele dirigia pesquizas arqueológicas (…) á procura de nova lápide, dum túmulo, ou de indício insofismável de via romana"[410]. Para o humanista, apesar do reconhecimento do monumento, é sobretudo a epigrafia que o move: "Para eles, o testemunho do texto sobre o passado ainda é mais importante do que todos os outros (…) Preferem as inscrições que cobrem os edifícios antigos aos próprios edifícios."[411] Neste estudo das antiguidades não está em causa o objecto em si mas o valor que lhe é atribuído. A história é o que fundamenta o seu significado. Foi, no entanto, traído pelo anseio nacionalista, ao forjar epígrafes[412] para corroborar a sua tese Sertoriana, 'correndo pois hos tempos, & levantando fe

405 Ivo Carneiro Sousa (1992, p. 35).

406 As especulações em redor de um possível aqueduto romano foram já bastante desenvolvidas por vários autores, tais como Francisco Bilou (2010), de uma forma bastante exaustiva e suportada. Assim, não descurando a atenção que este assunto merece, mas por não estar integrado no nosso âmbito de estudo, o conjunto monumental da cidade de Évora, apenas se faz uma breve referência contextualizando a posição do mestre latinista André de Resende.

407 Andre Resende (1553, p. 10v-11).

408 Ivo Carneiro Sousa (1992, p. 38).

409 Diogo Mendes de Vasconcellos (1785b, p. 28). Esta biografia de André de Resende, escrita por Diogo Mendes de Vasconcellos, foi publicada pela primeira vez em 1593.

410 Joaquim Augusto Câmara Manuel (1943, p. 75).

411 Françoise Choay (2013, p. 47).

412 O autor António Francisco Barata, sobre a inscrição n.º 88, descrita no catálogo do Museu Archeologico, comenta: "É esta uma inscrição considerada apocripha, das que André de Resende inventára por dar maior lustre á sua pátria, querendo que nella tivessem estado todos os heroes da Lusitania"; António Francisco Barata (1903, p. 44). Sobre este assunto, as epígrafes

Lufitania com Sertorio valerofo capitão"[413] e 'senhor de toda esta terra'. Apesar das apocrifias, contextualizando essa necessidade de afirmação nacional[414], André de Resende procurava enaltecer uma identidade oferecendo uma resistência anti-castelhana pela história. O seu versado conhecimento em latim leva a que o rei D. João III lhe encomendasse a tradução do tratado de Leon Battista Alberti, *De re aedificatoria*, que termina em 1547.[415]

Seguindo o rasto sobre as referências manuscritas às antiguidades de Évora, estas continuam a ser valorizadas e referidas nos escritos dos eclesiásticos ao longo do século XVI. Em 1593, Diogo Mendes Vasconcellos refere "efta Cidade, por elle com muralhas, Portico, e Aqueducto magnificamente enfeitada, e enobrecida talvez com outras obras e teftemunhos que o poder dos tempos apagaffe"[416], no 'Elogio de Evora' Manuel Severim Faria nomeia Sertório como autor dos "muros, aqueductos, e fabricas Corynthias"[417].

No início do século XVII, durante a dinastia Filipina, as antiguidades de Évora tornam-se ainda mais símbolo de prestígio e de alegorias para feitos grandiosos de Sertório: o Templo, o Aqueduto, as Muralhas e o *Palácio*, servem para justificar glórias nacionais. E assim, por entre 'triunfos lusitanos', cria-se o mito de Diana.

O padre Martim Cardoso de Azevedo [15..-1614] (Amador Patrício, de pseudónimo) protagoniza a sua fantasiosa *História das Antiguidades de Évora*[418], inventando uma Diana "muito fermofa natural de Evora"[419] que encantou os "Estrangeiros" fazendo-lhes "promeças de fazerem hum Templo affamado" "onde agora eftaõ os açougues da carne junto á Inquifição". E apesar dos "que me queiraõ contrairar, dizendo que o Templo affamado de Diana foi fabricado pelo grande Thefephónio em Afia", o autor mantém-se assim fiel à sua história.

Duarte Nunes de Leão [1530-1608], nas suas crónicas, refere as antiguidades da cidade de Évora:

"Efta cidade he a que Sertorio antiguaméte frequétava, e onde tinha sua habitação e domicilio, por eftar em meo da Lufitania, dóde a podia fenhorear, e mais facilmente governar, e que elle ornou de edificios, e do nobre aqueduto

de André de Resende, José d' Encarnação já dedicou vários estudos, entre os quais: José d' Encarnação (2002) e José d' Encarnação (2007-2008).

413 Andre Resende (1553, p. 9).

414 É nesse contexto que escreve a obra*: As Antiguidades da Lusitânia*, publicada pela primeira vez em 1593, sete anos após a sua morte, a mando do Cardeal D. Henrique que encarrega Diogo Mendes de Vasconcelos a edição o manuscrito. Esta obra é o resultado de um estudo baseado em manuscritos e epigrafia romana, visigoda, árabe e medieval, no sentido de fundamentar e enaltecer a nacionalidade. Esta será publicada em português em virtude de uma investigação realizada por Raul Miguel Rosado Fernandes com introdução, tradução e comentários do investigador (André Resende, Raul Miguel Rosado Fernandes, 1996), (André Resende, Raul Miguel Rosado Fernandes, 2009).

415 Mário Krüger (2015, p. 443).

416 Diogo Mendes de Vasconcellos (1785a, p. 57).

417 Manoel Severim de Faria (1785, p. 178).

418 Amador Patricio (1739). A obra original terá sido terminada em 1614, mas foi publicada apenas em 1739 'à custa de Francisco Mendez'. Existem dois manuscritos, um do século XVII e outro do século XVIII, na colecção da Biblioteca Nacional de Portugal. Trata-se de uma obra de ficção, composta por dez volumes, que descreve de forma muito criativa a história da cidade desde a sua fundação até ao reinado de D. Filipe II.

419 Amador Patricio (1739, p. 33).

da agoa da prata, e pórtico dos açougues, antiguidade que oje em dia dura, pelas razões por ser de nobilíssimos edifícios."[420]

Gaspar Estaço [1563?-1626] por entre as antiguidades nacionais descreve também as eborenses:

"Defta fua antiguidade daõ teftimunho hum formofo portico de columnas Corinthias, que nella há. O Palacio de Sertorio Capitaõ Romano, que nella teve seu affento, o qual hoje efta feito Mofteiro de Freiras do Salvador. Alguns veftigios do Aqueducto antigo, obra do meſmo Sertorio, e renovado por ElRey Dom João III, á inftancia de André de Refende. Alguns pedaços de muro velho, também feito por Sertorio (…) Tambem ha em Evora muitas pedras antigas com letreiros de Romanos."[421]

Nestas descrições, por entre pórticos e fábricas coríntias, há uma que se destaca, a de Amador Patrício que, na sua história das antiguidades, utiliza o termo 'Templo'. Se considerarmos que esta obra terá sido escrita pouco antes da morte do autor, por volta de 1614, são quase uma centena de anos antes de Manuel Fialho o ter designado desta forma. Este dado é de extrema importância, pois revela um conhecimento, reservado aos eclesiásticos, sobre o edifício e a sua história que até à data não parecia ter sido considerado.

Deste modo, passado um século, o jesuíta Manuel Fialho [1616-1718], na sua extensa *Évora Ilustrada*, adensa a lenda de Sertório que "depois de reconhecer o país, entradas e saídas, povos e cidades da Lusitânia" foi-se recolher em Évora, onde foi venerado por muitos como "Hispano lhe ofereceu uma corça pequena. Fingiu lha mandara Diana, para por ela o avisar dos modos, que teria em se defender. Por ser especial devoto desta Deusa lhe edificou em Évora um templo, que ainda hoje está de pé. Andando anos foi Mesquita dos Mouros, e agora serve de açougue da cidade"[422]: o *afamado* Templo de Diana.

No manuscrito de Manuel Fialho, *Évora Ilustrada, com noticias antigas e modernas sagradas e profanas*, entre finais do século XVII e inícios do século XVIII, o templo e seus vestígios são descritos de forma singular:

420 Duarte Nunes de Leão (1600, p. 47v).

421 Gaspar Estaço (1754, p. 192) Esta obra de Gaspar Estaço [1563?-1626], tal como já foi referido, foi publicada *post mortem*, talvez tenha sido terminada em 1625.

422 António Franco (1945, p. 25). Os manuscritos originais do P. Manuel Fialho, de inícios do século XVIII, nunca foram editados. No entanto, existe um resumo mais comedido, realizado pelo P. António Franco [1662-1732], editado por Armando de Gusmão, já em 1945. A obra original de Manuel Fialho, "*Évora Illustrada, com noticias antigas e modernas sagradas e profanas"*, terá sido iniciada a 1690, e relata, entre outros assuntos, a história "épica" de Évora desde os seus primórdios até 1703. Não se sabe quando terá sido terminada, mas será nos inícios do século XVIII, atribui-se a data de 1718, apenas como indicação por ser a data de falecimento do autor. Os manuscritos, guardados na Biblioteca Pública de Évora, estão organizados em quatro volumosos tomos:
I Tomo: descrição geral da geografia, população e agricultura do Alentejo e, em particular, da cidade de Évora e descrição da história da cidade desde a sua fundação à morte de D. Afonso V, em 1481;
II Tomo: descrição da cidade desde o reinado de D. João II até ao reinado de D. Pedro II, 1703;
III Tomo: descrição do Colégio da Companhia de Jesus;
IV Tomo: descrição dos Conventos e obras de carácter social.

"Cá disse-mos que neste quasi mais alto da Cidade, entre o que agora é Convento de São João Evangelista, e outro edifício seu vizinho da parte do sul se vêm ainda humas argamassas, que dizem são ainda vestígios de um tanque, em que saía junta toda a água, que trazia o aqueduto; e que esse outro edifício fora obra do mesmo Sertório, e templo da sua Diana, que depois serviu a Mafoma(?) e agora serve de açougue. Agora devemos dizer já que o não dissemos lá; que era(?) esta obra dignissima do Seu Autor, era templo, ou altar grandioso a maravilha porque por todas as 4 partes, excepto a da entrada era toda vazada, sustentando-se o tecto sobre formosas colunas, que ainda estão em pé; era sem dúvida vazada, ou para ficar mais lavada dos ventos, ou para que o povo que de fora assistia aos sacrifícios, pudesse ver, e observar as cerimónias, por não caber todo dentro. As colunas são da pedra da terra, admira porém mais que tudo a fábrica, e miudeza, que ainda conservam depois de 1780 anos, aos capiteis destas colunas são de mármores, e provam a sumptuosidade do edifico, e a magnificência do autor, e a destreza da arte daqueles tempos, a que chamamos bárbaros."[423]

Analisando ao detalhe este parágrafo, reconhece-se alguns dados de extrema importância: trata-se da primeira descrição evocativa do templo, este é narrado segundo uma tentativa de reconstituição; esta obra, segundo descreve, era vazada por todas as partes, excepto a da entrada, um templo períptero com colunas a toda a volta, onde a cobertura assentaria sobre as colunas. Manuel Fialho faz também considerações sobre os aspectos construtivos, desde a escolha dos materiais ao virtuosismo na execução dos capitéis. Continuando agora para o parágrafo seguinte, deparamos com uma curiosa e surpreendente descrição dos vestígios do referido tanque:

"Voltemos ao tanque em que saia junta antigamente toda a água. Estava ele dentro de um pátio fechado ao povo, e com altos muros a roda, mas patente ao ar. Aí mesmo, e perto saiam em outro tanquinho algumas bicas para o serviço e uso do povo. A outra parte, e aí bem perto saiam outras bicas em uma soberba fonte de fino mármore outavado; o material desta fonte se achou ainda nesse lugar, quando se fundou o Convento de São João. Não houve curiosidade, que o resguardasse, ainda que merecia por sua antiguidade e perfeição, se é que se achou inteiro este mármore."[424]

Que tanque seria este? Uma cisterna a céu aberto com uma 'soberba' fonte em mármore, mas destruída aquando da construção do Convento de São João (Convento dos Lóios). Infelizmente, para além dos tanques em redor do templo, não existem mais dados, não há quaisquer indícios dessa fonte octogonal, cuja canalização corria nos chãos dos palácios dos condes de Viminoso, dos Lôbos, a S. Pedro, Porta Nova, quintal do solar dos morgados do Esporão"[425], assim referida por Túlio Espanca seguindo o traço da teoria de André de Resende sobre o aqueduto.

[423] Manuel Fialho (1718?, p. 154f-154v, parágrafo n.º 404).

[424] Manuel Fialho (1718?, p. 154v, parágrafo n.º 405). Nesse mesmo parágrafo Manuel Fialho refere os "banhos" nos jardins do antigo Palácio dos Condes de Vila Nova (Paços do Concelho): "Também se diz que não há muitos anos se acharam vestígios conhecidos de uns(?) banhos nos jardins que hoje são dos Condes de Vila Nova, nos seus palácios que antigamente juntos com o que é convento do Salvador; eram(?)… a casa(?) de morada e já palácio do mesmo Sertório". Esta descrição continua e oferece alguns indícios importantes sobre a configuração deste edifício termal de época romana.

[425] Túlio Espanca (1944a, p. 10).

Sobre a consagração do Templo a Diana o equívoco permanece até hoje. No entanto sabe-se essa designação seria mais antiga do que habitualmente se supõe, dado que Martim Cardoso de Azevedo refere o termo 'templo' e cria uma Diana, ainda que numa versão mais mundana, dos inícios do século XVII. Manuel Fialho, que terá consultado este e outros manuscritos, dá seguimento à lenda tornando-a mais devota. O fascínio pela Deusa Diana terá, como é comummente divulgado, a sua origem no templo de Artemisa em Éfeso. No caso do templo de Mérida a atribuição a Diana deve-se ao historiador Bernabé Moreno de Vargas [1576-1648]:

> *"(…) fundaron los romanos un insigne templo a la diosa Diana. Porque a imitación de aquel famoso de Epheso (…) contado por una de las siete maravillas del mundo, le edificaron otros muchos en Roma, y en las colonias del imperio, y éste de Mérida (…)"*[426]

Esta prática de atribuição dos edifícios religiosos romanos à Deusa Diana traduz um desejo patriótico de igualar as proezas nacionais aos célebres edifícios da antiguidade.[427]

Nesta narrativa verifica-se assim que a designação de templo de Diana atribuída a Manuel Fialho é francamente mais antiga, de inícios do século XVII, ao contrário do que é correntemente divulgado[428].

Alguns anos mais tarde, o padre Francisco da Fonseca [1668-1738] publica a sua *Évora Gloriosa*[429], uma interpretação da *Évora Illustrada*. Descreve os "três padrões da fama" de Sertório, o primeiro eram os Muros[430] "fortíssimos" e suas portas[431], o segundo o "soberbo" Aqueduto[432] e o terceiro o

426 B. Moreno de Vargas (1633). "Historia de la ciudad de Mérida". In José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 37).

427 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 37).

428 "Onde primeiro se menciona o templo de Diana edificado por Sertorio, é na Evora Illustrada do padre Manuel Fialho. Por onde se vê que somente nos fins do século XVII se veio a saber que as ruinas incorporadas na velha casa, que servia de açougue, eram de um templo romano." (Augusto Filippe Simões, 1873, p. 169).

429 O título da obra expressa bem essa interpretação: "Évora gloriosa; epilogo dos quatro tomos da «Évora ilustrada» que compôs o R. P. Manuel Fialho, da Companhia de Jesus, acrescentada e amplificada, etc.". (Francisco da Fonseca, 1728)

430 [Sertorio] "(…) erigio em Evora tres imortaes padroes da fua fama. O primeyro foraõ os muros, com que cercou a cidade, que eraõ fortiffimos, por terem vinte finco palmos de groffo, e ferem reveftidos de pedras de cantaria de defmedida grandeza, a que as torres, e ameas ferviaõ de mageftofo ornato. Principiavaõ naquela, então altiffima, e formofa torre; hoje informe montanha de argamaças, eminente à igreja do noffo colegio; e girando pellos palacios de Bafto, e Ferreyra ate o Arco de D. Ifabel, Salvador, e S. Paulo, voltavaõ pelas Arcacolas, Mizericordia, e Freyria a rematar na mefma torre. Junto da qual eftava o caftello da cidade, que era fortiffimo, e fe abrazou, e arrazou no tempo de D. João I fem ficar mais memoria, que os alicerffes a cifterna, e a torre moderna, que chamaõ de Giraldo." (Francisco da Fonseca, 1728, p. 23).

431 "Sinco tinha a antiga do tempo de Sertorio; que he como hum diamante, a que a nova ferve de engafte; de duas dura o nome fem portas; de huã fe conferva a porta fem nome: faõ aquellas a Nova, e a de Moura: he efta o Arco de D. Ifabel, por onde entrou victoriofo Giraldo." (Francisco da Fonseca, 1728, p. 2-3).

432 "O fegundo foy o aqueduto em nada inferior aos de Roma, em que ajuntando a agoa de diverfas fontes a trouxe por dezaffette mil paffos ate o átrio do templo de Diana, que ficava mais alto da cidade. Confumio a voracidade do tempo efte foberbo edifício, mas reffucitou-o à inftancia do noffo Andre de Rezende el Rey D. João III. o Pay da Patria, mas com fabrica, ainda que magnifica, muyto inferior à paffada; porque os arcos de Sertorio excediaõ muyto o outeyrinho da Torr´alva, e por iffo conduziaõ taõ altos os níveis, da agoa que a introduziaõ no templo de Diana." (Francisco da Fonseca, 1728, p. 23-24).

"magnifico" Palácio, alegado edifício construído sobre as termas romanas[433], já referido anteriormente por Gaspar Estaço.

A verdade é que todas estas descrições narradas pelos eclesiásticos, apesar de importantes para a compreensão do monumento, pouco acrescentam sobre o desenho e interpretação da ruína; assim, seguindo agora o traço por outros documentos escritos tentar-se-á, pelos arquivos da cidade[434], encontrar alguma descrição mais detalhada relativa aos açougues da cidade. E estas existem, como é exemplo o tombo das demarcações de 1536, que revela ser, de facto, uma referência fundamental:

> *"Tem a dita cidade o edifício da Torre e casas dos açougues dela o qual está diante da porta principal da Igreja de São João do mosteiro de Santo aLoy da dita cidade e medindo do oriente onde pa(r)te com rua que vai perante eles e as casas do dito mosteiro até as casas de Nuno da Cunha com as quais partem da banda do poente tem doze varas em largo. E do norte onde partem com terreiro do marquês de Ferreira conde de Tentúgal medindo para o sul onde partem com o terreiro que está entre os ditos açougues e as casas do bispo da dita cidade de ao(?) qual terreiros os ditos açougues tem a servyntia tem vinte varas em comprido. Em as casas do qual edifício estão os talhos dos carniceiros da dita cidade"*[435]

A partir deste documento percebe-se que as medidas do açougue seriam 12x20 varas, e nele estariam as bancas dos talhos dos carniceiros da cidade. Estes dados, como se verá, são importantes para o desenho de reconstituição do açougue.

Sabe-se também, por licença municipal, que, em 1568, a zona dos carceres do Tribunal da Inquisição é ampliada. O pedido, realizado pelo Cardeal D. Henrique à Câmara Municipal, solicita também a cedência de uso da travessa que separava o tribunal do açougue para a construção de novas dependências. Numa carta régia[436] de 1555, dirigida à Câmara Municipal, o Rei "encomenda e manda" a ampliação da ala dos carceres, não valorizando ditos açougues[437]; para além disso sugere uma nova localização para este equipamento e solicita um desenho para a sua nova localização[438].

433 "O terceyro foy o feo palácio. que era magnifico, e ornado de cuftozas colunas, e preciosas eftatuas; fica na praça do Peyxe, e por muyto tempo o habitataõ os Reys Godos, os Mouros, e Giraldo; defte paffou a feos herdeyros os Peftanas, depois Condes da Sortelha, e em 1605. à Convento de Freyras Francifcanas; que parece bençaõ da Riligião Serafica ocupar com os feos mofteyros os palacios mais foberanos; E ainda que todas eftas fabricas com perenes títulos de mármores, e bronzes publicavaõ a grandeza de Sertorio, e o valor, e méritos dos Eborenfes, (…)" (Francisco da Fonseca, 1728, p. 24).

434 Foram assim consultados os manuscritos depositados no Arquivo Distrital (onde estão guardados os documentos até ao século XIX) e no Arquivo Municipal (CME); foram também consultadas as fontes iconográficas disponíveis no Arquivo Fotográfico (CME).

435 (*Açougues*, 1536, p. 39).

436 "O cardeal Infante Dom amrrique meu muito amado e presado irmaõ me disse que por as casas do carcere da Santa Inquisição serem pequenas auia necessidade de se largarem o que naõ podia ser senaõ pera a parte dos açougues tomando pera isso o ar e alto deles com ficarem os açougues per baixo em seu lugar como ora estaõ. E por que esta obra he taõ necessária e de serviço de nosso snnõr por comprir ao Santo Officio da Inquisição, ei por bem que o alto e ar dos ditos açougues se de pera ally larguarem as ditas casas do carcere, e vos encomendo e mando que deixeis fazer a dita obra por ordenança do cardeal meu irmaõ a quem elle disso encarregar. E porque me parece que seria bem tirar-se e mudarem-se os ditos açougues donde ora estão pera outra parte por naõ ser lugar conveniente pera eles (…) e fareis fazer hum debuxo do sitio que vos pera isso melhor parecer. Lisboa, 26 de Maio de 1555", (*Ofício ao Juíz vereador da cidade de Évora*, 1555, p. 213f).

437 Em relação ao aqueduto a postura régia era distinta pois estava em causa um valor uso e a prestação de um serviço à população.

438 Apesar da referência, não existe qualquer notícia de existência deste desenho no Arquivo Distrital de Évora.

Ensaio . Templo século XVI

[DESENHO I.31] Planta hipotética de reconstituição dos açougues no século XVI.

[DESENHO I.32] Alçado norte hipotético de reconstituição dos açougues no século XVI.

Para este desenho toma-se como referência o alçado do século XV e sobre este desenha-se o campanário. Este elemento resistiu até ao século XIX; assim podemos recuperá-lo dos alçados do século XIX e integrá-lo no alçado do século XVI, acrescentando uma possível configuração do sino, elemento que já não existia no século XIX, tal como se vê no foral manuelino.

Para além do alçado norte, ensaiou-se também uma possível planta do açougue. Esta bastante suportada na descrição do tombo municipal das demarcações de 1536. Para este desenho utiliza-se como referência a planta de levantamento do templo já desenhada no capítulo anterior. Os intercolúnios são preenchidos e o corpo sul é desenhado segundo as medidas referidas no tombo, e verifica-se que estas medidas correspondem exactamente aos limites do açougue, 20 varas de comprimento por 12 varas de largura. No interior é representado um pilar que ajudaria a suportar as cargas da parede sul do corpo mais alto, contornado pelas colunas na fachada. Na planta são, de forma hipotética, apontados quatro acessos, um do lado norte [IMAGEM 96], dois do lado Sul, tal como documentados nas fotografias do século XIX, e um possível acesso, talvez de origem medieval, do lado nascente [IMAGEM 97]. Como já se verificou, existem vestígios claros deste acesso, no entanto, não se sabe quando este foi realizado nem quando deixou de existir. Este vão poderia também ser apenas uma abertura realizada a uma cota mais alta.

No início do século XVII foi entregue outro requerimento[439] por parte da Inquisição à Câmara Municipal, onde era solicitado a ampliação do patamar da escada da sala da entrada do Tribunal para a parte do açougue, para assim aproveitar o espaço do vão para o uso que entendesse. O despacho da câmara com a respectiva autorização foi dado a 22 de Maio de 1622.

Embora não seja possível reconhecer exactamente de que escada se tratava, é provável que estivesse situada no lado sudoeste do templo, tal como se vê nas plantas de Mateus do Couto, de 1634, aquando do projecto de reabilitação e ampliação do Tribunal da Inquisição. Estas peças desenhadas, compostas por três folios, contemplam: o piso térreo da Inquisição [IMAGEM 98], (Tribunal e Paço do Santo Ofício) e respectiva envolvente (Casa do Arcebispo, Casas particulares, Convento de S. João, Casas do Marquês e Açougues), a planta do primeiro andar e alusiva legenda dos espaços. O arquitecto-mor das Inquisições do Reino desenha estas plantas com bastante rigor: é possível reconhecer uma trama mais escura das paredes do tribunal, relativas à construção mais antiga, toda a zona dos carceres aparece com uma trama mais clara, de cor indefinida, a indicar certamente o projecto de ampliação[440]. Na planta do 2.º piso, no lado noroeste, o edifício invade o pódio do Templo para implantar os aposentos do alcaide. Infelizmente esta planta em nada acrescenta ao interior do templo, aparecendo como uma mancha rectangular legendada com o número 8, na Planta 1, como Açougues (Templo Romano) e com o número 61 (Planta 2) como "Torre dos Açougues".

439 "Dis o Santo Officio da Inquisição desta cidade de Evora que pela estreitesa do tavoleiro da escada da entrada da salla da dita Inquisição não fica lugar aos sollicitadores e officiaes e as partes (...); o que se poderá remediar com se alargar o tavoleiro da dita escada da parte do açougue até o fim do pilar e da outra parte quanto dis á(?) largura do pegão que está ao pé da escada da dita Inquisição sem prejuiso algum da cidade, antes da parte do açougue lhe poderá ver de proveito por debaixo do vão do dito espaço poder estar o repesador da carne ou servir de outra cousa (…)" (*Requerimento*, 21 de Maio de 1622), transcrição de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1870b, p. 181f).

440 No livro das Plantas da Inquisição do Reino, no folio 15, correspondente à 'Declaração das Traças da Inquisição da Cidade de Évora, aparece, abaixo da legenda, escrita uma nota do arquitecto, que se transcreve: "Tudo o que nesta traça se ve de encarnado se fez de novo." (Mateus do Couto, 1634, p. fl. 15). O encarnado, dos desenhos, deixou de ser perceptível com o tempo, mas assume-se que este corresponderia a uma cor mais clara.

Ensaio . Palácio da Inquisição

[DESENHO I.49] Planta de levantamento dos vestígios arqueológicos de época moderna sobre planta da Inquisição nova, desenhada pelo Arquitecto Mateus de Couto em 1636.
[DESENHO I.50] Hipótese de reconstituição da zona dos cárceres no século XVII.

A partir da planta de Mateus do Couto é realizado um breve ensaio de interpretação da planta do Palácio da Inquisição. Esta fonte icnográfica é manipulada digitalmente de forma a aparecer como uma marca de água sob a planta actual do edifício. A este desenho são acrescentados os vestígios arqueológicos resultantes das campanhas de escavação no Palácio da Inquisição, zona envolvente e no largo do Conde de Vila Flor[441], a oeste do templo. Com a sobreposição destes dados, no mesmo suporte, procuram-se encontrar concordâncias entre o levantamento actual e o de época moderna e perceber, nos vestígios, que estruturas se podem atribuir à ampliação do Palácio da Inquisição e que foram, entretanto, demolidas. Evidentemente que não se consegue coincidir na totalidade a planta do século XVII com o levantamento actual, mas, ainda assim, o rigor da planta do século XVII é bastante evidente.
Deste modo, consegue realizar-se uma interpretação da planta do Palácio da Inquisição, sobretudo da zona dos cárceres e da cozinha, reunindo todos estes dados. Esta planta é importante pois é possível destacar os muros de época moderna que foram encontrados nas escavações em redor do templo e situá-los na reconstituição do edifício; são disso exemplo muros da cozinha, a noroeste do templo, e o poço, encontrado na sondagem [corte 33 (1993)][442] localizado no pátio dos cárceres.
Esta análise é apenas um breve exercício de reconstituição, para complementar o estudo arqueológico em redor do templo, este não é o âmbito desta investigação, assim carece de um estudo arquitectónico e arqueológico mais aprofundado sobre o Palácio da Inquisição.

441 Ver 'Inventário dos Relatórios de escavação', Apêndice II.
442 Theodor Hauschild (1994b, p. 5).

Voltando ao tombo das demarcações, agora de 1651, os "açougues das carnes da cidade"[443] são novamente medidos e a sua descrição poderá dar-nos mais algumas pistas sobre a sua configuração. Segundo a descrição, o edifício do açougue teria: 18 varas e meia de comprimento e 9 varas e meia de largura (medidos pelo interior), uma calçada de tijolo, de acesso à porta norte, com 13 varas e meia de comprimento e 2 varas de largura, uma escada de acesso, perpendicular à calçada, com cinco varas e quatro palmos de comprimento e uma vara e meia de largura.

Neste documento, para além da medição do edifício, é questionada a autoria da obra "que parece ser obra muy antiga feita pellos mouros, ou pellos Romanos". Importa destacar igualmente o reconhecimento do valor antiguidade desta "obra grande e sumptuosa". O monumento começa assim a ser "construído" numa acepção que transmite o valor da memória e antiguidade.

O texto prossegue com a descrição detalhada de todo o edifício:

- alçados: com 11 colunas (as 3 do lado norte estavam escondidas pelo corpo da Inquisição), os capitéis decorados, as sete janelas (duas abertas e cinco fechadas), alguns vãos abertos nos intercolúnios;

- cobertura: em telha vã com traves "grossas e suas mãos";

- interior: onde estavam distribuídos dez talhos, um corpo para os oficiais do real d'agua, um vão onde antigamente estava a balança e outro vão (a poente) com os piais onde estavam as balanças do peso do Real d'agua. Igualmente no interior dois arcos (um de tijolo e outro de pedra com uma roldana de ferro) que descarregavam num pilar de pedraria, junto a este uma escada com seis degraus.

Este registo acrescenta bastante informação sobre a configuração e os usos do edifício, no entanto, esta interpretação não é compreensível sem recurso ao desenho, por isso, procedeu-se exactamente a esse registo, numa tentativa de traduzir esta exaustiva descrição numa planta do açougue no século XVII.

443 "… está esta caza no oiteiro da Sé com huma porta grande para o norte e outra para o Sul e parte da banda do norte com o terreiro das cazas do Marques de Ferreira, e do Sul com o terreiro da Sé, e do Nascente com o terreiro do convento de São João, e do poente com a Inquisição, e he este edifício huma obra grande e sumptuosa, que parece ser obra muy antiga feita pelos mouros, ou pelos Romanos, e estão nella onze columnas de pedrarias acanaueadas com suas folhagens nos capiteis, e dous arquos pello meyo hum de pedra e outro de tejolo com seu pilar de pedraria, e ao pe deste pillar tem huma escada de seis degraos, onde se afsentão os Almotacés, e he de telha vaã com suas traves grofsas e suas mãos, e tem sete janellas de pedraria, duas abertas e sinco fechadas, e alguñs buracos abertos entre as columnas para darem claridade, e tem des talhos e humas paredes leuantadas a modo de huma caza pequena em que estauão os Officiais do real dagoa, e outro vão onde antigamente estaua a balansa e da banda do poente hum vão com seus piais em que estauão as balansas do pezo do Real dagoa e no arquo de pedraria no alto delle uma grande roldana de ferro e fora da porta do norte tem huma calsada de tejolo que acaba no canto da Inquicissão, e junto à mesma porta da banda do nascente está huma escada de doze degraos de pedraria, e medindo esta caza dos afsougues tem de comprido de porta a porta dezoito varas e meya, e de largura noue varas e meya e bem medidas, e tem a calsada de tejolo á porta do norte entrando no portal treze varas e meya, e de largura duas varas athe as paredes que sustentão esta calsada, e medindo a escada de pedraria athe o canto do mesmo afsougue da banda do Nascente entrando hum bocado de calsada de tejolo tem de comprimento sinco varas e quatro palmos e de largura vara e meya, e esta porta do Norte he pequena de arguo de pedraria com suas portas de madeira e a porta do Sul he huma porta grande tambem de arguo de pedraria com suas portas velhas de madeira com seu ferrolho grande e fechadura." (*Medição e demarcação dos Asougues das carnes da cidade*, 1651, p. 38f), transcrição de Celestino David (1947, p. 274-275).

Ensaio . Templo século XVII

[DESENHO I.33] Planta hipotética de reconstituição dos açougues no século XVII.

[DESENHO I.34] Alçado norte hipotético de reconstituição dos açougues, no século XVII.

Os desenhos de reconstituição do templo no século XVII já reflectem a diversidade e detalhe das fontes. A planta do templo já não aparece como um corpo isolado, os dados da Inquisição permitem integrá-la na envolvente, projectando as paredes do Tribunal que se debruçam sobre o açougue. O ensaio realizado com a planta do Palácio da Inquisição [DESENHO I.50] permite agora integrar o edifício de uma forma mais rigorosa e suportada pelos vestígios arqueológicos e pelas fontes iconográficas e literárias.

O tombo municipal das demarcações, de 1651, é uma fonte fundamental para o desenho da planta. As medidas indicadas na descrição do tombo correspondem exactamente ao desenho: 18,5 varas de comprimento, pelo interior (de porta a porta). Apontam-se, no interior, ainda que ao de leve, as 10 bancadas para venda de produtos, distribuídas pelas paredes laterais (5+5). Representa-se o acesso a norte e a sul.

Tal como descrito, o acesso norte era composto por uma escadaria de pedra adossada ao pódio e uma extensa rampa que acompanhava o limite do edifício da Inquisição a nascente. O desenho da escada apontado, de acesso ao portal norte, também cumpre a descrição, com 12 degraus de pedraria, medindo 1,5 varas de largura por 5 varas e 4 palmos de comprimento. O patamar de chegada da escadaria e da rampa de calçada media 1,5 varas de comprimento por 2 varas de largura. A rampa em calçada de tijolo teria, segundo o tombo, 13,5 varas de comprimento, no entanto, esta não é possível de representar na totalidade do desenho.

Para o alçado norte utiliza-se a base do desenho do século anterior. Neste alçado é bem notória a invasão do edifício da Inquisição sobre o templo e percebe-se melhor todo o desgaste sobretudo no capitel e fuste por onde passaria o corpo dos cárceres. Desenham-se apenas três vãos abertos entre os capitéis.

Com este desenho é facilmente reconhecível hoje, no pódio a norte, as marcas dos restauros posteriores de forma a preencher lacunas provocadas talvez pela construção e demolição da escada.

A salvaguarda do Monumento (do século XVIII ao século XIX)

O registo do Monumento (século XVIII)

Continuando esta busca pela imagem do templo ao longo da época moderna verifica-se que, a partir do século XVIII, as vistas do templo começam a proliferar. Estes desenhos servem de instrumento de registo e, por vezes, de interpretação dos monumentos na antiguidade.

O desenho torna-se assim um aliado do "trabalho epistémico do esclarecido século XVIII e do seu projecto de democratização do saber"[444]. E o Museu torna-se o lugar que permite esse projecto. O lugar onde se conserva e se divulga o objecto de arte antigo (esculturas e lápides) e o conhecimento da antiguidade. É realizado, por parte dos antiquários e humanistas, um imenso trabalho de inventariação, de conceptualização, de análise e registo iconográfico destes objectos e, também, do fragmento arquitectónico. Este esforço de recolher e conservar através da imagem e do texto é de grande importância, no entanto, teve, por vezes, um efeito perverso de descontextualização dos vestígios. O modelo museológico terá um longo caminho a percorrer por entre a "fragmentação predadora dos grandes monumentos"[445]. Mas, apesar disso, haverá momentos fundamentais para que esta avidez seja travada. Tal como se reconhece no primeiro instrumento legal com intuito de salvaguardar *in situ* os monumentos antigos.

À Academia Real da História, criada por D. João V, em 1720, é incumbida a tarefa de "*providenciar sobre a conservação dos monumentos*"; é na sequência desta incumbência que se decretará o Alvará Régio de 1721[446], a primeira legislação com o intuito de protecção do património. Neste alvará, D. João V decreta que a Academia Real de História inventarie e conserve "os monumentos antigos que havia e se podia descobrir no reino dos tempos em (que) nelle dominaram os Phenices, Gregos, Persas, Romanos, Godos e Arábios..." e "ordena que nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, desfaça ou destrua em todo nem em parte qualquer edifício que mostre ser daqueles tempos...". As *Camaras das Cidades e Villas deste Reino* ficam encarregues de comunicar à *Academia Real da Historia Portugueza Ecclesiastica e Secular* as antiguidades descobertas dentro do seu distrito e o Director e Censores da Academia avaliariam então a "providencia, que lhes parecer necessária, para que melhor se conserve o dito monumento assi descoberto".[447]

Este percursor Alvará é fundamental para a compreensão do valor dado ao vestígio da "venerável antiguidade" e à história de povos passados; não à história enquanto país, mas de outra mais antiga. El Rei D. João V determina que as *memórias* que devem ser preservadas e descobertas, onde se incluem edifícios, mas também as estátuas, mármores, cipos, epígrafes, medalhas, moedas e outros artefactos; justificando "em que póde ser muito interessada a gloria da Nação Portugueza, não só nas matérias concernentes á Historia Secular, mas ainda á Sagrada, que são o instituto, a que se dirige a dita

444 Françoise Choay (2013, p. 66).
445 Françoise Choay (2013, p. 87).
446 João V ([1721] 1819).
447 João V ([1721] 1819, p. 417).

Academia". Pois estas *memórias* são o meio de conhecimento sobre a antiga Lusitânia que importa, à luz da época, glorificar e dignificar.

Mas mais importante ainda é a valorização da *Ruína* enquanto edifício a preservar. A destruição do edifício "ainda que em parte seja arruinado" é punida por lei. Esta ordenação não impediu que muitas ruínas continuassem a servir de "pedreiras" durante os anos vindouros, no entanto, representa uma esforçada tentativa de mostrar o interesse pela preservação destes vestígios, dos já conhecidos e dos ainda por descobrir.

Este Alvará define a consagração do Monumento, pelo seu valor arquitectónico e sobretudo arqueológico. Há finalmente uma jurisdição de protecção do objecto patrimonial, que deve ser conservado e preservado como está. Os monumentos antigos são vestígios da História, que permitem enriquecer e compreender o passado da nação.

Em 1758, no segundo inquérito realizado aos párocos, mais tarde conhecido por *Memórias Paroquiais*[448], os monumentos antigos de Évora começam a ser descritos de forma mais rigorosa, sem enaltecimento da nação. O templo[449], na pergunta 22 do Interrogatório, é considerado como uma antiguidade. As muralhas[450] continuavam a ser atribuídas a Sertório, mas o mais importante é que lhes era atribuído um valor.

O célebre e controverso "Pórtico" é também mencionado nessas *Memórias*, mas não existe nenhuma descrição da época sobre o mesmo[451]; André de Resende também não o menciona, o que faz questionar sobre a sua existência. Todo este polémico assunto mereceu a atenção do autor Francisco Bilou que, no seu livro sobre a refundação do aqueduto da água da prata, esclarece de forma bastante suportada e documentada que esta construção seria apenas "uma estrutura mural com colunata adossada e arquitravada, talvez com remate em frontão"[452], esta construída de raiz para rematar o aqueduto da Água da Prata. Corroborando a teoria de Francisco Bilou, esta estrutura seria então uma construção recente composta por uma *collage* de elementos incluindo de época romana, associada à qual haveria igualmente um arco e um chafariz.

448 A Academia Real da História, em 1721, concebeu um questionário dirigido às autoridades eclesiásticas, aos provedores das comarcas e às câmaras, com o intuito de recolher informações históricas sobre os vários lugares para posteriormente escrever a "História eclesiástica e secular de Portugal e suas conquistas". Com o terramoto de 1775 perderam-se os originais, escapando apenas os relativos a Coimbra conservados no Arquivo da Sé de Coimbra e, em 1917, transitaram para o Arquivo da Universidade. Em 1758 repetiu-se o inquérito estando este conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Jorge de Alarcão, 2013, p. 21).

449 "Merece taobem fazerce memoria neste lugar da grande antigualha do portico do templo de Diana, que depois de dezoito secullos se concerva inteiro no mais eminente da cidade sustentado em quatorze colunas de notavel grandeza com capiteis de folhages de admiravel feitio e primor." In Francisco Garcia da Roza (1758, p. 821), disponível em: http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/evora-se [Consult. Setembro 2020].

450 "Taobem nesta cidade se concervaõ ainda algumas reliquias dos muros de Sertorio, que eraõ fortissimos de pedra de cantaria com 25 palmos de grosso; disfizeraõse no tempo d' El Rey D. Fernando por persuasoins de Lopo e Vasco Roiz os quais fundados em interesses particulares sendo cidadoins desta Cidade foraõ taõ pouco apreciadores da antiguidade que fizeraõ acabar e pôr por terra huma das milhores obras e mais enteyras dos Romanos que havia em toda a Europa." In Francisco Garcia da Roza (1758, p. 822), disponível em: http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/evora-se [Consult. Setembro 2020].

451 António Francisco Barata (1903, p. 70).

452 Francisco Bilou (2010, p. 96).

Todo o complexo será demolido por ordem do rei D. Sebastião para aquiescer ao pedido do tio Cardeal D. Henrique, que solicitava a sua demolição para desafrontamento da nova igreja de Santo Antão, nas suas palavras:

> *"(…) dar ordem ao assento da fonte que tem mandado fazer, no lugar da praça onde convosco e com o provedor do cano praticará, conforme a tenção de sua altesa, também pera mandar desfazer o arco que atravessa a Rua ancha, e o chafariz e pórtico onde agora corre agoa da prata atte ó fundamento pera ficar terreiro diante da porta principal da igreja de sancto Antão, e porque há de mandar levar pera o collegio da companhia as columnas grandes e as maes que servirem do ditto pórtico."*[453]

Esta estrutura era vista como um obstáculo a eliminar para o desafogo do novo templo. Assim foram demolidos o pórtico, o arco e o chafariz, e serão substituídos pela fonte que ainda hoje se encontra na praça do Giraldo.

Sobre a estrutura demolida, esta terá sido uma fonte concebida à imagem de uma fachada de um edifício clássico, uma composição cénica que poderia incorporar um chafariz e várias colunas. Relativamente às colunas atribuem-se, ao longo dos séculos, dispersas localizações das mesmas, mas pouco fundamentadas[454] e bastante fantasiosas, como a de Bento José de Sousa Farinha, que chega a comentar que tem em sua casa colunas deste pórtico e que o confunde com o próprio templo[455]. Do mesmo modo imaginativas são as descrições apresentadas nas *Memórias Paroquiais*[456] e também por

453 Cardeal D. Henrique (1570, p. 258); esta carta está publicada em António Francisco Barata (1909, p. 14).

454 "o mesmo Serenissimo Senhor Cardeal Rey fundador delle, mandou demollir tão honrada antigalha, de que so se approveytarão as grandes colunas, que hoje estão no grande refeytorio dos Padres da Companhia desta Cidade, as da Jgreja do Convento de Valverde" In Cardozo Domingos (1758, p. 831), disponível em: http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/evora-santo-antao [Consult. Setembro 2020].

455 "Era efte Portico, huma das mais famozas peças dos Romanos que fe confervava, nam digo eu fomente nas Hefpanhas, mas no Mundo: era compofto de três arcos triunfaes ornados de diverfas ordens de columnas, alquitraves, frizos, nichos, e eftatuas de preciofo marmore, ocupava toda a largueza da Praça; paffavam de trezentas as columnas que delle fe arrancaram e dellas fe confervam ainda muitas nos Paços da Inquiziçam, nos Conventos de S. Francifco, e Efpirito Santo, e nas cazas particulares dos Cidadãos; das quaes eu confervo huma, no Pateo das que tenho na Carreira do Menino Jefus; e pareceme que o Atrio da Igreja da Cartucha de Evora fe compoz de muitas peffas do dito Portico." Este hiperbólico comentário de Bento José de Sousa Farinha aparece, em nota de rodapé, na transcrição do texto de Gaspar Estaço [1563?-1626], sobre as Antiguidades de Portugal, escrito em data desconhecida, mas publicado pela primeira vez em 1625 (Gaspar Estaço, 1785, p. 124). Augusto Filippe Simões, no seu artigo da revista *Artes e Letras*, esclarece a confusão de B. J. de S. Farinha entre o *Pórtico* (Templo) e o *Arco*: "suppoz que este portico seria o mesmo que o arco triumphal da praça. Não attendeu a que este nome de *pórtico* procedera de engano de Rezende nas palavras seguintes: «… e assi fez trazer (Sertório) ha agua da Pratta a ho pórtico en ho mais alto da cidade, donde se repartia per has regiões della». Na maior altura da cidade não ha outro monumento senão o templo e tanques adjacentes a que Rezende poderia referir-se. E quanto o mesmo Farinha refere do arco é fabuloso, excepto o alvará da demolição, firmado peto cardeal D. Henrique. Não ha outras columnas que pertencessem ao arco romano senão as oito que estão no refeitório do colegio dos jesuítas, hoje da casa pia." (Augusto Filippe Simões, 1873, p. 169).

456 "Defronte deste Templo estava hum portico Romano, com tres arcos triunfais, ornado de diversas ordens de colunas alquitravas, frizos, nichos, e estatuas de preciozo marmore, que occupava com pompoza prespectiva todo o largo da Praça, o qual transformou em fonte El Rey Dom João Terceyro, dirigindo a elle o curso da agoa da prata, que principiou a correr no mesmo em 1535, e porque esta grande fabrica com a sua corpolencia impedia a vista, ou eclizava o prospecto da magestoza fabrica do mesmo Templo, o mesmo Sereníssimo Senhor Cardeal Rey fundador delle, mandou demollir tão honrada antigalha (…)" In Cardozo Domingos (1758, p. 830-831), disponível em: http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/evora-santo-antao [Consult. Setembro 2020].

Manuel Fialho[457]. Sobre o chafariz sabe-se que este integraria um conjunto escultórico composto por várias figuras de leões, em mármore, com um orifício para a saída de água, possivelmente originários de algum monumento funerário romano do século I ou II d.C[458]. Desconhece-se o número certo de exemplares, mas sabe-se que, depois da demolição, estes leões sepulcrais foram retirados e integrados noutras fontes. Em 1604, um destes foi levado para o lavadouro público do rossio de S. Braz e encontra-se actualmente exposto no Museu de Évora [ME 505][459]. Outros dois fazem parte de um chafariz [IMAGEM 99], localizado na EN18 (estrada de Estremoz), na freguesia de Bacelo, em Évora.

O século XVIII ficou marcado por uma imensa actividade arqueológica e museológica. Frei Manuel do Cenáculo [1724-1814] foi percursor nesta dinâmica; este humanista cultiva e divulga um enorme interesse pela antiguidade clássica, pela arqueologia, pelas belas-artes e pelas ciências da natureza; era conhecido pelas suas actividades de bibliófilo, de arqueólogo e coleccionador, começou desde cedo a recolher achados arqueológicos e a coleccionar peças de numismática, artefactos, fragmentos escultóricos, monumentos funerários e votivos e, também, desenhos, pinturas e peças de história natural. A sua viagem a Roma, em 1780[460], terá certamente despertado para o imaginário clássico, que se respirava na época, este muito motivado pela descoberta das ruínas de Pompeia e Herculano.

Foi em Beja, durante o seu bispado, que Cenáculo obteve as condições necessárias para desenvolver os seus estudos arqueológicos. Em 1791, já com uma colecção considerável, cria o Museu Sisenando Cenáculo Pacense[461], que albergava toda a sua numismática, com mais de sete mil exemplares, mais de uma centena de fragmentos arqueológicos[462], que incluíam, entre outros, aras, cupas, fragmentos escultóricos, esculturas de pequeno formato e objectos de uso doméstico da antiguidade. Apesar do enorme esforço de recolha destes fragmentos dispersos, resultado de descobertas ocasionais no território português, a informação sobre a sua proveniência é muito escassa e, por vezes, inexistente, dificultando o seu estudo. Apesar disso, há que louvar todo o investimento diligente na criação de um Museu, bastante reconhecido na época.

457 "(…) Do arco da Ruancha só podemos supor que impedia apassagem de alguns carros triunfantes nas procissoens (…) Do portico (…) supomos que era couza magnifica, como frontespicio de algum templo (…) era todo de mármores que tomava a largura da praça que tinha tres serventias ou portoens por bacho, huma para a Rua de Alconchel, outra para a Ruancha, e a do meio para a Rua que chamavão de Maria de espinha, a qual agora ocupa a Igreja de Santo Antão, e da qual lá abaicho atras da capella mor ainda se vé alguma parte, ainda que tapada." (Manuel Fialho, 1718?, p. 162 (f), parágrafo n.º 425).

458 Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005a, p. 70) .

459 Existe outro leão sepulcral exposto no Museu de Évora, corresponde a uma aquisição, de 2005, vinda do Convento S. Bento de Castris. *Leão*, Museu de Évora [ME 18344], In *MatrizNet - catálogo coletivo on-line dos Museus*, disponível em Matriz http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=33994, [Consult. Set. 2020].

460 Manuela de Deus (2016, p. 65).

461 Este Museu estava "aberto ao público no edifício da antiga ermida de S. Sezinando, entre o colégio jesuítico de Beja, que Cenáculo ocupava como Paço episcopal e a Igreja do Salvador, que provisoriamente servia de Sé." (Joaquim Oliveira Caetano, 2005, p. 53).

462 As peças hoje existentes no Museu de Évora, da colecção do Cenáculo, estão cuidadosamente descritas no capítulo "Imagens e textos dispersos. Colecção de Frei Manuel do Cenáculo", in Joaquim Oliveira Caetano, Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005).

Em 1805, já como arcebispo de Évora, traz de Beja parte da sua colecção artística e arqueológica, "Deixára, pórem, a collecção epigráfica, por demasiado pesada e de difícil transporte, trazendo, contudo, um ou outro objecto, por mais leve"[463]. Esta colecção vai permanecendo em Beja, mas "aquelles preciosos restos da antiguidade romana, goda e arabe iam desaparecendo sucessivamente, e teriam sido aniquilados"[464] se não fosse a vontade insistente do bibliotecário Augusto Filippe Simões que, posteriormente, conseguirá transferir as peças para Évora.

Importa, neste contexto, enaltecer a importância que D. Manuel do Cenáculo dava ao desenho[465]. O desenho, para além de uma forma de registo, era um instrumento de comunicação e divulgação com vista ao reconhecimento do valor da antiguidade. Cenáculo tomava a iniciativa de encomendar desenhos, dos objectos, artefactos e vestígios arqueológicos, para estudo e inventariação, mas também com vista à sensibilização, dos círculos influentes, para uma maior atenção ao monumento[466].

Na sua colecção, que continua hoje disponível nos cimélios da Biblioteca Pública de Évora, estão vários álbuns de desenhos, entre os quais o *Album de Antiguidades Lusitanas e Luso Romanas: Lapides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*, códice CXXIX 1-14. Este códice corresponderia às peças que estariam albergadas no já mencionado Museu Sesinando Cenáculo Pacense[467]; hoje a maioria faz parte do acervo do Museu de Évora. O *Álbum* contém 124 desenhos de peças arqueológicas e uma adenda colada, no final do livro composta por seis páginas com a legenda de cada peça, esta por vezes por preencher. Os desenhos foram realizados a lápis grafite sobre papel branco grosso e estão colados sobre um papel muito fino tipo manteiga. Geralmente a peça ocupa uma página, podendo esta ser dividida, na horizontal, para integrar duas peças. Os desenhos poderão ter sido feitos por Félix Caetano da Silva[468] [1740-….], tabelião que conviveu de perto com Cenáculo e que escreveu "Memórias Históricas das Antiguidades da Cidade de Beja"[469]. Estes desenhos revelam mestria no traço e atenção ao rigor arqueológico das peças. Os monumentos funerários e votivos aparecem planificados para se ter uma leitura de todos os lados, como é exemplo a curiosa *Ara Funerária de Mumia Cupita*[470], n.º 14, [IMAGEM 100], com uma representação de uma edícula em baixo-relevo. Os desenhos estão sombreados, sendo que a luz incide sempre pelo lado superior esquerdo. Todos os desenhos estão numerados no canto superior esquerdo. As representações variam entre lápides, bustos, fragmentos escultóricos (de dimensão variável), aras, cupas, fragmentos arquitectónicos, como capitéis [IMAGEM 101].

463 António Francisco Barata (1873, p. 129).

464 António Francisco Barata (1873, p. 129).

465 Sobre a importância da documentação das escavações dos objectos arqueológicos, consultar: Manuela de Deus (2016, p. 81).

466 Manuel Francisco Soares Patrocínio (2006, p. 17).

467 Augusto Filippe Simões (1869, p. 9-10).

468 "Na bibliotheca publica por elle fundada e doada á cidade d'Evora existem, sob o numero CXXIX, 1, 13 e com o titulo de *Museo Sisenando Cenaculano Pacense*, desenhos exactos de todas as ditas inscripções, feitos, ao que parece, por Felix Caetano da Silva, e acompanhados das absurdas explicações de José Lourenço do Valle, antigo monge de Cister." (Ernst Willibald Emil Hübner, 1871, p. 38).

469 O manuscrito encontra-se disponível no Arquivo Distrital de Beja.

470 Esta ara aparece detalhadamente descrita em José Carlos Caetano (2005, p. 94).

Relativamente à proveniência das peças a legenda do *Álbum* escasseia de informação, no entanto, existem dados, que poderão dar algumas pistas, como é o caso das insistentes cartas enviadas por Manuel de Vilhena Mouzinho [1740-?] a Cenáculo (entre 1970 e 1801), existentes na Biblioteca de Évora, com o códice CXXVII/2-9. O conteúdo destas cartas dá a entender que algumas das antiguidades foram oferecidas ao Bispo por Manuel de Vilhena. Numa das cartas, a de 16 de Agosto de 1796, menciona uma "*Hermosa bacante*" que já Francisco Barata considerava ser a "*Herma de Dionisio*"[471], exposta no Museu de Évora [ME 175][472]; nessa mesma carta Manuel de Vilhena Mouzinho refere também "três cabeças de imperadores de mármore antigas", mas desconhece-se quais seriam estas peças. Este antiquário esteve em Mérida, entre 1791 e 1794, a mando do Rei D. Carlos IV, a desenhar as antiguidades romanas[473].

Da mesma colecção do Cenáculo um outro códice, CXXIX 1-10, apresenta desenhos, das mesmas peças, mas com tratamento e técnicas diferentes, como são exemplo as três portas da muralha de Beja (Mértola, Évora e Avis), que estão representadas de duas formas: à pena, com uma ligeira aguada, num traço mais descuidado, e a grafite, num desenho mais demorado [IMAGEM 102]. Do mesmo modo, três capitéis esboçados à pena, com aguada, e novamente representados a aguarela executada com extrema perícia técnica. Para além destes existe um desenho muito bem executado do apelidado, na época, "Torso de uma Estátua de Cybeles"[474], [IMAGEM 103]. Na legenda enuncia que foi "descoberto numa casa de campo a meia légua de Beja sobre o caminho de Évora e que está conservada no Museu do Exm. S.^{or} o Bispo a quem se oferece esta cópia". A autoria deste desenho poderá ser atribuída Melchor de Prado[475], que acompanhou a viagem de José Cornide y Saavedra a Portugal, em 1798, pois numa carta de José Cornide, enviada a Cenáculo, de Janeiro de 1799, refere o envio deste desenho[476]. Melchor de Prado terá igualmente realizado uma cópia, [IMAGEM 104], pois existe outro exemplar conservado na Real Academia de la Historia, em Madrid, praticamente igual[477], com a seguinte legenda "Copia de una estatua de marmol, atribuída á Cibeles, existente en el Museo de n^{ro} Academico el Ill^{mo} S^{or} Obispo de Beja"[478]. Os três fragmentos representados nestes desenhos são peças de grandes dimensões (corpo e pés), em mármore, e encontram-se hoje expostos no Museu de

471 "(…) natural será, se não certo que seja uma a que se refere Manoel de Vilhena Mousinho em carta de Madrid, 16 de agosto de 1796", (António Francisco Barata, 1903, p. 54, n.º 118). Ver também Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005b, p. 87).

472 *Cabeça Feminina*, *Herma de Dionísio*, Museu de Évora [ME 175]. In *MatrizNet - catálogo coletivo on-line dos Museus*, disponível em http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=13320 [Consult. Set. 2020].

473 Estes desenhos de Manuel de Villena Mouzinho são de grande perícia técnica que representam tanto fragmentos arquitectónicos como grandes estruturas, como o teatro romano. Estão todos documentados na publicação de Alicia M.ª Canto y De Gregorio (2001).

474 Este também se encontra representado, não com a mesma perícia, no n.º 97 e o fragmento do pé, da mesma estátua, com o n.º 105, do *Album de Antiguidades Lusitanas e Luso Romanas: Lapides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence,* (Manuel do Cenáculo, Félix Ceatano da Silva, 17??).

475 Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián (2009, p. 94).

476 Cf. Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián (2009, p. 401-402).

477 Desenho conservado na Real Academia de la Historia, com a cota: RAH-Cartografia-CACorn-29, n.º 24.

478 Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián (2009, p. 402).

Évora[479]; a sua falta de atributos torna difícil a sua identificação, assim não se sabe exactamente qual divindade estaria representada[480].

A colecção dos papéis do Cenáculo continha também desenhos de outras proveniências, como duas plantas[481], [IMAGEM 105, 106], oferecidas ao bispo, referentes às Galerias Romanas, descobertas após o terramoto, durante a construção do plano pombalino para a Baixa, no subsolo da actual Rua da Prata[482].

Este "Museu de papel", um valioso documento, demonstra uma vontade de memória através do registo das peças, o desenho funciona assim como uma ferramenta de catalogação do achado arqueológico, que permite posteriormente conceber um inventário para a sua classificação. Estes catálogos arqueológicos tornam-se instrumentos de registo e interpretação dos achados.

Cenáculo tentava, deste modo, estudar as antiguidades tal como qualquer antiquário do final do Iluminismo que, "de acordo com uma atitude comparável à das ciências naturais: ele visa uma mesma descrição, controlável, logo fiável, dos seus objectos"[483]. Esta colecção terá impressionado viajantes e antiquários, de outros lugares, tais como James Murphy, Pérez Bayer ou José Cornide y Saavedra, como veremos a seguir.

Importa igualmente referir uma amostra da sua colecção de arte, pois esta reflete também uma tendência classicizante, de culto pela antiguidade que partilha "uma mesma representação da história e um mesmo gosto"[484]. As paisagens fantasiosas com ruínas clássicas, foi um género de pintura bastante divulgado na época. Subsistem três obras, hoje guardadas no Museu de Évora, com o mesmo título: "Paisagem com Ruínas Clássicas", e técnica: óleo sobre tela, estão datadas do século XVIII e desconhece-se a sua origem[485], sabe-se apenas que foram compradas a Monsenhor Colaço e atribui-se a sua proveniência a "Gracianno". Gabriel Pereira reconhece que são pinturas de arquitectura notáveis[486], ruínas romanas de um arco [IMAGEM 107] e um pórtico com uma vista de mar [IMAGEM 108].

479 Figura feminina (Ceres), Museu de Évora [ME 1707]. In *MatrizNet - catálogo coletivo on-line dos Museus*, disponível em http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=13321 [Consult. Set. 2020].

480 Cf. Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005c, p. 90).

481 Estas plantas estão guardadas hoje nos cimélios da Biblioteca Pública de Évora, numa pasta designada por: Plantas Arquitectónicas A. Assuntos Portugueses, e guardadas na GAV 8 PASTA 1 (n.º 1 e 4). Esta mesma pasta contém 61 desenhos de arquitectura, alguns de proveniência desconhecida (*Plantas Arquitectónicas: A. Assuntos Portugueses*).

482 A planta n.º 1 contém a seguinte legenda: "Tudo o que vay notado de banho vermelho, hé o mais q. se pode descobrir thé agora desta obra subterrana q. apareceo" e a planta n.º 4 designa-se por "Planta dos subterraneos que se acharão abrindo-se o canno da rua Argêntea, da cidade de Lisboa no mês de Maio 1773." (*Plantas Arquitectónicas: A. Assuntos Portugueses*, p. 1 e 4).

483 Françoise Choay (2013, p. 77).

484 João Carlos Brigola (2000, p. 251).

485 *Paisagem com ruínas clássicas I, II e III*, Museu de Évora [ME 1421, ME 1080 e ME 796], In *MatrizNet - catálogo coletivo on-line dos Museus*, disponível em http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=18522 [Consult. Set 2020].

486 Gabriel Pereira (1903, p. 11).

A colecção também incluía igualmente desenhos de arquitectura, como as plantas[487] de levantamento, [IMAGEM 109-112], relativas ao Palácio Arquiepiscopal de Évora e do edifício anexo designado, na época, por colégio dos Meninos de Coro; estes planos incluem dois exemplares muito semelhantes, do piso superior e inferior mais a respectiva legenda. São plantas aguareladas num amarelo e rosa suave sobre papel holandês[488].

Aproveitando esta importante informação que estes desenhos auferem, procedeu-se a um breve ensaio de sobreposição de informação da história da arquitectura do edifício do Palácio Arquiepiscopal sobre o seu registo arqueológico.

Ensaio . Palácio Arquiepiscopal

[DESENHO I.51] Planta de levantamento dos vestígios arqueológicos de época moderna sobre planta do Palácio Arquiepiscopal provavelmente do século XVIII.

[DESENHO I.52] Planta hipotética do Palácio Arquiepiscopal no século XVIII.

À semelhança do que foi já realizado com o Palácio da Inquisição, procura-se agora uma interpretação da Planta do Palácio Arquiepiscopal. Tendo como base as plantas de levantamento do Palácio, existentes na Biblioteca Pública de Évora, fez-se então um pequeno ensaio de reconstituição da planta no século XVIII, integrando a legenda da época.

Sobrepondo o levantamento do edifício do Museu como as sondagens de época moderna, à planta do século XVIII procuram-se coincidências e pistas para a interpretação dos vestígios. Curiosamente verifica-se que a localização do poço encontrado no corte 39 (1993), a oeste do pátio, é praticamente coincidente com a planta do século XVIII. Os vestígios de calçada do pátio também revelam como seria o pavimento nesta altura.

Com estes dados procedeu-se ao desenho de uma planta hipotética do Palácio Arquipiscopal representando com uma trama cinzenta as paredes que ainda existem e com linha a tracejado as que foram, entretanto, demolidas. Para completar esta planta remete-se a legenta da planta original do século XVIII.

Este exercício constitui assim um breve exemplo das potencialidades que a junção de diferentes registos pode contribuir para a leitura da estratigrafia da arquitectura do edifício. Uma leitura abrangente que contempla o registo arqueológico e arquitectónico sobre os vestígios e as fontes históricas. Assim, não sendo este o âmbito desta tese, este estudo é praticado apenas no sentido de reforçar a ideia subjacente da investigação.

487 Estes desenhos também estão disponíveis na referida pasta da Biblioteca Pública de Évora (*Plantas Arquitectónicas: A. Assuntos Portugueses*, p. 6 a 9).

488 Túlio Espanca (1951, p. 504).

Voltando aos papéis de Cenáculo, desconhece-se o autor e a data das plantas de levantamento do Paço e Colégio dos Meninos da Catedral, no entanto, pensando no desígnio de Cenáculo de instalar a biblioteca no edifício contíguo ao Paço, estas terão sido, provavelmente, realizadas nos finais do século XVIII. O colégio havia sido transferido para um edifício a Sul do claustro da catedral, assim este lugar estava disponível e era sem dúvida o local ideal para a fundação do projecto.

No entendimento do humanista, a ideia de biblioteca era antes de tudo um lugar de saber, "um local onde se reunia o essencial para alcançar uma verdadeira e correcta informação sobre as obras da natureza e dos homens, um autêntico centro de recursos para os que procuravam o saber e a informação"[489], ou seja, uma biblioteca-museu. Cenáculo teve também uma acção fundamental na reformulação do ensino e na divulgação do saber com a criação das bibliotecas em Lisboa, Beja e Évora[490], instituições de uso público bem enquadradas no espírito iluminista.

A concepção do programa para a biblioteca-museu de Évora será desenvolvida pelo arquitecto Joaquim de Oliveira à semelhança dos projectos anteriores, como é o caso de Beja[491]. As referidas plantas de levantamento, das quais não se sabe a autoria, foram talvez a base utilizada pelo arquitecto. Os desenhos de projecto[492], plantas cortes e alçados das várias hipóteses, estão guardados colecção de Cenáculo. Na planta do piso térreo, [IMAGEM 113], é clara a atenção dada ao edifício existente. Para isso o arquitecto representa a amarelo as paredes preexistentes, a tracejado as demolições e a cor-de-rosa a construção nova. Nas plantas de levantamento, que analisámos anteriormente, o amarelo também fora a cor utilizada para representar as paredes existentes. Para o piso superior a proposta de alteração é quase total, são apresentadas várias hipóteses para o mesmo projecto através de plantas [IMAGEM 114], cortes e alçados à mesma escala. Neste piso a passagem para o Palácio Arquiepiscopal, a Sul, aparece desenhada a cinzento. Não são conhecidos desenhos de pormenor. Nos alçados a fachada ocidental, sobre o templo, é desenhada de forma sóbria apenas com algum ornamento na parte central, ao contrário da fachada sul, para o actual largo Mário Tavares Chicó, que é profusamente trabalhada, marcando um acesso importante, que faz sentido pois, na época, o acesso principal ao Paço dos Arcebispos também se fazia para este largo, tal como se vê na planta de levantamento.

A Biblioteca acabaria por ser construída no lugar do antigo Colégio dos Meninos de Coro, a nascente do Palácio Episcopal, no entanto, a obra executada fica muito aquém do projecto proposto pelo seu autor, pois, infelizmente, faleceu antes da obra se concretizar. A biblioteca realizada apresenta um desenho mais sóbrio sem grande parte da ornamentação proposta para a fachada; para além disso, é eliminado o acesso a sul. É certo que o retirar deste acesso em muito empobreceu o

489 Francisco António Lourenço Vaz (2009, p. 26).

490 Manuel J. C. Branco (2007, p. 118).

491 Sobre os projectos do arquitecto Joaquim de Oliveira existe um valioso artigo de Joaquim Oliveira Caetano (2011) que descreve com grande detalhe todos estes projectos de criação de lugares de saber.

492 Desenhos existentes na referida pasta (*Plantas Arquitectónicas: A. Assuntos Portugueses*, p. 38, 39, 41, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 54).

largo, mas, apesar disso, valorizou o centro monumental da cidade que, posteriormente, com a criação do museu, ainda mais esta intenção foi reforçada.

O legado de Cenáculo é inestimável, cumprindo o seu ideário iluminista: antes da sua morte assegurou que toda a sua biblioteca[493] e colecção continuasse acessível ao público ao fazer uma doação perpétua à Igreja Metropolitana de Évora[494], tal como escreve em 1811, quatro anos antes da sua morte, no regulamento relativo à Biblioteca Pública de Évora. Esta doação 'perpétua' permitia manter o funcionamento da biblioteca, segundo o seu desejo expresso, acautelando os estatutos da nova instituição cultural eborense e assim assegurar a continuidade patrimonial das colecções e a garantia do carácter público e permanente do seu usufruto.[495]

O projecto de Cenáculo de fundação e divulgação do conhecimento era também um projecto arquitectónico de representação notável, pois dotava o centro da cidade de um conjunto monumental, dedicado ao saber, envolvendo o templo romano. Tornando-se também este, de alguma forma, participante desde movimento cultural e proclamando cada vez mais a necessidade do seu restauro. Este projecto foi sendo realizado ainda que com alterações, mas manteve a intenção de criar lugares Públicos de transmissão de saber sobre uma praça onde dominava um dos melhores exemplares de arquitectura de culto de época romana. Este gesto não poderia ter sido mais influente. A Biblioteca de Évora tornava-se uma fonte e lugar de saber proporcionando a outros ilustres a sua continuidade e enriquecimento, como Cunha Rivara, Filippe Simões, Gabriel Pereira e Túlio Espanca[496].

A prática de Cenáculo posicionava-se assim entre a produção, suportada, de conhecimento e a sua transmissão, ou seja, na criação de dispositivos, equipamentos que permitissem, por um lado, a análise dos vestígios, materiais do passado, mas também o acesso às obras e aos estudos entretanto produzidos. O bispo arqueólogo procurava, deste modo, o "progresso social e cultural através da educação"[497]. Hoje o Museu de Évora funciona no antigo Paço Episcopal, assim Biblioteca e Museu estão unidos albergando toda a colecção de Cenáculo[498].

A actividade científica, arqueológica e coleccionista de Cenáculo contribuiu para a invenção do *Monumento* que, numa primeira fase, passou pela valorização do objecto, alargando-se aos poucos para o restauro dos edifícios da antiguidade. A iconografia que se produz durante a época será fundamental para a consolidação na memória. Este arranque foi fundamental para a consolidação em Portugal da arqueologia como disciplina científica.

493 O primeiro fundo da Biblioteca deve-se ao antecessor de Cenáculo, o arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, que doou a sua valiosa colecção de 2 314 volumes à 'Livraria' (Gabriel Pereira, 1934, p. 92).

494 Frei Manuel do Cenáculo "Estatutos da Biblioteca Pública de Évora" (1811). In Francisco António Lourenço Vaz (2009, p. 75).

495 João Carlos Brigola (2000, p. 254).

496 Ver: Manuel J. C. Branco (2007, p. 119).

497 Joaquim Oliveira Caetano *et al.* (2005, p. 56).

498 A génese do Museu de Évora, apesar de pertinente, não se enquadra no âmbito deste estudo; assim, para um maior desenvolvimento sobre a história do Museu de Évora, consultar: (António Miguel Alegria, 2001) e (Joaquim Oliveira Caetano, António Miguel Alegria, 2003).

Na época de Cenáculo passaram por Évora vários antiquários, os seus registos foram essenciais para uma reconstituição do monumento. Em 1782, Francisco Pérez Bayer [Valencia 1711-1794], bibliófilo e antiquário, viajou pela Península Ibérica buscando e registando as antiguidades, sobretudo os monumentos e as epígrafes romanas. Este périplo arqueológico foi cuidadosamente registado em "*Diario de viaje a Andalucía y Portugal*"[499]. Neste manuscrito descreve casuisticamente o dia-a-dia desta viagem[500], com alguns apontamentos relativos aos achados às 'antigualhas'. Todo o diário está pontuado de pequenos esboços sobretudo de epígrafes, sendo estes apontamentos desenhados de extrema relevância. Percebe-se aqui a importância do desenho realizado no local, à vista, ainda que pudesse ser trabalhado *a posteriori* pelo autor ou por outros desenhadores. Sabe-se que o pintor Asensio Julià[501] (Valencia, 1760? - Madrid?, 1832) terá acompanhado o eclesiástico nas suas viagens.

Pérez Bayer passa uma temporada em Portugal visitando e demorando-se, entre outros lugares, por Moura, Beja[502], Évora, Lisboa, Mafra, Coruche, Estremoz e Elvas. Em Évora permanece três dias, passeando-se pela torre de Sertório, pela antiga Casa de André de Resende[503], pela Fonte da Praça Grande e pelo Templo:

> *"Llevóme de alli el Señor Maldonado a las Carnicerias públicas que llaman el Azogue: y justamente están en el que antiguamente se fue Templo de Diana y de el se conservan a la parte de Norte y Poniente algunas columnas con sus capiteles corintios muy sumtuosos en la forma que expresa el dibujo adjunto. [Aqui el dibujo de las colunas del templo de Diana en Evora]"*[504]

Esta obra mostra bastante lucidez em relação aos vestígios encontrados, da forma como humoristicamente revela que a torre de Sertório[505] nada tem de romano, mas, sobretudo, na referência à fonte na Praça Grande[506] (Praça do Giraldo), com a integração de elementos de época romana, tal como o friso de bucrânios.

499 O manuscrito está acessível *online* na Biblioteca Digital Hispânica e só foi publicado em 1998.

500 A viagem por Portugal foi publicada em: José Leite de Vasconcelos (1920), no entanto, esta publicação não contemplou os desenhos.

501 Pérez Bayer refere o nome de Asentio Juliá, o *dibujante* natural de Valencia, no momento da partida para a grande jornada, ao nomear toda a comitiva (Francisco Perez Bayer, 1782b, p. 4f). Sobre a colaboração deste desenhador nesta viagem existem muito poucos dados tal como refere Jesús Salas Álvarez (2007).

502 "El arco exterior de la dicha Puerta de Mertola es romano. Se muestra en el dibujo siguiente." Este desenho da Porta de Mértola de Beja está publicado em: Francisco Pérez Bayer ([1782] 1998, p. 530)

503 "Fuimos de allí da la casa donde nació y murió el famoso evorense Andrés de Resede. Dicen que hubo en otro tiempo en ella muchas antigüedades". (Francisco Pérez Bayer, [1782] 1998, p. 547).

504 Francisco Perez Bayer (1782a, p. 244f). O desenho referido por Perez Bayer não aparece no manuscrito conservado na Biblioteca Nacional de España.

505 "Entramos allí para ver una torre (…) a la cual llaman vulgarmente la Torre de Sertorio. Vese la tal torre desde afuera y aún desde allí me olió su fábrica a muy moderna. Víla después de cerca. Entré en ella y subí hasta lo más alto con el señor Maldonado, (…). La torre ni es del tiempo de Sertorio ni lo piensa, ni tiene quinientos años arriba. Díjelo así, pero el padre se mantenía con su Sertorio. Yo dije entonces que era tan sertoriana como la Universidad de Huesca, en Aragón." (Francisco Pérez Bayer, [1782] 1998, p. 546).

506 "Todas estas inscripciones están en la plaza Mayor de Évora colocadas en una fuente en tiempo del señor Felipe Tercero, rey de España y Portugal, sobre un friso antiguo en el que hay bucranios y platos de relieve en la forma que solía usarse en la arquitectura de los romanos, y no sería fuera de razón pensar que hubiese este friso sido del antiguo templo de Diana de que se habló antes." (Francisco Pérez Bayer, [1782] 1998, p. 552).

É precisamente este friso[507], [IMAGEM 115], que é representado por James Murphy [Blackrock, 1760 - Londres, 1814], durante a sua viagem a Portugal entre 1789 e 1790. Este arquitecto, também chamado "antiquário", de origem irlandesa, viajou por algumas das províncias de Portugal, escrevendo e desenhando monumentos e outras peças singulares. Em Évora, Murphy contempla a grandiosidade do Aqueduto de Sertório, a lugubridade da Capela dos Ossos e a virtuosidade da arquitectura romana do "Templo de Diana", [IMAGEM 116]. Este edifício que Murphy desenha é um palimpsesto de sucessivas intervenções. O resultado desta viagem é logo publicado em inglês (1795) e de seguida em francês (1797). Depois desta, muitas outras gravuras se seguiram, variações sobre o original de Murphy, [IMAGENS 117, 118], com ligeiras alterações.

Volvidos oito anos sobre a estada de Murphy outro viajante chegou, de Espanha, o geógrafo e académico José Andrés Cornide de Folgueira [1767-1851] que ocupava, na altura, o cargo de secretário de estado do Rei Carlos IV. A sua comitiva de viagem permanece uma semana em Évora (entre 17 e 25 de Novembro de 1798), tempo suficiente para José Cornide se demorar pelas bibliotecas dos mosteiros e conventos, e para o desenhador Melchor de Prado [1770-1834] ter tempo para registar as antiguidades romanas da cidade. Os desenhos foram posteriormente trabalhados em atelier e enviados, por carta, a José Cornide três anos depois, a 22 de Agosto de 1802. O relatório[508] enviado continha a descrição técnica do representado, uma vista esboçada do templo relativa ao alçado nascente e sete lâminas[509] cuidadosamente apresentadas do templo de Évora.

Apesar da exaustiva documentação gráfica relativa ao templo, este é apenas brevemente enunciado no diário de José Cornide:

> *"Entre todas las antigüedades que aun conserva esta ciudad, la más digna de aprecio son las columnas de un templo situado en lo más alto del pueblo entre las plazas de la Inquisición y la del Duque de Cadaval; el vulgo le cree dedicado a la diosa Diana y obra de su devoto Sertorio pero, como no consta en parte alguna, sólo dice que del tal templo sólo existen en el día columnas estriadas de orden corintio, y cuyos capiteles de mármol blanco son de la mayor elegancia, como se hará ver en el plano que acompaña adonde se corrigen los errores que cometió en su copia el ya citado Murphy."*[510]

Assim, José Cornide corrige o desenho de Murphy [IMAGEM 121], também já nessa altura o académico defendia que o friso de ordem dórica não pertenceria ao templo, mas que deveria "ser parte de otro excelente edificio que no sabemos à dónde estaba"[511]. Relativamente ao aqueduto

507 Estampa XIV: vestígios de Beja e Évora (M, N), um friso em granito hoje exposto no Museu de Évora [ME 1719], in James Murphy (1795).

508 Este documento, assim como todos os desenhos de Melchor de Prado, integram a colecção de Real Academia de la Historia em Madrid (Melchor de Prado y Mariño, 1801). Nesta carta é igualmente referido um desenho do friso dórico que estaria na Praça Grande (Praça do Giraldo), no entanto, não há evidencias da existência desse desenho.

509 Desenhos conservados na Real Academia de la Historia, em Madrid. Agradece-se desde já toda a amabilidade e solicitude prestada por D.ª Asunción Miralles de Imperial y Pasqual del Pobil, no esclarecimento de dúvidas e na cedência das imagens em formato digital.

510 José Cornide citado por Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián (2009, p. 394-395).

511 José Cornide citado por Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián (2009, p. 395).

também duvida da sua fundação romana afirmando perentoriamente "que nada de lo que hoy se ve en dicho edificio es romano"[512].

Surpreendentemente os desenhos do templo, realizados por Melchor de Prado, são de grande destreza técnica e rigor métrico. Este é um registo do templo de enorme importância, pois são talvez dos primeiros desenhos de interpretação do monumento.

Relativamente à vista, [IMAGEM 119], desenhada à mão livre, talvez a lápis grafite, é possível determinar, no pódio, um revestimento com uma estereotomia bastante regular. Embora não se saiba exactamente em que material seria realizada esta estereotomia, se uma argamassa pintada ou mesmo um revestimento pétreo, este é um dado muito importante para a reconstituição do edifício. Sobre as duas lâminas, trabalhadas *a posteriori* [IMAGENS 120, 121], estas foram realizadas a tinta e preenchidas com aguada, todas as representações foram cuidadosamente cotadas e legendadas e apresentam uma escala gráfica em pés castelhanos. A lâmina 1 representa a planta dos talhos do açougue; este desenho apresenta um detalhe curioso, no interior do açougue há certos muros que são representados pedra-à-pedra, que, segundo Melchor de Prado, poderiam ser vestígios dos muros da *cella*[513], a lâmina 2 apresenta duas figuras: a vista do edifício existente que corrije a gravura de J. Murphy [IMAGEM 116] e também um alçado norte do "esqueleto" do Templo de Évora.

Todos estes dados, analisados de acordo com a época, constituem indícios importantíssimos para a interpretação dos vestígios e são fontes fundamentais para uma tentativa de reconstituição do templo no século XVIII.

512 José Cornide citado por Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián (2009, p. 385).

513 "De los muros que cerraban lo interior del templo aún se conservan algunos vestigios en que se vende y pesa la carne." (Melchor de Prado y Mariño, 1801).

Ensaio . Templo século XVIII

[DESENHO I.35] Planta hipotética de reconstituição dos açougues, no século XVIII.

Para a realização desta planta utilizou-se como suporte a planta do século anterior [DESENHO I.33] e a planta de reconstituição do Palácio da Inquisição [DESENHO I.50]. A partir desta base tenta-se integrar os dados da planta realizada por Melchor de Prado [IMAGEM 120]. Esta imagem é integrada no desenho vectorial e ajustada à mesma escala da planta que está a ser trabalhada, para que se possa desenhar sobre esta e retirar a informação sobretudo a relativa ao interior do açougue. Cruzando então esta representação com a descrição já referida do tombo das demarcações, de 1651, esta planta surge agora com muito mais clareza. Assim, olhando para o desenho é possível identificar e localizar, com segurança, os dez talhos, a Casa dos Oficiais do real da água e as Balanças do peso real da água. Tal como já referido, na planta de Melchor de Prado estes corpos são representados num registo pedra a pedra em oposição à simplicidade da bancada dos talhos. Estes talhos estão distribuídos longitudinalmente com cinco bancadas de cada lado.

Relativamente aos dois arcos que descarregavam num pilar de pedraria, mencionados no Tombo, estes não aparecem na planta de Melchor de Prado; assim foi avançada uma localização para o pilar no alinhamento da parede sul, do corpo mais alto do açougue, este pilar foi representado nas plantas dos séculos anteriores. Hoje é possível verificar *in loco* todo o desgaste, da face interior, destes fustes que estariam no ângulo deste corpo. Certamente que este vão, de quase 12 m, teria de ter alguma estrutura a aliviá-lo, um pilar no centro aligeirava-o para dois vãos de 6 m, uma medida bem mais confortável e aceitável para uma construção em pedra.

Na planta do existente de Melchor de Prado é representado o acesso norte, mas apenas um acesso a Sul, assim, deduz-se que o acesso duplicado já estaria entaipado tal como chegou ao século XIX. No exterior manteve-se a calçada de acesso à porta norte, mas retirou-se a escada representada na planta do século anterior, por não constar na planta setecentista. As paredes envolventes representadas são as registadas na planta de reconstituição do Palácio da Inquisição [DESENHO I.50].

[DESENHO I.36] Alçado norte hipotético de reconstituição dos açougues, no século XVIII.

Na tentativa de reconstituição do alçado norte do século XVIII, manteve-se a representação do século anterior retirando a escada lateral projectada para a calçada em rampa. Ao retirar a escada continuou-se o desenho da estereotomia do pódio representada na vista de Melchor de Prado à mão levantada [IMAGEM 119].

No campanário retirou-se o sino, pois este não aparece nas gravuras de James Murphy nem nos desenhos de Melchor de Prado.

[DESENHO I.37] Alçado sul hipotético de reconstituição dos açougues, no século XVIII, a partir de fontes arqueológicas, iconográficas e literárias.

A partir deste século estreia-se a tentativa de reconstituição dos restantes alçados: sul, nascente e poente. Relativamente ao alçado sul, tendo como base o levantamento já realizado de meados do século XIX [DESENHO I.43], acrescentou-se o contorno do corpo da Inquisição, cujas marcas da sua demolição estavam bem visíveis na fachada do lado poente e representou-se os dois acessos, dois portais em ogiva, um com porta e o outro fechado.

[DESENHO I.38] Alçado nascente hipotético de reconstituição dos açougues, no século XVIII.
[DESENHO I.39] Alçado poente hipotético de reconstituição dos açougues, no século XVIII.

Para a representação dos alçados nascente e poente utilizou-se o mesmo método. A partir dos alçados do século XIX, integrou-se o corpo da Inquisição. No alçado nascente este corpo aparece em vista, e no poente aparece o contorno do corte. Estes limites foram interpretados a partir das plantas e das fotografias que permitiram verificar estes volumes.
A legenda destes alçados é realizada a partir da planta de Mateus de Couto, de 1636.

A partir do século XVIII consegue realizar-se uma reconstituição do Açougue cada vez mais suportada, sobretudo a partir das fontes iconográficas. Importa referir que estes levantamentos foram realizados pelos antiquários de forma exímia, numa tentativa de representação rigorosa da realidade à luz dos preceitos da época. Assim, não é o lado pitoresco da ruína que interessa, mas a arquitectura clássica, o jogo de proporções e a sua composição. Os registos são cada vez mais realizados no próprio lugar para travar possíveis devaneios artísticos.

> *"Todos os antiquários concordam em reconhecer que a copia deve ser executada ao natural, in situ para as obras de arquitectura: condição necessária, mais uma vez como no caso das ciências naturais, para que a imagem e a sua reprodução tenham valor."*[514]

Os antiquários[515] foram os actores desta mudança, a ruína da antiguidade, para além dos achados arqueológicos, começa a ser valorizada pela sua arquitectura, pela citação do passado, pela composição clássica e, sobretudo, pelo laboratório de conhecimento sobre a arquitectura da antiguidade. Os humanistas foram os precursores deste discurso e agora os antiquários dão-lhe continuidade, considerados "eruditos e colecionadores, os antiquários acumulavam nos seus gabinetes não apenas medalhas e outros 'restos' do passado, como se dizia então, verdadeiros dossiers, associando descrições e representações figuradas das antiguidades. Eles correspondiam-se e visitavam-se por toda a Europa, trocando amiúde objectos, informações e discutindo as suas descobertas e as suas hipóteses."[516]

Por vezes, como é o caso de James Murphy, os antiquários também desenhavam, contribuindo de uma forma ainda mais enriquecedora para o reconhecimento dos fragmentos do passado. O desenho torna-se um meio de divulgação e inventariação do monumento. A imagem vai carregando o documento, o suporte da memória.

514 Françoise Choay (2013, p. 78-79).

515 Françoise Choay, no seu livro sobre *As questões do Património*, enquadra a utilização do termo "antiquário", que foi bastante difundido, em Inglaterra, a partir da segunda metade do século XVI, mas, na altura, utilizado com um significado distinto do dos nossos dias. Os "edifícios ou outras categorias de objectos transmitidos pelos Romanos e Gregos ou por outros povos da Antiguidade, estes não são, à época, denominados como 'monumentos históricos', mas designados sob a nomeação global de 'antiguidades', derivado do substantivo plural *antiquitates* forjado pelo célebre erudito romano Varrão (116-26 a. C.) para designar o conjunto de produções antigas (língua, usos, tradições…) da romanidade. Segundo a própria etimologia, os eruditos e os sábios que se dedicam ao estudo das antiguidades serão chamados 'antiquários'." In Françoise Choay (2009, p. 23).

516 Françoise Choay (2013, p. 68).

O restauro do Monumento (século XIX)

No decorrer do século XIX dá-se a consagração do *Monumento* fundamentada num 'novo corpo de saber'[517]. O estudo histórico e arqueológico suporta o conhecimento científico sobre os monumentos históricos. Um método científico é aplicado à análise da arquitectura antiga, tornando-se "objecto de um inquérito sistemático relativo à sua cronologia, à sua técnica, à sua morfologia, à sua génese e origens, à sua decoração a fresco, de esculturas e vitrais, bem como à sua iconografia"[518].

As descobertas arqueológicas potenciaram um aprofundamento de conhecimento sobre as estruturas. O olhar volta-se para a ruína, para a matéria e o seu acumular de história. Depois da valorização do achado e da sua estética singular, por um público mais ou menos erudito, a reflexão sobre o vestígio arqueológico propicia agora uma discussão mais alargada ao contexto cultural e espacial.

Em Évora o vestígio não se encontra isolado, a sua conservação contempla uma discussão pública, alargada à cidade e ao seu espaço urbano. O templo romano é tratado como um edifício de reconhecido significado; é disso exemplo a sua representação, [IMAGEM 122], no tecto da 'Aula das Disputas dos Teólogos", sala do senado, no Colégio e Universidade do Espírito Santo[519]. Nesta composição, de inspiração clássica, figuram outros edifícios notáveis da cidade[520], como a Janela da Casa de Garcia de Resende, o Aqueduto da Água de Prata e a Fonte das Portas de Moura.

O Templo de Diana chega assim ao século XIX transformado numa espécie indefinida de torre medieval, tal como desenha Carlos Van Zeller[521], [IMAGEM 123]. Sabe-se que deixa de ser açougue em 1836[522] e, motivado por este abandono de programa funcional, o edifício começa a ser considerado pelo seu valor patrimonial; a questão da sua salvaguarda torna-se um tema premente no debate público.

Joaquim Cunha Rivara [1809-1879] é um dos precursores deste debate. Este erudito continua a obra do arcebispo Frei Manuel do Cenáculo, como director da Biblioteca Pública[523] e, por sua iniciativa, leva a cabo uma operação de valorização e de conservação dos vestígios do templo.

517 Françoise Choay (2013, p. 139).

518 Françoise Choay (2013, p. 139).

519 Agradece-se ao Arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos, a generosidade desta partilha de saber e a gentileza de nos ter levado a ver esta sala.

520 Túlio Espanca (1966a, p. 78).

521 Sobre este desenho, ver artigo de Fernando Castelo Branco (1943).

522 O encerramento do açougue foi decretado pelo Administrador do Concelho António José de Ávila, Marquês de Ávila e Baloma (Túlio Espanca, 1966a, p. 18).

523 Cunha Rivara organiza, em quatro volumes, o *Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense*, estes disponíveis na Biblioteca Pública de Évora, e que ainda hoje são um importante documento de consulta (Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, 1850-1871). Para além disso, o bibliotecário realizou inúmeras transcrições de importantes documentos municipais, que quase iam sendo perdidos: "só no anno passado, por indicação nossa ao Presidente da Vereação Manoel de Paula da Rocha Vianna, que nos havia encarregado da catalogação do importante archivo da Camara, se mandaram encadernar 14 volumes *in folio* de leituras feitas pelo sr. Rivara dos mais importantes documentos do Cartorio da Camara, que se não leem facilmente sem o auxilio da paleografia. Achamol-os esquecidos na poeira de um desvão, e, como se nos disse, condemnados ao accender do fogão da sala das sessões da Camara!!" (António Francisco Barata, 1878, p. 193).

No início de 1842, Cunha Rivara apela, numa carta, à demolição "daqueles pardieiros da Inquisição Velha" e a cedência do "terreno dela, com a parte correspondente à dos carceres demolidos"[524] e, nessa mesma carta, realiza um pequeno esquiço, a explicar estas demolições [IMAGEM 124]. Esta corresponde à primeira operação com vista à valorização do edifício, ficando "o monumento ao centro de uma praça, e seria este o principio de seu maior lustre, fazendo possíveis outros reparos indispensáveis á sua boa conservação". E propõe ainda uma sugestão de programa: a criação da primeira "Glypto-theca portuguesa", no entanto, esta intenção não chegou a ser concretizada.

Depois de bastantes instâncias e diligências por parte da Comissão Municipal, um grupo de cidadãos encabeçado por Cunha Rivara, o edifício da Inquisição Velha que rodeava o templo, do lado poente, é adquirido ao proprietário[525] em 1844 e de seguida realizam-se os trabalhos de demolição. Esta operação marca o início da operação de restauro do Templo.

Uma vista da época [IMAGEM 125] revela já a demolição dos currais que Carlos Van Zeller representou. Apesar da incorreção de número de colunas na fachada norte, esta representação é bastante detalhada sobretudo na estereotomia do revestimento. Crê-se que os fragmentos representados, espalhados pela vegetação, sejam um apontamento romântico do seu autor.

Nesta obra de desobstrução foram revelados vestígios dos tanques. A Comissão Municipal liderada por Cunha Rivara logo se mobiliza para a necessidade de se efectuar um estudo mais aprofundado, realizando diligências à Câmara Municipal:

> *"Tendo aparecido ao redor do Templo de Diana alicerces e vestígios de fabrica antiga, especialmente dos grandes tanques ou banhos, que a tradição constante desta Cidade afirmou sempre terem existido junto do mesmo templo, pareceu aos abaixo assignados que seria mui curioso para o estudo das antiguidades, e ao mesmo tempo nobreza para a cidade descobrir, e conservar estes monumentos, e nesse intento concordaram em mandar fazer excavações naquele sitio, para o que pedem a esta Camara Municipal a competente licença."*[526]

E também ao Governador Civil do Distrito:

> *"Participando a V. Exª. este curioso achado, e o que se tem feito para continuação do seu descobrimento e restauração, não tenho escrúpulo em me arvorar por procurador de todos os amadores dos monumentos da veneranda antiguidade, e em nome delles e no meu rogar a V. Ex.ª se sirva requerer do Governo de S. M. auxilio pª uma obra, que excede as forças dos particulares, e ainda as do Municipio."*[527]

524 Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1842).

525 A 3 de Fevereiro de 1844 o conselheiro do Governo Civil António Maria Couceiro, remete a Carta de Marquês do Fayal, autorizando a demolição do edifício da velha inquisição, com as devidas ressalvas, ao Governo Civil do Districto de Evora e vinte e um dias depois é dada a autorização para desafrontar o Templo, pelo Governador Civil José Francisco A. Gomes. As transcrições destas cartas, e das seguintes relativas ao acórdão, estão disponíveis em Panagiotis Sarantopoulos (1998, p. 104-112).

526 Acórdão do Requerimento da Comissão Municipal à Câmara, de 10 de Setembro de 1845. Transcrição do documento original disponível em Panagiotis Sarantopoulos (1998, p. 113).

527 Carta de Cunha Rivara ao Governador Civil, de 13 de Setembro de 1845. Transcrição do documento original por Panagiotis Sarantopoulos (1998, p. 114).

Face a este importante achado foi então iniciada uma campanha designada pelo próprio por "*excavações methodicas*" em redor do templo, com o auxílio de João Rafael de Lemos, que o seguirá na direcção da Biblioteca. O tanque é escavado na íntegra e, por uns "breves dias, se conheceu todo o âmbito do mesmo"[528]. O bibliotecário escreve um detalhado relatório[529] onde traça, ao detalhe, todo o tanque, a sua configuração em redor das três faces do templo, as suas medidas, as suas soluções construtivas[530] e a sua destruição. Durante estas escavações foram encontrados alguns fragmentos de estatuária romana[531], uma pequena medalha, algumas lucernas e também o que na altura se pensava ser um fragmento de um altar[532]. Este achado será mais tarde reconhecido como um pedestal de estátua imperial, tal como refere Hübner:

> *"Nas excavações a que se tem procedido nas proximidades das bellas ruinas, (…), descobriu-se um fragmento de uma grande base de mármore, ricamente ornamentada, mas tão mutilada que mal se póde reconhecer n'ella o pedestal de uma estatua imperial."*[533]

Cunha Rivara, depois destes importantes achados que revelavam um pouco da monumentalidade do programa arquitectónico e decorativo do complexo, tentou mobilizar e sensibilizar a comunidade, escreveu cartas ao Governador Geral do Distrito de Évora, na tentativa de obter fundos para a continuação da realização dos trabalhos, no entanto, estas revelaram-se infrutíferas. Assim, depois de esgotados os "produtos da subscrição voluntária" e "os pequenos recursos pecuniários" de Cunha Rivara, a escavação acabou por ser interrompida e recoberta por falta de financiamento em 1846.

528 Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1845, p. 4v).

529 Neste valioso manuscrito Cunha Rivara descreve também o aqueduto (Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, 1845).

530 "As paredes, e pavimento do tanque são forrados daquele impenetrável e compacto cimento, ou argamassa, conhecido pelo nome de Betão, chamado por Vitrúvio *Opus signinum*, de que só restam exemplares nas obras Romanas." (Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, 1845, p. 4v).

531 Nestes vestígios faziam parte um "Fragmento de Dedo de Estátua Colossal"; este achado está hoje exposto no Museu de Évora [ME 546], tem 11 cm e corresponde a um "dedo polegar cuja parte inferior pousa sobre uma base, com a unha e a dobra da falange muito bem trabalhadas (…), podendo ter pertencido a uma estátua colossal do programa iconográfico do templo de Ebora", Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005d, p. 65).

532 Estes achados estão referidos numa carta de Cunha Rivara dirigida ao Governador Geral do Distrito de Évora, a 19 de Dezembro de 1845. Transcrição do documento original disponível em Panagiotis Sarantopoulos (1998, p. 128).

533 Ernst Willibald Emil Hübner (1871, p. 47).

Ensaio . Templo primeira metade século XIX

[DESENHO I.40] Planta hipotética de reconstituição dos antigos açougues, na primeira metade do século XIX.

Esta planta tem como base a realizada no século anterior. Sobre esta retirou-se a trama que preenchia as paredes do Palácio da Inquisição e acrescentou-se o muro que conformaria o curral, a nordeste, referido por Cunha Rivara. Optou-se por deixar as linhas que limitavam estas paredes para se perceber a operação de demolição levada a cabo em redor do templo. O interior do açougue foi deixado a branco por não haver dados de como estaria da altura, deixando apenas o elemento estrutural. Mantêm-se a porta a norte e os dois acessos a Sul, tal como aparecem nas fotografias, da época, desta fachada [IMAGEM 87], deixando o vão do lado direito tapado.
Em redor do templo desenha-se um apontamento, a linha tracejada, dos tanques que foram, nesta altura, escavados na íntegra.

Nesse mesmo ano, o olhar conhecedor do conde Raczynski[534] revela, na sua décima quinta carta sobre Évora[535], a importância das antiguidades da cidade, fala do templo denunciando o estado crítico em que se encontrava, do aqueduto de Sertório, do qual só restavam as fundações, e do apelidado "arco do Triunfo romano", da praça do Giraldo, condenando a decisão de demolição[536]; refere também os elementos disseminados: os leões de pedra, espalhados por fontes e casas particulares, e as colunas do refeitório do colégio, levantando a dúvida se estas realmente pertenceriam ao arco[537]. Para adensar a incerteza, Raczynski, acrescenta, à sua publicação, um apêndice de Cunha Rivara sobre a proveniência das colunas. Cunha Rivara reconhece as evidências bibliográficas relativas às colunas do refeitório, no entanto, refere que apesar da sua dimensão estas colunas em nada acrescentam às outras colunas dóricas do colégio. E termina com o comentário: "il ne faut qu'avoir de très légères idées d'architecture pour connaître que ces colonnes ne peuvent avoir appartenu à un ouvrage romain."[538].

Apesar de todo este entendimento sobre os vestígios arqueológicos e sobre as hipóteses relativas à sua proveniência e tentativas de salvaguarda, estes vestígios continuavam a ser menosprezados. Tal como se verifica, em 1862, quando a Câmara inicia uma obra de arranjos exteriores[539] na zona em redor do Templo. O nivelamento, e calcetamento, provocou o rebaixamento do nível da rua do lado nascente destruindo o que restava do topo dos muros dos tanques[540]; este facto já foi reconhecido no capítulo anterior. Nos desenhos de registo dos vestígios arqueológicos verificou-se que este braço do tanque é claramente o que está mais destruído. Esta obra foi registada no Relatório de Obras do Passeio de Diana:

> *"Foi começado este passeio no dia 25 de Fevereiro de 1862, (…) ficando já talhadas as ruas oriental e ocidental do passeio, e construídas as paredes d'aquelle grande terraço (…) e terraplanaram-se, macadamisarão-se e fizeram-se valetas de calçada as duas ruas paralelas ao passeio, prolongando-se a oriental até a porta lateral da Cathedral na extenção de 170 (?) metros, largura de 5.m (?) desaterrando-se da esquina do lado Norte do Templo de Diana*

534 Cunha Rivara trocou bastante correspondência com o conde Raczynski, fornecendo importantes dados históricos. (Cartas disponíveis na Biblioteca Pública de Évora, ARM VIII N.º 3).

535 Este estudo "*Les Arts en Portugal, lettres adressées à la société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents*" foi o resultado das cartas que Athanasius Raczynski escreveu sobre as artes em Portugal, de Dezembro de 1843 a Janeiro de 1845. Gabriel Pereira traduziu e publicou (com algumas anotações) a carta relativa a Évora (Gabriel Pereira, 1947 [1884-1894], p. 169-180). O *Dictionnaire historico-artistique du Portugal* (Athanasius Raczynski, 1847) constitui outra obra de referência, para a época, sobre a arte portuguesa.

536 Esta partilhada por muitos autores da época: "Legitima barbaridade foi aquella, que privou Evora de um monumento notabilíssimo, para legar á posteridade o monstro da egreja de Santo Antão." (António Francisco Barata, 1909, p. 14); "A responsabilidade, porém, d'este acto vandálico cabe toda ao cardeal infante D. Henrique." (Ignacio de Vilhena Barbosa, 1863, p. 286).

537 Athanasius Raczynski (1846, p. 353-364).

538 Rivara, Joaquim Cunha. "Deux mots sur l'arc romain qu'on nommait aussi Portique de la Grande Place d'Évora, et sur les colonnes qui en faisaient partie". In Athanasius Raczynski (1846, p. 364).

539 Túlio Espanca defende o achado do dedo durante esta obra: "Quando se calçaram as ruas Oriental e Ocidental de Diana, em 1862, o próprio achado, nas imediações do edifício, de um fragmento agigantado de dedo de estátua, aparentemente masculina, (…)" (Túlio Espanca, 1966a, p. 18).

540 "Conservam-se na bibliotheca publica de Évora alguns fragmentos grandes do cimento dos tanques. Appareceram estes fragmentos quando em 1862 ou 1863 se rebateu o terreno junto do templo para alargar e macadamizar as ruas Oriental e Occidental de Diana. Resende vira também estes e outros vestígios do aqueducto." (Augusto Filippe Simões, 1873, p. 166).

até as cocheiras do Arcebispo mais de um metro. Terraplanou-se o terreiro contiguo ao Paço, desaterrando-se pelo lado do Sul na altura d'um metro diminuindo esta operação proporcionalmente para o lado do Norte, e igualmente foi desafrontado o Templo dos Tanques, que o obstruião do lado do Poente (…)"[541]

O resultado desta obra vê-se claramente na gravura, [IMAGEM 126], realizada a partir de fotografia, publicada no *Arquivo Pitoresco*[542]. Nesta empreitada também se derrubaram "uns casarões pertencentes ao duque de Cadaval, que foi compensado com o aforamento de três propriedades municipais"[543]. Esta destruição dos tanques é lamentada por vários autores[544] sobretudo depois de toda a dedicação de Cunha Rivara no estudo e conservação dos mesmos. O abandono da estrutura do açougue leva à infiltração das águas pluviais, provocando a derrocada de parte da cobertura em 1863[545].

Ensaio . Templo meados século XIX

[DESENHO I.41] Planta hipotética de reconstituição dos antigos açougues, em meados do século XIX.

Nesta planta foi mantida a configuração das ruínas do açougue, tal como representadas na planta anterior [DESENHO I.40], foram retiradas todas as paredes que adossavam o templo, sendo este posicionado tal como hoje se conhece de forma isolada do meio de um terreiro. Representam-se os acessos a norte e sul e no interior a estrutura central. Fazendo uma tentativa de interpretação das obras de reabilitação do espaço público realizadas em 1862 e tendo como referência iconográfica a xilogravura de 1865, traça-se uma possível interpretação destes pavimentos. Desenha-se assim a calçada que percorre o templo na sua face nascente, e que provocou o rebaixamento da cota de circulação e por consequência a destruição de parte dos muros do tanque. O resto do terreiro estaria provavelmente coberto em terra batida.

541 (*Relatório das Obras do Concelho*, 1863, p. 102v).

542 Apesar do rigor desta gravura o mesmo não acontece com o conteúdo do artigo, não obstante das "invenções" o autor apela à conservação do Templo e à demolição do *muro que obstruía as colunas*. In Ignacio de Vilhena Barbosa (1865, p. 313-316).

543 Paulo Simões Rodrigues e Ana Cardoso Matos (2007, p. 137).

544 "Estes vestígios, que deveriam ser tão cuidadosamente conservados como o próprio templo, já os não chegámos nós a ver. Tinham sido destruídos antes de 1863 para embelezar o largo e as ruas próximas" In Augusto Filippe Simões (1873, p. 190).

545 Paulo Simões Rodrigues (2000, p. 278).

Augusto Filippe Simões[546] teve um papel determinante no reconhecimento do valor das antiguidades romanas em Portugal, fundamentalmente em Évora e Coimbra[547]. Apesar das contrariedades, a arquitectura romana começava assim a ser paulatinamente valorizada no país.

Em Évora, Filippe Simões, reagia ao abandono do Templo, aos seus sucessivos acrescentos, que, segundo o autor, o descaracterizavam de tudo o "que é romano", e enaltecia a importância dos antigos *ilustrados amadores de antiguidades*:

> *"É tão natural sentimento dos povos cultos a veneração dos monumentos da antiguidade, que ninguém acreditaria, se o não visse bem patente, o desprezo com que em Portugal tem sido tratados (…). Apenas n'uma ou noutra época aparece algum ilustrado amador das antiguidades a contrastar por seus esforços individuaes com a geral cegueira (…). Taes foram André de Resende e D. Fr. Manuel do Cenáculo. Ao primeiro deve a cidade d'Evora importantes subsídios para a historia da dominação romana. Ao segundo dever-lhe-hia a posse de uma valiosa colecçcao archeologica."*[548]

Apesar de não ser arqueólogo, Filippe Simões contribui bastante para o conhecimento do templo, contra-argumenta todos os autores que ainda seguiam a crença de Sertorio[549] e atribui, com algumas ressalvas, uma data de construção "o templo romano de Évora foi com toda a probabilidade edificado no seculo II da era christã"[550]. Questionava a divindade a que era consagrado, mas não levantava qualquer hipótese, acrescentando ainda que as ordens atribuídas segundo Vitrúvio "parecem apenas directivas ou meras indicações"[551]. Para além disso, analisa metodicamente toda a sua tectónica e questionava-se sobre o aspecto não acabado do pódio.

> *"O envasamento ou pedestal continuo é feito de alvenaria, e, em contrario do que se poderia julgar pela perfeição das columnas e por outras congéneres de França ou Itália, não reveste o grande, médio ou pequeno aparelho, nem ainda o reticulado. É o opus incertum, como se encontra em construções mais vulgares. Todavia em vários pontos conservam-se restos de um cimento ou formigão hydraulico, que parece ter revestido todas as paredes. O serem tão poucos estes restos explica-se pelas restaurações que modernamente se fizeram em muitos logares, onde a continuação do ar húmido ou da chuva desaggregava as pedras exteriores. Similhante a este é o cimento que guarnecia os tanques adjacentes ao templo."*[552]

Esta observação sobre o acabamento do pódio é de extrema importância, tal como se verificou no capítulo anterior, as evidências arqueológicas apontam para que o pódio fosse todo revestido a argamassa, assim, a hipótese levantada é bastante visionária para a época.

546 A passagem do filósofo/médico Augusto Filippe Simões [1835-1884] por Évora foi marcante, já que foi o responsável pela organização do repositório epigráfico-arqueológico do Museu de Cenáculo (que propunha a sua instalação no Templo), o restauro do Templo de Diana, a reforma da Santa Casa da Misericórdia, a criação e dotação de um posto meteorológico e a beneficiação da Biblioteca Pública.

547 Augusto Filippe Simões (1870).

548 Augusto Filippe Simões (1869, p. 3).

549 Augusto Filippe Simões (1873, p. 156, notas 1 e 2).

550 Augusto Filippe Simões (1873, p. 168).

551 Augusto Filippe Simões (1873, p. 169).

552 Augusto Filippe Simões (1873, p. 166).

Em 1863, Filippe Simões tomava posse da direcção da Biblioteca Pública de Évora e o seu trabalho orientou-se, fundamentalmente, para a salvaguarda das antiguidades e o restauro do templo. Numa primeira fase o bibliotecário tenta recuperar o legado de Frei Manuel do Cenáculo e reúne toda a colecção disseminada de registos epigráficos, monumentos votivos, lápides, aras funerárias, cupas e fragmentos de estatuária romana. Para isso consegue a autorização do governo para transferir de Beja os últimos espécimenes[553], já escassos e muito danificados. Diligentemente recolhe também outros achados dispersos, por exemplo, as epígrafes que estavam na fachada dos Paços de Concelho na Praça (do Giraldo) e outras quatro que ainda restavam do jardim de antiguidades da casa que pertenceu a André de Resende.

> *"Chegaram as lapidas no mez de dezembro do anno passado [1867]. Não havia na bibliotheca logar para convenientemente se colocarem. Por outra parte, estando já algumas no templo de Diana e sendo este edifício propriíssimo para n'elle se depositar uma collecção archeologica, (…) pedi e obtive (…) precisa auctorisação para se collocarem n'aquelle recinto não só as lapidas que vieram de Beja, mas todas as que havia na bibliotheca e que por volumosas obstruiam os logares que occupavam. (…) foram todas as lapidas transportadas para dentro do templo."*[554]

E assim tentava concretizar o desejo de Cunha Rivara inventariando e depositando todos estes fragmentos da antiguidade no interior do mesmo edifício: o Templo, ensaiando o Museu do Cenáculo, no entanto, esta não era a solução mais adequada, pois a falta de medidas de conservação do edifício punha toda a colecção em risco. O avançado estado de degradação do Templo não permitia continuar a albergar a colecção. Assim, Filippe Simões diligentemente efectua um diagnóstico ao edifício, faz um reconhecimento das suas patologias e alerta para a necessidade urgente de uma intervenção. Alega que o peso das paredes medievais estava a carregar demasiado a arquitrave e as colunas. O telhado do recinto da torre tinha desabado. As fachadas nascente e poente apresentavam fissuras demasiado significativas, a sua ruína era iminente. Deste modo, o sédulo bibliotecário apresenta, a 27 de Fevereiro de 1869, o seu *Relatório á Cerca da Renovação do Museu Cenáculo*, dirigido a Visconde da Esperança, então Presidente da Câmara Municipal de Évora. Neste relatório apresenta as motivações para o dito restauro e elenca as peças pertencentes à Colecção do Cenáculo, desde a época pré-histórica, romana, dos godos, árabe, e "portugueza" fazendo-as corresponder com o *Album de Antiguidades Lusitanas e Luso Romanas: Lapides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence* [Códice CXXIX 1-14]. Dos achados da época romana, para além dos fragmentos de estátuas e das lápides, refere:

"36 – Fragmentos do cimento dos tanques que circumdavam o templo de Diana. Foram recolhidos na bibliotheca publica em 1863 quando se fizeram as obras já mencionadas.

553 "As pedras que ficaram em Beja estiveram primitivamente depositadas na egreja de S. Sisenando e por isso o collector denominara a collecção – *Museu Sisenando Cenaculo Pacense*. Todavia destinando-se há alguns anos esta egreja para servir de eschola, mudaram-se as pedras para o templo incompleto dos jesuitas. D'aqui por falta de resguardo, as foram roubando pouco e pouco, de sorte que de mais de cem objectos que continha a collecção não restaram senão treze." (Augusto Filippe Simões, 1869, p. 4).

554 Augusto Filippe Simões (1869, p. 4).

41 – Capitel romano (mármore branco com figuras humanas e de animaes. A. 0,m270.

42 – Capitel romano (mármore branco) com folhas de acantho. A. 0,m 255."[555]

O recuperar da imagem do templo é a sua questão primordial, despertado pelas teorias e práticas de restauro que começavam a ser implementadas em França e na Inglaterra, propôs que "[n]ão havia senão dois meios de prevenir tamanha perda: ou reparar as paredes arruinadas, ou demoli-las, deixando unicamente o que fosse obra romana"[556]. Dado o custo da reparação das paredes existentes, Filippe Simões defende o seu restauro, fundamentando que "não havendo n'elle coisa importante além da parte romana", a demolição de todo o restante era "a obra única e razoavelmente admissível"[557]. Propunha manter a colecção no Templo de Diana, no entanto, não é explícito na forma de o fazer pois ao retirar todos os acrescentos medievais a colecção ficaria sujeita à intempérie. Para este desígnio a contou com o apoio do arquitecto cenógrafo José Luigi Cinatti e dos engenheiros Caetano da Câmara Manuel e João Macário dos Santos.

No entanto, este Relatório ficará adormecido até ao mandato de Manuel de Paula da Rocha Vianna (1870 a 1871), que logo se mobilizou a favor da causa. Contudo, esta proposta de intervenção não era consensual, alguns eborenses defendiam a preservação do edifício na sua íntegra, assim a proposta foi alvo de uma discussão mais alargada. A convite de Manuel Rocha Vianna, vinte e dois especialistas[558], desde artistas, arqueólogos, arquitectos, historiadores, numa acérrima consciência cívica de participação pública, reflectiram em torno do edifício:

> *"O Sr. Presidente propoz que, estando o templo de Diana, o mais precioso monumento da gentilidade e de domínio romano que existe em Portugal, em perigo de ruina, como é sabido e sendo geral e bem fundada a opinião de que se evite essa ruina e se trate de conservar o que resta do templo pagão, se consultassem, sobre o modo de satisfazer estas necessidades as pessoas que, por sua illustração e conhecimentos especiais, teem mais autoridade para dar conselho sobre a obra, o concerto e demolição, que for preciso fazer. A Camara a approvou que se fizesse a consulta, ficando encarregado o Sr. Presidente de elaborar e dirigir às pessoas que para tal fim entendesse dever escolher."*[559]

Apesar de alguns pareceres dissonantes[560] a maioria concorda com a posição de Filippe Simões. Alexandre Herculano manifesta a sua opinião durante uma visita a Évora, e defendia também a demolição de todos acrescentos que não eram considerados da época romana.[561]

555 Augusto Filippe Simões (1869, p. 19).

556 Augusto Filippe Simões (1873, p. 188).

557 Augusto Filippe Simões (1869, p. 8).

558 Estes foram: Francisco d'Assis Rodrigues, Joaquim Possidónio Novais da Silva, António Aug.to Teixeira de Vasconcelos, Victor Bastos, José Cinatti, Visconde d'Allen, Marquês de Souza Holstein, José da Silva Mendes Leal, Alexandre Herculano, Abade de Castro, José Albano d'Abreu, António Feliciano de Castilho, Visconde de Juromenha, António da Silva Tullio, Luiz Augusto Rebelo da Silva, José Maria Eugénio d'Almeida, Conselheiro Feijó, João Correia Ayres de Campos, Francisco da Fonseca Correia Torres, Ignacio de Vilhena Barbosa, Manuel; Bernardes Lopes Fernandes e João Pires da Fonte.

559 (*Sessão do dia 17 de janeiro de 1870*, 1870, p. 43v-44).

560 Alguns destes pareceres estão transcritos em: António Francisco Barata (1878, p. 185-203).

561 "O Sr. Presidente declarou que, quando ha poucos dias esteve nesta cidade o sabio historiador, o Sr. Alexandre Herculano, lhe dissera que o dispensasse de responder por escripto á consulta que desta municipalidade recebera sobre o templo de Diana, mas que, com elle Presidente e com alguns cavalheiros desta cidade, entre eles o bibliothecario o Sr. dr. Filippe Simões, fora ver e examinar o templo, e lá mesmo declarou que autorisava o Sr. Presidente a dizer que era sua opinião que ali não devia ficar nada que não fosse primitivo e romano, porque tudo o mais não tinha merecimento algum histórico nem

Esta discussão foi precursora de um movimento sobre a conservação, preservação e salvaguarda de um monumento. A questão do programa não foi valorizada e o edifício permanece num estado de ruína. Das posições tomadas, pelos "ilustres cavalheiros", não houve nenhuma que se tenha atrevido na sua restituição.

> *"Mais do que reconstruído no estilo original, o templo foi recriado enquanto ruína, que na sua semi-existência arquitectónica era símbolo perfeito de um passado distante e irreversível."*[562]

A 17 de Junho de 1870[563] é deliberado o início da obra de restauro do Templo[564], ou melhor de desobstrução das paredes consideradas não romanas, sob a coordenação de José Cinatti[565]. Filippe Simões por motivos de saúde não acompanhará a obra até à sua conclusão e será substituído por António Francisco Barata[566]. É demolido o campanário, os merlões, as paredes de alvenaria que preenchiam os intercolúnios e todo o corpo a Sul, com os dois portais góticos. Durante a obra seriam retirados os elementos, considerados de valor histórico[567], que teriam sido reutilizados como matéria-prima para a construção das paredes e seria também realizada "uma sondagem no respectivo 'podium', de que se conserva ainda hoje a cicatriz, facto que permitiu retirar algumas conclusões sobre a sua construção."[568] Por iniciativa do arquitecto a arquitrave foi reforçada e colocada uma grade circundante ao lado sul para impedir o acesso ao público[569].

A colecção de lápides, cupas e outros registos epigráficos foi retirada e depositada no piso térreo do Palácio de D. Manuel, que também iria sofrer obras, integrado no Parque Público sob a direcção de José Cinatti. Mais tarde, em 1881, a colecção arqueológica deixa o Palácio e passa para a Biblioteca Pública.

A operação de restauro do templo foi intensamente divulgada e as suas práticas de intervenção acabaram por ser aceites e referenciadas. O programa não previa qualquer uso apenas e só de contemplação (à distância), onde nem a sua visita foi considerada, pois a colocação da grade impedia

artístico, e só proviria(?) servir de arrastar um dia, na sua ruina, o que era realmente precioso." (*Sessão do dia 9 de maio de 1870*, 1870, p. 71).

562 Paulo Simões Rodrigues e Ana Cardoso Matos (2007, p. 138).

563 Sobre a data exacta de início da obra há autores que defendem que foi em 1870 (Gabriel Pereira, 1901, p. 5), (Túlio Espanca, 1966a, p. 18), outros em 1871 (Augusto Filippe Simões, 1873, p. 190).

564 "A Camara deliberou que se começasse a restauração do Templo de Diana, em virtude de ter sido aprovada a consulta que o Sr. Presidente fizera sobre elle por grande número de pessoas ilustradas e competentíssimas; e porque se acha nesta cidade o Sr. José Cinatti que, entre ellas é das mais distinctas por sua arte, o qual obsequiaria e dedicadamente se promptifica a dirigi-la." (*Sessão do dia 17 de junho de 1870*, 1870, p. 78v).

565 Foi Cinatti que simbolicamente deu início à obra, subindo por uma escada e demolindo uma ameia gótica. "- Fui eu o primeiro a subir às ameias e a deitar abaixo as pedras novas! Dizia elle muitas vezes com enthusiasmo." (Jayme Batalha Reis, 1879, p. 131).

566 "Suppriu a nossa falta o sr. Antonio Francisco Barata que vigiou com o maior zêlo e dedicação o trabalho dos operários, obstando a que se perdessem ou estragassem tanto as lapides que estavam no recinto do templo, como as que se encontraram ao demolir as paredes e que deveriam ser guardadas" (Augusto Filippe Simões, 1873, p. 190).

567 "Durante a demolição, sempre vigiada dos srs. Simões, Vianna, ou pelo autor d'estas linhas, apareceram vestígios de construcções romanas: fustes, fragmentos de capiteis e de inscripções." (António Francisco Barata, 1878, p. 199, 200).

568 António Carlos Silva (1994-1995, p. 70).

569 Augusto Filippe Simões (1869, p. 9).

qualquer acesso. Trata-se de um monumento urbano cujo restauro esforçava-se por conciliar a conservação do património construído e a vontade de reabilitação do espaço público para a comunidade. Este, para além de fonte de saber, fazia parte do quotidiano, necessário à vida do presente. O passado começa a ser resgatado de forma concreta, "uma vez que se dirige directamente aos sentidos e a sensibilidade"[570].

O templo foi restaurado a um estado ruína. Antes fora um edifício, que albergou vários programas, agora torna-se uma evocação de um templo. Toda a polémica sobre o restauro do templo está sobejamente documentada através dos documentos escritos com os depoimentos e opiniões dos estudiosos da época. No entanto, houve um registo que falhou: o desenho, a arqueologia da arquitectura. Apesar de existirem registos fotográficos do antes e do depois desta obra, não há nenhum registo, nem referência a qualquer desenho ou levantamento arquitectónico.

Não se sabe até que ponto os vestígios do templo foram destruídos nesta operação de restauro. Mas percebe-se que, para além da remoção de elementos, também fora acrescentada matéria. Assim esta operação não consistiu apenas no retirar das paredes que se sobrepunham aos elementos de época romana. Observando as fotografias de época anterior ao restauro e analizando as diferenças de esteriotomia das pedras de revestimento do pódio verifica-se que as paredes do pódio referentes ao soco, dos lados nascente e poente, foram reconstituídas até ao alçado sul, ou seja, até ao limite das pedras da base do pódio. Apenas os silhares da base do pódio são originais, assim como a cornija que termina sensivelmente onde começa o restauro do soco. Assim a leitura que se tem hoje deste limite a sul foi criada pelo restauro. As pedras para reconstrução destes muros foram reaproveitadas, como é exemplo do bloco, a poente, com uma gravação de um possível tabuleiro de jogo[571]. Verifica-se com o restauro que toda a argamassa que ainda revestia o pódio foi retirada. Esta argamassa refere-se ao reboco que protegia as paredes do açougue e que teria um acabamento que evocava um desenho de alvenaria. Relativamente aos vestígios de armagasa romana, estes ainda são visíveis no pódio no encontro dos silhares da base com o soco.

Toda esta leitura do monumento é realizada através do desenho, num exercício de reconstituição da operação de restauro[572].

[570] Françoise Choay (2013, p. 21).

[571] Sobre este achado, consultar o artigo de Lídia Fernandes e Jorge Nuno Silva (2014). Agradece-se ao Arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos a generosidade da partilha desta curiosidade.

[572] Este exercício foi pela primeira vez ensaiado, pela autora, a partir do alçado norte em Mariana Martins de Carvalho (2018).

Ensaio . Templo século XX

[DESENHO I.46] Planta de cobertura das ruínas do Templo após o restauro iniciado a 17 de Junho de 1871.

Este desenho foi realizado a partir da planta actual do templo [DESENHO I.02], e a partir desta planta foram retirados os tambores [DESENHO XX.01-02], e o fragmento de um lintel (?) [DESENHO XX.20], que ainda não estariam depositados sobre o pódio. Sobre a estilóbata estaria possivelmente o fragmento da base de estátua. São desenhados os muros que prolongam o pódio até à fachada sul e um apontamento da grade que vedava o acesso ao templo. Os vestígios da fundação da grade foram encontrados nas primeiras sondagens a sul do templo.

[DESENHO I.47] Alçado norte do Templo após o restauro iniciado a 17 de Junho de 1871.

Percebe-se pelas fotografias do antes e do depois do restauro que o pódio da fachada norte foi alvo de uma operação de preenchimento de lacunas. Sobretudo na zona da escadaria que estaria adossada à fachada e na parte envolvida pelo Palácio da Inquisição.

[DESENHO I.48] Alçado poente do Templo após o restauro iniciado a 17 de Junho de 1871.

Tal como já se verificou, no restauro os muros do pódio do lado nascente e poente foram reconstituídos de forma quase imperceptível. A intenção de mimetizar o restauro no existente foi clara. Apesar disso é reconhecível no aparelho do soco uma ligeira diferença na alvenaria, esta é um pouco mais irregular e de menor dimensão, observa-se também que a cornija que remata o soco não foi reconstituída no restauro.
Desenha-se também o alçado da grade que envolvia a fachada sul do templo, segundo as evidências arqueológicas e as fotografias da época.

A comunicação da imagem do Monumento (de meados do século XIX ao início do século XX)

"Qualquer construção, independentemente do seu destino, pode ser promovida a monumento pelas novas técnicas de 'comunicação'."[573]

De José Cinatti, apesar de não se conhecer nenhuma representação do templo, sabe-se que praticava o desenho nos seus trabalhos de cenografia e nas suas telas com paisagens idealizadas. Este género apelidado "paisagens pitorescas" foi bastante divulgado no século XIX. A temática iconográfica variava entre paisagens naturais e rurais com apontamentos de edifícios clássicos em ruínas ou então panoramas mais urbanos. O monumento e os edifícios antigos "acolhiam novas determinações: implantação, pátina, formas fantásticas, sinais de um novo valor pitoresco"[574]. Esta preferência não se limitou às artes plásticas, mas levou mesmo à criação de falsas ruínas, para deleite das elites da época.

Em Évora, antes do restauro do templo, José Cinatti já nutria uma grande popularidade pelas suas ruínas fingidas do Passeio Público d' Évora, [IMAGEM 127], bem ao gosto da estética romântica "con un carácter escenográfico, una especie de estética de la degradación amansada."[575] Estas falsas ruínas são logo representadas nas revistas da época[576].

Para o programa de divulgação de desenhos das ruínas da antiguidade o templo romano corresponde plenamente a todos os preceitos românticos. As imagens proliferam não tanto de propaganda estética, mas sim de uma estratégia de intervenção de um edifício público desenvolvida à sua essência. O templo é matéria para uma "encenação sintética que o dota de um valor pictórico suplementar"[577]. Há uma percepção concreta do monumento, ligada à história, à representação que evoca o romantismo pitoresco, mas também a nossa história gravada no fragmento que restou.

Com o nascimento da imprensa periódica coincidindo com as novas técnicas de impressão (gravura, xilogravura, litografia), a reprodução dos desenhos dos vestígios da antiguidade tornou-se frequente.

"Desta maneira, os monumentos históricos passaram a figurar, permanentemente, nas publicações de vulgarização, dando-se conta, através da estampa, da litografia e da gravura em madeira, inúmeros edifícios, lugares pitorescos e paisagens portuguesas que o tempo e o homem nem sempre respeitaram na sua fisionomia, ambiência e integridade mais original."[578]

573 Françoise Choay (2013, p. 22).

574 Françoise Choay (2013, p. 142).

575 Maria Cátedra (2011, p. 325).

576 São disso exemplo o artigo elogioso, de Augusto Filippe Simões, sobre a personalidade e obra de José Cinatti, onde aparece publicada uma gravura de Alberto sobre desenho de Joaquim Sebastião Limpo Esquivel (Augusto Filippe Simões, 1868, p. 281) e também outra gravura de Alberto, esta sobre fotografia aparece publicada no artigo de Jayme Batalha Reis (1879, p. 130, 131).

577 Françoise Choay (2013, p. 141).

578 Túlio Espanca (1966b, p. 127).

Na década de 30, dá-se início ao movimento iconográfico do Templo com o aparecimento da xilogravura. Esta técnica foi amplamente divulgada e reproduzida por variadíssimos autores, sobretudo para publicações em periódicos. No entanto, por vezes, no decorrer dessas reproduções a fidelidade ao original ia-se perdendo. É por isso que aparecem imagens do templo como se tivesse uma galeria norte de acesso. Este equívoco acontece pela representação das aberturas junto dos capitéis que se confundem com a sombra de um plano horizontal ao nível da arquitrave. Tal como acontece com todos os edifícios envolventes que são bastante inventados nestas representações. Uma destas gravuras [IMAGEM 128] foi publicada repetidas vezes em semanários e revistas internacionais, como, por exemplo, em *The Penny Magazine*; apesar da invenção da imagem, o texto é rigoroso e põe em causa antigas glórias de Sertório, facto que muitos autores portugueses ainda não aceitavam, "Perhaps a more reasonable supposition would be, that the temple was built about a century later, under the Roman emperors, when the arts were in a very advanced state"[579]. Um ano depois a mesma gravura é reproduzida na primeira revista ilustrada de Espanha *El Instructor*, o artigo é praticamente a tradução do inglês, no entanto, acrescenta algumas considerações importantes para a história do templo, dizendo que se trata de uma obra de Trajano ou de Adriano, "los que siendo Españoles de nacimiento, tendrian mas interes en las obras públicas de su país"[580]. Ainda que apoiada também numa visão patriótica, a atribuição a Quinto Sertório começa a desaparecer. Só a 8 de Abril de 1837 é que esta gravura é publicada em Portugal, no *Archivo Popular*[581], um longo artigo que levanta algumas dúvidas relativamente à obra de Sertório, mas não a considera da época imperial, refere também os acrescentos posteriores "A parte que coroa o entablamento, he evidentemente obra muito mais moderna; tem a fórmula das fortificações orientaes, e sem dúvida he huma adição que lhe fizeram os mouros"[582]. Dois meses depois a mesma gravura é publicada num artigo mais resumido no *Semanário Pintoresco*, espanhol, com uma clara referência aos imperadores romanos.

As dúvidas relativas à sua "fábrica" começam a ser paulatinamente esclarecidas, agora a sua divindade ainda levantava muitas hipóteses; numa carta publicada na *Revista Universal Lisbonense*[583], o Prelado de Beja afirma, baseando-se em reflexões "de sábios antiquários estrangeiros", que os templos coríntios eram destinados aos deuses e os jónicos às deusas assim sendo este não poderia ser dedicado a Diana, princípio que vai permanecer alguns anos.

As revistas da época *Archivo Pittoresco*, *O Occidente*, *O Panorama*, *Artes e Letras*, tiveram um papel primordial na divulgação e sensibilização da sociedade para a importância da preservação do património arqueológico, os artistas e os gravadores foram fundamentais nessa conquista mesmo antes da introdução da fotografia. Nas tipografias destas revistas funcionavam escolas-atelier, como aconteceu no *Archivo Pittoresco*, onde o mestre Nogueira da Silva formou muitos desenhadores e gravadores como João Barbosa de Lima, especializado em paisagens, monumentos e ruínas. Este desenhador, juntamente com o gravador João Maria Baptista Coelho Júnior, realizaram uma das

579 (Ancient Roman Temple at Evora, 1835, p. 218).
580 (Ruinas de Portugal, 1836, p. 170).
581 (Templo Romano em Évora, 1837).
582 (Templo Romano em Évora, 1837, p. 10).
583 António Feliciano de Castilho e José Maria da Silva Leal (1844, p. 430).

gravuras mais célebres e difundidas do templo romano [IMAGEM 126]. Esta gravura, divulgada pouco antes da sua desobstrução, dá continuidade ao movimento iconográfico das ruínas do templo de Évora. Dezassete anos depois uma curiosa gravura de "Alberto", [IMAGEM 129], Caetano Alberto da Silva [1843-1924], é publicada no *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*[584]; esta, praticamente igual à anterior, mas sem o muro ameado nem o campanário sobre a arquitrave, poderá corresponder a uma fase da demolição, apesar das pedras do friso não estarem representadas.

A evolução do conhecimento científico e arqueológico vai de algum modo ilustrando os apontamentos das revistas e os autores tornam-se mais críticos relativamente às fontes. Em 1873 no artigo de Augusto Filippe Simões[585] é possível ver uma gravura do lado sul [IMAGEM 130] e outra, bastante detalhada, do lado norte desenhada por Bordalo Pinheiro, [IMAGEM 131]. Esta mesma gravura também aparecerá, cinco anos depois, no lúcido artigo de Gabriel Pereira "O Templo Romano de Évora (Carta a Joaquim d'Araújo)"[586]. Gabriel Pereira[587] publicará, mais tarde, um artigo mais robusto[588] sobre o templo, no *Boletim da Real Asociação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, acompanhado de uma pequena gravura do lado sul do templo. Este autor também contribuirá bastante para a salvaguarda do património e foi precursor de muitas das práticas relativamente ao património hoje defendidas, sobretudo na importância dada ao registo: "quando for indispensável mexer ou alterar, tirar antes da obra, fotografia, plantas, alçados, todas as representações gráficas possíveis."[589]

As vistas do lado sul do templo apesar de raras também vão aparecendo, nas revistas da época, como acontece na revista *O Occidente*[590], [IMAGEM 132], numa gravura realizada a partir de fotografia de José Augusto de Oliveira. A fotografia começa a contaminar as páginas das revistas ilustradas substituindo aos poucos a gravura, como esta [IMAGEM 133] publicada, na primeira página, numa saudosa notícia do *Jornal do Povo*[591], em Junho de 1923, por ocasião da feira de S. João e S. Pedro:

> *"As suas pedras, enegrecidas pelo tempo, dizem-nos tudo quanto se encerra em vinte seculos de historia da nossa terra. Se as interrogarmos elas contar-nos-hão lindas tragedias de amôr, embaladoras lendas de moiras encantadas,*

584 F. A. Rodrigues de Gusmão (1877, p. 6). Este artigo de Rodrigues de Gusmão é uma apresentação do livro *Noções Elementares de Archeologia*, de Narciso da Silva, que será publicado no ano seguinte. É transcrito o capítulo sobre os Templos Romanos que remata com o 'Templo de Diana' que Narciso da Silva classifica como pseudo-períptero, mas na edição do livro essa classificação será retirada.

585 Augusto Filippe Simões (1873, p. 157).

586 Gabriel Pereira (1878, p. 108).

587 Gabriel Pereira era ele próprio um exímio desenhador; em Évora desenha a torre do Cruzeiro da Catedral, a janela da casa Garcia de Resende, mas infelizmente não chegou a concluir o desenho do templo, representando apenas um esboço do *podium*.

588 Gabriel Pereira (1883).

589 Gabriel Pereira (1895).

590 (As nossas gravuras: O Templo de Diana em Évora, 1890).

591 Agradece-se à Dra. Ana Miranda, técnica da secção dos reservados da Biblioteca Pública de Évora, a apresentação desta referência, em Agosto de 2015, e toda a dedicação diligente a todas as questões que colocámos sobre a proveniência das imagens.

historias de cavaleiros denodados (…); e dir nos-hão de que rija tempera eram formados os caracteres dos nossos antepassados (…)"[592]

Todas estas imagens contribuíram para, tal como referia Françoise Choay, a "semantização do monumento-sinal"[593]. A difusão da imagem do monumento ao mesmo tempo que a banalizava tornava-a acessível e possível de ser apropriada pela memória. As gravuras, fotografias e desenhos do templo produziram uma consciência colectiva sobre o valor simbólico desta estrutura. A mediação destas imagens, a sua circulação nas revistas ilustradas e em periódicos, permitiram que o debate público sobre a salvaguarda do património arqueológico se alargasse. Esta difusão surge num momento crítico e torna visível e premente a questão do restauro dos monumentos.

Em 1895, em Évora, proclamava-se a conservação das "riquezas archeologicas":

"Em vista de tam nobres exemplos é d'esperar que mais alguma cousa se faça para a conservação das riquezas archologicas que esta cidade ainda possue e para que não se perca o conhecimento dos logares."[594]

Em finais de 1895 publica-se, no *Diário d'Evora*, a transcrição do texto de Ignacio Vilhena Barbosa, retirado do *Boletim de Architectura e Archeologia*, onde elenca algumas razões para a negligência do património: "As convulsões do solo, a pouca illustração dos reedificadores, e modernamente a sanha brutal dos demolidores, teem destruído ou desfigurado muitas d'essas auctorisadas testemunhas dos tempos heroicos de Portugal." E aponta severas críticas ao poder público: "Os poderes públicos ainda não prestam aos nossos monumentos toda a atenção e vigilante solicitude que, para a sua conservação, eles demandam." Refere também que é necessário considerar não só ditos "monumentos comemorativos dos grandes factos históricos", mas também todos os outros que apresentem interesse.

Em 1916 é criada uma comissão de defesa do património arquitectónico e arqueológico de Évora. Esta comissão é formada por individualidades eborenses e sócios da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Estes proclamam a conservação dos monumentos, da arquitectura corrente, da paisagem, da toponímia, das técnicas de construção, usos e costumes tradicionais; promovem o turismo e o ressurgimento das artes e manufacturas locais e destacam a importância da representação, da imagem quando promovem a elaboração de um catálogo ilustrado que traduza e valorize as peças expostas e, também, quando referem a publicação de um "*Guia ilustrado da cidade de Evora*, de series de bilhetes postais, cartazes de propaganda, monografias dos monumentos, (…)"[595]. Verifica-se, assim, que cada vez mais a percepção da importância do registo na comunicação e salvaguarda do monumento é praticada e valorizada.

592 A. Q. (1923, p. 1).
593 Françoise Choay (2013, p. 22).
594 M. (1895).
595 José Pessanha *et al.* (1916, p. 9).

PARTE III

•

O ENSAIO

A CONSTRUÇÃO DE UM (NOVO) DOCUMENTO

"O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/ monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento do campo da memória para o da ciência histórica."[596]

O desenho de interpretação é o método que conduz à *invenção* de uma hipótese conjectural, construída a partir da objectivação do conhecimento: "[a] produção do novo tem de significar uma desconstrução e uma reconstrução de elementos de estruturas precedentes – mas nesse processo a reconstrução engendra efeitos inesperados ou imprevisíveis."[597] Esta é a fase da conjectura, do levantamento das hipóteses, um processo que, para além da arqueologia, remete também para a história. Deste modo, toda a operação deverá ser fundamentada pelos ensinamentos da arquitectura clássica, da tratadística e também pelo domínio do desenho, para conferir o rigor científico e o argumento à interpretação.

Este método permite formular e esclarecer questões e expor novas "hipóteses interpretativas". Todo o progresso da história é feito deste modo entre a razão e a "ousadia da imaginação", tal como referiu José Mattoso[598].

Assim, o desenho de interpretação está entre o real e o conjectural, nunca será "verdade", mas apenas um ensaio de representação apoiado num rigoroso estudo e conhecimento sobre o vestígio. Este apresenta os dados conhecidos: os elementos, as peças e os fragmentos, mas o saber, a prática conciliada com a intuição e a dedução terão de procurar os dados escondidos e destruídos.

Um desenho de interpretação é uma operação que procura o levantamento das partes não visíveis, contribuindo para o conhecimento histórico e para a leitura da forma arquitectónica; integra três componentes: as estruturas visíveis, os vestígios descontextualizados ou musealizados e a parte que é necessário adicionar e imaginar.

Depois de estarem reunidos todos os dados de campo é possível reflectir sobre a interpretação do vestígio, este é o momento em que arqueólogos, historiadores, arquitectos e ilustradores e outros agentes ligados ao património arqueológico constroem hipóteses de interpretação, suportados pelos vestígios, o lugar e a paisagem. A interpretação "implica diálogo de arquitecto com arqueólogo: este poderá ter de voltar ao sítio, porque não se lembrou de observar um pormenor que o arquitecto agora considera relevante para imaginar o edifício, ou o arquitecto pode ter que rever o desenho porque o arqueólogo considera que os dados observados em escavação não consentem determinada proposta de reconstituição."[599] A arquitectura pode, também assim, oferecer dados importantes à arqueologia no sentido de indicar locais onde podem conter vestígios; estes dados são essenciais principalmente em contexto urbano, onde a escavação é limitada. A arquitectura tem a capacidade de lançar pistas,

596 Jacques Le Goff (1984, p. 104).
597 Fernando Gil (1984, p. 175).
598 José Mattoso (2007, p. 18).
599 Jorge de Alarcão (2011, p. 12).

de formular hipóteses, relativamente às lógicas de organização do espaço, que posteriormente terão de ser verificadas e validadas pela arqueologia.

É essencial pensar na contribuição do arquitecto, pois há que considerar a sua capacidade de questionar, interpretar e pensar as soluções do ponto de vista compositivo e técnico. A interpretação rege-se por um raciocínio hipotético-dedutivo, de lançamento de hipóteses. O arquitecto trabalha com a intuição e há um momento na interpretação, em que "projecta" sobre o vestígio, e pensa na sua reconstituição numa lógica compositiva e construtiva. E é nesse momento que o desenho se expressa da forma mais autêntica possível, tentando acrescentar informação ao objecto para além da evidência.

A interpretação em contexto urbano inicia-se no reconhecimento de cada estrutura, do edifício, e se houver dados suficientes poderá alargar-se à especulação sobre a cidade; para isso é necessário conhecer a sua topografia, paisagem, para compreender o seu projecto urbano, implantação, orientação, acessos, … É necessário também verificar modelos de natureza semelhante e verificar, na morfologia urbana e tecido actual, pistas para tentar reconhecer um possível traçado romano.

O conhecimento sobre a organização do espaço urbano e a construção do edifício é também do domínio da arquitectura e esse conhecimento é fundamental para que os vestígios se tornem inteligíveis. Os arqueólogos contribuem com o seu conhecimento sobre o reconhecimento, inventariação e datação das estruturas e materiais encontrados, os historiadores com estudo e interpretação das estruturas e o arquitecto complementa todos esses dados conformando possíveis formas a partir das estruturas.

> *"Conviene, por tanto, recuperar el dominio de la gramática del lenguaje si queremos ser rigurosos a la hora de enfrentarnos a la reconstrucción del pasado, especialmente si lo hacemos a partir de los restos materiales de su arquitectura."*[600]

As gramáticas do desenho de reconstituição

Um desenho de interpretação deve garantir sempre a veracidade das estruturas encontradas, mas deve ser consciente das suas lacunas e do grau de 'invenção' a que são sujeitas; espera-se que seja realizado de forma sensata, consciente da tectónica dos materiais e da composição espacial: "[r]econstructions of buildings are too often cursorily done, with little thought and research given to the archaeological evidence, the nature and date of the building, the functions of different parts of the building, parallels form other sites, and the architectural validity of the reconstruction."[601]

Há que saber trabalhar os graus de incerteza pois, à medida que edifício se vai 'construindo', a dúvida vai crescendo. Quando os dados para reconstituição não são suficientes, há que deixar espaço para a interrogação, deixando a estrutura por completar. E se os dados não forem conclusivos poderá equacionar-se testar várias hipóteses de reconstituição. Considera-se um desenho sempre em aberto pois tem de estar preparado para a introdução de novos dados da arqueologia. Este contribui para o

600 Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría (2014, p. 16).

601 Lesley Adkins e Roy A. Adkins (2009, p. 137).

conhecimento do sítio e da própria arqueologia, pois pode incentivar a realização de uma escavação em determinado lugar para comprovar uma hipótese: "[w]hatever the amount of evidence, it is usually worthwhile attempting a reconstruction, since this can lead to new ideas and highlight problems, which in turn will raise standards of excavation and research."[602]

Importa contextualizar o desenho de interpretação no chamado desenho de 'reconstituição'[603]. Considera-se que o desenho de reconstituição abrange vários tipos de desenho. É um desenho de trabalho e de pesquisa sobre o objecto arqueológico. Um desenho de processo/projecto de reconstituição da estrutura arqueológica. Um desenho de pensamento sobre o espaço e sobre a sua materialização. É um desenho de 'restituição' que por vezes é apelidado de 'reconstrução'[604]. Este poderá evoluir para meios mais alargados de divulgação tornando-se um desenho de comunicação, onde a 'simulação', a 'recreação' e 'projecção' são trabalhadas.

Em termos gerais uma interpretação de uma estrutura ou edifício segue um método geométrico, poderá ser uma reconstituição a partir da projecção ortogonal: plantas, cortes e alçados; poderá também ser testada a partir de vistas a três dimensões. Uma construção tridimensional potencia um maior realismo no tratamento do objecto. Pode ser dada através de uma projecção cavaleira ou axonométrica (isométrica e dimétrica). Estas projecções[605] potenciam vistas seccionadas, tal como executou Jean-Claude Golvin em *Conimbriga* [IMAGEM 134]. Considera-se Jean-Claude Golvin a referência neste campo da interpretação, com um trabalho considerável[606], especializou-se no estudo dos anfiteatros e desenhou inúmeras vistas aéreas, a aguarela, de cidades romanas. O seu contributo foi fundamental para o iniciar de uma consciência, fundamentada sobre uma base científica, do desenho de interpretação de estruturas antigas.

Ao desenhar uma reconstituição deve ter-se o cuidado de colocar os elementos envolventes um pouco afastados para não cobrir o edifício, ou então colocá-los em sítios propositados para esconder determinada parte que não se conhece, tal como fazia a arquitecta Sheila Gibson[607]: "Instead of, almost in antithesis to, the artist's impression she has broadcast the virtues of the axonometric projection, where there is no escaping the 'difficult bits' by hiding them in a cloud of smoke – though as she confesses, it is sometimes desirable to choose a particular angle and plant the odd tree!"[608]

602 Lesley Adkins e Roy A. Adkins (2009, p. 133).

603 "Reconstituir: constituir, formar de novo, reorganizar, restabelecer", (António Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco, José Augusto Assis de Almeida, João Malaca Casteleiro, 2003, p. 3111).

604 Lesley Adkins e Roy Adkins chamam-lhe de 'reconstrução' apesar de levantarem a discussão sobre o termo (Lesley Adkins, Roy A. Adkins, 2009, p. 131). Considera-se o termo "reconstituição" mais adequado, tal como foi utilizado por Fernanda Sousa no seu manual e por José Luís Madeira.

605 Para mais informação, consultar Lesley Adkins e Roy A. Adkins (2009, p. 139-145) e José Luís Madeira (2013, p. 74-75).

606 Todo o espólio de Jean-Claude Golvin, mais de mil desenhos e esquiços, encontra-se em acervo no *Museé de l'Arles Antique*, França.

607 O talento de Sheila Gibson foi reconhecido por muitos autores, desde Nikolaus Pevsner e John Ward-Perkins, os seus desenhos, na maioria axonometrias, foram capazes de aliar um profundo conhecimento da arquitectura com uma grande perícia técnica. São desenhos lineares com pouco detalhe, mas bastantes expressivos.

608 (*Architecture&Archaeology. The Work of Sheila Gibson*, 1991).

Há que também ter em conta, ao realizar um trabalho de reconstituição, que a cidade não é um tabuleiro onde se colocam peças solitárias. Reconstituições de sítios arqueológicos reconhecidos facilmente incorrem nestes erros de interpretação. Estas reconstituições iludem os seus observadores, a cidade antiga implantava-se num vasto território, a malha urbana continuava por entre os edifícios monumentais, e estes não existiam como um apontamento isolado por entre o arvoredo. A cidade da antiguidade é pensada com um projecto urbano claro, de clara representatividade dos edifícios públicos, mas com todas as outras estruturas necessárias à sua vivência.

Hoje, com a utilização dos programas de renderização os meios tradicionais, analógicos, já não são tão utilizados, no entanto, podem por vezes ser combinados entre si. Os meios digitais potenciam outro tipo de imagem e de dinâmica visual. A introdução das novas tecnologias veio dar um grande impulso na exploração dos métodos de representação. Actualmente o campo da ilustração extravasa o suporte do papel. Assim, a escolha dos meios e das ferramentas de desenho, é fundamental porque deve-se ter em conta a evolução do conhecimento sobre a estrutura arqueológica, ou seja, deve permitir a inserção de novos dados da arqueologia, entretanto descobertos. O carácter "acabado" do desenho é apenas o resultado da interpretação realizada até à data, que poderá ser modificado a qualquer momento. Considera-se o desenho de comunicação, um apontamento, sempre em aberto, disponível para receber novos dados; não deverá ter a pretensão de ser fechado pois facilmente se desconstrói. É nesse ponto onde a maleabilidade dos novos meios apresentam a sua mais-valia pois permitem esse constante ajustamento.

Atualmente este tipo de imagem é bastante procurada e fomentada, em contexto arqueológico, tanto em suporte fotográfico como em vídeo, tal como refere a Carta de Cracóvia: "Para a protecção e apresentação pública de sítios arqueológicos deve encorajar-se: o recurso a técnicas modernas; a criação de bancos de dados; a utilização de sistemas de informação e a utilização de técnicas de apresentação virtual dos sítios."[609] A sua utilização e os seus desígnios são diversos, desde painéis informativos para um sítio arqueológico, exposições, museus, media (documentários e periódicos), folhetos informativos, divulgação de escavações, publicações (especializadas, guias, manuais). Poderá ser promovida pelo meio académico, ou por entidades culturais desde Direcções de Cultura, Centros Interpretativos, Museus, pode também ser utilizada para corroborar estudos arqueológicos sobre determinado edifício, ex: "*Forum de Aeminium*"[610]; ou para divulgar uma descoberta arqueológica importante, ex: "*Fundeadouro Romano em Olisipo. O Porto de Lisboa em época romana*"[611]. Existem várias formas de representar e divulgar, de uma forma mais dinâmica e abrangente, os modelos 3D (analógicos ou virtuais) da arquitectura interpretada; através, entre outros, de *écrans* interactivos, vídeos, vistas panorâmicas, etc.

609 (Carta de Cracóvia. Princípios para a conservação e o restauro de Património construído, 2000).

610 Jorge de Alarcão *et al.* (2009).

611 Trata-se de documentário histórico da autoria de Raul Lousada que foi realizado e promovido pela *Time Land Films Portugal* em parceria com a ERA Arqueologia SA e o projecto "Portugal Romano", em 2017.

Independentemente da sua aplicação este desenho deverá ser realizado por autores especializados e conhecedores da arquitectura clássica e do vestígio a reconstituir. Para orientar os processos de reconstituição têm surgido documentos que elencam um conjunto de princípios e recomendações, para assegurar o rigor científico do trabalho de reconstituição virtual do património arquitectónico, arqueológico e cultural. Destacam-se duas directrizes importantes: a 'Carta de Londres'[612] e os 'Princípios de Sevilha'[613], estes orientados para o campo da arqueologia virtual. Relativamente ao método de trabalho, nos projectos tridimensionais têm sido adoptadas 'escada de incerteza', que traduzem, através de várias cores, o grau de conjectura do modelo reconstituído. Apesar das tentativas este método apresenta alguns problemas e não tem sido tão recorrentemente utilizado[614].

O desenho como instrumento

Neste trabalho considerou-se o desenho como instrumento para a construção desse entendimento, de uma cidade completa e complexa onde os espaços desconhecidos não podem ser preenchidos nas suas reconstituições com árvores e espaços ditos verdes; são espaço urbano, quarteirões para habitação, serviços e comércio, que sustentam a necessidade de equipamentos públicos.

É essa tentativa de apontamento que se ensaia em Évora, a partir das centenas de desenhos de registo[615] recolhidos e de uma gramática previamente estipulada, verificam-se hipóteses de traçado e interpretações do edificado. São interpretações possíveis de acordo com os indícios. Procura-se distinguir o que é evidência arqueológica e o que é conjectura; esta percepção poderá ser dada pelo tipo de linha, trama, ou através de uma legenda detalhada, mas essas opções dependem do tipo de desenho[616]. É um desenho técnico não tão focado no resultado, mas no processo para a construção do 'monumento'. Neste estudo é dada primazia ao desenho linear composto por: planta, corte e alçado, na expectativa que estes sejam depois interpretados e analisados pela comunidade que se dedica ao desenho de exposição e de divulgação. Não se pretende, neste trabalho, formalizar uma hipótese de interpretação fechada; pretende-se que esta seja matéria para futuros estudos sobre este complexo.

As soluções de 'ordenação'[617] deste equipamento podem apresentar diferentes variações. No caso de Évora conhecem-se alguns dados que permitem reconhecer modelos que facilitam a sua interpretação. Neste modo, é evidente a separação existente entre o espaço sagrado e a zona pública

612 (Carta de Londres para a visualização computorizada do Património Cultural, 2014).

613 (Los principios de Sevilla. Principios Internacionales de la arqueología virtual, 2017).

614 Fabrizio I. Apollonio, Federico Fallavollita e Riccardo Foschi (2021).

615 As tentativas de reconstituição existentes em relatórios são muito escassas, foram apenas encontradas nos relatórios do templo, da autoria de Pedro Fialho de Sousa.

616 Sobre as diferentes formas de representação como ferramenta de interpretação foi já realizado um exercício relativo à área sacra do *forum* de Évora em Mariana Martins de Carvalho (2019).

617 No sentido vitruviano '*ordinatio*', que se define "como a justa proporção na medida das partes da obra consideradas separadamente e, numa visão de totalidade, a comparação proporcional tendo em vista a comensurabilidade. É harmonizada pela quantidade, (…). Esta, por sua vez, consiste em tomar módulos de porções da própria obra e na execução da totalidade desta, com base cada uma das partes dos seus membros." Vitrúvio (I, II, 2.), (Vitrúvio, 2009, p. 37).

através de um muro com pilastras que reforça essa diferença de usos. Relativamente à basílica não há dados sobre a sua localização; se, eventualmente, se tratasse de um *forum* com uma configuração tripartida esta poderia coincidir com o espaço da catedral, a sul.

A arquitectura romana apresenta alguma "vantagem" na sua interpretação dado obedecer a cânones tipológicos e construtivos conhecidos. Deste modo, é necessário possuir este conhecimento da história da arquitectura clássica, de reconhecimento dos seus modelos e aplicação dos mesmos, mas com as devidas ressalvas: pois apesar da rigidez tratadística esta podia perfeitamente ser ajustada à especificidade do lugar e às suas condicionantes técnicas, tal como refere Jorge de Alarcão:

> *"Vitrúvio escreveu o seu tratado no tempo de Augusto – e a arquitectura romana evoluiu muito ao longo da história romana subsequente. Vitrúvio é um manualista – e os arquitectos romanos não foram todos obedientes discípulos, sem imaginação própria, sem originalidade. Vitrúvio privilegiou um estilo helenístico – e a arquitectura romana manteve tradições históricas e especificidades regionais que aquele tratado não completou. O arquitecto que assume o encargo de imaginar como seria um edifício romano hoje em ruínas tem de saber muito de história da arquitectura antiga (e da tecnologia da construção daquele tempo)."*[618]

Partindo deste ponto procura-se agora adequar estes preceitos ao nosso objecto e alargá-lo ao *forum*. Realiza-se uma tentativa de reconstituição apoiada noutros exemplos; iniciando-se na zona sacra, tenta-se encontrar uma proporção para os pórticos e desenho do muro de pilastras, seguida da zona secular onde, para além da reconstituição dos pórticos, se faz também um breve ensaio sobre uma possível implantação da basílica recorrendo também a Vitrúvio e outras referências. Tenta-se encontrar a configuração do *forum* partindo da área sacra e da interpretação já realizada por Theodor Hauschild. Aponta-se uma possível área secular um pouco mais consolidada pelas escavações entretanto ocorridas no interior do Museu. Pretende-se assim uma imagem do *forum* mais esclarecida e suportada pelas várias fontes disponíveis até à data.

O conhecimento sobre o *forum* de Évora estará sempre limitado até à realização de novas escavações, estas bastante condicionadas pelo contexto urbano actual. Situações semelhantes acontecem noutras cidade consolidadas cujo conhecimento está sempre a ser incrementado como acontece, por exemplo, em Mérida com a descobertas relacionadas com o *forum* provincial, em *Pax Julia* (Beja) com as escavações recentes no Templo de Tibério[619] [IMAGEM 135], e também em *Barcino* (Barcelona), onde se sabe que o *forum* estaria numa posição central, pela localização dos vestígios do Templo de Augusto, no entanto, não há certezas sobre a sua implantação, havendo até hipóteses bem contraditórias[620].

618 Jorge de Alarcão (2011, p. 12).

619 Escavações integradas no projecto "Arqueologia das Cidades de Beja", promovido pelo Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, da Universidade de Coimbra (https://arqueologiadascidadesdebeja.pt/).

620 Como é exemplo uma proposta arriscada e controversa dos autores Hector A. Orengo e Ada Cortés (2014), onde levantam a hipótese de implantar o templo a 90º da orientação dita tradicional.

A interpretação nestes contextos suporta-se num exercício de *intuição arqueológica*[621]: trabalha-se, deste modo, com a hipótese e os dados disponíveis à data, para que depois possam ser corroboradas ou corrigidas com novos dados das escavações.

Neste processo considera-se, assim, fundamental que o arquitecto acompanhe todo o processo de exumação e análise das estruturas para poder interpretar a forma como estas foram transformadas/ destruídas e reverter este conhecimento para uma possível reconstituição.

[621] Termo utilizado por Julia Beltrán de Heredia Bercero (2015, p. 127), relativamente à interpretação da cidade de *Barcino*.

O (LABORATÓRIO DE) ENSAIO

"No es suficiente por ejemplo conocer la obra de Vitruvio para entender la arquitectura romana. El amplio repertorio de formas, la tipología de los distintos grupos de edificios con sus peculiaridades provinciales hace necesario el conocimiento directo de los monumentos del imperio romano, si tiene el arquitecto la posibilidad de viajar. Creo que con estos datos y exigencias está suficientemente enmarcado el trabajo de un arquitecto en las excavaciones arqueológicas. Aunque quedan muchas posibilidades para la ampliación de los conocimientos en otros sectores que los suyos."[622]

Partindo dos conhecimentos apreendidos sobre a história e a iconografia da cidade antiga, da arquitectura monumental romana, à escala das províncias ibéricas, e da análise dos registos e relatórios de escavação realizados até à data, bem como o reconhecimento das reconstituições conhecidas, procurar-se-á traçar algumas hipóteses de reconstituição da configuração espacial do complexo forense. Neste ensaio, estabelecem-se análises tipológicas e comparativas dos vestígios, procurando elaborar, deste modo, um documento gráfico com possíveis hipóteses de interpretação do *forum*.

Nessa operação, será necessário confrontar o Templo e sua implantação, com outros complexos arquitectónicos localizados especialmente na Hispânia, tentando encontrar aqueles que sugerem características e soluções semelhantes, adequadas às técnicas construtivas locais protagonizadas na época.

Tratando-se de um exemplo de estudo particular, pois está integrado numa cidade consolidada e não num sítio arqueológico escavado, o desafio será ainda mais especulativo, de levantamento de hipóteses possíveis.

O projecto para uma (nova) cidade

Numa primeira aproximação à cidade verifica-se que estruturas monumentais, como a Sé e o Claustro, o antigo Paço Arquiepiscopal, a ampliação do Palácio da Inquisição e os Paços do Concelho, parecem obedecer ao traçado romano. Esta permanência enfatiza a importância do traçado romano no desenvolvimento e transformação do tecido urbano ao longo dos séculos. O convento dos Lóios revela-se como das poucas edificações, de maior relevância, que desafia essa ortogonalidade.

O registo alargado dos vestígios arqueológicos relativos aos períodos mais decisivos do ponto de vista histórico da cidade, realizado na Parte I, sobre a planta actual, possibilitou uma análise mais esclarecida e abrangente dos vestígios. Este registo não existe apenas em planta, mas é composto por uma sucessão de camadas que tendencialmente vão atingindo cotas mais elevadas chegando ao traçado actual.

A ideia de cidade a partir do fragmento é algo muito evidente em Évora. Essa aproximação ao fragmento e simultaneamente ao construído potenciou uma leitura clara sobre esta área tão continuamente transformada.

[622] Theodor Hauschild (1981a, p. 152).

"Este caso de Évora é excepcional apenas pela evidência da leitura, dado que todos os tecidos contêm as marcas de um processo sedimentar, incluindo os casos de desenvolvimento mais recente em novas áreas urbanas, onde é possível verificar como marcar mais evidentes antigos percursos e estruturas parcelares."[623]

O olhar foca-se agora sobre os vestígios de época romana, no entanto, todos os restantes vestígios não podem ser descurados nesta análise. A área monumental permite uma aproximação de escala e o estudo da reutilização sucessiva deste espaço, verificando as permanências e os abandonos, relativos à estrutura forense.

O projecto do *forum* representava um enorme investimento, tratava-se de uma operação urbanística de grande envergadura, que eventualmente iria sofrendo obras sucessivas. Em *Conimbriga*, por exemplo, percebe-se a sucessão entre construído/demolido na zona monumental da cidade. Neste caso, as sucessivas transformações do complexo forense implicaram uma série de demolições e expropriações de um antigo bairro indígena. Em Évora foram encontrados alguns materiais de época republicana e augustana durante as escavações do Museu, como foi o caso da 'sondagem 206 (1997)'[624]. A presença de adobes em grande quantidade, associados a materiais republicanos e da época de Augusto, revela a existência de construções anteriores, que foram demolidas para construção do *forum*. Esta hipótese é corroborada na 'vala 1 (2007)'[625], realizada no pátio do Museu de Évora, a partir de uma estrutura em L, encontrada abaixo da cota de argamassa de assentamento das lajetas da praça do *forum*. Este muro constata a transformação urbana a que este complexo foi sujeito. Infelizmente este vestígio não é suficientemente esclarecedor para perceber qual a configuração desse edifício anterior à praça. No entanto, é revelador da existência de diferentes fases de projecto, deste grande complexo que compreendia a construção de um criptopórtico na cabeceira e outro na zona pública, controlando assim toda a pendente que se estendia para sul e projectando o conjunto no alto da colina eborense ostentando a sua representatividade da cidade e na envolvente.

"Com efeito, o facto de se ter descoberto um criptopórtico por baixo da praça actual, a qual parece ter mantido o traçado da antiga praça pública de época romana, indica-nos a criação de uma estrutura artificial e o arranjo de toda a área envolvente para a implantação do que, verdadeiramente, simbolizava a romanidade à semelhança da capital do Império: o forum."[626]

623 Carlos Dias Coelho (2013, p. 20), neste artigo Carlos Dias Coelho apresenta uma proposta de traçado do *forum* romano sobre uma planta detalhada da cidade de Évora, esta realizada por Pedro Martins na sua tese de mestrado (Pedro Vasco de Melo Martins, 2013, p. 60).

624 Nesta 'sondagem 206 (1997)' "os materiais cerâmicos recolhidos nestes estratos, datados sobretudo da época flávia (2.ª metade do séc. I d. C.) e também das épocas republicana e de Augusto (séc. I a. C., de uma fase de ocupação romana anterior à construção da praça)" (Ana Gonçalves *et al.*, 1998, p. 7).

625 Nesta 'vala 1(2007)' "observou-se uma nova estrutura de cronologia romana, [1052], que deverá corresponder à fundação de um edifício anterior ao pavimento referido. Trata-se de estrutura formando um L, com uma zona de orientação N/S aproveitada pela parede actual do edifício e outra zona de orientação E/O, com cerca de 2 m de largura, prolongando-se para fora dos limites da vala agora escavada. É uma construção muito robusta, constituída por argamassa com cal e areia e por cascalho de granito. Esta estrutura foi parcialmente afectada, tendo sido possível observar que assenta sobre um nível geológico natural." (Inês Simão, Sandra Brazuna, 2008a, p. 20).

626 Lídia Fernandes (1997c, p. 198).

O nome *Ebora*, de origem céltica, manteve-se junto do nome latino, *Liberalitas Iulia*; este facto remete para uma ocupação pré-romana, mas da qual não foram encontrados vestígios. Estas eventuais preexistências e as condições topográficas poderão ter dificultado a implementação de um traçado hipodâmico rigoroso, pois "a expropriação e a demolição tinham, naturalmente, os seus limites"[627]. Esta gestão de compromissos era uma das características do projecto urbano em época romana, que na Península Ibérica terá sido iniciado na época de Augusto com a fundação de cidades novas e a renovação urbanística de alguns povoados pré-romanos. Em época flaviana a ascensão de "muitas cidades à categoria jurídico-administrativa de municípios, programaram-se novas obras públicas, cuja execução, em muitos casos, deve ter sido dilatada até aos começos do séc. II d. C., dados os elevados investimentos que tais obras exigiam"[628]. Esta transformação urbana está claramente reflectida no centro monumental da cidade eborense.

As reconstituições do Templo e do *Forum*

Importa agora realizar uma recolha dos ensaios de reconstituição hipotética do templo e zona envolvente desde plantas, cortes e alçados e, mais recentemente, os modelos tridimensionais que abarcam todo o *forum*.

Considera-se como primeiro exercício desenhado de interpretação do templo a já mencionada gravura de James Murphy. Esta gravura [IMAGEM 116] tem alguma carga evocativa da tradição helenística, pois o templo é apresentado sem plinto. Nesta época a fachada poente estava adossada ao Palácio, não sendo possível a James Murphy ver as cinco colunas; apesar disso o antiquário representa o templo completamente desafrontado do edifício da Inquisição. Esta atitude é já, de algum modo, corajosa pela tentativa de interpretação do estado primitivo do templo. Mas, o singular desta passagem sobre o Templo não é só o seu registo gráfico, mas o escrito do mesmo, pois o autor, na sua descrição[629], propositadamente evidencia a antiguidade e elegância do monumento, segundo os preceitos de Vitrúvio, omitindo todas as alterações posteriores.

> *"At one side of the hexastyle are five columns, including the angular one; at the other, I could discover but three. From these and the columns of the front we may infer that it had been a Peripteral Temple; for, according to Vitruvius, b. iii. C.I. Temples of this kind had six columns in the front, and as many in the pofticus; the flank had eleven each, including the angular columns, and a space equal to an intercolumn was left at every side between the surrounding columns and the cell or body of the Temple."*[630]

Embora com algumas indefinições e erros, as caneluras são 12 e não 16, a descrição do templo é bastante fundamentada e rigorosa, revela erudição e conhecimento sobre a arquitectura clássica e a tratadística. Relativamente à interpretação de Murphy, defendia que o templo tivesse 11 colunas laterais. Se realizarmos um exercício de ilustração, a partir destas palavras, o resultado seria

627 Jorge de Alarcão (1992, p. 4).
628 Jorge de Alarcão (1992, p. 92-93).
629 James Murphy (1795, p. 306-308).
630 James Murphy (1795, p. 307-308).

provavelmente o que vemos nesta imagem [IMAGEM 136]. Um desenho onde toda a informação que interfere com a leitura do monumento é silenciada, evidenciando-se o vestígio romano e toda a sua arquitectura. E este seria um breve ensaio de interpretação dos fragmentos que sugere pistas para uma posterior reconstituição do edifício desaparecido.

A primeira tentativa de reconstituição do templo conhecida foi realizada por Melchor de Prado. Estes desenhos, já referidos na Parte II, integravam os diários de viagem de José Cornide[631], de 1798. Neste exercício inédito de reconstituição, o templo é detalhadamente desenhado e interpretado. Uma planta, a lâmina 3: "*Planta del Templo de Evora como fue ó pudo haber sido*"[632], [IMAGEM 137], espelha esse cuidado; é reconstituído um templo períptero com 11 colunas laterais e uma escadaria central. As colunas existentes estão representadas de forma mais carregada, nessa altura o templo ainda estaria rodeado pelo edifício da Inquisição pela *pars hostilis* e *pars postica*, por isso apenas foram assinaladas três colunas na fachada oeste como existentes. A *cella*, com pilastras nos cantos, apresenta um pronau *in antis*. Os vestígios dos muros da *cella*, na zona onde se pesava a carne no açougue, já tinham sido representados por Melchor de Prado, da planta de levantamento do existente [IMAGEM 120], num registo pedra-a-pedra. Juntamente com a planta de interpretação são produzidas pelo autor mais quatro lâminas onde o pódio, a coluna e a arquitrave são rigorosamente reconstituídos; todos estes elementos arquitectónicos foram irrepreensivelmente representados em tons de cinza com um virtuoso sombreado, o corte é representado em tons de rosa. O pódio, o fuste e a arquitrave são representados com uma camada final de estuque. Todos os desenhos estão legendados, numerados, cotados e apresentam uma escala gráfica, em pés castelhanos. Estes documentos serão fundamentais para a interpretação dos vários elementos do templo.

Na lâmina 4: "*Basa de las colunas del Templo de Evora con su zocalo o pedestal*", [IMAGEM 138], é realizado um alçado do pódio – seccionado a meio, com o arranque da coluna. O acabamento é executado com uma mancha quase uniforme que simula o aspecto do mármore; para enfatizar as formas são trabalhadas sombras num crescendo de cinzas que realçam as molduras do pódio e da coluna. Na lâmina 5: "*Capitel y su planta de las columnas del Templo de Evora*", [IMAGEM 139], é apresentado um alçado do capitel e um corte horizontal do capitel. O desenho está todo cotado, a cotagem apresentada à esquerda são atribuídas as medidas a partir de um módulo. Na lâmina 6: "*Perfil ò sección dada por la fachada ò frente del capitel*", [IMAGEM 140], um corte vertical do capitel e da arquitrave, assim como um alçado do sofito onde se vê a reconstituição das molduras que o adornavam. E for fim, a lâmina 7: "*Planta de las columnas por el sumoscapo; Planta de la columnas por el imoscapo; Proporción de las columnas*" [IMAGEM 141], onde se faz o reconhecimento do módulo, que corresponde ao raio da coluna medido no imoscapo; é desenhado todo o fuste onde se percebe perfeitamente a sua proporção e a tradução deste em módulos (14 módulos e ½); também estão representados dois cortes da coluna, no sumoscapo e no imoscapo, percebendo-se as variações de diâmetro.

631 Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián (2009).

632 Todas estas lâminas estão depositadas na biblioteca *Real Academia de la Historia*, em Madrid. Agradece-se à Dra. Asunción Miralles de Imperial y Pasqual del Pobil a cedência das imagens digitais para reprodução neste trabalho.

Para além destas lâminas apresentam também um apontamento do alçado norte, lâmina 2: "*Elevacion de la Fachada en esqueleto del Templo de Evora*" [IMAGEM 142], onde é retirado o muro medieval dos intercolúnios. Neste alçado o autor analisa também as proporções do templo, indicando no lado esquerdo as medidas segundo o módulo e no lado direito segundo os pés castelhanos.

Só muito mais tarde, António García y Bellido, [IMAGEM 143], recupera este tema da interpretação apresentando, num detalhado artigo sobre a cidade romana de Évora, uma hipotética planta do templo romano, datada de 1965[633]. Esta planta é, de algum modo, inspirada na *Maison Carrè*[634], pela proporção que apresenta. A. García y Bellido representa um templo com nove colunas laterais e uma escadaria central. A *cella* implanta-se entre a quarta e a penúltima fiada de colunas, a partir da fachada principal. As colunas existentes são representadas a cheio. O mesmo autor realiza também um estudo da modulação da planta. Estes desenhos serviram de base aos numerosos estudos que se seguiram.

Em 1982, Theodor Hauschild revela as primeiras investigações sobre o templo[635], apresentando uma planta e um alçado norte da ruína, à planta de levantamento acrescenta um apontamento, a tracejado, da implantação da *cella*, com uma configuração rectangular, maior que a proposta avançada por A. García y Bellido, [IMAGEM 144]; no alçado norte de levantamento apresenta uma sugestão de frontão, também a tracejado [IMAGEM 145]. Segundo este desenho o edifício teria quase 17 metros de altura, à semelhança do templo de Augusto de Barcelona. Este desenho constitui a primeira tentativa de reconstituição do frontão da fachada norte do Templo.

T. Hauschild, no "Relatório sobre as investigações no templo romano de Évora"[636], publica a planta actual da zona em redor do templo com o desenho das sondagens. Nesta planta[637], [IMAGEM 146] o templo é representado com a mesma proporção (6x11) e com um duplicar da segunda e quinta colunas na segunda fiada no vestíbulo; exibe também um apontamento do traçado do tanque e dos possíveis acessos laterais à tribuna.

No relatório preliminar das escavações de 1988, da autoria de Pedro Fialho de Sousa[638], já depois das sondagens 1, 2 e 3, realizadas no tanque, é apresentada a primeira tentativa de reconstituição do conjunto, uma vista do templo rodeado pelo espelho de água e um apontamento do pórtico que o rodearia pelo lado nascente, norte e poente (apesar do desenho representar erradamente o pórtico do lado sul). Neste desenho à mão levantada é representado um templo hexastilo com uma proporção de 6x11 colunas [IMAGEM 147].

Outro desenho de Pedro Fialho de Sousa é diversas vezes publicado a partir de 1991[639]. Trata-se de uma vista, desenhada à mão levantada, do alçado sul do templo e sua envolvente. É realizada uma

633 António García y Bellido (1971).

634 "Garcia y Bellido acrescenta na sua planta de reconstituição, traçada com base na da Maison Carrè que, embora de tipologia diferente, pois é pseudo períptero, apresenta proporções idênticas ao templo de Évora." (Pedro Fialho de Sousa, 1999, p. 153).

635 Theodor Hauschild (1982).

636 Theodor Hauschild (1988b).

637 Esta planta será depois publicada, numa versão mais reduzida, num artigo de T. Theodor Hauschild (1991, p. 109).

638 Pedro Fialho de Sousa (1988).

639 Desenho publicado nos seguintes artigos de periódicos: António Carlos Silva (1991a, p. 12); Marcial Rodrigues (1992, p. 46); nos seguintes artigos científicos: Pedro Fialho de Sousa (1999, p. 161) e Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 610) e na publicação final sobre as escavações de Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 114).

tentativa de reconstituição dos acessos, com duas escadarias laterais e a suportá-las um muro com pilastras; o recinto sagrado e secular é representado à mesma cota. Na praça, no local onde foi encontrada uma fundação, está desenhado um plinto, que Pedro Fialho de Sousa interpretou como um altar. Theodor Hauschild refere que, segundo as evidências arqueológias, esta fundação poderia tratar-se de uma base de estátua [IMAGEM 148].

Em 1991, as novas escavações permitiram apontar uma possível configuração da zona sagrada. Na planta do recinto do templo romano, anexa ao "Relatório preliminar da campanha de escavações de 1991"[640], T. Hauschild traça os possíveis limites do criptopórtico, assim como o muro das pilastras que remataria a zona sagrada a sul. Esta planta representa um grande esforço de síntese dos dados existentes até ao momento; será posteriormente rectificada, pois o limite norte do criptopórtico estava coincidente com a estrutura central. Reconhece-se, neste desenho, o cuidado na eleição do lugar de cada sondagem, pois foram praticamente encontrados todos os vértices dos muros envolventes ao templo [IMAGEM 149].

Esta planta será acrescida com mais informação, no ano seguinte[641], com a descoberta dos limites a sul do criptopórtico e do muro das pilastras, este já com o apontamento do arranque do arco do suposto acesso ao templo [IMAGEM 150].

Pedro Fialho de Sousa, no seu relatório[642], de 1993, arrisca um corte transversal do conjunto edificado pela área sagrada [IMAGEM 151]. Neste corte, realizado com o recurso a ferramentas informáticas, o arquitecto representa um hipotético perfil do terreno: com a implantação do criptopórtico, representado apenas com uma galeria, sobre este um pórtico elevado à semelhança do que foi imaginado por Golvin em *Conimbriga*; no centro implanta-se o templo ladeado pelo tanque.

No relatório referente às campanhas de 1993[643] é apresentada uma planta geral que servirá de base para os relatórios seguintes [IMAGEM 152]. O traçado hipotético do *forum* é desenhado à mão sobre a planta actual da cidade. Os pilares do criptopórtico estão assinalados, assim como o limite a norte, interpretado no corte 34 (1993). Estão também localizadas, em planta, as sondagens que se realizaram a sul, no interior e exterior nascente do Museu.

Em 1994 é publicado um artigo[644] de T. Hauschild onde apresenta uma detalhada planta do recinto sagrado, com a localização das sondagens, que será recorrente em publicações posteriores [IMAGEM 153].

Quatro anos mais tarde outra vista do norte do *forum* foi apresentada por Panagiotis Sarantopoulos, na sua tese de mestrado[645], um desenho à mão levantada da autoria de Francisco Bilou. Esta vista é apoiada na anteriormente realizada por Pedro Fialho, o acesso ao templo é realizado pelas

640 Theodor Hauschild e Pedro Fialho de Sousa (1991b).
641 Theodor Hauschild (1992).
642 Pedro Fialho de Sousa (1993).
643 Theodor Hauschild (1994b).
644 Theodor Hauschild (1994a, p. 199); Theodor Hauschild (2001, p. 72).
645 Panagiotis Sarantopoulos (1998, p. 81).

escadas laterais e o pórtico delimita todo o recinto. Nesta representação, o templo tem uma proporção de 6x11 colunas [IMAGEM 154].

Entre 1998 e 1999 Pedro Fialho de Sousa publica dois artigos para a revista GEHA[646], onde analisa detalhadamente todo o processo construtivo do templo. Para além de alguns desenhos já referidos apresenta um alçado bidimensional da fachada do templo, com recurso às ferramentas informáticas disponíveis na época [IMAGEM 155]. Neste alçado é desenhado o muro de pilastras, com a escada associada, e o pórtico envolvente apontado em segundo plano.

A partir dos finais dos anos de 1990 as investigações arqueológicas em redor do templo foram dadas como concluídas. As representações que se seguiram trabalham com a informação existente, explorando o lado mais gráfico de comunicação e divulgação da imagem.

Nesta altura o arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos desenvolve algumas reconstituições em parceria com Joaquim Tenreiro e H. Saias [IMAGEM 156]. É lançado neste período um desdobrável informativo sobre o *forum*[647], que integrará uma reconstituição do templo sobre a vista actual da cidade, com uma proporção de 6x11 colunas [IMAGEM 157]. Para além destas imagens P. Sarantopoulos realiza algumas experiências de desenho com Raul Maqueda sobre o templo e área circundante [IMAGEM 158]. Nesta imagem o templo apresenta uma proporção de 6x11 colunas e um intercolúnio central maior, tal como acontece no templo do *forum* da colónia de Mérida. O acesso ao templo faz-se a partir de uma escadaria central, ladeada por dois grandes maciços, à imagem do templo do *forum* flaviano de *Conimbriga*.

Em 2002, T. Hauschild num artigo onde compara os Templo romanos na província da Lusitânia[648], publica uma planta do templo, até à data inédita, que combina os acessos laterais à tribuna com uma escada central [IMAGEM 159]. Neste desenho a proporção do templo é 6x9colunas, sem colunas no vestíbulo.

Em 2005, Gustavo Val-Flores publica[649] uma reconstituição virtual do recinto sagrado do *forum* da autoria de Joaquim Tenreiro [IMAGEM 160]. Esta reconstituição apesar de apresentar algumas incoerências, como friso dórico como parte integrante do templo, que seria de ordem coríntia, revela algum cuidado relativamente às descobertas realizadas, nas campanhas de escavação em redor do muro das pilastras; é representado o arco de acesso à praça do templo, assim como as escadas laterais de acesso ao *temenos*. O muro das pilastras é representado um pouco mais elevado em relação à cota de pavimento do *temenos*, resolvendo assim a guarda. O pórtico em redor do templo apresenta-se com uma colunata dupla e o templo tem uma proporção de 6x9colunas, onde o intercolúnio central, da fachada principal, é maior. O templo está colocado sobre a plataforma sagrada e o seu acesso faz-se a partir de uma escadaria central.

646 Pedro Fialho de Sousa (1998) e Pedro Fialho de Sousa (1999).

647 Panagiotis Sarantopoulos, Theodor Hauschild, H. Saias e Francisco Bilou (199?). Faziam parte desta colecção mais dois desdobráveis: I *Thermae* e III *Domus*.

648 Theodor Hauschild (2002, p. 218). Esta planta volta a ser publicada num breve artigo de T. Theodor Hauschild (2005, p. 22).

649 Gustavo Silva Val-Flores (2005, p. 186).

Em 2007 é inaugurada a exposição sobre *Ebora Liberalitas Iulia*, no centro interpretativo no convento dos Remédios, coordenada por Luís Gonçalves, Manuel Calado e Manuela Oliveira. Neste trabalho, onde estiveram envolvidas várias instituições, foram apresentadas maquetas e vários tipos de ilustração (digital e analógica). Dos materiais expositivos de várias naturezas destacavam-se os registos analógicos das reconstituições desenhadas à mão da cidade, em dois períodos (séculos I-III d.C. e III-V d.C.), e das termas, com várias vistas do *laconicum*. Relativamente às reconstituições virtuais, estas referiam-se ao *forum* à *domus,* na rua de Burgos. A reconstituição virtual do templo apresentava uma escadaria central combinada por duas escadarias laterais [IMAGEM 161]. Esta interpretação arrisca um pouco mais, em relação às anteriores, pois apresenta uma interpretação de todo o recinto, realizada à semelhança do *forum* flaviano de *Conimbriga* com uma entrada a sul a eixo da praça. Para além das reconstituições desenhadas foi executada uma maquete do templo com o tanque (escala 1/50), que apresentava as duas escadarias laterais, tal como fora interpretado por Pedro Fialho de Sousa [IMAGEM 162].

Existe também outra maqueta, realizada pelo Instituto Arqueológico Alemão, dirigida por T. Hauschild. Sobre um modelo bastante realista do existente sobrepõe-se uma reconstituição do lado sudeste do templo, exagerando um pouco o sistema construtivo da arquitrave. Esta esteve patente na exposição "Lusitânia Romana. Origem de dois povos"[650], [IMAGEM 163].

Numa perspectiva de Pedro Fialho e Luís Mateus, publicada num artigo de T. Hauschild[651], é apresentada uma hipótese de reconstituição do templo e do arco de acesso [IMAGEM 164]. Associado às escadas de acesso ao *temenos* arranca o arco que ligaria o *forum* ao *decumanos*. O templo com uma proporção de 6x10 colunas e o acesso combina dois lanços de escadas laterais com um lanço central. Neste mesmo artigo é apresentada uma planta do *forum* com um apontamento de uma medida possível da largura da praça [IMAGEM 165].

Em 2017, é publicada uma reconstituição do templo e área sacra no relatório final das investigações realizadas em redor do Templo nos anos 80, 90[652]. Este constitui o estudo mais completo e detalhado das investigações arqueológicas dirigidas por T. Hauschild. O autor refere que os acessos ao templo foram alterados ao longo do tempo; terá tido, numa fase inicial, uma escada de um lanço [IMAGEM 166], seguida de uma fase de renovação provavelmente associada à reforma do *forum*, em época flaviana[653] [IMAGEM 167]. A construção do muro estruturado por pilastras levou ao encurtamento e alteração do alçado do templo. Assim, o templo poderia ter tido uma configuração com 11 colunas laterais que será alterado depois da construção do muro, ficando com 10 colunas, uma solução algo invulgar neste tipo de estruturas. O muro pontuado por pilastras é de enorme importância, pois constitui uma espécie de encenação da área sagrada a um nível superior. O acesso

650 Esta exposição foi comissariada por José María Álvarez Martínez, António Carvalho e Carlos Fabião, esteve patente no Museu Nacional de Arte Romano, Mérida, de 23 de Março a 30 de Setembro de 2015, e no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, de 25 de Janeiro a 12 de Junho de 2016.

651 Theodor Hauschild (2010, p. 31).

652 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017).

653 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 111-112).

ao templo é trabalhado de forma a criar uma plataforma associada ao muro [IMAGEM 168]. T. Hauschild ensaia duas hipóteses de reconstituição dos degraus de acesso ao pódio, uma sem escadas laterais e outra com dois lanços de cinco alturas de acesso à plataforma central[654].

No ano seguinte foi realizado um modelo tridimensional do *forum*, da autoria de Gustavo Val-Flores, apresentado na exposição "*O Aqueduto da Água de Prata e o Património Hidráulico de Évora*", patente no Convento dos Remédios, Évora, de 17 de Abril 2018 a Janeiro de 2019 [IMAGEM 169].

Constata-se que, apesar de todos estes exemplos, existe ainda alguma incerteza relativamente aos acessos e ao comprimento do templo. A publicação do relatório final de Theodor Hauschild esclarece e estabiliza algumas configurações, mas ainda assim permanecem muitas dúvidas.

Tendo presente estas reconstituições, realizadas até ao momento, parte-se agora à descoberta da arquitectura do *forum*, suportada pela informação, já recolhida nos capítulos anteriores (da evidência arqueológica e da história), pela tratadística e pelas análises comparadas.

654 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 119).

CONJUNTO MONUMENTAL: FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES

Exercício sobre a topografia da cidade

"En principio hay que encajar el monumento o el sitio de la excavación en un plano general. Esto significa por ejemplo en una ciudad la confección de un nuevo plano de una parte de la ciudad en el que tienen que aparecer las curvas de nivel o por lo menos suficientes cotas para poder entender la topografía del lugar."[655]

Com o registo dos vestígios concluído, tendo como base a topografia da cidade actual, inicia-se uma possível reconstituição da topografia da cidade romana. Para a realização da interpretação das curvas de nível da época romana começa-se com os dados da cidade existente, o levantamento aerofotogramétrico, e, sobre este, a cidade é "limpa" de edifícios e inicia-se uma operação de concordância das curvas de nível, de seguida far-se-á um reconhecimento das cotas do período romano e trabalha-se o terreno em função dos dados da evolução histórica e da morfologia da cidade; consegue-se assim um instrumento de trabalho que poderá ser moldado em função dos vestígios encontrados. Este exercício apoia-se nas reconstituições já existentes de Simplício[656] e de Hauschild.[657] Observa-se que a praça do *forum* se implanta sobre uma plataforma à cota 307 m, sendo a cota mais alta da cidade situada na torre do Sertório, a 311 m. Esta planta torna-se fundamental para a compreensão do traçado romano da cidade e para a implantação do *forum* na colina [DESENHO .05].

Implantação do *forum*

"1. Distribuídas as vielas e dispostas as praças, há que proceder, de acordo com a utilidade pública e o interesse comum, à escolha das áreas para os templos sagrados, para o foro e restantes espaços comuns. Se o recinto fortificado (…) estiver no meio das terras, deverá ser implantado no meio do opido."[658]

O posicionamento do *forum*, tal como refere Vitrúvio[659], é essencial no tecido urbano da cidade romana. No entanto, esta descrição sobre implantação deste espaço comum pouco acrescenta à sua interpretação. Assim sendo, esta interpretação terá de ser realizada segundo outras fontes, a partir de análises comparativas de modelos semelhantes, sobretudo a partir de exemplos da arquitectura da Hispânia provincial. Talvez a referência mais imediata seja a da capital de província e os seus exemplos de arquitectura monumental, pela sua proximidade e inspiração. Serão evidentemente considerados outros exemplos de arquitectura forense, da mesma época, mas os exemplos emeritenses são sem

655 Theodor Hauschild (1981a, p. 150).

656 Maria Domingas Simplício (1997, p. 63).

657 Theodor Hauschild (2001).

658 Vitrúvio (I, VI, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 53-54).

659 Uma cópia do tratado de Vitrúvio foi encontrada, em 1414, graças às diligências do humanista Poggio Bracciolini. Este documento, fundamental para a compreensão da arquitectura clássica, é, no entanto, uma amostra muito escassa de toda a produção tratadística que deve ter proliferado na Antiguidade. Escrito sob a égide de Augusto, este tratado singular torna-se pouco eficaz na interpretação da arquitectura nos séculos vindouros.

dúvida basilares pelas analogias que é possível observar, pelo estado de conservação e pelo conhecimento já acumulado sobre estas estruturas.[660]

Para o estudo de cada edifício que organiza o *forum* romano são dados como exemplo edifícios que, de algum modo, contenham afinidades que possam ser transportadas para o *forum* de Évora. Os modelos de Mérida serão a principal referência para este ensaio. Deste modo, são analisados três recinstos monumentais: o *forum coloniae*, que integra o chamado "Pórtico do *Forum*", assim como o recinto sacro da *Calle Viñeros* e o *forum* provincial. Serão também realizadas algumas incursões a outros exemplos localizados nas Províncias Hispânicas, tendo sempre presentes os modelos da *Urbs*.

O *forum*, na arquitectura romana, é um espaço fechado, um conjunto de edifícios de uso colectivo, um lugar de utilidade pública. Este espaço público é, segundo Vitrúvio, um 'lugar-comum'[661] e também um 'lugar de memória', tal como refere Pierre Gros[662]. Neste conjunto estavam reunidos os edifícios religiosos, administrativos, jurídicos, comerciais, e ainda os monumentos comemorativos e as inscrições honoríficas.

Este espaço reflectia uma "imagem arquitectónica específica, adaptada à sua funcionalidade, ou melhor, a todas as funções que desempenhou na vida urbana"[663]; e espelhava a identidade e a história da cidade, promovidas pelos seus cidadãos à imagem da *Urbs*, através do seu programa arquitectónico e iconográfico. Nas cidades da Província essa realidade era bem visível, sobretudo em Mérida, onde o *forum* é construído à imagem da capital do Império.

> *"Copiando as novas soluções arquitectónicas que então se ensaiavam em Roma, a nova capital da Lusitânia irá plasmar nos novos edifícios, praças e na decoração que os revestia, as mais recentes novidades da capital do Império. Assim sendo, não é de estranhar que o forum emeritense copie de perto aquele que Augusto mandou construir em Roma.*
>
> *Da mesma forma, as restantes cidades da província tentam aplicar idênticas soluções. As primeiras medidas de urbanização implantadas pelo novo poder político, no entanto, regem-se por princípios práticos e por objectivos precisos."*[664]

Tal como refere Gros[665], era geralmente formado, sobretudo a partir da época augustana, por uma praça rectangular porticada ladeada num dos topos pela zona sagrada e no outro topo por uma basílica jurídica, outros edifícios, como a cúria, tribunal, e, eventualmente, salas de arquivo (*tabularium*), o

660 Foram já publicados numerosos estudos sobre este complexo. Os autores José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate são a referência; José Luis de la Barrera Antón publicou também alguns estudos sobre a decoração arquitectónica do *forum*. E foi também editada uma monografia, por Rocío Ayerve Vélez, Teresa Barrientos Vera e Félix Palma García, que descreve detalhadamente as últimas escavações realizadas neste recinto e apresenta uma possível reconstituição de todo o complexo com uma configuração da basílica do *forum*.

661 Vitrúvio (I, III, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 40).

662 "La concentration des édifices religieuse et administratifs mais aussi, sur l'aire libre, des monuments commémoratifs et des inscriptions honorifiques, fait du forum, dans la plupart des villes occidentales, un véritable *monumentum* à lui seul, un « lieu de mémoire » comme nous disons aujourd'hui, mais d'une mémoire qui est la condition même du fonctionnement des institutions de la vie municipale. » (Pierre Gros, 2011, p. 207).

663 Maria Pilar Reis (2010, p. 286).

664 Lídia Fernandes (1997c, p. 186).

665 Pierre Gros (2011, p. 207).

tesouro (*aerarium*) e a prisão (*carcer*), estariam distribuídos pelo seu perímetro. Este seria o esquema comum do *forum* tripartido, mas que poderia apresentar muitas variações sobre este modelo tipológico[666].

À semelhança do *forum* da colónia, também o *forum* de Évora poderia ter sido projectado segundo a lógica do *forum* tripartido. Diferentes plataformas estabilizam os diferentes usos, conhece-se a zona sagrada, o *temenos*, a norte, à cabeceira, dominada pelo templo; seguida a sul pela zona secular, com uma extensa praça e, talvez, a rematar o conjunto poderia existir uma basílica no extremo sul, mas sobre a implantação deste edifício não há qualquer evidência.

Numa primeira análise dos *fora* de Mérida e Évora repara-se que a orientação geográfica é sensivelmente a mesma, seguem o traçado hipodâmico da cidade e localizam-se numa zona elevada da cidade e no encontro das vias principais.

A linguagem (gramática da arquitectura) clássica: do léxico à ortografia

Para compreender este projecto monumental é necessário dedicar alguma atenção ao seu léxico, o vocabulário essencial à construção da linguagem clássica[667]. Algum deste léxico é elencado no Apêndice I, relativo aos fragmentos arquitectónicos. Estes vestígios, os fragmentos arquitectónicos, apesar de escassos, reflectem, de certa forma, parte do discurso arquitectónico regulado pelas convenções da linguagem. Tentar-se-á, neste capítulo, integrar esses fragmentos nesse discurso, mas antes de se partir para a sua interpretação-reintegração, importa perceber a gramática do projecto e, para isso, os capitéis são o elemento mais revelador. Não se trata agora de descrever os mesmos, isso já foi realizada na Parte I, importa agora analisá-los no seu todo, segundo as regras de proporção, configuração e significado da arquitectura clássica, mas também, e sobretudo, as variantes a essas mesmas regras.

Os capitéis do templo, pelo seu estado de conservação, técnica e desenho, são talvez o registo mais elaborado e eloquente deste discurso. Estes são um validado exemplo do léxico arquitectónico e a partir destes é possível perceber então o vínculo aos modelos vigentes.

Mas até que ponto estes capitéis ilustram os cânones vitruvianos? Há proporções que se verificam na composição, como é possível observar nos seguintes aspectos:

- altura das duas coroas de folhas não ultrapassa 2/3 da dimensão total;
- diâmetro da base igual ao sumoscapo do fuste.

666 *"Mais on rencontre dès le début du Haut Empire et tout au long des deux premiers siècles de notre ère de nombreux exemples de forums tripartites à ordonnance axiale ou proche de l'axialité, où la basilique sur l'un des petits côtés répond au temple majeur de la cité (Capitole ou édifice du culte impérial) : citons, pour l'époque augustéenne et julio-claudienne, les forums de Forum Segusiavorum (Feurs), Lugdunum Convenarum (Saint-Bertrand-de-Comminges), Colonia Julia Equestris (Nyon) et Lousonna (Vidy) en Gaule romaine, de Baelo Claudia (Belo) et Clunia en Bétique et en Tarraconaise, de Lepcis Magna (le forum vetus) (…)»* Pierre Gros (2011, p. 221).

667 Miguel Angél de la Iglesia, no artigo "*Arquitectura clássica y linguaje*", analisa a arquitectura clássica como se fosse uma linguagem, em que para isso é necessário conhecer a sua gramática como um conjunto de regras e princípios que regulam o uso correcto da língua (Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría, 2014).

No entanto, há outras proporções que não se verificam; apesar disso, o resultado mostra-se perfeitamente coerente e revela o conhecimento dos cânones então praticados [DESENHO I.55].

Tratando-se, o templo, de uma obra pública de alguma envergadura, reconhece-se nestes capitéis um esforço por corresponder ao modelo vigente, tal como acontece com os capitéis do teatro romano de Lisboa. Nestes edifícios públicos houve, certamente, uma maior exigência na escolha das oficinas, capazes de transmitir os modelos vindo de Roma[668].

Apesar disso, este cumprimento dos cânones clássicos acaba por não ser uma imposição rígida, pois a arquitectura romana era permeável a outras influências exógenas, sobretudo nas províncias, e este facto é bem visível nos capitéis do Templo:

> *"Os capitéis coríntios de Évora concentram em si o atestado pleno de romanidade. Realizados em mármore, seguindo uma proporção clássica da dimensão dos seus elementos, esculpindo a superfície e adornando-a com os motivos mais habituais do léxico romano que reaproveita uma tradição grega e helenística mas lhe dá outra forma, eles constituem-se como o ponto unificador de uma multiplicidade de formas e soluções que as províncias inventam ou cruzam com influências pré-existentes."*[669]

Estes capitéis foram concebidos, por um lado, segundo a morfologia corrente relativa ao capitel coríntio, mas, simultaneamente, integram as influências e as tradições da região.

Assim, a linguagem arquitectónica torna-se bem mais interessante do que uma simples resposta aos cânones. As proporções não são rígidas, adaptam-se à circunstância, a decoração é bem mais livre de correntes estilísticas e arquitectónicas divulgadas pelo Império. E essa aparente 'liberdade' não corresponde, tal como refere Lídia Fernandes, a "uma defeituosa apreensão da decoração tipicamente romana, ou de um afastamento das correntes culturais então em voga"[670]; muito pelo contrário, segundo esta autora, o conhecimento das correntes em voga, trazidas do centro do Império, estaria perfeitamente divulgado; apesar disso, a arquitectura romana poderia incorporar outras influências, provenientes das províncias romanizadas[671], tornando o resultado bem mais interessante.

Um projecto como o Templo é pensado a partir da linguagem vigente. Para a sua concepção são feitas escolhas, começando na escolha da ordem (léxico), seguida da técnica construtiva (ortografia) e da proporção do conjunto edificado (sintaxe)[672]. Estas escolhas revelam saber e destreza relativos à linguagem clássica e ao vocabulário decorativo, mas ao mesmo tempo são enriquecidas por outras escolhas, criando uma gramática ornamental mais variada, fruto do conhecimento das correntes e da importância do lugar.

> *"O abandono e/ou substituição de léxicos decorativos levam-nos, por outro lado, a concluir que houve conhecimento geral da variada gramática ornamental que ia aparecendo, fruto de influências mais ou menos directas que faziam,*

668 "decerto esteve presente um maior cuidado na hora de escolher as oficinas encarregues de tais trabalhos tendo-se procurado dotar os monumentos de uma decoração arquitectónica mais elaborada e que, de imediato, conduzisse o observador à ideia de se encontrar perante um testemunho pleno da sua participação no mundo de Roma" (Lídia Fernandes, 1997c, p. 151).

669 Lídia Fernandes (1997b, p. 206-207).

670 Lídia Fernandes (1997c, p. 151).

671 Lídia Fernandes (1997c, p. 151).

672 Cf. Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría (2014).

também aqui, sentir o seu peso. Embora nem todos fossem adoptados, a escolha de alguns entre muitos, ou a sua presença em casos pontuais, levam-nos a inferir tratar-se de uma escolha mais que de uma imposição."[673]

Relativamente aos modelos, os capitéis coríntios seguem as referências trazidas da *Urbs*, revelam a tendência mais naturalista na execução das folhas de acanto e são trabalhados em duas peças, uma "característica que em Roma está cronologicamente documentada até à primeira metade de séc. I d. C." [674] O entalhe das folhas de acanto aderentes ao *kalathos* remete para os capitéis do Templo de *Mars Ultor*, no *forum* de Augusto em Roma.

Nas províncias da Hispânia, também existem capitéis realizados em dois blocos, como é o caso do Templo de Augusto, em *Barcino*, datado do período augustano. T. Hauschild reconhece a delicadeza destes capitéis, compostos:

"por um astrágalo sobre duas filas de folhas de acanto trabalhadas em pouca profundidade. No cimo, as volutas e hélices, partidas atrás das folhas, suportam os abacos. As folhas, trabalhadas em forma de leque e com recortes pontiagudos assim como as grandes flores de aracena, são elementos arcaicos, enquanto que os caracóis das hélices, tocando-se por baixo das flores, e as flores inseridas no espaço triangular entre as hélices e as volutas se podem datar já no início do período imperial."[675]

Na capital da Província existem, como é natural, capitéis semelhantes aos do templo de Évora, tais como os exemplares encontrados na *Calle Baños*[676]; estes referem-se a quatro metades superiores de capitéis coríntios, realizados em mármore branco, extraído das pedreiras do *conventus pacensis* [IMAGEM 170]. Estas metades de capitéis provavelmente pertenceriam ao templo localizado no centro do conjunto chamado "Pórtico do *Forum*"[677] e estão datados do período cláudio-neroniano. Os fragmentos têm uma altura entre 0,75 m e 0,77 m, são ligeiramente maiores que os exemplares de Évora, que têm cerca de 0,56 m. Apresentam uma particularidade: um ligeiro ressalto incorporado no capitel de 5 cm, *scamillus*[678], onde se apoia a arquitrave; em Évora esse ressalto é realizado através do lintel da arquitrave. O ábaco dos capitéis emeritenses é bastante mais decorado, apesar do que o desenho projectado das volutas se aproxima aos de Évora. Os autores Barrera Antón[679] e Gutiérrez Behemerid[680] descrevem detalhadamente estes exemplares.

673 Lídia Fernandes (1997c, p. 153).

674 Theodor Hauschild (2005, p. 21).

675 Theodor Hauschild (1981b, p. 4).

676 Segundo a base de dados disponível em cere.mce.es, o número de inventário da colecção do *Museo Nacional de Arte Romano*, Mérida, destes capitéis é: CE37400, CE37401, CE37402, CE37403.

677 Optou-se por esta designação, apesar de todos os nomes já atribuídos a este espaço.
"Las calificaciones de «pórtico del foro», «foro de mármol», «*forum* adiectum», «pórtico» y, últimamente, «augusteum» representan, evidentemente, la dificultad de adscribir los restos del complejo arquitectónico a una función determinada y a establecer una relación definitiva con el conjunto monumental del foro de la colonia." (Antonio Pizzo, 2010b, p. 105).

678 René Ginouvès (1992, p. 79).

679 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 48).

680 María Angeles Gutiérrez Behemerid (1992, p. 106-107).

Refere o autor Antonio Peña Jurado[681] que, recentemente, foi dada a conhecer a existência de uma metade inferior de um capitel coríntio, pertencente a uma colecção particular [IMAGEM 171]. Este fragmento tem 62 cm de altura, o seu diâmetro parece aproximar-se às metades existentes no museu.

> *"Tanto sus dimensiones como las características de la labra –propias de época tardo-flavia– coinciden plenamente con lo visto en los capiteles de la C/ Baños, piezas que hemos atribuido al templo del área sacra de la C/ Sagasta. En consecuencia, nos encontramos ante el primer testimonio conocido de la mitad inferior de tales capiteles, cuya altura real rondaría los 1,32 (…)"*[682]

Também outro capitel , encontrado na *Calle Falange*[683], apresenta umas dimensões que, apesar de mais reduzidas, o aproximam dos exemplares eborenses, 0,94 m de altura e 0,70 m de diâmetro da base[684] [IMAGEM 172]. Trata-se de um bloco único realizado em mármore branco de Estremoz, em bom estado de conservação. Está datado dos finais do período Julio-claudio, no entanto, a sua execução não tem a mesma elegância dos capitéis anteriores.

Em *Clunia*, os capitéis do teatro também apresentam o mesmo léxico, apesar de não terem o virtuosismo técnico dos capitéis do templo de Évora [IMAGEM 173]. Os motivos vegetalistas são mais estilizados, no cálice as folhas externas são de acanto e as internas são semipalmetas[685]. O perfil do ábaco é muito semelhante ao de Évora. Uma particularidade é a variedade de florões do abaco dos quais foram encontrados vários fragmentos[686].

> *"Estos capiteles, dada su calidad y cuidado en su elaboración, destacan entre las producciones que ha deparado la ciudad. Son capiteles que reproduzcan los modelos tardo-augusteos/tiberianos, si bien es cierto que con un cierto desfase cronológico; por tanto, son numerosas sus afinidades estilísticas con un nutrido grupo de piezas tanto de la Península como de otras localidades del Imperio."*[687]

A partir do capitel verifica-se uma parte do léxico, do vocabulário, da arquitectura clássica. O desafio agora estende-se ao templo, à descoberta do uso correcto da ortografia[688] apoiada em modelos semelhantes e na tratadística.

681 Antonio Peña Jurado (2009, p. 582).

682 Antonio Peña Jurado (2009, p. 582).

683 Capitel pertence à colecção do *Museo Nacional de Arte Romano*, Mérida [n.º Inv. CE 27501]

684 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 41).

685 María Angeles Gutiérrez Behemerid (2011, p. 822).

686 "Llama la atención la diversidad de florones que decoran los ábacos y que parecen hacer referencia a tradiciones, variantes e, incluso, cronologías diversas." (María Angeles Gutiérrez Behemerid, 2011, p. 822).

687 María Angeles Gutiérrez Behemerid (2011, p. 824).

688 Ortografia entendida "como el conjunto de reglas y convenciones que rigen el sistema de escritura normalmente establecido para una lengua estándar, es decir, la correcta construcción de los elementos que configuran el vocabulario, que en muchos casos responden a su origen constructivo, pero que quedan fijados a partir de su uso." (Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría, 2014, p. 20).

Templo

"Se um Projecto permite a construção do respectivo edifício, também permite a sua repetição ou a sua reconstituição, permitindo, inclusive, reconhecer, neste momento, as fases da própria construção, o que o torna particularmente importante para a historiografia do edifício, incluindo a construtiva."[689]

Tenta-se perceber este objecto à luz das teorias de projecto da época e o processo de desenho deste edifício singular. Os templos de culto imperial estavam geralmente orientados segundo o *forum* e situados numa plataforma mais elevada natural ou artificial[690] de carácter sagrado. Estas características são reconhecíveis nos templos de Évora e de Mérida.

Em Mérida o templo foi construído em pleno período tiberiano, época em que começa na cidade o culto ao imperador Augusto. Os programas iconográficos e os achados epigráficos[691] reflectem e corroboram esse vínculo ao culto imperial[692]. Em Évora ainda não foi encontrada nenhuma epígrafe que corrobore o vínculo ao culto imperial.

Pódio

Regressando à análise comparativa dos modelos, estuda-se agora cada elemento construtivo ao detalhe começando pelo volume do pódio.

O pódio do templo de Mérida apresenta-se em melhor estado de conservação no lado ocidental. A sua base está rodeada por um lajeado regular, *crepido*[693], em granito, muito bem conservado; esta não apresenta plinto, desenhando apenas uma alongada moldura em *cyma* reversa [IMAGEM 174]. O bloco, em granito, tem 0,35 m de altura, arranca com um perfil em quarto de círculo reverso e remata com três listéis rectos[694]. O corpo do pódio, *truncus*, é realizado num aparelho regular, bem acabado, pseudo-isódomo[695]. Quatro fiadas de silhares, cada com cerca de 0,57 m, em granito, perfazem 2,33 m de altura. A cornija é formada por uma moldura em gola directa com um cimácio em faixa saliente e tem sensivelmente a mesma altura que a base. Na fachada ocidental do templo é possível observar duas fiadas de orifícios de sustentação, talvez de suporte para possíveis placas com inscrição[696]. Relativamente à técnica construtiva, do volume, os autores Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate referem:

689 Pedro Fialho de Sousa (1998, p. 77).

690 José María Álvarez Martínez (1992, p. 92).

691 "Hoy día no existe inconveniente alguno en admitir que el templo estuvo dedicado al culto imperial, pues el hallazgo en la Calle de Berzocana de una inscripción en que se menciona al flamen *Augusti P. Atten[nius] Afer*, es prueba fehaciente de ello. La cabeza del *Genius Augusti*, la efigie del *Genius Senatus* y la estatua sedente e un emperador divinizado refuerzan considerablemente la hipótesis." (José Luis de la Barrera Antón, 2000, p. 182).

692 José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 312).

693 Este termo "crepido" foi utilizado pelos autores para indicar o lajeado envolvente ao templo (José María Alvarez Martínez, Trinidad Nogales Basarrate, 2004, p. 296), contudo esta designação também poderá referir-se à quadra, plinto da base do pódio, tal como refere René René Ginouvès (1992, p. 13).

694 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 80-81) e José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 296).

695 Antonio Pizzo (2010b, p. 85).

696 "Los orificios, muy regulares y paralelos a una altura el superior del inferior de 1,55m, se ven, en lo conservado, en una longitud de 11m, desapareciendo totalmente hacia la fachada principal." (José María Álvarez Martínez, 1992, p. 88).

"Los sillares fueron dispuestos en su lugar de acuerdo con la técnica tradicional, con ayuda de máquinas (machinae) realizadas con piezas de madera unidas en la cima, donde se disponía el elemento de elevación principal. Los sillares del templo no muestran orificios o huellas, al menos en lo visto, para poder ser atenazados."[697]

O perfil da base do pódio revela algum arcaísmo, que remete para a época republicana, onde a base e a cornija apresentavam um perfil semelhante[698], análogos aos pódios do Templo A e B de *Baelo Claudia*[699] [IMAGEM 175]. Este desenho, do pódio, foi sendo progressivamente substituído, em época augustana, por um perfil mais elegante com uma moldura sobre um plinto saliente, tal como acontece no templo de Évora.

No caso emeritense foi possível escavar o interior do pódio, o que permitiu registar um sistema mais ou menos reticular, com muros de *opus incertum*, que formariam a estrutura rígida de apoio às colunas. O emprego deste sistema permitia uma grande economia de recursos. As dimensões aproximadas destas retículas seriam entre 1,80-2,00 m por 1,55 m[700]; estes poços foram, por sua vez, enchidos de terra compactada que permitia receber o pavimento do pódio[701]. Num desses vazios verificou-se a existência de uma cisterna, que escavações mais recentes[702] atribuem ao período renascentista.

Esta solução construtiva foi também utilizada no templo do *forum* flaviano de *Conimbriga*. A estrutura interior deste pódio seguia uma quadrícula mais regular de 3,90x3 m, igualmente preenchida de terra.

Relativamente ao desenho do perfil verifica-se que os pódios dos templos de Merida e Évora são bastante distintos, o da capital de província é cerca de 0,50 m mais baixo. O perfil do pódio de Évora aproxima-se do templo C do capitólio de *Baelo Claudia* [IMAGEM 175]. Nesta fotografia [IMAGEM 176] observa-se, à esquerda, o pódio do templo B, bastante restaurado e, à direita, o pódio do templo C sem restauro. A base do pódio de Évora é semelhante à do templo *Augustobriga*[703], constituída por um plinto e uma moldura em *cyma* reversa, apesar da cornija no caso de *Augustobriga* ser mais elaborada[704] [IMAGEM 177]. Este templo, de época augustana, tratava-se "de um prostilo de quatro colunas, com

697 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 80-81).

698 José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 296).

699 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 146).

700 Sobre esta estrutura, ver: Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 677, 680), José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 78) e José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 296).

701 "Los rellenos constructivos que ocupan estos cajones aparecen completamente sellados por una compacta 'torta' de hormigón romano documentada a una cota de 228,74 m SNM. Sobre esta colocan ya la última hilada de sillares (de 30-32 cm de altura) que es la que soporta directamente el apoyo de las distintas columnas. Por tanto, el edificio se va levantando de forma progresiva, sin empleo de andamiajes, rellenando los huecos de forma simultánea. Este hecho explicaría la ausencia de mechinales." (Rocío Ayerbe Vélez *et al.*, 2009a, p. 677, 680).

702 As escavações dirigidas por Félix Palma García em Julho de 2003, no interior do pódio do Templo de Mérida, vieram descartar qualquer hipótese de esta cisterna, localizada por baixo do antigo *pronaos*, ser de época romana. Esta serviria o palácio renascentista e foi, provavelmente, usada até à época contemporânea. Ver Félix Palma García (2009, p. 128).

703 Este templo integrava o *forum* da cidade romana da *Lusitania*. Estava localizado em Talavera la Vieja, foi transladado, na sequência da construção de uma barragem, para as margens do lado de Valdecañas, em Bohonal de Ibor, Cáceres.

704 "La cornisa de coronamiento alterna dos molduras cóncavas y están limitadas arriba y abajo por otras dos rectas, siendo la superior de mayor altura." (José Luis de la Barrera Antón, 2000, p. 143-144).

uma extensão de 18,40 m por 12,30 m"[705]. Importa referir que todos estes pódios seriam revestidos a estuque. No pódio do templo de *Barcino* a cornija superior apresenta um filete directo na base [IMAGEM 178], à semelhança do que acontece do templo de Évora.

De referir outros exemplos importantes na Lusitânia[706], em território nacional, onde é possível verificar e compararar a configuração do pódio, como é o caso do templo romano de Almofala que conserva, em perfeitas condições, cerca de metade da sua base [IMAGEM 179]. Este pódio, de menores dimensões (55 pés x 27,5 pés, 9 pés de altura) em relação ao templo de Évora, preserva as paredes norte, sul e oeste, estas realizadas em silhares de granito, na face externa, combinados com placas de xisto, na face interna, unidas com argamassa de cal[707] [IMAGEM 180]. O pódio é constituído por um soco de duas fiadas e uma moldura que arranca em filete reverso seguida de um perfil em gola reversa, um corpo, com três fiadas de silhares aparelhados, e a encimar uma elegante cornija saliente. Este perfil apresenta grandes semelhanças com o templo eborense. Da mesma forma, parte do pódio do templo do *forum* da *Civitas Igaeditanorum*, Idanha-a-Velha, está muito bem conservado e permite fazer uma análise comparada. O troço do pódio existente, construído em "robusta silharia granítica"[708], e mede 17,6 x 9,2 m. O pódio apresenta, na base, quatro (2+2) fiadas de blocos aparelhados, duas fiadas de grandes dimensões sobre duas fiadas mais reduzidas [IMAGEM 181], visíveis nas sondagens realizadas entre 2007-2008, coordenadas por Pedro C. Carvalho[709]. A encimar o soco uma moldura com um perfil muito semelhante ao exemplo anterior. Relativamente ao *truncus* só restam duas fiadas de silhares e não há vestígios da cornija. A particularidade dos silhares da base é que são cuidadosamente almofadados, tal como os encontrados nos muros dos terraços e na base do pódio do templo, do conjunto monumental de Orjais [IMAGEM 182]. Este templo, de características diferentes aos templos forenses, mede 18,88 x 8,70 m e apresenta um pódio bem conservado, sobretudo nas fachadas ocidental e norte. Nestas "ainda se mantêm as molduras da base e do topo do pódio, que desenham duplas gargantas, uma reversa da outra."[710] A moldura da base revela uma particularidade: os silhares almofadados acompanham o perfil de garganta reversa [IMAGEM 183].

Regressando a Évora, T. Hauschild na sua reconstituição do pódio [IMAGEM 184] apresenta a cornija do pódio com um perfil simples, uma moldura em garganta reversa encimada por um rebaixo directo. A cornija é interpretada à imagem do exemplar encontrado no Templo do *forum* de Clunia[711] [IMAGEM 185]. Relativamente à configuração do estuque, este apresenta sempre a mesma espessura e acompanha todo o perfil do pódio. A argamassa prolongar-se-ia da cornija, pelo pavimento até à parede da *cella*. Esta permitiu a conservação dos rasgos que são hoje visíveis no estilóbata do pódio.

705 Theodor Hauschild (2002, p. 217).

706 Theodor Hauschild publica uma interessante análise comparativa dos templos romanos da província da Lusitânia, dos quais: os templos de Mérida, *Augustobriga*, *Ebora*, *Pax Julia*, *Scallabis*, *Mirobriga*, Santana do Campo, Idanha-a-Velha, Almofala, *Conimbriga* e *Ammaia*. Nesta publicação todas as plantas dos templos são apresentadas à mesma escala (Theodor Hauschild, 2002).

707 Helena Frade (1990, p. 97).

708 Vasco Gil Mantas (2010, p. 186).

709 Pedro C. Carvalho (2009).

710 Jorge de Alarcão, Pedro C. Carvalho, José Luís Madeira e Marcos Osório (2013, p. 73).

711 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 107).

Ensaio . Pódio

[DESENHO I.53] Hipótese de reconstituição do perfil do pódio no século I.

[DESENHO I.65] Proposta de reconstituição do alçado norte do Templo, no século I d.C.

[DESENHO I.67] Proposta de reconstituição do alçado nascente do Templo, no século I d.C.

[DESENHO I.68] Proposta de reconstituição do alçado poente do Templo, no século I d.C.

Relativamente ao perfil das molduras realizamos então um exercício de reconstituição apoiado nos exemplos mencionados, na tratadística e na iconografia histórica: as lâminas de Melchor de Prado serviram de base para esta tentativa de interpretação.

Sobrepomos ao levantamento existente, uma camada de *opus signinum* da qual ainda existem vestígios entre a moldura de base e o *truncus* [IMAGEM 186]. Esta argamassa mais espessa serviria para regularizar e impermeabilizar todo o aparelho do *truncus* e prolongar-se-ia pelas molduras da base. Projectamos essa mesma camada até ao silhar da cornija; este apresenta vestígios de um entalhe que previa este encontro [Imagem 187]. Sobre esta camada sobrepõe-se a primeira camada de *opus albarium* que revestiria toda a totalidade do pódio. Tendo como referência o perfil de Melchor de Prado, redesenhamos o pódio definindo as arestas e as curvaturas das molduras [IMAGEM 188]. Sobrepomos a segunda camada, mais fina, de *opus albarium*, que daria o acabamento final, e teríamos o provável perfil do pódio do Templo de Évora em época romana. O pódio, com 12 pés de altura, desenharia assim um soco quadrangular, com uma moldura *cyma* reversa, seguido de um *truncus* e uma cornija em garganta directa.

Relativamente à interpretação de T. Hauschild são introduzidas algumas alterações [IMAGEM 184]. O *opus signinum* existente entre a base e o *truncus* tem cerca de 5 cm de espessura; assim considera-se que todo o *truncus* seria revestido com essa argamassa mais espessa e sobre esta seria aplicado o estuque. Sobre o desenho do perfil introduziu-se uma moldura em quarto de círculo concâvo reverso entre o plinto e o corpo do pódio (*truncus*). Considera-se também o filete de remate entre o corpo do pódio e a cornija. O perfil de cornija apontado difere um pouco do apresentado por T. Hauschild. Este apoia-se, tal como mencionado no desenho de Melchor de Prado, noutros exemplos mais conservados, como os templos do Largo Argentina (Roma), [IMAGEM 189].

O alçado do *truncus* possivelmente evocaria a estereotomia de um lajeado, como é possível ver no desenho de Melchor de Prado, apresentado na Parte II [IMAGEM 119]. Neste desenho é clara a sobreposição de uma camada que imita um aparelho regular, sobre o *opus incertum* do *truncus*. Este tipo de solução instalou-se na cidade continuando a ser visível em vários edifícios, tal como acontece na vizinha torre sul do Palácio de Cadaval [IMAGEM 95].

Coluna

Antes de analisar as colunas do templo do *forum* da colonial de Mérida importa referir as operações de restauro já protagonizadas no templo de Mérida para compreender algumas incongruências que agora se vêem. Das intervenções já realizadas destaca-se o restauro do Arquitecto José Menéndez-Pidal [1908-1981], iniciado em 1973. Nesta obra o templo foi desobstruído das paredes envolventes e o pódio foi reconstituído com a configuração original. Toda a fachada tardoz foi construída e assim reconstituída a planta do peristilo, com bases novas de colunas, a replicar o desenho clássico. No estilóbata dezassete bases originais ainda permanecem *in situ*, as restantes doze réplicas, estão no corpo tardoz e uma do canto sudoeste[712]. A configuração do templo ficou, portanto, definida. O arquitecto optou por manter as ruínas do palácio renascentista, no interior do templo[713].

Entre 1986 e 1992, seguiu-se o restauro efectuado pelo Arquitecto Dionisio Hernández Gil; foi também realizado, nessa altura, o levantamento fotogramétrico bastante rigoroso de toda a estrutura antes da intervenção na fachada principal[714]. Este restauro, no entanto, levanta algumas questões sobre a interpretação do posicionamento das colunas, pois foram colocadas, na fiada de colunas no vestíbulo, duas colunas centrais, no entanto, não foi possível comprovar a existência destas, assim só as das extremidades é que têm evidência arqueológica, as centrais provavelmente não existiriam[715].

As bases áticas do templo de Mérida, em granito, seriam decoradas a estuque, alguns vestígios ainda são visíveis *in situ*. Estas integram o arranque do fuste e apresentam dois toros, bem pronunciados, iguais em diâmetro e altura, mas provavelmente decorados de forma diferente. A escócia está enquadrada por dois filetes simples. Relativamente às medidas as bases têm entre 0,55 m e 0,58 m de altura, incluindo o imoscapo, e entre 1,45-1,50 m de diâmetro. No fundo da base existe um profundo orifício quadrangular, que serviria de negativo para o encaixe no estilóbata[716] [IMAGEM 190]. Estas têm a particularidade de não terem plinto, algo que também ocorre no templo de Augusto e Lívia (*Iulia Viennensis*), em *Vienne*, construído em finais do século I a.C.

A integração do fuste é característica da arquitectura ocidental no período tardo-republicano e augustano[717], solução que na fase tardo-augustana tende a desaparecer com a autonomização da base num monólito. Esta característica acontece nos templos de *Barcino*[718] e *Augustobriga*[719]. Estes exemplos

712 Há uma base em falta, pois o templo teria 30 colunas, isto porque falta uma coluna que estaria localizada na fachada nascente onde é a entrada do palácio renascentista; assim esta não foi reconstituída.

713 Antonio Pizzo (2010b, p. 83).

714 Alçado oriental p. 82-83, alçado setentrional p. 86-87, alçado ocidental p. 90-91, alçado da *pars antica* p. 92-93 (José Maria Álvarez Martínez, Trinidad Nogales Basarrate, 2003),

715 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 110-111).

716 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 23).

717 José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 301).

718 "Para a história das formas arquitectónicas dos templos romanos, revestem-se igualmente de interesse as bases das colunas, com um toro bastante saliente, e sem plinto, como acontece nos tempos da época republicana em Roma e nas províncias até à primeira época imperial." Theodor Hauschild (1981b, p. 3, 4), ver também Theodor Hauschild (1991, p. 114).

719 Sobre as bases das colunas do Templo de *Augustobriga*: "Entre ambos, se abre paso una escocia recta, vertical, sin filetes que las escollen. Sobre un breve resalte del toro superior se talló en el mismo bloque el arranque del fuste, pero sin prolongar

não contêm grandes afinidades relativamente às bases eborenses, pois, neste caso, a base está totalmente destacada do fuste; assim procura-se outros modelos que poderão contribuir para a sua interpretação.

É possível estabelecer alguma afinidade entre as bases do templo de Évora e as bases encontradas no "Pórtico do *Forum*" de Mérida. Estas têm também plinto quadrangular, dois toros sendo o diâmetro do superior mais reduzido. São datadas do período cláudio-neroniano. A base [UE135] foi encontrada *in situ*[720] e tem a particularidade de, no toro superior, apresentar na parte central um entalhe quadrangular de 6x6 cm e 8 cm de profundidade ligado a um canal de 2 cm [IMAGEM 191]. O entalhe auxiliaria o encaixe da clavilha do tambor superior que, no momento da instalação, estaria cheio de chumbo fundido, assim o canal serviria para o chumbo sair no caso de haver transbordamento[721]. As medidas aproximam-se aos exemplares de Évora, a base tem 48 cm de altura, o plinto quadrado tem 1 m de largura e o diâmetro do imoscapo tem 66 cm.

Em relação ao outro exemplar exposto no museu de Mérida [CE33430][722] apresenta uma moldura no plinto, mas o perfil é semelhante ao de Évora, contém também um orifício no topo superior [IMAGEM 192]. Este tipo de bases:

> *"pertenecen al tipo estandarizado de basa ática, provistas ya de todos sus elementos constitutivos. Las basas de columna poseen la altura canónica (ca. 1/3), con toros separados por una gola profunda delimitada por filetes. La escocia es amplia, como corresponde al tipo ático de basa difundido desde la época augustea, a partir de monumentos como el Templo de Mars Ultor. Los ejemplos son numerosísimos y las variaciones tipológicas apenas sustanciales."*[723]

Neste desenho[724] é possível comparar o perfil das bases de colunas áticas do "Pórtico do *forum*" e dos templos de *Mars Ultor* e Évora [IMAGEM 193].

Analisando os fustes dos templos de Mérida e Évora verifica-se que a altura dos tambores tem tendência a ir diminuindo até ao topo do fuste. Relativamente às caneluras, estas apresentam-se bastante profundas, mas, no caso, de Mérida são em número ímpar, 15 caneluras, têm 0,13 m de largura e o filete tem 0,06 m, enquanto em Évora as medidas da canelura e do filete são ligeiramente maiores. O fuste emeritense remata, no sumoscapo, com motivo decorativo, linguetas semicirculares, tal como acontece nas colunas do templo de *Augustobriga*.

las acanaladuras de este, con lo que se hace claramente diferenciable el imoscapo de la columna de la basa propiamente dicha. Estas basas son semejantes a las emeritenses." (José Luis de la Barrera Antón, 2000, p. 143-144).

720 Segundo Rocío Ayerbe Vélez, Teresa Barrientos Vera e Félix Palma García (2009b, p. 321).

721 "E enclavijado fue de aplicación muy generalizada, especialmente en el caso del mantenimiento de los tambores de columna de diámetro poco importante (…). Resultando problemática la introducción del plomo en la cavidad superior, la solución más sencilla consistía en empotrar en primer lugar la clavija del sillar superior dando la vuelta a éste. Después de lo cual, una vez cuajado el plomo e insertada la clavija, se colaba plomo fundido en la cavidad inferior y se ajustaba la piedra, colocándose la clavija en el metal todavía líquido. Para evitar desbordamientos, a menudo se preveía un canal hasta el paramento." (Jean-Pierre Adam, 1996, p. 58).

722 Ficha completa do achado [CE33430] disponível em: http://ceres.mcu.es/pages/Main.

723 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 150).

724 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 463).

Nalguns dos fustes do templo de Mérida, sobretudo o que está exposto no Museu, ainda é possível verificar perfeitamente as camadas de estuque nos tambores [IMAGEM 25].

"Presentan dos capas de estucado perfectamente diferenciadas: la interior, más grosera, de 0,01m de espesor para tapar las imperfecciones de la piedra; sirvió como asiento a una segunda capa, más delgada, con arena de grano fino sobre la que se aplicó una tanda de estuco desleído pintado de tonalidades blanquecinas, como imitando el mármol."[725]

Nos intercolúnios da fachada principal ainda resistem os rasgos, até 1,62 m de altura, onde estariam fixas as cancelas de fecho, provavelmente em bronze ou em ferro[726].

Os capitéis do templo de Mérida são talhados em três blocos, têm, no total, 0,85 m de altura, aparentemente um bloco seria para *imma folia*, outro para a *summa folia* e o terceiro para as volutas e abaco. No entanto, o revestimento a estuque subverte todas estas partes ao acrescentar mais uma coroa.

"En los capiteles, es significativo, por ejemplo, que la altura de las coronas de hojas alcance poco más de la mitad de la altura total del capitel, sello característico de época augústea. Se explica, de este modo, la inusual anchura del ábaco, en desproporción con el resto de los elementos estructurales del capitel."[727]

Estes seriam profusamente decorados, observa-se que o trabalho em tosco da pedra não corresponde à profusa decoração do estuque. José Luis de la Barrera Antón descreve-os detalhadamente, enfatizando a singularidade dos mesmos.

"Estos últimos no tienen inconveniente alguno en añadir una tercera capa de estuco en la zona libre de kalathos, que debería haber quedado libre de decoración o, cuanto menos, provista de un sencillo adorno (cáliz o palmeta), como suele ser la norma. Son, por consiguiente, tres –y no dos– las coronas de acanto de estuco que revisten el kalathos. Esta singularidad convierte a los capiteles del 'Templo de Diana' en uno de los ejemplos más destacados de la arquitectura decorativa peninsular."[728]

Segundo o mesmo autor, o trabalho de entalhe e o revestimento de estuque são contemporâneos e realizados no momento da construção do templo.[729]

Provavelmente os capitéis do templo de *Augustobriga* seriam semelhantes, dos quais apenas restaram os blocos inferiores.

Vitrúvio e a disposição da coluna

Pelas medições possíveis, dado o mau estado de conservação, realizadas às bases das colunas do templo de Évora testaram-se as correspondências aos pressupostos de Vitrúvio [DESENHO I.56].

725 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 23).
726 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 105).
727 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 141).
728 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 24).
729 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 138)

"Concluídas estas coisas, coloquem-se nos respectivos pontos as espiras, e, para que elas fiquem perfeitas segundo a comensurabilidade, a sua altura, plinto incluído, deverá compreender a metade do diâmetro da coluna, tenho uma projectura, chamada pelos Gregos ecphora, também de meio diâmetro; desta madeira a espira terá tanto de largo como de longo um diâmetro e meio de coluna."[730]

Este pressuposto é claramente visível em Évora onde a altura da base da coluna é igual a metade do diâmetro da coluna e a largura da base corresponde exactamente a um diâmetro e meio de coluna.

Segundo Vitrúvio, numa base ática "dividir-se-á a sua altura, de modo que a parte superior corresponda a um terço do diâmetro da coluna, sendo a parte restante deixada para o plinto"[731], esta proporção também se verifica nos exemplares existentes. Relativamente à proporção entre os dois toros e escócia, as bases de Évora revelam um toro superior ligeiramente menor em relação ao estipulado por Vitrúvio.

Para ensaiar as proporções Vitruvianas no templo de Évora foram realizados quatro desenhos onde a proporção de Vitrúvio, de cada elemento arquitectónico, aparece desenhada a vermelho sobre o desenho existente, este ensaio foi realizado com a base de coluna [DESENHO I.54], o capitel [DESENHO I.55], o entablamento [DESENHO I.57] e a fachada norte [DESENHO I.58].

No fuste as 12 caneluras são escassas em relação às 24 defendidas pelo arquitecto romano[732]. Isto acontece talvez porque o granito não tem a mesma ductilidade do mármore; assim, estes programas teriam de ser adaptados às circunstâncias do lugar. O remate da canelura é em semicírculo perfeito, tanto no sumoscapo como no imoscapo. Pormenor que não acontece nos fustes do templo emeritense, onde a extremidade da canelura teria se ser posteriormente desenhada com o estuque[733]. Toda a superfície do fuste seria revestida a estuque ou uma outra argamassa. Este revestimento teria cerca de dois *digitus* de espessura. O aumento de diâmetros consegue, surpreendentemente, criar uma coluna bastante mais proporcionada e elegante, em que a sua altura corresponde exactamente a oito diâmetros. Algo que não acontece quando se considera o diâmetro medido em tosco.

Observando os capitéis do templo de Évora [DESENHO I.55], verifica-se que o diâmetro da coluna em tosco, medido pelo imoscapo, corresponde à altura do *kalathos*, ou seja 3 pés. Se se considerar o diâmetro da coluna com acabamento (3 pés e 1 palmo), esta medida não é suficiente para abarcar toda a altura do capitel, pois este mede mais 3 *digitus*. Assim esta proporção não responde ao cânone vitruviano, que refere que a altura do capitel coríntio corresponde à totalidade do diâmetro do fuste[734]. A espessura do ábaco corresponde à oitava parte da altura do capitel e não à sétima, como defende Vitrúvio.[735]

"12. Não considerando a espessura do ábaco, divida-se o restante em três partes, dando-se uma à folha inferior; a folha média tenha uma altura de duas dessas partes; os caulículos deverão apresentar esta mesma altura, deles

730 Vitrúvio (III, V, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 119).
731 Vitrúvio (III, V, 2), (Vitrúvio, 2009, p. 120).
732 Vitrúvio (III, V, 15.), (Vitrúvio, 2009, p. 124).
733 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 115)
734 Vitrúvio (IV, I, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 141).
735 Vitrúvio (IV, I, 11.), (Vitrúvio, 2009, p. 144-145).

brotando para diante folhas em que se apoiarão as volutas que, nascidas dos caulículos, se alongam até à extremidade dos ângulos; esculpir-se-ão hélices mais pequenas abaixo do centro da curvatura que o ábaco apresenta, sob o florão."[736]

Esta proporção tripartida não acontece nas folhas do capitel coríntio. Os florões estão distribuídos pelos quatro lados do capitel com a mesma espessura do ábaco, tal como defendia Vitrúvio.

Relativamente às contracturas, se se dividir o imoscapo em 7 partes e considerar 6 partes para o diâmetro do sumoscapo, verifica-se que a contratura do fuste está de acordo com a norma Vitruviana relativamente a uma coluna de 26 pés.

"Quanto às que tiverem entre vinte e trinta pés, divida-se a parte inferior do fuste em sete partes e faça-se a contractura do topo com seis delas."[737]

[736] Vitrúvio (IV, I, 12.), (Vitrúvio, 2009, p. 145).
[737] Vitrúvio (III, III, 12.), (Vitrúvio, 2009, p. 117).

Ensaio . Coluna

[DESENHO I.54] Reconstituição da planta e alçado da base da coluna e análise das proporções segundo Vitrúvio.

[DESENHO I.55] Reconstituição do alçado do capitel e análise das proporções segundo Vitrúvio.

[DESENHO I.56] Reconstituição da planta e do alçado da coluna do templo, no século I d.C.

Para o desenho da coluna ensaiamos uma base restaurada, sobre o existente, preenchendo o desgaste dos séculos segundo as evidências existentes e a configuração da base ática proposto por Vitrúvio. De seguida desenhamos um fuste revestido com duas camadas de *opus albarium*, tal como podemos verificar na coluna do templo do *forum* colonial de Mérida, e, por fim um desenho de um capitel coríntio restaurado. Este desenho do capitel foi realizado segundo a evidência arqueológica e a observação *in situ*, que foi possível realizar durante as operações de restauro realizadas em finais de 2017. Compomos assim um exemplar de coluna que pode reproduzir-se para as restantes. Apesar das colunas do templo apresentarem ligeiras diferenças, como nas molduras da base e, sobretudo, na técnica dos capitéis (para além das variações da flor do ábaco), optamos por não considerar estas variantes e trabalhar com um único modelo de coluna. Verificamos que o desenho da coluna revestida revela uma proporção escondida, mais harmoniosa e equilibrada.

A coluna mede exactamente 26 pés, o que equivale a 8 diâmetros, e o fuste mede 7 ½ diâmetros. Considera-se o diâmetro medido pelo imoscapo com o revestimento final.

Esta relação do diâmetro com a medida da coluna só se verifica depois de considerado o acabamento final. Este dado é importante, pois revela o detalhe que é dado ao projecto e como este contempla todas as fases.

Entablamento

No templo do *forum* colonial de Mérida os três troços originais da arquitrave que se conservam *in situ* localizam-se na fachada ocidental, compostos por uma fila dupla de lintéis [IMAGEM 194], tal como acontece no templo de *Barcino* [IMAGEM 195]; seria provavelmente decorada a estuque que conformaria as três *fasciae* e o cimácio. Estes lintéis têm cerca de 0,55 m de altura, por 2,80 m de comprimento, medidas que foram respeitadas nas réplicas realizadas aquando do restauro da fachada principal.Relativamente ao friso não existem elementos originais *in situ*, pelas peças encontradas, durante as escavações, era formado por lintéis monólitos de 0,50 m de altura e com um comprimento semelhante ao da arquitrave[738], foram encontradas duas peças em estuque, com decorações de ovas, que poderiam pertencer à decoração do friso[739], para além de uma peça em bronze, encontrada nas escavações de 1973, que também poderia pertencer à decoração vegetal do friso[740]. Observa-se que o friso e arquitrave têm sensivelmente a mesma altura, algo que também acontece no templo de Évora.

Sobre o sistema construtivo verifica-se que em ambos os templos (Mérida e Évora) o assentamento dos lintéis da arquitrave se situa no centro do ábaco. Sobre o detalhe construtivo referente ao ressalto nos extremos do lintel, já verificado no capítulo anterior, os autores Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate defendem que esta solução também era visível no templo de Mérida, apesar de não ter sido publicada nenhuma imagem que o comprove[741].

Apenas fragmentos dispersos da cornija do templo de Mérida foram encontrados durante as escavações. Esta corresponderia a um tipo coríntico, com perfil muito similar ao da cornija do pódio[742]; teria 0,56 m de altura e seria decorada a estuque, mas do qual não existe qualquer vestígio. Foi encontrado num edifício público na *Calle Romero Real* um grande bloco correspondente a uma cornija com um perfil que se poderia aproximar[743] ao desenho do entablamento do templo emeritense, esta tem 0,40 m de altura, 0,43 m de profundidade e 0,68 m de comprimento[744] [IMAGEM 196].

Relativamente à configuração do entablamento do tempo de Mérida, esta deverá ser analisada com alguma reserva, pois o restauro, realizado pelo arquitecto Dionisio Hernández Gil, pode sugerir uma interpretação errada. O frontão foi, segundo José María Álvarez Martínez, reconstituído com

738 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 166).

739 Estas peças, pertencentes ao Museu Nacional de Arte Romano de Mérida, são: "lnv. Geral. n.º 18.436. Alt. máx.: 0.19 mts. Ova perfectamente pulida en su anverso, de ligero abombamiento. Consta de varias tandas de mortero con capa terminal pintada de tonalidades marfileñas; lnv. Gral. n.º 18.437. Alt. máx.: 0.10 mts. Ova semejante a la anterior con la superficie externa más erosionada. Son precisamente estos dos últimos elementos los más sobresalientes del pequeño conjunto relacionado. Si pertenecieron al friso del templo es algo que no podemos determinar. Si parece evidente que, dadas las diferencias tan sustanciales de altura entre ambas *ovae*, cada una estuvo ubicada en un lugar distinto del edificio. Puede descartarse su pertenencia a las cornisas y los capiteles." (José Luis de la Barrera Antón, 2000, p. 25). O desenho destas peças está publicado em José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 109, fig. 25).

740 Análise detalhada desta peça em José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 261-265, 270-271).

741 "Como en Mérida, en el templo de Evora, la unión de dos piezas viene a situarse en el centro del capitel y para facilitar su disposición sobre los capiteles los sillares fueron tallados con una suerte de resalte o placa que evitaba así dañar las partes altas de los referidos capiteles." (José María Alvarez Martínez, Trinidad Nogales Basarrate, 2004, p. 305).

742 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 109).

743 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 166).

744 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 27).

molduras que pertenceriam à *cella*[745]. Para além disso as cornijas do entablamento não estão bem colocadas:

> *"En la restauración se han empleado indebidamente las cornisas del entablamento, cuando en realidad el saledizo no figuró en ellas y eso ha desdibujado su carácter. Su forma sería la de un triángulo isósceles delimitado con cornisas planas decoradas profusamente, aunque nada de ello se encontró en las excavaciones."*[746]

O frontão teria, em todo o seu perímetro, cornijas que desenhariam o tímpano. Porém, o restauro do arco ganhou uma presença no alçado que equivoca a configuração do frontão. A sua existência está comprovada pelo aparecimento de diversas aduelas, inclusive a pedra de fecho, nas escavações na *pars postica*. Este não teria uma função decorativa, seria um elemento construtivo que servia para aliviar as cargas do tímpano e conduzi-las directamente para as colunas, assim, seria posteriormente oculto com o revestimento do tímpano.

Este tipo de arco também é visível no templo de *Augustobriga*, contudo, a falta de elementos como a parte superior dos capitéis e do friso não ajuda à sua análise. Neste exemplo o canto da arquitrave é revolvido a 45º, tal como no templo de Évora.

O templo de Mérida atingiria os 22 m ultrapassando a altura dos templos de Barcelona e de Évora.[747]

Vitrúvio e a disposição dos epistílios

Analisando agora o epistílio do templo de Évora, segundo as disposições de Vitrúvio, verifica-se que a largura da arquitrave é sensivelmente igual ao diâmetro do sumoscapo.

> *"A largura do epistílio na base, logo acima do capitel, será igual ao diâmetro do topo da coluna sob o capitel; a largura do epistílio no cimo será igual ao diâmetro do arranque da coluna."*[748]

A proporção do cimácio e das faixas do epistílio não se verifica, tal como se pode ver no corte a vermelho [DESENHO I.57]. Vitrúvio concebe o cimácio com uma projectura igual à sua altura e esta regra será respeitada; porém, a grande dimensão do cimácio da arquitrave evidente nos blocos existentes impossibilita que esta tivesse 1/7 da altura, assim, talvez a arquitrave não tivesse três faixas, mas duas, esta solução, apesar de não ser muito frequente, podia acontecer, são disso exemplo os templos de Adriano e de Antonino e Faustina, em Roma.

Pelos vestígios do friso, este apresenta a mesma altura da arquitrave, no entanto, não tem qualquer vestígio do cimácio. Vitrúvio defende que se o friso tivesse baixos-relevos deveria ser uma quarta

745 José María Álvarez Martínez (1992, p. 90).

746 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 167) e José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 306).

747 Theodor Hauschild (1981b, p. 5).

748 Vitrúvio (III, V, 9.), (Vitrúvio, 2009, p. 122).

parte mais alto que a arquitrave, para que as esculturas tivessem visibilidade[749]. No desenho considerou-se o cimácio com a sétima parte da altura do friso, assim como a sua projecção.

A coluna mede exactamente 26 pés, a arquitrave corresponde a 1/13 da altura da coluna, ou seja, 2 pés. Esta divisão em 13 partes é recomendada por Vitrúvio para uma coluna de 15 a 20 pés[750]. Para se seguir o cânone, a arquitrave deveria medir, em altura, 1/12 da coluna, no entanto verifica-se que esta é menor.

A partir desta cota entra-se no campo da hipótese, concebe-se uma cornija e um frontão imaginários sem qualquer evidência arqueológica. Apenas baseado, para já, na tratadística. Vitrúvio não é claro na configuração da cornija, pois há questões que ficam em aberto. O seu desenho é bastante simples, sem modilhões. Assim, faz-se um exercício de interpretação segundo estes pressupostos, contudo, estes serão também trabalhados segundo análises comparativas. Dispõe-se uma faixa de dentículos sobre o friso, considera-se a altura dada por Vitrúvio, que seria igual à faixa média da arquitrave, no entanto, este desenho é apenas uma indicação, dado que a faixa no templo de Évora, se eventualmente existisse, teria de ser menor. O dentículo tem, no alçado frontal, uma largura igual à metade da sua altura e de afastamento 2/3 da sua largura; o alçado lateral deverá ser quadrangular, sendo o comprimento igual à altura; o seu cimácio tem 1/6 da sua altura. Por cima dos dentículos estaria a 'cornija' medindo igualmente a faixa média da arquitrave, incluído o cimácio. Considera-se o cimácio com uma altura correspondente à sétima parte da altura, mas esta medida não é mencionada por Vitrúvio. Relativamente à *cyma*, a moldura em garganta directa, que remataria a cornija, não existe qualquer referência sobre a sua comensurabilidade, esta poderia até já ser a *cyma* do frontão. Deste modo, são ensaiadas as duas hipóteses, sem *cyma* na cornija e com *cyma* na cornija[751]. Este seria um frontão com um desenho de cornija muito simples à semelhança do templo coríntio de *Sulis* Minerva, em *Bath*, ou até o templo jónico de *Portunus*, em Roma.

A altura do tímpano, espaço do frontão delimitado pelas cornijas, determina-se, segundo Vitrúvio, dividindo a largura da 'cornija' em 9 partes, este 1/9 será a altura. Dispõem-se as cornijas de forma semelhante às horizontais, Vitrúvio não faz referência aos dentículos, no entanto, estes são desenhados, como a cornija, com o cimácio, encimada pela moldura, esta executada "com mais a oitava parte da altura"[752] da cornija.

749 Vitrúvio (III, V, 10.), (Vitrúvio, 2009, p. 122).

750 Vitrúvio (III, V, 8.), (Vitrúvio, 2009, p. 122).

751 Para este ensaio foram também consideradas as ilustrações de Thomas Noble Howe, concebidas para a edição "Vitruvius: Ten Books on Architecture, publicado em 2001 pela Cambridge University Press e publicadas na tradução portuguesa do tratado por Justino Maciel, 1.ª edição de 2006.

752 Vitrúvio (III, V, 12.), (Vitrúvio, 2009, p. 123).

Ensaio . Entablamento

[DESENHO I.57] Reconstituição do alçado da arquitrave, friso e cornija, no século I d.C. (?).

[DESENHO I.58] Reconstituição do alçado norte do Templo com o apoio da tratadística.

No entablamento o exercício é mais conjectural. Para além da arquitrave e do friso, não temos mais evidências do epistílio. Assim, teremos de realizar esta reconstituição com base em modelos semelhantes e na tratadística. Recuperamos os preceitos de Vitrúvio e desenhamos as *fasciae* da arquitrave, no friso não consideramos a decoração apenas a *cyma* que a remataria, e sobre estes começa a conjectura desenhando uma possível cornija e um frontão. De referir a decoração do sofito na arquitrave, da qual ainda existem vestígios gravados no lintel. O resultado poderia ser o já verificado anteriormente, no entanto, considerando outros exemplos, como *Maison Carré* e o templo de Augusto e Lívia (onde ainda é possível perceber, apesar dos sucessivos restauros a configuração do entablamento), tentamos realizar outra hipótese, esta mais decorada, de acordo com a imagem transmitida pelos capitéis e também por alguns vestígios existentes no Museu de Évora que, embora não saibamos onde estes se enquadrariam, não deixam de revelar a erudição dos modelos. Como base de apoio a este desenho consideramos o tratado de Carreras Soto[753] relativo à ordem coríntia.

Relativamente à pendente do tímpano, Vitrúvio referia que esta deveria ter a nona parte da largura da cornija. Verifica-se que esta medida é demasiado reduzida, e tendo em consideração outros modelos como a *Maison Carré*, desenha-se um tímpano com uma pendente maior, e mais harmoniosa no alçado. Esta opção também foi considerada por T. Hauschild na reconstituição do entablamento[754].

Nesta interpretação foi apenas realizado um apontamento, muitosimplificado, dos acrotérios angulares. O cume não foi considerado na reconstituição. Desenhamos assim uma possível configuração do entablamento tentando cumprir, sempre que possível, a modelação e as proporções impostas.

Este poderia ser o alçado possível do templo segundo a evidência arqueológica, a técnica construtiva, pelo menos até ao friso existe alguma segurança, no entanto, a cornija é imaginada. O templo em alçado teria assim 12 pés de pódio, 38 pés de coluna, 5 pés de entablamento e um possível frontão com 7 pés, o que perfaria um total de 50 pés. Não há uma relação imediata com a largura do templo, como acontece com o templo do *forum* da colónia, em que se pode estabelecer uma simetria entre a largura e a altura[755], aqui a largura é medida pelo soco do pódio, que corresponde sensivelmente à altura do templo com frontão.

753 T. Carreras Soto (1952).

754 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 116).

755 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 124).

Composição e comensurabilidade dos templos

"A composição dos templos assenta na comensurabilidade, a cujo princípio os arquitectos deverão submeter-se com muita diligência. A comensurabilidade nasce da proporção, que em grego se diz analogia. A proporção consiste na relação modular de uma determinada arte dos membros tomados em cada secção ou na totalidade da obra, a partir da qual se define o sistema das comensurabilidades. Pois nenhum templo poderá ter esse sistema sem conveniente equilíbrio e proporção e se não tiver uma rigorosa disposição como os membros de um homem bem configurado."[756]

Analisando agora os templos segundo a sua 'comensurabilidade' entendendo o termo como sistema de medidas ou de proporções[757].

As dimensões do templo do *forum* de Mérida, não considerando o lajeado que rodeia o templo, são 31,80 m no lado maior e 21,90 m no lado menor[758], se se considerar a escada de acesso central e a plataforma, atingiria os 43,80 m de comprimento. Estas medidas traduzidas em pés romanos seriam 148x74 pés, uma proporção de 2:1[759].

O templo de Évora é também períptero hexastilo como o templo de Mérida, mas ligeiramente menor. Este mede, no frontispício, 9 *passus* e 3 pés (pódio) ou 48 pés, relativamente a lateral ainda não é possível averiguar a medida original, pois, como se verificou na Parte II, os silhares do *truncus* foram colocados durante o restauro.

O templo Augusto de *Barcino* apresenta uma dimensão considerável [IMAGEM 197]: este teria 16 m de largura por quase 41 m de comprimento, o que configura uma proporção exageradamente alongada para um templo.

"Saltam à vista as amplas distâncias entre colunas, que transmitem ao templo, conjuntamente com a sua forma quadrilátera e o pódio, uma impressão de leveza ou de transparência. (…)"[760]

Este templo é homólogo ao de Mérida e Évora, pois também se trata de um templo hexastilo, períptero de ordem coríntia, mas com uma particularidade: apresenta duas colunas *in antis*[761] A proporção das colunas é a mesma de Mérida: 6x11. Num estudo realizado por Josep Puig i Cadafalch[762], de 1930-1935, este templo é analisado segundo os preceitos de Vitrúvio e verifica-se que corresponde inteiramente, considerando um templo com mais de vinte pés[763]. Uma particularidade é o desfasamento do remate da *cella* em relação ao alinhamento das colunas. Nesse mesmo estudo o arquitecto publica os desenhos do arquitecto Antoni Celles, de 1830, uma planta hipotética do templo [IMAGEM 198], um corte do pódio com o alçado da base [IMAGEM 199] e também outros desenhos da sua autoria, como uma vista do templo reconstituído, onde se observam os longos intercolúnios, um

756 Vitrúvio (III, I, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 109).
757 Tal como descrito por Justino Maciel na sua tradução de Vitrúvio (Vitrúvio, 2009, p. 31, nota 13).
758 José María Álvarez Martínez (1992, p. 86).
759 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 670).
760 Theodor Hauschild (1981b, p. 3-4), ver também Theodor Hauschild (1991, p. 114).
761 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 144).
762 Josep Puig i Cadafalch (1934).
763 Vitrúvio (IV, IV, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 151).

alçado esquemático e um estudo de integração dos vestígios da cornija no entablamento [IMAGEM 200]. No entanto, este estudo já datado carece de novas investigações.

Outro exemplo de templo hexastilo, períptero de ordem coríntia, fora da Península, é o templo de Augusto e Lívia, que tinha 14,25 m de comprimento por 27 m de largura, e de altura máxima 17,36m. O remate da *cella* é deveras curioso, tal como menciona Luigi Crema:

> *"Il tempio ritenuto di Roma e Augusto, poi di Augusto e Livia, a Vienne, ha una sua particolare forma perché fu iniziato, per un solo interpilastro, con disposizione pseudoperiptera e proseguito poi come periptero, con pronao molto profondo. Non dissimile da esse doveva essere il tempio di Augusto a Barcellona, períptero."*[764]

No templo de Mérida as sondagens arqueológicas realizadas no interior do pódio, em 2003[765], verificaram a existência dos muros de suporte das colunas e confirmou-se a inexistência da terceira e quarta colunas na segunda fila, assim como na terceira fila. Este achado vem assim comprovar uma suspeita já levantada por Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate e tornar evidente o erro de restauro que se realizou e que ainda hoje permanece, com a construção de uma terceira e quarta colunas na segunda fila. Relativamente à *cella*, as referidas sondagens vieram também confirmar a configuração do que já havia sido apontado pelos mesmos autores. Foram encontrados, ainda que superficialmente, pois não foram escavados em profundidade, os troços dos muros laterais da *cella*, que têm entre 73 e 80 cm de largura e estão alinhados com o eixo da segunda e quinta colunas da fachada tardoz. A *cella* iniciava-se a partir da quarta coluna da fachada lateral, contada a partir da fachada principal, e fecharia a norte alinhada pela décima fila de colunas, seria uma sala com cerca de 15x9 m medidos pelo interior[766].

Foram também encontrados, nestas sondagens, vestígios do pavimento da *cella* que poderão corresponder a duas fases; sendo o original em *opus signinum*, poderá ter sido reformulado por um pavimento de mármore.

No templo de Évora não se sabe como seriam os intercolúnios da fachada principal, ainda assim, pela diferença que existe entre os intercolúnios da fachada posterior e as laterais, é de supor que, na fachada principal, o vão central fosse ligeiramente maior, tal como acontece em Mérida.

> *"(…) algo lógico con el fin de enfatizar el acceso principal y para propiciar la contemplación de la imagen de la divinidad desde el exterior. La distancia entre ejes en este tramo es 1,5 veces la distancia normal es de 458cm, luego la distancia entre las columnas es 360cm, mayor que la recomendada por Vitruvio para el templo éustilo, que sería de 3 diámetro, es decir, 295,8."*[767]

No templo de Mérida, para além do alargamento do vão central, acontece outro pormenor interessante: os intercolúnios laterais da fachada principal vão diminuindo até aos extremos. Esta

764 Luigi Crema (1959, p. 176).
765 Félix Palma García (2009, p. 133-155).
766 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 681).
767 Jesús Martínez Vergel e Rafael Mesa Hurtado (2003, p. 124).

variação é semelhante ao que acontece na fachada do Pártenon, criando assim uma largura crescente até a entrada principal.[768]

T. Hauschild aponta uma hipótese em que o templo original teria uma proporção de 6x11 colunas, como seria espectável em relação a um templo períptero. Esta frente terá sido encurtada posteriormente para uma proporção de 6x10 cm. Uma configuração bastante invulgar na arquitectura romana, ainda que existam alguns exemplos na *Urbs*, tais como o Templo D, do Largo Argentina[769], e o Templo de Apolo, no Palatino[770].

Segundo T. Hauschild, a escada central terá sido removida para dar lugar ao muro de pilastras, aquando da reformulação do *forum*. Parte desta escada terá sido atulhada para construção da plataforma de acesso ao templo. Relativamente aos degraus, estes teriam uma altura semelhante às camadas de *opus caementicium* do pódio entre 25 cm e 30 cm. Para estas hipóteses ensaia duas possibilidades [IMAGEM 201]. A primeira com uma escada central com 15 alturas e uma plataforma de acesso ao templo elevada cerca de 1,40 m da cota de pavimento do *forum*. Na segunda hipótese desenha uma escada com 10 alturas e uma plataforma com cerca de 2,80 m de altura. Para esta configuração teria de haver uma escada com cindo alturas para vencer a diferença de cota entre a passagem de chegada à zona sacra e a plataforma defronte do templo. Estas escadas laterais seriam perpendiculares ao templo e não paralelas, como acontece, por exemplo, no templo do *forum* de *Clunia*. Esta disposição das escadas laterais aproxima-se da solução aplicada nos templos dos *fora* de Merida e Conimbriga.

T. Hauschild, apesar de defender esta reconfiguração do templo, considera-a bastante particular na história da construção romana[771]. Realivamente aos acessos refere um exemplo interessante: o Templo de Dióscuros, no *forum* romano de Roma[772], onde se vê claramente a sobreposição da escada lateral sobre a escadaria central, de época anterior.

Esta alteração de fachada no templo de Évora implicava uma redução do edifício. Toda a fachada teria de ser demolida, assim essa obra implicaria um grande desafio estrutural, sobretudo no entablamento. Deste modo, parece-nos pouco provável que esta reformulação mantivesse o edifício original. O templo teria de ser reconstruído praticamente na íntegra para responder a uma obra desta envergadura.

Vitrúvio e as tipologias dos templos de acordo com o seu alçado e intercolúnio

O templo de Évora poderá ser classificado como picnostilo[773], pois o intercolúnio das fachadas laterais e talvez do frontispício, à excepção do central, corresponde a um diâmetro e meio do imoscapo, medido em tosco. Apesar de ser um templo picnostilo, a altura das colunas não

768 Jesús Martínez Vergel e Rafael Mesa Hurtado (2003, p. 125).
769 Pierre Gros (2011, p. 131).
770 Pierre Gros (2011, p. 143).
771 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 112).
772 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 110).
773 Vitrúvio (III, III, 2.), (Vitrúvio, 2009, p. 114).

corresponde a dez vezes o diâmetro das colunas, mas sim oito diâmetros mais 2/3. Se a altura fosse oito partes e meia, poderia ser um templo diastilo. No entanto, se considerarmos o diâmetro da coluna com acabamento, esta mede exactamente oito diâmetros, o que corresponderia supostamente a um templo areostilo, mas para isso o intercolúnio teria de ser bastante maior.

"Em contrapartida, nos picnostilos, se esta espessura for a oitava parte, por causa do cerrado dos fustes e dos apertos dos intercolúnios resultará um aspecto intumescido e sem elegância. Daí que convenha cumprir escrupulosamente as comensurabilidades correspondentes ao género de cada obra"[774]

Sendo um templo hexastilo, o módulo[775], segundo Vitrúvio, encontrar-se-ia dividindo o pódio em 18 partes (na fachada posterior, sem soco e cornija), e essa medida daria o diâmetro da coluna. Em Évora encontra-se o diâmetro da coluna dividindo o pódio em 16 partes.

Relativamente à tipologia, um templo períptero hexastilo deveria ter 11 colunas nos lados, a contar com as angulares.

"5. O períptero, por sua vez será aquele que tiver, seja no frontispício, seja na parte posterior, seis colunas e, nos lados, com as angulares, onze. Mas estas colunas deverão ser colocadas de tal modo que em volta, entre as paredes e as filas das colunas que ficam do lado de fora, haja um espaço livre igual à largura do intercolúnio, assim se obtendo uma zona de circulação em volta da cella do templo. (…)"[776]

Assim sendo, tendo cinco intercolúnios na largura, o comprimento do templo deveria ser o dobro da sua largura.

"Como foi dito, nos perípteros, as colunas deverão ser colocadas de tal modo que ao número de intercolúnios no frontispício corresponda o dobro nos lados: nestes termos, efectivamente, o comprimento do templo será duas vezes a sua largura."[777]

Considerando uma planta onde o comprimento é o dobro da largura, ou seja, os intercolúnios laterais são o dobro dos da fachada, esta seria a configuração ideal do templo de Évora, no entanto, dado as evidências arqueológicas, um templo com este comprimento seria pouco provável [DESENHO I.60]. Apesar disso, esta poderia ser uma configuração anterior à construção do muro de pilastras, na hipótese defendida por T. Hauschild no seu relatório final, tal como já foi referido.

Relativamente à escadaria de acesso ao templo, segundo Vitrúvio, os degraus deverão ser sempre ímpares.

"Sou da opinião de que a altura destes degraus deverá ser definida de modo que não fique maior que cinco sextos do pé nem menos de três quartos; deste modo, a subida não será custosa. Quanto à largura dos degraus, considera-se que não deverá ser inferior a um pé e meio nem superior a dois."[778]

774 Vitrúvio (III, III, 11.), (Vitrúvio, 2009, p. 117).
775 Vitrúvio (III, III, 7.), (Vitrúvio, 2009, p. 115).
776 Vitrúvio (III, II, 5.), (Vitrúvio, 2009, p. 113).
777 Vitrúvio (III, IV, 3.), (Vitrúvio, 2009, p. 118).
778 Vitrúvio (III, IV, 5.), (Vitrúvio, 2009, p. 119).

Considera-se, para estes ensaios, uma escadaria cujo cobertor corresponde a ¾ do pé romano. Ainda assim a configuração da escada torna-se muito difícil de determinar a partir dos vestígios existentes.

Tenta-se agora reconstituir a *cella* segundo os preceitos de Vitrúvio. Guiamo-nos pelas marcas já mencionadas do pódio, indicadas a vermelho [DESENHO I.59], sobretudo no lado noroeste, e a partir destas desenha-se o arranque da *cella*, desconhece-se a existência do pronau.

As evidências no estilóbata do pódio revelam que os muros da *cella* cumpriam o afastamento indicado por Vitrúvio, o espaço livre correspondente ao intercolúnio da fachada posterior, um intercolúnio ligeiramente maior do que a fachada lateral [DESENHO I.60]. As paredes da *cella* teriam a mesma espessura do diâmetro das colunas. O espaço sagrado seria um quarto mais longo do que largo e o pronau, se existisse, teria três quartos da largura da *cella*. Sendo a largura do templo superior a 20 pés, o espaço do pronau deveria, segundo a tratadística, ser rematado com duas colunas e os seus intercolúnios fechados com "cancelas lavradas de mármore ou de madeira dispostas de tal modo que tenham portas através das quais se faça a entrada no pronau."[779]. Estas cancelas separariam o pronau da ala de colunas à volta do templo. Sobre o sistema construtivo das paredes da *cella* em Évora nada se sabe.

[779] Vitrúvio (IV, IV, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 151).

Ensaio . Composição do Templo

[DESENHO I.59] Planta das ruínas do templo com os indícios arqueológicos e históricos para interpretação da *cella*.
[DESENHO I.62] Planta, corte e alçado nascente com hipótese de reconstituição do templo. Ensaio com 9 colunas laterais sobre vestígios existentes.

Infelizmente até hoje não se conseguiu verificar com certeza o comprimento da *cella* do templo de Évora. Theodor Hauschild avança com uma hipótese de que esta estaria alinhada com a sétima fila de colunas a contar da fachada posterior, justificando com evidências no lugar. No entanto, estas evidências são difíceis de constatar. Considerando esta e outras hipóteses, aponta-se um traçado provável para a configuração da *cella*. Esta seria de planta rectangular com uma parede com cerca de 0,82 m de espessura, e uma abertura alinhada com o intercolúnio da fachada, com cerca de 2,55 m.

Toda a interpretação relativa ao número de colunas e configuração da escada de acesso ao templo é apresentada como hipótese; não foi ainda possível, pelas escavações realizadas, uma formalização consolidada da fachada do templo.
A hipótese levantada por A. García y Bellido, com uma proporção de 6x9, o templo é reconstituído com o comprimento do pódio tal como se vê hoje, no entanto, o desenho da escada apontado com 14 alturas seria impossível, pois o *opus caementicium* existente não permitia uma escada com este ângulo acentuado[780].
A proporção de 6x9 colunas seria uma hipótese viável se a escadaria começasse mais afastada em relação ao limite da coluna. Foi ensaiada uma hipótese com 9 colunas [DESENHO I.62], no entanto, a escadaria não poderia chegar ao limite da base da coluna, uma situação pouco provável em arquitectura romana. Esta plataforma de chegada da escada teria de ter mais de 4 m acima da cota da praça uma altura, que nos parece pouco provável, e um pouco exagerada face às proporções do templo.
Optou-se por criar um intercolúnio maior na zona central do frontispício, tal como acontece nos templos de Mérida e *Augustobriga*.

O acesso ao templo terá sido posteriormente alterado com a construção do muro de silhares, estruturado por pilastras e é esta configuração que será testada com a ligação à área secular.

780 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 109).

Temenos

O *temenos* completava o complexo religioso do *forum*. A sua configuração criava uma cenografia envolvente ao templo e a sua organização reflectia um espaço de serviço público onde as "tradições do *forum* itálico e as tendências da nova mística do poder carismático"[781] se mostravam.

Este espaço não se tratava propriamente de uma praça, pois seria reservado ao culto, um território sagrado mais elevado em relação à praça secular do *forum*. O seu desenho era realizado de forma a enaltecer o templo, o pórtico encerraria o recinto sagrado, conferindo um espaço interior, de carácter cultual.

O pórtico converte-se numa extensão do templo, esta coerência tende a definir todo o complexo (templo, *temenos*, pórtico) como um todo, mais do que um tradicional pátio-peristilo conferindo ao conjunto uma organicidade superior.[782]

O *temenos* do templo seria, deste modo, um santuário urbano concebido para o culto imperial, organizado segundo um "complexo arquitectónico onde o templo é colocado num verdadeiro escrínio formado por pórticos que desenham os percursos das procissões onde as estátuas de sacerdotes e sacerdotisas são instaladas em território sagrado"[783].

O razoável estado de conservação do *forum* flaviano de *Conimbriga* permite perceber a configuração da área sacra, que estaria claramente dominante em relação à praça pública. O templo, implantado axialmente, era rodeado por uma plataforma a uma cota mais baixa que, por sua vez, estaria envolvida pelo criptopórtico semienterrado; são visíveis os muros parietais, ainda com vestígios da argamassa de revestimento, e os pilares interiores, de secção quadrada, alguns com quase dois metros de altura. Este criptopórtico teria, segundo as reconstituições, cerca de 4,5 m de pé-direito e estaria encimado pelo pórtico. Nas reconstituições deste complexo observa-se que a cota de pavimento do pórtico ficaria quase ao nível do estilóbata do templo.

Também o exemplo do *forum coloniae* de Mérida é importante para perceber as proporções do recinto. Neste caso a cabeceira do *forum* divide-se em 5 partes iguais onde 3/5 são ocupados pelo *temenos* e as restantes pelos edifícios que rodeiam do templo. O templo deveria ocupar a parte central do *temenos*, no entanto, a sua implantação é um pouco excêntrica em relação ao eixo central (18,40 m do lado ocidental, 18,90 m do lado oriental e 6,40 m a norte[784]).

Toda esta área sacra do templo de Mérida sofreu recentemente uma grande intervenção arquitectónica, concluída em 2011. O projecto de arquitectura esteve a cargo do arquitecto José María Sánchez García. O seu propósito foi recuperar o ambiente em redor do templo, através de uma volumetria neutra, em betão à vista. Esta prolonga a cota do *temenos*, com um pavimento em saibro da cor do granito existente, e fecha a zona sagrada com um edifício, de dois pisos, vazado no rés-do-

781 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 180).
782 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 181).
783 Robert Étienne (2002, p. 101-102).
784 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 683).

chão, em forma de U. No piso superior uma varanda em consola protege os muros existentes do criptopórtico e permite uma visualização do templo sensivelmente à mesma cota do estilóbata.

Os muros limite do criptopórtico, que ficaram à vista, depois desta intervenção, revelam a sua técnica construtiva, realizados em alvenaria (*opus incertum*) em fiadas de pedra lavrada mais os menos regulares[785].

Apesar de neste projecto de reabilitação, do recinto sagrado, se ter utilizado o saibro como material de pavimento do *temenos*, as escavações arqueológicas não conseguiram determinar, com segurança, como seria realizada esta área; o mais provável é que esta teria zonas pavimentadas com o mesmo lajeado da praça do *forum* e outras ajardinadas[786].

Em Évora, todos os vestígios envolventes ao templo, descobertos durante as escavações, voltaram a ser enterrados. Os desenhos de reconstituição apresentados neste estudo foram realizados com base nos registos arqueológicos recolhidos dos relatórios de escavação e em artigos da especialidade.

Relativamente à proporção do recinto sagrado eborense, esta não será muito distinta dos exemplos citados:

> *"a distância entre o monumento e o muro com estilóbato do pórtico corresponde à largura do monumento e a largura interior do pórtico é a metade dessa medida. Se partirmos da ideia de um complexo de eixo simétrico, estas medidas deviam repetir-se no lado nordeste. Existem, porém, divergências que, na verdade, não são tão grandes que se possa falar de um planeamento irregular."*[787]

Assim, tal como no *forum coloniae* Mérida, existem ligeiros desfasamentos nos traçados, mas não são significativos. Percebendo de forma breve a geometria do recinto sagrado, importa agora analisar cada uma das suas componentes: o tanque, uma antiga cisterna, volume do criptopórtico/pórtico e os acessos ao recinto.

Tanque

A existência da água era fundamental na cidade romana: para além do abastecimento necessário ao uso quotidiano, a água teria uma ligação ao culto, o seu carácter sagrado era representado nas áreas públicas e sagradas da cidade. A presença de tanques, de carácter cultual, era frequente em recintos forenses, mas também foram encontrados, associadas a estes complexos urbanos, outras construções hidráulicas como fontes monumentais e cisternas.

> *"A água, elemento vital na vida urbana, participa, também, no espaço sagrado da urbe. Pertence ao temenos do templo, situa-se junto ou dentro do pórtico que envolve a praça, ladeia a entrada ao forum, ela, a água, existe e localiza-se no interior do recinto do forum por uma razão específica relacionada com a liturgia do culto imperial."*[788]

785 José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 307).

786 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 175) e José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 308).

787 Theodor Hauschild (2001, p. 86).

788 Maria Pilar Reis (2010, p. 290).

A inclusão deste tipo de estruturas, em santuários dinásticos, começa a ser frequente a partir da época de Augusto, talvez à imagem dos dois tanques implantados em frente ao templo *Venus Genetrix*, no *forum* de César[789].

Como se processaria o culto nestes recintos ainda é um assunto que levanta muitas questões. Estariam provavelmente associados ao culto imperial e geralmente localizados no *temenos*. Sabe-se que, nos templos provinciais, os rituais aconteciam num altar exterior, localizado em frente ao templo, que teria, durante as cerimónias, as portas abertas para que a estátua monumental no interior da *cella* fosse visualizada pelo oficiante e pelos cidadãos.

Na maioria destes exemplos verifica-se a importância da simetria destas estruturas, eram assim elementos importantes no projecto arquitectónico, eram assim projectadas de acordo com cada necessidade e situação específica, tal como refere Pilar Reis:

> *"É inegável que a localização destas estruturas hidráulicas corresponde a uma exigência litúrgica e não apenas a um requisito meramente decorativo, como é expectável numa construção dedicada ao culto, onde todos os elementos deveriam encerrar um significado."*[790]

Na Península Ibérica são numerosos os exemplos onde aparece este tipo de estruturas hidráulicas.

Em *Pax Julia* (Beja), foi recentemente encontrado um tanque adjacente às fundações do Templo de Augusto, um outro edifício posterior o Templo de Tibério[791], do *forum* da cidade romana. Este templo estaria rodeado, por três lados, por um espelho de água, com 4,5 m de largura, muito semelhante ao de Évora [IMAGEM 202].

Em *Baelo Claudia*, existia uma fonte monumental, em êxedra, entre a plataforma sagrada e a praça [IMAGEM 203]. Esta estaria revestida a placas de mármore, e, numa primeira fase, servia de pano de fundo para o altar e a tribuna.

> *"A fonte envolveu o altar que presidia o forum servindo de cenário à tribuna. Não esqueçamos que é neste altar que se praticavam os sacrifícios animais e é neste ponto especifico onde acontece um dos momentos de maior aparato nas cerimónias rituais. Numa segunda fase a fonte será 'libertada' da tribuna, e construídos mais dois templetes laterais, sem com isso impedir ou alterar o acesso frontal à fonte."*[792]

Em *Valeria*, existiu uma monumental fonte, com quatro cisternas e galerias[793], tal como em *Bilbilis*[794].

Em *Clunia*, foi encontrado um grande depósito de águas na cabeceira do *forum*, que talvez se reproduzisse no lado oposto do *temenos* [IMAGEM 204].

789 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 185) e José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 308-309).

790 Maria Pilar Reis (2010, p. 298).

791 Ver Maria da Conceição Lopes (2018).

792 Maria Pilar Reis (2010, p. 303).

793 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 185).

794 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 186).

"Tras el muro se encuentra una cisterna enterrada, con acceso mediante una escalera de grandes dimensiones y en cuyo interior se dispone un ábside, lo que implica un uso que va más allá del mero depósito de agua, pudiéndose tratar de elementos vinculados al uso ritual."[795]

Também em Ampúrias, no *temenos* do capitólio, apareceu um tanque, atribuído à fase augustana. Tratava-se de um tanque em forma de L, com 2 m de largura, cujo braço mais curto, a oriente, tinha 20,60 m e o longitudinal 28,60 m de comprimento. Haveria ainda um terceiro tanque, de menores dimensões, talvez de construção posterior localizado na ala ocidental[796]. Esta estrutura estava adossada às alas norte e este do pórtico e era revestida com argamassa hidráulica[797].

Igualmente no *forum* de *Astigi*, de fundação augústea, foi documentado um tanque semelhante ao emeritense, localizado nas traseiras do templo. As dimensões do tanque são 23,80 m de comprimento por 6,32 m de largura, com uma profundidade que oscilava entre 1,29 e 1,38 m, em cada topo existia uma escadaria de acesso com cinco alturas[798]. Os muros envolventes têm 0,60 m de espessura e apresentam as mesmas soluções construtivas e de revestimento do tanque de Évora, à excepção das escadas em pedra que não apresentam qualquer revestimento[799].

Em *Conimbriga* Pilar Reis revela a existência de dois tanques junto dos maciços de alvenaria que ladeavam a escadaria do templo flaviano do *forum* de *Conimbriga*, justificando essa hipótese pela semelhança construtiva com os tanques da palestra das Termas a sul, na mesma cidade.

Os tanques do *temenos*, que ladeiam o templo emeritense, são simétricos, o do lado ocidental foi escavado na íntegra, o oriental apenas de forma parcial. Os dois têm um formato rectangular com medidas muito aproximadas: o ocidental mede 12,20 m de comprimento por 3,75 m de largura e 1,82 m de profundidade e o oriental 12,21 m de comprimento por 3,50 m de largura e 2,10 m de profundidade[800]. Os dois foram realizados em tijolo maciço e revestidos a argamassa hidráulica, de 3 cm de espessura, a argamassa desenha o pormenor em quarto de círculo, na união das paredes com o fundo e nas esquinas[801]. Os muros de contenção são rematados, na parte superior, por uma bordadura em silhares de granito com 40 cm de largura e 20 cm de altura[802].

"En el frente Norte son patentes las huellas de un pedestal, probablemente para una estatua. En el opuesto estaba situado el desagüe y anejo a él había una pequeña cámara con una escalera de cinco peldaños."[803]

Fora da Península o exemplo mais citado por Theodor Hauschild[804], pela similitude relativamente ao tanque do templo de Évora, é o tanque do capitólio de *Luna*, datado de época augusto-tiberiana.

795 Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría e Francesc Tuset Bertrán (2012, p. 44-45).
796 Maria Pilar Reis (2010, p. 300).
797 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 185).
798 Maria Pilar Reis (2010, p. 301).
799 Sergio García-Dils de la Vega, Salvador Ordóñez Agulla e Olivia Rodríguez Gutiérrez (2007, p. 89).
800 Antonio Pizzo (2010b, p. 95).
801 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 175).
802 Antonio Pizzo (2010b, p. 96).
803 José María Álvarez Martínez (1992, p. 90).
804 Theodor Hauschild (1994b, p. 16) e Theodor Hauschild (1994a, p. 199).

Ambos têm a mesma forma de U e praticamente a mesma variação na largura[805], cerca de cinco metros nos braços laterais e quatro no longitudinal. Nos topos do tanque de *Luna* existiam dois nichos dos quais brotavam os repuxos que o abasteciam[806], e a rodeá-lo um pórtico em mármore, pontuado por estátuas, que convertiam este complexo num cenográfico ninfeu[807].

O tanque em redor do templo de Évora assemelha-se, pela sua composição, ao tanque de *Luna* e apresenta, a nível construtivo, alguma parecença com os exemplares do *forum coloniae* de Mérida: pois a argamassa de revestimento é idêntica e também desenha o mesmo pormenor em quarto de círculo. Relativamente ao remate superior, dada destruição no topo de todo o tanque, não foi possível identificá-lo [DESENHO I.53].

A considerável dimensão do tanque sugere, tal como refere Pilar Reis[808], a existência de um sistema de abastecimento capaz de assegurar o seu enchimento. No entanto, as canalizações, que poderiam ser de abastecimento, encontradas no corte 29G (1996), não são conclusivas. A pendente dos braços do tanque e a estrutura encontrada no corte 29D (1997) apontam para uma suposta saída de água a nordeste, apesar disso desconhece-se qual seria o traçado do escoamento da água. A reentrância do topo oeste talvez corresponda a um ponto de abastecimento de água, no entanto, não foi encontrado qualquer achado a corroborar essa hipótese.

Theodor Hauschild[809], perante este vestígio, considerava que o tanque deveria ter cerca de 1 m de profundidade, esta calculada desde o fundo original até ao nível da camada inferior de silhares do soco do pódio, à altura em que existiria o antigo pavimento original que cercava o templo.

Como foi referido na Parte I, no canto sudoeste do *temenos* foram encontrados vestígios de uma antiga cisterna, são parcos os dados sobre esta estrutura de armazenamento de água, desconhecem-se os limites exactos e de quando terá sido construída.

> *"Nos lados longitudinais Leste e Oeste da cisterna ainda existem arranques da abóbada cilíndrica, formados por grandes tijolos; no lado Sul a parede fecha em cima em semicírculo para calçar a abóbada. No lado Norte existe a fundação do muro do pórtico, colocada directamente sobre os restantes arranques da abóbada (…)"*[810]

Sabe-se assim, pela sobreposição de muros, que foi utilizada num período anterior à construção do tanque e destruída em meados do século I d.C., para a construção do criptopórtico.

805 Theodor Hauschild (2001, p. 86).
806 Maria Pilar Reis (2010, p. 308).
807 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 186).
808 Maria Pilar Reis (2010, p. 290).
809 Theodor Hauschild (1987, p. 3).
810 Theodor Hauschild (1994b, p. 6).

Ensaio . Tanque

[DESENHO I.53] Hipótese de reconstituição do perfil do pódio no século I d.C.

[DESENHO I.64] Área sacra do templo com a reconstituição do templo e envolvente.

[DESENHO I.65] Proposta de reconstituição do alçado norte do Templo, no século I d.C.

[DESENHO I.67] Proposta de reconstituição do alçado nascente do Templo, no século I d.C.

[DESENHO I.68] Proposta de reconstituição do alçado poente do Templo, no século I d.C.

[DESENHO I.69] Proposta de reconstituição do corte transversal do Templo, no século I d.C.

[DESENHO I.70] Proposta de reconstituição do corte longitudinal do Templo, no século I d.C.

Esta tentativa de reconstituição tenta de alguma forma integrar o traçado do tanque com o templo. Verifica-se que os topos do tanque coincidem com o limite sul do pódio criando um corredor de separação entre a zona sagrada e a secular. Esta proposta apoia-se no *forum* de *Conimbriga* que também apresenta este mesmo espaço um pouco mais elevado que a praça [DESENHO I.64].

Infelizmente os tanques foram de tal modo destruídos que não é possível perceber onde estaria o topo do muro, no entanto, poderá inferir-se a cota de pavimento a partir do soco do pódio entre o primeiro silhar e a fundação em *opus caementicium*. Assim, a cota aproximada em redor do templo seria 307,58 m. Foram encontrados, como se descreveu no I capítulo, alguns vestígios de *opus signinum*, muito degradados nalguns pontos, que poderão dar certos indícios sobre a cota de pavimento do *temenos*. Estes vestígios, encontrados nos cortes 3 (1988), 29G (1996) e 43 (1995), indicam uma cota aproximada de 306,40 m, sensivelmente a mesma cota do fundo do tanque.

Se considerarmos o tanque como sendo uma obra posterior ao templo, teremos de desenhar uma base anterior à sua construção e considerar a escavação que foi realizada posteriormente. Supondo, pelas evidências já explicadas, que o remate do tanque estaria na terminação dos silhares da base do pódio, atribui-se esta cota como referência para a instalação do mesmo, ficando com uma profundidade entre 1,00 m e 1,25 m [DESENHO I.65]. As camadas revestimento são desenhadas segundo as evidências arqueológicas, estas indicadas nos perfis dos cortes 3 (1988) e 33 (1993). Representamos assim duas camadas de *opus signinum*: a que está em contacto com a água é ligeiramente mais grossa com pouco mais de dois *digitus* e a seguinte com cerca de um *digitus*. O remate superior do tanque é interpretado à semelhança dos tanques de Mérida com uma guia de pedra, com 40 cm de largura e 20 cm de altura, que percorre todo o perímetro do tanque [DESENHO I.53].

Criptopórtico/Pórtico

Os criptopórticos, denominados como 'fórmulas arquitectónicas'[811], por Roland Martin, são a expressão de uma cultura e de uma civilização. Todo este conjunto arquitectónico associado ao *forum* e, sobretudo, todo o santuário são a manifestação de uma estrutura religiosa, política e social. Um criptopórtico é, muito genericamente, segundo o mesmo autor[812], uma estrutura de grande envergadura enterrada ou semienterrada, conforme a topografia, formada por uma galeria de uma ou duas naves, quase sempre de cobertura em abobada. Esta galeria seria, normalmente, acedida por pequenos vãos e poderia ser iluminada através de janelas ou respiros.

Em termos tipológicos, o modelo de um criptopórtico mais difundido no fim da República, em Itália, seria composto por um U invertido de galerias traduzidas por um pórtico triplex no piso superior. O comprimento dos três braços do U oscilaria entre 150 e 250 m lineares e a largura das galerias estaria entre 6,50 e 8 m[813].

Todos os criptopórticos dos complexos religiosos respondem a um projecto urbano claro, de controlo da topografia de terrenos mais acidentados. O seu papel de '*substructio*'[814] evidencia a plataforma onde se localizava o templo, as construções hidráulicas, se as houvesse, e o tripórtico que o encerraria.

Nesta tipologia de criptopórticos integra-se o exemplo de *Conimbriga* [IMAGEM 205]. O *forum* flaviano desta cidade corresponde a uma renovação do *forum* anterior, de fundação augustana, para responder ao novo estatuto jurídico da cidade. O criptopórtico augustano era utilizado como atravessamento; este vencia a diferença de cotas entre a praça e o bairro a norte. As *tabernae* implantadas na praça cumpriam a função comercial. No período claudio-neroniano foi construída uma basílica do lado nascente completando as funções administrativas do *forum*. O projecto flaviano foi mais ambicioso na sua extensão e sumário no programa: este passa a ser um recinto exclusivamente religioso, assim todo o seu traçado é realizado de forma a enaltecer esse culto. O edifício projecta-se para Norte demolindo as construções anteriores, bem como o criptopórtico, o templo, as *tabernae* e a basílica. A praça mantém sensivelmente a mesma proporção. O criptopórtico flaviano foi assim construído segundo o traçado em U, o seu pavimento estaria a 2,56 m abaixo do pavimento do *temenos*, que aproveitaria a rocha natural do terreno. A galeria seria semi-enterrada, teria 7 m de largura e, ao centro, uma série de pilares de granito (0,90x0,90 m) de secção quadrada, que a dividiam em duas naves com sensivelmente 3,55 m de vão, os pilares distanciavam-se, entre eixos, cerca de 4,10 m nos braços longitudinais e 4,24 no transversal, com algumas variações na interceção.

811 "Ces formules architecturales ont tendance à devenir l'expression, la représentation d'un certain type de culture et de civilisation ; elles sont, dans une certaine mesure, le cadre matériel d'une certaine idée de la romanisation. Comme l'arc de triomphe des villes provinciales devient le symbole de leur autonomie municipale, l'ensemble architectural associant le *forum*, le sanctuaire du culte de Rome et de l'empereur est la manifestation et l'expression d'un type de civilisation et la marque d'une certaine structure politique et sociale. Il atteste une sorte de promotion juridique et politique, en affirmant l'autonomie de la cité et le ralliement au culte fondamental de la cité impériale. » (Roland Martin, 1973, p. 429-430).

812 Roland Martin (1973, p. 427).

813 Pierre Gros (2011, p. 115).

814 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 189).

A galeria seria coberta com um piso de madeira, sobre este estaria a ala que envolvia o templo. Na fachada os contrafortes com 60x60 cm estavam alinhados pelos pilares interiores. Comparando estas medidas com o criptopórtico do *forum* de Évora verifica-se que, apesar da extensão dos braços ser menor, as medidas interiores são sensivelmente coincidentes.

Relativamente aos usos, o criptopórtico, para além de ser uma estrutura de fundação para elevação dos pisos superiores, poderia também ser utilizado como circulação, tal como acontecia no *forum* augustano de *Conimbriga*. Poderá também considerar-se a hipótese de estas estruturas terem sido utilizadas como armazéns públicos. Nos muros do criptopórtico flaviano de *Conimbriga* ainda são visíveis os vestígios da argamassa de revestimento; este cuidado nos acabamentos atesta a que estes espaços seriam usados de alguma forma. Apesar dos usos, a sua resposta a uma questão construtiva de necessidade de elevação e de representatividade da plataforma superior é evidente.

Estes espaços foram reutilizados em época tardo-antiga, facto que se registou também em *Conimbriga*, talvez para uso doméstico. Em Évora, os muros encontrados no corte 15 (1991), a nordeste, adossados ao pilar do criptopórtico, parecem documentar esses usos posteriores.

Fora da Lusitânia há dois criptopórticos que deverão ser considerados pelo estado de conservação e pelas referências que estes podem oferecer à reconstituição do exemplo eborense. O primeiro é o criptopórtico do *forum* de Arles que apresenta igualmente três galerias formando um alongado U, divididas em duas naves. Os pilares, também de secção quadrangular, têm 80 cm de largura. Em Arles é possível verificar a altura deste espaço abobadado, que seria de 4,24 m[815]. A iluminação é garantida através de aberturas nas paredes da fachada para o *temenos*.

O criptopórtico de *Augusta Praetoria* (Aosta), em Itália, é semi-enterrado, apresenta uma galeria com 7,85 m de largura, com duas naves de 3,55 m, os braços longitudinais medem 87,10 m e o transversal mede 71,80 m[816].

Regressando à Lusitânia, importa analisar o exemplo da capital da província. Os edifícios que rodeiam o templo do *forum coloniae* de Mérida desenham igualmente um U invertido. As escavações permitiram perceber os seus limites e algumas das características construtivas. Neste caso o corpo em U estranhamente desdobra-se em duas galerias adossadas, talvez de duas naves cada. A galeria interior, tem 8 m de largura, pelo que é possível reconhecer pelos vestígios o muro limite, mais próximo do templo, e apresentava um criptopórtico apenas no braço ocidental. Segundo os arqueólogos que escavaram o local, este volume seria fechado sem a presença de pórticos, nem entradas, assim não haveria comunicação entre a zona em redor do templo e o edifício que fecharia a área sacra. No entanto, apesar de não haver comunicação de acessos, poderia haver comunicação visual. O pavimento desta galeria estaria quase um metro mais elevado que a cota do pavimento do *temenos*. Na reconstituição apresentada pelos autores Rocío Ayerbe Vélez, Teresa Barrientos Vera e Félix Palma García, o alçado deste corpo apresenta-se pontuado por uma série de questionáveis

815 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 691).
816 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 691).

pequenos vãos rectangulares. Talvez toda esta ala fosse mais aberta para a zona sacra com um pórtico, mas para corroborar esta hipótese teria de haver mais indícios.

Adossado a esta ala, pelo lado exterior, encontra-se outro edifício em forma de U invertido que apresenta um criptopórtico em toda a sua extensão. Alguns dos seus limites estão documentados arqueologicamente, os outros são apenas intuídos; assim considera-se que teria 8 m de largura, com 65,36 m de longitude nos seus lados oriental e ocidental e 93,60 m no setentrional. As naves teriam 3,55 m de largura e estariam separadas por pilares graníticos com uma distância de 4,40 m. Estes pilares foram realizados em silhares de granito, de secção quadrada, têm entre 80-82x80-84 cm de largo e 40-44 cm de altura. O seu acabamento, em tosco, sugere um revestimento posterior em reboco, mas do qual não há vestígios[817]. Estes sustentariam, muito provavelmente, as abobadas de cada nave na parte central. Esta estrutura deveria ser reforçada com contrafortes adossados ao muro exterior do criptopórtico, que provavelmente cumpririam a mesma métrica dos pilares.

No braço oriental foi descoberto um troço do pavimento em *opus signinum*; este achado permite verificar que o pavimento deste corpo estaria cerca de 90 cm elevado em relação ao criptopórtico anexo, do lado interior do *forum* e, por sua vez, quase dois metros acima do *temenos*. No muro de meação entre as duas alas, foram encontrados dois inexplicáveis arranques de vãos, com 80 cm de profundidade, cujo lado exterior teria 65 cm e o interior 96 cm.

> *"La tipología de las ventanas presenta dos planos distintos entre la cara externa, más ancha y la interna más estrecha, provocando de esta forma, la canalización de la luz hacia el interior. En la zona interna entre las dos caras de la ventana se han documentado unas series de seis orificios de 10 cm x 5-6 cm que servían a recibir unas rejas metálicas para la seguridad de la ventana."*[818]

Tratar-se-ia de aberturas para ventilação e iluminação, à semelhança de outros criptopórticos, como em *Augusta Praetoria*, Verona ou Ampúrias, no entanto, no caso de Mérida estes vãos não estariam abertos para o exterior, mas inesperadamente para outro criptopórtico. Esta é uma hipótese que não faz sentido. Talvez estas aberturas tenham sido realizadas numa fase anterior e fechadas posteriormente.

O acesso ao criptopórtico poderia estar a NO e NE, no topo dos braços da galeria, no entanto, não há indícios. Relativamente ao piso superior do criptopórtico nada foi encontrado.

Fazendo agora uma comparação com o exemplo de Évora, T. Hauschild acredita que "ainda está conservada grande parte da sua planta e da sua estrutura, apesar das construções acrescentadas mais tarde"[819]. Sobre a composição do U, o braço transversal do criptopórtico de Évora é maior que os braços longitudinais, tal como é Mérida.

Nos pilares no centro do criptopórtico talvez fossem semelhantes aos do *forum coloniae* de Mérida, a fundação do pilar encontrada no corte 43 (1993) sugere um pilar de secção quadrada com cerca de

817 Antonio Pizzo (2010b, p. 93).
818 Antonio Pizzo (2010b, p. 94).
819 Theodor Hauschild (2001, p. 86).

um metro de lado, ligeiramente maior que os pilares encontrados na capital da província [IMAGEM 206].

Também os contrafortes estariam presentes no muro exterior do *forum* de Évora. Pelas evidências arqueológicas, corte 11 (1990) e 34 (1993), é possível determinar os contrafortes adossados aos muros reproduzindo a mesma métrica dos pilares interiores da galeria semienterrada, à semelhança do *forum* de *Conimbriga*. No entanto, não se sabe que altura estes teriam. Estes contrafortes serviam como reforço estrutural para uma eventual cobertura em abobada do criptopórtico.

Sobre os vãos para iluminação e ventilação do criptopórtico de Évora, não foram encontrados indícios, no entanto, poderiam também ter uma configuração semelhante aos encontrados em Mérida [IMAGEM 207].

> *"Fazendo-se a comparação com outros pórticos, verifica-se que, para obter fontes de luz, era comum deixar aberturas no muro do criptopórtico em direcção à praça do templo."*[820]

Por comparação aos exemplos apresentados, pelos vestígios e pela análise construtiva do criptopórtico poder-se-á interpretar a existência de um triportico com duas naves, certamente aberto sobre o templo.

Entre o recinto envolvente ao templo e o pavimento do pórtico existiria uma diferença de cota que poderia ser vencida através de uma escadaria ou de uma guarda, mantendo-se a relação visual.

> *"Do pórtico superior, porém, não se conservou qualquer parede nem resto do suposto local de implantação das colunas. A parede interna do criptopórtico servia simultaneamente de muro do estilóbato do pórtico superior, estando no entanto as bases das colunas – como é habitual – a um nível mais elevado, acima do da praça que cercava o templo."*[821]

820 Theodor Hauschild (1994b, p. 17).

821 Theodor Hauschild (1994b, p. 17).

Ensaio . Criptópórtico / Pórtico

[DESENHO I.74] Tentativa de integração dos fragmentos arquitectónicos.

[DESENHO I.76] Ensaio de reconstituição da planta do piso térreo do *forum*.

[DESENHO I.77] Ensaio de reconstituição da planta do primeiro piso do *forum*.

[DESENHO I.79] Proposta de reconstituição dos perfis longitudinais do *forum*, sobre os perfis actuais da cidade.

[DESENHO I.80] Proposta de reconstituição dos perfis transversais do *forum*, sobre os perfis actuais da cidade.

Pelas escavações de T. Hauschild foi possível apontar uma configuração do pórtico que envolvia o *temenos*. Apesar de terem sido encontradas apenas as fundações dos muros e de um pilar, estes dados permitem interpretar uma hipotética configuração do pórtico.

O bloco de granito, de secção quadrada, encontrado no meio do criptopórtico e outro achado de natureza semelhante permitem a reconstituição das galerias do criptopórtico. Entre estes dois achados distribuem-se quatro bases, e assim conseguiu-se encontrar uma modulação para os pilares no corpo central. Para os braços laterais aplica-se a mesma lógica tendo em conta o achado do contraforte, a nascente, que estaria alinhado com os pilares centrais da galeria. Verifica-se que nestes braços a modelação poderia ser ligeiramente diferente, no entanto, ainda não foram encontrados vestígios das fundações dos pilares que comprovem esta métrica.

A reconstituição da altura do criptopórtico será sempre especulativa, pois não existem evidências de como seria a sua cobertura, procura-se, deste modo encontrar uma proporção aproximada aos modelos apresentados. Sabe-se que a cota de fundação do criptopórtico é de aproximadamente 305,06 m, a partir deste ponto traça-se uma possível altura de pé-direito, esta baseada na reconstituição do *forum* de *Conimbriga*. Ambos têm sensivelmente a mesma largura (*Conimbriga* 6,95; Évora 7,60 m medidos pelo interior), além disso estão implantados num lugar onde não existe uma grande necessidade de contenção de terras, pois o criptopórtico não estaria demasiado enterrado. Da mesma forma o muro exterior estruturado por pilastras apresenta a mesma solução que o criptopórtico de *Conimbriga*. Deste modo, ensaiou-se um desenho semelhante, sem abobadas e um piso provavelmente em estrutura de madeira[822] .

Este muro seria pontuado com aberturas de acordo com as normativas da arquitectura romana, esta altura permitiria a abertura de pequenos vãos que iriam iluminar e ventilar o criptopórtico. Relativamente aos vestígios do muro duplo do criptopórtico encontrado a norte, nos cortes 19 (1992),

[822] Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 215).

43 (1995), interpreta-se como sendo um muro de protecção para proteger a cave da possível entrada de humidade pela parte que estaria enterrada [DESENHO I.76].

Para o pórtico foi realizada uma proposta de interpretação de acordo com os preceitos de Vitrúvio relativamente à ordem dórica, com um intercolúnio de 15 módulos e uma coluna com 18 módulos [DESENHO I.74]. Assim ensaiamos outra planta, mais especulativa, a uma cota superior pelo pórtico [DESENHO I.77].

Para além disso foi realizada uma tentativa de integração de um fragmento de arquitrave [DESENHO XX.77], existente no Museu de Évora [ME 5051], de três faixas, no pórtico [DESENHO I.74]. Apesar de se desconhecer a proveniência deste fragmento, a sua dimensão estaria perfeitamente enquadrada no entablamento da colunata do pórtico em redor do templo. Em *Conimbriga* os fragmentos encontrados durante a escavação do *forum* foram fundamentais na interpretação do pórtico [IMAGEM 6].

Relativamente ao acesso ao criptopórtico e ao pórtico do *forum* de Évora não foi possível determinar qualquer hipótese.

Muro estruturado por Pilastras

O *forum coloniae* de Mérida apresentava, numa primeira fase, uma tribuna que foi posteriormente ampliada. Esta plataforma elevada teria uma função sacro-política, à semelhança de outros exemplos, neste espaço realizar-se-iam as cerimónias relacionadas com o culto e também os actos cívicos e políticos. Pelo que foi possível interpretar das escavações realizadas na *pars antica* do templo, para se aceder à tribuna teria que se subir dois lanços de escadas. Apenas se conservaram vestígios da escada mais ocidental da tribuna, que teria 2,40 m de largura, ladeada pelas pilastras do muro. Os degraus são em granito, com um espelho de 15-17 cm e de cobertor 31-37 cm. O número de degraus apresentado na reconstituição (13) é uma suposição. Chegar-se-ia então a um patamar mais elevado que a plataforma do *temenos*, que teria depois uma escada à esquerda e outra à direita de acesso à tribuna. Chegados a este patamar acedia-se ao templo por uma escada central de 10 degraus (o décimo primeiro seria já considerado estilóbata), segundo os vestígios estes seriam em granito com 15 cm de espelho e 30 cm de cobertor. Estas medidas traduzem-se num desenho invulgar, pois as paredes laterais do pódio projectam-se para além da escadaria central, e não acompanham toda a sua profundidade, como geralmente acontece nos edifícios sacros em arquitectura romana. Esta é uma hipótese apresentada pelos autores Rocío Ayerbe Vélez, Teresa Barrientos Vera e Féliz Palma García[823], no entanto, não é consensual. Trinidad Nogales Basarrate e José Maria Álvarez Martínez, na sua extensa monografia sobre o *forum*, publicam uma planta do templo e defendem a existência de duas escadas laterais a ladear a tribuna, que venceriam um desnível, entre a praça e a plataforma, de 1,80 m. E, desde a tribuna, que teria a largura do pódio, uma escada central com 15 degraus, de acesso ao templo. O muro de pilastras continuaria pela tribuna, desenhando uma fachada para a praça, com uma decoração de molduras rectas e encimado por uma balaustrada.

> *"La tribuna, cuya longitud concuerda prácticamente con la anchura del podium, llegaba a alcanzar, a lo que parece, 1,80m de altura y pudo contar con algún poyete o cancel a lo largo de todo su perímetro, marcado en su base por una decoración de molduras rectas. Precisamente en la base se aprecian unos orificios que no parecen tener relación con esa balaustrada antes aludida. Con ello, la altura de la plataforma superaría los 2m."*[824]

Posteriormente houve um redesenho de toda esta zona, à tribuna agregou-se uma êxedra que ocupava toda a frente do templo e que sobrepôs ao muro de pilastras:

> *"A esta tribuna frontal se le añadirá, en un momento posterior, una estructura en forma de exedra realizada en opera quadrata y caementicia. Esta tendría una longitud aproximada de 16,30 m, ligeramente menor que la anchura de la tribuna anterior."*[825]

Em Mérida existe outro templo intramuros que importa referir localizado na actual *Calle Viñeros*, a oeste do antigo *cardo maximus*. Neste recinto foram encontrados vestígios de um templo, com

823 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a).

824 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 95).

825 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 674-675).

orientação NE-SO, cuja tribuna e sistema de acesso se aproximam ao seu vizinho e contemporâneo, o templo do *forum coloniae*.

A qualidade dos achados permite perceber a configuração e as medidas dos degraus. Os acessos à tribuna, segundo a análise do conjunto e dos dados arqueológicos, eram realizados através de duas escadas laterais. Estas escadas de dois lanços teriam uma configuração em L, tendo o primeiro lanço 9 degraus e o segundo 10 degraus (20 cm de espelho e 40 cm de cobertor). Chegando à tribuna haveria depois uma escada de quatro degraus (mais estilóbata) até chegar ao edifício sacro, deste modo, eram necessários 23 degraus para chegar ao templo[826]. Relativamente aos acessos, conservam-se 5 degraus, em granito, sobre o *opus caementicium*.

Os templos de Mérida são identificados como *Templa Rostrata*[827], templos em ambientes urbanos, que integravam uma plataforma ou tribuna de oradores, com uma função claramente sacro-política[828].

Nesta categoria de templos estariam integrados o templo do *forum coloniae* de Mérida e do recinto da *Calle Viñeros*. Esta designação é defendida por vários autores, pelas características da *pars antica*, dotada de tribuna de oradores com uma função sacro-política onde se acedia por escadas laterais.

Esta tipologia de templos teve origem em meados do século II a.C. e foi recuperada durante a dinastia júlio-claudiana sobretudo com Augusto, que financia e inaugura, a 29 a.C., o templo dedicado a *Divus Julius*. Este monumento, que teve como antecessor o templo de *Venus Genitrix*, é considerado como o primeiro da nova geração dos *Templa Rostrata*. Apesar de não existirem evidências arqueológicas, a hipótese de que o acesso à tribuna seria realizado por escadarias laterais é a mais difundida pela bibliografia especializada[829].

> *"Por tanto, el 'Templo de Diana', por las características de su pars antica, provista de una tribuna con exedra, podría clasificarse dentro de la considerable serie de templa rostrata, es decir, de los dotados de una tribuna con clara función sacro-política a la que se podía acceder bien por escaleras laterales, bien por otras dispuestas en el mismo frente principal."*[830]

No *forum coloniae* esta característica torna-se evidente sobretudo após a ampliação da tribuna através de uma êxedra, que fazia parte de uma operação de reabilitação de todo o conjunto. Tal como justifica Pedro Mateos Cruz,

> *"La colocación de una tribuna, exedra, rostrum – es en ese momento y no antes cuando podría hablarse de templum rostratum – en la parte central del podio de separación existente entre la plaza del foro y el temenos del templo,*

826 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 784).

827 "Es posible, por tanto, clasificar el Templo de Diana dentro de la larga serie de los *templa rostrata*, es decir, aquéllos que contaban con una tribuna en su frente principal como prolongación del *podium* y denominados así por el recuerdo de la principal tribuna de oradores del Foro de Roma, los *Rostra* (…)" (José Maria Álvarez Martínez, Trinidad Nogales Basarrate, 2003, p. 95).

828 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 676).

829 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 791).

830 José María Alvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2004, p. 299) e José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 151).

podría estar relacionada con una vinculación del edificio con el culto imperial. (…) Estas reformas serían probablemente realizadas en coincidencia con la marmorización del foro de la colonia si tenemos en cuenta que las losas de pavimentación marmórea de la plaza del foro se adaptan perfectamente a la estructura (tribuna o exedra) colocada en ese momento confirmando su colocación de manera coetánea; se situarían, por tanto, dentro del proceso de monumentalización de los espacios públicos de la ciudad desarrollada a lo largo del s. I d. C."[831]

Assim, esta reforma do conjunto forense estaria associada ao processo de marmorização do *forum* da colónia realizada em época julio-claudia, esta requalificação no espaço público é visível na adaptação da estereotomia do pavimento da praça em relação à êxedra.

Na Lusitânia existem outros exemplos de templos com acessos laterais, em contexto forense, que devem ser mencionados pela sua semelhança, como o templo de época flávia em *Conimbriga* e o santuário de *Mirobriga* (Santiago do Cacém) [IMAGEM 208]. Este último constitui um exemplo interessante onde as duas escadas de acesso à tribuna estão ocultas por detrás do muro de pilastras rematado em curva[832]. O templo ergue-se numa posição dominante sobre a praça rectangular aproveitando a topografia existente. Por sua vez, o acesso ao templo era possivelmente realizado através de uma escadaria central, esta é uma hipótese levantada pelos vestígios de *opus incertum* depositados em frente ao templo[833].

Outros exemplos de acessos laterais apareceram noutras províncias da Hispânia[834], na Terraconenses, destacam-se o templo do *forum* de *Clunia* e os recintos sacros de Ampúrias e, na Bética, o santuário de Munigua.

Em Évora, os achados relativos aos acessos ao templo não foram conclusivos. A fachada principal do templo apresenta algumas dúvidas quanto à sua reconstituição. Verifica-se que os silhares do soco da base foram bruscamente interrompidos no lado da fachada principal, os restantes muros do pódio, sobre este soco resultam do restauro do século XIX, não permitem inferir qualquer hipótese sobre o limite do templo. Ainda assim, entre os topos do tanque e o muro de pilastras, no corte 1 (1987), foi encontrada "uma zona de pedra natural com vestígios de argamassa que tudo leva a crer tratar-se do assentamento da escadaria de acesso ao plano superior do pódio"[835], estes indícios sugerem "um acesso em escadaria lateral, constituído por dois lances, um a nascente e outro a poente"[836].

Tentar-se-á perceber, através do ensaio das plantas e dos perfis, de que forma é que esta escada vence as cotas altimétricas desde o pavimento do *temenos* até à tribuna e, por sua vez, como seria a escadaria central até ao estilóbata do templo. Esta escadaria axial poderia ter sido, numa fase inicial,

831 Pedro Mateos Cruz (2006, p. 347-348).
832 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 157).
833 Theodor Hauschild (1989-1990, p. 72).
834 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 677).
835 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 609).
836 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 609).

o único acesso ao templo e terá sido posteriormente cortada aquando da construção do muro de pilastras[837] [DESENHO I.60].

> *"Em Évora podemos reconstituir a planta com 10 colunas nos lados maiores e 6 nos menores. Numa primeira fase, havia talvez uma grande escadaria frontal, como A. García y Bellido tinha postulado; mas, numa segunda fase, duas escadas laterais subiam para uma plataforma, como deixa supor a localização, diante do templo, de um grande muro transversal de silhares, estruturado por pilastras, comparável ao muro situado diante do 'Templo de Diana' de Mérida."*[838]

O projecto do muro de pilastras, para o *forum* eborense, aproxima-o do modelo da capital de Província. Esta estrutura de silhares de granito pontuada por pilastras tinha uma clara função de separação entre a zona sagrada e a praça pública situada num nível inferior [IMAGEM 209]. As pilastras teriam uma geometria regular, mudando de ritmo na zona central da tribuna, que no caso de Évora estariam mais próximas; em Mérida, não foi possível averiguar a sua configuração central pela destruição a que foram sujeitas com a construção da êxedra.

A reconfiguração dos muros, das escadas e posteriormente a marmorização dos pavimentos e revestimentos, em época flaviana, são obras que acompanham este *forum* à semelhança do que aconteceu em Mérida.

Em Évora o projecto do muro coincide com muita probabilidade com a construção do tanque[839]. Pelos indícios registados, o muro de pilastras manteve praticamente a sua configuração, com alguns ajustes na parte central. Este muro conserva-se até 54 cm de altura (sensivelmente à mesma altura do muro do *forum coloniae* de Mérida), o revestimento de mármore, ainda encontrado *in loco*, terá sido também colocado numa fase posterior[840]. Relativamente ao exemplo emeritense não foram encontrados indícios de tal revestimento marmóreo[841].

Em ambos os exemplos, no extremo poente destes muros foram encontrados vestígios relacionados com o acesso ao *forum* desde os principais arruamentos da cidade. Entre a zona sacra e as naves porticadas da praça posicionar-se-iam os acessos, no enfiamento do *decumanus*, junto do cardo máximo. Este enfiamento prolongar-se-ia pela praça e possivelmente seria rematado com outro acesso igual no lado nascente. Este acesso seria talvez monumentalizado através de um arco que desembocaria na praça[842], a zona sacra do *forum*, acessível aos cidadãos. Verifica-se que os vestígios do arranque deste arco descobertos no *forum coloniae* de Mérida e em Évora são similares. Trata-se de

837 "Todavia não é de rejeitar a hipótese do templo ter tido, inicialmente, uma escadaria frontal que tivesse sido destruída e posteriormente construída a que se detectou, pois é evidente a brusca interrupção da cornija do pódio, nos cunhais sueste e sudoeste, como se tivessem sido cortados e não foram encontrados vestígios de fundação." (Pedro Fialho de Sousa, 2002, p. 609).

838 Theodor Hauschild (2002, p. 218) e Theodor Hauschild (2005, p. 22).

839 Theodor Hauschild (2010, p. 28).

840 Theodor Hauschild (2010, p. 28).

841 "En alguna zona de esta estructura delantera se observan unas cajas que podrían haber recibido algún revestimiento, -¿marmóreo?-, que decorara este frente, pero los pocos indicios existentes no nos permiten decir más." (José Maria Álvarez Martínez, Trinidad Nogales Basarrate, 2003, p. 94).

842 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 694).

uma estrutura, em silhares de granito, cuja planta se projectava do alinhamento do muro das pilastras. No caso de Mérida esta teria 70 cm de projecção por 1,54 m de espessura, e uma expressão, em alçado, de 15 cm[843] [DESENHO I.71].

São vários os exemplos de *fora* onde o atravessamento acompanha a diferença de cotas[844], como acontece em Bréscia, Vicenza, Luni, Ampúrias, Nyon e Amiens.

Na plataforma central, defronte do templo, é provável que existisse uma base, talvez uma ara ainda que pelas condicionantes do espaço não pudesse ter grandes dimensões, à semelhança do que acontecia noutros templos. Essa dúvida sobre o facto de ter ou não ter uma ara torna, segundo T. Hauschild, a atribuição da designação *templum rostratum* indefinida[845].

843 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 694).

844 Pierre Gros (2011, p. 223).

845 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 132).

Ensaio . Espaço sacro

[DESENHO I.63] Planta, corte e alçado nascente com hipótese de reconstituição do templo. Ensaio com 10 colunas laterais sobre vestígios existentes.
[DESENHO I.72] Planta de interpretação dos vestígios arqueológicos de época moderna. Índícios da área sacra do *forum*.
[DESENHO I.74] Tentativa de integração dos fragmentos arquitectónicos.
[DESENHO I.75] Planta de interpretação dos vestígios arqueológicos de época romana.
[DESENHO I.76] Ensaio de reconstituição da planta do piso térreo do *forum*.
[DESENHO I.77] Ensaio de reconstituição da planta do primeiro piso do *forum*.
[DESENHO I.78] Ensaio de reconstituição da planta de cobertura do *forum*.
[DESENHO I.79] Proposta de reconstituição dos perfis longitudinais do *forum*, sobre os perfis actuais da cidade.
[DESENHO I.80] Proposta de reconstituição dos perfis transversais do *forum*, sobre os perfis actuais da cidade.

Baseado nos modelos recolhidos atesta-se agora uma hipótese de reconstituição da zona sacra do *forum* de Évora. Tendo como referência o templo e os desenhos de escavação consultados, são integrados os vestígios do tanque, os muros que indiciam os limites do criptopórtico, o muro pontuado por pilastras e a sua relação com as diferentes escadarias e, por fim, o suposto acesso ao *forum* [DESENHO I.72].

Tomando como exemplo as reconstituições gráficas da área sacra, sobretudo dos *fora* de Mérida e *Conimbriga*, estas servem de modelo para apontar possíveis hipóteses para a configuração. Testam-se assim medidas em pés romanos, as proporções do *temenos* e a configuração do criptopórtico, em planta e em corte.

A cota de pavimento da plataforma do recinto em redor do tanque é uma incógnita, esta poderia estar sensivelmente à mesma cota do fundo do tanque, pelas parcas evidências de *opus signinum*, encontradas junto dos muros do tanque pelo lado exterior, corte 29G (1996) e, também, no corte 43 (1995) adossado ao muro do suposto criptopórtico. Estes vestígios poderão indicar uma cota mais rebaixada em relação à imagem habitual das reconstituições da área sacra do templo. Nestas imagens, a cota de pavimento está ao nível do topo do tanque. Infelizmente a destruição a que foi sujeita toda esta zona não permite adivinhar a sua configuração com alguma certeza. Haveria também a hipótese desta zona

ser ajardinada, sugestão avançada para o *temenos* do *forum coloniae* de Mérida. Esta variação de cotas sugere diferentes soluções na relação com o pórtico que envolvia toda esta zona, como se vê nos perfis [DESENHO I.79], [DESENHO I.80].

Sobre a configuração da *pars antiga* assolam várias dúvidas. Depois de estabilizada a planta da área sacra ensaiam-se várias possibilidades de acessos ao templo, a reconstituição de uma escada lateral cria alguns conflitos com o soco do pódio. Segundo Vitrúvio cada lanço de escadas (de aproximação ao templo) deverá ter um número ímpar, do mesmo modo os cobertores e espelhos dos degraus deverão ser desenhados de acordo com as recomendações do tratadista. Tentando assim trazer as medidas da escadaria dos exemplos emeritenses e as recomendações de Vitrúvio, desenham-se duas hipóteses de acessos à tribuna/templo: uma com uma escadaria central com 11 alturas e duas laterais com 5 alturas [DESENHO I.63], e outra hipótese com uma escada central com 7 alturas e duas laterais igualmente com 7 alturas [DESENHO I.64]. Considera-se esta última como a hipótese mais adequada, pois oferece um desenho de tribuna com uma área mais confortável; para além disso, traça uma 'plataforma corredor' (sempre com a mesma largura) que acompanha perfeitamente o alinhamento dos muros limite do tanque [DESENHO I.76, 77, 78]. Esta proposta de plataforma elevada acontece também no *forum* flaviano de *Conimbriga*. Esta última hipótese será a utilizada para os restantes desenhos de reconstituição do *forum*.

Sobre o muro das pilastras, este obedecia às evidências arqueológicas que foi possível registar do lado ocidental (mais bem conservado), estas foram depois reproduzidas no lado oriental. Considera-se, para esta reconstituição, a última fase do muro com o revestimento em mármore, este com 1,5 *digitus* de espessura e uma argamassa de 0,5 *digitus*. Relativamente ao alçado, sabe-se como seria o arranque e, pelas linhas de referência dos silhares, é possível apontar um desenho das molduras do soco, este continuava em altura até possivelmente à cota da tribuna, e remataria com uma moldura. Provavelmente sobre este muro existiria uma balaustrada, tal como se verificou no *forum coloniae* de Mérida, no entanto, não se sabe se seria de pedra ou madeira.

Nos topos do muro desenha-se uma escada com 5 degraus, que venceria um desnível de 5 pés e meio (1,6 m). Esta representação não tem uma evidência arqueológica, pois, apesar de T. Hauschild levantar essa hipótese da existência de uma escada neste local, pela diferença de material no pavimento, não foi encontrado nenhum degrau que a corroborasse.

Praça

A praça do *forum* obedecia a um programa claro integrado no projecto urbano dos espaços forenses – uma área fechada, bem delimitada, de acesso condicionado ao trânsito viário, privilegiando o acesso pedonal, era concebida como uma plataforma central de exaltação e visualização da monumentalidade do templo. Segundo Vitrúvio, as dimensões deveriam ser proporcionais ao número de habitantes numa estreita relação com a cidade e a sua transformação. O *forum* de *Conimbriga* é um exemplo claro de como esta estrutura urbana se ia adaptando ao crescimento da cidade.

Fazendo um exercício de analogia entre as praças dos *fora* de Évora e Mérida, verifica-se que, apesar das diferenças de cota, a configuração e proporção das duas praças seria semelhante. A norte existiria um muro elevado que serviria de fachada para a cabeceira do *forum* e, nos lados ocidental e oriental teriam seguramente uma escadaria. Relativamente ao pórtico em Mérida, existem evidências da escadaria no lado oriental, com três alturas, realizada com a mesma pedra do lajeado, esta venceria uma diferença de cerca de 80 cm entre a praça e a cota do pórtico[846]. Em Évora, apesar de não haver vestígios, a praça teria seguramente uma escadaria a ladear o pórtico.

No *forum coloniae* de Mérida, todo o espaço delimitado pelo pórtico teria 100 m de comprimento por 60 m de largura[847], uma área de 6000 m^2, uma proporção bastante aproximada à aconselhada por Vitrúvio, que recomendava que a praça deveria ser rectangular cujos lados estejam em proporção 2:3, ou seja, a largura da praça deveria ser 2/3 do seu comprimento. No lado oriental do pórtico da praça quase não existem dados arqueológicos, apenas um fragmento de *opus signinum* que serviria de assentamento das lajes de mármore e também um troço de muro que delimitava o *forum* a nascente. Este muro indica que a ala oriental seria um pouco mais larga e não estaria alinhada com o limite do criptopórtico da cabeceira. Verificou-se também a ausência de pórtico na parte central do lado oriental, este facto relaciona-se com os vestígios encontrados na plataforma oriental, o apelidado "Pórtico do *Forum*". Este acesso estaria a eixo do templo da Plataforma Oriental.

Relativamente a Évora foi encontrado o limite do pavimento da praça a sul, sondagem 51 (1996), na base de uma sepultura. No corte 44 (1995), entre o edifício da biblioteca e a sacristia da Sé, foi descoberto um vestígio de uma fundação que se interpreta como limite do pavimento da praça, a oriente, mas teriam se ser realizadas mais sondagens, eventualmente, no piso térreo da biblioteca para se perceber melhor a configuração deste complexo.

Os acessos à praça do *forum* em Évora, à semelhança do que acontece em Mérida, seriam realizados por duas portas laterais, no enfiamento da via de acesso ao *forum*. A porta seria assinalada com um arco de 3,18 m de vão. No *forum coloniae* de Mérida foram descobertos outros acessos localizados a sul da praça.

Todo o espaço da praça seria rodeado por um pórtico onde se desenvolviam várias dependências de caráter cultural, administrativo, político e judicial. O pórtico enfatizava ainda mais a configuração

846 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 705).

847 Medidas designadas em Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 698).

do *forum* como um espaço unitário, homogeneizado, fechado e delimitado. A praça porticada isola este equipamento do resto da cidade, como zona ideal e representativa sem, no entanto, perder a continuidade.

Em Mérida foi possível interpretar o pórtico ocidental a partir dos fragmentos encontrados, são estes um capitel coríntio, três fragmentos de fustes de coluna, com caneluras, e um coroamento de arquitrave; com estes elementos foi possível reconstituir uma colunata de ordem coríntia com colunas de 30 pés de altura e um entablamento de 7 pés. Estas dimensões seriam semelhantes às do pórtico do *Forum de Augustum*[848]. Relativamente ao intercolúnio, é apontada uma hipótese com 4,10 m, mais de 13 pés, sendo que o diâmetro dos fustes das colunas do pórtico é de 3 pés[849], assim a proporção entre o diâmetro do fuste e o intercolúnio é maior de três, equivalente a um ritmo areostilo, tal como referia Vitrúvio[850] sobre os intercolúnios. Este ritmo mais alargado verifica-se igualmente no pórtico do *forum* de Ampúrias, onde a distância entre eixos de colunas é de 4,90 m e também no *forum* de Sagunto com 4,57 m de eixo a eixo da sua colunata [851].

Relativamente ao pórtico de Évora não há dados, no entanto, há alguns vestígios que podem inferir algumas hipóteses de traçado e de forma, como os muros encontrados na cave do museu e o capitel toscano encontrado nessa mesma escavação.

O pavimento da praça do *forum* de Mérida foi realizado em lajes de pedra calcária de formato rectangular[852] e tinham uma espessura entre os 15 e os 19 cm. As dimensões das lajes variavam conforme a zona da praça[853]. O pavimento do edifício anexo, chamado 'Pórtico do *forum*', seria diferente, teria lajes de mármore de formato regular (1,32x0,87 m) com 5 cm de espessura assentes sobre uma camada de *opus signinum*[854].

Relativamente aos modelos, a estereotomia do pavimento do *forum* de Vicenza, onde ainda foram encontrados alguns vestígios na cave do palácio de *Trissino*, é uma referência próxima, pois as lajes são rectangulares e de dimensões semelhantes, para além disso são aplicadas de forma idêntica às do *forum* de Ebora.

Em Évora também é perceptível uma mudança na orientação do lajeado nas escavações realizadas no pátio do Museu, no entanto, a escassez de informação não permite perceber o desenho que estas teriam. Para além das diferenças na estereotomia, também existe uma ligeira disparidade de cotas de pavimento.

848 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 704).

849 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 705).

850 Vitrúvio (III, III, 1.), (Vitrúvio, 2009, p. 114).

851 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 705).

852 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 140).

853 "En este sector de la plaza en cambio, las lastras parece que estarían dispuestas en hiladas regulares; la más cercana a la fachada del pórtico estaría colocada con una orientación NE-SO; las siguientes probablemente estarían colocadas NO-SE." (Rocío Ayerbe Vélez *et al.*, 2009a, p. 699).

854 Pedro Mateos Cruz (2006, p. 333).

Relativamente à pendente da praça em Mérida verifica-se que a inclinação para sul seria de cerca de 30 cm em 100 m (3%); esta pendente conduziria aos sumidouros dispostos pelos canais perimetrais da praça[855]. O canal de drenagem das águas pluviais na praça corria sob os degraus de acesso ao pórtico e tinha 51 cm de largura e 85 cm de profundidade.

Em Évora verifica-se que existe uma ligeira diferença de cota entre os vestígios do pavimento da praça encontrados junto do muro de pilastras e os vestígios, a sul, encontrados nas sepulturas do museu; esta diferença traduz-se numa pendente de 5%. Relativamente ao canal de Évora apenas se conhece o seu remate a sul da praça, uma canalização de grande capacidade, que recolhia as águas da praça. Sobre os canais que percorreriam as margens da praça, não foi encontrado qualquer vestígio. A canalização encontrada no Museu, pela sua envergadura, é provável que fosse um dos canais de saída das águas pluviais da praça que teria mais de 2000 m² e que este canal percorresse toda a ala ocidental, oriental e sul, tal como em Mérida. O seu traçado é assim uma interpretação possível com base nos vestígios e na referência ao *forum coloniae* de Mérida [DESENHO I.75].

Toda a praça do *forum*, apesar da sua simplicidade de traçado, continha um imenso programa estatuário, comemorativo e honorífico que se ia transformando e crescendo ao longo do tempo. Todos estes elementos contribuíam para o papel de enaltecimento da representatividade e da memória da história da cidade.

> *"Este cúmulo de datos recuperados junto a los edificios porticados que delimitan la plaza inciden en la idea del foro colonial como el espacio urbano donde se realizarían los homenajes para celebrar tanto los triunfos como las conmemoraciones imperiales y, también, posiblemente, el sitio donde se dejaría constancia de los actos realizados por los personajes más significativos de la ciudad, como los benefactores, patronos, magistrados y sacerdotes de la colonia."*[856]

Na Lusitânia vão sendo conhecidos alguns dos programas públicos das cidades como: *Ebora*, *Aeminium*, *Conimbriga*, *Ammaia* e sobretudo Mérida. A capital provincial apresenta-se como um modelo territorial, um epicentro criativo em ligação com todas as cidades dos *conventus*[857]. Em Mérida foram encontradas fundações de estátua junto ao canal perimetral que bordeava o pórtico, localizados sensivelmente em frente às colunas do pórtico de forma a não perturbar a circulação, a cerca de 4,30 m de distância. Estas bases apresentavam uma configuração mais alongada, as encontradas tinham 0,52 cmx1,60 m e 0,60 cmx1,80 m. Assemelhavam-se a outras bases de estátuas equestres encontradas noutras cidades. No *forum* de Segobriga apareceram pedestais de estátuas equestres de grandes dimensões entre 1,79-2,56 m de largura e de 1,70-2,56 m de comprimento[858]. Este posicionamento das bases também é reconhecível no *Forum* de *Conimbriga*, de época flaviana.

855 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 698).
856 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 701).
857 Ver Trinidad Nogales Basarrate (2016, p. 326).
858 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 700).

Foi encontrada na praça do *forum* de Évora, no lado poente, junto do muro de pilastras, uma fundação que aparenta ser de uma base de estátua ou eventualmente de um altar. As suas dimensões consideráveis (1,30 de largura por 1,95 de comprimento) podiam indiciar a existência de uma base de uma estátua equestre, tal como menciona T. Hauschild[859]. Existe um fragmento de base no Museu de Évora, no entanto, as dimensões deste sugerem uma base de tamanho mais reduzido, assim, não pertenceriam à fundação mencionada. Este é o único registo de uma possível localização de um elemento na praça do *forum* de Évora, apesar disso, existiriam certamente muitos outros. Na zona do Museu, os vestígios de argamassa encontrados apresentam algumas diferenças de cota. Essas variações também poderiam indicar a presença de outros elementos comemorativos.

O pórtico servia como galeria de acesso às várias dependências que se alojavam no *forum*. A partir do período augustano as estruturas comerciais, as *tabernae*, vão sendo substituídas por outros usos com funções mais específicas[860].

As investigações realizadas no extremo sul da ala ocidental no recinto forense em Mérida permitiram identificar algumas das dependências associadas ao programa de uso político/administrativo do complexo. Foram encontrados muros que poderão ser interpretados como pertencentes a uma curia[861], outros como pertencentes à basílica judiciaria; junto da Curia foi também encontrada uma galeria subterrânea, de três naves, que poderá eventualmente ser interpretada como tesouro público (*aerarium*) ou com menos certezas a prisão (*carcer*).[862] Este achado tem características semelhantes às do *forum* de Verona, onde apareceram três salas de planta rectangular interpretadas como prisão (*carcer*), sala de arquivos (*tabularium*) e tesouro público (*aerarium*).

859 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 238).
860 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 705).
861 Vitrúvio (V, II, 1), (Vitrúvio, 2009, p. 179).
862 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 705).

Ensaio . Praça

[DESENHO I.71] Registo dos vestígios arqueológicos considerados de época romana associados ao *forum*.

[DESENHO I.73] Planta de interpretação dos vestígios arqueológicos de época romana. Índicios da área secular do *forum*.

[DESENHO I.74] Tentativa de integração dos fragmentos arquitectónicos.

[DESENHO I.75] Planta de interpretação dos vestígios arqueológicos de época romana.

[DESENHO I.77] Ensaio de reconstituição da planta do primeiro piso do *forum*.

[DESENHO I.79] Proposta de reconstituição dos perfis longitudinais do *forum*, sobre os perfis actuais da cidade.

As medidas da praça de Évora são apenas uma hipótese, estas ainda não foram possíveis de comprovar arqueologicamente com toda a segurança; pelas evidências até à data estas rondariam entre 35 m de largura e os 60,96 m de comprimento, o que são medidas bastante consideráveis, quase dois *actus* romanos[863].

Considerando a informação da planta geral das sondagens do *forum*, [DESENHO I.71], tenta-se reconstituir a entrada do *forum* a partir destes dados, assumiu-se o arco como uma peça, uma porta monumental, como um elemento representativo que indica a entrada do *forum*, um elemento simbólico de passagem [DESENHO I.79].

Tendo como base as plantas e cortes de levantamento arquitectónico do Museu de Évora, de 2002[864], anteriores à intervenção arquitectónica, repara-se que, na ala oeste, existiam paredes sobre os muros romanos, talvez por isso estes se tenham conservado. Os muros encontrados durante as escavações na ala oeste da cave do Museu apresentavam um paralelismo entre si e uma métrica regular [DESENHO I.73]. Foram, na altura da escavação, interpretados como sendo das *tabernae*. Poderiam ser efectivamente das *tabernae*, no entanto, estas estariam a um piso inferior à cota da praça. As *tabernae* poderiam eventualmente estar abertas para a via, uma hipótese pouco provável, pois implicaria a existência de um grande declive da via entre a entrada do *forum* e a zona destas dependências. O mais provável é que fossem dependências dos espaços superiores, mas dos quais já não existem quaisquer vestígios. Apesar disso, faz-se uma tentativa de reconstituição destes espaços transferindo os muros para o piso superior, considerando que estes teriam expressão no pórtico da praça. O resultado é

863 Theodor Hauschild (2010, p. 33, 34).

864 Agradece-se a cedência destes desenhos de levantamento, do Museu de Évora, por parte da Direcção Regional da Cultura do Alentejo (DRCAlentejo).

bastante semelhante ao *forum* de Mérida, assim, talvez estes espaços tivessem o mesmo programa [DESENHO I.75].

Relativamente ao pórtico da praça de Évora existem muito poucos indícios, no entanto a partir destes é possível fazer uma tentativa de reconstituição baseada nos muros encontrados da cave do museu e um troço de muro encontrado na sondagem 44 (1995). Transpondo o alinhamento desse muro para o lado ocidental, este apresenta um afastamento de 4,84 m entre os eixos, relativamente ao muro 16 encontrado na cave do museu. Esta medida é sensivelmente a mesma do afastamento dos muros perpendiculares da ala oeste. Assim distribui-se uma série de colunas com esse afastamento a eixo dos muros perpendiculares e consegue-se uma métrica de um pórtico regular. Apesar de ser apenas uma hipótese, esta métrica encontra perfeitamente o muro a norte que atravessa a canalização da praça. Este facto pode indicar que a métrica do pórtico poderia funcionar [DESENHO I.77]. Esta é uma métrica bastante vulgar utilizada em vários *fora* da Lusitânia, tais como Ampúrias, *Clunia* e *Conimbriga*, no período augustano.
As juntas salientes da argamassa de assentamento que restam permitiram averiguar a extensão da praça, assim como apontar uma possível estereotomia do pavimento.

Relativamente à integração de fragmentos arquitectónicos, ensaia-se o pórtico com o capitel toscano [DESENHO XX.07], existente no Museu de Évora [ME 4402], encontrado na escavação da cave do Museu [sondagem área 1 – ala oeste cave (2007)]; apesar deste achado ter sido encontrado em contexto isolado assume-se, pelas suas características, que poderia ser um capitel do pórtico, neste caso da praça do *forum*. A coluna teria 7 diâmetros de altura equivalente à largura do pórtico [DESENHO I.74].

Considerações sobre uma eventual basílica

Não existem dados suficientes para se conseguir traçar com alguma certeza a suposta basílica do *forum* de Évora; ainda assim, considera-se este exercício importante para incrementar a discussão sobre este monumento e para justificar a tese subjacentte a este trabalho de investigação. Pretende-se criar um campo de entendimento entre a arquitectura e a arqueologia, em que a arquitectura lança hipóteses de interpretação sobre uma estrutura arqueológica sustentada nas evidências possíveis, na tratadística, nos exemplos semelhantes, mas também na intuição de projecto. E é nesse equilíbrio que se move o trabalho de reinterpretação do vestígio, sabendo que por vezes este pode trazer controvérsia, discussão, necessidade de validação, mas sobretudo tenta contribuir para uma mobilização de todos os intervenientes do património arqueológico e arquitectónico para uma maior atenção e pensamento sobre a importância da abrangência de todo este entendimento.

Com os dados da arqueologia, vinculados à história e à linguagem clássica, realizou-se então um ensaio de interpretação de uma possível basílica suportado pela descrição da basílica de Vitrúvio e por alguns exemplos da Lusitânia.

Tratando-se de um *forum* de culto imperial, este equipamento urbano era dotado seguramente de um espaço para comércio, trocas, mais resguardado da intempérie. Assumindo uma tipologia de *forum* tripartido, a basílica funcionaria na continuidade do pórtico, esta poderia mesmo integrar o ritmo do pórtico do *forum*[865]. Esta implantação da basílica é reconhecível noutros exemplos, como no *forum* de *Augusta Raurica* e o de Nyon[866]. Considera-se para este ensaio um modelo de basílica de meados do século I, com um deambulatório periférico e os seus anexos a rematar os topos[867].

Em Mérida foi realizado, em 2009, um exercício de interpretação do traçado da basílica [IMAGEM 210] a partir dos dados arqueológicos disponíveis, os quais abarcam apenas uma pequena área do lado ocidental do que seria todo o edifício; para além disso foram considerados outros factores, como a topografia e a relação axial com o conjunto monumental. Nada do traçado actual da cidade poderá intuir uma possível configuração. Pela interpretação destes dados, os autores conseguiram reconstituir um espaço com 63,10 m de comprimento e 30,60 m de largura, "lo que generaría una superficie interior de casi 2000 m2 de espacio útil" [868], localizada no lado menor a norte. A basílica remataria o *forum* no lado meridional. Na cidade actual o traçado da basílica não tem qualquer presença, este foi completamente diluído pela malha medieval.

Em Évora sugere-se, como localização de uma possível basílica, o lugar onde hoje se implanta a Sé. Apesar de não existirem registos de vestígios arqueológicos neste lugar, é certo que existiria uma construção romana talvez associada ao *forum*. A sua localização apenas pode ser intuída. A cota da Sé está ligeiramente abaixo da cota da praça do *forum*, tal como refere T. Hauschild "a situação da Sé, na extremidade sul do foro romano, com um chão cujo nível corresponde aproximadamente ao do foro,

865 Pierre Gros (2011, p. 248).
866 Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 250).
867 Pierre Gros (2011, p. 250).
868 Rocío Ayerbe Vélez *et al.* (2009a, p. 729).

tem um interesse especial para a história da época pós-romana, quando os grandes recintos romanos tiveram um novo destino."[869] Hoje a praça está a cerca de 2,30 metros mais elevada, "verifica-se que houve uma grande alteração da topografia, o que, em grande parte, provavelmente se deve às transformações ligadas à instalação e utilização do cemitério na Idade Média."[870]

Existem outros exemplos de basílicas forenses de ordem jónica na Lusitânia, com uma configuração e implantação bastante semelhante, como é o exemplo da basílica de *Baelo Claudia* [IMAGEM 211], implantada no lado oposto aos templos do *forum*[871], e também a basílica do *forum* de *Sellium* (Tomar) [IMAGEM 212]. Esta basílica, datada da época de Augusto, estudada por Salete da Ponte[872], que coordenou as escavações no *forum*, revela que este edifício estaria posicionado no lado mais estreito do *forum*. Este teria uma configuração semelhante à Basílica de Fano, com oito colunas dos lados menores e provavelmente oito nos lados maiores[873], e comunicaria com a praça através dos pórticos a poente e nascente. O capitel jónico encontrado nas escavações prova a utilização da ordem jónica e torna possível interpretar uma altura de cerca de 11,87 m [IMAGEM 213]. O gosto pela ordem jónica associa-se frequentemente ao programa arquitectónico de edifícios públicos, como basílicas[874].

Como ponto de partida para esta interpretação, à semelhança do que foi realizado com o templo, começa-se com o capitel que, neste caso, é de ordem jónica[875]. Este fragmento arquitectónico, existente no Museu de Évora [ME 18345], revela uma grande monumentalidade; foi encontrado, como peça reaproveitada, nos muros das sepulturas medievais da ala oriental do museu.

T. Hauschild levantava a hipótese deste capitel pertencer possivelmente a uma "basílica que estaria localizada, talvez, tendo em conta o local do achado, no lado estreito, ou seja, a sul do foro onde foi construída a Sé medieval"[876]. Esta interpretação é também corroborada pelos estudos de Lídia Fernandes, autora que analisa de forma exemplar o capitel jónico e considera, pelas dimensões e características, que este deveria integrar um programa monumental, um edifício público pertencente ao *forum* da cidade, possivelmente a basílica. [877]

Apesar do estado de grande degradação desta peça, é facilmente reconhecível a sua considerável dimensão e formas decorativas, que pelas suas características pode ser atríbuida à primeira metade do

869 Theodor Hauschild (1994b, p. 18, 19).
870 Theodor Hauschild (1994b, p. 12).
871 Theodor Hauschild (1995-1997, p. 424).
872 Maria de La Salete da Ponte (1989, p. 14).
873 Jorge de Alarcão (1990, p. 50-51).
874 Ver Carlos Fabião (2010, p. 355).
875 Ver 'A montagem dos fragmentos arquitectónicos', Apêndice I.
876 Theodor Hauschild (1995-1997, p. 424).
877 "Quanto ao capitel de Évora já havíamos referido que as dimensões e as características decorativas em presença nos levam a considerá-lo como pertencente a um edifício público. Neste caso, os restantes vestígios encontrados na cidade permitem integrar este espécime num primeiro momento de monumentalização da cidade. A proximidade do templo (…), e a topografia do local levam a considerar a hipótese de se ter situado aqui o *forum* da cidade e de este capitel poder ter pertencido a um dos seus edifícios, talvez basílica, que ocuparia, desta forma, um dos lados menores da praça defronte do templo dedicado ao culto do imperador." (Lídia Fernandes, 1997b, p. 193-194).

século I d.C.[878]. Este capitel seria posteriormente revestido a estuque[879], a base em granito seria o esqueleto para a aplicação do acabamento, conseguindo assim mais plasticidade e pormenor à decoração.

Para além deste capitel existe outro fragmento que poderia estar relacionado com o capitel jónico: trata-se de um tambor de uma coluna em granito, de grandes dimensões, também encontrado nas escavações do museu[880]. Este tambor não apresenta caneluras, em tosco, e seria revestido a estuque.

878 Theodor Hauschild (1995-1997, p. 424).

879 Theodor Hauschild (1995-1997, p. 422).

880 Ver 'A montagem dos fragmentos arquitectónicos', Apêndice I.

Ensaio . Basílica

[DESENHO I.74] Tentativa de integração dos fragmentos arquitectónicos.

[DESENHO I.75] Planta de interpretação dos vestígios arqueológicos de época romana.

[DESENHO I.76] Ensaio de reconstituição da planta do piso térreo do *forum*.

[DESENHO I.77] Ensaio de reconstituição da planta do primeiro piso do *forum*.

[DESENHO I.78] Ensaio de reconstituição da planta de cobertura do *forum*.

[DESENHO I.79] Proposta de reconstiruição dos perfis longitudinais do *forum*, sobre perfis da cidade

Partindo dos fragmentos arquitectónicos, capitel e tambor, procura-se reconstituir uma possível coluna da basílica. Considerando a disposição dos capitéis jónicos, ensaia-se uma tentativa de reconstituição do capitel e respectiva coluna [DESENHO I.74]. Esta é apenas uma hipótese, pois o estado do capitel não permite ter grandes certezas sobre a sua forma original. Para além disso seria também necessário considerar a camada de estuque que o envolvia e que aumentaria ligeiramente. Com o auxílio dos desenhos de Carreras Soto[881], [IMAGEM 214], ensaia-se um alçado de capitel jónico sobre o fragmento existente. Desenha-se uma coluna com capitel jónico de 8 diametros (3 pés, semelhante às colunas do templo), tendo o capitel meio diâmetro (1,5 pés), base (2 pés), e toda a coluna teria 23 pés, uma medida igual à nave lateral. É provável que a coluna fosse mais alta tendo em conta a proporção do capitel, no entanto, para efeitos desta reconstituição, optou-se por dar a altura da coluna igual à largura da nave, tal como proposto por Vitrúvio (V.I.5), pois esse é o único dado que poderia estar relacionado com a comensurabilidade da basílica.

Segundo Vitrúvio, uma basílica seria composta por três naves: uma central e duas laterais, sendo as laterais com dois pisos. Para a implantação refere que este espaço deverá estar localizado junto ao *forum* nas zonas mais quentes. Sobre a proporção aponta que a largura total deveria ser entre metade e um terço do comprimento[882]. O arquitecto descreve o traçado de uma basílica apoiando-se no seu projecto construído na colónia Júlia de Fano, da qual nunca foram encontrados vestígios; esta teria 120 pés de comprimento por 60 de largura, as naves laterais teriam 20 pés[883].

Vitrúvio também refere que a altura das colunas deverá ser igual à largura da nave[884]. É curioso verificar que os 23 pés (6,80 m) relativos à altura da coluna coincidem perfeitamente com a largura da ala a sul do Museu onde foram encontrados vestígios de fundações de muros de época romana. Pensando então numa possível reconstituição: o muro limite do Museu seria o eixo das colunas do

881 T. Carreras Soto (1952, p. 91, 97).

882 Vitrúvio (V, I, 4.), (Vitrúvio, 2009, p. 177).

883 Vitrúvio (V, I, 4.), (Vitrúvio, 2009, p. 178).

884 Vitrúvio (V, I, 4.), (Vitrúvio, 2009, p. 177-178).

pórtico da basílica a norte. Atendendo a esta premissa traça-se uma possível área de ocupação da basílica no *forum* de Évora.

Propõe-se um desenho de basílica muito simplificado baseado no pórtico do *forum* e integrando o capitel jónico. Relativamente às naves laterais, estas deveriam ter 1/3 de largura da nave central, no entanto, se assim se fizesse, a basílica ficaria demasiado grande, ultrapassando o *forum* os quatro *actus* de comprimento, o que nos parece claramente excessivo. Sobre o número de colunas no topo da nave central apontam-se quatro (incluindo as angulares), com o mesmo intercolúnio das laterais, tal como Vitrúvio projecta na Basílica de Fano[885].

Este apontamento de traçado de basílica teria como limite o muro de época romana que atravessaria o canal a sul. A poente prolonga-se o suposto limite do *forum* coincidente com o limite do museu e que provavelmente continuaria para sul. Revisitando algumas das fotos de 1948, das demolições em redor da Sé, repara-se que há um muro [IMAGEM 215] de grande envergadura no cunhal sudoeste do museu, talvez este muro pudesse indicar a continuidade no *forum* sul integrando mais um edifício de uso público.

Se eventualmente a basílica se implantasse a sul da praça, o *forum* teria, na sua totalidade, 4 actos de comprimento. O *forum* da colónia de Mérida teria sensivelmente 6, sendo dois actos reservados para a cabeceira, três para a praça e um para a basílica

Importa referir que esta tentativa de configuração de uma possível basílica é um exercício completamente abstracto com muito poucos dados da arqueologia. Este exercício serve assim como um desafio a novas investigações. Se eventualmente se realizar uma escavação na Sé, esta poderá revelar novos dados.

885 Vitrúvio (V, I, 4.), (Vitrúvio, 2009, p. 178).

O acesso ao *forum*

"Probablemente el acceso desde el kardo maximus al recinto de culto imperial representado por el Templo de Diana y el Augusteum se realizó a través de un arco monumental, hoy no visible, pero al que pudieron pertenecer algunos restos conocidos de antiguo."[886]

No *forum* de Évora o *decumanos* encontrava a praça sensivelmente a eixo no remate do muro das pilastras onde estaria a entrada monumental, documentada pelos vestígios arqueológicos. Foram encontradas as fundações do que aparenta ser uma porta encimada por um arco, que assinalaria a entrada monumental.

O *forum* poderia ter assim 62 m de largura e 141,20 m de comprimento, equivalente, exactamente, a 4 *actus* de comprimento. Não se sabe quantos quarteirões ocuparia o complexo do *forum*, pois, sobre o traçado da cidade os dados são escassos. No entanto, há alguns indícios que poderão ajudar a essa interpretação. Os vestígios de calçada romana poderão inscrever um traçado viário de acesso ao *forum*. A via que ladeava o *forum* a poente acompanharia a topografia do terreno.

Para a interpretação dos acessos ao *forum* foram analisados os seguintes vestígios dispersos encontrados nas imediações deste complexo, [DESENHO I.81], já registados na Parte I:

- calçada: Rua Vasco da Gama[887] e Palácio da Inquisição[888]
- pórtico: Rua Vasco da Gama[889]
- canalização: Palácio da Inquisição[890] e Pátio de Honra do Palácio da Inquisição[891]
- *opus signinum*: Reservatório de Serviço Regulador de Distribuição de Água[892]
- muros: Palácio da Inquisição[893]

As escavações realizadas na Rua Vasco da Gama foram fundamentais nesta hipótese de traçado, nesta foram encontrados vestígios de calçada, três bases de assentamento de colunas e um capitel de ordem toscana. A ordem toscana está associada aos pórticos da cidade, como acontece no *decumanos* de Bracara Augusta[894], onde foram encontrados exemplares de capitéis toscanos.

Relativamente à imagem do pórtico, este poderia ser semelhante ao existente em *Metellium* (Medellín), [IMAGEM 216]; este pórtico monumental, bastante bem conservado, apresenta ainda os fustes sobre as bases defronte das *tabernae*.

886 José Maria Álvarez Martínez e Trinidad Nogales Basarrate (2003, p. 312).
887 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003).
888 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 121 Anexo 123 - Fichas de Registo [UE156]).
889 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003).
890 Alexandre Sarrazola e Sandra Santos (2001, p. 16).
891 Marina Paiva Pinto e Duarte Abébora (2012, p. 112).
892 Panagiotis Sarantopoulos *et al.* (2000, p. 7)
893 Ana Gonçalves e Manuel Carmona Pica (2014, p. 17).
894 Jorge Manuel Pinto Ribeiro (2010, p. 325).

Ensaio . Acessos *forum*

[DESENHO I.81] Planta de interpretação do traçado hipotético da via de acesso ao *forum* (*decumanus maximus*) da cidade de época romana.

Com estes vestígios reunidos e com uma possível interpretação do *forum* já estabilizada foi possível realizar uma tentativa de traçado urbano da zona poente de acesso ao *forum*. Traça-se do *cardus maximus* a via de acesso transversal ao *forum*. Este eixo atravessaria o *forum* e teria continuidade para nascente. A partir dos vestígios encontrados na rua Vasco da Gama foi possível interpretar uma via com cerca de 5 m de largura. Os vestígios encontrados na sala de refeições do Palácio da Inquisição coincidem com este traçado projectando-o para nascente em direcção ao arco de entrada do *forum*. A coincidência de traçados não deixa dúvidas da configuração que esta via teria.

Pelos vestígios das marcas do assentamento de coluna, junto à calçada, desenhou-se um apontamento de pórtico com cerca de 2,90 m de intercolúnio. Traçou-se a via no sentido norte-sul que atravessaria a porta da muralha (Arco de D. Isabel) e, com este eixo desenhado, encontrou-se o eixo que estaria entre o *forum* e o acesso à porta. Este eixo permitiu realizar um apontamento de ínsula quadrangular com cerca de 40 m de lado (incluindo o pórtico limítrofe).

EPÍLOGO

•

EPÍLOGO

"(…) a arquitetura é a melhor expressão de uma sociedade, o que a civilização romana comprovou de múltiplas formas. O modelo ideal de cidade romana implicava a existência de um cenário urbano mais ou menos completo, que não dispensava monumentos públicos, religiosos e profanos, uma praça principal, o Forum, assim como um traçado ortogonal, na verdade nem sempre respeitado, por razões de topografia ou existência de um plano anterior."[895]

O estudo desenvolvido nesta investigação possibilitou ensaiar um método, assente no desenho como ferramenta de análise. Por essa via, o processo permitiu registar, interpretar, imaginar e comunicar os vestígios arqueológicos de época romana, relativos ao conjunto monumental da cidade de Évora. As hipóteses apresentadas, contudo, levaram à perscrutação de outras épocas também, cujos elementos pertinentes foram integrados no documento desenvolvido, com vista a um maior entendimento sobre a arquitectura e o traçado do complexo. Por conseguinte, a análise devotada a este objecto arquitectónico, em particular, serve de mote à formulação de hipóteses, de desenhos que traduzem inquietações e dúvidas e que representam uma tentativa de síntese.

Apesar disso, outros ensaios poderiam ter sido realizados para corroborar a tese proposta. O conjunto termal a noroeste do *forum*, sobre o qual foi construído o Palácio dos Condes de Sortelha, actual Paço do Concelho, constituiria certamente um outro campo de experimentação a explorar. Para este complexo produziram-se desenhos de naturezas distintas: de reconhecimento (à vista) da estrutura arqueológica escavada, o *laconicum* [DESENHO II.01], e de levantamento das sondagens [DESENHO II.02] e dos vestígios arqueológicos[896] de época romana, sobre a planta actual do edifício Paços do Concelho[897] [DESENHO II.03]. Registados estes dados e tendo como referência a planta das termas, publicada na tese de doutoramento de Pilar Reis[898], procedeu-se a um ensaio de interpretação do conjunto. Na zona aquecida desenharam-se as fornalhas, localizadas na área de serviço, e o *laconicum*, com um apontamento da estereotomia do pavimento em lajetas de mármore; na zona fria, a *natatio*, com os limites nascente e poente [DESENHO II.04].

Para além do referido ensaio, foi também realizado um estudo pela história da arquitectura do complexo, sob a orientação científica de Pilar Reis, publicado em 2014[899]. O exercício o desenho envolveu diferentes níveis de entendimento, na forma como se trabalhou o desenho. Encetando-se primeiro ao registo de todas as estruturas conhecidas visíveis ou exumadas, as mesmas foram

895 Vasco Gil Mantas (2020, p. 476).

896 No arquivo do Centro Interpretativo do Convento dos Remédios foram consultados os desenhos originais de escavação, datados entre 1996 e 1997, executados na sua maioria por Marisa Nata. Este arquivo está sob a responsabilidade do arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos, a quem mais uma vez se agradece toda a generosidade da partilha.

897 Agradece-se ao Arquivo Municipal, sediado na CME, a cedência a título gratuito das reproduções de todos os desenhos de levantamento do edifício dos Paços do Concelho, os quais foram fundamentais para integração dos vestígios na planta.

898 Maria Pilar Reis (2015, p. XXVIII).

899 Maria Pilar Reis e Mariana Martins de Carvalho (2014).

posteriormente interpretadas gerando hipóteses para uma possível reconstituição. É, pois, com o reconhecimento de todos os interiores dos edifícios conhecidos[900], que começa o trilho do desenho, a fim de se extrair, da morfologia do edificado recente, possíveis indícios da arquitectura romana e perceber o modo como os vestígios se traduzem no espaço.

Nesta zona da cidade de Évora, encontra-se o actual edifício dos Paços do Concelho que, em 1987, sofreu pequenas obras de reabilitação. Foi, precisamente, durante as suas escavações, numa sala com uma configuração intrigante, que se descobriu um *laconicum*. O "novo" elemento revelado por essa estrutura, porém, ainda hoje apresenta algumas dificuldades de adaptação ao existente, pois o espaço não foi musealizado[901].

Para a interpretação do edifício termal foram recolhidos os dados da arqueologia, nomeadamente um desenho, realizado pouco depois das escavações[902], que potencia algumas hipóteses de organização interna [IMAGEM 217]. Este mesmo elemento foi inserido na planta de estudo e adaptado à linguagem do desenho, viabilizando, consequentemente, uma possível reconstituição dos finais do século I [IMAGEM 218], com um *laconicum*, uma *natatio*, a zona de serviço onde estariam as fornalhas, uma possível banheira de água fria e um conjunto de muros passíveis de estarem relacionados com o limite do edifício. Na mesma medida, permitiu alcançar a provável reconstituição integrada na cidade de época tardo-imperial [IMAGEM 219], com a abertura da porta de D. Isabel ladeada por dois torreões e talvez com a construção de um torreão, de planta quadrangular que se conservará até aos nossos dias.

Na realidade estudo da estrutura arqueológica faz-se entre várias vertentes: a existente, a escavada e a destruída. No desenho de interpretação foram extraídos, portanto, os vestígios romanos que permanencem visíveis e os que vieram a ser encontrados por escavação arqueológica. Sobrepondo estes mesmos vestígios às plantas dos edifícios entretanto demolidos, como o Convento do Salvador, encontram-se coincidências de muros, numa observação susceptível de indicar novas hipóteses de reconstituição [IMAGEM 220]. Ademais, é possível identificar, nas estruturas existentes, uma clara concordância de orientações com a implantação da cidade romana, o que, *per se*, demonstra a necessidade do estudo histórico do edifício em que as estruturas arqueológicas estão implantadas. É também sob esse prisma, aliás, que o referido ensaio se demonstraria essencial, ainda, para a orientação do estudo sobre o *fórum*, posto que, como se viu, a interpretação de uma estrutura arqueológica em contexto urbano deverá contemplar todo o estudo histórico do edifício, que se sobrepõe. De facto, em Évora, tal como em tantas outras cidades, o vestígio vai sendo desenhado pelo tempo: "a evolução urbana, a mudança do aspecto da cidade é um processo lento e meditado;

900 Os desenhos de evolução da morfologia dos edifícios (Paços do Concelho, Convento do Salvador e Colégio de São Paulo) foram obtidos através do SIPA, Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, disponíveis em formato digital em: www.monumentos.pt.

901 Em 2016 (de 2 de Maio a 2 de Junho), lançou uma empreitada de 'Consolidação das Ruínas das Termas Romanas", o projecto esteve a cargo de 'a2p estudos e projectos' e a execução da obra por 'NC Restauro'. Tratou-se de uma obra de carácter preventivo, de consolidação e restauro das estruturas visíveis.

902 Esta planta de reconstituição foi concebida pela ARTOP, Aero-topografia, Lda, em 1993, e posteriormente adaptada pela ArkeoHabilis, Lda, em 2007.

que tem que ser analisado de acordo com as suas próprias leis e particularidades. Pensemos nos diversos estratos que constituem cidade, as suas permanências e as reacções que provocam alguns novos elementos."[903]

Mas também o conjunto habitacional localizado na Casa de Burgos se afigurava como outra alternativa de estudo, para alcançar o propósito pretendido. Aqui, a interpretação da estrutura decorreu segundo o mesmo método, com o registo das valas de escavação [DESENHO III.01] e dos vestígios arqueológicos constantes dos respectivos relatórios [DESENHO III.02]. A operação foi elaborada a partir do levantamento arquitectónico em que se utilizou também, para além das plantas, os perfis do edifício[904] [DESENHO III.03]. Após recolha e reunião dos dados, no mesmo suporte, foi ensaiada uma breve interpretação do conjunto em época imperial [DESENHO III.04] e tardo-imperial [DESENHO III.05]. As escavações realizadas na Casa de Burgos (de 1984 a 1990) dão conta de muros que continham pinturas murais[905] [IMAGEM 221], algo que se encontra tradicionalmente associado às *cubiculae* de um edifício doméstico, ou seja, de uma *domus*. Para além destes vestígios foram encontrados outros, a nascente, que poderão estar associados a uma ínsula. Os muros, ainda visíveis hoje na cave do edifício, no sentido norte-sul [IMAGEM 222], parecem indicar um eventual arruamento que, projectado para Norte, rumaria ao complexo termal. Na rua de Burgos, foi igualmente identificado um cano de chumbo com o selo *Liberalitas Iulia* [ME 3228], uma descoberta de enorme importância, que remete para a existência provável de uma fonte ou até um balneário[906] naquela *domus*.

Em complemento, outros vestígios dispersos na cidade incrementam o entendimento de todo o conjunto urbano. Os muros achados na zona extramuros, a poente, no pátio do antigo Paço dos Lobos da Gama, por exemplo, indiciam que a ortogonalidade do traçado romano se estenderia para além das muralhas [DESENHO V.07]. Conjuntamente, o muro romano encontrado nas proximidades, durante as escavações no antigo convento de Santa Catarina de Sena, é de acrescida relevância para perceber a extensão da malha urbana no território [DESENHO V.06]. Por seu turno, as escavações realizadas na Escola Secundária Gabriel Pereira trazem à luz uma necrópole, identificada entre os séculos I e II d.C., e um troço de calçada perfeitamente orientado com uma possível porta a noroeste, potencialmente tratando-se de uma via de acesso à capital da Província [DESENHO V.08].

Ora, é através do acto de desenhar, colocando estes vestígios sobre o mesmo suporte, que se revela a complexidade do conjunto e a dimensão que este comportaria [DESENHO .03]. Assim o *forum* surge projectado como peça central e, hipoteticamente associado ao complexo, existiriam outros conjuntos de carácter público. O próprio traçado viário, por sua vez, agregava-se a um plano de acessibilidades mais extenso pelo território. Entretanto, outros elementos devem ser considerados, que decorreriam da natural evolução da cidade, conforme ditassem as necessidades e as diretrizes do

903 Aldo Rossi (1977, p. 204).

904 Agradece-se a cedência dos desenhos do "Projecto de Reutilização da Casa Nobre da Rua de Burgos", da autoria do Arquitecto José Filipe Cardoso Ramalho, guardados no Arquivo de Desenho da DRCAlentejo.

905 Estas pinturas foram alvo de um cuidadoso restauro e estudo, coordenado por Rui Nunes Pedroso (Rui Nunes Pedroso, 1989), que também escreveu vários artigos sobre estas pinturas murais (Rui Nunes Pedroso, 2000), (Rui Nunes Pedroso, 2005).

906 Maria Pilar Reis (2015, p. 236).

império. Supõe-se, portanto, que para o seu pleno desenvolvimento, haveria que suprir necessidades básicas de grande envergadura, como o abastecimento de água. Tal infra-estrutura, para além das exigências diárias dos conjuntos termais, precisaria de cobrir toda uma rede pública de abastecimento de fontes, de poços e de uso doméstico. Por essa razão a cidade teria de ter, seguramente, um aqueduto, como bem fundamenta Pilar Reis:

> *"Devemos considerar que o funcionamento deste equipamento público termal exigia, pela sua dimensão monumental, um elevado caudal de água que apenas um aqueduto podia garantir, pelo menos de forma razoável e contínua."*[907]

Noutra frente, ensaia-se igualmente uma tentativa de implantação de um teatro, aproveitando a pendente, que perdura ainda hoje, entre o pátio do Palácio de Cadaval (305,5 m) e o Seminário Maior (291,5 m), com uma diferença de cotas de 14m [DESENHO .06]. Este resenho vale-se de uma interpretação do teatro de *Bracara Augusta*[908], cuja estrutura está, actualmente, bastante estudada e documentada, apresentando cerca de 72 m de *cavea* e um quadripórtico a norte. Dado que o traçado da muralha, aqui, apresenta uma ligeira curvatura, a mesma poderá ter-se servido de alguma pré-estrutura como fundação ou, ecentualmente, recorrido a matéria-prima de demolição da mesma natureza. Um aproveitamente de recursos que, aliás, se verificou em *Conimbriga* com o anfiteatro[909].

A sul do *forum* de *Ebora*, levanta-se a hipótese de localização de um outro complexo termal[910]. Apesar da interpretação da morfologia urbana[911] ter apontado para um possível aniteatro, a tese acabou invalidada em função dos vestígios encontrados nas escavações do antigo Colégio dos Moços do Coro [DESENHO V.05]. Situação distinta se passaria em *Aeminium*[912] [IMAGEM 223], onde a hipótese de implantação de um anfiteatro sobre a morfologia urbana existente, lançada por Jorge de Alarcão, verificou efectivas concordâncias entre os muros de meação das habitações e o traçado das elipses que o configuram. Possivelmente, os muros terão aproveitado as fundações romanas na sua construção, mas importa agora fazer um levantamento arquitectónico dos interiores, para corroborar esta hipótese de traçado. Também em *Conimbriga* ,"entre a razão e a intuição"[913], Pedro Alarcão ensaiaria uma hipótese de localização do teatro romano, apoiando-se na pendente do vale e na relação urbana com o anfiteatro. Sobre uma série de indícios (muros e taludes), que sugerem a eventual configuração de uma *cavea*, é apresentada, portanto, uma implantação de um teatro, a poente do anfiteatro [IMAGEM 224]. Servem tais exemplos para demonstrar que a interpretação vai acompanhando os dados do momento, podendo depois ser validada ou não. Independentemente

907 Maria Pilar Reis (2015, p. 232).

908 Este desenho vectorial de interpretação do teatro de *Bracara Augusta* foi cedido pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM), no âmbito do trabalho desenvolvido na unidade curricular 'Metodologias de Projecto' (2012-2013), no Curso de Estudos Avançados em Património Arquitectónico, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (CEAPA–FAUP).

909 Adriaan De Man (2008, p. 351).

910 Agradece-se ao arqueológo Ricardo Gaidão, que escavou esta zona, a troca entusiasta de emails e a atitude crítica perante a hipótese de um anfiteatro no local.

911 Virgílio Hipólito Correia (1994).

912 Jorge de Alarcão (2008, p. 52).

913 Pedro Alarcão (2021).

disso, o importante é que promova a investigação e o debate; sendo certo que sempre novos estudos se exigirão, para a progressão e consolidação do conhecimento.

A instigar mais a dúvida sobre o complexo a sul do *forum* de Évora, apresenta-se ainda uma fotografia de 1942, retirada da base de dados do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), aquando das obras envolventes à Sé [IMAGEM 225]. Esta imagem retrata a demolição de um muro de grande envergadura que, pela sua dimensão e técnica construtiva, poderia indicar uma possível fundação romana. Voltando à planta da cidade [DESENHO .06], verifica-se que o muro estaria perfeitamente alinhado com a ortogonalidade do traçado urbano e talvez com um possível *decumanos* a sul do *forum*, junto dos vestígios encontrados no Colégio dos Moços do Coro.

E, com efeito, foram identificadas outras pistas passiveis de validar esta hipótese de traçado da cidade. O *decumanus maximus*, que atravessaria o *forum*, projectava-se para poente onde eventualmente encontraria a via para *Salacia* e *Olisipo*. No período tardo-imperial [DESENHO .07], com a contenção do espaço urbano da cidade, a muralha parece cortar a via. Não obstante, existe nesse preciso lugar uma poterna [IMAGEM 226], uma passagem estreita na muralha, tal como já referido por alguns autores[914], a qual é ainda visível num estabelecimento de restauração na Rua Alcárcova de Cima[915]. O arqueólogo Miguel Correia, no seu "Relatório de trabalhos de acompanhamento arqueológico. Praça do Sertório - Rua Vasco da Gama, Évora", sugere poder tratar-se de uma solução de compromisso com um cadastro preexistente e que perdera importância no período tardo imperial[916]. Assim, esta passagem poderá evocar uma via de acesso, mantendo-se o atravessamento aquando da construção da muralha, ainda que com outra configuração.

Quanto à muralha, o seu traçado é bastante evidente no tecido urbano actual [DESENHO IV.04]. Para além dos vestígios visíveis na cidade, foram encontrados outros em escavação, como na Casa de Burgos [DESENHO III.05], na piscina da Pousada dos Lóios[917], na Rua Augusto Filipe Simões[918], no Largo da Misericórdia[919], e na suposta antiga Torre do Caroucho[920], onde se descobriu uma coluna e um silhar reaproveitados para a fundação de uma torre[921] [IMAGEM 227].

914 Carmen Balesteros e Élia Mira (1993, p. 12).

915 Agradece-se aos proprietários do estabelecimento a amabilidade que tiveram ao abrir as portas durante as obras de reabilitação do espaço e a autorização para fotografar a estrutura.

916 "Quer isto dizer que quando a muralha foi edificada, já em tempo de tensões bárbaras, respeitou-se esta via de acesso à cidade, deixando, contudo, uma estreita passagem de cerca de 1 metro de largura." (Panagiotis Sarantopoulos, Miguel Correia, 2003, p. 31).

917 Teresa Matos Fernandes e Virgílio Hipólito Correia (1987).

918 Gonçalo Moreira e Miguel Serra (2009).

919 Em 2009 foi encontrado, numa vala com apenas 36 cm de largura, um muro com 1,20 m de largura que poderá corresponder à Cerca Velha (Gonçalo Moreira, Miguel Serra, 2009, p. 8).

920 "A técnica construtiva e os materiais reutilizados permitem propor uma datação para este muro contemporânea à Cerca Antiga, datada do séc. III/IV. A confrontação destes dados com a bibliografia existente, permite-nos supor estarmos perante os restos da Torre do Caroucho, estrutura que terá sido destruída em 1530, por ordem de D João III, dando à construção da Torre do Anjo, vulgarmente conhecida como Torre Pentagonal." (Ricardo Erasun Cortés, Francisco G. C. Líbano Monteiro Faure, 2002, p. 4).

921 "Entre os elementos que constituem o *opus caementicium*, destaca-se a presença de uma coluna de mármore reutilizada, conservando a base e com um diâmetro de 40cm no fuste. No paramento W do muro aparece um silhar que apresenta, na sua face superior, um entalhe destinado à colocação de um gato em 'cola de milano'." (Ricardo Erasun Cortés, Francisco G. C. Líbano Monteiro Faure, 2002, p. 2).

Deduz-se, deste modo, que a cidade tardo-imperial [DESENHO .07] seria mais contida, à semelhança do que sucede noutros exemplos, como *Conimbriga* e Egitânia. Mantiveram-se provavelmente as vias de acesso principais ao núcleo urbano, mas destroem-se edifícios, como é evidente na *Domus* identificada na Casa de Burgos. A única porta romana remanescente é a do Arco de D. Isabel [DESENHO IV.01], [DESENHO IV.02], um arco de volta inteira duplo [DESENHO IV.05], a que foi posteriormente adossado outro arco de volta inteira, de maiores dimensões, no lado da cidade.

Por último e em face do relatado, há a destacar a capacidade potencial da morfologia urbana para o enriquecimento do processo, oferecendo dados adicionais e inspirando novos caminhos na resposta ao desafio com que a arqueologia se depara em contexto urbano. Porém, também se aponta que, na sua dialéctica, 'entre a razão e a intuição', pode inadvertidamente fazer divergir da direcção certa e clocar algumas dificuldades à interpretação, como de facto aconteceu no suposto anfiteatro a sul do *forum*.

COMUNICAR A CIDADE ATRAVÉS DO FRAGMENTO

A arqueologia urbana[922] requer uma estratégia de valorização que passa, num primeiro momento, pelo desenho, permitindo, por um lado, uma visão mais integrada dos vestígios e assegurando, por outro, um meio pelo qual a informação se torne inteligível.

Com efeito, a análise sistematizada e compreensiva do passado tem de ser capaz de comunicar eficazmente com o presente, para que o olhar sobre o futuro se possa realizar com o devido discernimento.

Ora, este trabalho pretendeu contribuir para a construção de uma cartografia do subsolo a qual constitui passo fundamental para o planeamento de qualquer intervenção em contexto urbano. Naturalmente, a informação poderá ser trabalhada doravante a outros níveis e para públicos distintos, em alinhamento com estratégias de comunicação específicas, delineadas juntamente com as instituições da cidade que se dedicam à conservação e protecção do património. Comunicar uma ideia de cidade através do fragmento é, portanto, o desafio que o estudo deixa, na expectativa de que as entidades responsáveis possam dar continuidade a esta peugada.

Na verdade, uma tal aposta é tão mais relevante quanto o facto da riqueza do subsolo da cidade permanecer largamente despercebida não só ao mero visitante, como à própria comunidade. Importa, portanto, empreender a um esforço concertado em prol da valorização do manancial arqueológico, que permita trazer ao espaço público a clarificação do projecto de cidade subjacente a esses fragmentos da história e a adequada divulgação das hipóteses levantadas através do desenho. Enquanto potencial factor de desenvolvimento local, a forma como Évora convive e dialoga com a ruína não é despicienda deverá ser fomentada pela sensibilização da comunidade para o património arqueológico, num trabalho de disseminação em que cumpre envolver as entidades locais. Mas é

[922] "11. Importa promover um melhor conhecimento do passado das cidades históricas, favorecendo as investigações de arqueologia urbana e a apresentação adequada dos achados, sem prejudicar a organização geral do tecido urbano." (ICOMOS, 1987).

também necessário reflectir sobre o que comunicar, para que públicos direcionar a mensagem e que tipo de mecanismos se deverá privilegiar, adivinhando-se aqui a dimensão de um outro estudo, porventura multidisciplinar, passível de orientar novas pesquisas e de incrementar o entendimento da cidade.

Não obstante e com base no presente trabalho, a comunicação do património de Évora poderia desde já, retirar resultados tangíveis de algumas medidas de fácil implementação, como seja a introdução dos vestígios num sistema de informação geográfica. Apesar de não se ter procedido ao seu mapeamento, garantiu-se a localização de todos os vestígios no levantamento aerofotogramétrico da cidade, segundo as coordenadas geográficas evidenciadas nos relatórios de escavação, o que simplificaria amplamente uma tarefa nessa frente.

Este documento pode servir ainda de referência para a tradução dos vestígios no espaço público, recorrendo eventualmente a painéis informativos, ou outros dispositivos similares, que permitam revelar a cidade invisível das épocas anteriores. Em lugares como Vicenza, por exemplo, cidade de fundação romana como tantas outras, traz-se à contemporaneidade o valor do subsolo através de uma rede de quadros informativos que pontuam os percursos, mostrando de forma breve o património escondido, mas atestando também outras opções de comunicar o valor de antiguidade, menos intrusivas que a escavação [IMAGEM 228].

A informação aqui coligida pode, enfim, ser reutilizada e trabalhada em diferentes domínios, desde a investigação científica, à comunicação das estruturas destinada a um público geral, bem como à operacionalização das obras públicas de requalificação do espaço urbano e de infra-estruturas necessárias ao funcionamento da cidade. Considerando que a intervenção no espaço urbano exige um conhecimento aprofundado do subsolo para prevenir eventual dano nas estruturas existentes, a cartografia de todos os vestígios numa planta confere aos agentes municipais uma melhor orientação das obras públicas, mormente no que se refere à preservação das estruturas arqueológicas.

Mas o apelo a uma transmissão consistente do legado da cidade ao espaço público não ignora as tentativas empreendidas a esse respeito. Recorde-se, por exemplo, o estudo prévio de 1996, mobilizado pelo Município de Évora e coordenado pelo arquitecto João Videira, que no projecto na área envolvente do templo romano, procurou contribuir para a contextualização do templo no complexo forense e a tradução deste traçado no espaço público. Uma vez garantida a salvaguarda das estruturas arqueológicas e a eliminação do trânsito automóvel, a proposta pretendia tornar evidente a leitura da planta do *forum* no próprio pavimento da praça, ou seja, a "compreensão do local na época da construção do Templo nomeadamente a sua integração no conjunto monumental definido pelo *Forum* e a envolvente norte com o pórtico (e criptopórtico)"[923], [IMAGEM 43]. Viviam-se, na altura, os anos efervescentes de escavação arqueológica em redor do Templo e o tema da salvaguarda e requalificação do complexo estava visível, indubitavelmente, no espaço público e no debate científico. Arquitectos, arqueólogos e técnicos movidos num propósito comum e a trabalhar em conjunto, sobre uma informação produzida e acessível ao público interessado.

[923] João Videira (1996, p. 2-3).

A partilha de informação resulta, de resto, ainda mais imperativa quando a tomada de decisão, a respeito da necessidade de conservação e valorização do património arqueológico, interfira e/ou dialogue directamente com tecido da cidade. Foi o caso de *Pax Julia* (Beja) onde se decidiu pela demolição do reservatório de água na proximidade das fundações dos templos [IMAGEM 135], a fim de assegurar a continuidade dos trabalhos arqueológicos e o conhecimento das estruturas subjacentes[924].

> *"El proyecto de arqueología urbana debe asumir la historia en su totalidad, sin seleccionar o preferir a priori un periodo con respecto a otro, no siendo los edificios del pasado objetos, sino el resultado de un proceso. El proyecto de arqueología urbana no debe por lo tanto concentrarse en la restitución de una sola fase: ello significaría remover de la ciudad parte de su memoria colectiva."*[925]

Também em grandes centros urbanos, como Barcelona, se registam opções de grande envergadura. Veja-se o caso de uma obra de requalificação do espaço público nessa cidade, que levou à demolição de uma série de construções adossadas à muralha romana. Uma atitude deliberada de valorização do património arqueológico de *Barcino* em detrimento do tecido contemporâneo [IMAGEM 229]. Igualmente a cidade de Mérida [IMAGEM 230] convive hoje com uma espécie de estaleiro a céu aberto contínuo, onde novas descobertas se confrontam com os edifícios existentes, num equilíbrio por vezes difícil de encontrar.

Por conseguinte, é fundamental garantir a divulgação eficaz dos dados da escavação e viabilizar o acesso à comunidade, não só dos arqueológos, mas dos diferentes profissionais que trabalhem sobre esta matéria. Com efeito, cabe a todos os intervenientes desta paisagem cultural o papel de dar a conhecer e estimular a sua descoberta de forma sistemática, organizada e orientada. Donde, precisamente, assoma a importância de um registo rigoroso nos desenhos dos relatórios de escavação.

924 Maria da Conceição Lopes (2018, p. 12).

925 María Margarita Segarra Lagunes (2021, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

•

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E nas colunas solitárias ouço como o murmúrio antigo de uma floresta imóvel. [926]

Vergílio Ferreira

As estruturas arqueológicas do conjunto urbano de Évora foram o laboratório de ensaio desta investigação que pretendeu, através do desenho, reconstituir um fragmento de cidade. Um desenho que procura uma imagem de um conjunto urbano de época romana, mobilizando diferentes tipos de representação, como seja a cartografia, o desenho arqueológico, o levantamento arquitectónico, o desenho à vista, entre outros.

O estudo começou pelo reconhecimento dos desenhos de arqueologia das estruturas arqueológicas da cidade, recolhidos dos relatórios de escavação, inseridos e redesenhados sobre a mesma planta. Tratou-se de um laborioso trabalho de rastreio das estruturas importantes de cada sondagem, muitas vezes acompanhado de pedidos de esclarecimentos aos arqueólogos dessas escavações, cuja, pronta disponibilidade em ajudar nem sempre logrou suprir as dificuldades colocadas pela distância temporal imanente aos registos. Ao todo, foram analisados cerca de 250 relatórios de escavação da cidade de Évora (desde 1983 a 2014), numa composição documental de natureza diversa, com métodos de registo e de escavação muito distintos entre si. Nesse sentido, tentou-se encontrar uma linguagem comum, construindo-se um registo monocromático, com uma escala de cinzas, e dando expressão ao desenho através de diferentes espessuras de linha. Sobre o suporte desenhado, procedeu-se à tentativa de interpretação, mas logo se verificou que a base de informação não seria suficiente.

Por conseguinte, à conclusão da fase de registo arqueológico, sucedeu-se o levantamento arquitectónico dos edifícios actuais em redor do templo – em planta, corte e alçado – o qual actuou em complemento da montagem do cenário urbano que se vinha fazendo, revelando-se fundamental para a compreensão de todo o conjunto monumental. Neste processo, a integração das estruturas arqueológicas tornou-se muito mais clara, para além de ter possibilitado a percepção de certos alinhamentos e outros detalhes como as espessuras de paredes existentes, passíveis de contribuir para a interpretação. Mas também o levantamento dos perfis da cidade integrando o desenho do corte e dos alçados dos edifícios foi basilar na interpretação, sobretudo, na relação entre a área sagrada e a praça pública. Na área sacra, em específico, os perfis permitiram formular conjecturas sobre relações de cota entre o templo, o tanque, o criptopórtico e o possível pórtico envolvente. Já a respeito da praça do *forum* a integração das estruturas arqueológicas, encontradas na cave do museu, viria a apontar para a plausível existência de um criptopórtico a sul. Da mesma forma, conseguiu-se perceber, através dos perfis, que uma eventual basílica estaria a uma cota muito aproximada da cota de pavimento da Sé.

[926] Vergílio Ferreira (1994, p. 24).

Sempre que exequível, o registo foi pormenorizado ao detalhe. Assim sucedeu com o templo romano, onde o desenho pedra-a-pedra, a partir da fotogrametria, foi essencial para identificar as ténues diferenças na estereotomia do aparelho do corpo do pódio. Com efeito, a observação directa da estrutura não era esclarecedora dessa particularidade construtiva, na medida em que o aparelho da pedra não aparentava qualquer diferença. No entanto, foi pela observação atenta dos alçados aliada às fontes iconográficas – nomeadamente, os desenhos e as fotografias anteriores ao restauro do templo – que acabaria por por deduzir a 'reconstrução' de cerca de metade do aparelho do corpo do pódio fora 'reconstruído'. Algo que viria a dar contributo válido para a interpretação da arquitectura do edifício e dos seus acessos e que se arriscaria a perder na mera percepção do comprimento do templo que hoje vemos.

Compreendeu-se, assim, com o processo de registo acima descrito, que o levantamento arquitectónico (planta, cortes e alçados) dos edifícios existentes constitui, para além das fontes arqueológicas, um suporte igualmente essencial à interpretação. Foi, de facto, através desses levantamentos em conjunto com as ruínas, que se evidenciaram traçados e sobreposições importantes sobretudo na análise da praça a sul e suas dependências, sendo que se verificaram na estutura do edifício do Museu de Évora especialmente na cave, muitas dessas sobreposições (talvez a Sé as contenha também, embora tal suposição não seja, de momento possível confirmar).

Esta leitura dos vestígios georreferenciados integrados num levantamento arquitectónico foi, de resto, posteriormente alargada ao espaço urbano, oferecendo uma leitura de cidade francamente mais consolidada e esclarecida.

Para além do registo arquitectónico e arqueológico, o processo de interpretação exigiria ainda o estudo histórico das estruturas, dos edifícios e espaços urbanos a partir das fontes iconográficas e literárias. Uma análise inevitável atendendo a que Évora reúne umm património de fragmentos vários, seja do período romano ao visigótico, do islâmico ao medieval, ou do moderno ao mais contemporâneo.

No cerne desta complexidade temporal, o templo apresenta-se como o protagonista da evolução operada na cidade, mantendo o lugar de destaque primordial no conjunto urbano, sem nunca abandonar o seu carácter público e de representatividade. No final da época moderna, o templo começa a ser reconhecido como monumento, pelo seu valor de antiguidade. No projecto iluminista de Frei Manuel do Cenáculo, o templo é considerado como elemento central de um novo *forum* de saber, rodeado de edifícios-museu que albergavam as colecções e os escritos da antiguidade. Mais tarde, Cunha Rivara ambicionaria tornar o antigo açougue num templo-museu. Mas apesar destes projectos não se terem concretizado, certo é que a imagem do monumento pós-restauro se tornou parte integrante de uma ideia transversal de valorização do conhecimento a partir do conjunto urbano.

Assim, para se prosseguir num estudo mais detalhado sobre o conjunto monumental, foi necessário compreender as marcas deixadas pelos diferentes períodos no centro da cidade e a forma

como uma estrutura de larga escala como esta, sucessivamente apropriada por épocas posteriores, teria impactado a própria evolução histórica do núcleo urbano. Conhece-se, por exemplo, a existência de uma necrópole medieval na praça do *forum*, mas existem sepulturas de época anterior neste complexo, sobretudo a sul. Do mesmo modo, o lugar onde se implanta o edifício do Museu é um palimpsesto de camadas, onde as fundações de um bairro islâmico, revelam uma ocupação de dimensão relevante.

A este propósito, operou-se uma tentativa de representação dos vestígios, na zona envolvente ao templo, por períodos históricos mais significativos. Este estudo histórico estendeu-se ao Palácio da Inquisição, com a inserção dos vestígios arqueológicos e a reconstituição dos levantamentos arquitectónicos na época moderna. Os levantamentos foram realizados por intermédio de ajuste entre o registo actual e as plantas de projecto de arquitectura de Mateus de Couto (1634). O mesmo exercício foi praticado no Palácio Arquiepiscopal, onde os vestígios arqueológicos de época moderna foram inseridos, após respectiva recolha, numa planta reconstituída a partir dos desenhos de levantamento do Palácio do final do século XVIII. Realizado de forma breve, ainda que merecesse uma investigação mais aprofundada, o ensaio pretende demonstrar a importância de uma análise transversal do vestígio que, num contexto urbano de cidade consolidada, não aparece de forma isolada. De facto, não é possível analisar a época romana sem se perceber a estratigrafia da sondagem para chegar a determinado vestígio.

No templo, as fontes iconográficas e literárias encontradas foram, na medida do tangível, integradas na análise arquitectónica e histórica do edifício e incluíram, entre outros, desenhos, gravuras, fotografias, descrições no tombo da cidade e memórias paroquiais. Por este meio, realizou-se uma interpretação mais cuidada da configuração do edifício, desde o período em que fora utilizado como açougue, até ao seu restauro de meados do século XIX. Não obstante, o processo careceu dos desenhos que, com certeza, terão sido realizados para a obra de restauro, coordenada por José Cinatti, arquitecto que dominava e praticava o desenho na sua obra. No intuito de colmatar tal ausência, procedeu-se a uma tentativa de representação do templo em planta, corte e alçados da fase anterior e posterior ao restauro. O templo, tal como o vemos hoje, corresponde a uma operação de subtração de todo o material considerado (à data do restauro) como não romano. Contudo, a expurgação em causa também deixou revelar outras marcas dos tempos, algumas explicadas a partir da evolução monumento na época moderna.

Quanto aos açougues, a configuração interior permaneceu uma incógnita até à investigação ter conduzido aos desenhos de Melchor de Prado (1798-1801), existentes na *Real Academia de la Historia* (Madrid), nomeadamente à descoberta de sete lâminas que viriam a revelar-se de enorme importância, por permitir estender a reconstituição do açougue, dos alçados à planta. Os tombos da cidade corroboraram estas mesmas medidas, no interior e exterior. Destarte, foi possível traduzir a descrição 'dos talhos' em desenho, num exercício de reconstituição não contemplado no início da tese, mas determinante para a interpretação, cujo processo se suportou em outras fontes que não apenas as arqueológicas.

Outro dado importante retirado dos desenhos à vista de Melchor de Prado, relativamente ao templo, foi o revestimento do pódio. À data do desenho sobre o aparelho pseudo-isodomo, aparece representado um revestimento que, apesar do seu estado de degradação, mimetiza uma pedra aparelhada de grandes dimensões. Tal solução construtiva evocaria eventualmente um desenho mais antigo de revestimento, que poderá ter sido o aplicado em época romana no *truncus* do pódio. Assim, este desenho, que iludia um aparelho regular com quatro fiadas, foi ensaiado nos alçados de reconstituição do templo em época romana.

Conforme se foi semonstrando, as dimensões arqueológica, histórica e arquitectónica requerem, portanto, uma abordagem holística, efectuada a par e passo, no contexto urbano. par. E foi exactamente isso que se tentou empreender e desmontar através do desenho, num processo que evoluiu com o decorrer do trabalho, moldando a estrutura inicial com que a investigação arrancara.

O desenho tem, pois, a capacidade de analisar o objecto arquitectónico desde o detalhe até à escala urbana, fornecendo a base de uma leitura continuada e integrada do fragmento, que, por essa via, ganha corpo e sentido no conjunto arquitectónico. Aqui se comprovou a mais valia do desenho de pormenor, ao colocar em evidência, por exemplo, a relevância da espessura do estuque para a compreensão da proporção das colunas do templo e da sua adequação aos modelos clássicos. De igual modo, ficou patente a importância do desenho à escala urbana, que viabilizou a percepção da estratigrafia das transformações do edificado alargada ao tecido urbano.

Mas o espaço da interpretação lida também com a incerteza e com a quarta dimensão, o tempo[927]. Enquanto se lançam hipóteses, geram-se, simultaneamente, mais dúvidas. Cumpre, pois, à passagem do tempo, nas futuras escavações e investigações que venham a suceder, corroborar, ou não, estes indícios.

Embora o *forum* seja passível de leituras várias de reconstituição, a que se apresenta é uma interpretação que trabalha a informação disponível à presente data, o que não impede vir a ser contestada por achados vindouros. É certo que a interpretação deve cautelosa nas suas conclusões, mas trata-se da interpretação possível, quando as fontes e os vestígios não conseguem dar mais respostas. Por esse prisma, conclui-se que o complexo, rematado por dois criptopórticos, teria seguramente uma enorme presença na paisagem urbana, pelo que se procurou demonstrar o impacte da estrutura na cidade.

A interpretação do *forum* sustenta-se, evidentemente, no conhecimento da arquitectura clássica, nos seus modelos, sobretudo os das províncias da Hispânia. Modelos estes também visitados, estudados e desenhados. Aliás, o reconhecimento destes vestígios *in loco* potenciou um conhecimento muito mais integrado na relação com a paisagem e no conhecimento do lugar e da sua história.

O traçado da basílica que se ensaiou neste estudo, por seu lado, é apenas uma hipótese muito conjectural. Mas depois de todas as peças desenhadas, segundo um modelo de *forum* tripartido,

927 T. P. Wiseman (2006, p. 61).

reconhece-se a sua lógica compositiva, um modelo que cita o *forum* da colónia de Mérida. A basílica do *forum* de Évora, porém, poderia ter uma outra configuração, da mesma forma que os limites do pórtico não resultam claros. De qualquer modo, a hipótese avançada serve justamente de base para uma discussão mais alargada.

O desenho, trabalhado a diferentes níveis, acabou por proporcionar uma plataforma de entendimento entre as diferentes áreas disciplinares e espera-se que constitua um instrumento passível de ser trabalhado devorante pela arqueologia. Da mesma maneira, poderá ser apropriado pelos ilustradores para, a partir das plantas, alçados e perfis, imaginar a tridimensionalidade nas reconstituições, o cromatismo e todo o ambiente associado a um desenho dessa natureza, de maior liberdade compositiva e, ao mesmo tempo, mais sugestiva.

Com este suporte para a discussão entre os vários intervenientes no património arqueológico, pretende-se abrir caminhos a um estudo mais aprofundado da cidade de Évora. Ademais, o método não se esgota de forma alguma neste conjunto monumental: também os desenhos de registo dos conjuntos termal, habitacional e defensivo cooncorrem como pontos de partida para novas interpretações. A partir de uma base que se espera rigorosa e actual, a interpretação tranforma-se e o desenho é a forma de agregar a informação e de a comunicar.

Estas notas servem sobretudo para demonstrar a importância de uma investigação integrada e transdisciplinar, no âmbito da reconstituição de um conjunto arqueológico. Uma interpretação que deverá "tentar identificar ciclos construtivos e programas arquitectónicos"[928], ao invés de analisar elementos isolados. Convoca-se, portanto, uma observação atenta e integrada dos vestígios, das suas marcas visíveis, para alcançar a apreensão da sua metodologia construtiva, num processo devidamente acompanhado do levantamento arquitectónico da estrutura arqueológica (se as suas dimensões se justificarem), mas também do levantamento arquitectónico do edifício onde possa eventualmente estar integrada.

E é no seio de uma tal dinâmica que se procura uma interpretação dos vestígios arqueológicos da cidade, assente na prática do desenho e no pensamento de projecto em arquitectura, sendo o último suportado no conhecimento do lugar, da topografia, da tectónica e das referências similares, mas igualmente na capacidade de imaginar o vazio.

O desenho enquanto o "mecanismo gráfico de pensamento", tal como refere Miguel Angel de la Iglesia[929], é o instrumento do arquitecto sedimentado no estudo e na prática da linguagem clássica. Ao arquitecto compete lançar as questões e, por isso mesmo, a sua presença resulta fundamental durante todo o processo de escavação, registo e interpretação.

Advoga-se, deste modo, benefício da estrutura arqueológica ser pensada como se de um projecto de arquitectura se tratasse, capaz de projectar uma forma possível sobre o vestígio. Aplicada ao contexto arqueológico, a prática de projecto alarga o campo disciplinar e traz à luz mais hipóteses para alimentar o debate.

928 Carlos Fabião (2010, p. 355).

929 Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría (2014, p. 24).

O desenho de reconstituição poderá e deverá, no entanto, ser constantemente incrementado com novos dados arqueológicos e históricos, o que, por seu turno, afectará a interpretação, enquanto resultado directo desse processo.

A proposta desenvolvida no presente estudo é apenas uma tentativa de traçado, à qual muitas escavações e estudos terão de se sobrepor para uma maior compreensão da cidade. Uma acção que se impõe pela necessidade premente em reunir a informação dispersa e apresentar algo que promova a sua conservação e valorização. Malgrado as inúmeras escavações ocorridas sobretudo a partir da década de 1980, ainda não existia, por exemplo, uma planta que agregasse todos esses vestígios.

Ora este trabalho visou, precisamente, proporcionar um suporte que permitisse contribuir para a consciencialização da importância do património arqueológico de forma integrada e geradora de continuidades.

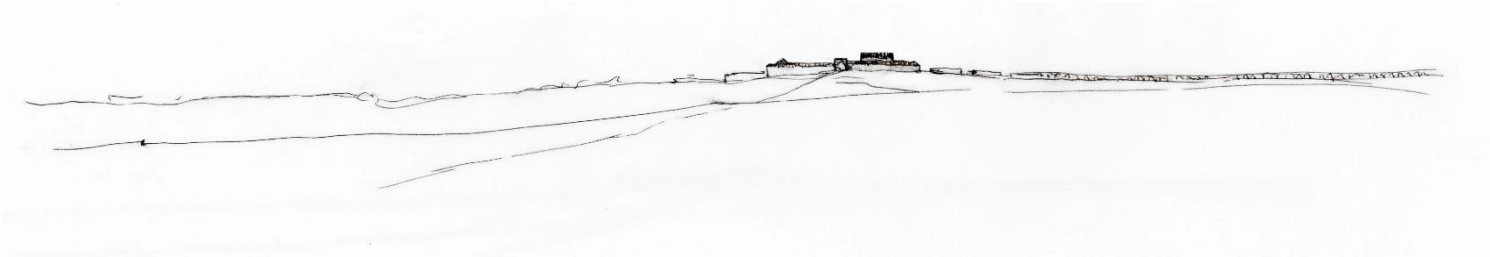
Em Évora, como noutras cidades de fundação antiga, qualquer intervenção nos edifícios exige um diagnóstico prévio e levantamento rigoroso do seu todo, não só dos vestígios arqueológicos como de toda a arquitectura. Os novos dados passíveis de resultarem das operações de demolição e construção obriga a prolongar o estudo arqueológico e arquitectónico durante toda a obra, a fim de integrar esses elementos no projecto de reabilitação. A obra, com efeito, também é feita de desafios e imprevistos, sendo certo que trabalhar com o passado é lidar com a incerteza e com a surpresa de um novo achado.

Assim, Évora carece ainda de muitos estudos integrados, apesar de todo o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, nomeadamente pelos técnicos das instituições que tutelam este património. A investigação que aqui se apresenta é, por isso, também uma tentativa modesta de fazer jus a toda a generosidade e dedicação dessas pessoas, que tanto já fizeram por este património arquitectónico e arqueológico e que certamente continuarão a fazer.

Por fim, importa sublinhar que a leitura do fragmento do passado que aqui se reclama é essencial na formação da identidade da cidade contemporânea, não só no modo como é continuamente percebida, mas também habitada e transformada. O interesse científico, social e turístico que a ruína detém deve mobilizar uma atuação estratégica sobre o património arqueológico, com vista a reforçar a sua capacidade em gerar desenvolvimento. Uma intervenção que compreende a integração e valorização das estruturas arqueológicas da cidade, salvaguardando a sua conservação, integração e comunicação, de modo a que a sua fruição possa ser esclarecedora e simultaneamente didáctica para todo o tipo de públicos [IMAGEM 231]. E se é verdade que os vestígios, à excepção do *forum* e das termas, são escassos e pouco esclarecedores, o tempo encarregar-se-á de os tornar cada vez mais acessíveis. Évora será sempre um laboratório vivo e este trabalho é apenas mais um passo nesta passagem pela "perfeição completa das imagens".

Céu, terra, eternidade das paisagens,
Indiferentes ante o rumor leve,
Que nós sempre lhe somos. Vento breve,
Heróis e deuses, trágicas passagens,
Cuja tragédia mesma nada inscreve
Na perfeição completa das imagens.

Sophia de Mello Breyner Andresen (2013 [1944], p. 61)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abascal, Juan Manuel; Cebrián, Rosario (2009). *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la Historia.

Açougues (1536). Tombo (municipal), (PT/ADEVR/AL/AHMEVR/0137, Cx. 58, liv. 134). Évora: Arquivo Distrital de Évora.

Actas do Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia (2011). (Lino Tavares Dias; Pedro Alarcão Ed.). Porto: FAUP Publicações.

Adam, Jean-Pierre (1996). *La Construcción Romana, materiales y técnicas* (Cristina Colinas Carbajo, Trad.). Leon: Editorial de los Oficios.

Adkins, Lesley; Adkins, Roy A. (2009). *Archaeological illustration*. Cambridge: Cambridge University Press.

Afonso V (1467). *Carta de D. Afonso V à Câmara de Évora*. Livro 2.º dos Originais, (72). Évora: Arquivo Distrital de Évora.

Alarcão, Jorge de (1990). A Urbanização de Portugal nas Épocas de César e de Augusto. In Walter Trilmich; Paul Zanker (Ed.), *Stadtbild und Ideologie* (p. 43-57). München: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften.

Alarcão, Jorge de (1992). A Cidade Romana em Portugal: Renovação Urbana em Portugal na Época Romana *Cidades e História. Ciclo de conferências promovido pelo Serviço de Belas-Artes em Novembro de 1987* (p. 73-127). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes.

Alarcão, Jorge de (2004). *Introdução ao estudo da Tecnologia Romana*. Coimbra: Instituto de Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Alarcão, Jorge de (2008). *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Alarcão, Jorge de (2011). A colaboração de Arquitectos com Arqueólogos. In Lino Tavares Dias; Pedro Alarcão (Ed.), *Actas do Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia - FAUP 2008. Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares* (p. 11-14). Porto: Faup Publicações.

Alarcão, Jorge de (2013). *Introdução ao Estudo da História e do Património Locais* (2.ª ed. Vol. 2). Coimbra: Faculdade de Letras/Departamento de História, Arqueologia e Artes/Secção de Arqueologia/Instituto de Arqueologia.

Alarcão, Jorge de; André, Pierre; Barelas, Paulo; Carvalho, Pedro C.; Santos, Fernando Pereira dos; Silva, Ricardo Costeira da (2009). *O Forum de Aeminium. A busca do desenho original*: IMC - Instituto dos Museus e da Conservação, Museu Nacional de Machado de Castro, Edifer.

Alarcão, Jorge de; Carvalho, Pedro C.; Madeira, José Luís; Osório, Marcos (2013). O templo romano de Orjais (Covilhã) e a sua bacia de visão. *Conimbriga, LII,* 67-128.

Alarcão, Jorge de; Etienne, Robert; Golvin, Jean-Claude; Schreyeck, Joseph; Monturet, Raymond (1977). *Fouilles de Conimbriga* (Vol. I. L'Architecture). Paris: Diffusion E. de Boccard.

Alarcão, Pedro (2009). *Construir na ruína. A propósito da cidade romanizada de Conimbriga.* (Tese de Doutoramento). Porto: Universidade do Porto.

Alarcão, Pedro (2021). Entre a razão e a intuição: contribuições para a identificação do Teatro Romano de *Conimbriga*. In Lino Tavares Dias; Pedro Alarcão (Ed.), *Actas do Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia* (p. 133-146). Porto: FAUP Publicações.

Alegria, António Miguel (2001). O Museu de Évora e o seu Público/Rupturas, Inovações e Continuidade (1915/1999). *A Cidade de Évora, II Série,* 363-379.

Alfenim, Rafael (2007, 24.10.2007). [Parecer sobre estrutura (Museu de Évora)].

Álvarez Martínez, José María (1992). El Templo de Diana. *Templos Romanos de Hispania. Cuadernos de Arquitectura Romana, 1,* 83-93.

Alvarez Martínez, José María; Nogales Basarrate, Trinidad (2004). Programas decorativos del foro colonial de "Augusta Emerita" el "templo de Diana". Templo de culto imperial. In Sebastián F. Ramallo Asensio (Ed.), *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de occidente: actas del Congreso Internacional celebrado en Cartagena entre los días 8 y 10 de octubre de 2003* (p. 298-319): Universidad de Murcia.

Álvarez Martínez, José Maria; Nogales Basarrate, Trinidad (2003). *Forum Coloniae Augustae Emeritae. "Templo de Diana"* (Vol. I Textos). Mérida: Assemblea de Extremadura.

Alves, António Leandro (organização) (1966). Exposição Bibliográfica e Iconográfica de Évora. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

. Ancient Roman Temple at Evora (1835, 6 Junho). *The Penny Magazine of the Society for the Diffusion of Useful Knowledge, IV,* 217-218.

Andresen, Sophia de Mello Breyner (2013 [1944]). *Poesia*. Lisboa: Assírio&Alvim.

Apollonio, Fabrizio I.; Fallavollita, Federico; Foschi, Riccardo (2021). The Critical Digital Model for the Study of Unbuilt Architecture. In F. Niebling; S. Münster; H. Messemer (Ed.), *Research and Education in Urban History in the Age of Digital Libraries. UHDL 2019. Communications in Computer and Information Science* (Vol. 1501). Cham: Springer.

Architecture&Archaeology. The Work of Sheila Gibson (1991). (Amanda Claridge; Sheila Gibson Ed.). Roma: The British School at Rome.

. As nossas gravuras: O Templo de Diana em Évora (1890, 21 de Agosto). *O Occidente, XIII, 13.º Ano,* 187/189.

Ayerbe Vélez, Rocío; Barrientos Vera, Teresa; Palma García, Félix (2009a). 3ª Parte. Los complejos forenses de *Augusta Emerita*. In Rocío Ayerbe Vélez; Teresa Barrientos Vera; Félix Palma García (Ed.), *El foro de Avgvsta Emerita. Génesis y evolución de sus recintos monumentales* (Vol. LIII, p. 667-831). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Ayerbe Vélez, Rocío; Barrientos Vera, Teresa; Palma García, Félix (2009b). Lectura estratigráfica del "Pórtico del Foro". In Rocío Ayerbe Vélez; Teresa Barrientos Vera; Félix Palma García (Ed.), *El foro de Avgvsta Emerita. Génesis y evolución de sus recintos monumentales* (Vol. LIII, p. 295-323). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Balesteros, Carmen; Mira, Élia (1993). *As Muralhas de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora/Escola Secundária Gabriel Pereira.

Barata, António Francisco (1873, Setembro de 1873). Archeologia - Museu Cenaculo em Évora. *Artes e Letras,* 129-131.

Barata, António Francisco (1878). Restauração do Templo Romano em Évora. *Miscellanea Historico-Romantica* (p. 185-203). Barcelos: Typographia da Aurora do Cavado.

Barata, António Francisco (1903). *Catalogo do Museu Archeologico da Cidade de Evora*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Barata, António Francisco (1909). *Évora antiga. Noticias colhidas com afanosa diligencia. Em favor dos asylos de Infancia Desvalida e Ramalho-Barahona*. Évora: Minerva Commercial.

Barata, Maria Filomena (2008, 07.04.2008). [Memorando de Reunião/Deslocação].

Barbosa, Ignacio de Vilhena (1863). O Arco Triumphal Romano da Praça de Evora. *Archivo Pittoresco,* 286-287.

Barbosa, Ignacio de Vilhena (1865). (Templo romano em Evora). *Archivo Pittoresco, Tomo VIII,* 313-316.

Barrera Antón, José Luis de la (2000). *La decoración arquitectónica de los foros de Augusta Emerita*. Roma: "L'Erema" di Bretschneider.

Barrera Antón, José Luis de la (2016). A monumentalização dos centros urbanos da Lusitânia romana. In António Carvalho; Lívia Cristina Coito (Ed.), *Lusitânia Romana Origem de dois Povos* (p. 304-317). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Beltrán de Heredia Bercero, Julia (2015). Novetats sobre el fòrum de *Barcino*: la cúria i altres edificis públics. *Quaderns d'arqueologia i història de la ciudat de Barcelona, Època II,* 126-146.

Bilou, Francisco (2010). *A Refundação do Aqueduto da Água da Prata, em Évora 1533-1537*. Lisboa: Edições Colibri.

Branco, Manuel J. C. (2007, Abril 2007). A defesa do património construído em Évora. Cunha Rivara, Filipe Simões, Gabriel Pereira e Túlio Espanca. *Monumentos,* 118-123.

Brigola, João Carlos (2000). Coleccionismo e 'anticomania' - a actividade museológica de Frei Manuel do Cenáculo (1750-1814). *A Cidade de Évora, II Série,* 249-263.

Cabral, João M. Peixoto; Mustra, Carla O.; Hauschild, Theodor (2004). A Proveniência do Mármore dos Capitéis do Templo Romano de Évora. *Conimbriga,* 171-177.

Caetano, Joaquim Oliveira (2005). Os restos da humanidade. Cenáculo e a arqueologia. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (p. 49-56). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Caetano, Joaquim Oliveira (2011). Os projectos do arquiteto Joaquim de Oliveira para as bibliotecas-Museu de Frei Manuel do Cenáculo. *Revista de História da Arte,* 48-69.

Caetano, Joaquim Oliveira; Alegria, António Miguel (2003). Nascer na convulsão - os primeiros anos do Museu de Évora. *Eborensia, Ano XVI,* 163-178.

Caetano, Joaquim Oliveira; Gonçalves, Luís Jorge; Nogales Basarrate, Trinidad (2005). Imagens e textos dispersos. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e*

Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora (p. 82-95). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Caetano, José Carlos (2005). 35 Ara funerária de *Mumia Cupita*. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (p. 94). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Calais, Ana Cristina; Viegas, Catarina Ferrer Dias (1990). *Relatório dos Trabalhos. Intervenção Arqueológica no Convento de Santa Catarina de Sena (Centro Histórico de Évora).*

Canto y De Gregorio, Alicia M.ª (2001). *La arqueología española en la época de Carlos IV y Godoy. Los dibujos de Mérida de Don Manuel Moziño 1791-1794*. Madrid: Fundación de Estudios Romanos; Fundación El Monte.

Carena, Carlo (1984). Ruína/restauro. In Ruggiero Romano (Ed.), *Enciclopédia Einaudi - Memória - História* (Vol. 1, p. 107 -129). [Lisboa]: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Carreras Soto, T. (1952). *Arquitectura. Trazado de los cinco ordenes*. Sevilla: Libreria Casa Carreras.

Carta de Cracóvia. Princípios para a conservação e o restauro de Património construído, (2000).

Carta de Londres para a visualização computorizada do Património Cultural, (2014).

Carvalho, Afonso de (2004). *Da Toponímia de Évora. Dos meados do século XII a finais do século XIV* (Fernando Mão de Ferro Ed. Vol. I). Lisboa: Edições Colibri.

Carvalho, Mariana Martins de (2018). From the Ruin to the Temple, passing by the butchers. A reconstitution of the '*Temple of Diana*' in Evora, based on literary and iconographic sources. In Giuseppe Amoruso (Ed.), *Putting Tradition into Practice: Heritage, Place and Design* (p. 147-159). Milano: Springer.

Carvalho, Mariana Martins de (2019). Ichnography, Orthography and Scenography as forms of tracing the past: a reconstitution of the Roman *Forum* of *Ebora Liberalitas Julia*. In Giuseppe Amuruso; Rossella Salerno (Ed.), *Cultural Landscape in Practice. Conservation vs. Emergencies* (Vol. 26, p. 245-258). Cham: Springer.

Carvalho, Pedro C. (2009). O *Forvm* dos *Igaeditani* e os primeiros tempos da *Civitas Igaeditanorvm* (Idanha-a-Velha, Portugal). *Archivo Español de Arqueología, 82,* 115-132.

Casella, Guida (2005). *The Picturesque in Portuguese Archaeological/Historical Landscape Ilustrations.* (Master). Bath: University of Bath.

Castelo Branco, Fernando (1943). Um subsídio importante para a história do "Templo de Diana". *A Cidade de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo, Ano II,* 39-45.

Castilho, António Feliciano de ; Leal, José Maria da Silva (1844, 25 de Abril de 1844). Sobre o Templo Romano de Évora. *Revista Universal Lisbonense, III, Série III,* 430.

Cátedra, Maria (2011). La reconstrucción de una ciudad: la restauración del Templo de Diana de Évora. *Revista de Antropología Social,* 309-328.

Cenáculo, Manuel do; Silva, Félix Ceatano da (17??). *Album de Antiguidades Lusitanas e Luso Romanas: Lapides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence.* (Códice CXXXIX/1-14). Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Choay, Françoise (2009). *Le Patrimoine en Question: Anthologie pour un Combat*. Paris: Seuil.

Choay, Françoise (2013). *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.

Choisy, Auguste (1899). XII. Architecture Romaine *Histoire de L'Architecture* (Vol. Tome Premier, p. 512-612). Paris: Édouard Rouveyre, Éditeur.

Coelho, Carlos Dias (2013). O Tecido. Leitura e inteprepetação. In Carlos Dias Coelho (Ed.), *Os Elementos Urbanos* (p. 12-35). Lisboa: Argumentum.

Coghi, Paola; Duarte, Carlos; Valle, Isabel (2018). *Relatório final da Intervenção. Empreitada Urgente de Conservação do Templo Romano de Évora - Situações críticas*. Lisboa: Nova Conservação, Lda; DRCAlen.

Correia, Virgílio Hipólito (1994). O anfiteatro romano de Évora. Notícia da sua Identificação. In José María Alvarez Martinez; Juan Javier Enríquez Navascués (Ed.), *El Anfiteatro en la Hispania Romana. Coloquio Internacional* (p. 345-348). Mérida: Junta de Extremadura.

Correia, Virgílio Hipólito; Alarcão, Pedro (2008). Conimbriga: um ensaio de topografia histórica. *Conimbriga, XLVII,* 31-46.

Couto, Mateus do (1634). *Livro das plantas e monteas de todas as fábricas das inquisições deste reino e india, ordenado por mandado do illustríssimo e reverendíssimo senhor dom francisco de castro, bispo inquisidor geral e do conselho de estado de sua majestade*. Lisboa: Tribunal do Santo Ofício.

Craveiro, Maria de Lurdes (2009). *A Arquitectura "Ao Romano"* (Vol. 9): Fubu Editores.

Crema, Luigi (1959). *L'Architettura Romana* (Vol. Enciclopedia Classica, sezione III: Archeologia e Storia dell' Arte Classica vol. XII, tomo I). Turin: Società Editrice Internazionale.

Creus Luque, María Luz (2002). Diferentes materiales escultóricos romanos en el territorio de Augusta Emerita. *Cuadernos Emetitenses,* 249-271.

D., C. F. (1987, 15 de Julho de 1987). Descobertas Arqueológicas em Evora e S. Manços. *O Giraldo.*

David, Celestino (1947). Foros e Próprios do Concelho (Tombo Municipal de 1651) *A Cidade de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo, Ano V,* 273-.

De Man, Adriaan (2008). *Defesas urbanas tardias da Lusitânia.* (Tese de Doutoramento). Porto: Universidade do Porto.

Deus, Manuela de (2016). "Quando o objecto desafia a curiosidade": A actividade arqueológica de Cenáculo e seus colaboradores em Santiago do Cacém. In Manuela de Deus (Ed.), *Dom Frei Manuel do Cenáculo: itinerários por Santiago do Cacém* (p. 65-83). Santiago do Cacém: Junta de Freguesia da União de Freguesias de Santiago do Cacém, Santa Cruz e São Bartolomeu da Serra.

Dias, Susana José Gomes (2008). *Relatório de Progresso de Trabalhos Arqueológicos. Escavação e Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Reabilitação do Paço dos Lobos da Gama*. Évora: Arkeohabilis - Arqueologia e Paisagem Lda.

Dias, Susana José Gomes; Costa, Ricardo Gaidão (2009). *Relatório final de trabalhos arqueológicos. Acompanhamento arqueológico do projecto de requalificação do Colégio dos Moços do Coro da Sé de Évora*. Évora: OMNIKNOS - Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura Lda.

Dias, Susana José Gomes; Maia, Conceição Vitoriano (2007). *Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Escavação Arqueológica Jardim de Diana*. Évora: ArkeoHabilis - Arqueologia e Paisagem Lda.

Domingos, Cardozo (1758). Memórias Paroquiais: Évora-Santo Antão. CIDEHUS Digital HTTP://WWW.CIDEHUSDIGITAL.UEVORA.PT/PORTUGAL1758/MEMORIAS/EVORA-SANTO-ANTAO

Encarnação, José d' (2002). André de Resende, epigrafista *Cataldo & André de Resende/Congresso Internacional do Humanismo Português* (p. 305-310). Lisboa: Centro de Estudos Clássicos.

Encarnação, José d' (2007-2008). Uma inscrição Romana de Évora forjada por André de Resende. *A Cidade de Évora, II Série,* 213-218.

Erasun Cortés, Ricardo; Faure, Francisco G. C. Líbano Monteiro (2002). *Relatorio Preliminar. Acompanhamento Arqueológico na R. Alcárcova de Baixo, 1-3, Fracção A (Évora)*. Guimarães.

Espanca, Túlio (1944a). O Aqueduto da Água da Prata. *Cadernos de História e Arte Eborense, I,* 8-38.

Espanca, Túlio (1944b). Templvm Dianae Sacrvm. *A Cidade de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo, Ano II,* 87-90.

Espanca, Túlio (1951, Setembro-Dezembro). Miscelânia Histórico-artística (segunda-série) 16 O Antigo Paço Arquiepiscopal de Évora. *A Cidade de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo, Ano VIII,* 502-508.

Espanca, Túlio (1966a). *Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora* (Vol. Tomo I). Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

Espanca, Túlio (1966b). Nota à exposição iconográfica. In António Leandro Alves (Ed.), *Exposição Bibliográfica e Iconográfica de Évora* (p. 125-128). Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Estaço, Gaspar (1754). *Varias Antiguidades de Portugal [1625]* (Luiz Moraes Ed.). Lisboa: Offic. dos Herd. de Antonio Pedrozo Galrão.

Estaço, Gaspar (1785). Varias Antiguidades de Portugal [1625]. In Bento Joze de Souza Farinha (Ed.), *Colleçam das Antigvidades de Evora* (p. 112-155). Lisboa: Officina de Filippe da Silva Azev-.

Étienne, Robert (2002). Novidades sobre o culto Imperial na Lusitânia. In Luís (coord.) Raposo (Ed.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (p. 97-104). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia

Évora condiciona trânsito para salvar templo (1990, 7 de Setembro de 1990). *Diário de Lisboa,* p. 13. HTTP://CASACOMUM.ORG/CC/VISUALIZADOR?PASTA=06893.210.31803#!1

. Évora d'Antanho. Templo Romano com a silhueta Medieval antes de 1870 (1947, Junho-Setembro). *A Cidade de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo*.

Fabião, Carlos (2010). Modelos Forenses nas Cidades da *Lusitania*: Balanço e Perspectivas. In Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (p. 343-359). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Faria, Manoel Severim de (1785). Elogio de Evora. In Bento Joze de Souza Farinha (Ed.), *Colleçam das Antigvidades de Evora* (p. 177-180). Lisboa: Officina de Filippe da Silva Azev-.

Fernandes, Lídia (1997a). *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental* (Vol. II). (Tese de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Fernandes, Lídia (1997b). *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental* (Vol. IV). (Tese de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Fernandes, Lídia (1997c). *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental* (Vol. I). (Tese de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Fernandes, Lídia; Silva, Jorge Nuno (2014). The Roman Temple of Evora. In Fernanda Frazão; Gabriela Morais; Lídia Fernandes; Jorge Nuno Silva (Ed.), *Curiosities of Evora. Legends, History, Archeology and Board Games* (p. 19-31). Évora: Apenas Livros Lda.

Fernandes, Teresa Matos; Correia, Virgílio Hipólito (1987). *Intervenção Arqueológica de Emergência da Pousada dos Loios*. Évora: Serviço Regional de Arqueologia do Sul.

Ferreira, Vergílio (1994). *Aparição*. Lisboa: Bertrand Editores.

Fialho, Manuel (1718?). *Évora Ilustrada, com noticias antigas e modernas sagradas e profanas. Comprehende 221 annos, de a morte de Elrey Dom Affonço 5º em o anno de 1481, athe o de 1703 Reinado Dom Pedro 2º* (Vol. II). [Évora].

Fonseca, Francisco da (1728). *Évora Gloriosa*. Roma: Officina Komarekiana.

Frade, Helena (1990). Novos elementos sobre o templo romano de Almofala. *Conimbriga, XXIX,* 91-101.

Franco, António (1945). *Évora Ilustrada. Extraída da obra do mesmo nome do Padre Manuel Fialho*. Évora: Edições Nazareth.

García-Dils de la Vega, Sergio; Ordóñez Agulla, Salvador; Rodríguez Gutiérrez, Olivia (2007). Nuevo Templo Augusteo en la Colonia Augusta Firma Astigi (Écija - Sevilla). *Romula,* 75-114.

Garcia da Roza, Francisco (1758). Memórias Paroquiais: Évora-Sé. CIDEHUS Digital HTTP://WWW.CIDEHUSDIGITAL.UEVORA.PT/PORTUGAL1758/MEMORIAS/EVORA-SE

García y Bellido, António (1971). El Recinto Mural Romano de Évora Liberalitas Iulia. *Conimbriga, X,* 85-92.

Gil, Fernando (1984). Inventar. In Ruggiero Romano (Ed.), *Enciclopédia Einaudi - Memória - História* (Vol. 41, p. 174-252). [Lisboa]: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Ginouvès, René (Ed.) (1992) *Dictionnaire Méthodique de L'Architecture Grecque et Romaine.* (Vol. II). Rome: École Française de Rome.

Gonçalves, Ana; Hauschild, Theodor; Teichner, Felix; Santos, Ana Luísa; Umbelino, Cláudia (1996). *Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora*. Évora: Arkaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.

Gonçalves, Ana; Hauschild, Theodor; Teichner, Felix; Santos, Ana Luísa; Umbelino, Cláudia (1998). *Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora (2ª Fase - 1997)*. Évora: Arkaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.

Gonçalves, Ana; Pica, Manuel Carmona (2014). *Relatório final dos trabalhos arqueológicos. Realização de acompanhamento arqueológico de obra. Remodelação do alpendre das Casas Pintadas. Travessa das Casas Pintadas - Évora*. Évora: Arkaios Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.

Gonçalves, Gerardo Vidal; Roque, Conceição (2009). *Relatório final - segunda fase. Projecto de Reabilitação do Paço dos Lobos da Gama*. Évora: Arkeohabilis - Arqueologia e Paisagem Lda.

Gonçalves, Luís Jorge (2007). *Escultura romana em Portugal. Uma arte do quotidiano*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano.

Gonçalves, Luís Jorge; Castro, Rita (2008). Ilustração em Arqueologia: um apoio à Museologia. *Praxis Archaeologica - Revista Electrónica de Teoria, Metodologia e Política da Arqueologia,* 117-129.

Gonçalves, Luís Jorge; Nogales Basarrate, Trinidad (2005a). 13 Leão Sepulcral de Évora. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (p. 70). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Gonçalves, Luís Jorge; Nogales Basarrate, Trinidad (2005b). 29 Herma de Dionisio. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (p. 87). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Gonçalves, Luís Jorge; Nogales Basarrate, Trinidad (2005c). 32 Estátua de figura feminina sentada num trono. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (p. 90). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Gonçalves, Luís Jorge; Nogales Basarrate, Trinidad (2005d). Espaços públicos e mensagens em pedra. As esculturas do forum de *Ebora*. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (p. 58-67). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Goulart, Artur (1996-1997). Évora e os primórdios da fotografia. *A Cidade de Évora, II Série,* 411-417.

Grassi, Giorgio (2018). *Escritos escolhidos, 1965-2015* (José Miguel Rodrigues, Trad.). Porto: Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva/Edições Afrontamento.

Gros, Pierre (2011). *L'Architecture Romaine: début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire* (3.ª ed. Vol. 1. Les monuments publics). Paris: Picard.

Gusmão, F. A. Rodrigues de (1877). Bibliographia: Noções Elementares de Archeologia por J. P. Narciso da Silva. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezesde 2ª Serie - Tomo 2,* 4-6.

Gutiérrez Behemerid, María Angeles (1992). *Capiteles Romanos de la Península Ibérica*. Valladolid: Secretario de Publicaciones Universidad de Valladolid.

Gutiérrez Behemerid, María Angeles (2011). La interpretación de los modelos urbanos en la ciudad de Clunia. In Trinidad Nogales Basarrate; Isabel Rodà i Llanza (Ed.), *Roma y las provincias: modelo y difusión II* (p. 817-828). Mérida: L'Erma di Bretschneider.

Hauschild, Theodor (1981a). El trabajo del arquitecto en las excavaciones. *Caesaraugusta,* 149-152.

Hauschild, Theodor (1981b). *Os Templos Romanos peripteros de Évora, Mérida e Barcelona*, Lisboa.

Hauschild, Theodor (1982). Zur Typologie Romischer Tempel auf der Iberischen Halbinsel. Peripterale Anlagen in Barcelona, Mérida und Evora. *Homenaje a Saenz de Buruaga*. Badajoz: Deputacion Provincial de Badajoz.

Hauschild, Theodor (1985, 08/09/1985). [Carta a Dr. Caetano de Mello Beirão].

Hauschild, Theodor (1986a). *Investigações efectuadas no templo de Évora*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor (1986b). Investigações efectuadas no templo de Évora em 1986. *Trabalhos de Arqueologia do Sul,* 93-98.

Hauschild, Theodor (1987). *Relatório sucinto sobre as escavações efectuadas no templo romano de Évora (1987)*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor (1988a). *Relatório Preliminar. Investigação no Templo Romano de Évora 6 a 17 de Junho de 1988*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor (1988b). *Relatório sobre investigações no templo de Évora*. Évora: Instituto Arqueológico Alemão, Serviço Regional de Arqueologia do Sul.

Hauschild, Theodor (1989-1990). Arquitectura religiosa romana en Portugal. *Anas,* 23.

Hauschild, Theodor (1990). *Relatório preliminar da campanha de escavações de 1990. Escavações junto ao templo romano de Évora*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor (1991). El Templo Romano de Évora. *Cuadernos de Arquitectura Romana, 1,* 107-117.

Hauschild, Theodor (1992). *Relatório preliminar da campanha de escavações de 1992. Escavações no recinto do templo romano de Évora*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor (1994a). El templo romano de Évora, nuevas investigaciones. In Xavier Dupré i Raventós (Ed.), *La ciudad en el mundo romano. Actas XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica* (Vol. 2, p. 197-200). Tarragona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Institut d'Estudis Catalans.

Hauschild, Theodor (1994b). *Relatório preliminar sobre as escavações junto ao Templo de Évora, campanhas de 1993*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor (1995-1997, 1995-1997). Um capitel jónico romano descoberto no subsolo do Museu de Évora. *O Arqueólogo Português, Série IV,* 415-428.

Hauschild, Theodor (1996). *Relatório sobre as três sondagens na zona encolvente do templo romano de Évora*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor (1998, 28/10/1998). [Trabalhos arqueológicos no interior do Museu de Évora, no âmbito do Projecto de Remodelação e Valorização].

Hauschild, Theodor (2001). Évora. Relatório preliminar sobre as escavações junto ao templo romano, 1989-1992. As construções. *Lusíada. Arqueologia, História da Arte e Património, Série 1,* 69-91.

Hauschild, Theodor (2002). Templos romanos na província da Lusitânia. In Luís Raposo (Ed.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (p. 215-222). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia

Hauschild, Theodor (2005). O templo Romano de *Ebora*. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana no Museu de Évora* (p. 21-22). Évora: Instituto Português dos Museus, Museu de Évora.

Hauschild, Theodor (2010). Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*. In Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (p. 27-36). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Hauschild, Theodor; Sarantopoulos, Panagiotis (1995-1996). O tanque de água do templo romano de Évora. Notícia preliminar da intervenção arqueológica de 1996. *O Arqueologo Português, 4ª serie,* 429-440.

Hauschild, Theodor; Sousa, Pedro Fialho de (1991a). *Relatório preliminar da campanha de escavações de 1991. Escavações no recinsto do templo romano de Évora*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor; Sousa, Pedro Fialho de (1991b). *Relatório preliminar da campanha de escavações de 1991. Escavações no recinto do templo romano de Évora*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor; Sousa, Pedro Fialho de (1996). *Relatório Preliminar. Escavações Arqueológicas dos tanques envolventes do Templo Romano de Évora - 2ª fase*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Hauschild, Theodor; Teichner, Felix (2017). *Der römische Tempel in Évora (Portugal) Bauaufnahme, Ausgrabung, Wertung* (Vol. 35). Wiesbaden: Reichert.

Henrique, Cardeal D. (1570, 21 de Agosto 1570). *Carta do Cardeal D. Henrique à Câmra Municipal de Évora*. Livro VI dos Originais, (PT/ADEVR/AL/AHMEVR/0079, Cx. 31, liv. 76). Évora: Arquivo Distrital de Évora.

Houaiss, António; Villar, Mauro de Salles; Franco, Francisco Manoel de Mello; Almeida, José Augusto Assis de; Casteleiro, João Malaca (Ed.). (2003) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Vol. V). Lisboa.

Hübner, Ernst Willibald Emil (1871). *Noticias Archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia.

ICOMOS (1987). *Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas*. Washington D.C.

Iglesia Santamaría, Miguel Ángel de la (2014). Arquitectura clásica y lenguaje. *Pyreanae, I,* 7-27.

Iglesia Santamaría, Miguel Ángel de la (2016). El teatro romano de Clunia. De la investigación a la Restauración *Teatros romanos de Hispania. Conservación, restaruración y puesta en valor* (p. 197-227). Valencia: Editorial Universitat Politècnica de València.

Iglesia Santamaría, Miguel Ángel de la; Tuset Bertrán, Francesc (2012). *Colonia Clunia Sulpicia ciudad romana*. Burgos: Publicaciones de la Excma. Diputación Provincial de Burgos.

João V ([1721] 1819). *Alvará*, em que se declarou, que incorresse nas mesmas penas dos que fabricão moéda falsa a pessoa, que desfizesse edifício, estatua, mármore, lamina, ou chapa, em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros antigos, ou desfizer moeda, ou medalha antiga, Ord. Liv. 5. Tit. 12. §. 5., 20 de Agosto de 1721. In Joaquim Inácio de Freitas (Ed.), *Collecção Chronologica de Leis Extravagantes, posteriores á nova compilação das Ordenações do Reino, publicadas em 1603* (Vol. Tomo II, p. 415-418). Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

Krüger, Mário (2015). A relevância do De re aedificatoria na herança disciplinar da arquitectura clássica em Portugal: a influência da obra escrita de Alberti. In Mário Krüger; Carlos Brandão; Pierre Caye; José Pinto Duarte; Francesco Furlan; Gonçalo Canto Moniz; Vitor Murtinho (Ed.), *Na génese das racionalidades modernas II. Em torno de Alberti e do Humanismo* (p. 443-471). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Le Goff, Jacques (1984). Documento/monumento. In Ruggiero Romano (Ed.), *Enciclopédia Einaudi - Memória - História* (Vol. 1, p. 95-106). [Lisboa]: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Leão, Duarte Nunes de (1600). *Primeira parte das chronicas dos Reis de Portugal*. Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeeck.

Lemos, Manuel (2001/2002). Historiografia do Desenho Arqueologico enquanto técnica aplicada à Arqueologia. *Ângulo Repositório Didáctico*, 27-57.

Lima, Luís Carlos Fortunato (2007). *O Desenho como substituto do Objecto. Descrição científica nas imagens do desenho de materiais arqueológicos.* (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Linazasoro, José Ignacio (2013). *La memoria del orden. Paradojas del sentido de la arquitectura moderna*. Madrid: Abada Editores, S. L.

Lopes, L; Carrilho Lopes, J.; Cabral, J. P.; Sarantopoulos, Panagiotis (2000). Caracterização petrográfica dos monumentos romanos de Évora. *A Cidade de Évora, II Série,* 129-142.

Lopes, Maria da Conceição (2018). O busto de Júlio César de *Pax Iulia*. Percursos e debates em torno da fundação de *Pax Iulia*. *Arqueologia Medieval, 14,* 11-18.

Los principios de Sevilla. Principios Internacionales de la arqueología virtual, (2017).

M. (1895). A Cidade d'Evora e os seus monumentos. *O Diario d'Evora, 2º ano* (n.º 301).

Maciel, Justino (1998). Arte romana e pedreiras de mármore na Lusitânia: novos caminhos de investigação. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,* 233-245.

Madeira, José Luís (2013). *O Desenho na Arqueologia* (2 ed. Vol. 5). Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Departamento de História, Arqueologia e Artes, Secção de Arqueologia, Instituto de Arqueologia.

Maia, Conceição Vitoriano; Gonçalves, Gerardo Vidal (2010). *Relatório Final. Intervenção Arqueológica na Escola Secundária Gabriel Pereira - Évora*. Évora: Arkeohabilis - Arqueologia e Paisagem Lda.

Maneta, Luís (1995, 9 de Dezembro). Nove anos de esquecimento. *Público,* p. 46.

Mantas, Vasco Gil (2010). *Ammaia* e *Civitas Igaeditanorum*. Dois espaços forenses lusitanos. In Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (p. 167-188). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Mantas, Vasco Gil (2020). Urbanismo e arquitectura na Lusitânia Imperial. In José Brandão Franscisco Oliveira (Ed.), *História de Roma Antiga. Império Romano do Ocidente e romanidade hispânica* (p. 471-491). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Manuel, D. (1500, 27 de Julho 1500). *Autorização*. Livro III dos Originais, (liv. 73). Évora: Arquivo Distrital de Évora.

Manuel, Joaquim Augusto Câmara (1943, Setembro). Mestre André de Rezende. *A Cidade de Évora, Ano I,* 73-77.

Martha, Cardoso (1929). O Templo de Diana em Évora, no século XVI. *Feira da Ladra: revista mensal ilustrada,* 97-100.

Martin, Roland (1973). Rapport de synthèse *Les cryptoportiques dans l'architecture romaine. Actes du Colloque de Rome (19-23 avril 1972)* (p. 425-430). Rome: École Française de Rome.

Martínez Vergel, Jesús; Mesa Hurtado, Rafael (2003). El edificio. Anexo: Proportiones en el Templo de Diana. In José Maria Álvarez Martínez; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Forum Coloniae Augustae Emeritae. "Templo de Diana"* (Vol. I Textos, p. 119-130). Mérida: Assemblea de Extremadura.

Martins, Pedro Vasco de Melo (2013). *A Persistência das Formas Urbanas. Leitura das pré-existências romanas na morfologia da cidade portuguesa.* (Tese de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade técnica de Lisboa.

Mateos Cruz, Pedro (2006). El "Foro Provincial" de *Augusta Emerita*: un conjunto monumental de culto imperial/El culto imperial en el llamado "Foro Provincial" de *Augusta Emerita*. In Pedro Mateos Cruz (Ed.), *El "Foro Provincial" de Augusta Emérita: un conjunto monumental de culto imperial* (Vol. XLII, p. 315-354). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Mateus, Luís (2012). *Contributos para o Projecto de Conservação, Restauro e Reabilitação. Uma metodologia documental baseada na fotogrametria digital e no varrimento laser 3D terrestres.* (Tese de Doutoramento). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Mattoso, José (2007). *D. Afonso Henriques*. [Lisboa]: Temas e Debates.

Medição e demarcação dos Asougues das carnes da cidade (1651). Tombo (municipal) das demarcações, (PT/ADEVR/AL/AHMEVR/0216, Cx. 95, liv. 220). Évora: Arquivo Distrital de Évora.

Moreira, Gonçalo; Serra, Miguel (2009). *Relatório final dos trabalhos arqueológicos de 2009. Museu de Évora - Execução de ramal de abastecimento de gás ao edifício do museu*. Coimbra: Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.

Murphy, James (1795). Evora *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, In the Years 1789 and 1790* (p. 302-311). London: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies (Succeffors to Mr. Cadell) in the Strand.

Neto, Filipa (2015). *Struggle for pleasure*: o Portal do Arqueólogo. *Revista Património,* 56-59.

Nogales Basarrate, Trinidad (2016). A linguagem escultórica na Lusitânia Romana. In António Carvalho; Lívia Cristina Coito (Ed.), *Lusitânia Romana Origem de dois Povos* (p. 318-329). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Nohlen, Klaus (2017). Anastilosi e architettura moderna. Il caso del Santuario di Trajano a Pergamo. *Rassegna di Architettura e Urbanistica, Ano LII,* 45-51.

Ofício ao Juíz vereador da cidade de Évora (1555, 25 de Maio de 1555). Livro I dos Originais, (PT/ADEVR/AL/AHMEVR/0074, Cx. 28, liv. 71). Évora: Arquivo Distrital de Évora.

Orengo, Hector A.; Cortés, Ada (2014). The Agustan Temple and Forum of the Colony of Barcino: a 90 degree turn. *Oxford Journal of Archaeology, I,* 89-107.

Palma García, Félix (2009). 3. Interior del "templo de Diana". In Rocío Ayerbe Vélez; Teresa Barrientos Vera; Félix Palma García (Ed.), *El foro de Avgvsta Emerita. Génesis y evolución de sus recintos monumentales* (Vol. LIII, p. 124-135). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Patricio, Amador (1739). *História das Antiguidades de Évora, Primeira Parte repartida em dez Livros*. Évora: Officina da Universidade.

Patrocínio, Manuel Francisco Soares (2006). O registo das antiguidades lusitânicas do Sul no legado documental de D. Manuel do Cenáculo. *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, Ano 4,* 17-36.

Pedroso, Rui Nunes (1989). *Relatório - Campanhas de escavação de pintura mural. Evora - Rua da Alcarcova de Cima.* Évora.

Pedroso, Rui Nunes (2000). Restauro das pinturas romanas da sala (6) nas ruínas da Rua da Alcarcova. *A Cidade de Évora,* 169-183.

Pedroso, Rui Nunes (2005). Pintura Mural Luso-Romana. *O Arqueólogo Português, Série IV,* 321-366.

Peña Jurado, Antonio (2009). La decoración arquitectónica. In Rocío Ayerbe Vélez; Teresa Barrientos Vera; Félix Palma García (Ed.), *El foro de Avgvsta Emerita. Génesis y evolución de sus recintos monumentales* (Vol. LIII, p. 525-582). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Pereira, Gabriel (1878). O Templo Romano de Évora (Carta a Joaquim d'Araújo). *A Renascença: orgão dos trabalhos da geração moderna* 107-110.

Pereira, Gabriel (1883). O templo romano. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, Tomo IV, serie 2ª,* 33-37.

Pereira, Gabriel (1895, Junho de 1895). Restaurar e Conservar. *Arte Portuguesa, Ano I.*

Pereira, Gabriel (1901). Templo romano. Em Évora. *Passatempo,* 4-5.

Pereira, Gabriel (1903). *A Collecção de Desenhos e Pinturas da Bibliotheca d'Evora em 1884*. Lisboa: Officina Typographica.

Pereira, Gabriel (1934). *Estudos Diversos (Arqueologia, História, Arte, Etnografia)*

Colectânea (João Rosa Ed.). Coimbra: Coimbra. Imprensa da Universidade.

Pereira, Gabriel (1947 [1884-1894]). *Estudos Eborenses* (Vol. I). Évora: Edições Nazareth.

Pereira, Gabriel (1998). *Documentos Históricos da Cidade de Évora*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Perez Bayer, Francisco (1782a). *Diario del viage de Andalucia y Portugal.* (2, II, 242: Biblioteca Nacional de España.

Perez Bayer, Francisco (1782b). *Diario del viage de Andalucia y Portugal.* (1, I: Biblioteca Nacional de España.

Pérez Bayer, Francisco ([1782] 1998). Diario del Viaje desde Valencia a Andalucía hecho por Don Francisco Pérez en este año de 1782. In Antonio Mestre Sanchis; Pablo Pérez García; Jorge Antonio Catalá Sanz (Ed.), *Francisco Pérez Bayer: Viajes literários* (Vol. 22, p. 69-674). València: Edicions Alfons el Magnànim-IVEI.

Pesquisas arqueológicas em Évora (1990, 14 de Setembro 1990). *Diário do Alentejo*.

Pessanha, José; Queiroz, José; Carvalheira, Rosendo; Chaves, Henrique; Sousa, Alberto; Pessanha, Sebastião; Brito, Francisco (1916). *Defesa de Évora. Associação dos Arqueologos Portugueses*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva.

Pinto, Marina Paiva; Abébora, Duarte (2012). *Relatório dos trabalhos arqueológicos. Projecto de Reabilitação dos conjuntos edificados do Palácio da Inquisição/Casas Pintadas e Páteo de São Miguel.* Cruz Quebrada-Dafunto: ERA - Arqueologia, S.A.

Pizzo, Antonio (2010a). El aprovisionamiento de los materiales constructivos en la arquitectura de *Augusta Emerita*: las canteras de granito. In Stefano Camporeale; Hélène Dessales; Antonio Pizzo (Ed.), *Arqueología de la construcción II. Los procesos constructivos en el mundo romano: Italia y provincias orientales* (Vol. LVII, p. 565-588). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Pizzo, Antonio (2010b). *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emerita*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Plantas Arquitectónicas: A. Assuntos Portugueses). (Gav. 8 Pasta 1). Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Ponte, Maria de La Salete da (1989). *Sellium Tomar Romana*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da E.S.T.T.

Prado y Mariño, Melchor de (1801, 22 de Agosto de 1801). *Señor D. Josef Cornide y Saavedra.* (RAH-93899-42). Santiago: Real Academia de la História.

Puig i Cadafalch, Josep (1934). *L'Arquitectura Romana a Catalunya* (2.ª ed.). Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.

Q., A. (1923, 24 a 29 de Junho de 1923). O Templo Romano. *Jornal do Povo*.

Raczynski, Athanasius (1846). Quinzième Lettre. Évora *Les Arts en Portugal. Lettres adressées a la société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents* (p. 353-364). Paris: Jules Renouard et CIE, Libraires-Éditeurs.

Raczynski, Athanasius (Ed.) (1847). Paris: Jules Renouard et Cie, Libraires-Éditeurs.

Rego, Conceição (1990, 18 de Setembro). Templo de Diana esteve rodeado de água*,* p. 49.

Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de Novembro C.F.R. (2014).

Reis, Jayme Batalha (1879, 1 de Setembro). José Cinatti II, III, IV, V. *O Occidente, II,* 130-131.

Reis, Maria Pilar (2010). Tanques, fontes e espelhos de agua nos *fora* lusitanos. In Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (p. 285-314). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Reis, Maria Pilar (2015). *De Lusitaniae urbium balneis: estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia.* (Tese de Doutoramento). Coimbra: Universidade de Coimbra.

Reis, Maria Pilar; Carvalho, Mariana Martins de (2014). Las termas públicas de Ebora: monumentalidad mimetizada. In José María Álvarez Martínez; Trinidad Nogales Basarrate; Isabel Rodà i Llanza (Ed.), *XVIII Congresso Internacional Arqueología Clásica: Centro y periferia en el mundo clásico* (Vol. I). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Relatório das Obras do Concelho (1863, 20 de Junho de 1863). Correspondência Expedita, (7). Évora: Arquivo Municipal de Évora.

Resende, Andre (1553). *Historia da Antigvidade da Ciidade Evora*. Évora: Andree de Burgos (impreffor do Cardeal Infante).

Resende, André (2009). *Obras Portuguesas. Prefácio e notas Prof. Jóse Pereira Tavares*. Lisboa: Sá da Costa Editora.

Resende, André; Fernandes, Raul Miguel Rosado (1996). *As Antiguidades da Lusitânia* (Raul Miguel Rosado Fernandes, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Resende, André; Fernandes, Raul Miguel Rosado (2009). *As Antiguidades da Lusitânia* (Raul Miguel Rosado Fernandes, Trad. Vol. III). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ribeiro, Jorge Manuel Pinto (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta - Uma análise das técnicas edilícias.* (Tese de Doutoramento). Braga: Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais.

Riegl, Aloïs (1987 [1903]). *El culto moderno de los monumentos: caracteres y origen* (Ana Pérez López, Trad.). Madrid: Visor.

Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha (1842, 21 de Janeiro de 1842). *Carta.* (165 (a), Arm VIII, n.º 6). Lisboa: Biblioteda Pública de Évora.

Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha (1845, 13 de Outubro de 1845). *O Templo de Diana e o Aqueduto de Sertório em Évora.* (n.º 30, n.º 2, ARM III E IV). Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha (1850-1871). *Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca publica eborense*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha (1870a). *Coleção de treslados de documentos do Arquivo Municipal Eborense (1486 a 1500).* (PT/ADEVR/AL/AHMEVR/0158, Cx. 75, liv. 155, 3). Évora: Arquivo Distrital de Évora.

Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha (1870b). *Coleção de treslados de documentos do Arquivo Municipal Eborense (1601 a 1634).* (PT/ADEVR/AL/AHMEVR/0162, Cx. 77, liv. 159, 7). Évora: Arquivo Distrital de Évora.

Rocha, Charles (2011). *Centro cívico de Tongobriga. Contributos para a sua reconstituição conjectural.* (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Rocha, Charles; Tavares Dias, Lino; Alarcão, Pedro (2015). *Tongobriga - reflexões sobre o seu desenho*. Porto: Edições Afrontamento.

Rodrigues, Marcial (1992, 1 de Setembro 1992). Templo romano desafia futuro de Évora. *Público,* p. 46.

Rodrigues, Paulo Simões (2000). Giuseppe Cinatti e o restauro do Templo Romano de Évora. *A Cidade de Évora. Boletim de Cultura da Câmara Municipal, II Série,* 273-287.

Rodrigues, Paulo Simões; Matos, Ana Cardoso (2007, Abril 2007). Restaurar para renovar na Évora do século XIX. *Monumentos,* 134-143.

Rossi, Aldo (1977). *Para una Arquitectura de tendencia. Escritos: 1956-1972*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

. Ruinas de Portugal (1836, Junho 1836). *El Instructor: o Repertorio de Historia, Bellas Letras y Artes, Tomo III,* 169-172.

Salas Álvarez, Jesús (2007). El viaje Arqueológico a Andalucía y Portugal de Francisco Pérez Bayer. *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla,* 9-24.

Santos, Lina (2017, 23 de Setembro de 1017). Templo Romano em obras para acudir a situações críticas. *Diário de Notícias*. HTTPS://WWW.DN.PT/ARTES/INTERIOR/TEMPLO-ROMANO-EM-OBRAS-PARA-ACUDIR-A-SITUACOES-CRITICAS-8791478.HTML

Sarantopoulos, Panagiotis (1998). *O Templo e as Termas dois Edifícios Públicos de Évora Romana. Contributos para uma recuperação e valorização integrada.* (Tese de Mestrado). Évora: Universidade de Évora.

Sarantopoulos, Panagiotis; Correia, Miguel (2003). *Relatório de trabalhos de acompanhamento arqueológico. Praça do Sertório - Rua Vasco da Gama, Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

Sarantopoulos, Panagiotis; Hauschild, Theodor; Saias, H.; Bilou, Francisco (199?). Ebora Liberalitas Iulia. II Templo. In Câmara Municipal de Évora. Divisão Cultural e Desportiva (Ed.). Évora: Câmara Municipal de Évora.

Sarantopoulos, Panagiotis; Paulo, Luis Campos; Barradas, Elisabete (2000). *Relatório preliminar de escavação. Intervenção Arqueológica de emergência na travessa das Casas Pintadas (Évora)*. Évora: Arqueonova.

Sarrazola, Alexandre; Santos, Sandra (2001). *Relatório dos trabalhos arqueológicos. Registo arqueológico específico. Escavação arqueológica. Centro de Conferências Vasco Vilalva - Évora*. Cruz Quebrada-Dafunto: Era - Arqueologia, Lda.

Segarra Lagunes, María Margarita (2021). Arqueología urbana y memoria Histórica. In Lino Tavares Dias; Pedro Alarcão (Ed.), *Actas do Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia* (p. 33-45). Porto: FAUP Publicações.

Serra, Miguel; Moreira, Gonçalo (2010, Junho 2012). Resultados preliminares dos Trabalhos de Minimização do Abastecimento de Gás ao Museu de Évora. *Al-Madan online, II Série, Tomo I,* 181-183.

Sessão do dia 9 de maio de 1870 (1870, 9-8-1869 a 2-12-1872). Livro de Actas das Reuniões da Câmara Municipal de Évora (782-73). Évora: Arquivo Municipal de Évora.

Sessão do dia 17 de janeiro de 1870 (1870, 9-8-1869 a 2-12-1872). Livro de Actas das Reuniões da Câmara Municipal de Évora (782-73). Évora: Arquivo Municipal de Évora.

Sessão do dia 17 de junho de 1870 (1870, 9-8-1869 a 2-12-1872). Livro de Actas das Reuniões da Câmara Municipal de Évora (782-73). Évora: Arquivo Municipal de Évora.

Silva, António Carlos (1991a). O Templo Romano de Évora. *O Giraldo*, 12-14.

Silva, António Carlos (1991b). O Templo Romano de Évora. In Camara Municipal de Évora (Ed.). Évora: Diana. Litografia do Alentejo.

Silva, António Carlos (1994-1995). A "restauração" do Templo Romano de Évora. *A Cidade de Évora, II Série,* 63-71.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2007). *Relatório Intercalar dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora"*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2008a). *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora" - Vala Drenagem*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2008b). *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora" Acompanhamento*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2008c). *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora" Zona A*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2008d). *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora" Zona B/C*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2008e). *Relatório Intercalar dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora" Fevereiro a Maio de 2008*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2008f). *Relatório Intercalar dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora" Junho-Julho 2008*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2010). Evolução urbana na colina central de Évora. Contributo da intervenção arqueológica no Museu de Évora. *Apontamentos de Arqueologia e Património,* 75-82.

Simões, Augusto Filippe (1868). Ruínas Fingidas no passeio público de Évora. *Archivo Pittoresco, Tomo XI,* 281-282.

Simões, Augusto Filippe (1869). *Relatório á cerca da Renovação do Museu Cenaculo*. Évora: Typographia da Folha do Sul.

Simões, Augusto Filippe (1870). *Reliquias da Architectura Romano-Byantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*. Lisboa: Typographia Portugueza.

Simões, Augusto Filippe (1873). O Templo Romano de Évora. *Artes e Letras,* 155-158/187-190.

Simplício, Maria Domingas (1991). *O Espaço Urbano de Évora. Contributos para melhor conhecimento do sector intramuros* (Vol. n.º 3). Évora: Publicações "Universidade de Évora".

Simplício, Maria Domingas (1997). *Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora.* (Tese de Doutoramento). Évora: Universidade de Évora.

Sousa, Ivo Carneiro (1992). *André de Resende e a História da Antiguidade da cidade de Évora.* Porto: Universidade do Porto.

Sousa, Pedro Fialho de (1988). *Relatório Preliminar: Investigação no Templo Romano de Évora, 6 a 17 de Junho 1988*. Évora: Instituto Arqueológico Alemão, Serviço Regional de Arqueologia do Sul.

Sousa, Pedro Fialho de (1991). *Relatório Preliminar. Campanha de prospecção histórico-arqueológica no Templo Romanos de Évora - Agosto/Setembro 1991*. Lisboa.

Sousa, Pedro Fialho de (1993). *Relatório Preliminar. Campanha de prospecção e pesquisa arqueológica no Templo Romano de Évora - 1992*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.

Sousa, Pedro Fialho de (1998, Julho). O Templo romano de Évora - um projecto de arquitectura do séc. I a.D. *GEHA. Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo,* 71-78.

Sousa, Pedro Fialho de (1999, Março/Outubro). Análise Morfológica e Reconstituição do Templo Romano de Évora. *GEHA. Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo,* 149-162.

Sousa, Pedro Fialho de (2002). Projecto e estereotomia do templo romano de Évora. In Aníbal Costa (Ed.), *A intervenção no património: práticas de conservação e reabilitação* (p. 595-611). Porto: FEUP, DGEMN.

Sousa, Pedro Fialho de; Hauschild, Theodor (1996). *Relatório Preliminar. Escavações Arqueológicas dos tanques envolventes do Templo Romano de Évora - 1ª fase*. Lisboa: Associação para o Desenvolvimento da Conservação e Restauro/Instituto Arqueológico Alemão.

Tavares, Gonçalo M. (2012). *breves notas sobre ciência; breves notas sobre o medo; breves notas sobre as ligações (Llansol, Molder e Zambrano)*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Taylor, Rabun (2006). *Los constructores romanos. Un estudio sobre el proceso arquitectónico* (Rafael Fontes, Trad.). Madrid: Ediciones Akal, S. A.

Teichner, Felix (1991-92). Escavações no templo romano de Évora - Acerca da relevância cronológica de uma série de moedas. *NVMMVS, 2.ª S.,* 53-66.

Teixidor Cadenas, Carlos (2007). Laurent em Portugal. In Cármen Almeida (Ed.), *Évora Desaparecida. Fotografia e Património 1839-1919* (p. 33-48). Évora: Câmara Municipal de Évora/Centro de Investigação de Estudos de História (CIDHEUS).

Templo de "Diana" era dedicado a Júpiter? (1990, 8 de Setembro). *Jornal de O Dia.*

Templo de Évora está em estudo (1990, 8 de Setembro). *Correio da Manhã.*

. Templo Romano em Évora (1837, 8 de Abril). *O Archivo Popular. Semanario Pintoresco,* 9-10.

Terra Alentejana. Achado Arqueológico (1931, 4 de Junho 1931). *Democracia do Sul,* p. 4.

Ustárroz, Alberto (1997). *La Lección de las Ruínas: Presencia del pensamiento griego y romano en la arquitectura* (Vol. núm 1). Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos.

Val-Flores, Gustavo Silva (2005). *A Evolução Urbana do Centro Histórico de Évora* (Vol. I Ebora Liberalitas Iulia. Território e Cidade. Séc. I a.C-IV d.C). Évora: Câmara Municipal de Évora. Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura.

Vasconcellos, Diogo Mendes de (1785a). Livro V do Mvnicipio Eborense [1593]. In Bento Joze de Souza Farinha (Ed.), *Colleçam das Antigvidades de Evora* (p. 37-111). Lisboa: Officina de Filippe da Silva Azev-.

Vasconcellos, Diogo Mendes de (1785b). Vida do lecenciado Andre de Rezende [1593]. In Bento Joze de Souza Farinha (Ed.), *Colleçam das Antigvidades de Evora* (p. 11-36). Lisboa: Officina de Filippe da Silva Azev.

Vasconcelos, José Leite de (1920). Viagem de Pérez Bayer em Portugal em 1782. *O Archeologo Português, 24, Serie 1,* 108-176.

Vaz, Francisco António Lourenço (2009). *D. Manuel do Cenáculo: Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário*. Porto: Porto Editora.

Videira, João (1996). *Intervenção na área envolvente do Templo romano de Évora. Estudo prévio/1.ª fase*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

Viterbo, Sousa (Ed.) (1899) (Vol. I A-G). Lisboa: Imprensa Nacional.

Vitrúvio (2009). *Tratado de Arquitectura* (Justino Maciel, Trad.). Lisboa: IST Press.

Wiseman, T. P. (2006). Documentation, visualization, imagination: the case of Anna Perenna's cult site *Imaging Ancient Rome: documentation — visualization — imagination* (Vol. 61, p. 51-61). Portsmouth, Rhode Island: Journal of Roman Archaeology.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Pag. VII

Templo romano de Évora, desenho a caneta de aparo sobre papel, 21x30,5cm, 2016

© Original Mariana Carvalho

Pag. 226

Vista nascente da cidade romana de Ebora, desenho a caneta sobre vegetal, 4x27cm, 2022

© Original Mariana Carvalho

APÊNDICES

•

I A montagem dos fragmentos arquitectónicos

II Inventário dos relatórios de escavação

III Levantamentos arquitectónicos

IV Cronologia das escavações

APÊNDICE I

A montagem dos fragmentos arquitectónicos

"Escavações metódicas: Ossadas humanas na Inquisição no pátio e nos carceres; Ossadas na rua da parte dos Lóios; Capiteis etc, Estátuas; Arquitrave; Campa? e mais pedras; Pedra que duvido seja dos capiteis; Lâmpadas; Círios nos entulhos da frente; Ossos até ao pavimento da frente; G.de Altar; Medalhinha;"[1]

Joaquim Cunha Rivara elenca, nesta breve nota, todos os achados resultantes das '*escavações metódicas'* em redor do templo em meados do século XIX. Outros achados de época romana, desde capitéis, epigrafia, ânforas, fragmentos de estatuária, já haviam sido recolhidos por Frei Manuel do Cenáculo, no entanto, estes provinham de escavações dispersas realizadas em diferentes locais do território português da Lusitânia. Só muito mais tarde, já em 1990, nas escavações de Theodor Hauschild, a zona envolvente ao templo volta a ser escavada, mas dado que estas terras já tinham sido revolvidas, apenas foram encontrados alguns achados dispersos de época romana: um fragmento de capitel de pilastra, junto com vestígios de lajeado de mármore; uma parte de estátua e um fragmento de uma mão esquerda a segurar uma *pyxis*[2]. As escavações do Museu de Évora revelaram mais alguns achados, sobretudo fragmentos arquitectónicos, importantes para a inteligibilidade do programa decorativo da zona sul do fórum.

Neste estudo tratar-se-á os materiais que poderão estar relacionados com o conjunto monumental. Procede-se assim a uma análise dos fragmentos arquitectónicos de várias proveniências, que se encontram descontextualizados, estes pertencentes à colecção do Museu de Évora, da Câmara Municipal, da DRCAlentejo, que detém a tutela do Templo Romano, da Fundação Eugénio de Almeida, da Arquidiocese de Évora e de outras colecções particulares.

As informações sobre a origem dos achados são escassas, muito do material que se encontra exposto e depositado sobre o pódio do templo não se sabe a sua proveniência. Apesar da escassez da informação sobre os achados e a escassez dos próprios, este conjunto revela alguns indícios importantes para a construção do projecto arquitectónico do fórum.

"A pesar del carácter fragmentario y algo disperso de las obras de Ebora, la conjunción de los datos documentales de archivo, con los hallazgos arqueológicos y la comparación tipológica de las obras locales con grupos ya definidos permite elaborar algunas hipótesis sobre la monumentalización de este singular espacio público forense."[3]

A maioria dos fragmentos apresentados abarca a época de Augusto até ao início do período flávio. Trata-se, sobretudo, de fragmentos isolados desprovidos do seu contexto arquitectónico, o que retira das peças, dotadas de mais ou menos ornamento, o seu verdadeiro significado.

1 Joaquim Cunha Rivara (c.1845). *Escavações metódicas*, transcrição do manuscrito original por Panagiotis Sarantopoulos (1998, p. 125).

2 Theodor Hauschild, no artigo "*Algumas observações nas construções do foro de Ebora Liberalitas Iulia*" (Theodor Hauschild, 2010, p. 32), apresenta, na planta do recinto monumental, a localização dos achados de fragmentos de mármore com decoração, de época romana e visigótica.

3 Trinidad Nogales Basarrate e Luís Jorge Gonçalves (2004, p. 319).

Ainda que os achados, até hoje encontrados, não transmitam a complexidade deste conjunto monumental, este deveria ser bastante extenso, atendendo à técnica de execução dos capitéis do templo e à dimensão do fórum. O seu projecto e concepção não seria tão grandioso como o da capital provincial, pois, para além da importância e representatividade de *Augusta Emerita*, a sua obra pública seria, em grande parte, financiada pelo poder imperial. Em *Ebora* os custos das "empreitadas de arquitectura e escultura"[4] seriam provavelmente suportados pelo evergetismo dos cidadãos.

As questões de financiamento seriam determinantes na solução arquitectónica, no entanto, outros factores, como o gosto dominante da época, a mão-de-obra e os materiais disponíveis, seriam também factores importantes para o resultado; importa assim conhecer estas condições para perceber em que circunstâncias uma obra desta envergadura seria projectada e executada.

> *"Ciertamente que la ornamentación de los edificios públicos romanos depende en gran medida de los gustos de las épocas en que se realizan, pero no lo es menos que éstos vienen impuestos por los comitentes que las encargan, por las elites urbanas y sus preferencias en materia decorativa e, incluso, por la propia formación de los marmorarii y los materiales con que trabajan."*[5]

O desenvolvimento da exploração das pedreiras de mármore do *conventus pacensis*[6] permitia ter acesso a uma matéria-prima que respondia aos modelos do império. Com a intensificação da exploração do mármore na época de Cláudio[7], seguir-se-á uma grande transformação urbana fundada pela marmorização, que representa a ascensão e ambição de estatuto da cidade por parte dos seus cidadãos.

> *"À medida que uma civitas subia de estatuto no mapa administrativo do mundo romano, ascendendo à categoria de municipium ou enriquecendo os cidadãos a ponto de poderem exercer o seu evergetismo em prol da Respublica, o mármore torna-se num equivalente sensível do êxito alcançado, procurando-se então imitar os modelos da Vrbs, assim dela mais se aproximando."*[8]

Vários autores defendem que os artistas que trabalharam na monumentalização da cidade de *Ebora* eram oriundos da capital provincial. Seria provável que o arquitecto designado para as obras da província viesse da capital e a acompanhá-lo viriam certamente os *marmorarius*. Esta equipa trabalharia com as oficinas locais que, entretanto, se iam estabelecendo junto dos centros urbanos. Na fase de monumentalização das cidades seria necessário recorrer a mão-de-obra qualificada, mas decerto que, com o passar do tempo, estas oficinas locais se foram especializando e sendo capazes de responder tanto à encomenda privada, como pública. Mas as dúvidas continuam a prevalecer, tal como demonstra a autora María Luz Creus Luque:

4 Trinidad Nogales Basarrate e Luís Jorge Gonçalves (2005, p. 36).
5 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 18).
6 Sobre a data de início da exploração das pedreiras de mármore há várias opiniões, há autores que defendem que esta aconteceu já em época augustana, outros dizem que foi a seguir a Augusto, com Tibério.
"(…) a primeira fase de construções, da época de Augusto, caracteriza-se pela utilização do granito, dado que as pedreiras do Anticlinal de Estremoz não estavam a ser utilizadas, o que sucedeu a partir da época de Tibério-Cláudio." (Trinidad Nogales Basarrate, Luís Jorge Gonçalves, 2005, p. 61).
7 Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 40).
8 Justino Maciel (1998, p. 234).

"En cuanto al origen de su producción hay varias posibilidades: que las obras fueran elaboradas en estos talleres, que fueran obras de importación, que fueran artistas foráneos que realizaran sus obras 'in situ', que se desplazaran ellos para realizar las obras, esto daría lugar a talleres itinerantes que cambiarían de ubicación según la demanda local."[9]

Numa primeira fase, a arquitectura urbana da província utilizava os materiais disponíveis e mais acessíveis da região, tentando imitar os modelos da *Urbs*. Relativamente à utilização da pedra, na construção, o granito foi o material que iniciou a edificação das obras monumentais da *colonia Emerita Augusta*; um granito de grão grosso e de cor cinzento-ocre. No entanto, este material não tinha a ductilidade do mármore, os motivos iconográficos realizados seriam, assim, mais geométricos e esquemáticos[10]. A aplicação posterior de estuque, sobre a pedra, permitia uma maior liberdade de formas e melhor aderência à policromia, para além de proteger a superfície. *Ebora* tenta acompanhar o exemplo da capital provincial trazendo os artesãos experientes que trabalham o granito do *conventus*. Como exemplos deste início da arquitectura monumental, apresentam-se o friso dórico [ME1719][11] e o fragmento de capitel jónico [ME18345]. Estas peças revelam mestria no entalhe, apesar da dureza do material. Geralmente estes blocos constituirão matéria-prima para construções posteriores, como é o caso do referido capitel encontrado numa sepultura medieval e um fragmento de base de coluna [ME4121] descoberto sobre um canal islâmico. Outras peças, em granito, foram encontradas fora do contexto, em silos ou valas de entulhos durante as escavações do Museu de Évora (1996-1997 e 2007-2008), como aconteceu com os capitéis toscanos [ME18354 e ME4402], frequentemente confundidos como bases de coluna, e o tambor de coluna de grandes dimensões, cujo paradeiro se desconhece. Outros achados, em granito, encontram-se dispersos sobre o pódio do templo, entre os quais, uma secção de arquitrave possivelmente removida das paredes medievais do templo e dois tambores de coluna com caneluras.

Em *Ebora*, o mármore vai sendo introduzido na arquitectura monumental em meados do século I, no início ainda numa fase híbrida, como acontece no templo. Mais tarde, com a monumentalização da praça do fórum, o mármore é aplicado no revestimento dos pavimentos e muros, tal como acontece no muro das pilastras, onde inclusivamente são reaproveitados silhares de granito de épocas anteriores. São vários os vestígios de fragmentos arquitectónicos encontrados na cidade, no entanto, estes são na maioria de proveniência desconhecida e de contextos não romanos. Há também, como aconteceu nas peças de granito, o reaproveitamento dos materiais, como é o caso da cornija II [ME5054] utilizada como tampa de sepultura, cujo perfil, apesar do desgaste, é semelhante ao da cornija I [ME5055], encontrada num silo. Um achado bastante referenciado foi a 'base de estátua rectangular' [ME5052], descoberta nas escavações de Joaquim Cunha Rivara e, no início, confundida com um 'grande altar'. Foram encontrados alguns elementos arquitectónicos estruturais, como um fragmento de arquitrave [ME5051], de proveniência desconhecia, dois fragmentos de um lintel

9 María Luz Creus Luque (2002, p. 253).
10 María Luz Creus Luque (2002, p. 252).
11 Esta designação [ME1719] corresponde ao número de inventário atribuído pelo Museu de Évora.

epigrafado [ME1831], encontrados no Convento de São Francisco e Pátio de S. Miguel, e um pequeno fragmento de friso [ME4236], encontrado nas escavações no museu. Depositado sobre o pódio do templo encontra-se, também, uma peça que aparenta ser um entablamento de grandes dimensões, em mármore cinza. Relativamente aos elementos decorativos utilizados como materiais de revestimento, conhecem-se os seguintes exemplos: um fragmento de capitel de pilastra, encontrado no tanque, dois capiteis compósitos de pilastras [ME1710 e ME1705], em bom estado de conservação, mas de origem desconhecida, e três pequenos fragmentos de cornija [ME4350/1, ME4350/2 e CME], também de proveniência desconhecida.

Fragmento base coluna

Colecção: Museu de Évora [ME 4121]
Material: granito
Dimensões: altura 0,3 m; espessura 0,265 m; largura 0,5 m

Este fragmento foi encontrado durante as escavações no Museu de Évora, na sondagem 206(1997)[12] localizada na sala onde hoje estão expostas as esculturas romanas. Nesta vala foi encontrado um canal islâmico e quando se procedia à remoção do seu capeamento "foi recuperado um fragmento de uma base de coluna em granito de grandes dimensões" [13]. A peça foi recolhida da escavação e hoje integra a colecção do Museu, guardada em depósito [Imagem 1].

O vestígio aparenta ser um fragmento de uma base de coluna de grandes dimensões, é ainda visível uma parte do toro e o remate com filetes.

Identifica-se este exemplar entre os séculos I e II d. C., no entanto, esta datação é meramente indicativa, baseada na legenda da peça exposta do Museu, não existindo informação suficiente para atribuir uma data à sua execução.

A monumentalidade sugerida por este achado, que poderia ter cerca de 1m de diâmetro, poderá indicar que integraria a coluna de um grande edifício do complexo forense.

Bibliografia:
Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 12).

Ficha de Inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24237

12 Ana Gonçalves, Theodor Hauschild, Felix Teichner, Ana Luísa Santos e Cláudia Umbelino (1998a, p. 12).
13 Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 12).

Tambor I

[DESENHO XX.01]

Colecção: DRCAlentejo, templo romano
Material: granito
Dimensões: altura 0,92 m; diâmetro 0,95 m

Este vestígio, à semelhança do anterior, poderá ter sido recolhido durante a demolição das paredes medievais, em 1870. Alguns anos depois a Câmara Municipal autorizou a venda destes tambores para serem utilizados como peso de lagar e este foi um desses[14].

Este exemplar foi recentemente recolhido de uma herdade próxima, localizada no Monte do Falcão, na freguesia de Nossa Senhora de Machede [Imagem 2] e colocado sobre o pódio, juntamente com outros fragmentos[15].

Trata-se de um tambor de coluna com 12 caneluras, com os filetes bastante degradados; apresenta uma particularidade que são dois orifícios ovalados, com 17cm de comprimento por 8cm de altura, no topo inferior. Estes orifícios indicam que este tambor fora utilizado como peso de lagar.

Este tambor de granito, seria estucado e pertenceria a um fuste de uma das colunas do templo.

Bibliografia: inédito

14 Agradece-se ao Professor Jorge de Oliveira a partilha destas informações.
15 A recolha e transporte deste fragmento foi da responsabilidade do arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos.

Tambor II

[DESENHO XX.02]

Colecção: DRCAlentejo, templo romano[16]
Material: granito
Dimensões: altura 1,05 m; diâmetro 0,81 m

Este fragmento terá sido provavelmente um dos achados encontrados durante a demolição das paredes medievais. António Francisco Barata refere que "*durante a demolição, sempre vigiada (…), appareceram vestígios de construcções romanas: fustes, fragmentos de capiteis e de inscripções*"[17].

Numa fotografia do templo, de início do século XX, ainda não é visível qualquer fuste depositado sobre o pódio [Imagem 3], no entanto, noutras fotografias de meados do mesmo século, reconhece-se um tambor alinhado com os outros achados, no centro do pódio [Imagem 4 e Imagem 5].

Trata-se de um tambor de um fuste com 12 caneluras, com os topos lisos, que pertenceria a uma das colunas do templo.

Bibliografia: inédito

16 Este fragmento encontra-se depositado sobre o pódio do templo, tutelado pela DRCAlentejo, juntamente com este estão outras peças que se identificam como tambor II, um fragmento de arquitrave, uma cornija e um possível entablamento. Para além destes estão também três blocos, em granito, de grandes dimensões, mas que não foi possível identificar. Nenhum destes fragmentos se encontra inventariado.

17 António Francisco Barata (1878, p. 199-200).

Tambor III

[DESENHO XX.03]

Colecção: Arquidiocese de Évora
Material: granito
Dimensões: altura visível 0,28 m, diâmetro do astrágalo 0,91 m

Este tambor encontra-se escondido na parte posterior do altar na Ermida de São Matias, na freguesia de N.ª S.ª de Guadalupe[19]. Não é possível ver a totalidade da peça, pois encontra-se enterrada e argamassada junto à parede.

Trata-se de um tambor de coluna do templo, datado do século I, neste caso o tambor de remate superior do fuste composto por um astrágalo com um perfil em toro, seguido de um listel e da apófige, em escapo directo, que faz a transição para o fuste canelado[20]; são também visíveis os arranques arredondados das profundas caneluras. Este não apresenta qualquer orifício no topo.

Verifica-se que os tambores de topo, existentes no templo, teriam geralmente uma altura mais reduzida em relação aos outros tambores do fuste.

Bibliografia: inédito

[19] A existência deste tambor foi-nos dada a conhecer pelo arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos, a quem se agradece toda a informação partilhada; agradece-se também ao Sr. Padre Manuel Ferreira, por toda a disponibilidade e por ter permitido a visita à ermida.

[20] Nomenclatura segundo René Ginouvès (1992, p. PL.49).

Tambor IV

Colecção: Fundação Eugénio de Almeida
Material: granito
Dimensões: ?

Este tambor esteve exposto no pátio de São Miguel [Imagem 6], mas durante as obras de reabilitação do Paço, por volta de 2011, foi retirado e depositado na Herdade do Pinheiro, propriedade da Fundação Eugénio de Almeida[18]. O tambor encontra-se bastante degradado, algumas das caneluras estão muito desgastadas. Trata-se de mais um tambor de coluna do templo, executado em granito, posteriormente estucado, do século I d.C.

Bibliografia: inédito

[18] Agradece-se ao Dr. Rui Carreteiro, da Fundação Eugénio de Almeida, a partilha desta informação.

Tambor sem caneluras

Colecção: particular (?)

Material: granito

Dimensões: altura 0,75 m; diâmetro 0,67 m[21]

Este fragmento foi encontrado durante as escavações arqueológicas no Museu de Évora, na sondagem 212(1997)[22], na sala, a sudoeste, onde hoje se encontram expostos os vestígios escultóricos e arquitectónicos romanos [Imagem 7]. Este fragmento foi removido da vala, pois todo este compartimento foi escavado, no entanto, desconhece-se a sua localização actual[23].

Trata-se de um tambor de uma coluna de granito, de grandes dimensões, sem caneluras, assim poderia ser um fuste liso ou então com as caneluras realizadas em estuque.

Segundo Ana Gonçalves, "Esta peça poderá estar relacionada com o capitel jónico identificado em 1996, na sondagem 50, localizando-se ambas as peças a uma distância semelhante em relação ao limite sul do Criptopórtico romano."[24]. Se eventualmente houvesse relação entre o capitel jónico [ME18345], este tambor seria também datado do século I e talvez pudesse integrar a basílica do fórum romano.

Bibliografia:

Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 11), Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 248).

21 Estas medidas baseiam-se no desenho n.º 3, 'Planta Geral. Implantação de estruturas de época romana', de Fátima Dias Pereira, publicado no Relatório de escavação: (Ana Gonçalves, Theodor Hauschild, Felix Teichner, Ana Luísa Santos, Cláudia Umbelino, 1998b), no entanto, não foi possível determinar com exatidão a dimensão do diâmetro.

22 Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 11).

23 No sentido de saber o paradeiro deste fragmento foram realizadas várias diligências junto dos técnicos que participaram nesta escavação, mas o facto de esta ter acontecido há mais de 20 anos não contribui para a sua notícia.

24 Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 11).

Capitel jónico

[DESENHO XX.04]

Colecção: Museu de Évora [ME 18345][25]
Material: granito
Dimensões: altura 0,28 m; largura 0,86 m; profundidade 0,45 m

Durante as escavações arqueológicas, na ala nascente do Museu, foram encontradas várias sepulturas provavelmente da Ordem dos Cavaleiros de Évora. Na sondagem 50(1996)[26] numa das paredes laterais das mesmas (sepultura M), foi encontrado um fragmento de um capitel de época romana [Imagem 8]. Este reaproveitamento de materiais em sepulturas foi uma prática frequente neste lugar; para além deste capitel foram encontrados tijolos triangulares de colunas[27]. Antes da inumação da vala este capitel foi removido para musealização e encontra-se exposto no Museu de Évora na sala dos fragmentos arquitectónicos e escultóricos de época romana.

Trata-se de um fragmento de metade de capitel que, apesar de se encontrar muito desgastado, conserva alguns elementos que o identificam como jónico. O fragmento já não conserva as volutas angulares, apresenta-se seccionado a eixo (pelas faces laterais) e na base; deste modo, não é possível perceber como seria o astrágalo e a sua ligação ao fuste e se, porventura, teria um colarinho junto à base, que ligaria ao sumoscapo da coluna. O facto de estar fracturado também não permite perceber se seria uma peça única ou executado em dois blocos.

Apesar da erosão do material, reconhece-se a qualidade técnica da peça. O ábaco, aparentemente de grandes dimensões, encontra-se muito destruído. Entre o abaco e o equino é visível um ligeiro rasgo que poderia eventualmente pertencer ao canal da voluta, no entanto, este não é suficientemente evidente para se perceber. O equino é a parte mais conservada do capitel, exibe uma faixa de ornatos de *kyma* jónico com cinco semi-óvulos "envoltos por largas molduras, as quais se separam dos óvulos por profunda canelura mas tocando-os na parte inferior"[28]. Segundo Lídia Fernandes, os óvulos estão separados por pontas de flecha apesar de já não serem visíveis os pequenos traços verticais das pontas, que distinguem as flechas das lancetas[29]; alguns sulcos, no lado direito, podem indiciar a existência de palmetas[30]. Nas partes laterais das volutas, os balaústres estão bastante destruídos, apenas a parte

25 Número de Inventário do Museu de Évora.
26 Ana Gonçalves, Theodor Hauschild, Felix Teichner, Ana Luísa Santos e Cláudia Umbelino (1996b, p. 11).
27 Ana Gonçalves, Theodor Hauschild e Felix Teichner (1997, p. 124).
28 Lídia Fernandes (1997a, p. 179).
29 "A diferença entre lancetas e pontas de flecha, por vezes difícil de observar, torna-se num elemento importante para uma atribuição cronológica. Para esta definição recorremos à explicitação de PENSABENE, o qual considera como pontas de flecha aquelas que apresentam um afastamento das duas pequenas hastes triangulares da ponta, consubstanciada tal separação por demarcação de ângulo em relação à haste vertical superior." (Lídia Fernandes, 1997b, p. 316).
30 Theodor Hauschild (1995-1997, p. 420).

central, o fuso (*balteus*), insinua a sua decoração com "quatro fiadas paralelas de pequenos botões relevados"[31].

Existe um exemplar que se poderia assemelhar, em calcário, exposto no Museu Arqueológico de Córdoba, datado do começo do século II d. C.[32], este em melhor estado de conservação, pois ainda conserva as volutas e o astrágalo [Imagem 9].

> *"En el equino se representan cinco ovas, posiblemente enteras y apuntadas, enmarcadas en finas molduras y separadas por saetas; las ovas de los extremos están prácticamente cubiertas por las semipalmetas, de cuatro lóbulos, que nascen de la espiral de la voluta; ésta, en forma de cinta redondeada, finaliza en un lóbulo circular. Canal de la voluta cóncavo y liso."*[33]

O capitel seria estucado, o estuque dar-lhe-ia o detalhe e a decoração que agora é impossível de identificar, mas que poderá imaginar-se, por exemplo, pelos capitéis jónicos encontrados nas escavações realizadas na frente cénica do teatro do Medellín, que ainda conservam os vestígios de argamassa [Imagem 10].

Relativamente à datação, Theodor Hauschild[34] e Lídia Fernandes[35] defendem que se trata de um exemplar da primeira metade do século I. Lídia Fernandes refere que, apesar da utilização de pontas de flecha[36] remeter para uma época posterior ao período augustano, existem outros indícios que contrariam essa datação. À semelhança do friso dórico [ME 1719], também este fragmento, pela escala, técnica e materiais utilizados, poderia integrar o programa arquitectónico do "início da urbanização da cidade, incluindo-o num primeiro momento de embelezamento e de construção, que atesta o novo domínio político"[37]. A ordem jónica foi a mais utilizada no início da romanização como afirmação "de um novo quadro político e social, justificativo de escolha da uma nova política arquitectónica e decorativa"[38].

O facto de ter sido reaproveitado em época posterior não infere uma possível localização no período romano, no entanto, pela sua considerável dimensão, este capitel pertenceria a uma estrutura de significativa monumentalidade, que faria parte de um dos edifícios do fórum[39]. Vários autores apontam que este elemento arquitectónico poderia estar integrado na basílica[40].

31 Lídia Fernandes (1997a, p. 181).
32 Ver: María Angeles Gutiérrez Behemerid (1988, p. 76, n.24), María Angeles Gutiérrez Behemerid (1992, p. 34, n.59).
33 María Angeles Gutiérrez Behemerid (1992, p. 34).
34 Theodor Hauschild (1995-1997, p. 424).
35 Lídia Fernandes (1997b, p. 334-335).
36 "No caso do capitel de Évora, a ponta de flecha somente se separa da haste vertical na sua parte inferior, quase ao mesmo nível das molduras que rodeiam, inferiormente, os óvulos. Pormenores semelhantes são-nos dados por alguns exemplares ostienses do sec. II." Lídia Fernandes (1997a, p. 181).
37 Lídia Fernandes (1997b, p. 334-335).
38 Lídia Fernandes (1997b, p. 331).
39 Ana Gonçalves *et al.* (1996b, p. 25).
40 Theodor Hauschild (1995-1997, p. 42) e Lídia Fernandes (1997c, p. 193-194).

Bibliografia

Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 354-355)

Ficha de inventário (Museu de Évora):

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=33995

Capitel toscano I

[DESENHO XX.05]

Colecção: Museu de Évora [ME 18354]
Material: granito
Dimensões: altura 0,55 m; diâmetro da base 0,47 m

Este capitel toscano de coluna[41] foi encontrado num depósito de entulhos nas escavações realizadas na ala Oeste da cave do Museu, em 2007[42] [Imagem 11].

O ábaco encontra-se bastante destruído, este é alto e liso. O desgaste da pedra atraiçoa a interpretação do perfil do equino, no entanto, pelo que é possível determinar, este é constituído por uma moldura em forma de toro, cujo perfil é tangente ao abaco, segue-se o hipotraquélio com uma moldura aparentemente em caveto, separada por um listel simples, que se une ao sumoscapo[43]. Em termos de dimensões a altura do ábaco e da primeira moldura são iguais. Esta peça foi talhada num bloco único em granito e seria estucada.

O local onde foi encontrado poderia sugerir que pertenceria a um pórtico, no entanto, como estava junto de material de entulhos, sem contexto arqueológico, este fragmento poderia ter vindo de qualquer outro lugar.

Bibliografia:
Inês Simão e Sandra Brazuna (2008, p. 16).

Ficha de Inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=34014

41 No Museu de Évora esta peça [ME 18354] e a seguinte [ME 4402], 'capitel toscano II', estão legendadas como bases de coluna, assim como no catálogo on-line, disponível na plataforma MatrixNet.

42 Inês Simão e Sandra Brazuna (2008, p. 16).

43 O capitel toscano, dada a sua grande variedade de formas, origina alguns problemas de análise, sobretudo a determinação dos limites das suas partes constituintes. A passagem do equino para o hipotraquélio é a que cria mais variações no desenho das peças. A interpretação apresentada apoia-se na tese de Lídia Fernandes (1997a), pois trata-se de análise mais atenta ao contexto lusitano, onde os capitéis toscanos apresentam um hipotraquélio, elemento de ligação entre o equino e o sumoscapo, muito desenvolvido.

Capitel toscano II

[DESENHO XX.06]

Colecção: Museu de Évora [ME 4402]
Material: granito
Dimensões: altura 0,68 m; diâmetro da base 0,53 m

Este capitel toscano é semelhante ao anterior [ME 18354], foi realizado no mesmo material, no entanto, apresenta algumas diferenças importantes; apesar de estar seccionado, encontra-se em melhor estado de conservação e tem um diâmetro ligeiramente menor. O desenho de perfil é mais claro do que o achado anterior, o ábaco seria quadrangular, o equino é constituído por um toro seguido do hipotraquélio com um perfil em caveto, separado por um listel simples, que une ao sumoscapo. O sumoscapo mede 33,5 cm, sensivelmente metade da altura do capitel.

Identifica-se estes exemplares entre os séculos I e II d. C., no entanto, esta datação é meramente indicativa, baseada na legenda da peça exposta do Museu, não existe informação suficiente para atribuir uma data à sua execução.

Como não se sabe qual é a sua proveniência, não é possível saber se eventualmente pertenceria ao espaço forense, no entanto, pela semelhança com o capitel anterior, poderia pensar-se que pertenceriam à mesma estrutura espacial.

Este perfil de capitel[44] é comum na arquitectura romana das províncias, tal como pode ver-se no conjunto de Ammaia apresentado por Lídia Fernandes, na Gália por Pierre Broise e nalguns exemplos na Hispânia referidos por M.ª Angeles Gutiérrez Behemerid[45]. Um abaco alto e liso, um equino em forma de toro mais ou menos acentuado com a mesma altura que o abaco, seguido de uma moldura que une ao hipotraquélio.

Bibliografia: inédito

Ficha de Inventário:
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24587

44 "En líneas generales, el tipo más sencillo de capitel toscano se caracteriza por un ábaco cuadrado y liso, a veces moldurado en su parte superior, apoyado sobre un equino con poco abombamiento, perfilado en arco de círculo, en el que ya han desaparecido los tres anillos típicos del dórico, pudiendo aparecer en su lugar uno o dos listeles de sección angular; a veces el equino se une directamente con el collar de la base." (María Angeles Gutiérrez Behemerid, 1992, p. 17).

45 Ver: Pierre Broise (1969), José Luis de la Barrera Antón (1984), María Angeles Gutiérrez Behemerid (1992).

Capitel toscano III

[DESENHO XX.07]

Colecção: Paço dos Melos de Carvalho
Material: granito
Dimensões: altura 0,30 m; diâmetro da base 0,45 m

Capitel encontrado nas escavações da Rua Vasco da Gama, decorrida entre Junho e Julho de 2002, este fazia parte de um entulhamento "feito à base de pedra solta e argamassa atirada sem propósito"[46], assim este achado estava fora do seu contexto original. Hoje aparece depositado no pátio do estabelecimento de restauração que funciona no piso térreo do Paço dos Melo de Carvalho [Imagem 12].

Este capitel encontra-se em bom estado de conservação; o ábaco mede 7,38 cm; o seu equino é composto por um perfil em forma de toro seguido de uma faixa directa, o hipotraquélio, que liga ao sumoscapo. À semelhança dos capitéis toscanos já mencionados [ME18354] e [ME4402], a altura do ábaco e do toro é sensivelmente igual. O sumoscapo, com 10 cm de altura, é ligeiramente mais baixo que os anteriores.

Relativamente à data de execução não há qualquer dado rigoroso, no entanto, pelo material utilizado e pela localização, talvez se possa datar do século I d. C.

Apesar de ter sido encontrado fora de contexto, pela proximidade, é possível que pertencesse à galeria porticada que acompanhava o *decumanos maximus* e que daria acesso ao fórum, à semelhança do *cardus maximus* de Ampúrias[47].

Bibliografia:
Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003, p. 7-8).

46 Panagiotis Sarantopoulos e Miguel Correia (2003, p. 7).
47 "Em época imperial, o capitel toscano continua a ter utilização, facto sobejamente documentado em território espanhol, como seja o caso do cardus maximus de Ampúrias ou, no mesmo local, do seu emprego em algumas casas." (Lídia Fernandes, 1997c, p. 174).

Capitel de pilastra compósito I

[DESENHO XX.08]

Colecção: Museu de Évora [ME 1710]
Material: mármore branco
Dimensões: altura 0,33 m; largura 0,27 m

É desconhecida a proveniência deste capitel de pilastra, no catálogo de António Francisco Barata apresenta-se com o n.º 117[48], juntamente com o capitel seguinte [ME 1705]. Lídia Fernandes levanta a hipótese destes capitéis serem provenientes de outra zona que não Évora, pois muitos elementos arquitectónicos pertencentes à colecção de Frei Manuel do Cenáculo são prevenientes de Beja, no entanto não há registos dessa informação.[49]

Trata-se de um capitel compósito de uma pilastra, em bom estado de conservação, cujo registo superior é constituído por ábaco e *kyma* jónico de um só óvulo[50]; o registo coríntio, da parte inferior, é formado por duas coroas de folhas: a *imma folia* é composta por duas meias folhas de acanto e a *summa folia* apresenta a eixo uma folha de acanto ladeada por duas palmetas. A separar os registos um astrágalo decorado com pérolas e discos.

As volutas laterais são angulares relativamente ao equino, como acontece num capitel compósito. No abaco, apesar do desgaste, reconhece-se uma decoração "composta por pequenas linguetas, paralelas entre si"[51]. A flor central do abaco "assemelha-se a uma margarida, a qual se caracteriza por possuir três pequenas pétalas, separadas por sulcos, e com um pequeno botão central ligeiramente relevado"[52]. Neste exemplar constata-se um uso excessivo do trépano para executar sulcos profundos que acentuam o efeito claro-escuro, de luz e de sombra, nos dois registos. [53]

48 "N.º 117 Dois capiteis, ou faces d'elles, (…) Lavrados em mármore, ignora-se sua procedência" (António Francisco Barata, 1903, p. 53).

49 Lídia Fernandes (1997b, p. 478).

50 "Como já tivemos ocasião de observar quando tratámos do capitel jónico, a decoração do *kyma* somente com um óvulo ocorre muito menos frequentemente do que os exemplares que possuem três como decoração mais vulgar, apontando para cronologias tão diversas quanto o sec. I a.C. e o sec. III. Tal facto, quanto ao capitel de Évora, é tanto mais curioso quanto se toma evidente que não foi por falta de espaço que não se incluíram mais óvulos na composição. Na realidade, o restante espaço, compreendido entre as pontas de flecha e as volutas angulares, é decorado por dois sulcos curvos, realizados a trépano. Não conhecemos paralelos para esta característica decorativa, no entanto, e devido essencialmente a esse facto, poderemos colocar a hipótese de esses sulcos corresponderem simplesmente a uma estilização das semi-palmetas, motivo que, tão frequentemente, aparece na decoração dos capitéis jónicos. Sendo assim, é relativamente normal a existência de semi-palmetas, com uma disposição quase horizontal, como aqui seria o caso, embora descrevendo uma breve curvatura." (Lídia Fernandes, 1997a, p. 474).

51 Lídia Fernandes (1997a, p. 475).

52 Lídia Fernandes (1997a, p. 475).

53 "Mais do que uma alternância de volumes, a qual não é muito procurada, já que os diversos motivos decorativos se apresentam bastante planificados, é o entalhe enérgico com o recurso constante ao trépano, quer corrido - como nas nervuras das folhas e na separação dos lóbulos nas palmetas angulares, assim como nas molduras do registo jónico -, quer pontual - lóbulos foliáceos, enrolamentos das volutas e flor do ábaco - que se transforma na imagem mais procurada, só possível a partir de época Flávia, altura desde a qual se abandona a cuidada delineação dos elementos e o aspecto plástico de conjunto tão típico de épocas anteriores." (Lídia Fernandes, 1997a, p. 476).

Este capitel foi datado por Lídia Fernandes entre a segunda metade do século II e os primeiros decénios do século III[54], pela técnica e por semelhança com outros exemplares existentes em *Augusta Emerita*. Como é o caso do que foi encontrado nos arredores de Mérida, no sentido de Alange, este também em mármore e com 0,35cm de altura, identificado da segunda metade do século II d. C. [Imagem 13]; apresenta duas coroas com motivos vegetalistas distintos, na *imma folia* folhas de acanto e na *summa folia* palmetas. Tal como no exemplo de Évora, também se reconhece o uso do trépano.[55]

Bibliografia:

António Francisco Barata (1903, p. 53), Lídia Fernandes (1997b, p. 477-478), Lídia Fernandes (1997a, p. 470-476), Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 39, 43), Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 63).

Ficha de inventário (Museu de Évora):

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=13458

54 Lídia Fernandes (1997a, p. 476).
55 José Luis de la Barrera Antón (1984, p. 64, n.º 106).

Capitel de pilastra compósito II

[DESENHO XX.09]

Colecção: Museu de Évora [ME 1705]
Material: mármore branco
Dimensões: altura 0,33 m; largura 0,27 m

Relativamente à proveniência, à composição e à cronologia este capitel é semelhante ao anterior, no entanto, revela-se em melhor estado de conservação.

Tecnicamente diferencia-se ligeiramente do outro exemplar, tanto no registo jónico como coríntio, pois os sulcos realizados com o trépano não são tão profundos[56]. Outra das diferenças apontadas por Lídia Fernandes é a forma do canal da voluta que, neste exemplo, apresenta um desenho mais bem conseguido[57].

Estes capitéis [ME 1710] e [ME1705] foram talhados sobre uma placa de mármore de fina espessura, assim seriam utilizados como material de revestimento para ser aplicado numa pilastra; pelas suas características similares poderiam corresponder a uma série e pertencer ao mesmo espaço, estrutura arquitectónica, no entanto, não existem quaisquer dados onde poderiam estar integrados[58].

Bibliografia:

António Francisco Barata (1903, p. 53), Lídia Fernandes (1997b, p. 477-478), Lídia Fernandes (1997a, p. 477-480), Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 39, 43), Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 63).

Ficha de inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=13459

56 "No exemplar que ora tratamos as nervuras das três folhas coríntias são muito mais contidas em termos de relevo, apresentando somente um breve sulco a meio e duas nervuras laterais. Na parte superior, também dois pontos de trépano, profundos e bem marcados, estabelecem o limite das nervuras, local onde as folhas começam a formar o encurvamento. (…) Quanto ao registo jónico, o trépano é muito mais contido em toda a composição. A moldura decorada por pérolas e astrágalos apresenta-os com dimensões mais reduzidas, facto que permite a inclusão de mais dois astrágalos laterais, permanecendo o central axializado" (Lídia Fernandes, 1997a, p. 479-480).

57 "A diferença fundamental, nesta parte da peça, é aquela que podemos observar em relação ao canal da voluta. Este canal aparece-nos realizado de forma mais bem conseguida do que no exemplar anterior, uma vez que este é decorado por dois ligeiros sulcos, paralelos, que descrevem uma suave contracurva, a qual termina junto às pontas de flecha, atingindo nesse ponto praticamente a mesma altura que estas. Ainda que neste exemplar seja bem mais visível este motivo, não abandonamos, apesar disso, a hipótese levantada anteriormente de se tratar de uma esquematização das semi-palmetas laterais." (Lídia Fernandes, 1997a, p. 480).

58 Lídia Fernandes (1997c, p. 31).

Fragmento da arquitrave I

[DESENHO XX.10]

Colecção: DRCAlentejo, templo romano
Material: granito
Dimensões: altura 0,60 m; largura 0,69 m; comprimento 1,10 m

Pelas fotografias do início no século XX, este fragmento encontrava-se já depositado ordenadamente sobre o centro pódio [Imagem 5]. Relativamente à proveniência talvez tenha sido recolhido durante a demolição, em 1870, das paredes medievais que se elevavam sobre o intercolúnio e o pódio. Nestas paredes foram certamente encontrados materiais romanos reaproveitados como silhares de construção.

Trata-se de uma secção, de menos de metade, de um lintel da arquitrave do templo em granito, datado do século I d. C. Não é possível determinar o comprimento da peça; assim não se sabe se esta pertenceria à fachada principal ou às laterais. Neste fragmento é claramente visível a almofada de assentamento sobre o abaco do capitel, este ressalto de cerca de 3cm permite concentrar as cargas no centro da coluna. À semelhança dos que podem ser observados *in loco*, também este apresenta vestígios de incisões no sofito, que seriam cobertas por uma camada de estuque.

Bibliografia:
Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 354).

Fragmento de arquitrave II

[DESENHO XX.11]

Colecção: Museu de Évora [ME 5051]
Material: mármore
Dimensões: altura 0,42 m; profundidade 0,52 m; comprimento 1,65 m

No catálogo de António Francisco Barata há uma descrição que parece adequar-se a esta arquitrave: "N.237: Fragmento de mármore bem lavrado, com formosas almofadas, que bem poderia ter sido da architrave do templo romano (…) ou de outro antigo edifício da Evora romana."[59] Mas antes desta descrição já Joaquim Cunha Rivara mencionava uma arquitrave na lista dos achados das 'escavações metódicas', em redor do Templo, assim poderia eventualmente corresponder a esta. O bloco é visível a partir das fotografias de meados do século XX, depositado sobre o pódio do templo.

Trata-se de uma secção de um lintel de arquitrave esculpido em mármore que pousaria sobre uma colunada. Na orla do sofito, apresenta um orifício central para um espigão, provavelmente de metal, onde fixaria ao capitel. Na extremidade do topo é visível o entalhe para a colocação do espigo de união dos lintéis, neste caso seria em dupla cauda de andorinha [Imagem 14].

O ornamento deste lintel encontra-se em bom estado de conservação e revela grande destreza técnica. O alçado apresenta dois astrágalos que formam três *fasciei* escalonadas, a cimalha está bastante degradada, pelo que não é possível perceber que decoração teria. Relativamente ao sofito, este apresenta uma decoração longitudinal em relevo de folhas imbricadas enquadrada por uma moldura lésbia de esquema contínuo[60] [Imagem 15].

Trata-se de um bloco monolítico, um elemento estrutural em mármore, tal como as bases e os capitéis do templo. O uso do mármore em lintéis desta envergadura revela o conhecimento dos *marmorarius* e anuncia a complexidade deste conjunto monumental.

No catálogo de escultura romana do Museu de Évora[61], esta peça está identificada como sendo do século I d.C., no entanto essa data não está justificada. É provável que seja de um período posterior ao templo, já que as arquitraves deste são ainda realizadas em granito estucado. Talvez seja do período Tibério-Cláudio, ou posterior, dado que nesta altura a extração do mármore estaria em plena actividade.

Infelizmente não se sabe a proveniência deste lintel, assim, a sua localização original será muito difícil de atribuir, no entanto, é provável que pertencesse a um edifício ou pórtico monumental do fórum.

59 António Francisco Barata (1903, p. 88).
60 Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 61).
61 Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 61).

Bibliografia:

António Francisco Barata (1903, p. 88); Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 39, 43); Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 61); Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 353);

Ficha de inventário (Museu de Évora):

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=18117

Fragmentos de lintel epigrafado

[DESENHO XX.12]

Colecção: (A) Museu de Évora [ME 1831], (B) Fundação Eugénio de Almeida
Material: mármore branco
Dimensões: (A) altura 0,147 m; profundidade 0,19 m; comprimento 0,62 m; (B) altura 0,145 m; profundidade 0,39 m; comprimento 0,935 m

Este lintel epigrafado é composto por dois fragmentos denominados por (A) e (B). A peça (A), segundo António Francisco Barata, "apareceu na demolição do Convento de S. Francisco, de Évora, onde, já mutilada, fizera parte do material de construção"[62], estando desde então integrada na colecção do Museu. O lintel (B) pertence à Fundação Eugénio de Almeida e foi cedido temporariamente ao Museu, em 2009. Os dois fragmentos encontram-se agora expostos na sala das esculturas e fragmentos arquitectónicos romanos.

Estes lintéis apresentam uma cimalha simples ligeiramente côncava, que tem uma projecção de 4cm e coroa a superfície epigrafada, esta com caracteres de 5,7cm de altura, "bem gravados, em capital quadrada"[63]. A análise paleográfica permite datar o achado do século I d. C.

Os lintéis foram realizados em mármore branco. O fragmento (A) está mais degradado e o (B) tem uma fractura e a cimalha partida no último terço.

Relativamente às inscrições, no fragmento (A) foi transcrito pela primeira vez por José Leite de Vasconcelos[64]. Mais tarde José da Encarnação publica o fragmento (B) e interpreta as duas inscrições: L(ucius). IVLIVS . PHILOMVSVS . L(ucius) . IVLIVS . FRO[NTO?] que, segundo a tradução do autor, seria: "*Lúcio Júlio Filomuso, Lúcio Júlio Frontão* (?)…". O texto continuaria para a direita, assim não se sabe "quantos mais nomes haveria, se é que os havia?"[65]. Relativamente à sua genealogia, José da Encarnação realiza algumas considerações sobre as prováveis origens dos personagens[66]. O que esta inscrição documenta[67] é a doação destes cidadãos à comunidade para a construção de um edifício público. Este lintel estaria, deste modo, colocado num edifício (ou pórtico) realizado a expensas de *Filomoso*, *Frontão*, e talvez de outros.

62 António Francisco Barata (1903, p. 46).
63 José d' Encarnação (1977-78, p. 77).
64 José Leite de Vasconcelos (1898, p. 122).
65 José d' Encarnação (1977-78, p. 77).
66 "Estes dois personagens, ambos com o mesmo prenome e gentilício, serão provavelmente libertos, de forma que a inscrição documentará, decerto, a dádiva que eles fizeram à comunidade, construindo a expensas suas o edifício (ou parte) em que esta pedra se colocara. A possibilidade de serem membros dalgum colégio — *serviri*, por exemplo — não e despicienda. *Philomusus* é, de facto, um cognome de origem grega que bem quadraria a um liberto; *Fronto*, ao invés, se a nossa interpretação for correcta, é latino." (José d' Encarnação, 1984, p. 460).
67 "O monumento (…) interessa, pois, sobremaneira, já pela onomástica já pela possibilidade de ter pertencido a um importante edifício da Évora romana, com o aliciante de se tratar de membros duma *gens* Iulia." (José d' Encarnação, 1984, p. 460).

Bibliografia:

António Francisco Barata (1903, p. 46), José d' Encarnação (1977-78, p. 75-77), José d' Encarnação (1984, p. 460, 770).

Ficha de Inventário (Museu de Évora):

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=13293

Fragmento de friso dórico com *Paterae* e Bucrânios

[DESENHO XX.13]

Colecção: Museu de Évora [ME 1719]
Material: granito estucado e policromado
Dimensões: altura 0,54 m; espessura 0,09-0,13 m; comprimento total 6,5 m

Este friso foi mencionado por Perez Bayer, no século XVIII, ao descrever a antiga fonte de fábrica filipina[68], que outrora se encontrava na Praça do Giraldo. Mais tarde, Gabriel Pereira localiza o friso "na parede da Camara que olha à praça"[69], no embasamento do corpo que suportava a varanda sobre a praça, tal como é possível reconhecer numa fotografia do século XIX da Praça do Giraldo [Imagem 16]. Este corpo avançado, que desenhava também a galeria da fachada lateral, na antiga Rua do Paço, actual Rua da República, foi completamente demolido em 1896[70] e o friso removido. Talvez nessa altura tenha sido integrado na colecção do Museu. Em 1903 é descrito, com os "cinco bucrânios e quatro rosáceas" no "*Catálogo do Museu Archeologico*", de António Francisco Barata, com o n.º 224[71]. Quando, em 1913, este é mencionado por J. L. Vasconcelos, estranhamente só são referidas "três peças esculturadas"[72]. Luís Jorge Rodrigues Gonçalves refere que "mais elementos do friso" foram encontrados, em 1944, na cave do Museu "durante os trabalhos de remodelação das salas de Arqueologia Clássica"[73]. Seriam estes os tríglifos ou as peças que foram trazidas dos Paços do Concelho e não estavam expostas?

Este vestígio, tal como está exposto no Museu, constitui parte de um friso dórico, composto por nove métopas e sete tríglifos. As métopas, separadas pelos tríglifos[74], alternam entre dois motivos: bucrânios e pateras.

Apesar do desgaste dos relevos, os cinco bucrânios foram esculpidos com grande detalhe, estes aparecem adornados com *vitae*; as quatro pateras, cuidadosamente gravadas, têm um botão central rodeado por pétalas, e são emolduradas por um anel saliente; cada um dos sete tríglifos apresenta

68 'Todas estas inscripciones están en la plaza Mayor de Évora colocadas en una fuente en tiempo del Señor Felipe Tercero Rey de España e Portugal, sobre un friso antiguo en que hay bucranios y platos de relieve en la forma que solía usarse en la arquitectura de los romanos, y no sería fuera de razón pensar que hubiese este friso sido del antiguo Templo de Diana…' Friso referido por Francisco Perez Bayer (1782).

69 "Na parede da Camara que olha á praça, num todo architectonico, estão agrupadas algumas inscripções sobre uma base granítica, que é seguramente um fragmento de arquitrave, com seus triglifus, florões circulares bem lavrados, moldurando caveiras de touro." (Gabriel Pereira, 1878, p. 110).

70 Existe uma fotografia que documenta esta demolição, no entanto o friso quase não é visível, pois o material de estaleiro foi depositado diante deste.

71 "Cinco bucranios e quatro rosaceas de granito, que talvez fossem do templo romano. Faziam parte do revestimento externo da varanda dos antigos paços do concelho, na Praça de Geraldo, de Evora, que era sobrepujado das inscrições romanas e arabes" (António Francisco Barata, 1903, p. 84).

72 "Talvez ao friso do templo pertencessem (como com razão o Sr. G. Pereira suspeita) três pedras esculturadas que outrora estavam numa parede da cadeia, na Praça de Giraldo, e hoje se guardam no Museu eborense. Ellas ajustam-se entre si (…)" José Leite de Vasconcelos (1913, p. 462).

73 Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 445).

74 O oitavo tríglifo do friso é uma reconstituição recente para completar a composição exposta.

duas estrias verticais. Uma parte da superfície ainda conserva ligeiros vestígios do estuque de acabamento que revestiria o friso, esta camada de argamassa seria posteriormente policromada[75].

Cada peça do friso foi executada em granito da região o que pressupõe que a peça tenha sido talhada no local da obra, provavelmente por artistas oriundos das oficinas *Augusta Emerita*[76].

O facto de ser um elemento realizado em granito poderá ser indício de que se trata de uma "peça mais antiga". Relativamente à época da sua execução, a autora Lídia Fernandes aponta para a época augustana, pelo material, mas também pelo motivo representado,

> *"integrando-se numa tipologia relativamente habitual de frisos que decorariam espaços funerários e cuja principal ocorrência se verifica desde o sec. I a.C até ao final da época augustana. Este elemento arquitectónico poderá relacionar-se com um edifício ainda da primeira fase de urbanização daquela cidade que poderíamos situar em época de Augusto altura em que a mesma é regularizada, estruturada e hierarquizada, social e urbanisticamente, com o objectivo de fazer face à sua nova titulatura jurídica."*[77]

Tal como fará Luís Jorge Rodrigues Gonçalves, que argumenta que corresponderia então ao primeiro período de construção da capital da Lusitânia[78]. Assim a utilização do granito da região aconteceu nas cidades da Província numa primeira fase de monumentalização, durante o período de Augusto. Deste modo,

> *"Podemos ter tido um primeiro espaço forense construído pelos pioneiros da nova cidade, ainda na época de Augusto, onde o granito foi utilizado e posteriormente iniciou-se o seu engrandecimento, com a marmorização, quando os recursos financeiros da segunda ou terceira geração de pioneiros o permitiram e a que podem corresponder parte dos elementos da decoração arquitectónica assinalada."*[79]

O programa iconográfico romano respondia à ideologia emergente[80], no caso deste friso dórico está patente a "ideologia da *Abundancia*"[81] através da representação do bucrânio "como símbolo animal da força, da natureza e da abundância". Este tema estava frequentemente associado a "monumentos de carácter ritual"[82]. Os relevos de bucrânios com grinaldas de flores e frutos eram bastante comuns nos programas decorativos augustanos, seguindo o modelo do *Aris Pacis* de Roma.

> *"Esculturas de páteras e de bucrânios são vulgares em frisos de templos e em aras, como emblemas sacrificiais; apparecem tambem em sarcófagos e sepulcros (e não só bucranios, mas outras cabeças de animaes)."*[83]

Jorge de Alarcão menciona este friso da ordem dórica como "pertencente a um templo cuja localização na cidade se ignora"[84]. Este relevo arquitectónico funcionava como um revestimento

75 Trinidad Nogales Basarrate e Luís Jorge Gonçalves (2004, p. 316).
76 Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 445-446).
77 Lídia Fernandes (1997b, p. 198).
78 Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 544).
79 Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 40).
80 Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 40).
81 Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 544).
82 Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 445-446).
83 José Leite de Vasconcelos (1913, p. 462).
84 Jorge de Alarcão (1988, p. 160).

decorativo, não tinha função estrutural; estas peças têm o tardoz em tosco assim funcionariam como material de revestimento e pertenceriam provavelmente a um entablamento, aplicadas sobre uma arquitrave, de uma fachada ou de um pórtico. Pela sua dimensão e simbolismo, este friso deveria pertencer a um monumento, de carácter cultual, que poderia então ter integrado o espaço forense de *Ebora* em época augústea[85]. Deste modo, não pertenceria ao templo romano que hoje se encontra na praça, pois para além de ser de ordem coríntica a sua construção é posterior a Augusto. Poderia eventualmente ser de um templo de uma fase anterior, mas do qual não existe qualquer vestígio.

> *"El friso dórico (…) podría ser de los edificios del área forense, dentro de la ya mencionada tradición arquitectónica en granito de la primera etapa decorativa que conforma la producción de estos núcleos, seguramente controlado por las mismas maestranzas que trabajan en la colonia Augusta Emerita, y de cuya arquitectura en granito estucado quedan importantes elementos que se ubican en el foro colonial y en el teatro principalmente"*[86].

Bibliografia:

António Francisco Barata (1903, p. 84), Francisco Perez Bayer (1782), Gabriel Pereira (1878, p. 110), James Murphy (1795, p. 309), Jorge de Alarcão (1988, p. 160), José Leite de Vasconcelos (1913, p. 462-463), Lídia Fernandes (1997b, p. 198), Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 444-446), Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 40), Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 39, 43), Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 60), Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 78-79), Trinidad Nogales Basarrate e Luís Jorge Gonçalves (2004, p. 316).

Ficha de Inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=13260

85 Luís Jorge Gonçalves (2007, p. 445-446).
86 Trinidad Nogales Basarrate e Luís Jorge Gonçalves (2004, p. 316).

Fragmento de friso (?)

Colecção: Museu de Évora [ME 4236]
Material: mármore
Dimensões: altura 0,38 m; largura 0,35 m

Este fragmento arquitectónico foi encontrado num poço ou silo, localizado na sondagem 220(1997)[87], onde também foi encontrado o fragmento de uma cornija [ME 5055]. De momento encontra-se provisoriamente depositado no Mosteiro da Cartuxa [Imagem 17].

O troço, em mármore, foi identificado como 'arquitrave'[88], no entanto, apresenta ainda vestígios da "decoração em relevo formando enrolamentos"[89] e o arranque da cimalha com ornatos. Deste modo, dado os motivos decorativos, o fragmento poderia talvez integrar um friso de um entablamento.

Este troço [ME 4236] e as cornijas [ME 5055 e ME5054] poderiam assim pertencer ao mesmo entablamento que, por sua vez, talvez pertencessem a um pórtico.

Bibliografia:
Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 7).

Ficha de Inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24437

87 Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 7).
88 No inventário do Museu este fragmento está identificado como arquitrave, disponível em http://www.matriznet.dgpc.pt,
89 http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24437&EntSep=3#gotoPosition

Cornija (?)

[DESENHO XX.14]

Colecção: DRCAlentejo, templo romano
Material: granito
Dimensões: altura 0,30 m; largura 0,45 m; profundidade 0,86 m

Este fragmento depositado sobre o pódio aparenta ser uma cornija. Não se sabe a sua proveniência, pode ter sido retirado durante o restauro do templo, mas não há qualquer informação nesse sentido. Se eventualmente pertencesse ao templo poderia fazer parte da cornija da arquitrave, pois, apesar de ter um perfil semelhante à cornija do pódio, não tem as mesmas dimensões. Apesar do desgaste do perfil, é perceptível uma moldura dupla separada por um filete directo, a moldura inferior desenha um proeminente perfil em quarto de círculo convexo, a superior, de menor dimensão, poderá também ser em quarto de círculo, no entanto, encontra-se demasiado destruída para ser interpretada.

Bibliografia: inédito

Fragmento de cornija I

[DESENHO XX.15]

Colecção: Museu de Évora [ME 5055]
Material: mármore branco com veios cinzentos
Dimensões: altura 0,22 m; profundidade 0,30 m; comprimento 0,55 m

Na sondagem 220(1997)[90], localizada a norte do claustro do Museu, foram retirados de um silo ou poço dois fragmentos arquitectónicos: esta cornija e um friso [ME 4233]. Estes elementos foram integrados na colecção do Museu e a cornija encontra-se exposta[91].

Este fragmento de cornija apresenta-se bastante fracturado, assim, não é fácil perceber o tipo de ornamento [Imagem 18]. Esta anuncia-se com uma *sima*, bastante destruída, composta por uma sucessão de pérolas cilíndricas e ovaladas aparentemente sem discos entre elas; sob estas restaram dois modilhões, que Trinidad Nogales Basarrate e Luís Jorge Gonçalves afirmam serem de voluta, com folhas de água de nervura central, o modíolo é listado e o sofito é decorado com "rosetas tetrapétalas e sem botão central"[92]. A rematar os modilhões, um filete de óvulos com suas molduras e respectivas divisões em forma de dardos lanceolados e, em baixo, um perfil de dentículos.

Este exemplar de cornija enquadra-se no modelo bastante difundido durante o império "cuja utilização começou na primeira década do século I d.C. e continuou até ao baixo-império"[93]. Exemplos semelhantes encontram-se em *Augusta Emerita*, por exemplo, numa cornija de grandes dimensões, de época Cláudio-neroniana [Imagem 19]. Esta encontra-se em óptimo estado de conservação, assim é possível ver ao detalhe toda a ornamentação dos perfis, tal como descreve José Luís de la Barrera:

> *"Sima decorada con una fila de lengüetas; ménsulas sostenidas por hojas de agua con incisión media y por acantos compuestos de ocho lóbulos bilobulados. Casetones de escaso rehundido enmarcados por filetes lisos y que contienen en su interior florecillas pentapétalas con botón central; kyma jónico, dentículo y kyma lésbico de esquema contínuo."*[94]

Apesar do exemplar de *Ebora* apresentar dimensões e motivos semelhantes, este é um pouco mais simples na execução, as rosetas têm menos uma folha e a decoração dos modilhões mantém-se igual. Com base nestas afinidades plásticas poderá datar-se este fragmento da mesma época.

Este fragmento de cornija, se funcionasse como um lintel estrutural de um entablamento, seria certamente mais profundo. É provável que este tenha pertencido ao conjunto monumental de *Ebora*, e talvez integrasse o entablamento de um pórtico.

90 Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 7).
91 Esta cornija está exposta na sala dos fragmentos escultóricos e arquitectónicos romanos, do Museu de Évora, no entanto, não está exposta correctamente, pois os florões que se vêem em alçado estariam no plano horizontal.
92 Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 62).
93 Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 62).
94 José Luis de la Barrera Antón (2000, p. 72, n.º 209).

Bibliografia:

Ana Gonçalves *et al.* (1998a, p. 7); Luís Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos (2010, p. 39, 43); Luís Jorge Gonçalves e Trinidad Nogales Basarrate (2005, p. 62).

Ficha de Inventário (Museu de Évora):

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=18120

Fragmento de cornija II

[DESENHO XX.16]

Colecção: Museu de Évora [ME 5054]
Material: mármore branco com veios brancos
Dimensões: altura 0,30 m; profundidade 0,35 m; comprimento 0,76 m

Esta cornija foi encontrada nas escavações do Museu de Évora, na sondagem 51(1996)[95], num compartimento onde hoje é possível observar a necrópole medieval exumada. Este fragmento estava colocado sobre a sepultura C e servia de tampa [Imagem 20]. A cornija foi retirada e integrada na colecção do museu, estando exposta na sala dos fragmentos arquitectónicos e escultóricos romanos[96].

A superfície frontal do bloco está bastaste desgastada, quase como tivesse sofrido um corte, deste modo, torna-se difícil definir o seu perfil. Ainda assim, são perceptíveis as molduras das pérolas, dos óvulos, dos dentículos e também as rosetas tetrapétalas do sofito. É possível que estas cornijas [ME5054] e [ME5055] pertencessem ao mesmo entablamento, pois, apesar do estado desta, as dimensões dos modilhões são semelhantes.

A reutilização de materiais não permite saber a sua localização original, no entanto, é possível que esta tenha pertencido a um pórtico do fórum.

Bibliografia:
Ana Gonçalves *et al.* (1996b, p. 25).

Ficha de Inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=18119

95 Ana Gonçalves *et al.* (1996b, p. 25).
96 À semelhança da cornija anterior também esta se encontra exposta ao contrário no Museu de Évora.

Fragmentos de cornija III

[DESENHO XX.17]

Colecção: Museu de Évora [ME 4350/1] e [ME 4350/2]
Material: mármore
Dimensões: (A) altura 0,18 m; comprimento 0,285 m; profundidade 0,12 m; (B) altura 0,18 m; comprimento 0,43 m; profundidade 0,12 m

Ignora-se a proveniência destes fragmentos, nem se identificou a sua existência no catálogo de António Francisco Barata.

Trata-se se uma cornija de revestimento, para ser aplicada sobre muro de suporte; o cimácio está bastante destruído, apresenta uma decoração com óvulos e dardos lanceolados, sob esta um cimácio lésbico com motivos vegetais estilizados, dentículos, com um filete recuado, e uma moldura composta por linguetas paralelas entre si. Os dentículos do fragmento (B) são mais alongados que os do fragmento (A). Este detalhe poderá indicar que não estariam na mesma fiada de entablamento, mas, dada a escassa informação, será muito difícil atribuir uma localização destes vestígios.

Identifica-se este exemplar entre os séculos I-II d. C., no entanto, esta datação é meramente indicativa, baseada na legenda da peça exposta do Museu, não existe informação suficiente para atribuir uma data à sua execução.

Bibliografia: inédito

Ficha de inventário:
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24541
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24542

Fragmento cornija IV

[DESENHO XX.18]

Colecção: CME
Material: mármore
Dimensões: (não foi possível verificar)

Este fragmento de cornija encontra-se exposto numa vitrine da Câmara Municipal de Évora, na Divisão de Cultura e Património, desconhece-se a sua proveniência [Imagem 21]. O desenho decorativo é igual ao das cornijas expostas no Museu de Évora [ME 4350/1 e ME 4350/2]. Assim, talvez estes elementos pertencessem ao mesmo programa decorativo.

Bibliografia: inédito

Base de estátua

[DESENHO XX.19]

Colecção: Museu de Évora [ME 5052]
Material: mármore branco
Dimensões: altura 1,87 m; largura 0,94 m

Este bloco monolítico foi encontrado nas escavações, dirigidas por Joaquim Cunha Rivara, em redor do templo, em cerca de 1840. Numa fotografia do final do século XIX, de Emilio Biel, verifica-se que esta base já estaria colocada sobre o estilóbata do lado nascente do templo, assim provavelmente esta peça foi aí depositada depois do restauro do templo, iniciado em 1870 [Imagem 22]. Mais de um século depois, durante as escavações coordenadas por Theodor Hauschild, foi retirado do pódio, restaurado e levado para o Museu, onde se encontra exposto.

Este fragmento, muito destruído, corresponde, segundo as interpretações mais recentes, a um plinto de estátua rectangular com vestígios de inscrições, entre o soco e a cornija. A base do pedestal, completamente fracturada, anuncia, em dois topos, os perfis da moldura que rematariam o soco. No campo epigrafado a escassez das inscrições conservadas não permite perceber a quem seria a estátua dedicada. Os restos das molduras da cornija superior ainda são visíveis em três troços, estes continuariam pelas quatro faces do monólito. O cimácio está adornado com uma moldura aparentemente de folhas de acanto seguida dos dentículos e um bocel de óvulos com os elementos separadores entres si. Estranhamente, o bloco continua por cima da cornija. Se se tratasse de uma ara, poderia ser um capitel com frontão. Talvez por isso este fragmento tenha tido tantas interpretações.

É referido por Cunha Rivara, numa carta de 1945, como "troço principal do Altar do mesmo templo com resto de lavores e da inscripção"[97], também numa descrição sobre os achados das 'escavações metódicas' enumera, entre outros, o 'grande altar'[98]. Em 1871 Emilio Hübner, nas "*Noticias Archeologicas de Portugal*", descreve este fragmento como pedestal de uma estátua imperial[99]. Augusto Filipe Simões[100] refere esta obra, mas continua a denominá-lo como altar. António Francisco

97 Joaquim Cunha Rivara (1845), *Carta ao Governador Civil de 19 de Dezembro de 1845*, transcrição do manuscrito original por Panagiotis Sarantopoulos (1998, p. 128). Esta carta apela à necessidade de mais fundos para prosseguir as escavações, dá conta do andamento dos trabalhos e dos achados "vários pedaços de diversas estátuas, uma pequena medalha Romana, algumas lanternas ou candeias de uso doméstico, e ultimamente o troço principal do Altar do mesmo templo com resto de lavores e da inscripção etc." O autor ainda acrescenta em nota "Tudo isto se vai coligindo na Biblioteca Publica e espero que no fim forme um Museuzinho particular."

98 Joaquim Cunha Rivara (c.1845). *Escavações metódicas*, transcrição do manuscrito original por Panagiotis Sarantopoulos (1998, p. 125).

99 "(…) descobriu-se um fragmento de uma grande base de mármore, ricamente ornamentada, mas tão mutilada que mal se pôde reconhecer n'ella o pedestal de uma estatua imperial." (Ernst Willibald Emil Hübner, 1871, p. 47).

100 "Tinha o altar, que o sr. Hubner chamou pedestal de uma estátua imperial, uma grande inscrição, da qual restam as letras SAC… da primeira linha e restos das ultimas letras das linhas seguintes, que eram seis, ao todo sete. As letras da primeira linha tem 0m,09 de alto. As das linhas inferiores eram pouco menores. N'esta mesma face veem-se ainda os vestígios das cunhas de ferro com que fizeram saltar em pedaços o letreiro e com elle boa parte do altar." (Augusto Filippe Simões, 1873, p. 169).

Barata no relatório sobre a "Restauração do Templo de Évora" recorre à descrição de Emilio Hübner[101], fundamentando assim a sua interpretação como um pedestal octógono de estátua apresentada para a descrição no *Catalogo do Museu Archeologico da Cidade de Evora*[102]. Gabriel Pereira[103] e J. Leite de Vasconcelos[104] identificam-no como uma ara. Seguindo a mesma interpretação, José d'Encarnação, em 1984, reconhece-o como ara votiva sextavada, ainda que com algumas reservas[105]. Mais tarde, já depois das investigações do templo, o autor reformula e completa a sua descrição citando Theodor Hauschild, dizendo que se trata de um pedestal, base de estátua rectangular[106]. Recentemente Theodor Hauschild, com base numa leitura de Géza Alföldy, defende que se trata de uma estátua consagrada ao imperador[107]. No relatório final das escavações, coordenadas por Theodor Hauschild, é apresentado o estudo de Géza Alföldy relativo à interpretação das inscrições[108].

A partir das memórias de Joaquim Cunha Rivara deduz-se que este monólito tenha sido encontrado diante do templo, assim seria provável que esta base de estátua estivesse colocada na praça do fórum, diante do muro das pilastras.

Curiosamente, quando se retirou esta base do pódio para integrar a colecção do Museu, foram descobertas marcas "de orifícios de gonzos e batente"[109] no estilóbata do pódio, que sugerem a existência de uma porta talvez de época medieval.

Bibliografia:

António Francisco Barata (1903, p. 86-97), Augusto Filippe Simões (1873, p. 169), Ernst Willibald Emil Hübner (1871, p. 47), José d' Encarnação (1984, p. 452), José d' Encarnação (1986, p. 105), José Leite de Vasconcelos (1913, p. 462), Gabriel Pereira (1947 [1884-1894], p. 38), Géza Alföldy (2017), Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 599), Theodor Hauschild (2001, p. 79), Theodor Hauschild e Felix Teichner (2017, p. 352-353)

Ficha de Inventário (Museu de Évora):

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24437

101 António Francisco Barata (1878, p. 193).

102 "N. 232: Fragmento do pedestal octógono da estatua a que fôra sagrado o templo romano de Evora, manifestando o ter sido partido a golpes de marrão com cunhas de ferro, cujos sinaes são visíveis. Conhecem-se letras que indicam ter sete linhas a inscrição." (António Francisco Barata, 1903, p. 86-97).

103 "Infelizmente não podemos saber a que divindade foi este templo consagrado; existe um fragmento da ara com vestígios da inscrição, inúteis porque os raivosos destruidores apagaram a camartelo os caracteres;" Gabriel Pereira (1947 [1884-1894], p. 38).

104 "O mais provável porém é que este fragmento não o seja da ara de sacrificios, e sim de uma ara votiva. Em tal caso, aquella também falta." (José Leite de Vasconcelos, 1913, p. 462).

105 "Ara votiva (?) em mármore branco do tipo Estremoz/ Vila Viçosa. Dela foram retirados largos pedaços, restando ainda vestígios dos buracos onde se introduziram as cunhas ou os guilhos. O capitel teria toros e frontão com fóculo. A moldura de separação do fuste seria decorada com uma fila de denteado e outra, interior, de óvalos. Na parte assente não parece ter havido trabalho. De forma originalmente sextavada (…)" (José d' Encarnação, 1984, p. 452).

106 "As medições efectuadas por T. Hauschild (…) levaram-no a concluir que 'se trata de um pedestal de forma rectangular (não sextavada), encontrando-se a inscrição apenas num dos lados', segundo gentilmente nos informou por carta de 2 de Julho. 'Dos restos de um orifício existente na parte superior – escreve ainda T. Hauschild – deduzimos que aí se deve ter erguido uma estátua'." (José d' Encarnação, 1986, p. 105).

107 Theodor Hauschild (2001, p. 79).

108 Géza Alföldy (2017).

109 Pedro Fialho de Sousa (2002, p. 599).

Lintel (?)

[DESENHO XX.20]

Colecção: DRCAlentejo, templo romano
Material: mármore cinzento
Dimensões: altura 0,45 m; profundidade 0,43 m; comprimento 1,91 m

Relativamente à proveniência deste lintel nada se sabe. António Francisco Barata descreve-o com o n.º 286, como "Fragmento de mármore com estrias, de parte de um entablamento da ordem corinthia, ou jónica"[110] e acrescenta que "talvez fosse do templo romano, chamado de Diana, em Évora."[111]. Este encontra-se depositado sobre o pódio do templo, não se sabe desde quando, mas já era visível numa fotografia de meados do século XX [Imagem 5].

O bloco monolítico, com quase dois metros de comprimento, apresenta no centro um entalhe com dois roços de 10 cm de diâmetro que poderiam ser para os pivôs de uma porta de duas folhas (cada uma com 45 cm); apresenta também, na face superior, dois orifícios, provavelmente para um elemento de fixação em metal.

Talvez pudesse ter sido aplicado como um entablamento a padieira de uma porta, no entanto, o desenho das estrias não é simétrico. Este facto poderá indicar que esta peça pudesse ter tido outro uso. A Professora Conceição Lopes levanta a hipótese de se tratar de uma pilastra que foi posteriormente reaproveitada[112].

Bibliografia:
António Francisco Barata (1903, p. 88).

110 António Francisco Barata (1903, p. 88).
111 António Francisco Barata (1903, p. 88).
112 Esta hipótese foi levantada numa conversa informal entre o Dr. Rafael Alfenim e a Professora Conceição Lopes, durante uma visita às operações de restauro do templo a 27 de Novembro de 2017.

Fragmento do ábaco do capitel I

Colecção: Templo Romano de Évora
Material: mármore
Dimensões: (não foi possível determinar)

Este fragmento foi descoberto sobre o estilóbata junto da terceira coluna, do lado nascente do templo, no dia 12 de Junho de 2017 e de seguida recolhido pelo Dr. Rafael Alfenim para ser depositado nas instalações da Direcção Regional da Cultura do Alentejo [Imagem 23]. Foi este achado que motivou a operação de restauro conduzida pela DRCAlentejo e pela empresa Nova Conservação, Lda, em finais de 2017. Tratava-se de um fragmento do ábaco do capitel, infelizmente faltavam as volutas das quais não foram encontrados quaisquer vestígios nas proximidades [Imagem 24]. Durante as operações de restauro este foi reintegrado, [Imagem 25], tal como referido no Relatório Final da Intervenção:

"*(…) Recorreu-se ao uso de pernos durante as actividades de colagem de fragmentos, nos seguintes casos:*

- no capitel nr. 3, como ancoragem para suster o peso e contrair as forças de projecção do fragmento do ábaco, que caíra recentemente e que constituiu o motivo de alerta para o estado de conservação do monumento, espoletando a intervenção de urgência;"[113]

Bibliografia:
Paola Coghi *et al.* (2018, p. 48).

[113] Paola Coghi, Carlos Duarte e Isabel Valle (2018, p. 48).

Fragmento da flor do ábaco do capitel

Colecção: Museu de Évora [ME 4130]
Material: mármore
Dimensões: altura 0,12 m; largura 0,255 m

Este fragmento fazia parte da colecção do Museu não se sabendo bem a sua proveniência [Imagem 26]. Foi a Dra. Maria do Céu Grilo, técnica do Museu de Évora, que reconheceu este fragmento como parte integrante dos capitéis do templo romano de Évora, durante as operações de restauro de finais de 2017. Este fragmento foi então recolhido pelo Dr. Rafael Alfenim que procedeu ao reconhecimento da sua localização original, verificando então que se tratava de um fragmento do florão do ábaco pertencente ao capitel 12, da fachada oeste do Templo. Este foi reintegrado segundo a mesma técnica do fragmento anterior [Imagem 27].

Bibliografia: inédito

Ficha de Inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24363

Fragmentos de *folia* dos capitéis

Colecção: Museu de Évora [ME 4230]
Material: mármore
Dimensões: altura 0,10 m; largura 0,25 m

Estes fragmentos de ornamentos de folhas de acanto estão depositados no claustro do Convento da Cartuxa e, à semelhança da peça anterior, também fazem parte dos capitéis do templo. Um destes foi também reintegrado no capitel 6 ou 11 [Imagem 28].

Bibliografia: inédito

Ficha de Inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24431

Fragmentos de *opus*

Colecção: Museu de Évora [ME 14954] e [ME 14956]
Material: *opus signinum*
Dimensões: (A) comprimento 0,85 m; (B) comprimento 0,20 m

"(…) e assim o indicavam certos vestígios de argamassas romanas, que à flor da terra se descobriram, quando o progresso da demolição da Inquisição Velha veio no principio de setembro próximo passado manifestar aos olhos de todos aquela verdade, dando ocasião a se descobrir o grande tanque", assim refere Joaquim Cunha Rivara na sua memória sobre "O Templo de Diana e o Aqueduto de Sertório, em Évora" a 1845, sobre os primeiros fragmentos de *opus signinum* que começaram a ser descobertos.

Os fragmentos existentes, em depósito, no Museu de Évora, foram talvez os recolhidos durante as obras de pavimentação das ruas em redor do templo, tal como menciona Augusto Filippe Simões, na descrição da colecção do Museu Cenáculo: "Fragmentos do cimento dos tanques que circumdavam o templo de Diana. Foram recolhidos na bibliotheca publica em 1863 quando se fizeram as obras já mencionadas."[114]

Trata-se assim de fragmentos de *opus signinum* provenientes do tanque em redor do templo, datados do século I d. C. [Imagem 29].

Bibliografia:
Augusto Filippe Simões (1869, p. 19).

Ficha de inventário (Museu de Évora):
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=30115
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=30116

[114] Augusto Filippe Simões (1869, p. 19).

Base coluna (?)

Colecção: Particular (?)
Material: mármore
Dimensões: altura 0,29 m; diâmetro c. 1,17 m

Este fragmento encontra-se integrado no gaveto do edifício que se localiza estre a Rua da Oliveira e a Travessa de Sezinando Roiz [Imagem 30].

A informação sobre este achado foi dada pelo Professor Jorge de Oliveira (UÉvora), no entanto, desconhece-se a providência e nada se sabe sobre a sua cronologia.

Bibliografia: inédito

Capitel compósito

Colecção: Particular
Material: mármore (?)
Dimensões: desconhecidas

Este desenho de Alberto Souza, publicado em 1931[115], representa um capitel compósito, localizado algures num jardim de uma casa na Rua das Fontes, Évora. Até ao momento ainda não foi possível identificar este capitel nem o lugar onde estaria exposto [Imagem 31].

"As surprezas sucedem-se nesta terra de milagres. Entra-se num quintal da rua 'das Fontes', para lá da Moiraria e tôpa-se uma velha coluna de capitel compósito, encostada a um muro, à beira de um tanque, ou vê-se acantoado ao pé de um poço, uma velha talha bojuda; espreita-se por uma frincha de porta, e os olhos alégram-se com fieiras de bilhas, asados, vasilhas de toda a fórma, floridas de cravos e de sardinheiras, deixando vêr chagas de argila rubra através da cal esgarçada. A cada passo uma nota de cor e de poesia."[116]

Bibliografia:
Matos Sequeira e Alberto Souza (1931, p. 21, 30).

115 Matos Sequeira e Alberto Souza (1931, p. 21).
116 Matos Sequeira e Alberto Souza (1931, p. 30).

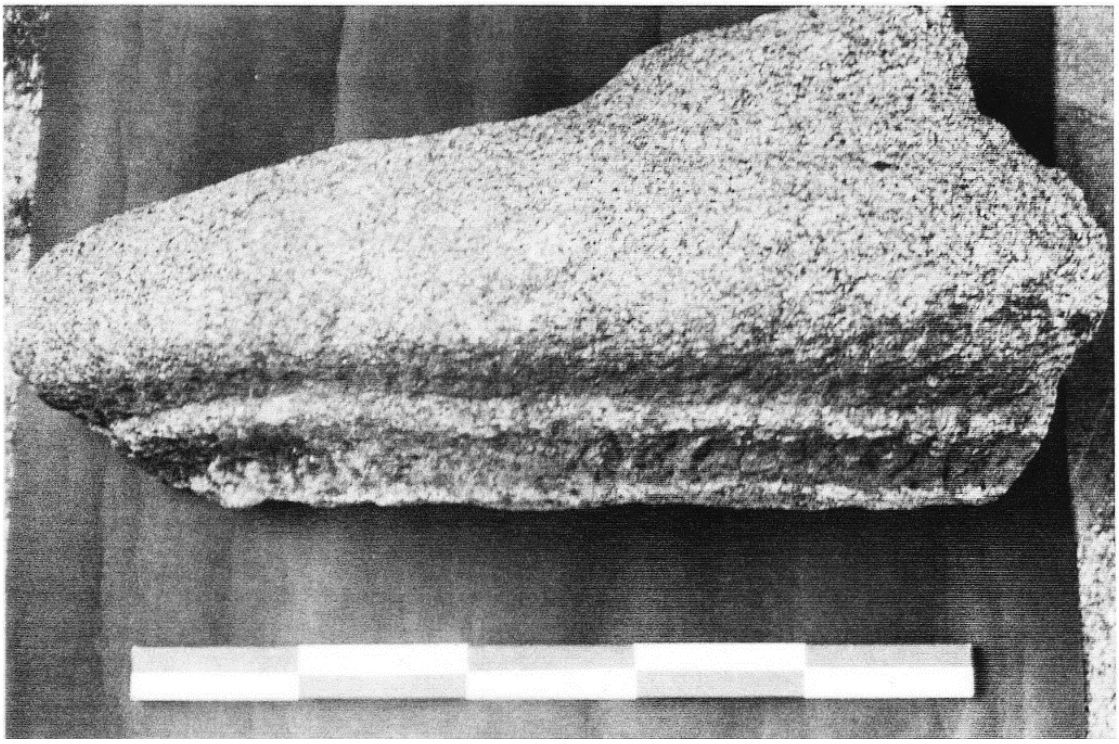


Imagem 1

Fragmento de base de coluna romana de grandes dimensões, em granito, reutilizada na cobertura do canal islâmico, Museu de Évora.
Fonte: Ana Gonçalves, Theodor Hauschild, Felix Teichner, Ana Luísa Santos e Cláudia Umbelino (1998c, p. fotografia n.º 79)
Fotografia: José Raul Tiago e Ana Gonçalves, 1997



Imagem 2

Tambor I de coluna, em granito, a ser transportado para o Templo, Évora.
Fonte: Arquivo Panagiotis Sarantopoulos (CME)[117]
Fotografia: Panagiotis Sarantopoulos, entre 1987 e 1990

[117] Agradece-se ao Dr. Panagiotis Sarantopoulos a cedência de autorização de reprodução desta imagem que, por entre papéis e dossiers, foi finalmente encontrada.



Imagem 3

Vista do Templo romano, Évora, diapositivo de vidro p&b, 8,5cmx10cm, Évora.
Fonte: Arquivo fotográfico Évora (CME), n.º GPE0015
Fotografia: Mário Gama Freixo, entre 1900-1920



Imagem 4

Tambor II, em granito, sobre o Templo romano de Évora, 1964.
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), n.º 00160971
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00002772
Fotografia: autor desconhecido, 1964



Imagem 5

Fragmentos arquitectónicos, em granito e mármore, depositados sobre o Templo romano, Évora.
Fonte: Arquivo fotográfico Évora (CME), n.º APS0259
Fotografia: António Passaporte, meados do século XX

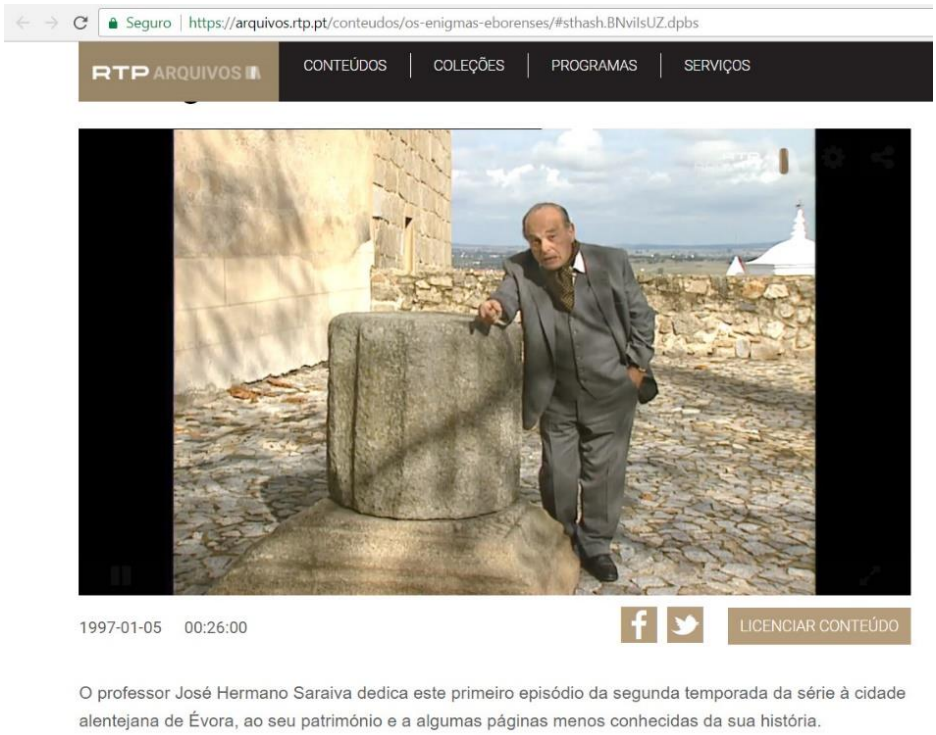


Imagem 6

Tambor III, em granito, no Pátio de São Miguel, durante a gravação do programa do Professor José Hermano Saraiva, Évora.
Fonte: RTP Arquivos, 1997



Imagem 7

Tambor sem caneluras, em granito, de grandes dimensões, Museu de Évora.
Fonte: Ana Gonçalves *et al.* (1998c, p. fotografia n.º 49)
Fotografia: José Raul Tiago e Ana Gonçalves, 1997

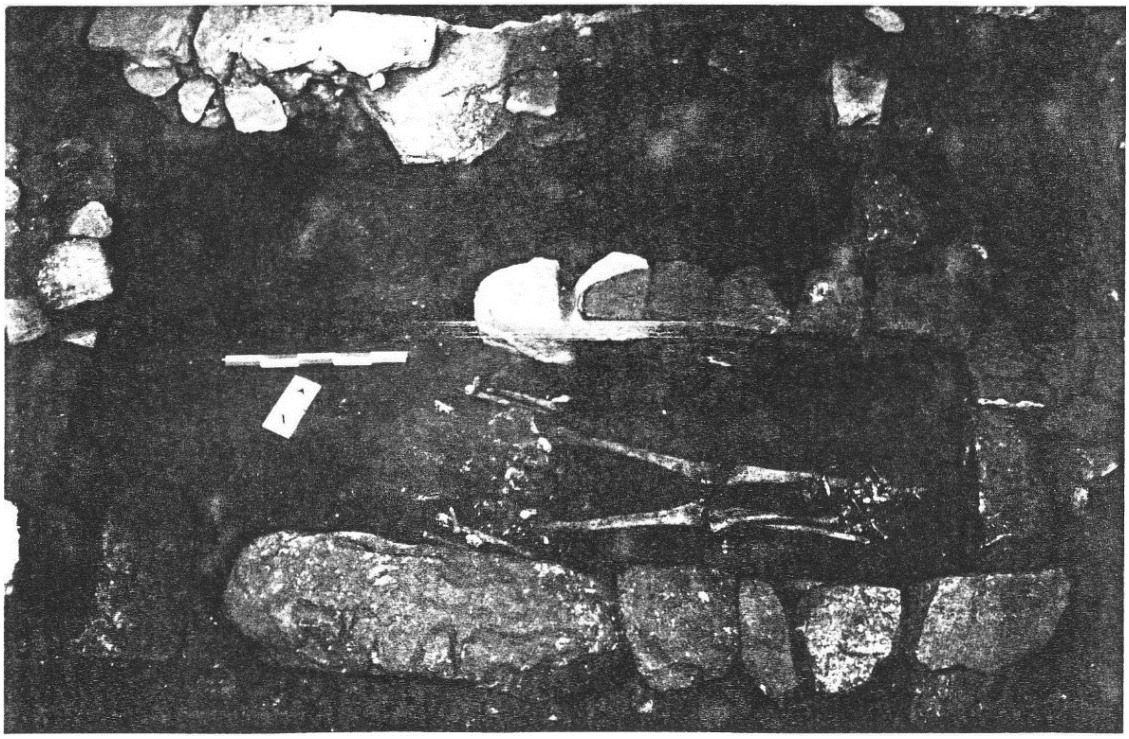


Imagem 8

Capitel jónico, em granito, reutilizado numa sepultura, Museu de Évora.
Fonte: Ana Gonçalves, Theodor Hauschild, Felix Teichner, Ana Luísa Santos e Cláudia Umbelino (1996a, p. fotografia n.º 17)
Fotografia: Pedro Morais e Ana Gonçalves, 1996



Imagem 9

Capitel jónico exposto no Museu Arqueológico de Córdoba, início do século II d.C., Córdova.
Fonte: María Angeles Gutiérrez Behemerid (1988, p. Lamina XII)
Fotografia: autor desconhecido, s/data



Imagem 10

Capitel jónico do teatro romano de Medellín com vestígios de argamassa, Centro Museográfico Medellín.
Fotografia: Mariana Carvalho, Agosto de 2015



Imagem 11

Capitel toscano I, em granito, a ser retirado de um depósito de entulhos, Museu de Évora.
Fonte: Inês Simão e Sandra Brazuna (2008)
Fotografia: ERA-Arqueologia, S. A., 2008



Imagem 12

Capitel toscano III, em granito, Paço dos Melos de Carvalho, Évora.
Fotografia: Mariana Carvalho, Julho de 2015



Imagem 13

Capitel compósito em mármore, da primeira metade do século II d.C., Mérida.
Fonte: José Luis de la Barrera Antón (1984, p. 64, n.º 106)
Fotografia: autor desconhecido, s/data



Imagem 14

Fragmento de arquitrave II, em mármore, Museu de Évora
Fotografia: Mariana Carvalho, Março de 2015



Imagem 15

Fragmento de arquitrave II, em mármore, Museu de Évora.
Fotografia: Mariana Carvalho, Março de 2015

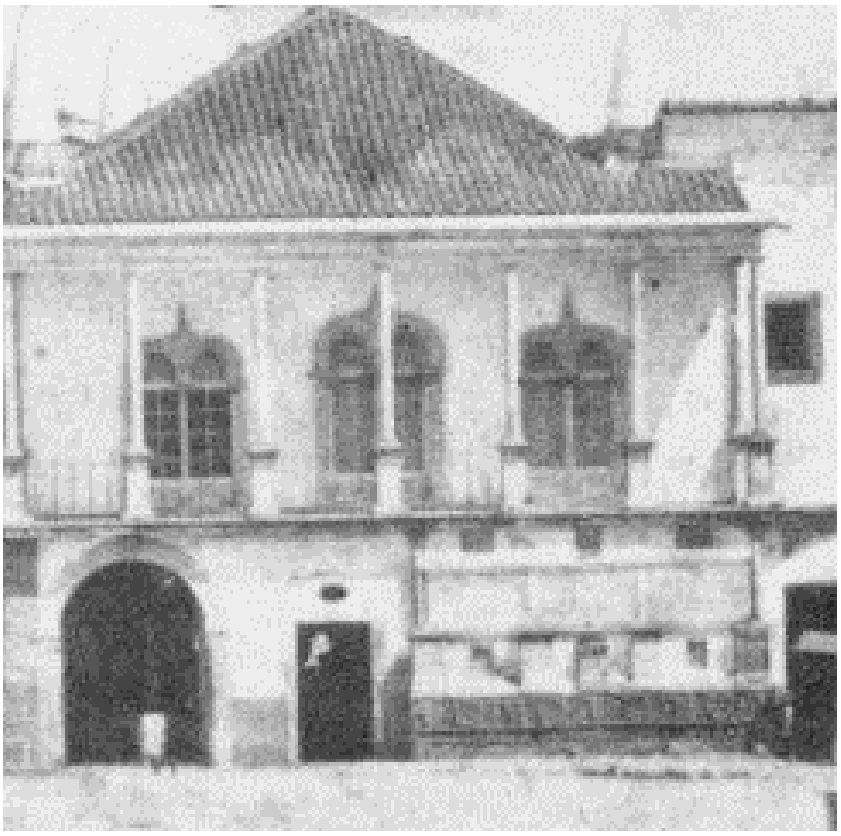


Imagem 16

Friso dórico com Paterae e bucrânios na fachada do antigo edifício dos Paços do Concelho na Praça do Giraldo, Évora.
Fonte: Arquivo fotográfico Évora (CME), Colecção Grupo Pró-Évora
Fotografia: autor desconhecido, anterior a 1863



Imagem 17

Fragmento de friso, em mármore, Museu de Évora.
Fonte: Ana Gonçalves *et al.* (1998c, p. fotografia n.º 12)
Fotografia: José Raul Tiago e Ana Gonçalves, 1997

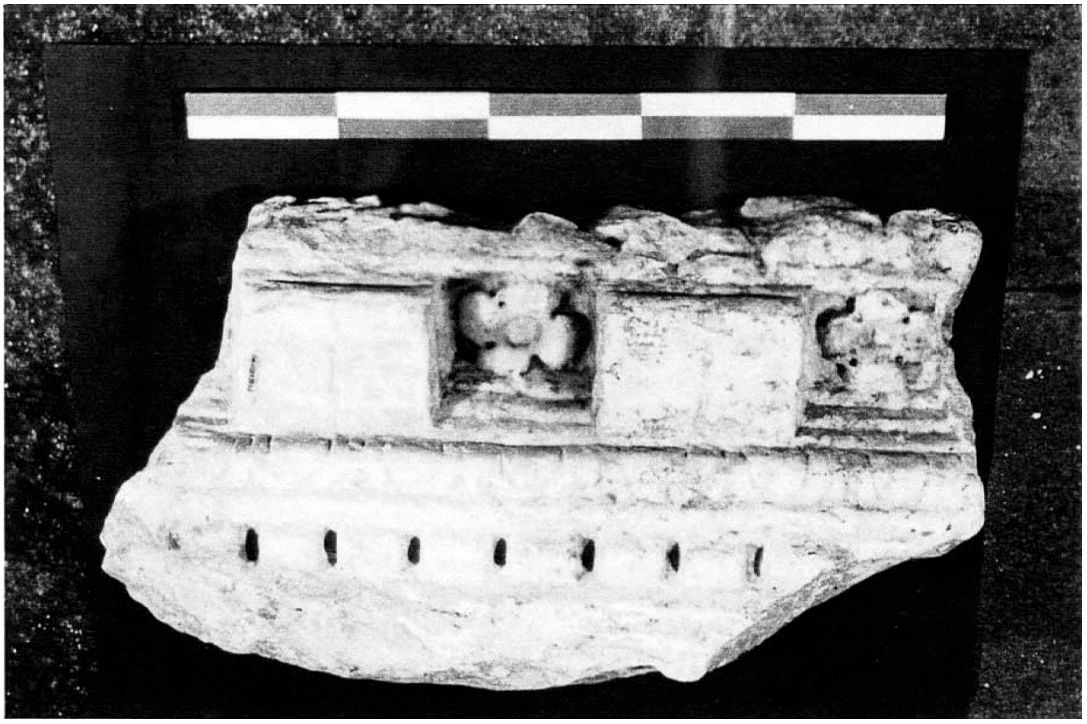


Imagem 18

Fragmento de cornija I, em mármore, Museu de Évora.
Fonte: Ana Gonçalves *et al.* (1998c, p. fotografia n.º 13)
Fotografia: José Raul Tiago e Ana Gonçalves, 1997

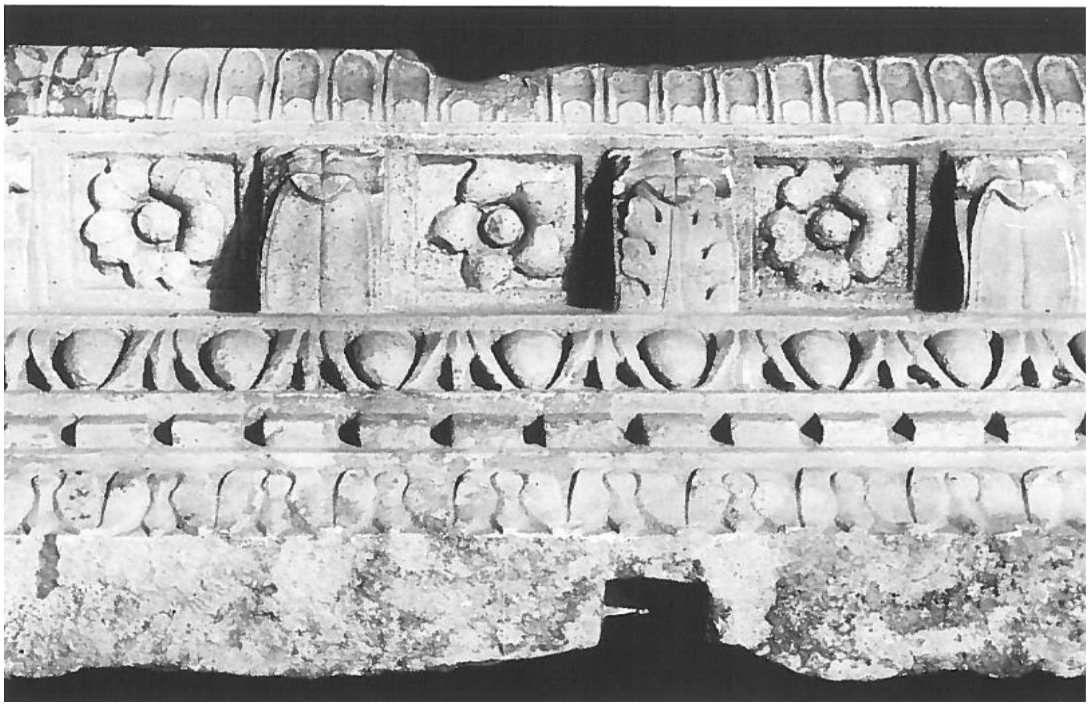


Imagem 19

Cornija do "Pórtico do Forum", em mármore, de época Cláudio-neroniana, cat. n.º 209, Augusta Emerita.
Fonte: José Luis de la Barrera Antón (2000, p. lâmina 75)
Fotografia: autor desconhecido, s/data



Imagem 20

Fragmento de cornija II e laje de cancela visigótica, em mármore, sobre um nível de sepulturas, sondagem 51 (1996), Museu de Évora.
Fonte: Arquivo pessoal Artur Goulard[118]
Fotografia: Artur Goulard, 1996



Imagem 21

Fragmento de cornija IV, em mármore, Câmara Municipal de Évora.
Fotografia: Mariana Carvalho, Março de 2017

[118] Um agradecimento ao Dr. Artur Goulard, por generosamente ter partilhado a sua colecção pessoal de fotografias.

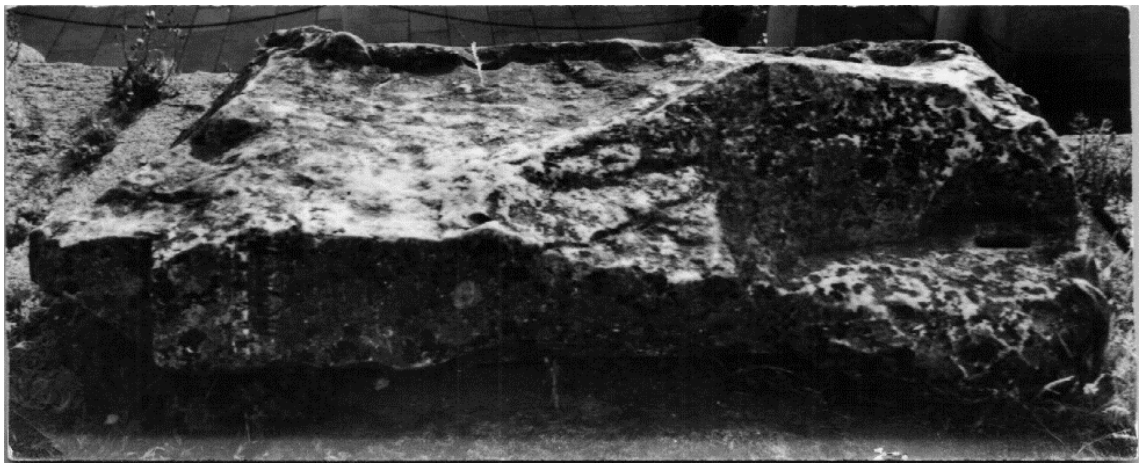


Imagem 22

Base de estátua, em mármore, sobre estilóbata do Templo romano, Évora.
Fonte: Arquivo Histórico da Universidade de Évora (Túlio Espanca)
Fotografia: Estúdios Delfim Ferreira, Lousã – Condeixa, s/data



Imagem 23

Fragmento do ábaco, em mármore, encontrado junto da terceira coluna da fachada Este do Templo romano, Évora.
Fotografia: Mariana Carvalho, 12 de Junho de 2017



Imagem 24

Capitel fracturado, em mármore, da terceira coluna da fachada Este do Templo romano, Évora.
Fotografia: Luís Marino (DRCAlentejo)[119], Setembro 2017



Imagem 25

Fragmento do ábaco após a sua reintegração no capitel no Templo romano, Évora.
Fotografia: Mariana Carvalho, Novembro de 2017

[119] Agradece-se ao Arquitecto Luís Marino (DRCAlentejo) todas fotografias que tão entusiasticamente foi partilhando durante as obras de restauro do templo.



Imagem 26

Fragmento da flor do ábaco, em mármore, do capitel do Templo Romano, [ME 1430], Museu de Évora.
Fonte: Matriz Net (catálogo do Museu de Évora on-line:
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24363)
Fotografia: Maria do Céu Grilo, s/data.



Imagem 27

Fragmento [ME1430] recolocado no florão do ábaco do capitel 12 do Templo romano, Évora.
Fotografia: Mariana Carvalho, Novembro de 2017



Imagem 28

Fragmentos de folia de capitéis, em mármore, [ME 4230], Museu de Évora.
Fonte: Matriz Net (catálogo do Museu de Évora on-line:
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24431)
Fotografia: Joana Barreira Neves, s/data



Imagem 29

Fragmentos de opus, [ME 14956] e [ME 14954], Museu de Évora.
Fonte: Matriz Net (catálogo do Museu de Évora on-line:
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=30116)
Fotografia: Maria do Céu Grilo, s/data.



Imagem 30

Base de coluna (?), em mármore, entre a Travessa de Sezinando Roiz e a Rua de Oliveira, Évora.
Fotografia: Mariana Carvalho, Dezembro de 2017



Imagem 31

Capitel compósito na Rua das Fontes, Évora.
Fonte: Matos Sequeira e Alberto Souza (1931, p. 21)
Desenho: Alberto Souza, 1931

Referências Bibliográficas

Alarcão, Jorge de (1988). *Roman Portugal* (Vol. II Gazetteer (Inventário)). Warminster, England: Aris&Phillips Ltd.

Alföldy, Géza (2017). Die Inschriftenbasis. In Theodor Hauschild; Felix Teichner (Ed.), *Der römische Tempel in Évora (Portugal) Bauaufnahme, Ausgrabung, Wertung* (Vol. 35, p. 372-375). Wiesbaden: Reichert.

Barata, António Francisco (1878). Restauração do Templo Romano em Évora. *Miscellanea Historico-Romantica* (p. 185-203). Barcelos: Typographia da Aurora do Cavado.

Barata, António Francisco (1903). *Catalogo do Museu Archeologico da Cidade de Evora*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Barrera Antón, José Luis de la (1984). *Los capiteles romanos de Merida*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

Barrera Antón, José Luis de la (2000). *La decoración arquitectónica de los foros de Augusta Emerita*. Roma: "L'Erema" di Bretschneider.

Broise, Pierre (1969). Éléments d'un ordre toscan provincial en Haute-Savoie. *Gallia, tome 27,* 15-22.

Coghi, Paola; Duarte, Carlos; Valle, Isabel (2018). *Relatório final da Intervenção. Empreitada Urgente de Conservação do Templo Romano de Évora - Situações críticas*. Lisboa: Nova Conservação, Lda; DRCAlen.

Creus Luque, María Luz (2002). Diferentes materiales escultóricos romanos en el territorio de Augusta Emerita. *Cuadernos Emetitenses,* 249-271.

Encarnação, José d' (1977-78). Notas sobre a Epigrafia de Évora. In? (Ed.), *?* (p. 77-97). ?

Encarnação, José d' (1984). *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o Estudo da Romanização.* (Doutoramento). Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Letras.

Encarnação, José d' (1986). Inscrições romanas do *Conventus Pacensis*. *Trabalhos de Arqueologia do Sul.*

Fernandes, Lídia (1997a). *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental* (Vol. II). (Tese de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Fernandes, Lídia (1997b). *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental* (Vol. I). (Tese de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Fernandes, Lídia (1997c). *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental* (Vol. IV). (Tese de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Ginouvès, René (Ed.) (1992) *Dictionnaire Méthodique de L'Architecture Grecque et Romaine.* (Vol. II). Rome: École Française de Rome.

Gonçalves, Ana; Hauschild, Theodor; Teichner, Felix (1997). *Intervenção Arqueológica no Museu de Évora, Centro Histórico de Évora, 1996*. Actas do 3.º Encontro de Arqueologia Urbana, Almada.

Gonçalves, Ana; Hauschild, Theodor; Teichner, Felix; Santos, Ana Luísa; Umbelino, Cláudia (1996a). *Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora.* Évora: Arkaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.

Gonçalves, Ana; Hauschild, Theodor; Teichner, Felix; Santos, Ana Luísa; Umbelino, Cláudia (1996b). *Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora*. Évora: Arkaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.

Gonçalves, Ana; Hauschild, Theodor; Teichner, Felix; Santos, Ana Luísa; Umbelino, Cláudia (1998a). *Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora (2ª Fase - 1997).* Évora: Arkaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.

Gonçalves, Ana; Hauschild, Theodor; Teichner, Felix; Santos, Ana Luísa; Umbelino, Cláudia (1998b). *Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora (2ª Fase - 1997).* Évora: Arkaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.

Gonçalves, Ana; Hauschild, Theodor; Teichner, Felix; Santos, Ana Luísa; Umbelino, Cláudia (1998c). *Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora (2ª Fase - 1997).* Évora: Arkaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.

Gonçalves, Luís Jorge (2007). *Escultura romana em Portugal. Uma arte do quotidiano*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano.

Gonçalves, Luís Jorge; Nogales Basarrate, Trinidad (2005). Espaços públicos e mensagens em pedra. As esculturas do forum de *Ebora*. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (p. 58-67). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Gonçalves, Luís Jorge; Sarantopoulos, Panagiotis (2010). Esculturas do fórum de *Ebora*: programa iconográfico. In Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (p. 37-45). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Gutiérrez Behemerid, María Angeles (1988). Bases para un estudio del capitel jonico de la Peninsula Ibérica. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología: BSAA,* 65-113.

Gutiérrez Behemerid, María Angeles (1992). *Capiteles Romanos de la Península Ibérica*. Valladolid: Secretario de Publicaciones Universidad de Valladolid.

Hauschild, Theodor (1995-1997, 1995-1997). Um capitel jónico romano descoberto no subsolo do Museu de Évora. *O Arqueólogo Português, Série IV,* 415-428.

Hauschild, Theodor (2001). Évora. Relatório preliminar sobre as escavações junto ao templo romano, 1989-1992. As construções. *Lusíada. Arqueologia, História da Arte e Património, Série 1,* 69-91.

Hauschild, Theodor (2010). Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*. In Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (p. 27-36). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Hauschild, Theodor; Teichner, Felix (2017). *Der römische Tempel in Évora (Portugal) Bauaufnahme, Ausgrabung, Wertung* (Vol. 35). Wiesbaden: Reichert.

Hübner, Ernst Willibald Emil (1871). *Noticias Archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia.

Maciel, Justino (1998). Arte romana e pedreiras de mármore na Lusitânia: novos caminhos de investigação. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,* 233-245.

Murphy, James (1795). Evora *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, In the Years 1789 and 1790* (p. 302-311). London: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies (Succeffors to Mr. Cadell) in the Strand.

Nogales Basarrate, Trinidad; Gonçalves, Luís Jorge (2004). Imagines Lusitaniae: la plástica oficial de Augusta Emerita y sun reflejo en algunas ciudades lusitanas. In Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Augusta Emerita. Territorios, Espacios, Imágenes y Gentes en Lusitania Romana* (Vol. 8, p. 287-336). Mérida: Asociación de Amigos del Museo de Arte Romano.

Nogales Basarrate, Trinidad; Gonçalves, Luís Jorge (2005). Imagens e Mensagens. As esculturas do Museu de Évora como testemunho da romanização. In Joaquim Oliveira Caetano; Trinidad Nogales Basarrate (Ed.), *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (p. 32-39). Évora: Instituto Português de Museus/Museu de Évora.

Pereira, Gabriel (1878). O Templo Romano de Évora (Carta a Joaquim d'Araújo). *A Renascença: orgão dos trabalhos da geração moderna* 107-110.

Pereira, Gabriel (1947 [1884-1894]). *Estudos Eborenses* (Vol. I). Évora: Edições Nazareth.

Perez Bayer, Francisco (1782). *Diario del viage de Andalucia y Portugal*. (2, II, 242: Biblioteca Nacional de España.

Sarantopoulos, Panagiotis (1998). *O Templo e as Termas dois Edifícios Públicos de Évora Romana. Contributos para uma recuperação e valorização integrada.* (Tese de Mestrado). Évora: Universidade de Évora.

Sarantopoulos, Panagiotis; Correia, Miguel (2003). *Relatório de trabalhos de acompanhamento arqueológico. Praça do Sertório - Rua Vasco da Gama, Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

Sequeira, Matos; Souza, Alberto (1931). *Évora*. Lisboa: Emprêsa Nacional de Publicidade.

Simão, Inês; Brazuna, Sandra (2008). *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora" Acompanhamento*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.

Simões, Augusto Filippe (1869). *Relatório á cerca da Renovação do Museu Cenaculo*. Évora: Typographia da Folha do Sul.

Simões, Augusto Filippe (1873). O Templo Romano de Évora. *Artes e Letras,* 155-158/187-190.

Sousa, Pedro Fialho de (2002). Projecto e estereotomia do templo romano de Évora. In Aníbal Costa (Ed.), *A intervenção no património: práticas de conservação e reabilitação* (p. 595-611). Porto: FEUP, DGEMN.

Vasconcelos, José Leite de (1898). Excursão archeologica ao Sul de Portugal. *O Archeólogo Português, IV,* 103-134.

Vasconcelos, José Leite de (1913). *Religiões da Lusitania* (Vol. III). Lisboa: Imprensa Nacional.

Relatórios de escavação (Évora) existentes no Arquivo Arqueológico da DGPC, Lisboa

CNS.	*Título do Sítio*	*Responsável*	*Ano*	*Título do Relatório*
S 00156 **Cota anterior: 2000/1(598) JN10/1(48)**	Templo Romano de Évora Vol III	Panagiotis Sarantopolus	1999	1º Relatório de Progresso (1998)
		Theodor Hauschild Panagiotis Sarantopolus	1997	Relatório de "Trabalhos arqueológicos na zona envolvente do Templo Romano de Évora
		Theodor Hauschild Pedro Fialho de Sousa	1996	Relatório Preliminar (2ª fase). Escavações Arqueológicas dos Tanques envolventes do templo Romano de Évora
			1996	Relatório Preliminar (1ª fase). Escavações Arqueológicas dos Tanques envolventes do templo Romano de Évora
		CME (Núcleo de recuperação do Centro Histórico) João Videira	1996	Intervenção na área envolvente do Templo Romano de Évora. Estudo Prévio / 1ª Fase
	Vol II	Theodor Hauschild	1996	Relatório sobre as três sondagens na zona do templo romano de Évora
			1993 1994	Relatório Preliminar sobre as escavações junto ao Templo de Évora, campanha de 1993.
		Theodor Hauschild Pedro Fialho de Sousa Felix Teichner	1992	Relatório Preliminar da campanha de escavação (contem 2 anexos)
				Anexo I
				Anexo 2
		Theodor Hauschild Pedro Fialho de Sousa	1991	Relatório Preliminar da campanha de escavações de 1991
	Vol I	Theodor Hauschild Felix Teichner	1990	Relatório Preliminar Escavações junto ao templo romano de Évora
		Theodor Hauschild	1990	Évora – Templo 1990 (Relatório em alemão s/p)
		Pedro Fialho de Sousa Theodor Hauschild	1988	Relatório Preliminar Investigação no Templo Romano de Évora
		Theodor Hauschild	1988	Relatório sobre investigações no templo romano de Évora
			1988	Informação sobre o tipo de alicerces do templo romano de Évora
			1987	Relatório sucinto sobre as escavações efectuadas no templo romano de Évora
			1986	Investigações efectuadas no templo de Évora
			1985	A Arquitectura do Templo Romana em Évora Análise morfológica por indução geométrico-temporal.
	Relatório da Biblioteca	Theodor Hauschild	1989-1992	Évora. Relatório preliminar sobre as escavações junto ao templo romano. 1989-1992. As Construções.
S 16153	Anfiteatro	Virgílio Hipólito Correia	1994?	
S 6199	Banco Nacional Ultramarino		1968	
S 4226 1987/1(259)	Casa Cordovil	IPPC (Instituto Português do Património Cultural)	1989	(Relatório s/ título) Centro Histórico de Évora. Casa Cordovil. Intervenção de Emergência

		Mª Teresa M. Fernandes Virgílio Hipólito Correia		
S 15695 1999/1(785)	Casa da Juventude Estalagem do Cavalo	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Ana Mª D. S. Gonçalves	2000 Dez	Relatório Final do Trabalho Desenvolvido. Realização de Sondagem Arqueológica e Acompanhamento Arqueológico de Obra na Casa da Juventude de Évora, Rua da República, Évora
S 16151 2000/1(332)	Colégio do Espírito Santo	Carmen Balesteros Panagiotis Sarantopoulos	2000	Relatório de Escavação Universidade de Évora – Conventinho Capela de Nª Srª da Modéstia (?)
		José O. da Silva Caeiro	1993	Intervenção Arqueológica de Emergência executada pelo Dep.de História da Universidade de Évora no Colégio Espírito Santo
S 12563 1990/1(172)	Convento de Santa Catarina de Sena	Ana Cristina Calais. F. Santos Catarina Ferrer Dias Viegas	1990	Intervenção arqueológica no Convento de Santa Catarina de Sena (Centro Histórico de Évora) Relatório dos Trabalhos
S 32025	Escola Secundária Gabriel Pereira	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Carla Isabel Magro Dias Gerardo A. Vidal Gonçalves	2009	Relatório Final Intervenção Arqueológica na Escola Secundária Gabriel Pereira – Évora
S 16152 2000/1(741)	Centro de Conferências Vasco Vilalva	ERA (Arqueologia, S.A.) Mulize Ferreira Luís Alexandre Sarrazola Sandra Clélia R. Santos	2001	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos Évora. Registo arqueológico específico. Escavação arqueológica (contem vários anexos)
S 29575 2006/1(690)	Jardim de Diana	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana José Gomes Dias Mª Conceição Vitoriano Maia	2007	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos Escavação Arqueológica – Jardim de Diana, Évora
S 34364	Largo 1º de Maio nº7 e 9	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vitoriano Maia	2013 Mar	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos Largo 1º de Maio nº7 e 9.
S 22668 2005/1(737)	Largo Evaristo Cutileiro, nº 2 a 4	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Lúcia R. da Silva Miguel	2006 Fev	Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Largo Dr. Evaristo Cutileiro, nº 2 a 4, Évora
		Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Lúcia R. da Silva Miguel	2005 Nov/ Dez	Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos
2003/1(652)	Travessa das Casas Pintadas	Lotte Verena Plag António Bairinhas	2003	Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico. Projecto de Retirada e Colocação de Infra-estruturas. Fundação Eugénio D'Almeida, Travessa das Casas Pintadas, Évora
S 11120 S 21327 2003/1(647)	Largo D. Miguel de Portugal / Largo Marquês de Marialva	Cláudia M. M. Lemos Mª Conceição Vitoriano Maia	2002	Relatório Final do Trabalho Desenvolvido Intervenção Arqueológica do Largo D. Miguel de Portugal (contem 2 Anexos)
S 17761	Largo dos Condes de Vila Flor	Panagiotis Sarantopolus	2003	Trabalhos Arqueológicos
		Carmen Balesteros Jorge de Oliveira	2001	Relatório Técnico. Acompanhamento Arqueológico na Implantação de uma estátua.

S 24734 **Cota anterior: 2000/1(521)**	Largo dos Penedos, 15a	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Lúcia R. da Silva Miguel	2005	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos
		UNAVE Associação para a Formação Profissional e Investigação da Uni Aveiro	2000	Relatório Final. Execução de Trabalhos de Prospecção Geofísica, Sondagens Mecânicas e Acompanhamento Arqueológico
S 4845 1989/1(229)	Muralha	Mª Conceição Vitoriano Maia? (desenhos: Carolina Páscoa, Fátima Dias Pereira, Marisa Nata, Lélia)	1989	Muralhas de Évora – Sondagens 1989 SARS 2.00.001 Loc 30
		João Carlos Lázaro Faria	2003	Acompanhamento Arqueológico ao Arranjo dos Espaços Exteriores às Muralhas de Évora, entre as portas do Raimundo e as de Alconchel
		Carla Isabel Magro Dias	2008	Trabalhos no âmbito da instalação de condutas de fibra optica
S 12424	Museu de Évora (7 volumes) Volume I	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Ana Mª D. S. Gonçalves Theodor Hauschild Felix Teichner Ana Luísa Santos Cláudia Umbelino	1996 1997	Relatório dos trabalhos Realizados Volume I Intervenção Arqueológica no Museu de Évora
		Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Ana Mª D. S. Gonçalves Theodor Hauschild Felix Teichner Ana Luísa Santos Cláudia Umbelino	1998 Jan	Relatório dos Trabalhos Realizados Intervenção Arqueológica no Museu de Évora (2ªa fase – 1997)
		Carta Theodor Hauschild	1998	Carta: trabalhos Arqueológicos no interior do Museu de Évora, o âmbito do projecto de remodelação e Valorização
		ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2007	Relatório Intercalar dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora"
		ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2008 Jan	Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora Zona B/C
	Volume IV	ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2007 Dez	Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora Zona A"
		Carta?	2008	Obras de Remodelação e Valorização do museu de Évora

		ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2008 Fev Mai	Relatório Intercalar dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora"
		ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2008 Jun Jul	Relatório Intercalar dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora"
	Volume V	ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2008	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora Zona B/C"
		ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2008	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora Zona A"
	Volume VI	ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2008	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos Remodelação e Valorização do Museu de Évora
	Volume VI-VII	ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Sofia Rosado Simão Sandra C. Brazuna Lopes	2008	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos "Remodelação e Valorização do Museu de Évora" – Vala Drenagem
S 31137	Paço Lobos da Gama	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana José Gomes Dias	2008 Março	Relatório de Progresso de Trabalhos Arqueológicos. Escavação e acompanhamento Arqueológico do projecto de reabilitação do Paço dos Lobos da Gama. Rua Serpa Pinto n. 50 a 56
		Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Gerardo A. Vidal Gonçalves Mário Rodrigues Carvalho	2009 Jan/ Fev	Relatório final – Segunda Fase Projecto de Reabilitação do Paço dos Lobos da Gama – Évora. Escavação e Acompanhamento Arqueológico
S 12559 1987/1(216)	Pousada dos Lóios	Mª Teresa M. Fernandes Virgílio Hipólito Correia	1987	Intervenção Arqueológica de Emergência na Pousada dos Lóios. Notas Prévias para o Relatório
S 14293 Cota anterior 2000/1(027)	Praça Joaquim António de Aguiar Vol I	Ocrimia (Investigação Arqueológica e Patrimonial, Lda) Mª Teresa M. Fernandes Miguel Filipe Correia Nelson Carvalho Almeida	2000 Set	Relatório Final. Trabalhos arqueológicos no Parque de estacionamento da Praça Joaquim António de Aguiar - Évora
		Ocrimia (Investigação Arqueológica e Patrimonial, Lda) Miguel Filipe Correia Mª Teresa M. Fernandes (?)	2000 Mar	Acompanhamento Arqueológico do Parque de Estacionamento na Praça Joaquim António Aguiar - Évora
S 12564 1991/1(005)	Praça do Giraldo, nº 54 a 56	Catarina Ferrer Dias Viegas	1991	Intervenção arqueológica no nº 56 da Praça do Giraldo (Centro Histórico de Évora) Relatório dos Trabalhos

		Arquitecto João Nasi Pereira	1990	Projecto de alteração do prédio sito na Praça do Giraldo, 54 e 56
S 12562 Cota anterior 1990/1(324)	Rua Miguel Bombarda n. 36	IPPC Rui Jorge Zacarias Parreira Desenhos: Lélia Guerreiro	1990 Out	Informação preliminar acerca de uma intervenção arqueológica. Rua Miguel Bombarda, 36 INE
2003/ 1 (646) Cota anterior 2000/1(741)	Rua Miguel Bombarda n 50	Archeoestudos Lara Eurice Gomes Pinto	2002	Relatório Final. Acompanhamento Arqueológico. Rua Miguel Bombarda 50, Évora
S 31214	Quinta do Forte	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Carla Isabel Magro Dias	2009	Relatório de trabalhos Arqueológicos Quinta do Forte – Rua das Alcaçarias
S 13490	R. Alcárcova de Baixo, 1-3, Fracção A	Ricardo Erasun Cortés Francisco M. Faure	2002	Relatório Preliminar Acompanhamento Arqueológico na R. Alcárcova de baixo, 1-3, Fracção A
S 15635	Rua Alcárcova de Cima	Lotte Verena Plag	2003	Relatório Final Acompanhamento Arqueológico (contem anexos)
		Jorge de Oliveira Carmen Balesteros João Parreira	2000	Relatório de Acompanhamento Arqueológico de Obra
S 15642	Rua da Misericórdia	Jorge de Oliveira Carmen Balesteros Gerardo A. Vidal Gonçalves	2001	Relatório de Acompanhamento Arqueológico de Obra Rua, Largo da Misericórdia e Travessa das Pêras
S 05289 1981/1(125)	Rua de Burgos, n.º5	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Mª Elisa Puch Ramírez Mª Cidália Gonçalves Matos	2005	Realização de intervenção arqueológica na casa nobre da Rua de Burgos (contem anexos)
		IPPC-SRAS (Instituto Português do Património Cultural) Ana Mª D. S. Gonçalves Rui Jorge Zacarias Parreira	1990	Relatório dos trabalhos de 1989 e resultados preliminares Intervenção Arqueológica no Palácio Gouveia
		IPPC-SRAS (Instituto Português do Património Cultural) Virgílio Hipólito Correia	1989	Trabalhos de 1988 Centro Histórico de Évora. Casa da Rua de Burgos
		IPPC-SRAS (Instituto Português do Património Cultural) Rui Nunes Pedroso	1989	Relatório. Campanhas de Escavação de Pintura Mural. Évora – Rua da Alcarcova de Cima.
		SRAS Caetano de Mello Beirão	1983	Trabalhos Arqueológicos na Rua de Burgos n.º5
S 21236	Rua de Burgos, n.º 6	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Ana Mª D. S. Gonçalves Mª Cidália Gonçalves Matos	2007	Acompanhamento Arqueológico de Obra Ampliação do Estabelecimento de Restauração Rua de Burgos nº 6 e 8

		Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Vítor Cordeiro de Sousa	2005	Relatório do Trabalho Desenvolvido Acompanhamento Arqueológico de Obra Rua de Burgos, n.º6 (contem anexos)
S 34118	Rua de Machede, 23	Frederico C. N. Carvalho	2012	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico – Rua de Machede, nº 23
S 32116	Rua do Colégio / Rua da Freiria de Cima	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Gerardo A. Vidal Gonçalves	2009	Relatório Final. Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Ampliação de Condutas de Fibra Óptica. Rua do Colégio e Rua da Freiria de Cima, Évora
S 22056	Rua do Menino Jesus e Largo Luís de Camões.	ERA (Arqueologia, S.A.) Maria João Santos Arez	2005	Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos (405.05) Implantação de infraestruturas para operador NOVIS (contem anexos)
S 17156	Salão Central Eborense	Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora Carmen Balesteros Jorge de Oliveira	2002	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos – Sondagens Prévias
S 04195 1994/1(130)	Termas Romanas (2 vols) Volume II	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana José Gomes Dias	2007	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos Escavação Arqueológica Paços do Concelho – Banhos Públicos Romanos
		Panagiotis Sarantopolus	2001	3º Relatório de Progresso (2000)
	Volume I	Panagiotis Sarantopolus Mário Reis	2000	2º Relatório de Progresso Intervenção arqueológica nas Termas Romanas de Évora (1999)
			1999	1º Relatório de Progresso Intervenção arqueológica nas Termas Romanas de Évora (1998)
			1995	Relatório dos Trabalhos Intervenção Arqueológica (1994) Pátio dos Paços do Concelho de Évora (contem anexos)
		CME Panagiotis Sarantopolus	1992	Relatório da Intervenção Arqueológica nas termas romanas nos Paços do Concelho de Évora (1990-91)
		IPPC (Instituto Português do Património Cultural) Virgílio Hipólito Correia	1989	Relatório das Escavações
			1987	Relatório sobre a sondagem preliminar na sala abobadada da CME
2000/1(429)	Praça do Sertório	Palimpsesto (Estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Eduardo Porfírio Miguel Costa	2012	Recuperação da Igreja do Salvador e Instalação do Fundo Arquivístico da Diocese de Évora
		Ana Teresa Medeiros de Almeida Lotte Verena Plag Desenhos: António Bairinhas	2003	Relatório Final. Acompanhamento arqueológico (Agosto e Setembro 2003) Praça de Sertório
		Jorge de Oliveira Carmen Balesteros	2002	Relatório da Intervenção Arqueológica da Rua de Olivença/ Praça do Sertório em Évora (Nota: todos os registos gráficos e fotográficos foram depositados no Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora à guarda de Carmen Ballesteros)

		CME Panagiotis Sarantopoulos Desenhos: António Bairinhas	2000	Relatório da Intervenção realizado na Praça do Sertório
S 7387	**Cerca do Convento de Santa Mónica** **(2 volumes)** **Vol. II**	**ERA** (Arqueologia, S.A.) Inês Mendes da Silva Manuela Dias Coelho	2006	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos Acompanhamento Arqueológico. Cerca de Santa Mónica (contem anexos)
		Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Iola Filipe Sandra C. Brazuna Lopes	2005	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico na área do refolgo de Alqueva
	Vol. I	**Arkhaios** (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Carlos Miguel Martinho Félix Teichner	2002	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos Dezembro 2001/ Janeiro de 2002 Cerca de Santa Mónica (contem anexos)
		Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Ana Mª D. S. Gonçalves Mª Conceição Vitoriano Maia	1991	Relatório dos Trabalhos realizados Intervenção Arqueológica na Cerca do Convento de Santa Mónica. Centro histórico de Évora
S 15767	**Antiga Igreja de São Pedro**	Panagiotis Sarantopolus Teresa Ricou Mª Teresa M. Fernandes	1999	Relatório Intervenção Arqueológica de Emergência na Antiga Igreja de São Pedro (Pátio Salema)
S 17994	**Antigo Palácio dos Sepúlvedas** **(2 volumes)** **Vol II**	**Arkhaios** (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Sara Oliveira Almeida Mª Elisa Puch Ramirez	2005	Relatório Final da Intervenção Arqueológica realizada no âmbito da obra de remodelação do espaço com vista a adaptação ao futuro hotel Quinta Palácio Intervenção Arqueológica no antigo palácio dos Sepúlvedas (2ª a 5ª fases) Rua Cândido dos Reis (Antiga Rua da Alagoa), n.º 72 a 78 - Évora
	Vol I	**Arkhaios** (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Sara Oliveira Almeida Ana Mª D. S. Gonçalves	2002	Relatório final do Trabalho Desenvolvido Realização de Sondagens Arqueológicas no Antigo Palácio dos Sepúlvedas, Évora (Futuro Hotel Quinta-Palácio)
S 16841 **2000/1(027)**	**Convento de São Domingos** **(3 volumes)** **VolI**	**Arkhaios** (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Cláudia M. M. Lemos Felix Teichner Ana Mª D. S. Gonçalves	2002 Abril	Relatório final do Trabalho Desenvolvido Intervenção Arqueológica na Praça Joaquim António de Aguiar, n.º 12 a 14ª. Convento de S. Domingos (2 vols)
		Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Cláudia M. M. Lemos Ana Mª D. S. Gonçalves	2001 Set	Relatório Preliminar. Intervenção arqueológica no Convento de S. Domingos, Praça Joaquim António de Aguiar nºs 12 a 14. Évora

	Vol I	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Ana Mª D. S. Gonçalves Felix Teichner Cláudia Umbelino	2001 Abril	Relatório Final do trabalho Desenvolvido Intervenção Arqueológica na Praça Joaquim António de Aguiar, n.º 12 a 14 A. Convento de S. Domingos (2 vols)
S 32996 2001/1(707)	Travessa do Açacal nº2	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vitoriano Maia	2011	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Projecto de Reconstrução de um Imóvel na Travessa do Açacal, n.º 2, Évora
S 11308	Arco Romano de Dona Isabel			
S 7079 85/037A	Câmaras	Jorge de Oliveira	1985	Levantamento Arqueológico do Concelho de Évora
S 7161 85/037A	Quinta da Calada	Jorge de Oliveira	1985	Levantamento Arqueológico do Concelho de Évora
S 14358 1987/1(169)	Igreja de São Manços	IPPC Mª Teresa M. Fernandes Virgílio Hipólito Correia	1988	Intervenção Arqueológica no interior da Igreja de São Manços
2002/1(476)	Convento do Espinheiro	Hipocausto (Gabinete de prestação de serviços, Lda) Cláudia M. M. Lemos	2004 Ago	Relatório final dos Trabalhos desenvolvidos Intervenção Arqueológica. Convento do Espinheiro, Évora
2003/1(269)	Largo de Santa Catarina	(não tem empresa) Lotte Verena Plag	2003 Out	Relatório Final. Acompanhamento Arqueológico. Projecto de colocação de Telecomunicações – BPI. Largo de Santa Catarina
2004/1(412)	Rua Amas do Cardeal	Gerardo A. Vidal Gonçalves		
2000/1(487)	Rua das Alcaçarias	(não tem nenhum relatório, só pedidos) Panagiotis Sarantopoulos		
2003/1(267) Cota anterior 2000/1(741)	Rua Elias Garcia	(não tem nenhum relatório, só pedidos) Rui Boaventura		
2003/1(268) Cota anterior 2000/1(741)	Urbanização da Horta da Porta	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Sara Oliveira Almeida	2002 Abr	Relatório Final do Trabalho Desenvolvido. Acompanhamento Arqueológico de Obra. Loteamento da Horta da Porta - Évora
2005/1(060)	Rua da Republica	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Mª Elisa Puch Ramirez Mª Cidália Gonçalves Matos	2005 Abr	Relatório Final do trabalho Desenvolvido. Realização de Intervenção Arqueológica no âmbito da Ampliação de Espaço Comercial. Optica Havaneza Eborense – Francisco Mendes Bolas, Lda. Rua da Republica, nº 27 a 41
2004/1(708)	Rua do Raimundo/ Travessa dos Fusos	Miguel Filipe Correia		
2003/1(685) Cota anterior	Praça 1º de Maio	CME Carlos Costa	2003 Jun Set	Relatório Final. Execução, reposição e reparação dos sistemas de saneamento básico da cidade de Évora Zona envolvente do Mercado 1º de Maio
		Jorge de Oliveira	2001	Relatório Preliminar. Praça 1º de Maio. Mercado dos Legumes (2 de Agosto a 4 de Setembro

2003/1(741)		Carmen Balesteros Gerardo A. Vidal Gonçalves		de 2001)
		Jorge de Oliveira Carmen Balesteros Gerardo A. Vidal Gonçalves	2001	Relatório Preliminar. Praça 1º de Maio. Mercado dos Legumes/ Peixe (Janeiro a Junho de 2001)
		Jorge de Oliveira Carmen Balesteros João Parreira	2001	Relatório de Acompanhamento Arqueológico de Obra. Posto de Transformação Eléctrica – Praça 1º de Maio Janeiro/ Fevereiro de 2001
		Jorge de Oliveira Carmen Balesteros	2000	Relatório de Sondagem Arqueológica. Mercado do Peixe
		Nuno Ribeiro Lopes (arquitecto)	1999	Memória descritiva do Projecto de Remodelação do Mercado 1º de Maio (Programa Procom)
2000/1(741)	Centro Histórico de Évora CHE (2 volumes)	CME Processo n.º 77-45 (Fase 3)	1979	Plano Geral de urbanização Cidade Intramuros – Centro histórico Evolução Histórica – cidade romana
		Rui Jorge Zacarias Parreira	1988	Relatório sucinto das Actividades Arqueológicas desenvolvidas na área do Centro Histórico de Évora durante o ano de 1987
2000/1(598)	Infra-estruturas da Cidade de Évora (4 volumes)			
	Volume I	I-1 ARPA (Arqueologia Património LDA) Tânia Manuel Casimiro Cláudia Carvalho (arpa.arqueologia@gmail.com)	2009 Abril	Relatório de Acompanhamento Arqueológico Rua de Machede, Av. João de Deus e Rua Augusto Eduardo Neves
		I-2 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vieira Roque Carla Isabel Magro Dias	2008 Out	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Rede Subterrânea Iluminação Pública na Rua das Donzelas, Évora
		I-3 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vieira Roque Carla Isabel Magro Dias	2008 Out	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Desvios de cabos a instalar no Hotel da Lagoa, Évora
		I-4 Palimpsesto (Estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Márcia Isabel Madeira Diogo	2008 Agos	Relatório Final dos Trabalhos de acompanhamento Arqueológico realizados no âmbito do projecto "Rede de Distribuição Secundária de Gás Natural da Cidade de Évora. Abastecimento à Rua do Muro e Travessa do Manuelino
		I-5 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Carla Isabel Magro Dias	2008 Julho	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico. Rua da Rampa/ Rua de Cicioso, Évora. Projecto de Instalação de Condutas de Fibra Óptica – PT Comunicações
		I-6	2008	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos.

		Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana José Gomes Dias Mário Rodrigues Carvalho	Març	Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Ampliação de Condutas de Rede de Telecomunicações na Travessa da Alegria, Évora.
		I-7 **Arkeo Habilis** (Arqueologia e Paisagem, Lda) Carla Isabel Magro Dias	2005 Dez	Relatório de Acompanhamento Arqueológico. Rede de Telecomunicações da ONI da Cidade de Évora, Rede Primária no Largo Alexandre Herculano, Rua Dona Isabel e Rua do Menino Jesus.
		I-8 **Arkhaios** (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Ana Gonçalves Mª Conceição Vitoriano Maia	2001 Jun	Relatório Final do trabalho desenvolvido. Acompanhamento Arqueológico de obra. Abertura de Vala para Instalações de Condutas e Águas Pluviais, Rua de S. Cristóvão
	Volume II	**II-1** Sara Cambeta João Parreira	2009	Relatório de trabalhos arqueológicos. Plano de minimização de Impactes sobre o Património arqueológico nos trabalhos de "Iluminação Pública (Avenida D. Nuno Alvares Pereira – Avenida Cidade de Lisboa)
		II-2 **Arkeo Habilis** (Arqueologia e Paisagem, Lda) Gerardo A. Vidal Gonçalves Mª Conceição Vitoriano Maia Frederico Carvalho	2009 Maio	Relatório de Trabalhos Arqueológicos Rua de Sta Clara - Évora
		II-3 **Iberia Archae** Arqueologia e Conservação, Lda Ulrico Galanda Francisco Baião Sónia Ferro	2009	Relatório de trabalhos arqueológicos. Redes de Baixa tensão, Centro Histórico, Freiria
		II-4 **Palimpsesto** (estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Gonçalo Moreira Miguel Serra	2009	Relatório Final Projecto: Museu e Évora – Execução de ramal de abastecimento de gás ao edifício do museu
		II-5 **Palimpsesto** (estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Gonçalo Moreira Miguel Serra	2009 Junh	Relatório Preliminar. Projecto: Museu de Évora – Execução de Ramal de Abastecimento de Gás ao edifício do Museu
		II-6 F. E. Rodrigues Ferreira Conceição Machado	2009 Junh	Acompanhamento dos trabalhos de Colocação de cabo optico na Rua do Mercado Abastecedor da Região de Évora
		II-7 **Arkeo Habilis** (Arqueologia e Paisagem, Lda)	2009 Maio	Relatório Final e Trabalhos Arqueológicos Acompanhamento Arqueológico Projecto de Rede de Telecomunicações no edifício do Ministério da Educação, Rua dos

		Carla Isabel Magro Dias Mª Conceição Vitoriano Maia		Penedos - Évora
		II-8 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Carla Isabel Magro Dias Mª Conceição Vitoriano Maia	2009 Maio	Relatório de Acompanhamento Arqueológico. Projecto de Instalação da Rede de Fibra optica, Rua Ferregial do Poço Novo.
	Volume III	III-1 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vitoriano Maia	2011 Junh	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Travessa de Manga-Laça, Évora
		III-2 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vitoriano Maia	2011 Maio	Projecto de Instalação de Condutas de Fibra Optica. Rua de Valdevinos, Rua de S. Manços, Travessa S. Joãozinho e Largo da Misericórdia, Évora
		III-3 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vitoriano Maia	2011 Maio	Acompanhamento Arqueológico Projecto de instalação da Rede de Fibra Óptica, Av. D. Manuel Trindade Salgueiro, Évora
		III-4 ERA (Arqueologia, S.A.) Inês Mendes da Silva Lina Maltez	2010	Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos Travessa das Casas Pintadas, Évora Empreitada de Construção de Rede de Fibra Óptica
		III-5 Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Luís Carlos B. Vieira Pinto Mª Cidália Gonçalves Matos	2010 Out	Relatório Final. Realização de Acompanhamento Arqueológico de Obra. Execução de Conduta de Rede de Abastecimento de Água Av. Infante D. Henrique, Évora
		III-6 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vitoriano Maia	2010 Dez	Relatório Trabalhos Arqueológicos Rua Romão Ramalho, Évora
		III-7 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vitoriano Maia	2012 Out	Relatório Final de trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico. Projecto de rede de Telecomunicações. Rua dos Penedos, Évora
	Volume IV	IV-1 Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Mª Conceição Vitoriano Maia	2013 Jan	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Rua Bernardo de Matos, Évora
		IV-2 ERA (Arqueologia, S.A.) Mª João Jacinto	2012	Relatório Final dos trabalhos Arqueológicos. Telecomunicações Évora (Av. Sanches Miranda)
		IV-3	2012	Relatório Final dos trabalhos Arqueológicos.

		ERA (Arqueologia, S.A.) Mª João Jacinto		Telecomunicações Évora (Rua Soldado Joaquim Leão)
		IV-4 Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Luís Carlos B. Vieira Pinto	2011	Realização de Acompanhamento Arqueológico de Obra. Abertura de Valas para Implementação de Infra-Estruturas de Água e Esgotos, em Espaço Comercial sita na Rua João de Deus nº 84-86, em Évora
		IV-5 Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Luís Carlos B. Vieira Pinto	2011	Realização de Acompanhamento Arqueológico de Obra. Implementação de Infra-estruturas de Telecomunicações para a Direcção Regional de Saúde do Alentejo nos seguintes arruamentos em Évora: - Rua Dr. Augusto Nunes, entre o nº 19 e nº 37; Travessa do Açafal, entre o nº1 e nº19; Largo dos Castelos; Rua do Cicioso, entre o nº 18 e nº 32, Rua da Rampa.
2003/1(270) **Cota anterior** **2000/1(741)**	Requalificação do Centro Histórico de Évora	CME Cláudia M. M. Lemos	2003 Jan Mar	Relatório final dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Largo Luís de Camões, Rua J. Elias Garcia e Rua Alcárcova de Baixo
		Universidade de Évora Jorge de Oliveira Carmen Balesteros João Parreira	2001	Relatório Preliminar de acompanhamento de obra e intervenção arqueológica na Praça do Giraldo e Rua João de Deus em Évora
2003/1(681) **(S 21328)**	Remodelação do sistema de deposição e recolha dos resíduos sólidos do CHE	Cláudia M. M. Lemos Carla Maricato Pedro Almeida - Desenhos: Mª Conceição Vitoriano Maia	2005	Relatório Final. Intervenções arqueológicas no Centro Histórico de Évora. Programa de remodelação do sistema de deposição e recolha dos resíduos sólidos urbanos
S 16225	Sé de Évora	Ricardo Gaidão Costa	2008	Colégio dos Moços do Coro da Sé de Évora Relatório de Progresso (?) 1ª fase
		Omniknos (Arqueologia, Valorização do património e da Cultura Lda.) Susana José Gomes Dias Ricardo Gaidão Costa	2009 Abril	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Requalificação do Colégio dos Moços do Coro da Sé de Évora.
		Mª Elisa Puch Ramirez Cláudia Nobre Félix Teichner Ana Mª D. S. Gonçalves	2003 Nov	Relatório Final do trabalho Realizado no âmbito da Obra de restauro do Pavimento do Claustro e Remodelação das Instalações Sanitárias da Sé de Évora.
2011/1(131)	Palácio da Inquisição/ Casas Pintadas	ERA (Arqueologia, S.A.) Marina Ordaz Paiva Pinto Duarte Charneca Abêbora Inês Sofia Rosado Simão	2011	Acompanhamento e Escavação arqueológica da obra de reabilitação do conjunto edificado do palácio da inquisição/ Casas Pintadas e do conjunto do Pateo de S. Miguel
S 11472 **Cota anterior** **1996/1(90)**	Sinagoga Medieval de Évora	Carmen Balesteros Jorge de Oliveira	1997	Relatório de Escavação Sinagoga Medieval - Évora

S 06333	Praça do Giraldo n.º 36	IPPC (Instituto Português do Património Cultural) Virgílio Hipólito Correia	1989	Relatório Intervenção Arqueológica de emergência. Ed. Banco português do Atlântico (Praça do Giraldo 36)
		Catarina Ferrer Dias Viegas	1991	Relatório de Trabalhos. Intervenção Arqueológica no n.º 56 da Praça do Giraldo
S 16155 Cota anterior 1996/1(203)	Quarteirão da Rua da Fabrica da Cera Rua do Calvário e Travessa dos Lagares (Centro Histórico de Évora)	Panagiotis Sarantopolus	1997	Relatório Preliminar
S 16900 Cota Anterior 2000/1(741)	Rua Diogo Cão	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana José Gomes Dias Mª Conceição Vitoriano Maia	2006	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos, escavações Arqueológicas – Pátio de Salema, Arquivo Fotográfico, Camara Municipal de Évora, Rua Diogo Cão n.º 19
		Jorge de Oliveira Carmen Balesteros	2001	Relatório de Acompanhamento de obra e intervenção arqueológica na Rua de Diogo Cão em Évora
2007/1(487)	Jardim das Casas Pintadas	Crivarque Ana Filipa Gonçalo Lopes		Sondagens no Jardim das Casas Pintadas
2008/1(768)	CAE	Mário Rodrigues Carvalho		
2000/1(074)	PNTA/2000 Património Arqueológico de Évora			
S 34302	Largo de Machede Velho, n. 10	ArkeoHabilis Mª Conceição Vitoriano Maia	2013 Março	Largo de Machede Velho n.8 e n.10
			2012 Junho	Pedido de Autorização. Plano de trabalhos arqueológicos
2000/1(562)	Rua João de deus e Rua das Galvoas			(*Na resposta ao pedido de viabilidade para os prédios na Rua João de Deus, 29 e 35 e Rua das Galvoas 2 a 8 – Arquitecto JP Cardoso Associados, Lda., é solicitada a realização de sondagens arqueológicas*.)
2007/1(028)	Edifício da Câmara Municipal de Évora	ArkeoHabilis Susana José Gomes Dias	2007	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos – Escavação Arqueológica Paços do Concelho – Banhos Públicos Romanos
S 22261	Convento de Nossa Senhora dos Remédios	Hipocausto (Gabinete de prestação de serviços, Lda) Susana José Gomes Dias Mª Conceição Vitoriano Maia	2005 Nov	Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Beneficiação e restauro do Convento de Nossa Senhora dos Remédios
		ArqueoHabilis Susana José Gomes Dias Mª Conceição Vitoriano Maia	2006 Junho	Trabalhos Arqueológicos na igreja do Convento de Nossa Senhora dos Remédios, Évora. Abertura de Valas para Instalação de infraestruturas subterrâneas. Sondagem arqueológica
		Hipocausto (Gabinete de prestação de serviços, Lda) Susana José Gomes Dias Mª Conceição Vitoriano Maia	2006 Nov	Relatório Final. Projecto de Beneficiação e Restauro do Espaço Conventual. Escavação Arqueológica da Sala do Capitulo do Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora
2005/1(168)	Rua de Aviz	Carlos Batata	2005	Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico e Escavação na Rua de Aviz, n.º 91

			Ago	
		ArqueoHabilis Mª Conceição Vitoriano Maia	2012 Jan	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Sondagens de Diagnostico. Rua de Avis 166A
		ArqueoHabilis Mª Conceição Vitoriano Maia	2013 Julho	Relatório Final de trabalhos Arqueológicos Rua de Avis n. 160-164
S 16361 Cota Anterior 2000/1(741)	Rua Cândido dos Reis	Ocrimira Miguel Filipe Correia	2002 Março	Rua Cândido dos Reis. Acompanhamento Arqueológico
2003/1(027)	Acompanhamento arqueológico ao arranjo dos espaços exteriores às muralhas de Évora, entre as Portas do Raimundo e as de Alconchel	João Carlos Lázaro Faria	2005	Acompanhamento Arqueológico ao Arranjo paisagístico entre as Portas do Raimundo e de Alconchel. Relatório Final
		João Carlos Lázaro Faria	2004	Acompanhamento Arqueológico Remodelação da Rede de Colectores de Esgotos – Évora/ 2003. Relatório Final
1999/1(803)	Plano Director Municipal de Évora (PDM Évora) (6 volumes)			
	Vol II	António Carlos Silva	2000	Revisão do Plano Director Municipal de Évora
	Vol III		2001 Nov	Revisão do Plano Director Municipal do Concelho de Évora Valores Patrimoniais – Inventário do Património Imóvel, organizado por áreas;
2009/1(635)	Rua da Corredoura	ARPA (Arqueologia Património LDA) Telmo A. Pinheiro da Silva	2009	Pedido de Autorização Acompanhamento arqueológico da obra "Rua da Corredoura", n.º 8, Évora
2009/1(674)	Rua Mendo Estevens	ArkeoHabilis (Arqueologia e Paisagem, Lda Mª Conceição Vieira Roque	2009	Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico. Projecto de Remodelação. Rua Mendo Estevens, n. 37
2013/1(180)	Rua da Graça	ArkeoHabilis (Arqueologia e Paisagem, Lda Mª Conceição Vitoriano Maia	2013 Jun	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos Rua da Graça n. 23
1999/1(801)	Centro das Artes Tradicionais - Antigo Museu do Artesanato - Edifício Celeiro Comum	Palimpsesto (estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Jorge Freire	2004	Pedido de Autorização
2006/1(088)	Prospecção Intensiva em torno da área de São Manços	Fernando Pereira dos Santos Pedro Cardoso de Carvalho	2005	Prospecção Intensiva em torno de S. Manços. Relatório Final
2006/1(289)	EIA - Programa POLIS	ArkeoHabilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana José Gomes Dias	2007	Acompanhamento Arqueológico de Arranjo Paisagístico dos Espaços Exteriores às muralhas de Évora 2ª Fase Programa POLIS: Porta de Alconchel à Porta da Lagoa
S 12850	Pátio dos Cominhos	Ozecarus (Serviços Arqueológicos, Lda) Carlos Batata	2004	Relatório Final de Acompanhamento arqueológico de reconstrução/ Remodelação de Habitações no Pátio dos Cominhos, Évora
S 16168	Rossio de São Brás	Jorge de Oliveira Miguel Filipe Correia	2001	Relatório de Trabalhos Arqueológicos na Fonte e Tanque do Rossio de S. Brás de Évora

S 35091	Travessa das Casas Pintadas	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda) Ana Mª D. S. Gonçalves	2014	Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico de Obra do Alpendre das Casas Pintadas

Relatórios que não constam ainda no Inventário da DGPC

N/A	Portas da Lagoa – Tapada do Ramalho	ERA (Arqueologia, S.A.) Gerardo A. Vidal Gonçalves	2008	Relatório dos trabalhos Arqueológicos Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico no empreendimento "Rede de média tensão subterrânea"

		Panagiotis Sarantopoulos Miguel Filipe Correia Cláudia M. M. Lemos	Dez 2003	Relatório de Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Praça do Sertório/ Rua Vasco da Gama

Relatórios existentes na CME, Évora (que não constam na DGPC)

CNS.	*Título do Sítio*	*Responsável*	*Ano*	*Título do Relatório*
N/A Caixa 1	-	Palimpsesto (Estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Fernando Pereiras dos Santos	2010	Implantação da Rede de Distribuição Secundária de Gás Natural na Cidade de Évora – Abastecimento à Travessa dos Beguinos, Travessa da Milheira, R. da Cal Branca
N/A Caixa 1	-	Jorge de Oliveira Carmen Balesteros	?	Relatório. Praça de Sertório
N/A Caixa 1	-	Palimpsesto (Estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Eduardo Porfírio Rui Clemente	2011	Requalificação de Espaços no Palácio do Barrocal - Évora
N/A Caixa 1	-	Cronos (Arqueologia conservação, Lda) Panagiotis Sarantopoulos Mário Reis	1999	Sondagens Arqueológicas nas Termas Romanas de Évora
N/A Caixa 1	-	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana Dias Conceição Maia	2006	Trabalhos Arqueológicos no Convento de Santa Helena do Monte Calvário, Évora Acompanhamento Arqueológico da Abertura de Valas para Iluminação e Sondagem de Diagnóstico
N/A Caixa 1	-	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) João Carlos Faria Conceição Maia	2006	Relatório Final de trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico dos Arranjos Exteriores à igreja Mariz de S. Manços, concelhos de Évora
N/A Caixa 1	-	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana Dias	2007	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Saneamento e Drenagens da Urbanização da Cerca de S. Domingos, Évora
N/A Caixa 1	-	João Faria Frederico Carvalho	2003	Relatório do Acompanhamento Arqueológico à Remodelação da rede de Colectores
N/A Caixa 1	-	Omniknos (Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda) José Miguel da Costa Rodrigues Ricardo Gaidão	2008	Nota Preliminar - Acompanhamento Arqueológico das obras de reabilitação do Colégio dos Meninos do Coro da Sé.
N/A Caixa 1	-	Arkhaios (Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda)	1996	Classificação do espólio cerâmico proveniente da intervenção arqueológica no Templo Romano de Évora em 1996

		Felix Teichner		
N/A Caixa 1	-	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Carla Magro Dias	2007	Relatório Preliminar da Escavação Arqueológica do Jardim Público de Évora
N/A Caixa 1	-			

N/A Caixa 2	-	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Carla Magro Dias	2008	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Jardim Público e Mata de Évora
N/A Caixa 2	-	Arque.Hoje (Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda) Helena Barranhão	2013	Conservação da pedra do Adro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo - Évora
N/A Caixa 2	-	Palimpsesto (Estudo e preservação do Património Cultural, Lda) João Nunes	2012	Construção da Rede de Distribuição de Gás Natural na cidade de Évora – Largo das Alterações
N/A Caixa 2	-	ArchBiz (Arqueologia Empresarial) Raquel Policarpo	2011	Modernização do Edifício de Passageiros e Interface da Estação de Évora. Acompanhamento Arqueológico de Obra. Relatório Mensal de Progresso n.º 1 ao 5
N/A Caixa 2	-	Laboratório de Antropologia Biológica Departamento de Biologia. Universidade de Évora Teresa Matos Fernandes	2002	Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Praça do Geraldo, sondagem Nazareth (Évora)
N/A Caixa 2	-	Laboratório de Antropologia Biológica Departamento de Biologia. Universidade de Évora Teresa Matos Fernandes	2002	Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Porta de Moura e Rua Miguel Bombarda (Évora)
N/A Caixa 2	-	Laboratório de Antropologia Biológica Departamento de Biologia. Universidade de Évora Teresa Matos Fernandes	2002	Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na praça do Geraldo – Sondagem Santo Antão
N/A Caixa 2	-	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Gerardo Vidal Gonçalves Conceição Maia	2010	Relatório Final. Acompanhamento Arqueológico do Projecto Beneficiação da EM 526, entre a EN 254 e N. Sr.ª de Machede
N/A Caixa 2	-	Palimpsesto (Estudo e preservação do Património Cultural, Lda)	2007	Relatório Final da Intervenção Arqueológica realizada no âmbito do Projecto "Implantação da Rede de Distribuição Secundária de Gás Natural na Cidade de Évora: Hotel Da Cartuxa/ Rua do Raimundo

N/A Caixa 2	-	**Hipocausto** (Gabinete de prestação de serviços, Lda) Elena Móran Ana Gonçalves Felix Teichner	1998	Realização de Sondagens Arqueológicas. Termas Romanas de Évora. Relatório do trabalho desenvolvido
N/A Caixa 2	-			

N/A Caixa 3	-	**Arkeo Habilis** (Arqueologia e Paisagem, Lda) Susana Dias Conceição Maia	2007	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Acompanhamento Arqueológico. Projecto de Reconstrução de Atelier de Arquitectura
N/A Caixa 3	-	**Neoépica** (Arqueologia e património) Raquel Marina G. Santos	2008	Relatório de Acompanhamento arqueológico na Rua do Muro, 2 a 6, Évora
N/A Caixa 3	-	**Palimpsesto** (Estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Carla Alegria Ribeiro	2009	Relatório Final da Intervenção Arqueológica realizada no âmbito do Projecto "Implantação da rede de Distribuição Secundária de Gás Natural na Cidade de Évora: Rua Romão Ramalho/ Travessa do Soares
N/A Caixa 3	-	**Universidade de Évora** **Câmara Municipal**	1998	Relatório de Progresso. Caracterização Petrográfica dos Monumentos Romanos de Évora
N/A Caixa 3	-	**Mário Rodrigues Ferreira**		Relatório intercalar da Implantação Arqueológica e Geológica do Aqueduto da Água de Prata entre Évora e Graça de Divor
N/A Caixa 3	-			

N/A Caixa 4	-	**IPM** Ana Gonçalves	1998	Catálogo Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. Centro Histórico de Évora, 1996 e 1997. Perspectivas de Musealização.
N/A Caixa 4	-			

N/A Caixa 5	-	**ArchBiz** (Arqueologia Empresarial)	2011	EM 254-1 ao Km 11-700, Pontão do Sobral. Dossier de Ambiente.

		Raquel Policarpo Inês Ribeiro		
N/A Caixa 5	-	Palimpsesto (Estudo e preservação do Património Cultural, Lda) Miguel Serra Eduardo Porfirio	2003	Relatório de Avaliação de Impactos patrimoniais da 2ª Fase da rede de Distribuição Secundária de Gás natural da Cidade de Évora
N/A Caixa 5	-	Carla Alves Fernandes Cristóvão Pimentel Fonseca	2002	Relatório de Caracterização do Descritos Património Alterações de traçado e Alargamento da Infra-estrutura Viária E. N. 256 variante à Vendinha e Ponte do Albardão
N/A Caixa 5	-	Iberia Archae (Arqueologia e Conservação, Lda) Francisco Baião	2013	Relatório de caracterização de situação de referência. Reabilitação do Pontão do Sobral. EM 254-1, ao Km 11+700. Azaruja
N/A Caixa 5	E4, ref. 1 e 2	Teresa Ricou	1998	Termas Romanas de Evora – Estudo de alguns materiais
N/A Caixa 5	-	?	1999	Termas Romanas de Évora. Paços do Concelho Estudo Estrutural. Memória Descritiva
N/A Caixa 5	-	José Carlos da Costa Quaresma	1999	Estudo do segundo Lote de Cerâmicas provenientes das escavações das termas romanas e do Templo Romano de Évora
N/A Caixa 5	-	Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Nuno Domingos		TRE-CI termas Romanas de Évora. Centro de Interpretação (trabalho desenvolvido no âmbito do mestrado em Praticas Culturais para Municípios)

N/A Caixa 6	-	Cláudia Lemos Carla Maricato Pedro Almeida - Desenhos: Maria da Conceição V. Maia	2005	Relatório Final. Intervenções arqueológicas no Centro Histórico de Évora. Programa de remodelação do sistema de deposição e recolha dos resíduos sólidos urbanos.
N/A Caixa 6	-	Arqueonova (Associação de Arqueologia e defesa do património) Panagiotis Sarantopoulos Luís Campos Paulo	2000	Relatório preliminar de Escavação. Intervenção arqueológica de emergência na Travessa das Casas Pintadas (Évora)

		Elisabete Barradas		
N/A Caixa 6	-	?	1999	Acompanhamento Arqueológico. Construção do Centro de Estudos da Avifauna Ibérica.
N/A Caixa 6	-	?	1999	Acompanhamento Arqueológico na modelação do terreno no loteamento da 'Casinha Norte'. Évora
N/A Caixa 6	-	Cronos (Arqueologia conservação, Lda) Emílio Ambrona	1998	Relatório preliminar. Sondagens Arqueológicas na rua de Olivença
N/A Caixa 6	-	Panagiotis Sarantopoulos	1997	Relatório. Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico no âmbito de Remodelação da Rua Conde da Serra da Tourega
N/A Caixa 6	-	CME Divisão Cultural e Desportiva (Arqueologia) Panagiotis Sarantopoulos Armando Guerreiro Conceição Roque Helena Ramalhinho Arimateia	1996	Relatório da prospecção arqueológica realizada na área a afectar pela construção do mercado abastecedor da região de Évora MARÉ
N/A Caixa 6	-			

Relatórios escavação existentes no Convento dos Remédios, Évora (que não constam na DGPC)

CNS.	*Título do Sítio*	*Responsável*	*Ano*	*Título do Relatório*
N/A	-	CME Panagiotis Sarantopoulos Antonio Bairinhas	2000	Acompanhamento Arqueológico no Imóvel da Rua das Alcaçarias n.º 45/11
N/A	-	Antonio Bairinhas (Desenhos)	?	Intervenção Arqueológica de Emergência na Travessa das Casas Pintadas
N/A	-	Panagiotis Sarantopoulos	2002	Arquitectura Pública de Ebora Liberalitas Iulia 4º Relatório de Progresso (2001)
N/A	-	Pedro Fialho de Sousa	1991	Relatório Preliminar Campanha de prospecção histórico-arqueológica no Templo Romano de Évora – Agosto/ Setembro 1991
N/A	-		1999	Praça do Sertório
N/A	-	CME Panagiotis Sarantopoulos Antonio Bairinhas	2003 Dez	Sondagem Arqueológica. Relatório Final Acompanhamento Arqueológico na Implantação de uma estátua. Fundação Eugénio d'Almeida
N/A	-	CME Panagiotis Sarantopoulos	1998 2000	Termas Originais de Campo
N/A	-	Theodor Hauschild Panagiotis Sarantopoulos	1991 1997	Fórum Originais de Campo

Relatórios existentes na Direcção Regional de Cultura do Alentejo, Évora (que não constam na DGPC)

CNS.	*Título do Sítio*	*Responsável*	*Ano*	*Título do Relatório*
	-	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Conceição Maia	2013 Set	Acompanhamento Arqueológico Infraestruturas B&B Hotel. Rua do Raimundo, Évora
	-	Arkeo Habilis (Arqueologia e Paisagem, Lda) Conceição Maia	2012 Jan	Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Sondagens de Diagnóstico. Rua de Avis 166 A, Évora
	2.00.001.LOC.5	Rui Parreira Colaboração: Ana Gonçalves, Cristina Calais	1989-1999	Casa de Burgos Originais de Campo

Relatórios existentes na Fundação Eugénio de Almeida, Évora (que não constam na DGPC)

CNS.	*Título do Sítio*	*Responsável*	*Ano*	*Título do Relatório*
		Aurora Carapinha Paula Simões	2008 Set	O Horto do Paço dos Henriques – Casas Pintadas- (51 paginas)
		Laboratório de Antropologia Biológica. Universidade de Évora Catarina Costa Fernando Faria Teresa Fernandes	2009 Fev	Murmúrios da Inquisição Relatório Antropológico. Casas Pintadas – Palácio da Inquisição (26 páginas + Anexos)
		Gonçalo Lopes	2010 Set	Estudo Preliminar da Galeria das "Casas Pintadas"
		CRIVARQUE (Estudos de Impacto e Trabalhos Geo-arqueológicos, Lda) Ana Filipa Rodrigues Gonçalo Lopes	2007 Nov	Requalificação do jardim das casas Pintadas (Évora) Informação Preliminar
		CRIVARQUE (Estudos de Impacto e Trabalhos Geo-arqueológicos, Lda) Ana Filipa Rodrigues Gonçalo Lopes	2009 Jun	Jardim das casas Pintadas. Sondagens Arqueológicas Relatório Final
Dossier		ERA (Arqueologia, S.A.)	2011	Memorando dos Trabalhos Arqueológicos. Fundação Eugénio d'Almeida Trabalhos Arqueológicos no Palácio da Inquisição/ Pátio de S. Miguel, Évora
Dossier		ERA (Arqueologia, S.A.)	2011	Memorando II dos Trabalhos Arqueológicos. Fundação Eugénio d'Almeida Trabalhos Arqueológicos no Palácio da Inquisição/ Pátio de S. Miguel, Évora
Dossier		ERA (Arqueologia, S.A.)	2011	Memorando III dos Trabalhos Arqueológicos. Fundação Eugénio d'Almeida Trabalhos Arqueológicos no Palácio da Inquisição/ Pátio de S. Miguel, Évora
Dossier		ERA (Arqueologia, S.A.)	2011	Memorando IV dos Trabalhos Arqueológicos. Fundação Eugénio d'Almeida Trabalhos Arqueológicos no Palácio da Inquisição/ Pátio de S. Miguel, Évora
Dossier		ERA (Arqueologia, S.A.)	2011	Memorando V dos Trabalhos Arqueológicos. Fundação Eugénio d'Almeida Trabalhos Arqueológicos no Palácio da Inquisição/ Pátio de S. Miguel, Évora

Dossier	(Versão I)	ERA (Arqueologia, S.A.) Miguel Lago da Silva Marina Paiva Pinto Duarte Abébora	2012	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Projecto de Reabilitação dos conjuntos edificados do Palácio da Inquisição/ Casas Pintadas e Páteo de São Miguel. Escavação arqueológica; acompanhamento arqueológico e sondagens parietais. (57 páginas, s/ data)
Dossier	(Versão II)	ERA (Arqueologia, S.A.) Miguel Lago da Silva Marina Paiva Pinto Duarte Abébora	2012	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Projecto de Reabilitação dos conjuntos edificados do Palácio da Inquisição/ Casas Pintadas e Páteo de São Miguel. Escavação arqueológica; acompanhamento arqueológico e sondagens parietais. (73 páginas, s/ data)
Dossier	(Versão III)	ERA (Arqueologia, S.A.) Miguel Lago da Silva Marina Paiva Pinto Duarte Abébora	2012	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Projecto de Reabilitação dos conjuntos edificados do Palácio da Inquisição/ Casas Pintadas e Páteo de São Miguel. Escavação arqueológica; acompanhamento arqueológico e sondagens parietais. (57 páginas, s/ data))
Dossier	(Versão Final)	ERA (Arqueologia, S.A.) Miguel Lago da Silva Marina Paiva Pinto Duarte Abébora	2012	Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Projecto de Reabilitação dos conjuntos edificados do Palácio da Inquisição/ Casas Pintadas e Páteo de São Miguel. Escavação arqueológica; acompanhamento arqueológico e sondagens parietais. (123 páginas, s/ data)

Levantamentos arquitectónicos do Templo romano de Évora realizados nos últimos 50 anos

1972	Planta, alçado posterior, corte longitudinal (cotados), realizado pela Brigada de Estudos Franceses: "*Le Temple D'Evora*";
1982	Levantamento Fotogramétrico, realizado pela firma *Esterofoto – Levantamento Aerocartográficos, Lda,* a pedido de Theodor Hauschild;
1986	Levantamento Planimétrico - Alçado Norte, escala 1:50 e Planta, escala 1:20, Serviço Arqueológico Alemão e Instituto Arqueológico Alemão, sob a direcção de Theodor Hauschild, Pedro Fialho e Caetano de Mello. Trabalharam no levantamento planimétrico: Laureano de Frutos, Helena Rua, Françoise Fressynet, Jorge Oliveira e Fernanda. Início da documentação gráfica do templo, desenho das fachadas com base na estereogrametria;
1994	Levantamento do templo e envolvente: plantas, corte transversal e alçados, escala 1:100 para projecto de "Intervenção na área envolvente do Templo romano de Évora", técnico responsável Arquitecto João Videira, do Núcleo de Recuperação do Centro Histórico da Câmara Municipal de Évora;
2000	Planta e alçados, em formato vectorial, realizado pelo Gabinete de Apoio às Autarquias Locais;
2007	Modelo Fotogramétrico (equipamento LEICA, modelo Scabstation-4varimentos);
2011	Modelo Fotogramétrico (equipamento Z+F, modelo IMAGER 5006i, 83 varrimentos, 3DTOTAL, Laserscanning Services) pela empresa 3DTOTAL;

Cronologia das escavações arqueológicas de maior relevância realizadas em redor do Templo romano e no Museu de Évora (Fonte: Arquivo de Arqueologia Portuguesa, DGPC)

	Templo e zona envolvente
1986	No período de 2 a 6 de Junho de 1886 foram efectuadas investigações no templo romano de Évora, colaborando o Serviço Regional de Arqueologia do Sul com o Instituto Arqueológico Alemão. Sob a direcção de Theodor Hauschild, Pedro Fialho e Caetano de Mello Beirão, trabalharam no levantamento planimétrico Laureano de Frutos, Helena Rua, Françoise Fressynet, António Saial e Ivone Beirão.
1987	A primeira sondagem (corte 1) foi realizada, a sudoeste do templo, de 14 a 20 de Junho de 1987, no sentido de completar os estudos do templo romano para a elaboração de uma planta detalhada. Colaboraram nos trabalhos Theodor Hauschild, Pedro Fialho, Caetano Beirão, Ivone Beirão Helena Rua e Laureano de Frutos.
1990	De 3 a 29 de Setembro de 1990 decorreu uma grande campanha de escavação, foram realizadas as sondagens 4, 5, 6, 7 e 12, na praça a sudoeste do templo (zona A), a sondagem 8 mais a Oeste, junto do cunhal sudeste da Fundação Eugénio de Almeida, Zona B e, por fim, as sondagens 9,10,11 a oeste do cunhal noroeste do templo, no interior do jardim e 13 no muro da Fundação Eugénio de Almeida, zona C. Esta teve a colaboração, nos trabalhos científicos, do Arquitecto Pedro Fialho, F. Teichner, L. Berta e o Eng. E. Hausmann e na documentação L. de Frutos, M.M. de Sousa dos Santos, M. C. Páscoa. A. M. Gonçalves, M. de C. Vitoriano e N. Fialho.
1991	Os limites NE do fórum foram descobertos durante a campanha de escavação realizada de 26 de Agosto a 6 de Setembro de 1991, pela delegação do IAA em Lisboa, sob a direcção de Theodor Hauschild e Pedro Fialho e em colaboração com a Direcção Regional de Évora do IPPC (Antigo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul), com o Dr. António Carlos Silva e Dr. Rui Parreira. Participaram também, nos trabalhos científicos, Felix Teichner e na documentação L. de Frutos e MC Calhao Pascua.
1992	De 24 de Agosto a 19 de Setembro de 1992 aconteceu uma das maiores campanhas de escavação. Com a direcção de Theodor Hauschild (IAA) e António Carlos Silva (Direcção regional de Évora do IPPAR). Colaboradores científicos Pedro Fialho (arquitectura e documentação) e Feliz Teichner (estudo de achados). Responsáveis pelo levantamento e desenhos foram L. de Frutos, C. Wittmer, F. Gonçalves e alunos de mestrado da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.
1993	As escavações junto ao templo de Évora, realizadas numa campanha de 19 de Junho a 7 de Agosto e outra, de 8 a 14 de Dezembro de 1993, foram dirigidas por Theodor Hauschild e Pedro Fialho. Colaboradores científicos foram Felix Teichner (cerâmica) e Eva Bartusch, os responsáveis pela documentação (plantas) Jorge Gomes, Pedro Pereira, Jutta Lauber, Fernando Gonçalves e Laureano de Frutos. Manuel Ribeiro foi encarregado da documentação fotográfica. A realização dos trabalhos arqueológicos só foi possível graças aos amáveis apoios da Direcção Regional do IPPAR, da Câmara Municipal de Évora e do Director do Museu de Évora.
1995	No período de 2 a 11 de Novembro de 1995 decorreram os trabalhos dirigidos por Theodor Hauschild e Prof. Pedro Fialho, destinado a esclarecer a planta das estruturas romanas que cercam o templo. Participaram como colaboradores: Dr. Felix Teichner e Fernando Gonçalves.
1996	Decorreu de 21 a 24 de Julho e de 2 a 23 de Setembro de 1996, a 1ª fase dos trabalhos de campo relativos à Campanha de Pesquisa Arqueológica no tanque de água envolvente imediato do edifício do Templo Romano de Évora sob responsabilidades pessoal do Sr. Doutor Engº. Theodor Hauschild e institucional da Associação para o Desenvolvimento da Conservação e Restauro -

	ADCR e com coordenação científica do Doutor Engº. Theodor Hauschild e do Professor Doutor Arqº. Pedro M. Fialho de Sousa; a Câmara Municipal de Évora - CME, como entidade promotora dos trabalhos, disponibilizou o arqueólogo municipal Sr. Panagiotis Sarantopoulos para, no local, ser o interlocutor entre a equipa responsável pela pesquisa no campo e a edilidade e, simultaneamente, responsável pela remoção das terras. Disponibilizou ainda as suas instalações para o acondicionamento e tratamento inicial do espólio recolhido. Participaram nesta fase dos trabalhos, João Helder Leitão Afonso, aluno finalista da Faculdade de Arquitectura da UTL, Custódia Antunes e Cristina Flores, alunas finalistas da Faculdade de Belas Artes da UTL e Maria Isabel Almeida e Matias Tissot, alunos da Escola Superior de Conservação e Restauro-ESCR. Os três primeiros colaboraram no levantamento planimétrico e altimétrico de pormenor, na escala de 1/20 e na elaboração dos perfis do Templo, na escala de 1/10 - PERFIS 1,2 e 3, em anexo, cuja planta de posição - PLANTA 4 - se junta também em anexo, e os dois últimos marcaram e acondicionaram todo o espólio recolhido. Referimos ainda a presença quase diária do encarregado do pessoal trabalhador braçal, Sr Alexandre, que, como ó seu hábito nas campanhas anteriores, se mostrou sempre disponível para prestar apoio e colaboração. A relação imediata com os trabalhos anteriores efectuados pelo IAA, tornou-se indispensável para a futura compreensão global, sem o que tornaria esta impossível por ausência da possibilidade de integração. Assim no período de 21 a 24 de Julho, com a colaboração da Sra. Arqª. Helena Rua, docente do IST e da aluna Custódia Antunes foi marcada a poligonal envolvente, inserida na matriz das coordenadas de trabalho do IAA. Foi também estabelecida e marcada a designação dos cortes a efectuar, de acordo ainda com a convenção específica do IAA. Participantes: Os trabalhos arqueológicos, autorizados pelo IPPAR em 7 de Maio: de 1996 tiveram inicio em 15 de Outubro Os trabalhos foram concluídos em 15 de Novembro de 1996. A equipa de trabalho foi constituída por P. Sarantopoulos (direcção dos trabalhos de campo) e 3 técnicos. Contou-se ainda com a colaboração do arqueólogo Felix Teichner, no estudo dos materiais arqueológicos. O trabalho da remoção da terra foi efectuado por três trabalhadores fornecidos pela empresa António Serra, actuando como capataz o Sr. Alexandre Oliveira, que conta com grande experiência neste tipo de intervenção arqueológica. Os meios financeiros foram disponibilizados pela CM de Évora. O desenvolvimento do trabalho de escavação foi articulado com a Associação para o Desenvolvimento da conservação e Restauro, através do Prof. Doutor Arqº Pedro Fialho. Os trabalhos decorreram durante o segundo semestre de 1996 perfazendo 48 dias úteis. Participantes: Prof. Doutor Theodor Hauschild - Orientação e assessoria técnico-científica Dr. Panagiotis Sarantopoulos - Direcção dos trabalhos Armando Guerreiro - técnico auxiliar Conceição Roque - auxiliar Maria Luísa Nata - desenhadora Helena Ramalhinho Arimateia - auxiliar Paulo Barbosa - Lavagem e marcação de espólio Manuela Venâncio - Lavagem e marcação de espólio Fernando Coelho - Lavagem e marcação de espólio Isabel Almeida - Marcação de espólio Matias Tissot - Marcação de espólio Alexandre Oliveira - auxiliar Manuel Vaquinhas - auxiliar António Romeiro - auxiliar Lígia Rafael –Limpeza e conservação de numismática Para as acções de conservação e restauro foram contratados os serviços da Associação para o Desenvolvimento da Conservação e Restauro – ADCR coordenados pelo Prof. Doutor Arq. Pedro Fialho Colaboração : Dr. Félix Teichner - Estudo de materiais Projecto de reintegração dos tanques do Templo romano: Arq. João Videira

	Museu de Évora
1996	Arkaios, Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda Relatório elaborado para o Instituto Português de Museus, concluído em 26 de junho de 1996. Texto de: Ana Gonçalves, Theodor Hauschild, Félix Teichner, Ana Luísa Santos e Cláudia Umbelino Fotografias: Pedro Morais e Ana Gonçalves Desenhos de Campo: Fátima Dias Pereira, José Raúl Tiago e Ana Gonçalves Desenhos de Gabinete: Fátima Dias Pereira 3. Duração, Participantes e Meios Utilizados os trabalhos arqueológicos foram autorizados pelo IPPAR em 28/02/96, e tiveram inicio em 15/03/ 96. Esta intervenção foi concluída em 24/05/96, tendo decorrido sem qualquer interrupção. O trabalho arqueológico foi coordenado por Theodor Hauschild e por Ana Gonçalves. A equipa de trabalho foi constituída por Ana Gonçalves (arqueóloga, direcção dos trabalhos), Fátima Dias Pereira (desenhadora), José Raul Tiago e Elisabete Pereira (técnicos auxiliares de arqueologia), Ângela Barrigó (técnica de restauro), Mariana Paulo e Jorge Coelho (auxiliares de arqueologia). Contou-se ainda com a colaboração do arqueólogo Félix Teichner, na interpretação da estratigrafia e no estudo dos materiais arqueológicos recolhidos e de Pedro Morais na realização de registos fotográficos. Contou-se ainda com a colaboração de Ana Luísa Santos e Cláudia Umbelino (antropólogas) e Célia Lopes (estudante) do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, no registo, recolha e análise do material osteológico.
1997	Os trabalhos arqueológicos de campo tiveram inicio em Março de 1997 e foram concluídos em Setembro de 1997, tendo decorrido sem qualquer interrupção. O relatório final foi concluído em Dezembro de 1997. Esta segunda fase da intervenção arqueológica tal como se verificou na fase anterior, foi coordenada pelo Prof. Theodor Hauschild, responsável pelos trabalhos arqueológicos efectuados na zona envolvente do Templo romano e por Ana Gonçalves da ARKHAIOS. A equipa de trabalho foi constituída por Ana Gonçalves (arqueóloga, direcção dos trabalhos), Fátima Dias Pereira (desenhadora), José Raul Tiago, Maria da Conceição Maia e Elisabete Pereira (técnicos auxiliares de arqueologia), Ângela Barrigó (técnica de restauro), Manuel Rocha, Mariana Paulo, Manuel Pica e Fernando Silva (auxiliares de arqueologia). Contou-se ainda com a colaboração do arqueólogo Felix Teichner, na interpretação da estratigrafia e no estudo dos materiais arqueológicos recolhidos. A classificação preliminar das moedas islâmicas recolhidas foi realizada pelo Dr. Artur Goulart. Houve também a colaboração de Ana Luísa Santos e Cláudia Umbelino (antropólogas) do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, no registo, recolha, análise e estudo do material osteológico.
2009	25 de Maio de 2009 a 15 de Junho de 2009 Direcção científica: Arqueólogos Gonçalo Filipe e Silva Moreira e Miguel António Paixão Serra, Palimpsesto, Lda. Colaboração: Topografo António Bairinhas, Acompanhamento arqueológico da execução de ramal de abastecimento de gás ao edifício do museu.